SERÕES

JULHO

N.º 49

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME IX

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — Editora
132 — RUA DO OURO — 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1909

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praçá dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805 LISBOA

Revista bibliographica universal

Tres capitaes, por *José Augusto Corrêa.* — Trata-se das duas grandes capitaes da America do Sul: o Rio de Janeiro e Buenos-Ayres, e de Montevideu, a capital do pequeno estado da Republica Oriental do Uruguay, que não deixa de ser picante comparar assim com os dois grandes emporios citadinos seus visinhos do Brazil e da Argentina. A respeito das tres cidades sul-americanas, fornece o auctor interessantes noticias e informações historicas e estatisticas, além da respectiva parte descriptiva.

L'Amerique litteraire et ses écrivains. — E' um livro precioso para a historia da litteratura, escripto por George E. Woodbrerry, professor de litteratura comparada na Universidade de Columbia. Contém nove photogravuras e está traduzida em francês por Achilles Laurent.

A questão feminista. — E' uma bella dissertação de Jayme de Almeida, que trata da fórma levantada e sobre bases scientificas, a magna questão do feminismo. A leitura d'esse erudito esboço critico, facil, e attrahente, deixa-nos uma impressão agradabilissima e substanciosa. A parte material, constituida por um elegante volume de 134 paginas, é cuidada e artistica

Le Talion — Romance de sensação de Victor Marguerite. O seu exito tem sido tão retumbante que já conta cincoenta edições. 320 paginas. Bibliothéque-Charpentier.

Les peintres illustres — *Rembrandt.* Com oito reproducções fac-simile a côres. Encadernação de luxo. Oitenta paginas de texto. Preço 1 fr. e 95 cent.

Le mariage de Mademoiselle Gimel dactylographe — Uma adoravel novela de René Bazin, da Academia Francêsa. Preço 3 fr. e 50 cent. 365 paginas — Calmann Levy.

Bob fils de Bataille — Soberbo romance de Alfredo Olivant, adaptado do inglês por Mademoiselle Dupin de Saint-André. 336 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent. — Edição de Pierre Lafite, que pode, diz o editor, ser lido por toda a gente.

Echalote et ses amants — Romance de costumes de Montmartre, de Jeanne Landre, com illustrações e capa colorida de Widhopff. 300 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Le Japon moderne — Son evolution. Um bello livro de estudo e de impressões de Ludavio Nandeau, redactor da folha parisiense *Le Journal* e correspondente de guerra no Extremo Oriente durante a campanha russo-japonesa. 404 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Histoire de la création — Celebre obra de Ernest Horeck, illustrada com dezasete desenhos, vinte gravuras em madeira, vinte e uma arvores genealogicas e uma carta. 600 paginas. Preço 3 fr.

Les peintres illustres — *Vigée Le Brun.* Com oito reproducções fac-simile a côres. Encadernação de luxo. Oitenta paginas de texto. Preço 1 fr. e 95 cent.

La naissance de l'intelligence — Uma das mais elogiadas obras do dr. Georges Bohn, illustrada com quarenta desenhos de diversos tamanhos. 350 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Por absoluta falta de espaço não publicamos neste numero as apreciações de bastantes livros, que amavelmente nos teem sido enviados. Desempenhar-nos-hemos gostosamente d'esta missão no proximo numero.

Avis. — **Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyes à la redaction des *SERÕES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.**

SERÕES
N.º 49 — JULHO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 · LISBOA

ARVORE CURIOSA

I

A joia moderna em Portugal — René Lalique e a joalheria franceza — O que é a joia moderna

O que seja a joia artistica não o poderiam dizer actualmente (e creio que nunca) as vitrines dos nossos joalheiros. Isso de resto não admira. Mesmo nos grandes centros d'arte o que no mercado corre não é de preferencia o objecto digno de museu. No nosso meio, entretanto, nem nas vitrines, nem nos museus, nem nas mãos de particulares, se encontra o que com propriedade se deve chamar — a joia artistica.

Bem ficaria aqui, em vez do artigo que começo a escrever, um complexo resumo da historia e da evolução da joia d'arte.

Não se compadece, porém, com a indole dos *Serões*, um *magazine*, o que sómente se póde e deve tratar nas columnas hospitaleiras d'uma Revista d'arte.

Nem para isso chegariam as noções inda mal seguras d'um estudioso, como eu, longe da auctoridade magestosa dos eruditos.

Procurarei portanto tocar levemente o assumpto, sob todos os aspectos intereressantes, pondo mais da minha enthusiastica admiração do que da rigidez critica do meu espirito indisciplinado.

PENDENTE EM OIRO, ESMALTES E PEROLAS

Nas duas reproducções, que apresentamos, de trabalhos d'este artista nota-se bem o traço caracteristico que personalisa todas as suas obras.

De Marcel Bing

A joia que em Portugal teve, como em quasi todos os paizes, distinctos cultores, seguindo o calvario amargo da obra d'arte em geral, entrou n'uma franca decadencia depois da invasão franceza, mais ou menos, para cá.

Mas, ao passo que os outros ramos d'arte, pouco a pouco, com as desegualdades proprias d'um meio em que a transição açambarca largos annos sem que systema apreciavel de politica consiga estabilisar

os costumes e inda mais as orientações, definindo-as claramente, ao passo que as vulgarmente consideradas *bellas artes* têm conseguido, hoje mais, amanhã menos, mas sempre, embora intermitentemente, restabelecer-se e progredir — a arte de trabalhar o metal precioso e dispôr a pedra como detalhe valioso de côr, essa mais e mais tem vindo a decahir no nosso meio, tornando-se profundamente banal e inesthetica.

GANCHO DE CABELLO

Esta joia de Lalique é uma das mais celebres. O gallo segura no bico um enorme topazio. A cabeça é decorada com esmaltes e pequenos brilhantes.

De Renè Lalique

Já quando concluíra a ausencia completa de arte na moderna joalheria portugueza, fui desencantar n'uma ourivesaria da rua de Santo Antão um *pendente* e um broche, obra do Porto, com seus visos d'arte.

Mas que rudimentar factura! Era o broche um brazão cravejado de brilhantes e o *pendente*, em oiro e suspendendo uma aguia cinzelada, tinha a marcar-lhe o preço elevado um pequeno brilhante, que nas garras a aguia segurava. Era já um muito pouco do que eu desejava encontrar. Mas era completamente defeituosa a cinzelagem!

Era como que um desenho primitivo dos troglodytas, comparado com um bom quadro de Watteau, se ao lado d'esses citados trabalhos pozessemos uma qualquer joia das que figuram nas exposições francezas de arte decorativa.

A fallencia da arte na ourivesaria está absolutamente affirmada no nosso meio.

E, embora nos ultimos annos a importação de joias francezas houvesse attirado ao nosso microcosmos um pouco de leveza no estylo do enfeite e no amontoado das pedras, e ainda que, aqui e além, já se possam vêr algumas linhas lançadas com elegancia no contornar dum detalhe valioso, muito longe estamos ainda de ter no nosso mercado a joia moderna que mais não é do que a «ressurreição» da *joia d'arte*, hoje traçada sobre novos motivos, tentando fixar novas orientações estheticas.

A joia moderna tem em René Lalique o seu mais notavel cultor e mais complexo renovador.

PENDENTE
(OIRO, ESMALTES, MARFIM E PEROLAS)

De Marcel Bing

Não, como em épocas passadas, se creou ainda um estylo preponderante, uma expressão nitida do sentimento artistico das sociedades d'hoje. Mas não se permitte a ignorancia de que atravessamos a mais agitada época da Historia. Complicados systhemas philosophicos se debatem sem que nenhum d'elles prepondere, novas descobertas nas sciencias abrem todos os dias variadas valvulas, logo sahidas vastas, por onde as intelligencias se perdem alucinadamente, á busca d'uma segura verdade;... muitos caminhos largos abertos ao nosso ancear, e qual d'elles o de mais certo fructo?... E é n'esta duvida, n'esta

inconstante busca do Bello, fixo ideal de todas as gerações, que o nosso espirito se debate. Variadas são as estradas que trilhamos, variada tem de ser tambem a exteriorisação da nossa maneira de sentir. Esta é a razão, exposta succintamente em dois, simples traços, porque não deu ainda a nossa época uma estylisação geral e complexa do nosso sentimento.

E, sobre o que fica dito, não é na propria época que se encontra o seu estylo preponderante. Apenas, quando um novo tempo surge, os que depois d'ella vieram, fóra, pois, das suas aspirações e influencias, é que poderão, na fria contemplação das suas obras, encontrar os traços communs que as ligam num estylo definido.

Mas só uma idéa que se universalise pode ter força para inspirar simultaneamente todos os artistas na creação dum traço a todos commum.

Na joalheria, que é o assumpto ora tratado, o estylo, a maneira de René Lalique foi a que mais se impoz até agora. Mas, fatal resultante do cahotico avançar das sociedades de hoje, embora seja o mais cotado artista, não é elle um verdadeiro *mestre*. Porque, simplesmente, não tem discipulos.

O artista d'hoje não se contenta em ter a sua *maneira*. Quer mais: quer crear um estylo seu.

E' a mais completa indisciplina, reflexo das luctas sociaes, dando a confusão, não permittindo mesmo o estabelecimento duma unica e definitiva formula d'arte.

PENDENTE, HYDRA
(OIRO, ESMALTE E PEROLAS)

D'um nó de serpentes torcidas sahem nove cabeças que se dispõem em leque, cuspindo perolas irregulares.

De René Lalique

Cada artista tem a sua fórmula; e a estreia da originalidade arrasta-o a systhematicamente se affastar de tudo o que já foi estabelecido, embora esse affastamento o leve por vezes ao disparate que é no que se resume o *nephlibatismo*.

Isto é um facto lamentavel, mas é um facto. Cumpre-nos pois, e apenas, registal-o.

René Lalique, porém, é o artista que melhor póde servir para fornecer dados para o estudo da joia moderna, revivescencia da joia d'arte.

A joia moderna busca seguir de perto a antiga joalheria artistica, a que forneceu o intenso colorido ás paginas luminosas da *Salamnbô* de Flaubert.

E' Pol Neveux que assim se exprime:

«. . . Sonha-se com as joias d'Homero, com os adereços usados pelas damas altivas das *memorias* de Cellini e dos *discursos* de Brantôme. E, instinctivamente, s'evoca *Salamnbô*. . .

«Perolas de côres variadas desciam em compridos cachos das orelhas, por sobre os hombros, até lhe roçarem os cotovêlos Ella trazia, em volta do pescoço, pequenas placas d'oiro quadrangulares representando uma mulher entre dois leões encabritados e o seu vestido reprodu-

GANCHO DE CABELLO (OIRO E ESMALTES).

Esta deliciosa joia é duma delicadeza atrahente na combinação discreta e saborosa dos esmaltes opalicos cinzelados.

De René Lalique

zia por completo as vestes da deusa.» (1)

*
* *

As idéas mais claras sobre que assenta a moderna joalheria, formularam-n'as Kahn, Pol Neveux, Riodor e Roger Marx, criticos notaveis da arte de ourivesaria em França.

Convém passar em revista algumas d'ellas, resumindo-as quanto possivel, sem lhes alterar de fórma alguma o sentido.

E' o que passamos a fazer.

«A joia deve existir por si mesma; tem o direito de se aproveitar de certas apresentações felizes, mas é preciso que conserve o seu sabor proprio, usada pela morena ou pela loira, pela feia ou pela joven, ostentada por entre rendas preciosas ou fixa na vitrine d'um colleccionador. — *Neveux.*»

«As joias, diz Kahn, serão tão variadas quão differentes e numerosos podem ser os aspectos da belleza e da elegancia.

«O papel do artista será, então, procurar e escolher entre as linhas e as côres que lhe offerece a Natureza as que podem convir-lhe para esse fim determinado; e é sobre estes elementos que a sua arte deverá fazer correr o seu arabesco.»

E accrescenta: «A joia póde, pois, ser concebida segundo a maneira de ser d'uma pessoa, e reflectil-a.»

Um adereço por seus detalhes, suas harmonias, curvas, elementos, pelo seu effeito geral, transcreve uma visão e uma esthetica pessoaes.

O ourives hodierno, deve ser a mais complexa personificação do *artista-artifice*. Deve conceber a sua obra e sabêl-a executar.

Assim, o joalheiro deve ser esculptor, pintor, cinzelador, esmaltador, vidreiro... E' com uma amplitude infinita de talento que elle deve realisar a sua formula d'arte.

Assim Lalique — que, para o estudo dos seus trabalhos, executa télas e esculpturas que serão as *maquettes* das suas miudas obras e que são outras tantas obras d'arte. Não são em pequeno numero, no seu atelier, as estatuas de nymphas, d'attitudes de sonho, as esculpturas representando grupos equestres, as télas com paysagens evocadoras, grandes baixos relevos com scenas completas da Fabula, que mais não foram do que as *maquettes* de ganchos de cabello, alfinetes de manta, pendentes, *devant-le-corsages*, pulseiras, e brincos d'orelha...

E' porque a joia d'arte, a unica verdadeira joia, é um conjuncto de todas as artes; é um pequeno resumo de todas as suas bellezas, de que o homem se serve para seu mais intimo e constante enlevamento e deleite.

E a joia moderna, na figuração multipla dos aspectos da Natureza, sua directa inspiradora, de todos os ramos d'arte lança mão para a expressão clara dos sentimentos que a idearam.

PRISÃO DE COLCHETE (OIRO, ESMALTE E PEROLAS)

De Colonna

(1) *Tanit*, a quem Salamnbô se votára.

E' assim que o joalheiro moderno vae encontrar na flora, na fauna, nas meditações paradas das paisagens, os motivos para as suas obras. E, como toda a obra d'arte segundo Zola, a joia tambem pode ser *a natureza vista atravez d'um temperamento.*

Na joia moderna, a preciosidade da materia não mais se torna indispensavel. Isto não quer dizer que os metaes e as pedras preciosas não concorram esplendida e superiormente na factura da joia d'arte. Apenas se pretende exprimir que, dado que certo metal ou qualquer pedra encerra *um momento de belleza* já se tornam aptos para a confecção do objecto atistico, de que se trata, embora o seu valor commercial seja inferior.

FIVELLA
De Colonna

«O artista associa aos rubis, aos topazios, ás agathas, ás esmeraldas, ás turquezas, aos brilhantes, ás saphiras, o silex que se encontra á beira do caminhos e cujo polido acaricia como um olhar de creança...» Qual o brilhante que, por bem lapidado e limpido que seja, eguala em belleza evocadora, em sonho, em mysterio, *em saudade,* essa esplendida *pedra da lua,* tão desprezada e desconhecida, tão inferior em preço e tão grande em variedade de serenos coloridos?

Pois ella será, d'hoje em diante, com sua irmã a opála, a suavissima opála, uma das mais empregadas para o *avivar* da joia, visto que ella tanta belleza encerra.

«Depois, o artista alliará aos metaes preciosos, em habeis combinações, a platina, o aço, o cobre, o estanho... E lançará mão até dos tecidos, cuja fragilidade não temerá irmanar ás placas cingeladas doiro e de prata.»

*
* *

A joia moderna é falha de traço classico, talvez.

Mas que largueza d'inspiração, que vasta escala symphonica, que longa polychromia! E é este todo o enorme interesse do seu estudo: seguir-lhe os vôos arrojados, embora não se lhe descortine a linha em que deverá, marcando a esthetica do nosso tempo, estacionar o seu brilho. A preciosidade não é radicalmente affastada da nova joia.

Disseram os *parnasianos* para exprimir o que deveria ser o seu verso:

— pas de sanglots humains
dans le chant des poétes! —

e, entretanto, qual o bom parnasiano que não encheu as suas paginas dos estremecimentos da dôr dos homens? Assim a *formula* (sic) dos joalheiros modernos é — «fundar a joia sobre um principio d'arte, jamais sobre um principio de riqueza!» (Kahn) — Mas, aparte o valor esthetico da joia, qual o artista que a não recamou de valores nas pedras com que a decorou e no metal em que escreveu o seu poema corporisado!

Não tremam, pois, os que buscam na joia um titulo bancario! A joia moderna, além da arte, inda lança mão do oiro e do brilhante...

PENDENTE
(OIRO, CORNALINA E PEROLAS)
De Colonna

*
* *

A joia moderna, tenta ainda ser o resumo e o complemento do vestuario. Essa é a idéa de Lalique, o *mestre* e o iniciador do movimento que revolucionou a joalheria em França.

Mas não serão as modas d'hoje, disparatadas e grosseiramente desharmonicas, os seus mais fieis auxiliares n'esse intento...

Realmente, que disparatado resultaria o conjuncto d'um grande *Lalique* sobre um vestido á grega, na sombra d'um chapéo de metro e meio, especie de feltro da idade media que um pezadello exagerasse!...

Mas a idéa persiste e, sómente pezando-a, se póde honestamente criticar esse esforço e o seu resultado.

Lalique, se é bem certo que já proclamou a joia como uma obra d'arte independente do meio em que apparece, pretende hoje que a joia deve ser por assim dizer o resumo psichologico de quem a usa.

A *joia pessoal* deverá ser uma especie de retrato do seu possuidor; mas um retrato no genero do de Anthero do Quental pintado por Columbano.

E ahi temos pois uma nova orientação...

COLLAR (OIRO E PEROLAS)

E' uma das joias do auctor mais apreciadas. A delicadeza das flores é superiormente interpretada.

De Colonna

Alguns escriptores, criticos d'arte, já disseram o que *deve ser* a joia. Mas disseram-n'o exprimindo apenas *o seu* pensamento. D'ahi, nenhum d'elles ter fixado uma formula que marcasse nos traços communs as orientações dos joalheiros modernos. Verdade seja que, muito embora essas joias tenham á primeira vista certas parecenças, ninguem poderá confundir *um Lalique* com *um Colonna* ou com *um Marcel Bing*. De resto, com a joia de Lalique succede o mesmo que com um Watteau: não se confunde com nenhuma obra d'outro auctor.

Entretanto, será interessante conhecer de que fórma de exprimem os auctores de que falei.

Roger Marx, n'um dizer muito simples e pittoresco, acha que bem se póde resumir toda a *funcção* da joia moderna na seguinte phrase: «é a rehabilitação dos silex mal apreciados».

Kahn entende que a joia moderna é «o augmento e a libertação do vocabulario, para o estylo da joalheria, effectuando uma revolução semelhante á que fizeram rebentar os romanticos para a lingua franceza, quando apagaram a

PENTES EM OSSO, OIRO E ESMALTES

O primeiro é ornamentado com perolas; tem por motivo a semente da Tilia.

De René Lalique

differença entre palavras nobres e vulgares».

A phrase lapidar, que ha de ser a clara expressão do que é a joia moderna, inda está por dizer; e razão tem Kahn para affirmar que «a arte é multipla e absorve todas as fórmas, como todas as fórmas, engenhosamente empregadas, pódem applicar-se a todo e qualquer objecto d'arte. As elegancias da linha pura, schématica, interessam por si mesmas, e o arabesco póde não ser mais do que um traço engenhosamente contornado: mas tambem bom será que nas suas volutas arraste, na pureza da sua linha, as bellezas dos relevos, a doçura dos reflexos, e a evocação na graça de tudo o que é a natureza».

CAVALLEIRO
Estudo em gêsso para uma prisão de colchete
De Renè Lalique

* * *

Quizeramos dar nitidamente a noção do que deve entender-se por joia moderna, no mais puro sentido da expressão.

— Que joia moderna é tambem esse detestavel amontoamento de pedras, formando broches e *marquizes*, em que a suprema «belleza» reside na combinação banal do brilhante e do rubi, brilhante e saphira, brilhante e esmeralda: motivos de côr apenas; expressão de preciosidade, nada mais!

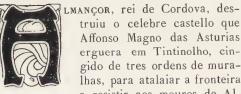
Mas queremos falar da *joia moderna artistica*. A verdadeira joia; o resto é uma especie de cofres-fortes portateis. Esses anneis, esses adereços, sem arte mas com muita riqueza, não me interessam n'este estudo. Valem muito, sem duvida, mas nada teem que ver com a Arte.

N'este artigo, como nos mais que se seguirem, tento, portanto, occupar-me da joia moderna, unicamente como objecto d'arte, preoccupando-me apenas com o seu traço estetico. Darei a seguir as minhas impressões sobre a obra dos artistas portuguezes que trabalham a joia segundo as modernas idéas estheticas, os quaes, sendo em pequeno numero, são, entretanto, bem dignos de figurar ao lado dos artistas estrangeiros.

(Continúa.)

F. DA SILVA PASSOS.

FACHADA NORTE

A Sé da Guarda

LMANÇOR, rei de Cordova, destruiu o celebre castello que Affonso Magno das Asturias erguera em Tintinolho, cingido de tres ordens de muralhas, para atalaiar a fronteira e resistir aos mouros de Alcantara e Egitania.

E quando Sancho I quiz povoar o reino, determinou levantar a fortaleza n'um planalto (1197), em volta da qual se iria edificando a cidade a que daria o nome o fim da construcção — *guardar* os mal-seguros dominios da nacionalidade nascente.

E a igreja que o Rei-Povoador edificara ao lado da nova fortaleza, dizia aos mouros rechaçados no campo, os limites geographicos da fé christã, a dilatar-se á custa das armas e com ellas associada em protectora alliança.

Por natural ruina ou demolida por alguma incursão mourisca, já não existia a primitiva igreja, quando Sancho II erigiu outra no mesmo local, que tinha de ser sacrificada por D. Fernando para evitar que se fortificassem n'ella para o ataque, os castelhanos que invadiam o reino por aquellas partes.

De sorte que a Sé actual só pôde vir a ser começada com o reino tranquillo, em fins do seculo XIV, a instancias do Bispo D. Fr. Vasco de Lamego, com o forte prestigio da auctoridade episcopal, já com dois seculos de existencia.

Sabido que o gothico terciario era o estylo usado n'aquella época e não sendo elle originario da peninsula, occorre procurar a filiação historica d'essa arte famosa em que parece terem-se esgotado e fundido as energias mais intimas do genio creador da civilização medieval.

Os seculos XII, XIII e XIV marcam um renascimento prodigioso da piedade christã.

Extinguira-se havia muito o terror mille-

nario e os templos romanicos, pesados e hirtos, parecem a cristalização em pedra d'esse sentimento occulto que dominava as almas e enlutava os corações dos crentes e tinham alguma coisa de mysterioso e lugubre em seu aspecto scismador.

Os frescos e mosaicos eram visões apocalypticas, do interior insondado das cryptas parecia desprender-se o lamento do «de profundis» e nas misulas das arcadas era frequente ver insculpido o proprio demonio, a rir malevolamente.

Aos crentes terrificava-os a lembrança deque Deus deixara de ser misericordioso para ser severamente justo.

Na velha alliança da religião e da arte nunca esta a interpretou tão fielmente: as cathedraes eram lamentações.

As almas sempre torturadas pelo desejo de decifrar o mysterio da morte, encontravam na obra d'arte um conforto provisorio e por elle o esquecimento d'esse pesadelo tenebroso e louco.

UMA DAS CAPELLAS LATERAES

As raças servas viam no christianismo um sonho de soffrimento e uma piedosa mentira, na construcção interminavel de templos a um Deus, pae de homens tão desirmanados...

O desafogo d'aquella oppressão de seculos chegou depois do anno 1000, em que a humanidade reconheceu ter escapado do promettido exterminio, e os templos deviam tornar-se agora hymnos de amor glorificando a Deus em sua misericordia e bondade.

Torreões e flechas varavam as nuvens e as curvas da ogiva uniam-se amorosamente, *«lembrando duas mãos erguidas ao ceu na ancia eterna de tocar o infinito»*.

O sentimento d'essa libertação, favorecido por causas naturaes nos paizes nivosos e pela necessidade de ampliar os templos do christianismo-catholico, originaria talvez a architectura gothica que pelo exagero deslumbrante dos ornatos no periodo decorativo e pela delicadeza das linhas, é um producto morbido de imaginações sobrexcitadas.

Mal cuidando da segurança na obsessão ornamental, lá ficavam depois escolas de artistas a conservar a rendilhada pedra das cathedraes que parecem a cada momento desprender-se da terra...

Na phase terciaria ou flamante, deve o gothico ter sido trazido a Portugal pelos mestres das associações maçonicas, mandados vir por D. João I, provavelmemte de Inglaterra, para cumprimento do voto á Virgem da Victoria.

Depois dos ultimos trabalhos criticos, ninguem ousará chamar á Batalha uma obra nacional, porque, em rigor, ella foi uma obra de encommenda que artistas inglezes vieram executar.

Se ella é um grito de liberdade, esse

grito foi erguido por estrangeiros, junto ao campo em que foi o mais illustre feito d'armas portuguezas...

Entre as numerosas construcções gothicas anteriores — castellos, igrejas e conventos — que cobriram o paiz sob o governo fecundo e auspicioso do Rei-Lavrador, na segunda metade do seculo XIV, e o mosteiro da Batalha, é tal a differença constructiva e ornamental que muito difficilmente poderia pensar-se que ellas fôssem dignos precedentes d'aquelle.

E' licito suppôr, portanto, como é natural, que a Batalha fôsse o centro d'onde irradiaram para a provincia os constructores já educados no gosto da nova phase de estylo (1).

PORTA PRINCIPAL E TORRES

A Sé da Guarda, por esse tempo principiada sob a egide auspiciosa de el-rei D. João I, deve pois derivar da Batalha e como ella havia de ser de construcção demorada e irregular pelo espaço de cerca de 150 annos.

E, se o confronto simples não justifica tal affinidade, deixa manter aquella conclusão a dureza do granito que impediu a estatuaria decorativa que falta no exterior e que motivou a ausencia de ornatos no periodo em que elles predominavam, dando á Sé o falso aspecto de uma construcção *secundaria*.

De resto, se os obreiros, alguns, fôssem inglezes, deveriam encontrar o meio proprio para a edificação n'aquella altitude onde as neves poisam em grande parte do anno e onde ficariam melhor que

(1) Joaquim de Vasconcellos — *Arte e Natureza em Portugal*, vol. VIII.

na Batalha as altissimas flechas e declives que alliviassem as abobadas do peso da agua congelada...

A Sé, erguida agora, foi impedida pela natureza de estylizar convenientemente a sua época e representa simplesmente uma obra de piedade ou uma exigencia tradicional, perdido já o motivo politico de Sancho I.

E a evolução seguida pela arte ogival no decurso da construcção, através do seculo XV, obstou ainda a que se respeitasse a traça ou plano primitivo, se alguma vez o houve; a coherencia e uniformidade ficavam á mercê talvez do capricho dos architectos que mal poderiam pensar no tragico destino reservado á sua obra nos seculos do nosso barbarismo artistico.

NAVE CENTRAL E CAPELLA MÓR

Quando os artistas abandonavam o cinzel e partiam para a conquista, traziam-lhe depois novos motivos ornamentaes e allegorizavam a odysseia dos nossos galeões no cordame das velas e na esphera armillar, emquanto outros, por esse tempo, trazendo gravada na retina a paisagem d'além-mar, vinham lapidificar e ornamentar com essa mesma paisagem, os troncos escamosos das palmeiras nos columnellos do claustro de Santa Cruz de Coimbra!

E' para notar ainda que a Sé, começada para Deus, era tambem e muito mais obra para homens: os brazões e emblemas heraldicos, insculpidos por toda ella, sellando-a, mostram os bispos bem apegados a este mundo para darem a um templo divino o cunho accentuadamente profano de uma obra que era por assim dizer particular.

E d'estes, é principalmente ao illustre prelado D. Pedro Vaz Gavião (D. Pedro de Menezes) que se deve a maior parte da construcção que, sem o seu impulso, teria talvez

ficado eternamente incompleta como as obras de Santa Engracia...

E, sendo o seu periodo o mais curto, (1504-1507), foi o mais fecundo, revelando n'elle a larga iniciativa que continuou a affirmar-se simultaneamente na construcção dos tumulos dos nossos primeiros reis, depois que foi elevado á dignidade de Prior-Mór de Santa Cruz (1).

A cathedral, até ha pouco deformada por edificios annexos, apresenta a configuração cruciforme e mostra no arco da porta principal, nas grandes janellas da frontaria, no retabulo da capella-mór e em diversas capellas lateraes, vestigios abundantes de restaurações e accrescentamentos, alguns bem infelizes.

O retabulo renascença, alto relevo, disposto em arco de circulo, comprehende mais de cem figuras, algumas em tamanho natural, representando apostolos, evangelistas e passos da vida e paixão de Christo. A pedra de Ançã em que é lavrado, evidencia indirectamente a razão da ausencia do elemento decorativo por todo o edificio, e deixa presumir que elle fôsse trabalhado na escola de esculptura franceza, então existente em Coimbra, a notavel semelhança que apresenta com a capella do Sacramento da Sé Velha (2).

As torres macissas que afogam de sombra a entrada principal, descaracterizariam o estylo e desconceituariam o architecto com a severidade minaz das ameias, se estas não fôssem o remate natural da pretendida fortaleza joanina...

E' preciso saber comprehender a Sé: antes de mais nada, é uma expressão flagrantissima do caracter regional da nossa triste Beira. E' rude e aspera, desataviada e forte, sobria como as nossas moradas, altiva como os serranos que pisam os gelos, á lei da natureza. Se não tem absoluta regularidade e coherencia na estructura architectonica, ella é, para os que o saibam ler, um longo capitulo de historia nacional, o mais glorioso e fecundo.

Adivinha-se n'ella o vago anceio da alma do beirão que quer voar para a aventura e sente a magua simultanea de deixar a terra-mãe, o sangue heroico a impellil-a e o coração a prendel-a á choupana que os frios açoitam e onde se ouve de noite o chocalhar do gado.

Era preciso erguel-a, era forçoso: por entre verdes giestaes mostrava a natureza ali perto a sua ossatura. Offerecia o que tinha, generosamente, sem canceira de transportes, porque bastava que a cunha talhasse os blocos, para elles irem rolando até bater nos alicerces.

A natureza era prodiga e boa. Se por seculos innumeros havia de enfurecer-se contra a construcção, dar-lhe-hia solidez de flancos para que não haveria hontem nem ámanhã.

Não zombaria da obra do homem, porque elle não a criaria a seu capricho e pertenceria mais á natureza.

Não permittiria que o artista rendilhasse para que ao futuro não entristecessem os despojos...

A natureza queria, emfim, a Sé forte, sem lhe negar esbelteza; queria sem perigo cobril-a de neve como aos montes vizinhos, para depois a verem sahir rediviva e faiscante, sob a incidencia do sol, transformando em crystal o degêlo que as gargulas vomitam eternamente.

Se a Sé precisou restaurada, aos homens o deve: a natureza manteve o pacto, o homem não soube cumpril-o, esquecido de que recebera a solidez em troca da graça. Quiz adornal-a e afeiou-a com excrescencias em seculos de mau gosto, afogou-a de cabanas e construções superfluas. Lançou barrotes sobre os arcobotantes e estendeu telhas a abrigar abobadas de granito!

Entaipou janellas, anullou a distribuição da luz, emendou para errar miseravelmente, ultrajando a pureza da cathedral, tal como se um vil pintor puzesse aos hombros do S. Pedro, de Grão Vasco, um grosseiro manteu!

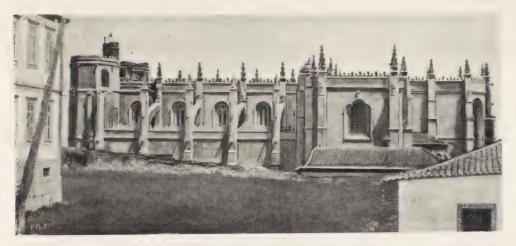
E é esse *manteu* que uma feliz restauração vae despedaçando para nos restituir a Sé, firme e robusta como os troncos dos velhos castanheiros, aggressiva como a paisagem dos montes que o temporal flagela. Poderá já hoje ver-se livre como uma rocha que emergisse do seio da terra, mostrando a aspereza das arestas e vigor das linhas.

(1) «tambem acabou inteiramente a capella mór, e o mais que faltava da nova Sé, que ornou com grandeza». Vid. Catalogo dos Bispos da Idanha e Guarda, composto pelo dr. Manuel Pereyra da Sylva Leal.

(2) Assim o faz notar o distincto architecto e restaurador da Sé, sr. Rozendo Carvalheira, de cuja *Memoria* outras indicações aqui se aproveitaram.

As agulhas não se alongam porque a nevoa as esconderia, não seriam floreteadas, porque n'aquella atormentada desolação da serra quasi não havia arvores nem flôres — a vegetação fugia para os valles ou torcia-se ao longe pelos visos das collinas, a desdobraremse no horisonte azulado.

Aspecto calmo e triste como os olhos das nossas camponezas, nutrindo avaramente herbaceas desterradas que o vento arrastou para ali, a velha Sé, como uma pyramide pharaonica, foi consumindo na construcção, pouco a pouco, as rendas que lhe traziam os contribuintes das commendas por aquelle dilatado alfoz.

NAVE CENTRAL E CÔRO DE BAIXO

Dentro, o seu aspecto é dominador de imponencia magestosa. As columnas das naves retorcem-se n'um abraço longo a terminar nas abobadas artezoadas que abrigam cheias de veneração o culto religioso.

Enlaçam-se para mais facilmente supportarem a mole granitica que sobre ellas descança. Aos lados, escuras capellas mal tratadas onde dormem fundadores ou bispos benemeritos, a vaidade piedosa que em vida os absorveu, perpetuada nos brazões e esmagada ao peso de fria estatua jacente.

Adeante corre o transepto, altivo e desafogado, para onde se abrem as absides, a do evangelho, simples altar, indicando a permanencia da lampada na da epistola, a sua consagração ao culto do Sacramento.

N'um dos vãos da nave cruzeira, suspende-se o orgão monumental, seculo XVIII, abundante de ornatos em talha, archanjos soprando tubas, satyros e figuras phantasticas que perturbam os sonhos dos meninos de côro e os levam a crêr em prodigios de lenda maravilhosa de que o orgão resoava por tres leguas em redor...

LADO SUL RESTAURADO

Ali perto, pendentes das columnas da nave

os pulpitos do mesmo tempo, em fundo, no topo da capella-mór, o precioso retabulo já referido, e, revestindo as paredes de ambos os lados, o cadeirado do côro com duas ordens de assentos (provavelmente contemporaneo do orgão), a correr até á nave cruzeira e cortando barbaramente as columnatas do elegante arco e ameaçando a segurança da abobada.

A restauração tem proseguido para honra dos que a promoveram, entre os quaes merecem ser destacados, o prelado fallecido D. Thomaz d'Almeida e o sr. dr. Osorio da Gama e Castro, a cuja benemerita iniciativa se deve a protecção que os poderes publicos teem dispensado á Sé, no interesse do culto religioso e no da arte em que aquelle se renova e perpetua.

Seria para desejar que a restauração fôsse completa, que não se limitasse já a recompôr coruchéus e a remoçar o corpo gigantesco da cathedral.

Devia entaipar as desgraciosas janellas da frontaria e substituil-as pelas primitivas, emendar o portal, derrubar a *forca do sino*, na phrase pittoresca de um mestre da arte portugueza, e restituir a Sé, ao estado em que o seculo XVI a deixou.

A Sé da Guarda ficará bella assim e com as honras do mais notavel monumento de architectura religiosa em toda a Beira.

Então, aquelle que souber amar a sua terra, ha-de ler com respeito o epitaphio de D. Pedro de Menezes que jaz occulto nas sombras do *claustro do silencio*, em Santa Cruz de Coimbra, e venerar n'elle o prelado insigne *«de muito boas obras com que se enobreceu»*, mais certamente que com os cinco gaviões do escudo, armados d'ouro, postos em aspa...

HIPPOLYTO RAPOSO.

DOIS INFINITOS

Serpeia o rio em curva e alaga o verde prado,
Atraz da cordilheira o Sol se esvae tristonho,
E a Terra desfallece, ouvindo o seu amado
Cantar a doce estrophe altsiona do sonho!

Trevosa vem a noite ao mundo enregelado!
Treme de frio a Terra; o Universo é enfadonho,
E o corpo dessa pobre, assim abandonado,
Espera que o Sól volte alligero e risonho...

Mal vem rompendo a aurora, Ella estremece e acorda
Ao halito do Sol, que do infinito esplende
Como um sonho de amor, que a ventura recorda.

E, alfim, o homem contempla esses astros fecundos,
Sem saber qual dos dois mais se avulta e se estende
Nesse giro eternal através de autros mundos!

Niteroy.

Julio Seabra.

Diplomata, mas artista...

— Henrique O'Connor Martins!

E a pachorrenta Burocracia, limpando os oculos e montando-os no nariz, passou a lêr o registo do ministerio dos negocios extrangeiros, enumerando seccamente:

— Nomeado addido de legação, para Berne, em 4 de setembro de 1890; nomeado 2.º secretario, em Bruxellas, na data de 28 de novembro de 1898, donde passou em 1905, para a embaixada de Roma, acompanhando o conselheiro Miguel Martins d'Antas; em Roma foi promovido a 1.º secretario em 24 de dezembro de 1901; em 20 de agosto de 1906 recebeu as honras de conselheiro de legação. Continúa a servir em Roma.

— Mais nada?

E a Burocracia, aquilatando de impertinente a pergunta e fechando pausadamente o livro das nomeações, respondeu:

— Mais nada!

— E não lhe parece que O'Connor Martins, tem outro prestimo sem ser o de escrever officios e redigir notas diplomaticas?

— O que lhe disse é o que consta n'este ministerio.

E a Burocracia inclinou-se, desdenhosa, dando por finda a visita.

Pois então saibam todos os burocratas da velha e moderna geração que Henrique O'Connor Martins depois de se achar na patria da Arte, na Italia, sentiu que Deus lhe tinha dado outras faculdades mais altas do que redigir descarnados instrumentos diplomaticos. A pintura mormente seduzia-o, e um dia começou a pintar, por vocação e por gôsto. Os elogios dos competentes vieram logo animal-o; e elle que se suppunha apenas um amador cujas producções não deveriam ultrapassar as fronteiras da intimidade, quasi foi compellido a expôr trabalhos seus em diversas exposições italianas, sendo que o simples facto da acceitação dos quadros lhes dava já fóros de cidade. Na pintura do retrato, sobre tudo, o pincel ia-se pondo mais á vontade, de geito que o notavel hespanhol Barbudo, em cujo *atelier* Henrique Martins trabalhou alguns tempos, lhe disse um dia com a mais sincera expressão de incitamento:

HENRIQUE O'CONNOR MARTINS

Conselheiro de legação e secretario da embaixada Portugueza junto do Papa

— Se V. se dedicasse á pintura de retratos asseguro-lhe que faria uma fortuna!

Henrique Martins, no fundo um modesto e o menos convencido dos seus meritos, continuou pintando, não para ganhar dinheiro, e sim para satisfazer uma necessidade do seu

temperamento de artista. Como espirito sedento de arte, corre a Italia de norte a sul, quando lh'o permittem os seus lazeres, mas é especialmente em Veneza que o nosso compatriota se faz penetrar de uma grande illusão ou sonho do Bello. Se lhes parece que ali ha pobreza de motivos para esse delicioso sonho?! Telas, *pedras*, agonias do sol despedindo-se dos maravilhosos palacios nas lagunas, rostos de mulheres que parece sahiram momentaneamente dos quadros de Veroneso e do Ticiano para perpetuar a belleza das italianas — tudo ali o abysma a ponto de se furtar ás banalidades das relações sociaes que elle, pelo seu trato attrahentissimo e pela sua situação conquistou, n'uma medida que poucos se gabam de ter enchido. Porque O'Connor Martins, como o sr. Soveral em Inglaterra, é estimadissimo nos salões, nos serões, nas partidas campestres, e, quasi que se não considera completa a festa que não contar a presença do sympathico conselheiro de legação no seu programma.

RETRATO DE PESCADOR NAPOLITANO

Das facilidades e amizades que tem sabido ganhar no Vaticano, já deu encomiastico testemunho o sr. Ramalho Ortigão n'um artigo seu publicado na *Illustração Portugueza*. Quando obter uma audiencia do pontifice Leão XIII era considerado fortuna só a raros concedida, o premio *gôrdo* da loteria hespanhola, O'Connor Martins, com extraordinaria surpresa do auctor das *Farpas*, facultou-lhe aquella visita, de arte que o Papa recebeu o escriptor portuguez com uma affabilidade encantadora.

E a proposito: aquelle escriptor possue um quadro, sob a rubrica *Nobre veneziano* que foi pintado e lhe foi offerecido por O'Connor Martins, e é um dos mais apreciaveis do nosso *diplomata-artista*.

O presente artigo faz-se acompanhar da reproducção photographica do retrato do dr. Lambertini Pinto, actual secretario da nossa legação no Quirinal, do pincel do seu collega diplomata, quadro que figurou n'uma

exposição em Roma, e ainda ultimamente na exposição nacional de Bellas-Artes, em Lisboa.

E' um retrato de corpo inteiro representando, sentado, o dr. Lambertini Pinto. No tempo em que o seu collega diplomata o reproduziu na tela, o secretario da legação de Portugal, junto do Quirinal, estava sensivelmente de carnes menos delgadas no rôsto: isso explica a divergencia que o visitante da exposição poude encontrar entre o original e o quadro, tanto mais que o sr. dr. Lambertini Pinto se encontra n'este momento em Lisboa. D'essas repentinas transformações da materia não têm os pintores a culpa. Certo é, porém, que no quadro do sr. O'Connor Martins, ora exposto n'uma das salas da Academia das Bellas Artes de Lisboa, encontram-se qualidades de amador e outras de artista. A expressão physionomica em que domina uma myopia, por assim dizer sorridente, é exacta. Ha tons traduzidos na tela com segurança experiente.

TYPO DE VELHO ITALIANO

Assim o reconheceu o jury admittindo a pintura aos suffragios do publico.

Acompanha o artigo em que nos referimos aos trabalhos do sr. O'Connor Martins, a reproducção de um outro qnadro representando certo pescador, napolitano, crêmos nós. E' talvez uma das pinturas mais felizes do nosso compatriota-diplomata. E' um typo de maritimo bem observado. Beila cabeça de velho acostumado ás lides do mar; os olhos um tanto sumidos, avergastados pelas soalheiras e marezias de muitos annos de luctas com o implacavel oceano que, de quando em quando, sepulta nos seus abysmos os audazes trabalhadores que vão procurar n'elle o fructo das suas canceiras. Na physionomia do pescador está traduzido o cansaço de porfiadas investidas contra as ondas; seria talvez tempo de repousar n'um lar tranquillo, relativamente feliz, contentando-se com vêr os filhos mostrarem coragem indomita, semelhante á do pae, nas fainas do seu arriscado ganha-pão; mas o pobre pescador não poude capitalizar cousa alguma para a

velhice: só arriará quando as forças desampararem de todo o seu arcaboiço.

A outra reproducção que acompanha o presente artigo, é a de um quadro representativo de um ancião italiano. Excellente modelação, exacta expressão. O nosso artista-amador nas suas peregrinações pela Italia, que elle adora sem esquecer jámais o seu querido Portugal, cujo céu pede meças ao do formosissimo paiz onde agora reside, estuda os typos de todas as camadas sociaes com um singular escrupulo na observação, com uma consciencia que elle, na sua grande modestia, receia vêr trahida por qualquer defeito da visão. Mas entenda-se que O'Connor Martins não trabalha para disputar competencias nem proventos aos profissionaes: tal não passa pela sua idéa.

RETRATO DO DR. LAMBERTINI PINTO

O seu caso é o de um homem que, ha bons vinte annos, andava por Lisboa, levando a vida de muitos rapazes que nos prazeres a final faceis encontram a razão de ser da sua existencia — touradas, ceias galantes, batidas em carruagens particulares ou alugadas, intimidades com as Lais de importação, Lais de que se não podia dizer, como outr'ora na Grecia — *non licet omnibus adire Corinthum*. Um dia, porém, O'Connor Martins sentiu o vacuo, a inanidade d'esse mundanismo insignificante. Resolve-se a fazer alguma coisa, a ser uma personalidade; e, enfiando pela carreira diplomatica, diz adeus ao Chiado e vae exercer a sua actividade nas chancellarias. A Italia seduziu-o e acordou n'elle instinctos estheticos, que evidentemente jaziam adormecidos na sua sensibilidade. Com esse natural desejo de os traduzir por uma forma objectiva, escolheu aquella que por toda a parte, na Italia, namóra as almas artistas. Eis a razão porque ensaiou a pintura, animado a breve trecho por os competentes na materia. Fal-o, porém, para obedecer unicamente a uma necessidade do seu temperamente, e não acicatado por instinctos de vaidade.

Convinha frisar este ponto para que se não veja em O'Connor Martins a audacia de quem se julga de força a conquistar a opinião, couraçado com reclamos: antes se veja no facto o esforço sympathico de um rapaz, que julga honrar a Arte servindo-a com a modestia de um iniciado, sem o menor intuito de especulação. Cultor apaixonado do *Bello:* — não pretende conquistar outro titulo que não seja esse.

SIL.

A canção das perdidas

I

Quem por amor se perdeu,
Não chore, não tenha pena.
Uma das santas do ceu
— E' Maria Magdalena.

II

Minha mãe foi o que eu sou.
Eu sou o que tantas são.
Que triste herança te dou
Filha do meu coração!

III

Meu pae foi para o degredo
Era eu inda pequena.
Se não morresse tão cedo,
Morria agora — de pena...

IV

E ha no mundo quem afronte
Uma mulher quando cae!
Nasce agua limpa na fonte.
Quem a suja é quem lá vae...

V

A'quelle que me roubou
A virtude de donzella
Se outra honra lhe não dou,
— E' porque só tive aquella!...

VI

Nós temos o mesmo fado
Oh fonte de agua cantante.
Quem te quer, pára um boccado.
Quem não quer, passa adeante...

VII

O meu amor, por amal-o,
Poz-me o peito n'uma chaga:
Deu-me facadas. Deixal-o.
Mas ao menos não me paga!

VIII

Nem toda a agua do mar
Por estes olhos chorada
Daria bem a mostrar
O que eu sou de desgraçada!

IX

Como querem ver contente
Este paiz desgraçado
Se dão só livros á gente
Nas escolas do peccado!...

X

Dormia o meu coração
Cançado de fingimento.
Bateste-me, e vae então
Acordou n'esse momento.

XI

Se aquillo que a gente sente,
Cá dentro, tivesse voz,
Muita gente... toda a gente
Teria pena de nós.

Augusto Gil.

O RANGIFERO DAS REGIÕES POLARES, E SUAS CRIAS

Longe a idéa, de uma dissertação fastidiosa e longa sobre o amor maternal dos animaes, sentimento que em toda a escala zoologica constitue por assim dizer a base e fim da existencia, e que só pode comparar-se com o instincto da conservação individual. De facto, sem profundos estudos da historia natural dos animaes, quem observar e reflectir um pouco nos mil variados quadros de amor maternal, que em torno de nós se desenrolam a todos os momentos, não poderá deixar de reconhecer, com profundo sentimento de admiração, que este amor pela conservação da especie, pela creação da prole, representa para toda a animalidade um impulso intimo, extraordinariamente forte, que provoca mil variadissimas manifestações da intelligencia d'esses sêres, muitos dos quaes reputamos inferiores.

O CAVALLO MARINHO, NOS CAMPOS DE GELO

E' certo que, em alguns casos, o *instincto maternal*, como antigamente lhe chamavam, é vencido por outros instinctos de ferocidade, ou pelas duras exigencias da conservação individual. E' certo que alguns animaes, movidos pela fome ou ameaçados de crua morte, não hesitam em immolar os filhos á salvação propria.

Outros ha, como os pintarróxos, que barbaramente lançam os filhinhos fóra do ninho, e até dos jardins onde vivem, mal os vêem nascidos.

Não colhem estes factos como argumento em desabono da intelligencia dos animaes, ou da intensidade do seu amor maternal, pois que todos os dias se estão presenceando exemplos de mulheres, que, verdadeiras féras, abstraindo de todo o sentimento racional, de todo o alto sentimento humano, não hesitam em assassinar brutalmente os filhos recemnascidos, para salvar preconceitos de honra perdida,

praticando o mais hediondo crime. São excepcionaes anomalias que não fazem regra. Facilmente d'isto se convence todo aquelle que se entrega a contemplar, com assombro, em todas as classes da animalidade, o quadro verdadeiramente admiravel do amor maetrnal produzindo esses maravilhosos prodigios: — a feitura dos ninhos, os cuidados com a prole, e os actos heroicos das mães quando, em face de um perigo, se debatem na defesa dos filhinhos inexperientes e fracos. E' vêr a ave a ensinar a implume avesita a comer, a voar; as habilidosas invenções a que recorre para precaver o ninho e a prole contra ataques de impiedosos inimigos; o jubilo com que a macaca aperta aos seios o macaquinho esperto e vivo; a ternura commovedora da gata e da cadella domesticas, reconhecidas quando lhes acariciamos a ninhada!

A CEGONHA ALIMENTANDO OS FILHOS NO NINHO

Que serie de interessantes narrativas, poderia acompanhar a estampa em que se reproduzem alguns d'estes quadros tocantes da maternidade dos animaes!

A URSA BRANCA DOS POLOS, COM AS DUAS CRIAS

E' sempre encantador o espectaculo da mãe creando e amparando os filhos. Até mesmo n'um nauseante *chiqueiro* nos agrada e seduz o quadro da porca grunhindo solicita aos seus nove ou dez leitões. Nas féras mais perigosas e odiadas, os cachorros inspiram o interesse commovido dos homens; e como que, em correspondencia a esta concessão sentimentalista da humanidade, não são muito raros os casos, que andam narrados nos livros, de féras femeas que se mostram apiedadas por creanças, e muito mais vulgares são os exemplos de animaes domesticos, como as cabras, as corças e as burras, se affeiçoarem deveras ás criancinhas a quem directamente offerecem o leite, que lhes escorre dos uberes.

Anda nas paginas lendarias da historia épica da velha Roma a tradição, que o povo-rei immortalizou no bronze, da loba do Capitolio amamentando com carinho os dois pequenos Romulo e Remo, tronco primeiro do reino de Roma, fundadores da cidade dos Cesares.

A cabrinha e a corça tornam-se frequentes vezes amas de leite das creanças, ás quaes se affeiçoam a ponto de as seguir e de sentirem a sua ausencia, como a dos filhos proprios.

Relanceemos os olhos em torno de nós, e quer nos campos, quer nas herdades, quer nos *zoos*, observemos rapidamente alguns quadros frisantes do amor maternal:

Eis o coelho do monte, esquivo, veloz, sempre receioso. Tem um inimigo temivel — que não perdôa — a fuinha, que perseguindo-o lhe ganha terreno a cada passo, até que o coelho, vendo-se alcançado, pára, immobilisa-se, e como que preso pelo hypnotismo fica esperando, resignadamente agachado, a morte implacavel. Mas se é uma coelha com filhos, ameaçada egualmente pela fuinha, faz-lhe face, e com tão audaz heroismo, que muitas vezes a intimida e afugenta.

A ave, no ninho, receia o rato que ligeiro vae roubar-lhe os ovos. Um tôrdo femea, apercebendo-se do rato, que surrateiro vem subindo pelo tronco em direcção ao ninho, esvoaça rapidamente sobre elle, e no auge do desespero, centuplicadas as forças, repelle-o do ramo, e com o bico, enfurecida, rasga-o d'alto a baixo, dando a morte immediata ao astucioso e atrevido inimigo.

A GIRAFA DO EGYPTO NO JARDIM DAS PLANTAS DE PARIS, E O FILHO NASCIDO ALLI EM 1853

As gatas, exemplar domestico facil de observar, revelam-nos quanto pódem nos felinos: — gatos, leopardos, tigres, pantheras e leões — os impulsos admiraveis do amor materno. As gatas são mães exemplares, inexcediveis de dedicação. Vigiam os filhos, limpam-os, amamentam-os com carinho, ensinam-os e brincam com elles, como o pode fazer a mais estremosa mãe da especie humana.

E' facto curioso, que já n'outro artigo — *Féras, jaulas e domadores* (n.º 32 dos *Serões*, fevereiro de 1908) — registámos: que os animaes ferozes enjaulados, perdem estes sentimentos de amor pela prole, a ponto de matarem os filhos e de os devorarem, como o fazia a leôa do *Jardim Zoologico* de Lisboa e o hippopotamo do *Jardim das Plantas* de Paris.

A vacca, animal que bem póde denominar-se a *ama* de genero humano, é uma excellente mãe.

Vêde-a com o vitellinho, olhando-o ternamente, lambendo-o para o vêr bem limpo, até que um dia o dono implacavel, na feira ou na fazenda, vende a pequena cria para o matadouro. Impressionam fundamente os lancinantes lamentos da mãe, que então solta mugidos de dôr.

Nas manadas de gado bravo os paes collocam os novilhos no centro, e cercam-os em attitude de defesa á menor ameaça de perigo. As vaccas bravas escondem os vitellos nas brenhas e moitas mais fechadas, a fim de os occultar á vista dos campinos. Ai do caçador, que inesperadamente depara com uma d'essas moitas onde a vacca zelosamente acaricia o filho!

Na guerra franco-prussiana uma vacca foi á força arrancada do estabulo, onde lhe deixaram o vitello. Resistiu quanto poude ao rapto; durante alguns dias mugiu de maneira desoladora, até que, aproveitando um descuido, fugiu, errou pelos campos até por fim atinar com o estabulo, triste, magra, fatigada, e alli precipitou-se para junto do vitello abandonado.

Os vead s, mesmo reclusos nos parques zoologicos, reproduzem-se, creando os filhos com ternura maternal. No Jardim Zoologico de Lisboa ha muitos gamos pequenos, alli nascidos, e que se offerecem á facil observação de quantos se interessam por estes curiosos quadros do amor maternal dos animaes.

A leôa, a gata, a cadella, e outros mammiferos transportam os filhos na bocca, aferrando-os pelas pelles do cachaço e do lombo, e assim nadam denodadamente. Muitos outros animaes carregam com os filhos ás costas; algumas aves trazem-os debaixo das azas, encostados e apertados contra as coxas, como fazem as gallinholas do matto.

Os morcegos voam com os filhos aconchegados ao corpo. D'esta maneira comem, bebem e passeiam. N'uma viagem pelo La Plata o naturalista Hudson, apanhou uma morcega, com os dois filhos agarrados a si. Apartou-os da mãe, e os pobres animaesitos, como não pudessem voar, rastejaram pelo chão até que o naturalista condoído os levantou e foi collocar cuidadosamente nas ramadas do arvoredo, por onde elles treparam, aferrando-se com a bocca e ajudando-se com as azas. A mãe foi lá descobril-os no dia seguinte e levou-os logo outra vez comsigo.

E' muito vulgar este parasitismo dos filhos, identico ao que não raras vezes se observa na especie humana. A maioria dos animaes são assim directamente encaminhados, alimentados e ensinados pelas mães. Este ensino, esta tutela materna constitue um dos mais bellos quadros da vida animal.

São devéras espectaculos interessantissimos e commoventes o da cegonha ou o da tutinegra, que anda pressurosa a dar na bocca o alimento aos filhinhos, que dentro do ninho encantador, extendem para a mãe os bicos abertos, soltando gritos de fome e de satisfação; o dos pombos, revesando-se pae e mãe a dar de comer aos tenros e implumes borrachos; o da gallinha, aconchegando os pintos debaixo das azas rastejantes, e ensinando a ninhada a picar no solo e a escolher alimento. A andorinha vae egualmente, n'um rodopio constante, levar o alimento aos filhos, que a espreitam á porta dos seus formosos ninhos, feitos com tão extremoso ca-

AS PHOCAS, DAS REGIÕES POLARES, COM OS FILHOS

rinho, de terra amassada, ao abrigo dos beiraes.

A andorinha, mensageira do bom tempo da primavera, é o encanto dos campos e das cidades; e os seus ninhos, construcções delicadas d'aquelles pedreiros alados, são o mais formoso ornamento das nossas pesadas e simples casas ruraes, com os beiraes vermelhos, destacando-se do branco alvissimo das paredes caiadas.

Nos mammiferos da curiosa ordem dos marsupiaes as femeas são providas de uma bolsa, no abdomen, onde orgulhosas agasalham os filhos, que nascem muito fracos e em tal estado de debilidade, que morreriam se a mãe lhes não abrisse aquella bolsa protectora, onde os cobre e abriga, sob as dobras cutaneas, amamentando-os até que elles possam sair sem perigo, em busca de alimento. Tal é o exemplo interessante do kanguru.

O KANGURU FEMEA,
COM OS FILHOS NA BOLSA ABDOMINAL

A lontra, com o rigoroso methodo d'um professor, ensina pacientemente os filhos a nadar, assim como a raposa adextra os raposinhos a correr velozmente pelos mattos e pelas devezas. Nascidos em março, logo ao fim de mez e meio ou dois mezes correm e saltam sob a direcção protectora e carinhosa da mãe.

Os ursos, esses animaes ferozes e bravios das montanhas e das regiões aridas dos polos, manteem no mais vivo grau o sentimento forte do amor maternal. A tripulação do navio *Carcasse*, preso pelos gelos, viu approximar-se, attrahida pela fome, uma enorme ursa, com duas crias. A marinhagem deitava-lhe carne de phoca, aos pedaços, e a ursa branca, apanhava-os e ia collocal-os ufana diante dos filhos. Por fim os marinheiros desfecharam sobre o grupo, matando os ursitos e deixando a mãe mal ferida. Assim mesmo arrastou-se, a custo, até ao ultimo pedaço de carne e levou-o para junto das suas crias, que jaziam inermes; soltava depois lamentosos urros ao perceber que os filhos não se mechiam, e acariciava-os com todas as demonstrações de ternura e de apaixonada dôr.

Nas regiões arcticas do polo, as phocas e os cavallos marinhos manifestam pelos filhos a mais desvelada ternura, já brincando com elles, já defendendo-os contra os mais perigosos inimigos, já panteando-lhes a morte com terriveis rugidos, ou vingando-os com desusada ferocidade.

Não deve estranhar-se a affirmação que vamos fazer de que nos quadrumanos é que se encontra mais facilmente o espectaculo de familias felicissimas.

Os chimpanzés da Africa equatorial constroem para as suas familias uma especie de ninhos, no alto dos arvoredos; alli pernoita a femea com os filhos, emquanto que o chefe da familia fica em baixo, de sentinella á arvore. Os gorillas que, de ordinario formam tambem pequenas familias, fazem egualmente residencia no topo de frondosas arvores, e caminham nas suas constantes viagens, sempre agrupados, indo os paes á frente, seguidos pelos filhos. Emquanto estes e a mãe dormem profundamente em pleno socego, no ninho elevado, o gorilla pae, permanece como o chimpanzé, na base da arvore que os abriga, vigiando attento, em guarda contra os leopardos, com os quaes não raras vezes investe furioso. Chega até mesmo em alguns casos a inutilizar estes temerosos inimigos, mas, como não é carnivoro, mata-os sem os devorar. Como é sabido, os quadrumanos alimentam-se especialmente de fructas silvestres, tendo aberta predilecção pe-

las bananas. Apenas os filhos terminam o periodo do aleitamento materno, começam logo a mostrar-se fructivoros vorazes.

Em toda a longa escala da macacaria se nota sempre a mesma bôa organização da familia, a affeição maternal, e os cuidados pela prole. Os paes são ciosos pelos filhos; o seu maior deleite é mostral-os. Assim os orangos que abundam em Bornéo, percorrem os sertões da ilha em pequenas familias, procurando fructas ou bambús summarentos, de que se alimentam, viajando de dia em compridas jornadas, e pernoitando em sitios que mudam de tres em tres, ou de quatro em quatro noites. Fazem o ninho a 5 ou 10 metros de altura do solo, em arvores não muito grandes, abrigadas por outras de maiores dimensões. Os orangos pequenos, antes de um mez, mal se firmam ainda em pé, exigindo portanto os cuidados maternos, e gritam desesperadamente quando os paes os deixam sósinhos. Ao fim de um ou dois mezes já sabem procurar alimentos nas arvores.

ATÉ MESMO UMA PORCA CERCADA DE NOVE OU DEZ LEITÕES CONSTITUE UM QUADRO ENCANTADOR

Aqui mesmo, na nossa Europa, n'aquellas agrestes e curiosas penedias que formam o môrro de Gibraltar, os macacos da Berberia, trepam pelos rochedos. Conta-nos um viajante quanto o maravilhou o curioso quadro, que elle alli observou, do amor que estes animaes nutrem pela prole.

A MACACA DA BERBERIA, COM O FILHO NOS BRAÇOS

Eram duas macacas, trepadas nas rochas, sentadas ambas com os filhos ao collo, como duas mulheres, examinando e comparando com grande interesse cada uma d'ellas o filhinho da outra. O macaco, pae dos macaquinhos, estava sentado perto d'ellas, e fazia côro de admirações e trejeitos perante as gracinhas dos pequenos. Durante todo o verão, muitos curiosos observaram aquelle macaco, excellente pae, trazendo ao cólo, ora um ora outro dos filhos.

Pena é que nem sempre seja dado ao homem, pelo menos com facilidade, admirar o espectaculo da ternura maternal de grandes e intelligentes animaes.

Assim os elephantesinhos, tão interessantes, os camelos pequeninos, o feio e pesado hippopotamo, o avestruz saido dos grandes ovos chocados pelo sol, a girafa, o ursinho, e tantos outros animaes que vivem no estado bravio, e de que só raros exemplares se obteem nos *zoos* de todo o mundo, são raridades da vida animal que ficam desconhecidas da grande maioria da humanidade.

No Jardim Zoologico de Lisboa tivemos os leõesitos, que a mãe ferozmente trucidava; em Paris houve em 1853 um casal de girafas do Egypto, que se reproduziu, nascendo a primeira girafa parisiense, que logo nos primeiros dias era de altura tal que mammava nas têtas da mãe, mantendo-se esta de pé!

Do pequeno hippopotamo *Marius* contei

tambem n'outro artigo já citado, a curiosa historia.

Mas, se não nos é dado admirar directamente estes quadros da vida dos grandes animaes do deserto, em compensação, a toda a hora, nas nossas casas, nos jardins que as cercam, á beira das estradas, nas ruas e nas praças publicas, nos arvoredos, nos campos, nos rios e nos regatos, temos presentes mil espectaculos curiosissimos, que revelam ao observador estudioso, a generalidade d'este grande sentimento que impera e domina em toda a escala animal, desde os infimos vermes e insectos até aos collossos da animalidade: — *o amôr maternal, o amôr pela prole,* base essencialissima, mysteriosa, cheia de encantos e de maravilhas, do instincto superior da *conservação da especie,* que anima consciente ou inconscientemente todos os sêres vivos.

VICTOR RIBEIRO.

Scenas do campo

A' M. V.

Como são bellos os campos,
As verdoengas campinas,
Os mimosos pyrilampos,
As resplendentes boninas.

Os bonitos gaturamos,
E o colibri que seduz,
Saltitam em todos os ramos,
Annunciam a grande luz.

Sim, a luz do bello dia
Que começa a despontar,
E n'uma terna alegria,
Começam então a cantar.

Lá cantam árias inteiras,
Em seus cantos maviosos,
Nos galhos das pitangueiras,
Ou sobre os ramos frondosos.

N'uma casinha de palha,
No fim do campo sombrio,
Uma mulher agasalha
O seu filhinho do frio.

O marido, que sentado
A uma mesa descança,
Toma o filho idolatrado,
Beija convulso a criança.

Esses tres entes sosinhos
Olham em torno, esta belleza,
Ouvem os ternos passarinhos
Dando vida á natureza.

A criança sorridente
Contempla o campo tão bello,
O pai, alegre e contente,
Dá-lhe a benção com desvello.

No meio desta harmonia
Diz a mulher com languôr,
«No campo existe alegria,
E em nosso lar reina o amor.»

Niteroy.

Pedro Pessoa.

A volta d'Hercules

Ao Bento Mantua

I

Ao lado de Theseu vai caminhando
O Hercules potente, o semi-deus...
Regressa á doce patria e pela estrada
Vai deslumbrando os póvos reunidos
Que em chusma acorrem para o vêr passar.
A fama já chegára e fôra tanta
Que desde Abyla e Calpe até á Scynthia,
As multidões pasmadas, com respeito,
Saudavam nesse genio a força ingente,
A auréola de justiça e de virtude
Que Jupiter dos céus lhe concedêra.
Proseguem appressados e de noite
Entregam a Morpheu os membros lassos
Afim de refazer da caminhada
Os córpos já cançados da viagem...
Depois, quando Tithão accorda a Aurora
E surge no vermelho do oriente
O carro aonde impéra Apollo Delpho,
Levantam-se e caminham mais ainda
Atravessando as sérras da Iberia,
Pousando o largo pé nos Apeninos
Até á meiga Athenas que parece
Sahir do mar azul do vasto mar
Que deu heroes e deuses aos mortaes...
E quando uma triréme os transportou
A' Argolida que expande productiva
O fructo lusidio da oliveira
E a uva saborosa de Pompêna,
Num suspirar alegre e satisfeito
Porque sente já perto a terra amada,
O deus pousou emfim o seu cajado
E olhando docemente o céu azul
Sentou-se numa pedra do caminho.

II

Era o tempo suave da vindima
Que aloura os cachos brancos com tons d'ouro
E faz dos que são negros doce vinho.
Ha perfumes no ar e ha canções,
Off'rendas ao altar de Baccho e Pan.
Na paz silenciosa da campina,
Colhendo p'ra fazer doce ambrosia
Os fructos que Printéneas deu ao mundo,
Vão-se beijando os pares nos caminhos
E ao sabor subtil que a uva dá
Misturam o sabor de meigos beijos...

III

E Hercules pensou como era simples
Passar a vida ali, n'aquelle canto...
No verão offertando á loura Céres
A messe que se extende pelo valle,
Colhendo no pomar os fructos sãos
E, adornando o busto do deus Pan,
Leval-os a Vertumno e a Pomona.
Tarde, no frio inverno, entre geadas,
Tirar o alimento á negra oliva,
Trazel-a pró logar e entre cantos,

Depois de ter guardado o branco trigo
Arrecadar tambem util azeite.
Nas meigas primavéras, nas auróras,
Nas tardes suavissimas d'Abril
Levar pelo atalho a bem-amada
E offertando a Venus Aphrodita
Os beijos, as paixões que ateiam fógos,
Colhêr a virgindade das donzellas,
Amar sob a frescura d'um carvalho
Os córpos juvenis, frescos tambem...
Assim, elle corrêra pelo mundo
A perseguir o odio, a injustiça...
E derramando o sangue dos tyrannos,
Prostrando inanimado algum dragão,
Nunca tivéra a paz que ambicionava,
A segurança doce d'um cantinho,
Um sorriso sereno de creança...

IV

Por fim não poude mais e levantou-se...
Encaminhou os passos para o bando
E suspendendo alegres libações,
Suspiros, confidencias, narrativas,
Falou para o mais velho dos do grupo:
«Sou Hercules, o deus aqui gerado.
«Errei por todo o orbe e vagabundo
«Não encontrei senão atróz perfidia
«Nos homens e nos monstros que venci...
«Cancei... agora estou desilludido
«A suspirar apenas por um canto.
«Deixai que eu, como vós, revolva a terra,
«Que corra pelo valle e pelo monte
«Guiando uma charrua e lentos bois.
«Cavando pelo sólo largos sulcos
«Em que depois floresça a seára loira...
«Permitti que nas tardes transparentes,
«Levando p'ra o aprisco o meu rebanho,
«Não tenha na minha alma um pensamento
«Que seja de rancôr ou de cançasso...
«Deixai que eu leve, lento, nos caminhos
«A boiada que volta p'ró curral
«Soprando por tráz d'ella em doce frauta
«Os cantos dos Lares e dos Penates...
«Deixai-me partilhar aqui, comvosco
«A meiga, a clara paz do campo vasto...
«E que eu tambem ceifando nas seáras,
«Bebendo como vós do cangirão,
«A vóz eleve grata aos deuses grandes
«Em bacchicas canções, na seroada
«Depois de um largo dia de trabalho...
«Emfim, nas longas horas de repouso
«Quero dançar comvosco na floresta,
«Levar pelo meu braço as raparigas,
«Gosar sob o carvalho consagrado
«A fria sombra que refresca o estio...
«Deixai-me respirar todo fremente
«O perfumado amor que vem de Venus...
«Levado toda a vida a coisas grandes,
«A luctas cuja fama immorredoura
«Jámais se apagará do mundo inteiro,
«Eu nunca fui amado e nunca amei...
«Deixai-me procurar a meiga amante,
«Deixai-me abrir a flôr da juventude...
«Aos deuses eu darei no templo proximo
«O ramo d'oliveira e o centeio,
«Construirei a casa agasalhada
«Em que se abrigará a cara esposa...
«Depois de ter servido a loura Céres
«Eu baixarei mais tarde até Hecáte
«Pedindo o meu logar no vasto Averno
«Quando a Parca cortar o meu vivêr...
«Deixai-me aqui ficar junto de vós...
«Errei por todo o orbe e vagabundo
«Não encontrei senão atróz perfidia
«Nos homens e nos monstros que venci...»

V

Assim falou o deus. Em derrêdor
Correu um pasmo intenso, um mêdo grande
E o velho levantou-se e respondeu:
«E's Hercules, bem sei... de negra fama,
«Tu derramaste o sangue pelo mundo.
«E's Hercules, bem sei... de negra fama.
«Mas vê, eu sou bem fraco e bem pequeno
«E tu nos vencerias n'um momento
«Se quizesses erguêr o braço forte...
«Mas nós não témos mêdo e com horror
«Não q'rêmos macular a nossa terra

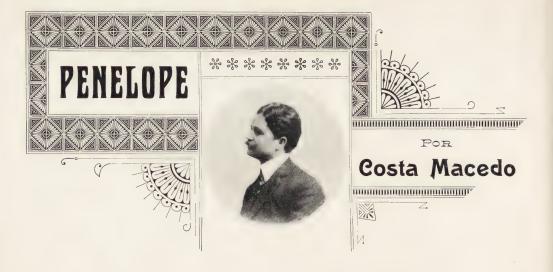
«Com o teu corpo atróz, sujo de sangue...
«Queres trocar a lança fratricida
«No cabo d'uma enxada util e boa,
«Escondes sobre a lã que abriga o corpo
«O ferro traiçoeiro e envenenado...
«Não q'remos, deus, não q'remos... vai matar
«Para longe d'aqui, vai aspergir
«De sangue uma outra terra que não ésta...
«Temos horror de ti, temos horror!
«Queres guiar no val, lenta boiada,
«Trazer para o aprisco o branco vello
«E ousas suspirar por um amor?...
«Desejas tu, ó deus, a companheira
«P'ra quem construirás a casa forte?!...
«Mataste tantas, derrubaste tantas
«E vens agora aqui, arrependido
«Fingindo submissão e humildade,
«Tentando semear por entre nós
«Discordias e paixões de toda a especie...
«Não q'remos, deus, não q'remos, vai matar...
«Para longe d'aqui, para bem longe...»

VI

De que servia então sêr grande e forte,
Têr morto, ter vencido os proprios deuses,
Encadear feróz monstros horriveis,
Luctar sem ter de sêr anniquilado,
Para chegar ali, tremente, humilde
E entre gargalhadas argentinas
Não encontrar nos rostos animados
Signaes de compaixão ou de doçura!...
De que servia então!... Se não podia
Dobrar uma vontade, uma velhice,
Fazer cahir num peito de mulher
Um pouco do amor que o abrasava...
Nem desespêro teve. Olhou em volta
E ao fitar Apollo agonisante
Que foge, envolto em purpura, no espaço
Depois de ter reinado um dia inteiro,
Sorriu das ironias do destino
E comparou calado a sua sorte
Com a do magestoso Phahétonte
Que morre por ter ido muito alto...

VII

Pegou no seu bordão de caminheiro
E sem olhar p'ra trás, amargurado,
Seguiu pelo caminho vicejante
Fugiu á doce patria que o não q'ria...
O vento a palpilar no arvorédo
Parece o suspirar d'harpas eolias,
Desce serena a paz crepuscular.
Na placidez do céu, ao longe, brilha
A Vesper, gôtta d'oiro rutilante
Cravada n'um docel immenso, azul...
Vão-se beijando os pares nos caminhos
E ao sabor subtil que a uva dá,
Misturam o sabor de meigos beijos...

MARIO D'ALMEIDA.

Guilherme Arronches creara-se, a bem dizer, um vibrante lunatico da Grandeza. Inda destruia calçotes fendidos atraz, e já papagueava vastidões, cousas de entontecerem os fedelhos apoucados d'intelligencia, E, ávante, pelo periodo escolar, não havia condiscipulo que lhe chegasse aos calcanhares n'essa balda: o seu delirio, inflado como ódre cheio, é megalomania esbrazeada.

O estudantelho, em vez de dizer que é filho d'um modesto, senão arruinado ourives, diz que seu pae é a pessoa mais rica do lugar. — Caramba, só de uma pancada havia comprado no Porto, com estupefacção de patrões e caixeiros, todas as barras d'oiro que topara nas ourivesarias! Que se quizesse estrearia todas as semanas um fato de magnifico panno, trajando como o mais apurado janota. Que seu pae lhe daria... — isto era segredo, não o fôssem espalhar — um dote de alguns contos de réis quando elle casasse: mormente se o fizesse, como eram seus desejos, com a filha do fidalgo da Ponte, a rapariga mais linda, mais frunida d'heranças, mais anciada de toda aquella immensa comarca...

As boccas dos ouvintes, mal elle virava costas, cachoeiravam a gargalhada estrondejante da caçoada e atacavam a seguir, algumas com pena, a facundia jactanciosa do collega, punham ao léo toda a verdade sobre a sua condição.

Todos o sabiam, o seu lar estava em mizeria desde a noite de ha 14 annos, em que o pae, indo a dormir, fôra roubado no comboio de Braga para o Porto. Levava todo o seu pequeno capital em obra de contas e arrecadas para vender, n'esta cidade, ao seu freguez Rosas e ficara, coitado, n'essa malfadada hora sem nada e com uma derreante carga de filhos e dividas.

Valera então de muito ao pobre homem o ter alguns filhos em apresto de poderem ganhar a brôa. De contrario, estava no arroxo da fome.

Os collegas sabiam de tudo; menos, aliás, quando havia nascido Guilherme: se antes, se depois do roubo.

Nascera antes, dois annos. Era o mais novo, não estava em caso de suar tão cedo pela codea. Viera ao mundo, ouvi, duros chasqueadores, por uma madrugada outonal, com vento a rondar pelo olivedo, como a chamar a invernia proxima, e fileiras densas de andorinhas passando defronte da casa, caminho da casa, facto a querer balbuciar aos supersticiosos a fuga de bem-estar, que d'ahi a dois annos se daria, ao recem-nado. Fuga de bem-estar, visto Guilherme, ao envez dos irmãos, que espigaram sob todas as mimalhices e tafularias, nunca o chegar a fruir na casa paterna, nunca haver tido uma pequena aspiração satisfeita, um exiguo querer realisado, começando a trabalhar no sotão, d'official, mal soubera de cór a taboada.

E quiçá devido a isso, a essa aspereza do

berço, a asse esbater continuo, aniquilador, dos seus votos — elle concebesse, lento a lento, particula hoje, particula ámanhã, a phantasia de se julgar, entre estranhos, filho de um ricaço. Mas, mais tarde, essa phantasia riscou-se-lhe da memoria e elle, então, forte telhudo, ambiciona o solio de potentado do Dinheiro.

O pae, quando os seus beiços vasavam com farfalhice alguma nota d'este fraco, chamava-o a contas de juizo, apontava-lhe, por entre dentes aperrados, o seu humillimo dever: — Trata mas é d'embutir, ou de tocar, escutas, ó idiota? e dá ao diabo essas tuas idéas!

E Guilherme, promptamente, sem pestanejar, atacava com ardencia o embutimento dos cascaveis de contas ou perpassava febril o oiro bruto sobre a heraclia. Mas, d'ahi por deante, não se furtava a idealisar, a anciar.

Até que, desenvolto e vigoroso, opimo aos olhos das mulheres, teve um dos seus desejos consummado: casou com uma rapariga que jungia á Belleza e á Virtude um dote bem pesado em moeda.

Essa rapariga é Delfina, voz d'ave melodiosa, olhos de serenar pantheras enraivadas, camelia extravagante de um casal de depravados: o marido, beiços froixos da Sensualidade, a enganar agora a mulher; a mulher, rebolices de gata ciosa, a enganar logo o marido: os quaes, fugindo da Cidade, mumificados, nauseantes, septicos, — cahiram n'aquella clara terra silvestre e lá acabaram, um após outro, roidos pela gangrena syphilitica e execrados de todos.

Deixaram, os miserandos, alguma coisa á filha, e ella, assim, teve com que viver.

Como era um anjo, boa e lyrial, teve tambem gasalhado e protecção de uns lavradores escorreitos de alma e carne. Puzera a esse tempo o seu affecto vibratil a trabalhar pelos doentes necessitados: casinhoto em que faltassem um caldo para uma bocca esfomeada ou mãos para o penso de uma perna chaguenta, lá estava Delfina com a sua esmola e a sua dedicação.

O povo, grato e crente, tratava-a de Santa. E ella era assim, feliz: feliz no sacrificio intergiversavel pelo proximo.

Por teimosia da mãe, tinha sido educada nas Irmãs Dorotheas de Villa do Conde; e lá, onde não havia o materialismo, nem tão pouco mortificações dos cenobios medievos, dera lustre ao espirito e castidade á alma.

Depois, cá fóra, se se não fundia em recatos extraordinarios, espirituaes, sustinha-se comtudo no bello traço da decencia, por modo a fazer mossa a um mr. Figuier e aparvalhar os rudes, aos quaes parecia sobrenatural o nascimento d'aquella açucena em tão lamacento jardim.

E floriu impolluta, sem o mais evaporante gracejo do rapazio, até chegar o amôr. Guilherme, posto de condições minguadas, agradou-lhe absolutamente, prendeu-a com a arcaria potente do seu torax, a sua face erguida, torrada como a de um vulcano, com todo o seu ser lavado e forte, intelligente e utopista. A gente que a gasalhava, por certa questiuncula que tivera havia bons annos com os Arronches, deu-lhe d'opinião que não devia casar com Guilherme, espelhou com scentelhas de o enterrar, a pobreza e a doidice d'elle. Mas, Delfina, sob toda a sua brandura de grande indulgente, insistiu e, por um dia verenal, casou.

Ao findar de alguns mezes o velho Arronches, vendo o filho senhor do dinheiro de Delfina, quiz que elle lhe emprestasse o bastante para mercadejar como em antes de ser roubado, em grosso, por sua conta. Porém Guilherme negou-lh'o, disse que não era seu. O pae então deu a entender que se mudasse mais a mulher, e elle, que n'aquelles dias havia comprado uma quintaloria perto da pre-historica Citania, lá se foi a cultival-a com bombasticos ideaes de progresso e resolvido a deixar para sempre o lar que lhe dera o berço.

Durante quatro annos, gastos, aliás, em holocaustos ao Engrandecimento, houve riso no tecto de Guilherme. Nada mais natural: além de verdejar sempre com suavidade o galho da Paz, se gizaram, ao calor dos beijos dos paes, as feições a um filho, um rapazinho bello e edenico como o poderia ter desejado mestre Solon.

De subito centuplicam em Guilherme as ancias de se tornar homem de fortuna.

E estas se acaloram enfrenemente, tomam a fervura de caldeiras, quando elle vê, haurida a mór parte da herança de Delfina pelas terras bravias da sua herdade, que, debaixo da risota arreliante dos calejados lavradores, queria transformar em searas feracissimas, em jardins maravilhosos. De-

balde a esposa, meiga e esclarecida, quer arrefecer-lh'as: elle, ao contrario, quando ouve os conselhos de moderação e modestia, mais se enthusiasma.

De sorte que parece ter no intimo, ridente e viçosa, a esperança de ser millionario em época não tardia.

E um dia, com olhar rutilo e firme, diz á esposa que partirá breve para a America.

— Delfina, acrescenta, á guisa de balsamo. Precisamos de ser ricos, muito ricos, donos de todos aquelles sitios que abrangem os nossos olhos.

E chegando á bocca da porta, um pouco vergado sobre as espaduas de Delfina, aponta, com o braço d'ella, para a aldeia que fica á frente, em uma allegoria graciosa, a escalar uma riba de giestaes nos rebordos. Aponta para as varzeas ondulantes, fartas de luz e fructo. Aponta para as tapadas serradas, fulgurantes, como aço brunido, ao cahir do sol sobre as ramadas. Aponta para os valles risonhos com as suas papoilas e amargurados, espaço a espaço, com as flôres roxas das suas olaias. Aponta para as montanhas longiquas, quasi intangiveis da retina, que occultam terras d'além.

A esposa, como em sonho fulgente, olhava para o quadro vasto, sem termo tal se fosse o céo. Olhava . . . Mas depois, em si, molhou de lagrimas as mãos de Guilherme, implorou, com alma dorida e seios em onda apaixonada, que não partisse, não os deixasse a ella e ao filho.

Elle, para lhe soffrear a dôr, prometteu que não iria . . . Porém, d'ahi a uma semana, preparou esconsamente a partida, dispoz tudo de maneira a, na sua ausencia, nada faltar no tecto que abandonava por pouco tempo; e logo, em uma madrugada de abrir desalentado, sem rosa no horisonte, accordou resolutamente Delfina para se despedir.

O aventureiro queria ir para a America do Cabral. Mas, em Lisboa, dias antes de embarcar, relacionou-se com um açoriano, rico negociante de Boston: e, desviado por elle com o informe de que Boston era a Summa Terra da Riqueza, preferiu a America de tio Sam. De resto, o açoriano, magnanimo e patriota, dera-lhe uma carta de recommendação valente; «Embora homem d'annos e sem pratica, — ordenava, no fecho da carta, o chefe do negocio aos seus subordinados, — empreguem-no ahi em nossa casa». O que equivalia a dizer-se collocado logo que botasse pé em terra.

Com tal arrimo, ia esperançado, — certo, é melhor, de que em periodo não serodio, acugularia de dinheiro o seu bahu de sequioso, como o seu compatricio das lindas ilhas esmeraldinas do Atlantico, que, pouco depois de largar com lagrimas de parvulo a sua pobre costa . . . apenas rica de penedos, e musgos, e algas — recolhia ás mancheias as tão almejadas «aguias» ao seu sacco bostelento d'imigrante.

E o que se segue, é que meia duzia de annos em Massachoussettes foi o bastante para que Guilherme se tornasse um regular negociante de Boston, o seu credito de burguez remediado nas casas fornecedoras, o seu posto de coripheu conselheiral na *honest* Colonia. E isso sem o auxilio de ninguem, da propria casa do açoriano, cujos socios lhe disseram ála! ao cabo de poucos mezes de lide.

E' verdade que até ascender a esse sócco mourejou muito, derreou todo o seu vigor, mesurou bastas vezes como reles vendilhão, esqueceu conforto, sopitou descanço.

E ao de mais, nos primeiros tempos, custara-lhe golpes na alma o aguentar as saudades pela esposa e pelo filho, sempre em crescença de amarguras quando chegavam cartas de Delfina, todas a lhe supplicarem com lagrimas e gemidos, o regresso.

Cartas que elle lia aos golpões; e no fim, abalado, impetuoso, tracejava regressar immediatamente, na mesma hora, se houvesse paquete. Entrementes, vinha a sêde febrenta do Dinheiro, escaldava-se o violaceo da saudade, e se esbatia em um apice o bosquejo da partida, como, outr'ora, a côr saguinea dos seus dedos ao ser queimada pela aguaforte escorrida dos toques.

Em uma semana, porém, de optimos lucros em titulos d'especulação de petroleo, elle assenta partir definitivamente, «nem que estoirassem todos os diabos», no proximo vapor.

N'isto, antes de correar as malas, recebe esta carta satanica . . . engendrada naturalmente por todos os diabos que, furiosos, estoiraram á sua jura:

«Guilherme.

Tua mulher, que, diga-se de raspão, cada vez está mais bella, devido talvez áquelle

ventre harmonioso ter gerado apenas um filho, — tua mulher, ó mortal! engana-te quasi desde que partiste.

E's um candido e por isso cuidas que ella é a Penelope do epopaico Homero, a cisterna de todas as virtudes conjugaes. Como te enganas!

O ditoso que surripiou o coração da tua Venus é um ex-estudantinho do beatifico Espirito Santo, bem amoedado, heraldica terça, ares de grande estheta, mas que, a dizer a verdade, bem merece ser rolado de uma Tarpeia abaixo, visto a sua espremida, incompleta figura. Veio para cá em pratica de resumido sueto. Mas sorveu tamanha ventura durante essa folga, que, finalmente, resolveu estical-a *tempus in omne.*

Eu nada devia dizer-te, porém, por amizade ou inveja, não resisti.

Esta informação — verdadeira, a ponto de poderes confial-a ao mais puro Baccarat — esta informação quiçá te não agrade... Entanto, meu caro, soffre... soffre ovantemente, com despreso! e não desças á patetice de vir agora até cá, para lapidares judaicamente a adultera e derrubares, com dois murros d'athleta, o malhão da tua encantadora mulher. Porque, não ha que fugir, perderias o teu caro tempo, tão necessario para a tuas formidandas operações mercantes, pois nem por isso deixarias de ser o que Sgnarelle de Molière se julgava.

E em tal ponto, continúa a atulhar os bolsos por ahi, por esse celebrado «Hub of Universe», ninho da aguia da Liberdade americana, berço ditoso do pantheista Emerson e, mais do que tudo isso, para esta depauperada e fallida Europa, — terra do atrevidaço Dollar. E gosa. E represalia com alguma miss de cabellos de amarello tostado, lidima tempera Yankee, — pomposa e arrojada, que salte com agilidade caprina, ou como quem salta portellos, dos mais altos ribanços e pule a sorrir aos mais cavados pegos.

Teu

Guarda.»

Atordoado, Guilherme, ao principio julga que essas linhas lhe não dizem respeito. Depois porém de as lêr calmamente; d'examinar o sobrescripto carimbado na villa onde elle havia deixado a mulher, o filho, a propriedade, e de considerar sobre a volubilidade feminina, acha-as suas, vê-as a escorrerem as falhas da Peccadora, sente-as, emfim, a despejarem-lhe na alma, devagar, com escarneo, todo o travor ruborisado no cadinho do Ciume.

E soliloga, de mistura com suspiros:

— Por isso ella me não escreve ha tanto tempo!... Emtanto... resignemo-nos e esperemos a mala de ámanhã.

A mala chegou, Guilherme não teve carta. Era, pois, verdade que ella se enlaçava, em compressão de serpente, ao tranco delgadiço do ex-candidato a leis canonicas.

Guilherme medita então vingança terrivel, bravia. Mas, philosopha de repente, não o pratica: segue, em pontos, os conselhos do denunciador, não parte; acceita, indifferente, abandonando pieguices passionaes, a catastrophe do lar e limita-se a soluçar alguns dias a perda do seu Raul, o filho que iria occupar, ao cabo de poucos annos, uma carteira na sua casa de mercieiro atacadista.

Por fim, passaram, em corrente de solda, mais alguns annos, e o coração de Guilherme fechava-se hermeticamente para Delfina e escancarava-se, com todos os tecidos, para o negocio.

O negociante quiz fazer-se grande, especie de sobre-homem nietzcheano. E, aos poucos, adaptou-se ao methodo tenaz de trabalho dos nacionaes. Quiz guindar-se a emprezas fabulosas, audazes. E sonhou competir com Henry Havemeyer no mercado assucareiro, imitar-lhe simiescamente a rapacedade gelida, o egoismo monstruoso de syndicateiro formidavel. Quiz o monopolio das mercearias. E desejou fechar nos punhos, ao cantarolar de sarcasmo, toda a multidão de modestos, classificados ou importantes negociantes do seu ramo, Quiz subjugar aos pés todos aquelles que lidassem para sustentar milhares de familias. E desejou arruinal-os virtualmente, com inflexibilidade de carrasco, ser, em uma palavra, Havemeyer!

Mas tudo isso, para felicidade dos collegas, não avançou da sua deliciosa imaginativa.

Todavia trabalhava sem treguas, alucinadamente, os olhos rebrilhando-se-lhe no monticulo crescente dos seus ganhos.

E em pequeno praso possuia capital para comprar uma villota portugueza.

De subito o despresado lembra um asceta, quasi que abdica de todos os bens terrenos: apenas, d'oito em oito dias, visitava sem demora, ás escondidas, uma bem talhada peccadora, toda linhas severas, academicas.

Conhecidos, que não sabem da vida intima, perguntam-lhe se elle não tenciona ir breve á Patria, correr mundo, gosar.

E elle soergue os hombros, já em corcova pelo excesso da pugna, e machina:

— Por ora não penso n'isso, preciso de luctar mais. Goso mesmo por aqui com a minha occupação. Emtanto é bem possivel que um dia me não importe de correr terras...

— Principiando pela sua, não?

Guilherme quebra a passividade, dá vasas ao sentimentalismo meridional:

— Essa não tornarei a pisar! Nunca mais olharei aquelle céo eternamente azul, aquelle sol d'amôr, aquelle luar claro como patenas sacras, aquelles almargeaes floridos, aquelles toques suaves dos montes pelas vesperas primaveris.

Mas o commerciante não é de ferro, não tarda muitos mezes a ficar esfalfado, entediado, dyspeptico, dôres de cabeça todos os dias. E, homem precavido, faz testamento, destribue solemnemente metade dos seus haveres por seu filho Raul e outra metade por a pessoa que o amparar á hora da morte.

Nem de proposito: augmenta a sua doença. E os asclepios, para se verem livres d'elle, do tremendo massador, mandam-n'o passar uma época d'aguas na Europa. Um, até, — aquelle em quem tinha maior confiança, — sabedor da sua naturalidade, aconselha, como hiera, as aguas de Portugal.

O doente renite, feito capro, e troca-as pelas da Bohemia e Altos Pyreneos.

Agora, Karlsbad, com a sua fervida Sprudel e Cauterets, com as suas thermas de alta fama desde periodos romanos, de nada lhe valem. E um dia, desesperado por melhorar, — fôsse aqui ou no inferno! sempre se resolve a recorrer ás aguas da Patria.

Mal havia avançado meio da época nas Caldas do Gerez e já Guilherme era outro: abriu-se-lhe o appetite, empinou-se-lhe a carcassa, desapertou-se-lhe o riso. Depois, com maravilha de todos aquelles que o viram chegar amarfanhado e esqualido, arrastando como um madeiro os sapatos americanos, espalhou os seus desejos d'ir a pé, qual teso andarilho, até á Portella d'Homem, para gosar aquelle assombro florestal, os rios que rolam a fervilhar pelo fundo das ravinas, a matta de Leonte formando abobadas de carvalhas priscas, os gorgolhões de prata do despenhadeiro do rio Homem descendo pela sua escadaria granitica, a Geira com os seus grupos milliarios, d'inscripções remotas, prestes a serem de todo lambidas pelos tempos d'eras em fóra. E, finda a estação, elle acreditou-se curado, pôz-se a correr o seio da terra lusa.

Mas, ao fim, farto de andar, de vêr, escolheu uma villasinha ridente do Alto Minho para descançar, para passar um anno, dois...

Hospedou-se no hotel de um senhor atarracado — grandes bochechas escarlates servindo umas barbas de Hades, ventre falstaffeano — cuja maior occupação era perguntar aos senhores hospedes de fóra, se já haviam visto as faladas preciosidades historicas da terra: o castello, ainda sobranceiro nos seus revelins desafiantes, a servir hoje de cadeia e quartel; a matriz, com as suas reliquias de duplo valor, por serem offerendas de monarchas, e os seus caprichos architectonicos em talha e pedra; a casa da Camara, mais a sua fachada carrancuda, um pouco suavisada todavia pelas graceis caryatides que carregam docemente as architraves dos flancos, e cujo projecto era attribuido a um Vignola compatricio.

E se alguns dos senhores hospedes dizia que não, não tinha visto nenhumas d'essas maravilhas, elle, sapientissimo sr. Domingos, varava de tamanha ignorancia e offerecia logo a sua fraca companhia para o ignaro as ir vêr.

Guilherme, só dois dias depois de chegar, soffrera essa pergunta.

E, de resto, Sua Ex.ª já tinha visto, conhecia toda a historica villa desde o dia em que abicara! Mas o hospedeiro fôra logo illuminado.

— O que lhe posso affirmar, emtanto, é que V. Ex.ª ainda não viu certo quadro ribeirinho... Valeu irmos lá um dia?

O atacado só o procedeu d'ahi a alguns mezes.

Realmente, a tela valia a longura do caminho. Passaram a ponte affonsina e fincaram-se na borda opposta do rio. Pouco

abaixo, em nesgas de terra bem cultivada, corriam, de cada lado, longos renques de amieiro e choupos, corriam a levar as aguas até longe, até se sumirem, tingidas da luz immaterial do crepusculo, nos ilhaes eriçados d'escarpedos longiquos. E, pouco antes, as aguas folhadas de uma levada batiam nas pedras corredias do leito, estrondeando, roncando. Em volta, a correr das duas margens, o verdor dos campos, a symphonia bronzea dos montados galgando para as cordilheiras.

E, como d'encommenda, para remate do motivo, em um recanto de tapada, sob olmeiros, um grupo de raparigas e creanças, quedava-se em mansuetude d'extasi a ouvir os rouxinoes cantarem perto, occultos, em gloria e affecto ao seu Amôr, que, por entre os ramusculos dos sarçaes, e com um veio d'agua a correr-lhe aos pés, acalenta e cria a pequenina prole.

Sua Ex.ª deleitou-se, envoltou a alma durante largos minutos, de todo aquelle hymno de pastorela arcadica.

Ao voltar, o sr. Domingos apresentou-o ao sr. Ramires da Cruz, o melhor boticario d'aquelles sitios, uma das almas mais puras que conhecia.

Guilherme ia tendo as suas relações, já não passava, como ao principio, horas monotonas, já não era, n'aquella terreola de bisbilhotices, um ser exotico, face glabra brilhando sempre sobre fatos de flanella, já não era um viajante de arredar, cujas malas chapejadas de rotulos mortecôres d'hoteis e caminhos de ferro de toda a parte, parecia denunciarem algum falcratueiro fugido das mãos inhabeis da policia de meio orbe.

A's tardes ia sempre para a botica.

Até que uma vez o sr. Ramires lhe desfechou:

— Desculpe a curiosidade. O senhor é estrangeiro, inglez?

— Não. Porquê?

— E' que, pela sua pronuncia, pelo seu trajar, pelo seu rosto... me parecia.

Então Guilherme, em phrase concisa, esclareceu:

— Sou portuguez, de Bertiandos. Fui para os Estados Unidos ha desoito annos. Tenho casa de negocio em Boston.

O boticario estarreceu ás primeiras palavras e ergueu-se insensivelmente da cadeira, os olhos a quererem pular das orbitas, como em ancia de sugarem o resto da informação.

— Guilherme... Ou o senhor é a pessoa que penso, que por signal, a estas alturas de tempo, já deveria estar desfeita pela terra, sem as tibias sequer por pulverisar, ou o diabo por ella!

Guilherme vibra deante de uma recordação remota; vê de chapa um seu antigo conhecido, o Ramires Fortuna, como o tratavam, a quem, em solteiro, acompanhara pela noite alquebrada, a logares escusos, á procura de amores faceis; que estudara, no Porto, o seu boccado e que, ao fim de correr terras e terras do céo luso, sempre atraz da Fortuna esquiva, mercara uma botica na terra onde ficou aquella cujo nome não pronunciaria mais.

Dá-se a conhecer. E logo, meio perplexo:

— Mas como veiu o senhor parar aqui?

— Ora. Sonhos. Sonhos por dinheiro: o senhor lembrou-se d'enriquecer indo para o estrangeiro, eu, aventureiro nativista, vindo para aqui. A terra onde eu estava não rendia nada, os doentes eram raros, lá de lua a lua um com umas quartãs, outro com algum braço partido ao podar. E como me dissessem que aqui só havia uma pharmacia, e muito fraca, — a frascaria quasi sempre vasia, vim. Até hoje não me arrependi.

Ramires põe de parte a fama do millionario, passa a tratal-o no seu tom de velho parceiro de noitadas:

— E dize-me, Guilherme, como vieste tu, por teu lado, parar aqui? Sabes que és tido como morto. Es; logo que constou, todos acreditaram. Eu não. Presenti enorme meada de arranjos... Mas convenci-me, depois, porque a sr.ª D. Delfina m'o garantiu com uma carta que havia recebido da America.

Guilherme, attonito, não responde. Emtanto, minutos logo, pergunta — com esforço, anciando:

— Que carta era essa?... Desculpe. Eu não percebi bem. Estou nos meus dias de bronquice.

— Uma, carimbada em Boston, que participava o teu fallecimento repentino, sem deixares haveres de monta, apenas objectos d'importe mediocre, d'uso. Mas queres saber em que me baseava para presentir enorme meada de arranjos? Escuta. Quando partiste, a sr.ª D. Delfina era a Formosura espraiando-se em toda a sua onda alterosa de

viço e contornos, sem duvida, a mais bella senhora que trilhava a nossa parochia. Raro sahia: e isso era, as mais das vezes, para ir á missa do domingo. Mas n'essas occasiões, meu caro, é que se lhe alteava a belleza!... De preto — desde que te ausentaste nunca vestiu de outra fórma — o seu pendor de summa elegancia espargia a admiração d'entontecer, o desejo sofreado a custo. De preto, a sua brancura triumphava, obscurecia os marfins do templo. De preto, era a Seducção do essenio, do abjurador da Carne.

D'ahi, amigo, o accender de muitos corações, a ancia louca de muitos a requestarem, de muitos desejarem possuil-a.

E d'aqui... a necessidade de tu desappareceres d'entre os vivos: desappareceres simplesmente para a esposa e emquanto houvesse conveniencia... Como? Com uma carta n'aquelle sentido. Mas falemos do que se deu antes. A sr.ª D. Delfina chorava muito a tua ausencia. E de repente teve de chorar tambem a do Raul: como estava crescido, muito virado para o estudo, mandou internal-o no Campolide. Vivia portanto só, em uma desolação continua. Valiam-lhe, é verdade, um tanto as tuas cartas, no principio a encorajal-a com a esperança da tua volta em dia perto, no fim, apipadas de enthusiasmo, a convencel-a da tua riqueza, dos teus milhões no banco... Mas os ousados não arrefeciam e ella pedia-te, para vêr se se livrava d'elles, que viesses. Como lhe custava ouvir os galanteios de certo deputado, o mais tenaz de todos!... Genero chibante, barbas plutonicas, muito dinheiro, muita essencia franceza; delicioso esgrimista da phrase que enleia a mulher: é o physico d'elle. A sua ousadia é meligena, sente-se envencilhada aos liames da graça de Panurgio ao dizer um conto tentador; porém, subitamente, como encontra defensa d'honra immaculada, é feroz, põe em campo toda uma matilha de grande influente de circulo: de pretendentes esqualidos a empregos burocraticos: d'enculcadeiras azevieiras: de servos venaes, finorios. E ella, já se sabe! sempre com decencia, fugindo, soffrendo. Mas o seu penadouro era d'enlouquecer, já se furtava, imagina, a ir ouvir a sua consoladora missa, a vêr, entre outros lucilantes, o santo do seu fervor! Pois os da matilha, fragmentando-se, surgiam de todos os cantos das ruelas que levavam á igreja e eram ditos assucarados de uma bocarra, segredos gorgeantes de outra, recados humildes de mais outra. Um inferno! De resto, passa meio anno sem receber cartas tuas. E ao cabo — avalia a dôr — recebe a famigerada carta participando a tua morte!

Ramires, cala-se. Mas, logo, resplendente de prespicacia ao palmar com força a testa bem entrada:

— Achei! O auctor d'aquella carta foi de certo o deputado: elle tinha um primo em Boston e naturalmente o incumbiu de a botar, lá, á caixa postal.

— Oh! Por quem é, Ramires, não fale mais! diz Guilherme, n'um grito rouquenho, de coração a sangrar.

E levando a mão concava á bocca do boticario, insistiu no pedido até rolarem, em fios, as lagrimas pela sua face congestionada

Estava ao facto de tudo. Aquella urdidura de super-infame se lhe abrira, como por um saccão de bruxo, ás primeiras palavras do amigo. E vira então falsidade na carta que denunciava a esposa. E vira então que as cartas d'ella para elle e d'elle para ella eram abafadas lá na terra, de conchavo com o da posta, fóra de duvida algum malsim do senhor deputado. E via em tudo o mesmo auctor.

Ramires quer retalhar mais aquella alma:

— E, de resto, queres saber o que praticou o figurão?

Guilherme immovel, tem os olhos vidrados, não responde.

— Sabedor que a sr.ª D. Delfina já havia recebido a carta, procurou-a logo para lhe dar os pesames... pela tua morte. Os pesames!... Elle o que desejava era ter occasião de a vêr, de lhe falar. E vê-a toda em crépe, abatida e dolorosa, e o corvo fala-lhe de amôr. Fala-lhe de tal modo — aos seus pés, — em genufluxão tão piegas, que mette nôjo. Emtanto, ella, em passividade de espirito apagado por grandes desgraças, deixa-o rastejar, deixa-o jurar falsidades, e não lhe aponta a soleira para sahir. Vale á pobre a entrada subita de uma visinha, que ia cumpungida consolal-a pela má nova; e só assim se livra d'elle.

Desde esse dia nunca mais tua esposa desceu á villa, nunca mais gosou, nunca mais teve um vislumbre de jubilo... nem mesmo ao receber cartas do Raul. Por fim,

para que ninguem cubiçasse a sua esbelta mão de viuva joven, deu em arruinar-se com trabalhos brutaes, de jornaleiros; em despresar-se do atavio — lembras-te, como era requintado n'ella antes de partires? — ; em comer mal; em como deformar o corpo, aplanando-lhe as curvas, amarellecendo-lhe a pelle; em conjurar a fulguração dos olhos... E, para nimbar todo esse desmoronamento, vieram em pouco os cabellos brancos, brancos...

De repente o corpo de Guilherme tomba da cadeira com uma apoplexia. O pharmaceutico, ao procurar amparal-o, pareceu ouvir da sua bocca arroxeada, da sua bocca em resfolego ruidoso: «Levem-me a Delfina!»

E, por mandado de Ramires, quatro pulsos fortes, sahidos do magote de pax-vobis que estacionavam á porta, o arrebatam e conduzem, com rapidez d'engenho de magica, á presença de Delfina, cuja casa é agora ali, n'aquella villasinha ridente do Alto Minho, ali perto, muito só e muito triste no seu esconderijo de faias d'alto porte e cylindrico com ramaria sedosa a murmurejar enygmaticamente para o rio que passa ao lume em ronco eternal.

Rio de Janeiro.

FÓRMA

Ao Dr. Osorio de Sousa

Quero o verso a cantar em magico transporte,
como enorme fragor de uma enorme cascata,
para sempre elevar o pensamento forte
n'uma ideia qualquer, em divinal sonata!

Sereno, a deslisar a esplendida cohorte
de ideias que se vão em gondolas de prata,
quero o verso tambem de altivo e nobre porte,
já cheio, a transbordar o fumo que arrebata!...

Quero ao verso prender uma rima sonora,
para mais encantar a Deusa do Parnaso,
para aos ventos contar a dôr que me devóra!

Quero vel-o chorar como um violino chóra!
A uma ideia feliz o verso forte eu caso,
e dou á Fórma então o resplendor da Aurora!

Oscar Brisolla.

Marinha

A HENRIQUE DAS NEVES

A immensidade do oceano!
A immensidade do espaço!
Que monstruoso compasso
Riscou um circulo tal?
O sol, fanal assombroso
Suspenso na profundeza...
Que vertigem de grandeza!
Que assombro de colossal!

As ilhas são esmeraldas
No immenso manto das aguas;
A luz brilha como fragoas
Nas palpitações do mar.
No horisonte um continente
Formado por nuvem leve
Fulge, na crista de neve,
Ao sol suspenso no ar.

Um rolo de fumo denso
Sobe no claro horisonte,
Antes que o vapor aponte
A's linhas horisontaes.
Extendem rastos de espuma
Velas de leves goletas,
Como brancas borboletas
No mar azul dos canaes.

Depois, nas horas do occaso.
O sol, como bomba enorme,
Caindo no mar, que dorme,
Rebenta, e, em borbotões,
Fulmina raios ardentes,
Como luminosas fitas,
E nas regiões infinitas
Accende as constellações.

E a noite extende solemne
O véo de sóes luminosos,
Hydras, leões caprichosos,
Feitos de oiro sobre azul;
A's vezes um se desprende
E na excentrica carreira
Risca de luz uma esteira
Desde o norte até ao sul.

Mas que medonho e terrivel
Quando em meio d'estas scenas,
Do norte correm serenas
As brisas equinociaes,
E a terra oscilla abalada
Nos occultos fundamentos
E as serras têm movimentos
Pelas espinhas dorsaes!

A nossos pés abre a bocca
O abysmo em mil precipicios;
Vacillam os edificios
Com um estranho pavor.
Gelado, acima das nuvens,
No fundo azul se desenha
O cone de uma montanha
Com pennachos de vapor.

Sopra ás vezes o cyclone
Como vento de ruina;
O tronco annoso fulmina,
Arranca a funda raiz.
A chuva cae em torrentes,
O mar cresce na procella,
Quebra as vagas que encapella,
Fumando nos alcantis.

Bate nos velhos penhascos
Em furiosas investidas,
E as rochas ennegrecidas
Parecem, tristes, chorar.
Qual Mœlstrom faz rodopios,
Derriba e inunda as plagas,
De raiva espumam as vagas,
De furia baqueia o mar.

A immensa nuvem cinzenta,
Quando termina a procella,
Cae sobre o mar e acastella,
Ennovelando-se á luz,
E ergue sobre o horisonte,
Negro, immenso, inexoravel,
O seu dorso formidavel
De colossal avestruz.

A terra tão desolada,
Do manto verde despida,
Parece arquejar sem vida,
Leviatham que naufragou.
Contra os destroços nas praias
O mar ainda brama aos roncos;
Erguem os braços os troncos
Que a tempestade arrancou.

O sol, emfim, apparece
A caminho do occidente;
Glorioso, alto, indifferente,
Passa do espaço atravez.
Como d'antes illumina
Os prostrados esqueletos.
Que lucta escura de insectos
A seus luminosos pés!

Fayal — Açores.

M. JOAQUIM DIAS.

Na frente leste da ilha do Fayal, patria e residencia do poeta, e á distancia de duas leguas maritimas, ergue-se em fórma conica, a ilha do Pico, uma pujante manifestação da Natureza cujo ponto culminante attinge cerca de 2:000 metros, coberto de neve, regularmente nove mezes no anno. Ao norte do canal que corre entre estas duas ilhas, desdobra-se a ilha de S. Jorge. Mais ao norte avista-se o relêvo superior da ilha Graciosa. E lá mais ao largo ainda, para nordeste, entrevesse uma mancha cinzenta: é a ilha Terceira.

Este panorama, observado do alto do Monte da Espalamaca (Fayal), tem suggerido, pela sua belleza e amplitude, as exclamações de muitos viajantes, fixadas em «Impressões» e «Chronicas de Viagens», taes como as do Principe Jeronymo Bonaparte, redigidas por Roger de Beauvoir, as do chimico Fouquet, e outros.

Este illustre homem de sciencia, após esta viagem, ficou-se no Fayal, para tentar nos dias seguintes a ascensão da ilha do Pico. Assim fez. E elle que tão viva e pittorescamente descreve a viagem no grupo central do archipelago, realisada aquella ascensão em duas etapes, e esperando lá do cume o nascer do sol que lhe illuminasse o panorama do conjuncto, diz: «Renuncio neste lance a transmitir ao leitor a impressão que recebi: não saberia fazel-o.»

A jornada maritima entre estas cinco ilhas, abordando-se a todas, pelo vapor da carreira insulana, sahindo da Terceira ao raiar da aurora (no dia 11 de cada mez, ordinariamente), desapparecendo umas gradualmente á nossa vista, pela ré do navio, emquanto outras se vão formando e claramente definindo pela prôa ou por qualquer dos flancos, é um encanto, um extasi que se mantem de sol a sol.

O nosso amigo Bernardo do Amaral, açoriano, actualmente consul portuguez em New-Port, e que por alguns annos navegou como official da esquadra inglesa, disse-nos que, viagem de semelhante belleza, apenas se lhe offerecera uma na sua vida maritima: a que foi passada entre as ilhas Jonias.

Recommendamos a viagem no archipelago açoriano aos nossos «touristes».

(Nota do amigo do auctor a quem a poesia é offerecida.)

A pressa d'alcançar o diploma lyceal recorre-se a meios muito variados. Entre esses achamos o do *estudo por atacado.* O regulamento lyceal de 1895 dispunha que os alumnos do ensino particular fossem inscritos nos estabelecimentos publicos, de anno em anno, afim de evitar esse *estudo por atacado*. Semelhante disposição não existe, que eu saiba, em nenhum outro país. Os que combateram a reforma daquelle anno ignoravam esse facto negativo, como ignoravam muitos outros que lhe podiam ter servido d'arma. A obrigação d'inscrever assim os alumnos do ensino particular resultava, como outras disposições do citado regulamento, sem duvida, de se considerarem os nossos costumes, os nossos bellos costumes, apesar do mesmo ter sido accusado de lhes não dar attenção. O decreto de 29 de agosto de 1905 permittiu que os alumnos do ensino particular se apresentassem aos diversos exames nos lyceus, mediante certas declarações que podem muito bem não representar a verdade. Logo que o decreto foi publicado, surgiram annuncios de *preparadores* que se propunham habilitar num anno para o exame da 1.ª parte do curso geral (correspondente a 3 annos do lyceu), ou para os dois exames do mesmo curso (5 annos do lyceu) e até para os tres exames de saída (correspondentes aos 7 annos do lyceu). Os individuos habilitados com um *curso secundario estranjeiro* ou *qualquer curso especial* podem fazer os tres exames numa mesma epoca de exames, segundo o citado decreto. Noutros paises podem os alumnos estranhos aos lyceus e estabelecimentos analogos não officiaes fazer um exame final de curso, nos institutos do Estado, um só; mas por certo nenhum buscará com um estudo por attacado obter o respectivo diploma. Entre nós ninguem condemnou a industria dos referidos preparadores como capaz de produzir um excesso de trabalho ruinoso; ao contrario foram elogiados como competentes por quem combatera a reforma de 1895 como productora de *surmenage.*

Antes de 1895 houve meninos que fazendo exames por diversos lyceus do continente e ilhas adjacentes chegaram aos quatorze e até aos treze annos de idade com todos os *preparatorios* feitos para entrarem nas escolas superiores.

Bastam esses factos para patentear a olhos que saibam ver o estado, entre nós, das ideias e dos actos no que respeita a educação. Regateia-se miseravelmente o tempo indispensavel para o desenvolvimento mental dos que aspiram aos mais altos postos no trabalho social. No espaço de 35 annos os governos conseguiram apenas elevar o prazo official dos estudos secundarios de 5 a 7 annos (normalmente dos 10 aos 17 d'idade completos). Em geral, nos paises cultos esse prazo é de 8 ou 9 annos — não termina antes dos dezoito ou dezanove d'idade. Fóra da nossa peninsula, nada se encontra em qualquer nação culta como o que no dominio do ensino secundario se passa entre nós, apesar das queixas que lá surgem sobre o papel educativo da familia.

Deve notar-se ainda que contribue para o resultado referido a opinião corrente, desfavoravel ás escolas, aos professores, ao ensino. De collaboração com os motivos já examinados, essa opinião produz larga barreira entre a familia e a escola, apresentando aquella, em geral, o professor como inimigo nato dos seus alumnos, surgindo dessa op-

posição por vezes singulares conflictos, sobretudo nos exames, o temido escolho. Ha já mais de um quarto de seculo, um professor muito conhecido, de curso superior, e ministro do Estado, depois d'essa epoca, perguntou num exame de physica e chimica, no lyceu de Lisboa, a um examinando «o que era barrella» e «por que causa sobe a limonada no tubo de cavallinho». O rapazinho não soube responder e como ficasse reprovado, provavelmente porque o seu saber não era maior noutros pontos da materia do exame, foi o alludido examinador ridicularizado nalguns periodicos e o pae do examinando veiu a vias do facto com elle. Esse pae era um publicista, orador e deputado conhecido. Em palestras defendi então, com certa restricção, o meu collega examinador. Era evidente que se tivessemos um ensino bem organizado, as perguntas condemnadas eram perfeitamente legitimas e as respostas facilimas, como applicação de conhecimentos elementarissimos. Mas dado o modo como geralmente se teem ensinado nos lyceus os principios de physica e de chimica, as perguntas transmittidas eram realmente da maior transcendencia para o saber e intelecto do alumno.

Uma outra causa, e essa importantissima, do phenomeno que estudo é o facto de se verem muitos e muitos individuos com ligeirissima carga de saber, se alguma teem, treparem aos mais altos cargos, alcançarem haveres por diversos processos, gozarem de larga influencia e consideração, emquanto outros que, como diz o povo, queimavam e queimam as pestanas a estudar, vivem por vezes em más condições, ou fruem apenas magros vencimentos, e não alcançam importancia. Triumpham os charlatães; emquanto o verdadeiro merito que se recusa a empregar a seu favor aquella famosa *art of puffing* (arte do trombeteio), tão bem descrita por Macaulay, fica ignorado, postergado. Entre nós, sobretudo, tiveram sempre a palma os charlatães. O illustre Correia de Serra, por exemplo, escrevia em 1806, de Paris, a Brotero, dizendo-lhe que este havia de ser «posposto a todos os charlatães grandes e pequenos» e aconselhando-o a que, depois de jubilado, fosse para aquella capital «gozar da estimação dos verdadeiros sabios». Hoje as condições não se modificaram na essencia, antes se agravaram, pela facilidade com que se arranja um jornalista benevolo que apregoa um sabio de valor muito dubio.

A justiça é a mais rara planta da nossa flora e a compaixão pelos imbecis é ao contrario grande. As familias por isso perguntam: «Para que trabalhar a valer?»

Os rapazes (e as meninas tambem), salvas excepções raras, reflectem as tendencias das familias. Os economistas applicaram á acção humana o *principio do menor esforço,* que Maupertuis descobrira no dominio da mecanica e os nossos rapazes justificam os economistas nesse ponto.

Domina toda essa acção negativa da familia, pelo que respeita á impulsão dos filhos para os estudos estabelecidos pelo Estado como condição para as carreiras superiores e ainda para outras mais modestas, a falta de comprehensão das condições complexas da sociedade moderna. Nas condições primitivas ou ainda mais ou menos relativamente simples da sociedade, a familia preencheu o seu papel educativo de modo efficaz: assim na sociedade homerica, na sociedade romana antes da introducção do ensino á grega, na idade media, quando não havia escolas ou estas eram raras e apenas os poetas e os sacerdotes collaboravam com a familia nas funcções educativas. Com o desenvolvimento da cultura na Grecia, a escola vem occupar um papel considerabilissimo ao lado, ou melhor acima da familia; Roma imita-a e a importancia educativa da familia decae, para se tornar mais intensa, de novo, com a decadencia da velha cultura na idade media. O renascimento produz outra vez o phenomeno inverso, de cada vez mais profundo, ao passo que a cultura moderna, em que se fundem os elementos das phases anteriores, se desenvolve com acquisições novas, em todas as direcções.

Com o desenvolvimento da cultura produz-se a divisão de cada vez maior do trabalho social, e nessa floresta densa, *rerum silva magna,* como Cicero diz da cultura do seu tempo, os individuos tendem a ver só a arvore a que se arrimam. Ministrar a todos, em doses mais ou menos fortes, os elementos fundamentaes da nossa cultura presente constitue a *questão do ensino geral,* em que se ha de enxertar o especial, profissional, e de que as familias não querem saber, em regra, e em que os sabios mesmos estão muito longe de chegar a accordo.

Segundo um conceito da educação que não póde ser approvado, porque nelle se toma a parte pelo todo, á familia incumbiria educar e á escola ensinar ou instruir (póde-se distinguir uma coisa da outra, de certos aspectos). Mas a verdade é que, como já fazia no seculo XVIII o nosso pedagogista Antonio Nunes Ribeiro Sanches, não separo (com a maioria dos pedagogistas recentes) os dois momentos: como a escola, a familia, dentro de certos limites, deve collaborar em todos os aspectos da educação, sobre tudo exercer o seu papel de renovadora das gerações, em todos os sentidos, na epoca preescolar. Sendo impossivel a realisação dum plano como o de Döring, não devendo até de modo nenhum achar desejavel que tal renovação das gerações pela familia seja puramente physiologica, em toda a politica da educação deve incluir-se como um dos principaes fins que a familia seja educadora e educadora á altura dos tempos.

Comenius e Pestalozzi viram na familia a fórma original *(Urform)* de toda a educação. Para Herbart «a educação é negocio da familia: parte desta e volta em grande parte a esta.» Na educação vejo a obra de tres agentes: a familia, a escola e a sociedade geral. Se os tres não trabalham para o fim commum, de modo harmonico, a educação está destruida.

Presentemente, póde dizer-se, o que se considera como a cellula do organismo social, a familia, exerce, pelo lado da educação, influencia que deve considerar-se anti-social, porque não só contraría intensamente a acquisição, da parte dos seus filhos, dos elementos fundamentaes da cultura necessarios para o normal exercicio das funcções sociaes, para a verdadeira dignidade humana, mas nem sequer lhes ministra uma base proficua d'educação preescolar, ultimo ponto a que consagrarei algumas palavras.

Ha, sem duvida, em o nosso país, (como noutros) um rudimento de educação familial, tradicionalista em parte, em parte resultante de influencias modernas. Um ponto que nelle salta aos olhos é que a antiga disciplina, por vezes demasiado severa da parte dos paes, cedeu o logar a um carinho que confina, a cada passo, á relaxação, nas familias abastadas ou simplesmente remediadas, e alterna não raro com a brutalidade, nas familias populares. Na vida agricola ainda os filhos aprendem e se formam, geralmente, na escola dos paes. As povoações pequenas estão um pouco mais livres dalgumas das influencias deleterias numerosas que actuam na educação dos centros mais populosos, sem que nos seja permittido sonhar com virtudes idyllicas nos camponios, cujo horizonte mental é muito estreito e cuja feição egoistica, interesseira, rotineira, é conhecida em toda a parte, embora com pequenas variantes, como mostram os retratos litterarios, por vezes um tanto carregados, como em *Le paysan* de Balzac. Na balança do nosso atraso nacional pesam muito os 60 % da população rural, em que dóa aos physiocratas de erudição barata, e pesa tanto mais quanto a educação dos centros urbanos não lhes oppõe energias efficazes.

A' educação popular da familia operaria trouxe a principal ruina a substituição da industria domestica e officinal pela fabril e por outras occupações fóra de casa, que absorvem o dia inteiro ao pae e muitas vezes á mãe. Aquella industria era, como o campo, uma escola para os filhos, onde estes adquiriam bom numero de conhecimentos e aptidões e se adaptavam ao trabalho moralizador. Não se esqueça, todavia, que esse trabalho se fazia muitas vezes em más condições hygienicas, por causa da estreiteza dos locaes, mal limpos, mal arejados, mal illuminados e da falta de regulamentação d'horas, inconveniente, que, aliás, as novas condições estão muito longe de terem suprimido. Durante mais ou menos longo tempo teem os filhos dos operarios a guarda, muitas vezes nociva, da creche, os cuidados dos irmãozitos mais velhos, com o perigo de accidentes funestos, e depois a escola da rua.

Nas familias abastadas ou apenas remediadas, o quadro não diverge na essencia, com a differença de que além é simplesmente deploravel, pelas más condições dos paes, e aqui chama seria condemnação. Os empregos, as funcções publicas, negocios varios, a politica, o que se chama a politica, os clubs, impõem aos paes de cada vez mais intensamente a vida exterior, ausencia prolongada da casa; as visitas, os passeios, as compras nas lojas, os cuidados do vestuario, em parte já as profissões, produzem para as mães os mesmos resultados; accrescem para os dois conjuges os espectaculos, os simples

salsifrés, as *soirées*, os bailes, diversões hoje muito frequentes, sobretudo nas grandes cidades, e lá se vae o tempo necessario para a educação dos filhos. Se estes acompanham os paes nos passeios, aos espectaculos, ás villegiaturas, pouco ou nada lucram, porque não recebem explicações, ensino simples de momento sobre os objectos novos que se lhes antolham, nem sequer a sua attenção é attrahida para esses objectos, nem se aproveitam ensejos para impressiva instituição moral. E' assim que tenho verificado que muitas creanças de mais de nove annos de idade, as quaes, com suas familias, deram o passeio de Lisboa á bahia de Cascaes não ficaram sabendo *de visu* onde é a Foz do Tejo, onde o Cabo de Espichel, onde a Arrabida, onde a Ponta de Santa Martha, a orientação daquella bahia, etc., comquanto tivessem aprendido de cór na sua *Chorographia* escolar que o Tejo se lança no Oceano entre as Torres de S. Julião da Barra e do Bugio: em geral julgam que o Tejo chega a Cascaes, ideia que já tenho visto reproduzida em lettra redonda, como tambem a de que o Doiro tem a sua foz no Porto de Leixões. Doutro lado, mais de um pae me tem confessado que as conversações de familia são muitas vezes proprias para perverter a prole que os escuta. A educação moral no lar está ao nivel da do intellecto. Não falemos da esthetica.

Com relação ás meninas, resolve-se em geral, o *problema educativo*, na familia abastada, arranjando uma *instutrice*, uma *Fräulein*, uma *miss*, que não seja cara ou até uma simples *bonne*, creaturas por via de regra infelizes, de educação escassa, ás vezes de proceder moral irreprehensivel, outras guias perigosas, de cujo passado não se inquire. Quando a menina murmura algumas phrases em francês, ou inglês (o que é superior), estropia ao piano alguma valsa, tango ou fado, faz algum bordado, põe colorido num desenho decalcado, está feita a educação. Ha tambem para as meninas collegios especiaes, de diversos generos, alguns muito louvados, mas que pela maior parte estão a pedir um Dickens que exponha ao mundo a especie de pedagogia alli reinante.

Tenho ouvido falar de paes que, tendo na propria casa, educadores assalariados, em aposentos especiaes, para os seus filhos, não veem estes durante muitos dias: que peso isto de ter filhos!

Nietzsche escreveu: «Qual o homem que poderá julgar-se com direito a ser pae?» e ainda: «Qual o filho que não tenha o direito de chorar por seus paes?» isto é, por ter taes progenitores (progenitores abaixo da sua missão). Essas palavras equivalem a dizer que a maior responsabilidade dum homem perante a sociedade resulta do facto de ser pae.

O grande educacionista Amos Comenius (1592-1671), que Michelet chamou o Copernico da pedagogia, denominou os institutos de educação, na sua ordem ascendente:

1. A *escola materna (schola materno gremio)*, a escola em que a mãe é a mestra, a educadora, com a collaboração do pae e dos outros membros da familia; onde a creança com a educação physica e moral acommodada, recebe as primeiras noções de todas as sciencias em fórma intuitiva, até aos seis annos completos;

2. A *escola vernacula* ou da lingua materna, que corresponde á nossa escola primaria, e em que a creança entra chegada áquella idade;

3. A *escola latina*, que corresponde á nossa secundaria, e em que se recebem as creanças saídas da anterior, com 12 annos de idade;

4. A *academia*, que corresponde á nossa universidade, e em que entram os adolescentes ao terminarem, aos 18 annos de idade, os estudos da escola latina, e cujo curso se estende até aos 24 annos.

A insufficiencia da educação familiar levou Friedrich Frœbel (1762-1852), inspirado talvez por uma ideia de Platão, a criar o jardim da infancia, em que as creanças fossem educadas dos 3 aos 6 annos d'idade, sem receberem ainda educação propriamente escolar. Doutro lado surgiram, especialmente na França, institutos com fim analogo, mas com caracter mais ou menos escolar, incluindo por isso no programma o ensino da leitura e escrita, o qual tem sido julgado inconveniente antes dos 6 ou até dos 7 ou 8 annos d'idade. Essas escolas usurpam o nome de *escolas maternas*. Por isso é que, para evitar confusões, dei a estas paginas o titulo de *escola do lar*, que no meu espirito corresponde á *escola materna* de Comenius.

Ainda quando os jardins da infancia e as

escolas maternas fóra do lar correspondessem aos intuitos de seus fundadores, ficariam entregues ao trabalho exclusivo da escola do lar pelo menos os tres primeiros annos da vida, tres annos de estrema importancia para o futuro, e ficaria a essa escola, cujo trabalho não cessa aos seis annos, mas deve prolongar-se até á idade juvenil, pelo menos, a collaboração com a escola primaria, secundaria e talvez a superior.

No vasto edificio da educação, a escola do lar constitue realmente o alicerce e os cunhaes: se ella falta, se suas pedras se desfazem ou tombam, o edificio reduzir-se-ha a uma triste ruina.

E' pois necessario restituir á familia a capacidade educativa e restitui-la de modo que fique á altura do nosso tempo. Deve ser esse um dos artigos de todo o programma de educação nacional; a realização desse objectivo não póde ser um phenomeno social isolado, mas liga-se intimamente á solução dos outros varios aspectos do problema educativo. Ha excepções ás praticas descritas: busque-se multiplicá-las, aperfeiçoá-las e torná-las a regra e modelo.

Lisboa, 10 de março de 1909.

F. Adolpho Coelho.

Ao RIBATEJO

Filhos de Portugal, nossos irmãos,
São d'entre nós os mais desventurados,
De desespêro e dôr torcem as mãos,
Levantam para o céo inuteis brados;
O céo não os escuta e a Terra vasta,
Que é a mãe dos maiores desgraçados,
Não é mãe para elles: é madrasta.

A' Terra poderosa não bastava
Vencê-los sempre em luctas incruentas,
A' sua missão áspera faltava
Condemná-los ás dóres mais violentas,
Dôres como as de Reggio e de Messina,
E num fragôr maior que o das tormentas
Cavar-lhes a miseria, o luto, a ruina!

Da Terra essa missão 'stá consummada;
Compete-nos a nós cumprir a nossa.
Não afrouxemos pois nesta cruzada
Que é santa porque as almas alvoroça.
A esses derrotados pela Dôr
Vingue-os a piedade, a minha, a vossa,
Salve-os a expansão do nosso amor.

Lisboa, maio, 1909.

Jayme Victor.

Alfredo de Andrade

A merecida homenagem que se prestou em Italia a este nosso compatriota e á qual se associaram alguns portuguezes, amantes da Arte e da fama do nosso nome, no extrangeiro, poz naturalmente em fóco aquelle distinctissimo cultor do Bello. A sua biographia já está feita: apenas relembraremos aos nossos leitores que Alfredo de Andrade, pintor paisagista de larga envergadura, recebeu da Academia de Genova, em 1869, o honroso encargo de dirigir a Escola Superior da Arte Decorativa, creando o novo typo das escolas de arte industrial, ainda subsistente em toda a Italia. Annos depois, bem apetrechado com solidos estudos da historia da arte antiga, ligou o seu nome á reconstrucção do burgo e castello feudal do seculo XV, que foi o grande ponto attractivo da exposição de Turim e que tem sido, e continuará a ser, a admiração dos forasteiros que ali affluem para apreciar essa notavel lição de historia ao vivo. Desde então o governo italiano aproveitou a alta competencia do nosso compatriota entregando-lhe a conservação dos monumentos regionaes do noroeste da Italia desde Turim até Pavia. O seu nome fez parte de todas as commissões relativas á arte; honrarias e distincções lhe cahiram aos pés, chegando a cidade de Turim a conferir-lhe o diploma de cidadão honorario, honra que outras cidades egualmente lhe attribuiram

A reconstrucção do burgo e castello medievo nas margens do rio Pó, tem de notavel sobretudo que desde o edificio até o mais insignificante utensilio do recheio, ali figurante, presidiu sempre o maximo escrupulo na representação dos incidentes constitutivos da vida social da época. Nada se pediu á phantasia: tudo obedece á realidade. O mais simples emblema, a cadeira pobre ou rica, o engenho de alçar pontes levadiças, a composição pela pintura de qualquer episodio burguez, adscrevem-se ao rigor do logar e da occasião. O travejamento das casas, os frisos a fresco, os escudos existentes aqui e ali, obedecem ao mesmo criterio; o cepo, a cadeia de ferro, o instrumento de tortura que ali se nos deparam, não duvidemos de que sejam copias fieis dos similares medievaes, como não haja duvidas sobre a exactidão das reproducções no tocante á roupas brancas, a bordados e estofos, ás alfaias e baixelas. De maneira que uma vez no recinto do burgo, podemos suppor que um milagre de alteração das leis do mundo nos levou, em carne e osso, uns poucos de seculos atraz, a um quadro social da idade-média: para a illusão ser completa, com effeito, ali se nos exhibem homens e mulheres com as vestimentas da época.

Superiormente a isto, paira a consoladora idéa de que ainda se não perderam as tradições do nosso passado brilhante, quando vimos portuguezes ensinando nas universidades da Hespanha, da França, da Italia, alguns com justificada reputação de sabios

em correspondencia ou contacto com as summidades intellectuaes do tempo. Alfredo de Andrade tem professado em escolas italianas; é uma auctoridade ouvida e acatada, em tudo quanto respeita á Arte, do norte a sul da peninsula italica; os municipios consideram-no um cidadão nascido e educado ao sôpro do ideal greco-romano de que a Italia é a mais gloriosa herdeira. Nós algum sangue recebemos d'essa mãe robustissima e não fomos por isso dos ultimos a sentir repassarem-se-nos de dôr todas as fibras do nosso ser, quando ha pouco uma tremenda catastrophe trouxe a desolação e o luto a incontaveis familias. Esqueçamos um momento a enorme dôr que trespassou a alma de quantos sabem soffrer as desventuras alheias, para pensarmos na homenagem que se vae prestar a um compatriota nosso, honra do nosso paiz, e honra da Italia que o conta como um dos mais dignos e extremados cultores da sua Arte.

Bel-Chior.

O defunto

Jaz estendido no caixão funéreo
O cadaver do misero operario.
Na vida, caminhando incerto e vario,
De tabernas fugia, grave e sério.

Era um temente a Deus, e no mysterio
Dos bosques se aprazia, solitario.
Hontem, morreu, e envôlto no sudario,
Vai emfim repousar no cemiterio.

Fóra, chovia, e o sibilar dos ventos,
A voz d'um môcho que nas trevas pia,
A ais se uniam, sepulcraes acentos;

Em contorsões, a viuva se carpia,
E em meio d'esses tragicos lamentos,
Sómente a alma do defunto ria.

JOÃO PENHA.

UMA VISTA DO ROCIO

Uma viagem á volta do Rocio

O meu amigo Alvaro Silva, ficára de me apresentar aquella noite em casa de madame C***, de quem os jornaes diziam maravilhas, sobre a maneira clara e positiva, como esta senhora predizia o futuro de quem a consultava a tal respeito.

Não admira portanto que eu sentisse uma certa anciedade em me defrontar com a celebre vidente, não porque cresse em taes maravilhas, mas simplesmente por experimentar sensações, se as sentisse.

Combinára estar com elle ás nove horas á esquina da rua do Carmo, cá em baixo, do lado da rua do Principe.

Puxei pelo relogio e vi que eram apenas oito.

— Bem!... disse eu com os meus botões, tenho tempo de dar por ahi uma volta pelo Rocio.

Dito e feito.

Accendi um cigarro e comecei a andar lentamente, a passo de patrulha da municipal, nariz aproado ao norte e bordejando pelo lado occidental, vendo as montras e admirando os que passavam.

O Rocio a esta hora da noite é um verdadeiro formigueiro, principalmente por este lado, que é o que vae mais directamente dar á Avenida, e Estação do caminho de ferro.

Gente de todas as classes se cruza de baixo para cima e de cima para baixo, n'um continuo vae-vem. Mulheres e homens de todas as categorias, desde o aristocrata até ao vendedor, desde a operaria até á *cocóte*, tudo se empurra, tudo se acotovella, tudo quer passar e tudo passa, fazendo zig-zags pela rua fóra.

Junto á montra da *Rouparia Alves*, installada á esquina da Rua do Principe, na casa onde outr'ora esteve o deposito de ma-

chinas do Beirão, dois homens escolhiam gravatas através do vidro da montra, achando umas escuras de mais, outras claras de menos, e seguiram depois por ali adeante, discutindo côres e gostos que só elles tinham.

A' transparencia do grande vidro, via-se realmente enorme sortimento de gravatas de todos os feitios, punhos brancos e de côres, camisas, collarinhos de altura desconforme, parecendo feitos para muralhar um castello e não para o pescoço d'um homem; piugas, e mais objectos de vestuario masculino, tudo em profusão, bem disposto, como a convidar, como que a attrahir a gente.

Fui andando.

Mais adiante, na escada ao lado da antiga *Chapelaria Julio Cesar dos Santos,* raparigas costureiras esperavam que as companheiras sahissem, e emquanto as mães se entretinham na má lingua umas com as outras, discutiam estas, coisas que a *mestra* tinha feito ou dito sobre o trabalho d'aquelle dia.

Duas das raparigas que estavam fóra da porta, encostadas á hombreira, cochichavam em voz baixa, e riam sorrateiramente, d'um sujeito que passava todo lamecha, a endireitar-se muito, a fazer-se rapaz á força, apezar dos annos lh'o não consentirem, e as pernas se recuzarem, desejosas de descanço.

— Olha que ainda está muito bem conservado!... dizia uma tendo frouxos de riso na voz.

— Com *sorvado* é que tu queres dizer. Não vês como é *maduro?*...

Riram então muito, e foram chamar as outras, puxando-lhes pelas capas, para verem o *janota.*

— Então?!... Vamos, filha, que são horas!... berrou uma velhota que até ali não tinha tido pressa. Ainda tenho de fazer a ceia a teu pae!...

— Espere um bocadinho, mãe, deixe vêr se a Etelvina vem para baixo! Vamos todas juntas.

As duas que estavam fóra da porta, acotovellaram-se quando um rapaz, bem posto, passou por pé d'ellas e as comprimentou.

— Conheces?

— Ora!... disse a interpellada, bem me importa a mim!...

— Pois sim, sim!... Não é com essas!...

Deixei-as dialogar á vontade e segui o meu passeio.

Pela porta estreita da *Monaco* entravam homens a comprar tabaco, procurando jornaes estrangeiros, romances, folhetos, etc.; um desejava o *Petit Journal,* outro o *Times,* aquelle um jornal hespanhol, este o numero tantos dos *Serões.* Indagavam onde se assignavam, onde era a redacção, quanto custavam, coisas a que o dono da casa, o nosso amigo Cruz, respondia attenciosamente sem se apoquentar, sem se enfadar nunca, com aquella sua bondade caracteristica, que tanto tem captivado todos os que com elle lidam.

A' porta do estabelecimento via-se o costumado cavaco de litteratos e jornalistas, falando sempre mal do ultimo livro de Fulano, que estava cheio de galicismos crivado de erros grammaticaes; do artigo de fundo de Sicrano, aspero como todos os demonios, uma espada desembainhada contra o governo... que assim não é que se fazia politica, diziam.

Um poeta distincto, de grande cabelleira a sahir-lhe por baixo das ábas do côco, e delgadinho como uma fasquia de casquinha, lia a outro uns linguados d'almaço, sua ultima producção que breve viria á luz da publicidade, e pedia ao amigo a sua opinião franca, sincera, que dissesse, que diabo!...

— Está bom, palavra de honra!...

— Ha aqui um verso... não sei se reparaste... não gosto da *tonica*... tem pouca *cadencia*... queres vêr?...

Fugi.

Sentia já os cabellos em pé ainda antes de o ouvir declamar.

Sob a *marquise* da *Succursal do Seculo,* uma multidão enorme lia as ultimas noticias de maior sensação, no mostruario de fundo azul escuro, em que as letras brancas realçavam, dando a impressão de caracteres feitos a giz sobre lousa.

Lá dentro porém, aquella luz branca dos globos electricos, punha uns tons pallidos de luar, na *maquette* do monumento ao grande poeta João de Deus, collocada ao centro da casa, para todos poderem admirar o bello trabalho do distincto esculptor Moreira Rato, cujo valor artistico é de ha muito conhecido.

Dos frequentadores, uns liam o *Supplemento* e paginas do *Seculo* expostas nas vitrines, a cuja luz bem distribuida se podia analysar como se fosse dia, todos aquelles impressos.

Outros admiravam as photographias e quadros em leilão a favor dos famintos do Douro, emquanto o empregado da casa, muito atarefado, muito solicito, tomava apontamentos e dava imformações dos varios assumptos sob que o imterrogavam.

Pelas paredes, pintadas a meias-tintas, viam-se os mappas de Africa, Portugal, Angola, etc. que davam á casa um tom elegante e chic.

Mais adiante, a *Rouparia Azevedo,* toda inundada de luz, chamava a attenção dos

Militares e paisanos entre os quaes se viam dois ou três medicos mais em evidencia, discutiam coisas dos seus mistéres.

Um major da Municipal com os seus galões doirados a luzir muito e o kepi posto na nuca, commentava os ultimos acontecimentos. Dois outros, formando grupo á parte, discutiam balistica e tatica militar, pondo em relevo os exercicios da Escola pratica de Torres Novas e o campeonato do cavallo de guerra.

COSTUREIRAS A CAMINHO DE CASA

que passavam, embora fossem despreoccupados, tal é a maneira caprichosa como a casa, de um luxo quasi oriental, convida a entrar e a fazer compras, por pequenas que sejam.

Dei dois passos. Senti então crescer-me a agua na bôcca, e puz-me a mastigar em sêcco, ao vêr a montra da *Antiga pastelaria Carvalho.*

Fructas crystallisadas, que a luz electrica fazia scintillar, acamadas em cartonagens phantasticas, punham tons brilhantes em todo aquelle conjuncto de goloseimas. Tive desejos de ser caixeiro da casa para me poder saciar á vontade.

A' porta da botica dos *Azevedos,* a scena era outra.

Os caturras medicos, combinavam entre si a melhor maneira de dar cabo da humanidade, e achavam que Charcot, Pasteur e outros eram uns pataratas, e que estavam a perder tempo inventando coisas para curar o genero humano.

— Estar cá com *bacilos*, e... o diabo!...

— Se a humanidade se cura... dizia um, é uma *seccura* para nós!...

Os outros riram do trocadilho.

Proximo da *Joalheria Lory,* quasi á esquina da Calçada do Carmo, duas mulheres e uma criança espetavam as cabeças pelo vidro da montra em riscos de o partirem, admirando com olhos cubiçosos os adresses de brilhantes expostos em estojos

de velludo de côres diversas, que lantejolavam á luz viva das pêras electricas.

Ao atravessar para o lado da *Tabacaria Neves,* o cego que costuma fazer paragem n'este local sobraçando uma quantidade enorme de jornaes, deu-me um encontrão que me fez pizar, sem querer, um pobre gallego, o qual levando a mão ao saco, me mimoseou com um:

— *Boxê parece que num bê!!...*

Fiquei na duvida se era comigo se com o cego que falava, e fui seguindo.

plumas brancas, que lhe dava um aspecto de pelle-vermelha.

Do lado direito, uma guitarra em fórma de lyra, toda cheia de embutidos a madreperola e madeiras differentes, chamava a attenção dos amadores que analysavam a pericia e paciencia do artista executor do instrumento, ao fundo do qual se via a etiqueta do fabricante em grandes letras pretas no meio de vinhetas caprichosas.

Mulheres bonitas, de fatos espaventosos e grandes chapéos da ultima moda, passa-

LENDO AS NOTICIAS DA TERRA

Na entrada da tabacaria e montra do *Neves,* era tanta a gente que quasi impedia o transito.

Collados ao grande vidro de crystal, uns poucos de individuos passavam em revista as photographias e bilhetes postaes espalhados caprichosamente pelo interior da vitrine, onde se destacavam no primeiro plano os retratos do rei e principe mortos, do infante D. Affonso, D. Amelia, D. Luiz, D. Maria Pia, juntamente com João Franco, etc., e ao centro, de envolta com caixas de charutos caros e pacotes de tabaco arrebentados, o retrato a oleo, de El-rei D. Manuel, já vestido com o seu uniforme de generalissimo, com o seu capacete de grande cocar de

vam dengosas, saracoteando as ancas, mostrando, umas o que eram e não pareciam, outras o que pareciam e não eram.

Mais adiante, no *Passo da Graça* armado em bengaleiro, viam-se algumas bengalas baratas, alinhadas e encostadas á porta que estava fechada, emquanto rapazes e homens gritavam desesperados aos ouvidos de quem passava:

— A tostão e a dois tostões, cá estão bengalas baratas!

No momento em que um d'elles me mettia pelos olhos uma das taes bengalas, passou perto de mim uma rapariga bem vestida, de fato leve e provocador, grande chapéo preto, *boa* de pennas brancas posta

a trainel pelo meio das costas, e que me disse em voz baixa:

— Bôa noite, visinho!

— Bôa noite, voltei eu agradecido, e ficando parado a scismar quem seria.

— Visinho?! Aquella cara não me é estranha, não... mas... espera!... Querem vêr que é... que é!... Ora que não me lembra o nome... Ah!... já sei!... a Sophia, a filha do tisico. Coitada!... Onde veiu parar!... Era de esperar!...

Lembrei-me então de todo o seu passado, de toda a sua infancia, de quando ella andava a brincar pela rua da Cruz de Soure, com as outras pequenas da sua idade...

Conheci muito bem o pae.

A mãe, via-a uma vez unica. Quando sahiu de casa n'um caixão para o cemiterio dos Prazeres.

Morreu tisica, cheia de privações, de miseria...

Tanto luctou para matar a fome, que afinal a fome a matou a ella...

No dia em que sahia o caixão... parece que ainda estou vendo a pequenita agarrada a elle, sem deixar que os moços o levassem, a chorar pela sua querida mãe, que muito a estimava...

O pae, esse era vendedor ambulante de fructas baratas, nesperas, figos, uvas... e quando não havia nada d'isto, lá ía com umas couvesitas ou umas alfaces meladas, a arrastar-se, já minado pela doença...

A pequena ficou para ali, na rua, ao Deus dará, ás sôpas d'uma... ao caldo d'outra...

Foi crescendo... crescendo...

D'ali a poucos mezes de ter morrido a mãe, deu entrada o pae no hospital, e um dia, quando foram para o visitar, já estava enterrado!

Era de esperar!

E a pequena a crescer... a crescer... a desenvolver-se... a fazer-se mulher... e bonita...

Sem ter ninguem que olhasse por ella, e com tanta gente a olhar para ella...

Era de esperar!

. . . .

Adiante...

Sigâmos o nosso passeio:

Entre a porta do *Estacio* e o *Café do Gelo*, a esturdia estudantada da Polytechnica e Escola do Exercito discutia, cantava, assobiava, fazia um barulho ensurdecedor, despreoccupada da vida, e só pensando em dar cabo das mezadas paternas.

A' porta do *Mattos Moreira* e esquina correspondente, pequenas floristas cavaqueavam com os estudantes, tendo phrases garotas e rindo do que elles lhes diziam, emquanto alguns varinos apregoavam o *Correio da Noite* e a *Illustração do Seculo*, com gritos de pôr os cabelios em pé.

Atravessei para defronte, direito ao Theatro de D. Maria, mas quando o fiz, não reparei no carro electrico que ía para a Avenida, e ao fugir-lhe, por pouco não fiquei debaixo d'um automovel que me atirou para cima d'uma bicyclette, á qual escapando, me fez roçar pela trazeira d'um trem e dançando um *kake-walke*, fui esbarrar com o *cruzador* do amendoim que *fumava*... satisfeito por me vêr n'esta dança.

Esperando os carros, em frente do Theatro, o povo agglomerava-se e corria ávido a arranjar logar n'aquelle que lhe convinha, empurrando-se, atropelando-se, d'uma fórma malcreada e bruta, sem nenhuma consideração nem respeito, olhando apenas á sua conveniencia.

A frente do theatro com as suas seis columnas jonicas, dava-me idéa d'um templo pagão da antiga Roma, emquanto o Gil Vicente, de pé, posto lá em cima no vertice do angulo, fazia equilibrios para não cahir cá a baixo e partir a cabeça a algum paciente que estivesse á espera de carro para... *Santo Amaro*...

Ao recanto da escadaria, n'uma immobilidade de estatua, um homem de oculos pretos, e de mão estendida, esperava que lhe dessem esmola, segundo se deprehendia da taboleta negra com grandes letras brancas que trazia pendente do pescoço, em que se lia: JA VI, AGORA NÃO VEJO. Dei-lhe um cobre e passei adiante atravessando para o lado orientai.

A' esquina, a montra da *Chapelaria Azevedo Rua*, repleta de chapéos de todos os feitios e tamanhos, convidava o transeunte a entrar e comprar.

Entre elles porém, havia uns de côres berrantes, — amarellos, rôxos, verdes, etc., — todos de *aba-tela* e maiores do que a roda de um carro de bois, que pareciam expostos e dispostos a *armar desordens* mesmo dentro da montra, mas o policia, parado á

esquina, sorria ao olhar para elles e a dizer lá comsigo:

— Não ha novidade!... *A gente* cá está...

Dois passos mais, e quasi tive de vir apanhar o meio da rua para passar sem ficar... como hei de dizer?... sem ficar *sub-fazendado*, debaixo das enormes pilhas de peças de panno de todas as côres e feitios, chitas, rendas... eu sei... coisas expostas pelas lojas do *Povo, Guimarães*, etc., que tomam bem, bem... metade do passeio, apezar de largo.

Nos *Grandes Armazens do Rocio*, cheios de fazendas até ao tecto e a todo o comprimento da casa, que atravessa o quarteirão até á rua de S. Domingos, gente de differentes classes fazia compras e sahia sobraçando embrulhos bem empacotados.

Depois parei um bocado á esquina da rua do Amparo, e fui vêr a loja de *ferragens do Thiago* cujas montras cheias de fechos e escudetes de feitios caprichosos, mostram quanto aquella arte está desenvolvida e o bom gosto do dono da casa, no fornecimento que faz todos os annos.

Quando passei perto dos *Dois Irmãos Unidos*, veiu lá de dentro um cheiro agradavel de comida bem cozinhada, fazendo-me lembrar que ainda não tinha jantado. Mas o meu amigo não podia tardar, e... depois falariamos.

Paradas á esquina da rua Augusta umas vinte pessoas esperavam carros electricos que as conduzisse. Uma velhota, que não sabia ler, perguntava azafamadamente ao guarda-freio d'um carro que ia para o Conde Barão:

— Vae para o *Campo Grande?*

— Vae para o Campo de Manobras!... respondeu aquelle, troçando. Quer vir?

Todos riram da chalaça e a velhota coitada, continuaria a esperar o electrico para o *Campo Grande* pela rua Augusta, se um individuo lhe não tivesse ensinado onde devia esperar o carro para aquelle sitio.

FREQUENTADORES DO ROCIO

Estava agora ao sul da praça.

As montras da *Gravataria e rouparia Pimentel & Rosado*, todas brilhantes e enfeitadas de setins e sedas de phantasia para *plastrons*, desafiava a curiosidade dos que passavam, e que admiravam a grande variedade de gravatas, meias, piugas, ligas, botões de punho, etc., etc., que se viam expostos.

A' entrada da porta, uma estatueta representando uma odalisca com o seu diadema de sequins a enfeitar-lhe a cabeça, e fato de

côres berrantes, apoiando as mãos a uma delicada mezinha de madeira escura, parece aguardar, sorrindo, os que entram, e a gente sente-se transportado, ao entrar n'aquella loja, a um d'esses contos das *Mil e uma noites*, tal é a profusão de luzes e a maneira caprichosa e artistica como tudo aquillo está disposto.

Dois passos andados, cheguei então á *Tendinha*, á celebrada *Tendinha* do afamado vinho de Collares, ponto de reunião de toureiros e aficionados de todas as *estações do anno*, onde só se discutem, touros, cavallos e... mulheres.

Individuos de cara rapada, muito escanhoada, conversam animadamente com cocheiros de praça, de maneira que se a gente dirige a palavra a algum, acontece confundir-se; julga estar falando com um *diestro* e afinal sae-lhe um cocheiro, ou fala com um cocheiro e sae-lhe um *diestro*.

Mas é n'aquella pequenina casa que se formam *carteis*, se delineiam corridas, se combinam vindas de *espadas*, se trata de tudo que diga respeito á arte de Fuentes.

Toureiros da velha guarda ali se reunem a contar feitos e tardes do seu tempo, tardes de gloria que não voltam, aquellas tardes do Batalha, do Mourisca, dos Robertos, dos Peixinhos pae e filho, em que a velha praça do Campo de Sant'Anna vinha a baixo com gente, e isto comparado com as tardes de hoje... Como tudo estava mudado!

— E' uma desgraça para a arte; dizem elles comovidos, a arte está morta!...

Desde a *Tendinha* até á esquina da rua do Ouro, todo aquelle quarteirão parece deserto, sem luz, sem vida.

Só uma casa se destaca das outras n'este bocado de rua.

ESPERANDO O ELECTRICO A' ESQUINA DA RUA AUGUSTA

E' a casa *Pontes & Martins* cujo bom fornecimento de fazendas para senhoras e crianças chama concorrencia selecta áquelle estabelecimento.

E, a não ser esta, ha uma ou outra loja de modas que a maior parte das vezes não illumina as montras para não gastar gaz, e faz com que todo aquelle pedaço passe despercebido. E' talvez o ponto mais triste da praça do Rocio.

Parei um instante e depois de accender outro cigarro, puz-me a sonhar com aquelle Rocio d'outros tempos, aquelle Rocio onde a a Inquisição levantava as suas fogueiras para imolar as victimas d'uma crença que não era a sua, mas que não seria talvez peor.

E via passar, ante os meus olhos bem abertos n'esta occasião, via passar como phantasmas, essas pobres victimas, sacrificadas ao fanatismo d'uma religião antagonica d'aquella prégada pelo Nazareno, que tanto ambicionava que nos «amassemos uns aos outros como irmãos» e que «não fizessemos a outrem aquillo que não desejavamos que nos fizessem!»

Que doutrina tão sublime e tão adulterada foi!

Se fosse possivel resuscitar alguem d'esses tempos de horrivel memoria, como esse alguem não sentiria differença ao comparar o Rocio de então com o de hoje!

Este Rocio que tem sido o theatro onde se tem representado tanto drama, tanta tragedia, e onde tem corrido tanto sangue e perdido tanta vida!

Mas não vale a pena estar agora com philosophias recordando tempos idos, e continuemos o nosso passeio.

Do outro lado, porém, na esquina da rua do Ouro, a *Tabacaria Costa,* com a sua montra bem illuminada, replecta de bilhetes postaes illustrados e photographias diversas, obriga o povo a perder meia hora a vêr as collecções, e não raro é impellido pelo desejo de possuir um ou outro postal, a entrar e comprar, para mandar a um amigo ausente, ou mesmo para guardar como recordação.

Não se vá imaginar agora, que é nosso intuito fazer reclamo a esta ou aquella casa, mas verdade é, e bem sabida, que quem deseja a photographia d'um actor ou de qualquer celebridade, corre em primeiro logar a esta tabacaria, e quando ali não haja, raro é encontrar-se n'outra parte.

Estava eu tambem embasbacado vendo os bilhetes postaes expostos, quando senti baterem-me no hombro.

Voltei-me e vi o amigo Alvaro, por quem esperava.

— Ora, graças!... exclamei jubiloso.

— Parece-me que ainda não é tarde, voltou elle, mostrando-me o relogio; são oito e quarenta, ainda tenho vinte minutos a meu favor.

— Isso é verdade, mas estou aqui desde as oito, e se não fosse a *viagem* que fiz, tinha morrido de aborrecimento.

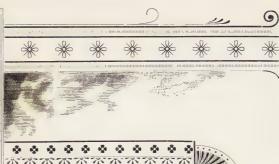
— Uma viagem?!...

— Sim, uma viagem. E já ia em retirada para casa.

— Ora essa! E a nossa combinação?

— Sim, sim, bem sei! Tens de *vêr hoje uma bruxa comigo*... Pois vamos, porque quero saber se ella será capaz de adivinhar a minha *viagem á volta do Rocio*...

Photographias de Carlos Alberto.

RICARDO DE SOUZA.

Soneto d'Amor

De ramo em ramo, como um passarinho
Que aprende a voar com timidos receios,
Porque das outras aves os gorgeios
Ha muito o tentam a fugir do ninho,

E procurando o sol, como um céguinho
Que ouve, mas não vê, os males alheios,
Procuram os meus beijos os teus seios
E o meu destino segue o teu caminho.

Os teus braços me prendem e, cativo,
A' sombra do teu corpo emfim me aquieto;
Procuro e não encontro o coração!

E como um passarinho fugitivo
Vou dar com elle palpitante, inquieto,
A tremer, a tremer na tua mão.

O amor dos homens

Vendo correr as nuvens que o sol doira,
Ao pé do mar, que é um verde lago quieto,
Da ultima andorinha, Gerty, a loira,
Segue no azul do céo o vôo inquieto,

Colhe conchas na praia e as enthesoira
Com grácil modo e infantil aspèto,
Beija-me, e em seus beijos sobredoira
De todo o nosso amor o claro afèto.

Mas eis que me repelle e em chôro diz:
— O amor dos homens é um alegre bando
D'aves d'arribação, todas rivaes,

De céo em céo, de país em país,
De coração em coração voando,
Como a andorinha que não volta mais!

Pedroso Rodrigues

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXXIII

Paulina emmudece

Tencionava ir ter logo com Blondel e communicar-lhe estas espantosas novas, mas o creado Edward não foi capaz de o descobrir nem teve mais noticias d'elle. Na verdade, o facto de que estávamos cercados era conhecido até dos creados mais humildes, e deixara-os como paralisados pelo medo. O que mais os impressionava, creio eu, era o isolamento do amo. Na sua ausencia os homens contavam historias de phantasmas. Preveniram-me que era arriscado passear no parque mesmo em pleno dia. Se eu duvidava do fundamento da affirmativa, não podia deixar de crer na honestidade das suas apprehensões.

E, para falar a verdade, não me sentia com coragem para me apresentar de novo ante Mr. Cavanagh. Isto não significava tanto falta de coragem como a comprehensão que no presente momento elle não podia fazer nada a meu favor. O homem que lucta com os banidos de muitas nações nunca deve dormir. Jehan Cavanagh dormia desde que viu o filho doente. E havia presumpções que seriam os outros quem pagariam as differenças, e principalmente a minha adorada Paulina.

Affligiram-me muitos dias de dúvida e de perplexidade na minha vida, mas nunca tive um dia como aquelle. Era de uma belleza que me apoquentava. O sol dardejava os seus raios a prumo sobre o parque, o lago mantinha-se immovel como uma placa de chumbo, pelo arvoredo perpassava uma brisa suave. Em casa tudo parecia dormir; dir-se-hia que os bosques estavam tão desertos como no tempo da conquista. E o peor ainda, é que, segundo as mais sinistras hipotheses, estavam cheios de doudos do Oriente,. . . que nas bouças e vallados se occultavam phisionomias lúgubres, vedetas do caos, e que seria a Inglaterra e não Baku o theatro do espantoso drama prestes a representar-se. Esta probabilidade só a admittia com reluctancia. Havia como uma sombra de consolação em pensar que a verdade brilharia, que qualquer attentado anarchista seria reprimido a tempo, que não era a primeira vez que as predestinadas victimas se tinham subtrahido á sua sorte.

Era uma triste reflexão, mas nem o momento nem as circumstancias me suggeriam outra melhor. Jantei no meu quarto ás oito horas e esperei ahi que me trouxessem noticias de Blondel. A's dez o creado Edward participou-me que «Monsieur» partira para Londres, e que não declarara quando voltava.

— E o menino Ion, Edwvard? O medico voltou?

— Voltou ás dez.

— Como o encontrou?

— A mesma coisa. O patrão está muito mal.

— Quererá elle falar commigo, Edward?

— Não recebe ninguem até que a crise do filho se resolva a favor ou contra.

A declaração era clara, não havia dúvida, e, na verdade, descobrira já que o melífluo creado não proferia senão as palavras absolutamente necessarias e sem elevar o seu tom de voz. A sua declaração franca confirmava a minha convicção, que não seria sensato diligenciar ver Mr. Cavanagh, pelo menos n'essa noite. Todas as minhas anciedades tinham de durar até o dia seguinte. Ficara desapontado com a participação que Prospero Blondel se retirara, nem eu o podia censurar por tomar essa resolução. Tomara as precauções que entendera, suspeita que se radicara em mim quando o grande projector electrico do observatorio subitamente illuminou todo o parque e mostrou os relvados transmittindo-lhe uma belleza inexcedivel. Os meus olhos encontravam agora alguma coisa para se distrahir. Conservava-me ali muito bem assentado junto da janella fumando o meu cachimbo e meditando nos segredos que a matta occultava tão perto de mim. Que pachorrentos elles eram! Que ridiculo o nosso medo se me afigurava rebuscando tudo, pesquisando a erva orvalhada, prateando as arvores com a luz electrica, pondo-nos de atalaia como se estivessemos em pleno sertão, espiando tudo e vendo em tudo misterios. Esse projector que Jehan Cavanagh collocara em Waterbeach devia ter ido para ali por uma noite como aquella. Previra elle, ao guerrear os banidos da humanidade, que poderia um dia ter que luctar contra o mundo, envergonhar-se de chamar em seu auxilio as mesmas leis que desprezara, punido pelo mesmo Deus que julga tanto os accusados como os accusadores? Todos estes pensamentos me acudiam n'essa noite. Que forte não fôra, que habilidade não demonstrara no momento do combate, e hoje vivia afflicto n'aquella noite silenciosa, attento a qualquer grito de angustia do filho, ancioso pela ameaça do dia seguinte! Fôra o ultimo a sentir medo na tragedia que se desenrolava. Se o filho morresse Jehan Cavanagh tornar-se-hia um assassino.

Narrei que a luz perscrutava os sitios mais occultos do parque, e que esta vigilancia se prolongou pela noite adeante. Pela minha parte tão depressa pensava em me ir deitar, como em passear, como em partir para Londres. A corrente de sustos que subia e descia no meu coração, amargurado com o pesar de ter trazido Paulina para Inglaterra, alternava-se com o affecto que eu dedicava ao dono da casa, com a recordação das horas que passei em Antuerpia e em Madrid, com a lembrança do meu primeiro encontro com Paulina na sua cellula em Bruges. Tudo isto relampejava no meu cerebro, tirando-me toda a energia para qualquer resolução.

Deliberei procurar Jehan Cavanagh e solicitar-lhe a liberdade de Paulina em nome do meu amor. Era uma resolução energica tiral-a de casa ao romper do dia, e, arriscando tudo, quer os riscos do parque, quer os perigos remotos de Londres, dirigir-me direito a casa de lady Elgood e aguardar ali que o universo nos julgasse. A' medida que a noite decorria e o silencio se tornava mais profundo principiei a acreditar que tambem eu ali estava preso, que nunca conseguiria escapar-me da escravidão d'esta casa, que morreria servo de uma louca e dos seus pesadêlos. Este ultimo pensamento enchia-me o espirito com exclusão de quaesquer outros. Esta obcessão não me largou até que o projector electrico se apagou de subito e que se sumiram de todo os reflexos prateados espalhados pelo parque e relva.

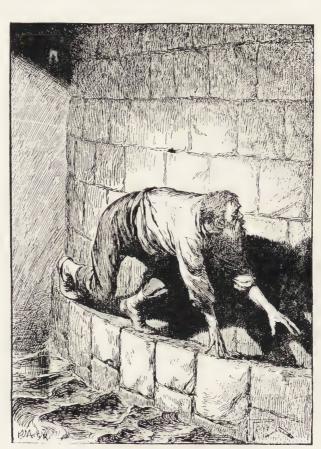
Dormiria a gente do Observatorio? Parecia. Esperei durante muito tempo á janella e fumei umas poucas de cachimbadas antes do projector tornar a surgir. Foi então que percebi que a luz fôra dirigida para a banda norte da casa, para o lado do telheiro das embarcações onde eu descobrira o creado Robiniof. O caso em si não significava muito. Quem trabalhava com o projector costumava por vezes proceder assim, fazendo incidir os feixes luminosos durante alguns minutos sobre um objecto distante. A manobra passar-me-hia despercebida e teria olhado para outra parte se um subito relampago do projector não tivesse varrido de novo o parque, e posto em foco, com assombrosa nitidez o vulto de um homem, que se arrastava pela

orla da muralha sobranceira ao lago e caminhava de rojo em direcção da esquina occidental dos aposentos de Paulina.

Já descrevi que a muralha se erguia quasi a prumo da agua nas proximidades do jardim existente na ilha. A orla por onde o desconhecido deslisava offerecia apenas o espaço preciso para o homem pôr os pés e as mãos. Se não era sonho o que via, o intruso, corria por alli fóra com uma agilidade e rapidez que me surprehendia. Esta visão durou um segundo, mas foi o bastante. Todas as obcessões de ha pouco me assaltaram de novo. Havia ali um homem, um assassinio evidentemente, que atravessara o rio para matar Ion Cavanagh. Só um milagre o poderia salvar. Um instante depois precipitava-me para aquelle ponto, tropeçando em tudo, desnorteado, Ao ouvido segredava-me uma voz que dizia. «Louco! Foi uma visão nada mais. Vae-te deitar e ri dos teus receios!»

...O VULTO DE UM HOMEM
QUE SE ARRASTAVA PELA ORLA DA MURALHA...

Todos sabem com que hesitação se alarma uma familia que dorme a somno sôlto. O somno é uma coisa quasi sagrada. Passamos perto de quem dorme, calados, com passo cauteloso, com uma mordaça nos labios. Mesmo nos instantes de medo reprimimos os gritos. E não ha duvida que as exclamações abafadas que ouvimos nos melodramas são verdadeiras, humanas. Apenas me achei fóra do quarto, assaltaram-me milhares de perplexidades. Seria uma illusão? Vira eu realmente um homem a rastejar pela orla da muralha do lago ou fôra uma simples phantasia dos meus sentidos? O silencio respondia-me affirmativamente. Deslisei pela escadaria e não ouvi sequer a respiração de ninguem. Ninguem se mexia; se alguem estava de vigia, não dei pela sua presença. Principiei então a tremer com frio. Era uma loucura aventurar-me. Mas não me importava. O meu ouvido era excellente, se o perigo fosse grande voltaria immediatamente.

A curiosidade era mais forte que o temor. Para falar com franqueza achava este silencio pouco natural. A menos que não considerasse Blondel e os seus homens traidores ou imbecis, a ausencia completa de sentinellas dava-me que scismar. Onde estavam as atalaias que vira hontem e que guardavam o quarto do doente? Fiz esta pergunta a mim proprio e dirigi-me, pelas escadas para a ala occidental. Tornei ahi a applicar o ouvido. Sobresaltou-me um som que eu não podia definir. Detive-me um instante, escutei e o som repetiu-se. Alguem conversava baixinho e um dos interlocutores era

mulher. Lembrei-me que seria Madame Cavanagh ou qualquer das creadas. Mas não tive tempo para discutir commigo mesmo. Pensei n'outra coisa. Subi outro lanço das escadas. Aqui o ruido das vozes tornou-se mais distincto. Adeantei-me um pouco mais pelo corredor adeante e o ruido cessou completamente. N'esse mesmo instante a escada inundou-se de branca claridade projectada por uma grande lampada que surgiu no tecto. Olhei e encontrei-me, com grande surpresa minha, em presença de Jehan Cavanagh.

Vestia um comprido roupão de côr clara, com os cordões da cintura desatados. Na sua phisionomia reflectia-se uma expressão que eu nunca lhe vira. Revelava-se n'elle uma nova anciedade, até medo. E no entanto a sua apparencia era cheia de magestosa bondade. Pelo que dizia respeito aos meus actos não tinha censuras a dirigir-me.

— Ingersoll! — bradou — faça favor de me acompanhar.

Não respondi. Cavanagh voltou-se e começou a andar apressadamente pelo corredor fóra em direcção da porta do quarto de Paulina. Era impossivel n'aquelle breve espaço conjecturar quaes eram as suas intenções ou lançar qualquer luz n'este estranho encontro. Acompanhei-o, mas seriamente apprehensivo. Tão apprehensivo que desejaria não tornar a passar tão maus momentos.

Que succedera a Paulina? Que voz ouviria eu. Era possivel que nos dispuzessemos a accusal-a de um crime que só a imaginação criava? Morrera a creança e chegara o momento crítico? Cada minuto representava para mim uma terrivel tortura e nem por toda a riqueza de Cavanagh eu consentiria em me conservar n'aquella incerteza até o fim do dia. E estavamos no começo d'elle. Estas reflexões decuplicaram de intensidade, quando ambos escutamos á porta, sem que ninguem nol-a abrisse.

— Por amor de Deus diga-me a verdade! — exclamei eu por fim. — Que aconteceu? Que significa isto?

Cavanagh respondeu-me com toda a gentileza.

— Paulina salvou a vida de meu filho, Ingersoll. Esteve para perder a d'ella por causa da sua coragem. Espero que não lhe tenha succedido nada mau. Não ouve nada? Não ha nenhum movimento no quarto?

Escutei mas o meu coração batia tão clamorosamente que não lhe podia responder. Não chegava até nós nem um som, nem um murmurio.

— Está morta! — gritei, mas Cavanagh socegou-me collocando a sua mão sobre a minha.

— O melhor é arrombar a porta, Ingersoll. Vou chamar gente.

Levantou a voz e chamou em russo. Appareceram immediatamente tres dos creados com Fédoro á frente.

— Arrombem essa porta — ordenou Cavanagh.

Obedeceram sem demora e entramos de roldão. Não havia ninguem na primeira sala, que se debruçava sobre o jardim. Mas no quarto de dormir, que olha para o sul, encontramos Paulina sem dar accôrdo de si nos braços de Madame Cavanagh.

XXXIV

O MILAGRE

Ouvira dizer que não é facil recordarmo-nos das pequenas coisas nos grandes acontecimentos da nossa vida. A minha experiencia affirma o contrario. A memoria reflecte-me com a maior fidelidade as horas de terrivel emoção que passei. Acodem-me as mais pequenas minudencias quando escrevo ou falo no assumpto, n'esse supremo acontecimento de Waterbeach, tão imprevisto, tão pasmoso na fórma como sobreveio.

Devo declarar antes de mais nada, que o quarto estava na maior desordem. Mesmo na sala as mesas e cadeiras estavam n'uma confusão que revelava o drama que ali se dera. As janellas achavam-se escancaradas em todos os aposentos. A luz, observei, brilhava com toda a intensidade e Madame Cavanagh estava completamente vestida. Paulina trazia um roupão branco, apertado na cintura por uma faixa do Oriente, mas o braço apresentava manchas de sangue e o hombro nodoas negras. Reparei em tudo isto de relance quando entrei com Mr. Cavanagh e a impressão que recebi foi a mais sinistra possivel.

Relatei que entráramos na sala juntos, mas Mr. Cavanagh ao penetrar no quarto afastou-se do meu lado e correu para sua mulher. Recordo-me como se fôra hoje do

olhar baço e triste, do rosto pallido da minha adorada Paulina. A minha intervenção impetuosa justificava-se pelo muito que esse espectaculo me impressionou. Julguei que Paulina estivesse morta e os segundos pareceram-me seculos emquanto não adquiri a certeza do contrario.

— Catharina! Porque está aqui, Catharina?

Mr. Cavanagh dirigia-se á pobre senhora que se encontrava a seus pés. Ella respondeu-lhe n'aquella voz doce que eu já ouvira no jardim.

— Houve aqui uma grande desgraça, Jehan. Mande chamar o dr. Hanson, faça favor.

M. Cavanagh não respondeu. Ficou meio absôrto, olhando para sua mulher como se estivesse sonhando. Quando recuperou o uso da fala ordenou para Fédoro:

— Mande a Kenton Park immediatamente; Frederico que vá.

— Muito bem, muito bem — accrescento madame Cavanagh — Robiniof que o acompanhe. Será mais seguro.

Mr. Cavanagh tornou a olhar para a esposa como assombrado.

— Concordo Catharina, será mais seguro. Robiniof que vá tambem.

Era pasmoso ouvil-o confirmar o que dissera a pobre senhora. Acreditei no milagre que já me surprehendera no jardim, de manhan. O anáthema da loucura já não pesava sobre a casa. Fosse o que fosse que tivesse acontecido n'aquelle dia restituira a razão a Madame Cavanagh. Foi o que comprehendi, mas um tanto vagamente, como um homem que vê ante si uma felicidade em que não acredita. Vi rosarem-se as faces encovadas de Jehan Cavanagh, respirou mais desopprimido, os olhos resplandeceram-lhe subitamente como se n'elles se accendesse a luz de uma grande esperança. Foi só então que me lembrei de Paulina, que reagi contra mim mesmo e corri para o lado d'ella.

— Ponha-lhe a mão sobre o coração — aconselhou-me Cavanagh.

Obedeci e informei-o que ainda vivia.

— Está desmaiada — adduziu; — talvez tenha o braço quebrado. Mas é muito nova, Ingersoll, salvál-a-hemos. Com a ajuda de Deus não ha-de ser nada, salvál-a-hemos para si, Ingersoll.

E' do que me lembra da extraordinaria conjuntura. Categoricas como eram essas palavras, não respondi a nenhumas. Obsecava-me a pertinaz crença havia muito tempo de que Paulina morreria n'esta casa.

Nem mesmo ouvindo a sua voz me renderia á evidencia. Mas tive que me render. Por fim Paulina abriu os olhos e olhou em redor. Eu ajoelhei e beijei-a. Pareceu-me, não sei porquê, que era a ultima vez que a beijava.

— Por favor, Ingersoll — rogou ella, tão baixinho que quasi não a ouvia — por favor não me toque no braço.

Que poderia eu responder a uma súpplica daquella natureza? Procedi como qualquer outro procederia. Desejava possuir uma eloquencia inspirada para lhe communicar tudo quanto eu pensava e sentia, e acabei por não lhe dizer nada. Quando chegou o doutor Hanson, encontrou-nos a nós, a madame Cavanagh e a mim, ao lado de Paulina, e a Mr. Cavanagh passeando ainda pelo quarto, dominado pela surpresa que o avassallara e que era o milagre d'aquella noite. O medico não era homem que se espantasse com coisa nenhuma, tantos misterios e segredos conhecia de Waterbeach e de quem nelle residia.

Deixámol-o no cumprimento da sua missão, eu e Mr. Cavanagh, ao passo que Madame Cavanagh chamava uma das creadas para a ajudar. Dirigi-me para a sala proxima onde ambos diligenciávamos occultar a impaciencia fingindo interessar-nos pelo que acontecia para além das janellas. Ninguem se enganava com esse fingimento — a futilidade da conversação trahia o facto — mas cada um de nós principiou a narrar historias, como o faria Paulina se se encontrasse ali.

— O acontecimento relata se em poucas palavras — disse Mr. Cavanagh após uma digressão sobre coisas triviaes. — Um homem qualquer tentou escalar a janella. Paulina assomou-se nesse momento e repelliu-o. Que succedeu a esse homem, Ingersoll? E' capaz de adivinhar?

Receava fazel-o e confessei-lh'o com franqueza. Nem sequer lhe quiz perguntar como é que Madame Cavanagh entrara no quarto. Soubera que Mr. Cavanagh mandara afrouxar a vigilancia que as condições mentaes da pobre senhora exigiam. Um cavalheiresco sentimento de delicadeza pelo

passado fazia com que lhe repugnassem essas precauções, e a sua nobre conducta fôra generosamente recompensada. Eis o motivo porque hesitei em lhe responder. E emquanto essa indecisão durava levou-me elle até a janella aberta e pediu-me que o informasse do que via d'ali:

— Olhe acolá para o lago, Ingersoll, — disse-me; — que vê além?

— Vejo homens no lado de lá com lanternas — respondi.

— Não ha ali um barco?

— Não vejo nenhum.

— Lembro-me agora que o mandei guardar. Sabe porque aquelles homens estão ali, Ingersoll?

— Conjecturo.

— E' o nosso velho amigo Dubarrac em carne e osso. Veio aqui para matar o meu filho, Ingersoll. E a sua protegida... mas não devo por ora falar em semelhante incidente... é cedo de mais, Ingersoll. O caso é tão momentoso para si como para mim... é estupendo!

Mr. Cavanagh calou-se abruptamente e fechou a janella. Não podia adivinhar a intenção que o obrigou a emmudecer tão de subito e tambem não lhe fiz nenhuma observação a tal respeito. Toda a minha esperança residia para além da porta que se fechara sobre nós. Não podia occultar essa impressão nem mesmo de Mr. Cavanagh, e quando sua mulher appareceu, implorei-lhe pelo amor de Deus que me dissesse a verdade.

— Vive ainda? — perguntei-lhe.

A sua mão cahiu sobre a minha como se fôra a pétala de uma rosa, o seu coração de mulher manifestou-se então, e respondeu-me:

— Não lhe podia trazer melhores noticias, Mr. Ingersoll.

Em seguida voltando-se para o marido disse-lhe:

— Jehan, leva-me onde está meu filho.

Tapei a cara com as mãos, não me atrevia a olhar para os dois. O anjo da suprema reconciliação bafejava-os com o seu halito. Jehan Cavanagh encarou-me e comprehendeu o meu escrupulo.

A felicidade renascia para ambos. Mr. Cavanagh podia confiar o pêso dos seus desgostos áquelle coração que tanto o amava. O dia seguinte illuminou um espectaculo da mais legitima ventura

XXXV

A memoria de Jehan Cavanagh

Foi dez dias depois de seu filho estar livre de perigo que Madame Cavanagh, encontrando-me na grande bibliotheca de Waterbeach, me contou pela primeira vez o que realmente succedera em Baku.

E' natural que eu não me esqueça de nenhuma das circunstancias de uma tão imprevista narrativa, e para mim, por muitos motivos, terrivel. A' medida que o tempo caminhava cada vez se radicava mais no meu espirito a convicção de que essa formosa dama ou faria ou destruiria a minha felicidade, que o meu futuro estava nas suas mãos. De modo que quando ella me dirigiu a palavra fiquei altamente commovido. Approximava-se a hora solenne. Ao almoço, quando toda a gente se levantara, Madame Cavanagh pediu-me para a acompanhar á bibliotheca e declarou-me que ali conversariamos ácêrca de Paulina. Encaminhei-me para lá tendo a certeza que tinha um segredo para me revelar. Pode imaginar-se do meu estado de espirito quando, da revelação feita, dependia ou a minha ventura ou o aniquilamento dos meus sonhos.

Principiarei por contar que a antiga fabula da hora sinistra não fôra acreditada em Waterbeach. Aquella noite milagrosa, que arrancara o véo dos olhos de Jehan Cavanagh, trouxera-lhe tambem a certeza que seu filho não morreria. Não posso dar uma explicação racional da fé que de mim se apossou, mas parece-me que ella penetrara na minha alma no momento em que os dois esposos renasceram um para o outro. Nada depois m'a afugentou. O sol já principiara a brilhar para elles. Era eu o unico que ficava envôlto na sombra da duvida em que o misterio me mergulhara.

Nunca mais se falara em attentado nem em coisa semelhante em Waterbeach. A morte de Dubarrac, que cahira da janella de Paulina sobre as pedras do eirado, e o completo restabelecimento de Mr. Cavanagh, o que lhe permittiu voltar a desempenhar o seu antigo papel, abriu-nos os bosques e permittiu que andássemos por onde queriamos. Um jury equitativo proferiu um veridictum absolutorio e a imprensa bem encaminhada descreveu a emergencia

como um caso curioso de tentativa de roubo á mão armada, com a aggravante da casa ter estado cercada durante muitos dias, e que essa audaciosa tentativa fôra frustrada pela coragem de uma mulher. Lêmos as noticias e rimo-nos d'ellas. Sabia-nos bem cavalgar pelos campos fóra e respirar o ar puro, e comprehende-se que, fosse o que fosse que houvesse de nos acontecer, o palacio do Fen tornara-se inexpugnavel.

Escrevera isto antes do inolvidavel dia em que me encontrei com Madame Cavanagh na bibliotheca, e que ahi aguardei, como um accusado a sua sentença, a narrativa que ella se dignou fazer-me. Embora mulher formosissima, a sua demorada enfermidade não passara sem deixar vestigios; mas havia principalmente nas suas maneiras uma timidez, um acanhamento que parecia exprimir: «Existe alguma coisa na minha vida de que eu nada sei, que os outros sabem, mas que receiam contar-me». Este modo caracterisava a sua attitude tanto para mim como para seu marido, cuja dedicação por ella não se póde traduzir por palavras. Todos nós críamos que essa apprehensão havia de desapparecer, e quando me achei deante d'ella na bibliotheca nessa momentosa manhan, observei que a confiança em si mesmo voltara.

— Mr. Ingersoll — principiou ella, convidando-me a acompanhál-a ao vão de uma ampla janella — sabe porque eu lhe pedi para vir aqui esta manhan?

— Para falar ácêrca de Paulina, Madame Cavanagh.

Assentiu com uma inclinação de cabeça e lançou um olhar para o sitio onde a encantadora menina convalescia numa cadeira de vime sob as vistas carinhosas do proprio Jehan Cavanagh.

— E' verdade, para falar de Paulina. Não deve ser surpresa para si, Mr. Ingersoll... Ha uns poucos de dias que eu pergunto a mim mesmo porque não tinha já falado...

— Fui eu quem primeiro o solicitou — declarei — no dia que me encontrei com Madame Cavanagh no jardim.

— Sabia que tinha empenho n'isso, principalmente depois d'aquella terrivel noite. Deve ter pensado muito ácêrca d'esses acontecimentos... comprehendo muito bem a sua anciedade... mas socegue que não occorreu nada que fosse do meu dever não lh'o relatar.

Fitei-a com uma pergunta anciosa no olhar.

— E' senhora e hade contar-me tudo, porque amou.

Suspirou e voltou a cara. Um raio de sol coou-se obliquamente através da janella e incidiu sobre a sua cabeça. Se eu não a conhecesse tão bem diria que era uma rapariga nova. Esta impressão de juventude restituiu-me a coragem que as suas palavras me tinham tirado. Não podia acreditar que ouviria dos seus labios uma sentença que me roubasse n'um instante toda a recente esperança que a entrevista me inspirara.

— E' mulher — repeti — e hade ser bondosa. Preciso conhecer a historia de Paulina... não posso viver sem a conhecer.

Quedou-se silenciosa durante um momento e em seguida virou o rosto para mim. Do jardim subiu até nós o echo de uma gargalhada juvenil. Ouvi a voz de Paulina, e em seguida a voz do filho de Madame Cavanagh.

— Ouça — exclamou ella subitamente, volvendo-se para mim e collocando a sua mão na minha — se fosse amigo de um homem e soubesse qualquer coisa que lhe roubasse a felicidade, contava-lh'a ou guardava segredo, Mr. Ingersoll? Sou eu quem lhe faço a pergunta... uma mulher. Guardava segredo ou revelava-o?

Era imposivel equivocar-me ácêrca da gravidade d'estas palavras. Acudiu-me de subito á memoria que talvez Paulina tivesse sido accusada para poupar outra pessoa. Seria essa pessoa o proprio Jehan Cavanagh? Justos céos! Que pensamento!

— Guardava segredo ou revelava-o, Mr. Ingersoll?

Apertei a cabeça com as mãos e occultei o rosto durante alguns minutos. Depois disse:

— Conforme as circunstancias; conforme a pessoa a quem o revelasse e conforme o alcance dessa revelação.

— Era essa opinião que eu desejava ouvir — respondeu Madame Cavanagh.

— Deixe-me pensar — atalhei; — ha conjunturas em que o silencio se impõe. Em que só a consciencia é bom juiz, em que a comprehensão nítida do dever obedece a principios immutaveis do fôro íntimo.

Madame Cavanagh ouvia attenta e confirmava cada palavra com uma leve inclinação de cabeça.

— Não devem haver mais dias tristes n'esta vida, Mr. Ingersoll.

— Não os haverá nunca mais se os factos se passaram como eu penso.

— E se a realidade contrariar essa esperança? — proseguiu ella. — O senhor tornou-se para meu marido como um filho. Disse-m'o elle. E se não conseguirmos justificar Paulina a seus olhos?...

— Eu pretendo principalmente que Paulina se justifique aos meus, Madame Cavanagh. Mas deixe-me declarar-lhe que nunca acreditei na sua criminalidade. Assaltaram-me maus pensamentos em Bruges e envergonho-me d'elles; mas mereço desculpa, provocou-os uma confissão, a da propria Paulina, que se apresentava como criminosa.

— Confessou que seu irmão George não podia ser accusado?

— Seu irmão?

— O que se casou com Adriana Renaudier em Odessa.

Não podia responder uma palavra a tal respeito. Madame Cavanagh proseguiu socegadamente:

— Paulina tem nuito sangue francês nas veias. A sua familia foi sempre considerada em Baku como franceza. Seu irmão casou-se com uma senhora d'essa nacionalidade. Sobreveio depois o tumulto. Lembro-me muito bem dessa noite de terror e de soffrimento. A turba estava doida. Os poços de petroleo ardiam. Mataram alguns desditosos á porta de minha casa. Uma das minhas creadas foi assassinada quasi nos meus braços. Os Mamavieffs tornaram-se suspeitos a toda a gente. Facilmente se acreditou que Francis Cavanagh, meu sogro, fôra morto com um tiro por um delles...

— Ao passo que?... balbuciei eu, com os labios tão sêccos que com difficuldade pronunciei essas palavras.

— Ao passo que foi elle que se matou a si proprio, Mr. Ingersoll.

Deviam ter decorrido cinco minutos antes de eu recuperar o uzo da fala. Não podia transmittir á minha interlocutora o que sentia... mas tambem não se tornava mister. As supremas alegrias da nossa vida são com frequencia fructo das coisas mais simples. Fizera milhares de conjecturas sobre a verdade da historia de Baku e nenhuma d'ellas tocara sequer as raias desta possibilidade. A presente conversa descerrara as cortinas do misterio, um braço gigantesco correra-as de lés a lés.

— Deu um tiro em si mesmo! — bradei porfim — e sabia isso, Madame Cavanagh?

— Sube-o ha dez dias quando Robiniof chegou aqui vindo de Bruges.

— Não me quer contar todos os pormenores?

— Vou contar-lhos... devo-lhe essa attenção. Francis Cavanagh amava Adriana, mulher de George. Se isto se tivessa espalhado depois da sua morte, o boato ser-lhe-hia prejudicial... suspeitariam com certeza d'ella ou fariam com que se suspeitasse.

— Comprehendo tudo — declarei — e esta rapariga mentiu, a principio para salvar a vida de sua cunhada; depois, para seguir os dictames da sua vaidade; e por ultimo... sim chegamos ao final, Madame Cavanagh... para que seu marido não soubesse toda a verdade.

A affectuosa senhora não encarara o caso por esse ponto de vista, mas eu apanhei-o immediatamente. Oh, como tudo se explicava tão singelamente! Esse tal Francis Cavanagh, um razoavel libertino, fôra ameaçado da revelação da sua aleivosía pela mulher a quem deshonrara; Paulina receou que accusassem a cunhada e mentiu a toda a gente. Não me relatara em Bruges que Jehan Cavanagh fôra uma especie de pae para ella? Não precisava d'outro argumento; podia deitar a correr de alegria e gritar com toda a força dos meus pulmões: «Está innocente! Está innocente!»

— Madame Cavanagh — declarei eu n'um impulso — guardarei este segredo até que os seus labios me concedam a liberdade de falar.

Estacou e estendeu-me ambas as mãos.

Cumpri a promessa como me comprometti... até o dia em que o proprio Jehan Cavanagh me ordenou que escrevesse tudo.

. . . .

Disse que fôra elle o proprio quem me ordenou para eu escrever toda a historia, mas muitas coisas tinham acontecido antes. Devia talvez mencionar primeiro os bellos e socegados dias que se seguiram em Waterbeach ao acontecimento; as manhans de outono cheias

de sol, as noites dormidas de um somno, a paz que reinava em toda a casa levavam a acreditar que tudo fôra um pesadêlo. Paulina recuperara a graça e vivacidade de outr'ora e insistia que não a poupássemos. Ainda trazia o braço ao peito e havia momentos que apesar do sol intenso as suas faces não se rosavam, mas até isto se foi modificando com o rodar dos dias. Um dia com grande surpresa minha Mr. Cavanagh participou-me que eu ia partir para o sul.

— Embarque no meu yacht — disse-me — e vá a Argel, a Tunis e depois ao Egypto, Ingersoll. Não se esqueça que ella nasceu no Oriente. Um inverno passado neste paiz seria uma penitencia que não tem direito a impôr-lhe. Escrevi para Greenwood e a embarcação estará prompta dentro de uma semana. Escusado será dizer-lhe que pode ir onde quizer. Tenho aqui uma carta do nosso amigo Blondel, que está agora em S. Petersburgo.

Não podia ler a carta escripta em russo, mas conjecturei facilmente qual era o seu conteudo. Descobri que Jehan Cavanagh tambem tinha um segredo... adivinhara-o havia dias. A injustiça da sua louca accusação apoquentava-o e amargurava-lhe o espirito. Acabou, porém, por afugentar essas idéas. Fôra uma mulher quem lhe trouxera a remissão dos seus erros.

— E Mr. Cavanagh? — perguntei-lhe voltando-me para elle.

— Vou fazer uma excursão pelas montanhas, Ingersoll — respondeu-me com um ligeiro sorriso — vou ao Canadá. Nunca se lembrou que estes horizontes por aqui são acanhados? Preciso de ir até as montanhas e estudar de novo um pouco o mundo. Mas escreva-me a miude, Ingersoll... dê-me noticias de sua mulher.

Supponho que me mostrei um tanto enleado ao ouvir estas palavras, mas logo elle começou a falar d'outros assumptos.

— O rei Canuto quiz monopolisar o mar, Ingersoll — disse elle — mas apesar de tudo os homens fizeram o que quizeram. Construiram quebra-mares e portos; reclamam agora a terra para a semear. O que ninguem é capaz de conseguir é entravar a grande onda humana do progresso, é obstar que chegue á meta. Aqui tambem ha um mar onde se desencadeiam as tempestades. Os navios hão-de naufragar e os homens e as mulheres hão perecer inexoravelmente. E' uma inundação terrivel e quem esquecer a verdade perecerá arrebatado por ella. Convenço-me de que a liberdade humana precisa alguma vez ter como agente a loucura dos homens. Nenhum homem que navega n'esse mar tem direito a pensar apenas no seu fragil barco e destruir os outros para que possa viver. Foi isso que fiz até agora. Creio que usurpei poderes que a minha consciencia não me podia dar, e procedi mal. A lei pertence ao legislador. A sociedade que não se pode proteger a si mesmo... nenhum homem a pode salvar... ninguem por seu moto proprio. O senhor comprehendeu isto desde o principio... os seus artigos e discussões sobre a sanção individual tinham razão de ser, Ingersoll. Agradeço-lhe tudo quanto fez, tudo quanto me disse... principalmente as suas palavras de Madrid. E' n'isso que reside o perigo... no instincto sanguinario, na tendencia para a barbaria. Salvou-me d'esse abismo e lembrar-me-hei d'isso emquanto viva.

Respondi evasivamente, e, na verdade era confissão que não exigia resposta. O dedo de Deus escrevera um livro para Jehan Cavagh e escrevera-o de modo que todo o mundo o pudesse ler. Nada tinha a retorquir-lhe senão affirmar-lhe que diligenciara cumprir o meu dever e que sentia por elle profundissima estima. Mas tudo isto era sabido e não valia a pena insistir em semelhante coisa.

Recordo-me que passeávamos a cavallo quando se realizou esta conversa, e que n'esse momento avistámos o palacio e que se nos depararam duas pessoas que esperavam por nós no eirado. Estava ali a porta do nosso paraiso, e, sem trocarmos mais palavra, apressamos o passo dos cavallos n'essa direcção. Era meio dia, lembro-me, e o sol chegava ao zenith.

(Fim.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.

Historia

PARA

Creanças

O Cabello da Princeza Rosabella

(Conclusão)

A princeza quiz acompanhal-os mas não poude, tão pesado era o trambolho que lhe pendia da cabeça.

— Que fazer? perguntou o rei.

O primeiro ministro encostou á testa a ponta do dedo pollegar da mão direita, pensou muito e disse:

— Deve-se cortar o cabello da princeza.

— Que maravilhosa idéa! exclamaram todos, com excepção do chanceller, que nunca achava bom o que fazia ou dizia o collega, e do cozinheiro-mór, que estava distrahido, pensando que o assado, que tinha deixado no forno, podia estar feito em esturro, e que o pagem tinha já tempo e retempo de haver mandado o tal doce á pá do bucho.

Vae então a rainha mandou chamar a sua costureira-mór, e o rei o seu alfaiate-mór, e ordenaram-lhe que trouxessem immediatamente todas as tesouras que tivessem á sua disposição.

E ambos trouxeram as tesouras que arranjaram e começaram logo a cortar o cabello da princeza. Cortaram, cortaram, até se cançarem; tambem se empregaram em cortar quantas pessoas foram apparecendo e as que o rei e a rainha mandaram chamar á sua presença. Por fim as tesouras ficaram todas estragadas, mas o cabello não parou de crescer.

Desesperado, o rei mandou comprar todas as tesouras que houvesse no seu reino, e ordenou que viessem ao palacio todos os cabelleireiros da capital e arredores. Cortaram os cabelleireiros, cortaram as cuvilheiras, cortaram os pagens, cortaram todas as pessos que havia no paço, e o cabello da princeza não parou de crescer, de crescer!

E quanto mais o cortavam, mais depressa elle crescia, mais engrossava. E até de noite crescia, quando Rosabella estava a dormir, e então cobria o travesseiro, e descia, ás on-

das côr de ouro, por ambos os lados da cama e espalhava-se pelo sobrado feito de madeiras preciosas. E pesava tanto!...

Rosabella, coitada, já não podia passear, e nem mesmo sentada ou deitada se sentia bem. Foi emmagrecendo, e perdendo as côres, ajoujada pelo cabello. E tambem peorou de genio, tornando-se verdadeiramente insupportavel.

O que ninguem sabia era o que se havia de fazer com o cabello cortado á princeza.

O chanceller imaginou vendel-o para cabelleiras e crescentes, aos cabelleireiros do reino, mas nenhum d'estes quiz comprar cabello que tinha sido enfeitiçado por um corvo magico.

Tentaram então queimal-o, mas por mais lenha que lhe puzessem por baixo, o cabello não ardia.

Dentro em pouco não havia canto nem recanto do palacio que não estivesse atulhado de caixões, caixas, caixotes e cestas cheias com o cabello da princeza.

E o cabello de Rosabella ia crescendo sempre, crescendo cada vez mais.

O rei e a rainha andavam mortos de desgosto; os pagens não podiam já comsigo, por causa da trabalheira de andarem escada abaixo, escada acima, acarretando cestas de cabello; o erario regio achava-se exhausto com a despeza feita para a compra das tesouras, e o primeiro, ministro deante de tantas difficuldes, já estava, com pasmo geral, decidido a pedir a demissão.

Mas n'um bello dia o cozinheiro-mór ouviu um dos bichos da cozinha real dizer a outro:

— Capaz de remediar esta desgraça ha só uma pessoa. E' uma certa mulher de virtude que vive na serra, ao pé da aldeia, onde está a minha avó.

— E onde está a tua avó? perguntou-lhe o cozinheiro-mór.

— Está na aldeia ao pé da serra onde vive a tal mulher de virtude.

E o cozinheiro-mór disse isto ao chanceller, e o chanceller disse-o ao primeiro ministro, e o primeiro ministro disse-o ao rei.

Vae o rei mandou chamar o bicho da cozinha e perguntou-lhe a maneira de encontrar a mulher de virtude.

— Saberá Vossa Magestade, respondeu o bicho de cozinha, que, diz minha avó, somente uma creança é que pode encontral-a.

— Tragam á minha presença o mais moço dos meus pagens! disse o rei.

O primeiro ministro e o chanceller desataram a rir quando viram entrar o pequeno, entendendo que era disparatado poder uma creança saber uma coisa que elles, tão sabios, ignoravam.

— Podes levar-me a casa da tal mulher de virtude? perguntou o rei ao pagemzito.

— Saberá Vossa Magestade que sim.

— Então vamos!

— Antes d'isso, objectou o bicho de cozinha, tem Vossa Magestade que despir o seu fato de côrte e tirar da cabeça a sua corôa de oiro fino. Dizia a minha avó que só encontrará a mulher de virtude quem a fôr procurar com a humildade e simplicidade que teem as creanças.

O rei seguiu o conselho do bicho de cozinha, o que fez rir ainda mais o primeiro ministro e o chanceller.

E depois de dizer adeus á rainha, poz-se a caminho, levando o pagemzito a seu lado.

Toda a gente veiu ás portas ver o rei atravessar a cidade, só com aquelle companheiro, a pé e vestido pobremente.

E assim foram andando leguas e leguas, passaram rios e subiram montanhas, aonde poucos tinham chegado até então, pois, conforme dissera o serviçal do paço, eram as creanças o melhor guia para aquelles logares.

E' que além moravam as fadas e os sonhos, e a porta d'essa mansão encantada sómente se abria a quem fosse limpo de coração.

*

* *

Volveram-se mezes e mezes. E o cabello da princeza tinha continuado a crescer e crescia cada vez mais depressa.

A rainha andava na maior afflicção, porque tanto o primeiro ministro como o chanceller lhe diziam que o rei talvez não tornasse.

Rosabella ia de dia para dia peorando de genio, e o bicho de cozinha, desterrado pelo primeiro ministro, tinha ido ter com a avó, para a choupana onde a velha morava no meio da matta. Em todo o reino já não havia uma só tesoura que cortasse.

A rainha ia todos os dias á torre mais alta do palacio, e deitava os olhos para a estrada, por onde tinham ido o rei e o pagemzito, até que chegou um dia em que avistou muito longe uma nuvemsinha de poeira. Attentou melhor e descobriu dois homens, que vinham andando muito devagar. Conheceu que eram o rei e o pagem. Correu para o andar nobre e chamou pelo primeiro ministro, pelo chanceller e pelas cuvilheiras, e sahiu de corrida a encontrar-se com o marido.

— Então? Achaste a mulher de virtude? perguntou-lhe de longe.

O rei poz-se muito serio e respondeu:

— Achei, sim, minha amada esposa, mas, receio-o bem, não devemos ter a menor esperança. A mulher de virtude disse-me que não ha nada capaz de desfazer o feitiço de que Rosabella está padecendo, a não ser que ella forme um desejo pelo bem de outra pessoa.

A pobre da rainha rompeu em soluços, dizendo:

— Então está tudo perdido! A nossa filha vae-se tornando, de dia para dia, peor para todos.

Toda a gente da côrte olhou uma para a outra, com cara desconsoladas, e o pagemzito, que tinha ido com o rei, murmurou atravez de um bocejo:

— Quem me dera voltar para o reino das fadas e dos sonhos!

A princeza, vendo as caras de toda a gente, bateu fortemente com os pés no chão e gritou:

— Ninguem tem nada com o meu cabello! Quem me dera que elle crescesse tanto que chegasse a cobrir todo o palacio!

E o cabello cresceu ainda mais, e mais ainda cresceu o mau humor de Rosabella. Ninguem já se lhe approximava, com medo dos seus repentes.

Uma vez, estando sósinha a uma janella, com o farto cabello espa-

lhado em volta de si e descendo pelas muralhas do palacio, viu uma coisa muito triste.

Era de inverno e sobre o palacio, a cidade e as montanhas distantes havia uma alva mortalha de neve. Todas as manhãs a rainha, que tinha muito bom coração, distribuia pão e caldo a muitos homens, mulheres e creanças que enchiam o pateo do palacio.

Rosabella baixou os olhos para os pobresinhos e viu-os com o fato em frangalhos e os rostos mais brancos do que mortalha de neve. E com os olhos da princeza encontravam-se os das pobres creancinhas, algumas ainda ao collo das mães, mas já padecendo fome, tanta fome!...

Uma das rapariguinhas, talvez a mais fraca de todas, estava a tremer de frio, aconchegando a si o fatinho esburacado. Viu a princeza, fitou n'ella os olhos grandes e azues e sorriu-lhe com meiguice.

Ha que tempos ninguem lhe mostrava alegria!

Rosabella ficou pasmada e sentiu de repente no peito um estremecimento agradavel, e um calor suave. Ao mesmo tempo, quasi sem ter consciencia do que dizia, exclamou:

— Quem me dera que o meu cabello se tornasse em roupa muito quente, para vestir aquella pequenita e todo esse povo!

Ouviu-se um grande barulho, e appareceu o corvo magico. Fez tres mesuras a Rosabella, á rainha e ás cuvilheiras, que acabavam de chegar e disse:

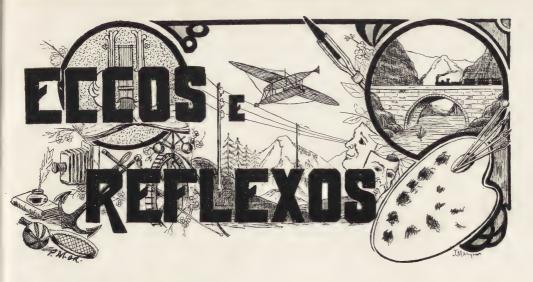
Vae findar o mal, princeza,
Que padecias ha tanto.
Alegra-te com presteza,
Acabou-se o triste encanto.

Fez outras mesuras á rainha, á princeza e ás cuvilheiras e fugiu pela janella, desapparecendo no ar como fumo. Ao mesmo tempo cahiu no collo da rainha uma coisa que luzia muito. Era o pente de ouro, que, tornado em passaro doirado, tinha desapparecido pelos ares.

Ainda mais para admirar foi que todos os caixões, caixas, caixotes e açafates, onde estava guardado o cabello de Rosabella, appareceram cheios, por encanto, de boa roupa para os homens, mulheres e creanças que tiritavam de frio no pateo do palacio. E a princeza desceu logo até elles, pela escadaria de marmore, e distribuiu tudo com as suas proprias mãos.

Quando se lhe approximou a rapariguinha de olhos azues, Rosabella pediu ao rei que a deixasse ficar no palacio, para sua companheira de brinquedos. Como a desgraçadinha já não tinha pae nem mãe, o desejo da princeza poude ser satisfeito.

E houve d'ali por deante muita alegria no paço, onde todos principiaram a dar-se bem uns com os outros, á excepção do primeiro ministro e do chanceller.

Rosabella curou-se do mau genio porque era muito moça ainda; mas os dois, que já estavam bastante avançados em annos, não se curaram da inveja, que os roía lá por dentro.

Senhoras em evidencia

Litteratura

D. Maria O'Neill, é o nome d'uma distincta senhora que tem hoje um logar de destaque nas lettras do nosso paiz.

MARIA O'NEILL

Como poetisa deu-nos, ainda não ha muito, no seu livro intitulado *Nimbos*, uma alta documentação do seu bello talento de mulher-artista.

J. de Sousa Monteiro e Bulhão Pato prestaram-lhe gentilmente as mais affectivas homenagens da sua admiração e da sua justiça nos prefacios que servêm de portico aos *Nimbos*. Como prosadora a sua obra dispersa no jornalismo, affirma-a uma trabalhadora incansavel, muito correcta, d'uma elegancia e simplicidade encantadoras.

São d'esta illustre senhora os seguintes primorosos versos que a seguir publicamos:

Resoluções

Posso!... quero! e não vou. Vergada ao soffrimento
Que ora se abate ao pranto, ou d'alto em raiva espuma
Pareço um choupo nú que em vão sacode o vento
Embora lhe arrancasse as folhas uma a uma!

Posso, quero, e... não vou. Que a vida se consuma
Neste vae-vem de dôr, semelhante ao tormento
D'avesita que em vida um ser cruel despluma
Deixando-a sem abrigo ao corpo friorento.

Posso! Que viver morta é bem peor que o nada
E na morte completa... ainda tenho fé...
Quero! não verei mais a sua face amada...

Eu sinto força em mim para morrer de pé.
Não vou! Se junto d'elle a vida é desolada
Se d'elle me afastar... nem vida ao menos é.

Arte applicada

D. Maria Moniz Tavares, é uma bella artista na accepção mais levantada do termo. Os seus trabalhos de pintura applicada, de lavôres, de modas, de tudo

D. MARIA E. ESTEVES COSTA MONIZ TAVARES

quanto são prendas de senhoras, são verdadeiros prodigios. Apresentou lindos e perfeitos especimens na exposição iniciada pela illustre professora a Ex.ma Sr.a D. Luiza de Sousa.

Pedagogia

D. Maria Monteiro de Sousa Costa, é uma das mais consideradas professoras de Lisboa. Proprietar a e directora do Collegio de Nossa Senhora das Dôres, estabelecimento modelo no seu genero, o ensino significa pa a a illustre pedagogista um santo apostolado. Oriunda de uma familia nobilissima, filha de um official superior do exercito miguelista, neta de um antigo ministro da marinha do rei proscripto e sobrinha do patriarcha de Lisboa D. Patricio, que baptisou el-rei

D. MARIA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO DE SOUSA COSTA

D. Pedro V e D. Luiz, conserva intactas as severas tradições da sua extirpe. As suas discipulas adoram-na, os que a conhecem de perto veneram-na.

Musica

Viscondessa de Faria Pinho. — Destaca-se no nosso meio elegante pela sua distincção e pelo seu temperamento artistico.

Procurando exteriorisar as finas sensibilidades da sua alma de artista, a senhora viscondessa de Faria Pinho tem encontrado na musica, essa fórma deliciosa.

Sem alarde, para goso intimo do seu espirito, a illustre titular, sempre que a sua delicada saude lhe permitte, tem produzido innumeros trabalhos musicaes, alguns já apreciados do publico, outros ainda ineditos, todos attestando sempre a sua inspiração e o seu talento.

Comprovando as nossas palavras damos hoje com o titulo — *Poema d'Amor*, uma deliciosa composição que devemos e agradecemos á gentileza da inspirada maestrina.

Alexandre Rey Collaço. — Pianista distinctissimo e professor dos mais illustres é tambem um compositor de largo fôlego.

Discipulo de verdadeiras celebridades europeias, não levou muito tempo sem que creasse uma reputação fulgurante. Embora nascesse para além das fronteiras é hoje tão português como o mais patriotico filho de Portugal.

Não ha ninguem em Lisboa que o não tenha ouvido

e por consequencia applaudido com o enthusiasmo que a sua maneira de interpretar e executar merece O seu *Fado* é uma das paginas mais sentidas e delicadas da nossa musica. Sente-se n'elle toda a vibração da alma popular.

Litteratura estrangeira

MAARTEN MAATENS

Insigne romancista hollandês, que está produzindo com as suas obras uma verdadeira revolução na litteratura.

Dr. Affonso Penna

O telegrapho, no seu inexoravel laconismo, surprehendeu e enlutou todo o povo portuguez com a noticia da morte do Dr. Affonso Penna.

O Conselheiro Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, Presidente da Republica do Brazil, nasceu em Minas Geraes a 30 de novembro de 1847. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo em 1870, e quatro annos depois foi eleito deputado provincial e renovada a eleição em 1878.

Em attenção aos serviços prestados na Assembléa Provincial, foi o Dr. Affonso Penna, eleito deputado federal successivamente até 1889.

Serviu como Ministro da Guerra em 1882, passando no anno seguinte a gerir a pasta da Agricultura.

Em 1885, foi chamado pelo conselheiro Saraiva para exercer as funcções de Ministro da Justiça, sendo-lhe conferida a gloria de referendar a lei de 28 de setembro, que declarou libertos os escravos maiores de sessenta annos.

Proclamada a Republica, foi eleito á Constituinte mineira, e em 20 de janeiro de 1892, os suffragios dos seus amigos o elevaram ao cargo de Presidente de Minas. Coube-lhe n'esso posto a gloriosa tarefa de transferir a capital do seu Estado para Bello Horisonte. Findo o seu governo foi nomeado pelo Dr. Prudente de Moraes, Director Presidente do Banco do Brazil, cargo que exerceu até 1898.

Fallecendo o Dr. Sylviano Brandão, que havia sido eleito Vice-Presidente da Republica a 1 de março de 1902, foram os votos dos brazileiros recahir no digno Dr. Affonso Penna para o cargo vago, e a 31 de março d'este anno, nova prova de confiança lhe deram os seus patricios elegendo-o para o alto posto de Presidente da Republica no periodo que se iniciou em 15 de novembro passado, e que findará em egual dia de 1910.

Um violento ataque de *gripe*, complicado com outros padecimentos, abreviou mais rapidamente a sua morte, fallecendo ás 2 horas e meia da tarde do dia 14 do mez de junho proximo passado.

A administração dos *Serões*, lamenta profundamente o triste acontecimento que veio enlutar o povo brazileiro a que nos achamos ligados por profundos laços de sympathia e amizade.

Para assumir a presidencia da Republica, foi immediatamente investido d'aquelle elevado grau, o Sr. Dr. Nilo Peçanha, que actualmente exercia o cargo de presidente do senado.

*
* *

O Dr. Nilo Peçanha é um homem ainda muito novo, pouco mais conta de quarenta annos. Rasgadamente liberal tem sido, desde estudante, quando cursava a faculdade de direito no Recife, um activo propagandista das idéas democraticas. Orador fluente, jornalista, politico de valor, discipulo e amigo de Quintino Bocayuva, foi desde o novo regimen eleito deputado pelo Rio de Janeiro, d'onde é natural, em successivas legislaturas, e mais tarde senador, tambem pelo Rio de Janeiro. A sua carreira parlamentar é fulgurantissima.

Desempenha as funcções de Presidente da Republica até 15 de novembro de 1910 data em que termina o quadriennio para que fôra eleito o Dr. Affonso Penna.

Industriaes do livro

MANOEL JOSÉ DA SILVA

FRANCISCO ALVES

M. A. TEIXEIRA

JUSTINO GUEDES

De todas as manifestações da industria, a que tem mais alta significação, a que prepondera n'um logar culminante, a que mais serviços tem prestado á humanidade, a que constitue o mais solido ponto de apoio para essa formidavel alavanca chamada progresso, é sem duvida nenhuma a industria do livro.

Os *Serões* publicando nas suas paginas os retratos de quatro livreiros, todos elles modelos de honradez, de larga iniciativa litteraria, de probidade profissional e individual, iniciam uma galeria dedicada exclusivamente á industria e ao commercio de Portugal e do Brazil.

Manoel José da Silva, proprietario do *Annuario Commercial*, socio da livraria Ferreira, industrial e negociante, possue um coração bondosissimo, um espirito lucido e indomavel força de vontade. A sua acção na industria do livro tem sido enorme. Develhe o governo e o paiz valiosos serviços.

Francisco Alves, é o mais importante livreiro do Brazil. Estabelecido no Rio de Janeiro tem succur-

saes em varios estados da republica e nomeadamente em S. Paulo e Minas. Português, o seu patriotismo é lendario em terras de Santa Cruz, a sua intelligencia apregoada, a sua honradez dogmatica. As publicações que tem editado dão-lhe prerogativas e honras de benemerito das lettras.

M. A. Teixeira, socio gerente da *Livraria Classica Editora* ostenta uma vida de trabalho das mais dignas de respeito. Calmo, ponderado e ao mesmo tempo de uma audacia extraordinaria como editor, a litteratura portugueza e brazileira encontrou sempre n'elle um esteio firme, um protector desvelado.

Justino Guedes, gerente da *Editora,* antigo companheiro de David Corazzi, é um editor cheio de arrojo, um livreiro que comprehende a sua missão moderna, um caracter serio e digno. Da *Editora* teem sahido algumas das obras mais luxuosas publicadas em Portugal, a par das mais baratas, devido a iniciativa sua. Não se lhe pode fazer maior elogio.

O ex-presidente Roosevelt

Na sua recente viagem de Mombaça para Uganda, Mr. Roosevelt foi muita vez na deanteira da locomotiva com o governador e o engenheiro da linha. Mr. Rooseveelt mostrou-se encantado com as paizagens que viu. A sua primeira paragem foi em Kafiti, onde se demorou quinze dias, hospedado na residencia de sir Alfredo Pease. Durante esse periodo caçou, entre outros animaes, seis leões.

A CAMINHO DO INTERIOR DE AFRICA

Modas

UM VESTUARIO AFAMADO

Casaco comprido e vestido de seda côr de rosa recortado e abotoado sobre sottagem escura. Chapéo de fôrma nova coberto de seda e enfeitado com plumas escuras.

Coimbra, nobre-cidade

Memorias de Vicente Pinheiro de Mello

O sr. Vicente Pinheiro de Mello não quiz abandonar para sempre a sua vida de estudante, sem documentar n'um volume primoroso, o que foi a sua travessia pela vida escolar da Universidade, onde concluiu distinctamente a sua formação em direito. Antes de enveredar pelos caminhos agrestes da vida burocratica, antes que as impressões artisticas d'essa Allemanha romantica, em que iniciou a sua carreira diplomatica, apagassem de vez na alma a saudade que se evolava da sua capa negra, abandonada, o sr. Vicente Arnoso quiz dizer-nos o que sentiu e o que amou, com a simplicidade encantadora d'um artista sincero.

VICENTE ARNOSO

O livro d'este fino dilettante, ao passo que procura manter a tradição d'uma familia de litteratos e de fidalgos, traduz todo um mundo de saudades da vida d'essa Coimbra de amor e de encanto, de que nunca mais se esquecem os que uma vez a viveram. E' a manisfestação natural d'um artista, a materialisação d'uma existencia de sonho, vivida com alma e sonhada com vida.

Essa pittoresca e poetica vida de Coimbra, uma das mais ligitimas exteriorisações da apaixonada alma nacional, é ainda (e será por muito tempo) uma fonte inexgotavel de sentimento. Antonio Feijó, o illustre diplomata, contava ha pouco, n'um diario de Lisboa, a sensação que n'elle causara a representação em Copenhague d'uma peça, que tinha por titulo *Ignez de Coimbra,* e em que se reproduzia um trecho da vida escolar da cidade do Mondego. Feijó confessa ter chorado! e na verdade ver reproduzir n'um paiz do norte essa vida de sentimento, que á a vida academica de Coimbra com o fado nostalgico e dolente, as tricanas, o Choupal, as capas soltas ao vento, todo aquelle scenario inapagavel, deve ser uma vibrante impressão a um tempo dolorosa e apaixonada.

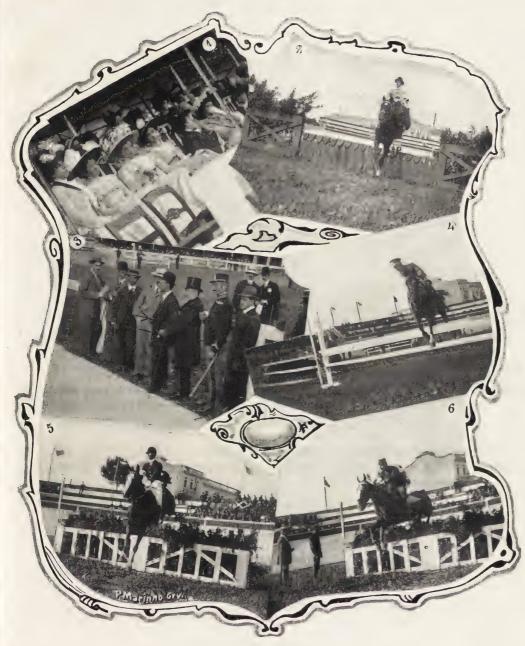
Pois é um bello trecho d'essa despreoccupada existencia, encerrada dentro dos fugidios cinco annos d'uma formatura em direito, que o sr. Vicente Arnoso nos dá no lindo volume com que brindou a litteratura portugueza.

E depois tudo aquillo é contado tão singelamente, tão saudosamente, que tem ainda o duplo valor de ser ao mesmo tempo a manifestação d'uma alma que sabe sentir e chorar. Mesmo através da ironia de algumas das suas paginas se occulta um mar de lagrimas de saudades.

Prefacia o livro o alto poeta d'*O Pão e as Rosas,* Affonso Lopes Vieira. Tinha de ser. Ninguem como elle com mais direito, porque ninguem como este grande artista soube cantar, em versos de ouro, mais e melhor, o que é essa existencia saudosa da cidade do Mondego, a que a alma se prende para sempre n'uma recordação sem limites.

O prefacio é uma maravilha.

O concurso hippico no Velodromo

Entre as mais modernas manifestações da actividade nacional, poucas haverá que tenham alcançado exito tão feliz, como o concurso internacional de hippismo, ha pouco realisado no Velodromo de Palhavan. O *Turf-Club* conseguiu, mercê dos esforços intelligentemente dirigidos de alguns dos seus socios mais prestantes, reunir um grupo primoroso de cavalleiros da peninsula e fazer admirar typos de cavallos das mais puras raças. Durante quatro dias, tantos durou o elegante certamen, a sociedade lisboeta, esta sociedade que dia a dia vae perdendo a sua fórma primitiva e caracteristica de acanhamento, acamaradando no luxo, na elegancia e no bom gosto com o que de melhor nos dá a Europa culta, a sociedade lisboeta, diziamos, fez do historico par-

DIVERSOS ASPECTOS DO CONCURSO HIPPICO

1. Na tribuna do Turf: D. Lycia Street (Carnide), D. Maria de Sá Paes do Amaral (Alferrarede); D. Maria de Lencastre e Tavora (Abrantes); D. Azulina Valente (Taboeiro) e condessas de Carnide, Alferrarede e d'Arge — 2. A Sr.ª D. Maria Luiza Alves, 2.º premio, discipula do Sr. Conde Fontalva. — 3. Os officiaes hespanhoes que tomaram parte no concurso, o official português ás ordens capitão Domingos d'Oliveira, o addido militar hespanhol D. Raphael Apparici e o addido da legação de Hespanha D. Alberto d'Aguilar. — 4. D. Gustavo Spencer vencedor do grande premio de Lisboa. — 5. O Sr. J. Piçarra, saltando. — 6. Um official português n'um magnifico salto.

que de Palhavan o logar predilecto dos seus *rendez-vous.*

Era n'essa peleja constante de belleza, bom gosto e elegancia nas *toilettes* graciosas, no conjunto, iamos dizer artistico, das bellezas femininas, no bom tom, na nobreza, na atmosfera superior que se respirava. Como que parecia, ao entrarmos nas galerias do Velodromo, que tinhamos deixado longe, muito longe mesmo, essa Lisboa pacata e burgueza da Baixa, com o seu espirito estreito, a sua vida pequenina e calma, familiar e intima, sem nevroses, sem paixão. Alli havia a comprehensão nitida da vida, na dominação do homem sobre o animal, no imperio da força e do raciocinio, da belleza da forma e da belleza da força que como que recordava uma grande scena hellenica dos jogos pythicos. Era a alegria da vida na força, na belleza e na paixão!

*
* *

Reuniu pois, como dissemos, o concurso hippico a pleiade mais brilhante de cavalleiros da peninsula. Os concursos hippicos teem uma tradicção honrosa no nosso paiz. Portugal, que não tem nunca typos de cavallo caracterisadamente nacionaes, distinguiu-se sempre na paixão com que se entregou aos certamens do hippismo. Mais d'um nome glorioso honrou Portugal nos certamens estrangeiros e a historia aponta-nos, entre outros, a figura elegante dos Marialvas — mestres sem igual na sciencia de dominar cavallos.

O *clou* do ultimo certamen consistiu na presença dos officiaes do exercito hespanhol e dos principes D. Carlos de Bourbon e D. Luiza de Orleans.

A Hespanha teve, pois, as honras da casa. O velho proloquio hespanhol, ainda ha bem poucos dias recordado por Blasco Ibañez, de que *quem recebe bem o faz como um fidalgo portuguez,* teve durante o concurso hippico completa e inilludivel applicação. Os officiaes hespanhoes foram cercados das maximas attenções e para que nada lhes faltasse, conseguiram obter os primeiros premios.

D. Gustavo Spencer, a quem foi conferido o primeiro premio de 600$000 réis e um objecto d'arte, offerta de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, é um cavalleiro distinctissimo, montando um esplendido cavallo typo irlandez *Exquis* fez um percurso rigorosamente legal sem uma falha, sem a queda d'um obstaculo, sem trepidações, com toda a serenidade. As ovações que recebeu devem enchel-o de orgulho, muito mais do que as recompensas ganhas, recompensas valiosas mais pela origem do que pelo merito real. A cavallaria hespanhola ganhou com justiça as suas esporas de oiro.

A PRINCEZA D. LUIZA DE ORLÉANS E BOURBON PELO BRAÇO DE EL-REI

A seguir, os officiaes de cavallaria portuguêsa alcançaram com honra e brio os prêmios immediatos. Evidentemente em Portugal o gosto pelo hippismo teem-se desenvolvido extraordinariamente, evidenciando-se mais uma vez n'estas provas os seus progressos.

Os officiaes hespanhoes foram consecutivamente obsequeados com festas, qual d'ellas a mais distincta. O banquete do *Turf,* o jantar do sr. conde de S. Luiz, a festa do Avenida Palace, em toda a parte em summa, o galanteador e cortez espirito da nossa terra se manifestou de maneira a fazer perdurar no espirito dos illustres officiaes, a impressão d'uma festa tão distincta.

Os dias de provas foram quatro.

No primeiro realisaram-se provas para officiaes e paisanos, tomando parte no torneio sómente cavalleiros portuguêses.

El-Rei assistiu, tendo antes inaugurado a exposição de solipedes, annexa em uma parte do parque de Palhavan. No segundo dia, o mais concorrido e o

A CEIA OFFERECIDA PELO TURF CLUB N'UMA DAS SUAS SALAS AOS OFFICIAES HESPANHOES, PRESIDIDA PELO DR. MANOEL DE CASTRO GUIMARÃES

mais brilhante, tomaram parte os officiaes portuguêses e hespanhoes, obtendo o primeiro premio o official hespanhol D. Gustavo Spencer, e o premio immediato o official portuguès Silveira Ramos. No terceiro dia, apresentação de equipagens, apresentaram-se carruagens de luxo e de bom gosto entre as quaes se destacaram as de El-rei, que, por estar fóra do concurso, foi premiado apenas com menções honrozas. No quarto dia realisaram-se provas dos maximos obstaculos, em que tomaram parte apenas os cavalleiros portuguêses.

El-rei distribuiu n'esse dia os premios e encerrou a exposição de solipedes, onde se viam magnificos exemplares.

*
* *

Como accentuamos no começo d'estas ligeiras considerações, o concurso foi uma demonstração das mais brilhantes da actividade nacional. O *Turf* pode pois marcar entre as suas datas gloriosas, mais esta *étape* de tão felizes resultados, não só pelo nosso orgulho de portuguêses, como ainda pelo progresso da industria nacional.

Esperamos que o certamen se repetirá. Como que n'elle encontrará a sociedade elegante de Lisboa um ponto de reunião, onde se exhibirão as mais lindas e graciosas *toilettes*, e se realizará, a par do torneio dos cavalleiros, á moda antiga, o torneio de belleza.

La noblesse oblige!

Excentricidade

M.elle SUZANNE BERGERE DA OPERA COMICA DE PARIS

O vestuario com que passeia nas ruas de Paris

Abalos de terra

O BANDO PRECATORIO DOS ESTUDANTES

A ceremonia da primeira communhão

COMMUNHÃO DE MENINAS EM S. LUIZ REI DE FRANÇA

Juramento de bandeiras

EL-REI NA PARADA DE CAÇADORES 5

Em principios do corrente mez de junho effectuou-se no quartel de caçadores 5 a benção da nova bandeira. Assistiram á ceremonia que se realizou com toda a solemnidade, Sua Magestade El-Rei e o sr. infante D. Affonso, bem como o ministro da guerra, estado maior e officialidade.

EL-REI E O INFANTE D. AFFONSO ASSISTINDO AOS EXERCICIO GYMNASTICOS DAS PRAÇAS DE CAÇADORES 5

A batalha de flôres

Portugal é, evidentemente, um paiz de lindas flôres, que enchem e matizam os seus jardins, que, profusamente, se espalham por toda esta orla de terra beijada pelo oceano.

E, no entanto, quem uma vez haja assistido a uma

DESFILE DO CORTEJO

batalha de flôres em Lisboa, não acreditará que aqui vicejam os cravos vermelhos e provocantes, as camelias de pétalas de seda, as dhalias, as rosas, os myosotis, esse mundo infinito de côr e de fórma que nos encanta, fulgindo alegre n'um peito de mulher, ou perfumando o ambiente calmo d'um *boudoir* elegante.

Na verdade, em Portugal não ha batalhas de

AUTOMOVEL DO SR. JOSÉ MARIA MARQUES

Primeiro premio

flôres, se por tal se entende um combate distincto e enthusiastico, em que a malicia e a galantaria se conjugam envoltas na nossa vivacidade peninsular, a que não falta alegria, calor e vida. Nas nossas batalhas de flôres as pétalas caem mais dolentes e frias que o mote lançado da bocca fresca d'uma freira, em noite de torneio poetico. Ha um misto de receio e de escrupulo, ainda mais aggravado pela pequenez do meio, onde todos se conhecem mais ou menos e onde predomina em muitos o preconceito das castas.

E depois — coisa curiosa! — nas batalhas de flôres em Lisboa ha de tudo menos flôres. Não faltam as lindas e elegantes mulheres em *toilettes* caprichosas, as equipagens de luxo, os cavalleiros destemidos, o povo, a multidão que dá a côr, o bru-ha-ha incessante das reuniões animadas, o sol, esse lindo sol de Portugal, caindo forte sobre o conjunto, destacando-lhe as linhas, os contornos, aquecendo o sangue e illuminando a vida! Nada falta da *mise-en-scene* e do scenario. O que porém não existe, ou existe em

CARRUAGEM DO SR. CANDIDO SOTTOMAYOR

Segundo premio — Busto artistico da casa Julio Gomes Ferreira

proporções diminutas, são as flôres, flôres lançadas como que a medo, entre as pessoas amigas.

Comtudo é de justiça confessar-se que a ultima batalha de flôres realizada na Avenida da Liberdade, em beneficio dos sobreviventes da catastrophe da região ribatejana foi a mais interessante e animada d'entre as que se tem effectuado em Lisboa.

O dia estava esplendido e a concorrencia ao local foi verdadeiramente extraordinaria, apesar do calor suffocante que fazia.

CARRO DOS BOMBEIROS MUNICIPAES

Primeiro premio — Açafate de prata offerecido por El-Rei

Alguns carros ornamentados com bom gosto, obtiveram premios, que haviam sido offerecidos por El-Rei, Sua Magestade a Rainha D. Amelia e Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, que andou na Avenida, jogando, n'um carro com postilhões á italiana.

O producto da festa foi grande, contribuindo mais uma vez gentilmente, o povo de Lisboa, para minorar a sorte dos desgraçados do Rbatejo.

Theatros

No D. Amelia tivemos a Tina de Lorenzo, a proporcionar ao publico, que comprehende e ama o bom theatro, noites da mais requintada feição artistica.

o que de melhor existe em Hespanha, nos palcos de zarzuela apresentando no theatro da rua do Thesouro Velho, uma companhia distinctissima.

E todos sabem o que são as noites de zarzuela no theatro D. Amelia, com enchentes consecutivas e alegria a fartar, o que é um bem para esta terra de neurosthenicos.

Dos restantes theatros pouco ou nada ha a registar. A casa de Garrett continúa em maré de pouca sorte. Após a rescisão do contracto com a empreza Menezes & Ferreira, veiu a Sociedade Artistica explorar o theatro Normal, representando algumas peças do velho reportorio, como por exemplo: A *Martyr,* de romantica memoria, mas essas velhas peças não possuiam o condão de arrastar o publico ao theatro de D. Maria, que continuou abandonado até ao seu encerramento.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

A revista «O sol dos Navegantes». — Final do 2.º acto

N'um gesto gentil e nobre para com o nosso paiz, organisou Tina de Lorenzo um brilhante espectaculo em beneficio das victimas do Ribatejo, sendo immensamente festejada n'essa noite e associando-se a essas homenagens Sua Magestade El-Rei.

Tina despediu-se do seu querido publico de Lisboa com uma carta affectuosissima em todos os jornaes.

Mas, como se não bastasse essas noites de intima consolação espiritual, o sr. visconde de S. Luiz de Braga, dá-nos mais uma vez o ensejo de admirarmos

Pelos restantes theatros nada se passou que mereça registo, começando o exodo das companhias para o Brazil, os artistas do Principe Real e Avenida, annunciando-se para breve a partida tambem da companhia do Gymnasio.

Entramos, pois, no periodo da calmaria, em que os theatros de Lisboa dão o logar ás praças de touros e aos theatrinhos da feira.

Um Nemrod de Africa

CARLOS LARSEN — NO MEIO DAS PELLES DOS LEÕES MORTOS POR ELLE

Carlos Larsen é dinamarquez, tem quarenta annos e ha dezasete que caça leões na Africa Oriental e Occidental, para os museus da Gran-Bretanha. Tem caçado mais de tresentos d'esses animaes com uma bravura e uma pericia verdadeiramente excepcionaes.

A sua coragem é proverbial entre os indigenas que teem por elle o mais profundo respeito e a mais entranhada veneração.

Seria um livro curioso o que esse novo Nemrod escrevesse relatando as suas aventuras, os lances arriscadissimos em que se tem encontrado.

BENGUELLA — UM TRECHO DO JARDIM BOTANICO

Musica dos Serões

POEMA D'AMOR

Phantasia para pianno

PELA

Viscondessa de Faria Pinho

Poema d'amor

Phantasia para piano

Pela Viscondessa de Faria Pinho

p
Ped
ppp
cresc
cen
do
ten.
poco rit.
a tempo
1.ª vez
2.ª vez
rall.º

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1$200 réis cada

2.ª Série

OITO VOLUMES

A 1$200 réis cada

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 50 — AGOSTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

A MUSICA DOS SERÕES

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões,* revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões,* nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões,* é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

SERÕES
N.º 50 — AGOSTO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
RUA DO OURO, LISBOA

CONSTANTINO FERNANDES

Auctor do quadro intitulado «Despedidas», tela que obteve o segundo premio na ultima exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

A FORTALEZA DE S. JOÃO BAPTISTA, SALVANDO — MARGEM ESQUERDA DA RIBEIRA DE S. JOÃO

S. João da Ribeira

O ARRAIAL MADEIRENSE

ribeira que toma o nome do Santo e por seu turno o designa na concreta linguagem popular, é um valle que, tendo origem nas serras de S. Roque e Santo Antonio, se espreguiça, sempre pittoresco e verdejante, até o mar, em Santa Catharina, onde lança tôrvas e ruidosas torrentes no inverno e um cantante veio crystalino durante a longa secca do estio.

A egreja de S. João Baptista com o seu hospicio de frades franciscanos, é dos tempos da descoberta da ilha e obra do zelo religioso de João Gonçalves Zarco. Os monges que com elle vieram, juntamente com os que, segundo a tradição, encontrou no Porto Santo, tiveram ali o seu primeiro gasalhado.

A frescura do local e o encanto da paysagem não poderam, comtudo, distrahir o espirito nem arrefecer a tenaz paixão d'um pobre frade que, — pelo que diz Fructuoso, — n'uma lucta homerica com o espirito das trevas revestido nas fórmas mais tentadoras e mais bellas, o dominou e venceu, levando-o a enforcar-se n'uma trave do proprio dormitorio. As teias do demonio foram mais fortes que as grades do mosteiro.

A qualidade do peccado tornando inter-

dicto o hospicio, trouxe os frades cá para baixo, para as casas bem ordenadas e espaçosas que se ficaram chamando convento de S. Francisco.

A imagem venerada do Baptista lá permaneceu, no emtanto, no sitio primitivo, no ponto mais alegre e pittoresco da ribeira. Os religiosos sahiram; mas o Demonio ficou nos aposentos, não sei se d'esse tempo, ou tornando lá em data mais recente; João Nunes Diabo era, na minha infancia, o servidor e guarda d'este sympathico Santo, cargo que legou a seu filho o habil e ardiloso charadista João Nunes Diabinho que alli vive feliz com uma bôa prole de diabretes dos dois sexos.

*

A parte da ribeira que póde considerar-se como dominio exclusivo do Santo, é d'uma belleza particularmente original. As margens, elevando-se aos socalcos, verdejam em densos cannaviaes, ostentando, mais baixo, nas terras encharcadas, a larga folha d'inhame onde as rãs coaxam ternamente, ao abrigo das vistas e pedras dos rapazes.

Mais proximo do leito, os muros de pedra solta demarcam propriedades liliputianas, ephemeras hortas tentadas entre dois invernos, emquanto a meia encosta as vinhas preguiçosas estendem, sobre as latadas de canna, longos bacellos de «verdelho», «bastardo» e «negra molle».

E a acompanhar os muros, como defensa ao garotío, as silvas adensam-se, offerecendo ás toutinegras os seus fructinhos pretos, e, ás raparigas, as rosas meúdas, de côr pallida, com que ellas toucam os cabellos cahidos em duas tranças emquanto bordam á porta dos casaes.

As malvas cortam de rubro vivo as manchas verde-metallicas d'esta vegetação rica de seiva, ao tempo que a madre-silva corre sobre as balseiras, luctando com os «mimos» bravos, a perfumar a atmosphera d'estes vergeis d'um bocolismo encantador e estranho.

E' do lado do occidente, no ponto onde o leito mais alarga, que se ergue a capellinha branca que baptisou a ribeira, agrupando-se, n'uma margem e n'outra, varias casas de colmo e muitas já de telha, como a constituir um lugar ou, menos do que isso, um sitio onde todos os annos a festa do orago promove um enthusiastico e concorridissimo arraial.

*

O arraial dura toda a novena, variando o empenho dos festejos com o numero e qualidade dos «mordomos».

A festa começa ao meio dia. A esta hora sóbe ao ar, no pico que se ergue atraz da egreja, uma grossa girandola de foguetes e granadas, ao tempo que uma philarmonica rompe o hymno da Carta com um abuso estrondeante de pancadaria e de metaes.

Os festeiros — os mordomos — erguem no alto de compridas varas a bandeira nacional e, depois de tocada uma peça que na minha infancia era, nunca soube bem porquê, quasi sempre o hymno americano, começa a descida ao som d'uma audaciosa marcha de que, a distancia, só se ouve a voz galharda e triumphal d'um estridente cornetim.

Os rapazes, adiante do cortejo que rompe com as bandeiras, acompanham a assobio a parte melodica da marcha; atraz, veem em linhas, de braço dado e lenço no collarinho, os que por esmolas contribuiram para a novena do dia e todos os amadores e partidarios da philarmonica que adiante se estrompa e se esganiça. Ha um alto horario, certo, na Ponte de S. João, começo do lanço de caminho que vae em direitura á egreja. Tiros de pedreiro saúdam o cortejo; a musica corresponde a pé firme com o hymno, seguindo logo em passo dobrado até ao arraial.

A banda toma lugar no coreto, embocando os clarinetes, trompas e trombones, e empunhando os pratos e as vaquetas, á espera de qualquer cousa d'augusto e de solemne que vae ali passar: são as «mordomas» que sahindo de casa da «cabeça» se dirigem soberbas d'attitude, no berrante das suas vestes novas, para o portico estreito da capella. Pés nos degraus do adro e logo o hymno da Carta se entramalha com o estralejar de mais uma girandola de foguetes. Ha alegrias vaidosas nos olhos das festeiras, que marejam de ternura ao defrontarem com os derriços que por ali espreitam este momento solemnissimo e feliz.

O arraial, composto de numerosas barracas, cobertas a louro verde, onde se come a moreia frita e a carne de vinho e alhos, e

de bazares e «rodas da fortuna», sendo animado, geralmente, nas tardes da novena, tresborda de concorrentes na vespera de S. João.

Um episodio typico d'essas tardes era, no meu tempo, o sermão de que tinha quasi o monopolio um antigo conego, vigario da parochia a que pertence a egreja. Velho já, mas forte e obêso, o conego que possuia relativa facilidade de dicção, inda que lhe faltasse aqui e ali a propriedade dos termos, seguia sempre ovante no seu discurso até á peroração em que procurava congregar todas as suas faculdades de grande emocionista. A assistencia havia de chorar: era a méta das suas ambições como orador.

O martyrio do santo decepado, constituia assumpto revolvido com ardor no empenho d'escutar o choro dos ouvintes.

O seu fim conseguia-o quasi sempre; e quando percebia que a palavra ia a falhar-lhe como agente da emoção, suggestionando-se a si proprio, n'um crescendo de voz e de gestos afflictivos, chorava elle, a face e os olhos congestionados, e d'ali a instantes, estabelecendo-se o contagio, o pranto do mulherío enchia toda a egreja, n'um carpir inconsciente mas verdadeiramente angustioso.

Era o seu triumpho: descia do pulpito n'um sorriso de gloria intima, quasi contente. com o cutello d'Herodes que lhe fornecera esse irresistivel thema, em lagrimas, tão sensacional e fecundo.

Uma ou outra vez, prégava ali, n'esses tempos idos, um padre de cujo nome e physionomia me não lembro.

N'uma occasião, ao fazer o elogio das preclaras virtudes do Baptista, sahiu-se com esta que juntou á tradição: «S. João que era d'um soffrivel e regular comportamento...» Apezar da folha corrida que assim passava ao santo, o seu sermão não teve um extraordinario exito.

Os fieis que lhe não negavam felizes qualidades para administrador de concelho ou regedor, vibravam mediocremente com as suas peças oratorias.

Mas não se julgue que ainda hoje se mantém no pequeno pulpito do nosso S. João tão pequena elevação de palavras e processos. Não; o clero madeirense tem possuido distinctissimos oradores. E a apologia do Santo Precursor tem sido feita, entre nós, ultimamente, por tudo quanto ha de mais brilhante n'esse bello nucleo d'illustrados prégadores.

O IMPERIO DO ESPIRITO SANTO

*

No primeiro domingo de novena realisa-se em S. João o «Imperio do Espirito-Santo».

Sob um amplo toldo fixo — ornamentado a flôres e verdura e illuminado a balões venezianos, está disposta a meza, vistosa e profusamente adornada a plantas, fructas, pratos, bolos, peixes e cordeiros d'ovos e as-

sucar, onde deve ser servido um lauto jantar a doze pobres, todos vestidos de novo por conta dos festeiros. Ao fundo, n'uma alegria de lumes, ostenta-se a baixella de prata, grande mas heterogenea pela diversidade de gosto e desenho das varias peças emprestadas por muitos para a decoração da «copa».

E' ali que se erguem a bandeira e pendão do Espirito-Santo, feitos em seda vermelha, tendo ao centro, sobre um triangulo branco, d'azas abertas, a casta pomba symbolica.

ESPIRITO SANTO — UM PEDITORIO

Chama-se «Imperio» á meza e copa preparadas para o grande bodo christão.

Além dos doze pobres que tomam lugar á meza, outros muitos são soccorridos com fatos, lenha, pão, carne, arroz e hortaliças. A festa é, além d'alegre e pittoresca, profundamente sympathica pelos seus fins caritativos.

Durante sete domingos percorrem os festeiros do Espirito-Santo a sua freguezia, levando, um, o estandarte, outro, o pendão, e outros, a corôa imperial e o sceptro, tudo feito em prata, colhendo as esmolas para o Imperio. Vão acompanhados d'uma pequena orchestra composta de rabeca, violas e «rajões», todos com opa vermelha, e d'um grupo de pequenas, as «saloias», vestidas á moda das antigas camponezas da Madeira.

Entram em todas as casas e fazem o peditorio por meio de trovas com a sua musica propria, cantando:

O Devino Sprito Santo
Vem de ladeira em ladeira:
Anjos do Céu lhe deitae
Rica flôr de laranjeira.

Acudi gente da casa,
Abri a vossa portinha.
Que aqui tendes o Devino
Na figura da pombinha.

E terminam sempre por esta quadra:

Abençoada a esmola
Se a daes com alegria.
O Esprito Santo Devino
Seja em vossa companhia.

D'antes, a festa do Espirito-Santo era feita com um maior aparato.

O «Imperio» tinha um imperador visivel. A corôa cingia, a valer, a fronte d'um barbudo latagão cujas mãos callosas pela enxada d'um anno empunhavam, triumphaes, o glorioso sceptro d'um dia.

O «soberano» era coroado na egreja e tinha entre o povo a designação de «divino». A multidão gritava, annunciando, ao vêr o cortejo das bandeiras e das opas: «lá vem-no Esprito Santo, mai-lo devino Imparador».

E os que o seguiam, cantavam em côro:

Foi c'roado, bem c'roado
O nosso «Imparador»
Veiu-lhe a c'rôa e o sceptro
Das mãos de Nosso Senhor.

S. JOÃO — UM TRECHO DA PAIZAGEM, VENDO-SE A FONTE DO MESMO NOME

A costumeira passou d'esta ilha, levada pelos emigrantes para algumas localidades da Guiana Ingleza onde, nas egrejas catholicas, se pratica ainda a coroação. Entre nós, madeirenses, o alto criterio do illustre prelado da diocese tem acabado com esses usos ridiculos a que o povo tinha um mais que decidido apêgo.

Ainda ha pouco me contou alguem que de perto tratou com «imperadores», como as cousas se passavam na sua localidade.

Esse alguem herdára de seus avós um velho espadagão que nas vesperas do Espirito Santo era brunido e limpo da ferrugem d'um anno d'abandono. Cabia, geralmente, a um seu caseiro, o João d'Hypolito, esse grato papel de soberano; em casa, ainda, entregava-lhe o senhorio a durindana, armando-o «cavalleiro» entre beberetes e folganças e, assim, d'espada ao hombro, seguia o «vilão» impado d'orgulho para a egreja a occupar o seu logar no altar-mór. A determinada altura da missa o «cavalleiro» ajoelhava e o padre, collocando-lhe a corôa na cabeça, sagrava-o imperador ante os olhares commovidos e respeitosos da assistencia.

N'esse dia, o João d'Hypolito assoprado d'importancia, solemne na sua barba negra, equilibrando com difficuldade a corôa sobre a melena penteada a azeite, considerava-se para todos os effeitos, um soberbo e authentico Carlos Magno.

No tempo a que nos vamos referir era capitão general da Madeira, D. Diogo Forjaz Coutinho, o «torto», como vulgarmente lhe chamavam por ser cego d'um olho, homem de grande merito e bom humor, e que, como todos os tortos e marrecas, tinha seus ditos e frequentes sahidas d'espirito.

Certo dia, um d'estes «soberanos» que, apezar dos altos poderes da sua investidura, tinha medo da cadeia, desejando lançar foguetes em terras do seu «Imperio», viu-se coagido a impetrar do capitão general a respectiva licença. O seu requerimento principiava assim: «F..., casado, leiteiro e Imperador da freguezia de S. Roque, pede a Vossa Excellencia auctorisação para... etc.»

Forjaz Coutinho recebeu do seu secretario a petição, leu-a, e, logo, revestindo-se da maior seriedade lançou-lhe á margem as palavras: «Vossa Magestade manda, não pede».

Orgulhoso, o leiteiro, com esta confirmação da sua alta magistratura, consta que fez do arraial um temeroso campo de batalha, mantendo-se impavido e sereno por entre o estralejar dos foguetes e tiros de pedreiro como se fôra elle mesmo o primeiro Napoleão.

•

Vespera de S. João!...

Esta noite que em todo o Portugal é de verdadeira festa celebrada com descantes, luminarias e fogueiras, sortes d'ovos e alcachofras, tem na Madeira uma significação mais complexa, despertando ardores e enthusiasmos mais intensos.

A multidão acotovella-se, ruidosamente, sob o longo tunnel de vidrinhos multicôres, seguindo desde a Ponte ao largo da capella que, vista ao longe, flammeja em desenhos caprichosos de varios tons combinados, produzindo um effeito onde o feérico se reune ao original.

Por toda a parte os romeiros aos grupos lançam trovas junto aos barris de vinho que, d'espaço a espaço, estacionam pela estrada. No leito da ribeira, agora quasi secco, desdobram-se toalhas e abrem-se as cestas para varios piqueniques alumiados pelos foguetes de lagrimas, pela viva illuminação do arraial e pelas grandes fogueiras de palha e louro secco que incendeiam frequentemente as duas margens.

As «granadas de chlorato», rebentando com um fragor de romper tympanos, perturbam violentamente, de quando em quando, a vibração do ar rythmada pelas philarmonicas que no adro, alternando-se, vão tocando ao desafio.

A's nove horas começa o fogo preso na encosta oriental do pico: rodas n'um redemoinhar vertiginoso, baterias lançando balas luminosas, arvores de fronda colorida e chammejante, bonecos que em jactos de fogo simulam incontinencias physiologicas, tudo quanto o gosto inculto dos pyrotechnicos locaes poude encontrar de mais divertido e attrahente, convergindo n'um ultimo esforço para a girandola final, farta de côr e luz, a pôr gritos d'espanto na bôcca ingenua dos romeiros das freguezias affastadas.

O fogo termina sempre pelo retrato do Santo, cercado d'intensos lumes, n'uma recolhida apotheose a que o povo assiste de joelhos.

E, seja dito como annotação exacta, o sentimento religioso, mesclado de tanta crendice e costumeiras populares, não perde n'estas festas o respeito aos symbolos, mais ou menos suspeitos, do objecto do seu culto.

Caberá talvez aqui, referida de passagem, uma nota muito subjectiva, é certo, mas que prova, exhuberantemente, o que deixamos dito.

Teria eu os meus doze para treze annos, quando, uma vez, depois de ter pintado com desvanecimento dos meus, a altiva Fortaleza do Pico, servindo-me d'uns «gouaches» de bazar de tres vintens, me deitei a fazer o trecho de paizagem que encerra a Capella de S João Baptista. O successo subiu de ponto, tresbordando da casa paterna para alguns visinhos e amigos intimos — tornados admiradores e thuribularios da minha precoce vocação para a pintura.

Longe estava, comtudo, de suppôr o exito que me esperava.

A CAPELLA DE S. JOÃO — PREPARATIVOS PARA O ARRAIAL

N'esse anno, os «mordomos» de S. João, commissionados, exigiam da minha «arte» um tão bello quanto supremo esforço: em obsequio a elles e preciosa esmola para os festejos da vespera, eu accederia a pintar, no leito do Jordão, o Santo lançando as aguas baptismaes sobre a cabeça de Jesus. Este «quadro» era reservado á apotheose final pelo fogo d'artificio e deveria apparecer, occupando-a toda, na ampla bocca que encima a porta da capella.

Fiquei hesitante, mas lisongeado. Lancei mão á obra e fabricando, eu proprio, umas colas de grude com que vira pintar uns pannos de theatro, copiei como pude, em oito dias, a lithographia que me trouxeram para modelo.

A agua, cahindo da concha, sahia-me torva e suja, pela sombra com que eu modelava o veio liquido. Satisfaria, talvez, por este só aspecto, a um pintor néo-realista, mas ao meu espirito inculto apparecia-me falha d'aquelle brilho argenteo que deveria existir n'uma verdadeira agua lustral. Mas, fulgurou-me uma idéa: para disfarçar as minhas deficiencias de factúra, pincelei com verniz de pratear os veios luminosos do famoso jacto d'agua.

Ficára, ao menos a meu contento, resolvido o pròblema na sua dupla face, espiritual e esthetica. A obra a que eu, cuidadosamente, reservava para observação o seu ponto de vista — não fossem descobrir-me, ao pé, os segredos da factura — agradou soberanamente á commissão e eu fui nomeado mordomo honorario da grande festa da vespera.

A' noite, batia-me, ancioso, o coração ao sentir approximar-se a ultima peça do applaudido fogo preso. A onda começou a dirigir-se para o adro na ancia de gosar todo o effeito. Eu já lá estava, bem defronte, en-

costado ao muro, occulto atraz da grande móle de povo.

De repente, illumina-se o rectangulo da janella; roda a tela em torno do seu eixo vertical, e a scena do Jordão surge, iriada, aos olhos surprezos da assistencia. E oh! prestigio dos symbolos e effeitos do fogo d'artificio! Como uma seára abatida por violento sopro de nortada, aquella multidão immensa prosterna-se, rendida, diante da minha obra. D'onde eu estou vejo-a a meus pés e chego a suppôr que uma parte d'aquella homenagem se dirige tambem a mim. Não ha duvida: eu sou apontado a dedo e sou acclamado n'um sussurro d'admiração. Era já enorme o aperto e eu tive d'escapulir-me com uns tres amigos meus para escapar aos perigos de tão espantoso triumpho.

Passaram-se alguns annos, e, n'um dia de novena, dou com a obra n'uma escura dependencia da capella, em termos d'uma proxima exhibição.

De ha muito que eu a procurava a occultas de todos os olhares.

E oh! crueldade da educação da vista e da falta de *trucs* pyrotechnicos! O quadro que eu vira admirado como se fôra de Buonarotti ou Ticiano, não passava d'um mesclado informe d'alvaiade, vermelhão, verdete e rôxo-terra, onde, n'aquella meia obscuridade, brilhavam, como rastos de torpes caracoes, os laivos metallicos do verniz de prata!...

«Isto não está benzido», pensei eu, passando-me pela cabeça a idéa d'um attentado. Fóra d'isso só poderia prender-me a representação do symbolo; mas, n'essa altura reflecti como o esculptor d'imagens: «bem te conheço meu pau de laranjeira». E, abrindo um canivete, cortei n'uma furiosa irreverencia pela minha obra, um grande circulo da pavorosa téla.

Não houve mais remedio: ficára prejudicado o ultimo effeito pyrotechnico das vesperas do nosso S. João, mas eu não temeria mais aquelle pesadêlo do meu estrondoso successo cinco annos antes.

D'essa vocação de plasticista, só me resta, talvez, um parafuso a Nankim na Polytechnica, uma bahia verde e a lambida aguarella d'um canhão de bronze na Escola do Exercito, e o meu culto, muito intimo, pelas fórmas, perfeitas, da metade mais fraca de todo o genero humano.

*

Não termina com o soar das doze horas todo o prestigio d'esta noite de folguedos.

Antes do nascer do sol quasi toda a população que formava o arraial se estende pela ribeira apanhando cannas, colhendo louro, murta e alecrim, varias hervas e folhagens com que ornamentam as portas dos talhos e tabernas, guardando, outras, para as benzeduras e certos remedios caseiros, porque:

Todas as hervas são bentas,
Na manhã de S. João.
Só o aipo-branco da rocha
Por sua desgraça, não.

O aipo-branco é a planta demoniaca, reservada ás feiticeiras.

Uma crença interessante é a da cura dos meninos «quebrados», effectuada por certos passes atravez d'um vime.

A mãe leva a creança que soffre de ruptura, para dentro da ribeira, até junto d'um vimeiro, acompanhada por dois donzeis: uma Maria e um João. Tomado um vime, sem destacal-o do pé, abre-se a vara a meio na extensão sufficiente para deixar passar o menino entre a curva formada pelas duas metades flectidas. Collocam-se, d'um lado, a Maria, e do outro, o João que segura a creancinha «quebrada». E, passando-a, trez vezes atravez do vime, vão dizendo:

— Toma lá Maria.
— Que me dás João?
— Este «quebradinho»
P'ra m'o dares são.

O vime é depois unido e bem ligado: assim como elle soldar, assim se curará a ruptura do menino.

Entre a gente do povo o que ha de mais importante para a felicidade individual ou d'uma familia, é a posse d'uma vitella nascida na manhã de S. João. Estes animaes possuem, dentro de si, a chave de todos os thesouros e de todas as venturas: é a «varinha de condão».

Rapariga pobre e feia que case com rapaz estimado e d'alguns meios, logo as ou-

tras affirmam ter ella a «varinha de condão...»

Apezar de lhe chamarem vara, a cousa, segundo se affirma, tem a fórma e dimensões d'uma laranja, constituida d'uma trama encerrando pellagem do proprio animal.

A «varinha de condão», ainda assim, só se deixa colher por um ou outro eleito. Conta-se o caso d'uma mulher, Berimbega d'alcunha, que estando por duas vezes, na praia, a amanhar uns intestinos de vitella, lhe saltára a «varinha de condão», como cousa viva, correndo de rolões até se sumir no mar. Uma mal-aventurada esta Berimbega.

A «varinha de condão» só dá fortuna se tiver sido benzida por um padre sem elle o perceber. Para isso, levam-n'a em geral, occulta dentro d'um pão que o sacerdote benze, sem saber que está transmittindo tão cubiçada virtude áquelle miólo fraudulento.

Quem, dentro da ribeira, olhando para a superficie d'uma poça não alcance vêr a sua «sombra», não chega ao proximo anno. E ha quem, tendo boa vista, não consiga enxergar na agua a sua imagem, passando um anno de torturas até que o surgir do primeiro de janeiro lhe venha desmentir, alegremente, a ingenua crendice.

As aguas tambem estão bentas na manhã de S. João. E os romeiros que enchiam o arraial, empastados de terra e de suor e depois de terem observado a sua «sombra», veem em magotes até o mar onde se entregam a proficuas abluções que pela beneficiação immediatamente produzida, accrescentada d'um somno reparador, mais lhes radicam a idéa de que as aguas, bentas, lhes avigoraram o corpo quebrantado pela viagem, pela vigilia e pelo vinho.

Os banhistas do Funchal suspendem os seus mergulhos n'este dia. A praia, depois de dispersos os romeiros, apresenta todos os caracteristicos d'um arraial levantado.

Mas um dia basta á normalidade dos banhos da estação, graças ao movimento das marés e ao poder singularmente esterilisante das aguas do oceano...

Funchal.

J. Reis Gomes.

A RIBEIRA DE S. JOÃO (A' ESQUERDA, O PICO DO MESMO NOME)

O TERROR DOS GATUNOS

Lady Alstonborough declarou que o marido era, sem comparação possivel, o maior zaranza deste mundo.

Pode ter havido exaggero na affirmativa, e comtudo, é provavel que ella não fosse além dos limites da verdade, quando acrescentou que mais ninguem se teria lembrado de pregar com o proprio feitor desde o Norte de Inglaterra numa região da Europa Central, para lhe dar umas certas instrucções que podiam muito bem transmitir-se pelo correio. Mylord replicou que não tinha tempo para escrever cartas: acrescentando que, em todo o caso, havia agora possibilidade em expedir o Henderson direito para casa, portador das joias da familia, o que não deixava de ser uma compensação.

— O Henderson não é homem para se deixar roubar. Confio no Henderson. — Hein? A sua aia! Eu fiava-me lá em semelhante seresma!

Era mais que plausivel, ainda tratando-se de qualquer que não fosse aprehensivo por temperamento, o sentir uma tal ou qual anciedade com respeito á guarda dos tão afamados brilhantes dos Alstonboroughs, que nunca deviam ter saído da Inglaterra, se acaso o dono o pudesse impedir. Mas pelo facto da esposa o haver acompanhado numa missão official a uma côrte importante, tornara-se necessario ella apresentar-se com o possivel esplendor, ao passo que uns quaesquer compromissos obstavam a que o nobre casal regressasse immediatamente ao seu solar. E assim, pois, o John Henderson, um latagão, forte como um toiro, que não era para graças, e cuja catadura nem convidava a tentar violencias nem deixava antever que fosse homem a quem se pudesse dar mel pelos beiços, foi incumbido do transporte dos preciosos estojos, recebendo, aliás, as mais estrictas instrucções para seu governo durante a longa jornada que tinha que prefazer.

— Tome sentido, Henderson, não as largue das mãos, um só momento, e durante a viagem, no comboio, vá sempre de olho álerta. Não se deixe adormecer, veja lá! Tem tempo á vontade, na volta, para tomar a desforra. Aqui tem as chaves, hão-de-lhe ser precisas lá na alfandega; guarde-as no bolso das calças. Tenha muita cautela, ao subir para bordo e quando desembarcar, e á primeira cotovelada ou encontrão que lhe derem, atire com o sujeito de cangalhas.

Receio que tenha que passar a noite em Reddington; palpita-me que não poderá chegar a horas de apanhar o ultimo comboio do ramal. E d'ahi, você, quando lá chegar, pouco ou nada tem já que temer, espero em Deus.

Mister Henderson era de opinião que nada tinha de que se arrecear, por todo o caminho. Não havendo nunca arredado pé da sua terra natal, atrapalharam-n'o algum tanto os interrogatorios dos empregados das linhas ferreas estrangeiras, e foi sempre desejoso de se ver outra vez entre gente capaz de falar de modo intelligivel; mas sempre descançado quanto á possibilidade de quem quer que fosse o esbulhar da preciosa incumbencia, e, com respeito ao demais, percebeu que o silencio, de meias com um resoluto aceno de cabeça e a apresentação

do bilhete, satisfaziam praticamente a todas as exigencias. Não obstante, era caso serio ter que ir para ali constantemente hirto e aprumado, um dia e uma noite, sem poder comer á vontade, com as mãos filadas naquelle par de estojos de coiro, tão pesados. E ainda por cima, o nosso Henderson tinha a desventura de ser um pessimo homem do mar, de modo que, ao chegar a Charing Cross, no segundo dia, pela volta da tarde, em seguida a uma viagem isenta de incidentes, estava quasi que rendido de todo, a um ponto que nem elle proprio se lhe daria de confessar. Nem descansou emquanto não se viu em S. Pancracio, subiu para o primeiro comboio que ia para o Norte, e desabafou num immenso suspiro.

— Não era eu que me mettia noutra, nem por vinte libras! resmungou. Que, afinal, Mylord faz bem confiando-me o encargo. Se o entrega a qualquer criado, estava servido! Com semelhante barafunda! D'ahi, elles eram lá capazes como eu de ir acordado todo este estirão!

O INTRUSO, UM SUJEITINHO LEPIDO E DESEMBARAÇADO

Elle, com tudo isso, não estava longe de dormir tambem a sua somnéca, no acto de soltar aquelles commentarios, mas saccudiu-se, arrebitou tal qual um cão de guarda, quando, no acto de o comboio estar prestes a largar, eis que sobe um passageiro retardado e nada bem vindo, para a carruagem em que elle esperava ir sósinho e livre de importunos. O intruso, um sujeitinho lepido e desembaraçado, de cara rapada e com uns olhos pardos, muito vivos, não tinha a minima apparencia de pertencer ás classes criminaes; e não obstante, o unico alvitre seguro, para quem quer que leva comsigo uma fortuna no regaço, é não se fiar seja em quem fôr, e o nosso Henderson, defraudado da sua rapozeira, de si para si foi encommendando ao diabo o companheiro de jornada. Nem teve animo de responder á observação emitida em tom alegre pelo adventicio, a não ser com um grunhido rabujento, um tudo nada.

— Por um triz que não fico em terra! Declarou o sujeito. E eu a ver-lhe geitos de o senhor me abalar por ahi além, não sei se lh'o diga!

O comboio tinha largado da estação terminal e ia despedindo por ali fóra, com crescente velocidade, através dos suburbios de Londres, antes de que o sujeito tornasse a abrir boca. Quando este afinal se decidiu a fazê-lo, foi para formular uma declaração um tanto de molde a sobresaltar.

— E então, Mister Henderson, disse, risonho, o senhor nem por isso me parece ir muito agradado com a minha companhia. Pois não tem razão, fique sabendo, que eu, se aqui vou, é para olhar pelo senhor.

— Olhar por mim! Ora essa! rosnou o nosso John, contrahindo as hirsurtas sobrancelhas. Muito agradecido; mas, sei olhar por mim, graças a Deus!

E o senhor, quem vem a ser, antes que eu mal pergunte?

— Pelo contrario, a pergunta é naturalissima, replicou o outro com um modo muito cordial. Tem na sua presença o Inspector Barnes, da policia secreta, e recebi um telegramma de Lord Alstonborough, com instrucções para vigiar tanto o senhor como esses dois estojos de coiro a que vae tão

agarrado, não venham a soffrer um percalço qualquer.

A's faces tisnadas do nosso John Henderson assomou um froixo de sangue. O não se fiar de quem quer que seja poderá ser na essencia um principio são, e comtudo, individuos de reconhecida integridade não é de esperar que levem a bem a applicação pessoal de um tal principio, e não se pode dizer que fosse por demais humano o retorquir com casmurrice:

— Não se me daria de que me dissessem que casta de perigo pode ter assustado a Mylord com respeito a qualquer objecto confiado á minha responsabilidade.

— Está claro que o não sabe, commentou o companheiro, muito lhano e risonho; e como é que o senhor, um homem de bem, não desfazendo, pode estar ao facto de circunstancias cuja sciencia constitue a minha profissão?

Ora vamos, Mister Henderson, aqui entre nós, não pode levar a mal a Mylord Alstonborough ter resolvido, ou ter seguido o conselho, de adoptar precauções que nunca devia haver deixado de tomar. Persuade-se, então, de que, joias de semelhante valor podiam ser levadas d'aqui para acolá sem que todo e qualquer gatuno londrino, de primeira agua, farejasse o negocio? E, vá com o que lhe digo, isto sem querer desfazer de modo nenhum na sua competencia, mas perca a illusão de se poder defender de qualquer larapio de profissão — e muito menos de dois ou três operando em commum.

— Aonde é que quer chegar? entremeteu Henderson, de má catadura. Affirma que é inspector de policia, e quem me diz que não será um larapio de profissão?

— Supponhâmos que o sou, Mister Henderson. Supponhâmos que eu era gatuno de profissão, e lhe queria bifar esses brilhantes sem um trabalho por ahi além, que pensa o senhor que eu fazia?

— Eu sei lá! Mas o que eu lhe sei dizer é o que lhe fazia ao senhor.

— Estafava-me com um murro valente, nem mais nem menos, hein? E d'ahi, o senhor dispõe de força sufficiente para pregar comigo na semana que vem. Quer experimentar? Não faça ceremonia!

— Olhe lá, diz isso a serio? perguntou o feitor, exasperado pelos modos protectores do companheiro.

O Inspector Barnes acenou que sim, com a cabeça, e o nosso John, sem se dar sequer ao trabalho de se pôr de pé, assentou um murro de alanhar na fronteira almofada, o que deu em resultado elle ir-se abaixo com o balanço, ao passo que o inspector, furtando o corpo, exclamava, por entre ruidosa gargalhada:

— Vá, continue, meu caro senhor, continue, até cançar! Sempre o ajudará a espalhar o somno, e arrisco-me a dizer que desde aqui até Reddington não é capaz de me tocar. Valha-lhe Deus, que bem pode! Julga, então, que se eu não tivesse aprendido o A B C da defesa propria, ha muito tempo, haveria alcançado a situação que hoje occupo?

Mas como o bom do John não julgasse azado corresponder a um convite de que obviamente só podia resultar um dispendio inutil, já de forças já de folego, Mister Barnes proseguiu, acto continuo:

— Está claro que não, meu caro senhor; quisesse eu roubá-lo, e nunca teria escolhido um vagon de caminho de ferro para semelhante fim; aguardaria melhor occasião, e depois — em summa, deixe-me ver; podê-lo-hia fazer de meia duzia de maneiras. Que me diz a esta, por exemplo?

Tal qual um gato, pulou para cima do vizinho, fincou-lhe o joelho no estomago, e deitou-lhe os gatazios á farta bigodeira, afferrando-a com duas garras de aço.

— Largue-me! Largue-me! arfava em sua impotencia o gigante, a resfolegar, entre raivoso e afflicto.

Mister Barnes soltou as mãos desde logo e recuou de um pulo, sentando-se outra vez na almofada.

— Foi só para lhe apresentar um exemplo, explanou com brandura. Arrancava-lhe esse bigode pela raiz, e a coisa ainda não se ficava por ahi. Nunca viu jogar aquelle jogo francês, a *savate*? tem quaesquer luzes do jiu jitzu, japonês? Pois bem! Eu poder-lhe-ia apresentar para aqui uma duzia ou mais de partidas que o deixavam de queixo caido, um quasi nada; mas deixemo-nos d'isso. O que eu desejo, Mister Henderson, proseguiu o sujeito, é convencê-lo de que, apezar do seu muito pulso, e da valentia com que estou certo não deixaria de brigar, em qualquer lance commum, nem por isso deixaria de poder tanto como uma criança, nas mãos daquelles meliantes.

— Quaes meliantes? perguntou o nosso John, visivelmente impressionado, mas ainda suspeitoso, e de pé atraz.

— Não lh'o posso dizer com certeza, porque a malta é numerosa como a breca. Mas o que lhe posso afirmar categoricamente, segundo as informações que tenho, é que lhe andam na pista, e que são dois, pelo menos, se não forem três. Não tive tempo de ver se vinham, ou não, neste comboio, mas não me parece que venham, e espero que tal se não dê, pois não me convêm de modo nenhum que me vejam. E' mais provavel que venham no comboio da noite e lhe sigam o rastro até ao hotel do Cavallo Preto, lá em Reddington.

— Mas como demonio soube o senhor que eu tencionava pernoitar no hotel do Cavallo Preto? perguntou o assombrado feitor.

Mister Barnes, pelos modos, não julgou que merecesse resposta pergunta de tamanha ingenuidade. Cifrou-se a declarar que, já se vê, tencionava pernoitar na mesma hospedaria, e que depositava plena confiança na propria habilidade no sentido de derrotar qualquer atentado que, sem a minima duvida, elles não deixariam de fazer. Mas recebeu com um riso escarninho a sugestão de informar a policia.

TAL QUAL UM GATO, PULOU PARA CIMA DO VISINHO

— Essa, agora! Desistir da funçanata, e perder a occasião de deitar a unha a um artista que já me tem escorregado por entre os dedos, mais de uma vez?

Tudo menos isso, sou um seu criado! Eu, quando precisar de qualquer contingente de policias ruraes broncos como jumentos, appelarei para elles, caso que se não dará antes de ámanhã pela manhã, ou eu estarei muito enganado. Gosto de dar conta do meu trabalho sósinho, exclusivamente, e comquanto não costume gabar-me, o que lhe posso dizer, senhor Henderson, é que raras vezes me succede metter os pés pelas mãos.

Por mais que elle se espraiasse acerca da propria entidade, a sua conversação subsequente não pareceu indicar que a diffidencia fosse o seu predicado dominante.

Sem embargo, dispunha de outros em abundancia que poderiam, talvez, atenuar a fraqueza daquella prenda superflua. Tinha-se farto de correr mundo, ao que parecia, e aprendido menos mal a quanto por lá havia que aprender com respeito á estrategica e á tactica de habeis expoliadores, já britannicos já estrangeiros. Combatera-os tambem com as suas proprias armas d'elles, trocando-lhes as voltas, vezes sem conta. Era este, até, na sua opinião, o unico meio. Fosse qual fosse a guerra ou a contenda, a força bruta, afirmava o sujeito, nunca podia ter probabilidade de se medir com a sciencia.

—Chamam-me «O Terror dos gatunos», segundo me consta, observou elle; e, aqui para nós, não hesito em dizer que tenho conquistado menos mal o direito á alcunha. Se acaso chegasse aos ouvidos de uns certos patuscos que o Sam Barnes pernoitava hoje no Cavallo Branco, é de presumir que a impreitada nem por isso lhes sorrisse muito. E d'ahi, quem sabe, é possivel que se arriscassem; que elles, se fossem bem succedidos, o bolo era de tentar, — tiravam o pé do lodo de uma vez para sempre!

No acto de chegarem a Reddington o John Henderson tornara-se preceptivelmente

menos desconfiado da pessoa do seu companheiro e mais disposto a acceitar de cara alegre a situação do que até ali. Apezar de se sentir um quasi nada melindrado pelo facto de Mylord Alstonborough, reconsiderando, o haver julgado inapto a agir sem especial protecção, forçoso lhe era admitir, que as circunstancias não eram de molde a tornar desnecessaria semelhante protecção. Mister Barnes mostrara-lhe de sobejo a rapidez com que o podiam filar e chloroformizar, agravando ainda o caso as duvidas que o pungiam com respeito a elle poder espalhar o somno durante mais uma noite. Cearam juntos os dois companheiros de jornada, em seguida a haver o nosso John recolhido durante um lapso de tempo ao seu quarto, afim de proceder a uma boa e indispensavel barréla, e um dos parceiros em breve pegou a cabecear com somno, a despeito da loquéla inesgotavel do outro, cheia de interesse e vivacidade. Mas não obstante, o nosso John, arrebitou um quasi nada quando a seguinte proposta de Mister Barnes lhe veu espevitar a vigilancia e a sollicitude.

— No fim de contas, o melhor que o amigo tem que fazer, é metter-se na cama, e confiar ao meu cuidado essas joias. Ficam mais seguras em meu poder do que nas suas mãos, pois está o que se chama a caír de somno.

— Tudo menos isso, cavalheiro, replicou o John, com firmeza. As ordens que me deram foi que as não largasse das mãos um só instante, e tenha a certeza de que hei de cumprir as ordens que me deram.

Mister Barnes patenteou uma tal ou qual impaciencia. Rememorou ao testudo feitor que tambem elle tinha recebido ordens, de cujo desempenho se considerava responsavel. Que lhe assistia o direito de mandar, e que, a menos que fosse adoptado o seu plano, a perda das joias de Lord Alstonborough não deixaria provavelmente de vir a ser o resultado.

— O amigo nem se quer põe na sua ideia a actividade de que são capazes estes patifes. Está-se a meter por os olhos que não deixarão de ir direitinhos ter com o senhor ao seu quarto — e não perca tempo a perguntar-me como é que elles conseguirão introduzir-se no predio — é gastar palavras escusadas. Vão direitos ao seu quarto, e não convém por principio nenhum que elles lá vão encontrar quer a mim quer aos estojos. Se acaso me encontrassem a mim, nem se daria o roubo, nem eu tinha pretexto para lhes deitar as unhas; allegavam que haviam confundido as portas, e acabou-se. Dado que encontrassem os estojos, é mais que provavel o abalarem com elles antes de nós podermos dar por isso. Pelos meus calculos, elles, quando virem que lhes falhou a pechincha, submetê-lo-ão a perguntas, de revólver apontado.

«Onde é que você escondeu os diamantes?» perguntar-lhe-ão.

«Deixei-os em poder de um amigo, no quarto, ali defronte», dirá o senhor, fingindo-se paralizado de susto. E muito terei que contar se entre nós ambos não fizermos que se arrependam de jamais haver posto pé no tal quarto fronteiro.

Houve ainda que appelar para um par de argumentos persuasivos; até que finalmente o John Henderson cedeu, não sem reluctancia.

— Que eu não sei se faço bem, observou elle, morosamente; e d'ahi, para lhe falar verdade, o argumento para mim de mais peso do que seja o que fôr, é eu estar mesmo a caír de somno. Se me demoro mais cinco minutos, vou-me abaixo, com certeza.

Encaminhou para a porta, deixando ficar os preciosos estojos, mas parou, irresoluto, no limiar.

— Queira perdoar, Mister Barnes; e não m'o tome em sentido offensivo; mas — isto, aqui para nós — a modos que se parece um quasi nada com a tal partida a que eu tenho ouvido dar o nome de «lance de armar á confiança», pois não acha? E não se me dava de que o senhor me passasse para a mão, como, se dissessemos, um qualquer penhor em troca d'este meu acto de confiança — qualquer prenda de valor que tenha comsigo — Mister Barnes, recuperado o bom humor, riu com gosto.

— Sendo assim, a coisa ainda mais se ficaria parecendo com essa tal sua partida «de armar á confiança», observou elle. Mas não tem duvida, não me esquivo a pôr á sua disposição, por esta noite, a quanto trago commigo. Ahi tem o meu relogio, prenda por que ninguem lhe dará duas libras, creio eu, e ahi vae o meu dinheiro.

Sacou do bolso a carteira, que continha

umas notas de banco, e em seguida, apresentou ao outro uma mancheia de libras e uma porção de miudos.

— Vinte e seis libras, quinze shelins e seis pence, declarou, depois de haver contado o dinheiro em especie metalica. — E' mais do que eu suppunha, mas nada que se pareça com o valor do mais somenos dos brilhantes de mylord, palpita-me. E d'ahi, se isto é sufficiente para lhe aliviar os escrupulos. . .

— Está visto que sim, confessou o John, algum tanto embezerrado. Considero isto como um penhor e como prova de que o senhor está procedendo com lisura para commigo; pois não creio que haja alguem, seja quem fôr, que perca assim o amôr a uma quantia tão redonda.

SACOU DO BOLSO A CARTEIRA...

Disse, e lá foi galgando os degraus, a arrastar os pés, alcançou o quarto, fechou-se por dentro, e empurrou uma commoda para diante da porta, á cautela, depois, assim mesmo, vestido, atirou comsigo para cima da cama, e em menos de dois minutos, resonava que nem um fole de ferreiro.

Não deu accordo de si até ao outro dia pela manhã, quando um valente rufar na porta o accordou á consciencia dos factos e á descoberta de que já era dia claro. Levantou-se, ainda meio tonto com somno, arredou a commoda, e achou-se frente a frente com o inspector da policia da localidade, fardado, e ladeado por dois guardas da publica segurança.

— Fê-la bonita, sim senhor, Mister Henderson! encetou o funccionario, pois eram conhecidos.

Nunca o suppuz capaz de caír em semelhante arriosca! Deixar-se embaçar e roubar por um larapio, de quem qualquer pessoa com um dedal de miólos se haveria logo descartado por ladrão — o senhor, de mais a mais, depositario do resgate de um monarca, como se dissessemos! Sabe que mais, não o tivesse eu na conta de um homem de habitos commedidos, e iria jurar que estava entrado na bebida, no acto de com elle se encontrar!

— Que é feito do Inspector Barnes? indagou o feitor, aparvalhado.

— Não está mau Inspector! Causa lastima ouvi-lo, até? Lá quanto ao seu amigo, com quem o senhor para aqui veiu esta noite, quem me dera saber o que foi feito d'elle. Mas o peor é o elle levar-nos sete ou oito horas de avançada. Saíu hontem á noite, por ahi fóra, muito socegado da sua vida, com um estojo de coiro debaixo de cada braço, e declarou á rapariga do balcão que tinha mudado de idéa quanto a pernoitar no hotel. E nós, ainda não ha meia hora, recebemos um telegrama a avisar-nos de que o procurassemos. Tenho pena do senhor, muita, acredite; mas não posso deixar de censurá-lo — não posso, por mais que queira.

— Que eu, logo desde o principio, entrei a desconfiar d'elle, murmurou o nosso John, meditabundo: fui sempre com a pedra no sapato. Mas lá que era um sujeito muito agradavel, bem falante e intelligente a valer, é inegavel.

— E' pena elle lhe não ter pegado um poucachinho da intelligencia, senhor Henderson, desfechou-lhe o Inspector. Só o que lhe digo é que Deus me livre de me ver nos assados em que o amigo se vae ver, assim que o souber mylord Alstonborough. Pois creia que os brilhantes, a estas horas, já estão fóra dos engastes, ha que tempos, iria jurá-lo!

— Deixe lá, que entre mortos e feridos, alguem havia de escapar, replicou o bom do John; estão, e estarão, nos engastes por um par de dias, comquanto tenham ficado sem os estojos, calculo eu.

Disse, e desabotoando casaco, colete e camisa, patenteou um colar rutilante a adornar-lhe a hirsuta pescoceira, ao passo que o seguinte processo de se ir desvestindo revelava diademas, braceletes e brincos, em esquipatica distribuição por outras regiões da sua alentada e mascula pessoa.

— Incommodas como a breca, estas bugigangas, para uma pessoa se lhe deitar em cima, observou, e apezar disso, não conseguiram espalhar-me o somno, durante um minuto, só que fosse. O tal sujeito pregou-me com uma droga qualquer na cerveja, afirma o senhor. Talvez, não digo que não; mas quasi que era escusado, se eu estava a caír de somno! E d'ahi, não, vê o senhor, a mim lembrou-me que o seguro morreu de velho; e por isso, quando fui lá acima, ao quarto, lavar-me para vir cear, tomei a liberdade de abrir os estojos e de me ir enfeitando conforme vê. A respeito de estojos, era uma vez, não ha duvida, que, afinal, alguma coisa havia de ficar, pelas custas. O Inspector Barnes, — que pelo nome não perca — mostrou-me o sufficiente para eu ficar percebendo que era um freguês escorregadio que nem uma enguia, e que eu, modestia áparte, não era homem para lhe dar volta. Dá pela alcunha de «Terror dos Gatunos», foi elle quem m'o disse. Não serei eu que lhe negue a esperteza em aterrar um companheiro de viagem que não era nenhum gatuno. E agora, quanto acha que poderiam valer os taes estojos de coiro?

— Para lhe falar com franqueza, não posso pronunciar me, Mister Henderson, replicou o Inspector, subitamente admirativo a par de deferente. Para ahi umas cinco ou seis libras, se fossem novos, presumo eu.

— Deixando-me de posse de um excesso de dezoito libras e de um relogio de oiro de torneiras que o meu amigo Barnes teve a amabilidade de depositar nas minhas mãos, como penhor de boa fé. E d'ahi, cá ficam á espera d'elle se um dia os quiser reclamar; mas não me cheira a que se dê a esse incommodo.

(Versão do inglês.)

MANUEL DE MACEDO.

UM TRECHO DE PENACOVA

Penacova

A longa teoria de estrangeiros que todos os anos percorre sistematicamente a Suissa, sob as tiranicas imposições dos Baedecker, dos Kook, e de outros Dracons das vilegiaturas, a par de excursões extremamente pitorescas, sofrem a desilusão de muitas ascensões e caminhadas que não valem o tempo que perderam.

Póde-se dizer que não ha na Suissa um recanto de vale, uma dobra de terreno, um pincaro de monte que não seja visitado por milhares de forasteiros que, mal chega o verão, invadem por todos os lados este afortunado paiz e por ele se espalham numa ancia de subir ás suas montanhas, ou de bordejar nos seus lagos pelo simples prazer da vista, pela necessidade de fortalecer os pulmões ou de acalmar os nervos.

Mas em cada cantinho de vale, em cada socalco de terreno, assim como nos vertices das montanhas, esse vae-vem formidavel de estrangeiros encontra sempre uma pousada, um albergue, uma hospedaria confortavel, quando não depara com um desses grandiosos edificios, que abundam na Suissa, tanto á beira dos lagos como nas regiões alpinas e que, sob os nomes de *Palace Hotel, Grand Hotel, Kurhauss Hotel,* proporcionam aos seus hospedes, além de bom alojamento e boa comida, os atractivos dos seus *hall* sumptuosos e dos seus salões de festas onde se realisam bailes, concertos e *soirées* dra-

OUTRO TRECHO DE PENACOVA — A' DIREITA, O MIRANTE «EMYGDIO DA SILVA»

CARVOEIRA, EM FRENTE DE PENACOVA

ENTRE PENEDOS — O MONDEGO, PROXIMO DE PENACOVA

O RIO MONDEGO VISTO DE PENACOVA

maticas que em alguns desses hoteis chegam a dar a ilusão de festas particulares elegantissimas.

A Suissa, que explora como nenhum outro paiz a *industria das viagens,* entendeu que, antes do caminho de ferro, do funicular e até da propria estrada, quando se não pódem fazer duas cousas ao mesmo tempo, é mister começar por construir o hotel...

PENACOVA, VISTA DA VARZEA

Quantos hoteis teve e tem ainda a Suissa que apenas são acessiveis por estradas e até por simples caminhos, emquanto a tração mecanica não póde ser estabelecida em condições economicas de provavel exito?...

O hotel, principalmente o bom, é muitas vezes a unica rasão de ser de algumas vilegiaturas suissas que tanto andam na voga!...

Porque em Portugal as hospedarias são na maioria más, as camas duras e o asseio escasso, e muitas vezes nem boas nem más existem, o estrangeiro, em geral, limita a Lisboa e seus arredores as poucas viagens que faz ao nosso paiz, que, mesmo dos proprios portugueses, não é inteiramente conhecido.

Ha distritos e até provincias onde, á excepção do viajante do comercio e dos funcionarios civis ou militares que viajam por obrigação, rarissimos são os viajantes de recreio que se teem aventurado a ir até lá!

O proprio Minho, que é a provincia mais percorrida nas viagens de prazer, tem tanta aldeia formosa e mesmo vilas das mais pitorescas, que nós não conhecemos!...

Nestas condições ainda ha poucos anos se encontrava uma das regiões mais encantadoras do distrito de Coimbra, a qual nem mesmo com as estradas do reino estava sequer ligada!

Referimo-nos á região de Penacova-Lor-

PENACOVA — MIRANTE «EMYGDIO DA SILVA», PROJECTO DE NICOLA BIGAGLIA

vão, nos contrafortes da Serra do Bussaco e na margem direita do Mondego.

O desleixo dos governos e as frequentes alternativas da politica não permitiram ainda até hoje que fosse concluida a estrada do Bussaco a Penacova, nem tão pouco a que liga esta vila com Lorvão, que continua acessivel apenas por uma ingreme e tortuosa ladeira!

Mas já se póde ir a Penacova por Coimbra e a estrada que lá nos conduz levará ali todos os estrangeiros que visitem Portugal, quando esta região estiver nas condições de os hospedar. Esta estrada por si só vale a viagem, quando o panorama que se gosa em Penacova, do *Penedo do Castro* ou do *Mirante Emygdio da Silva* não sejam dos mais deslumbrantes que é dado contemplar aos que percorrem o mundo na demanda do pitoresco e do bélo surpreendente!

A estrada de Coimbra a Penacova segue a margem direita do Mondego, cingindo-se tanto quanto possivel ás ondulações da encosta e á linha caprichosa do *talweg* desse rio que percorre uma das regiões mais pitorescas e variadas, ora espraiando-se por campos feracissimos atravez de hortas e laranjaes, ora apertado entre aprumados alcantis onde a vegetação nem sempre consegue ocultar os massiços de rocha que se destacam magestosos daquela paisagem luxuriante.

Essa estrada, que nem mesmo uma fita cinematografica seria capaz de reproduzir, é com efeito um dos mais belos trechos do Portugal pitoresco e não conhecemos muitas que sob este aspecto se lhe avantagem na Europa dos *touristes.*

E' no meio deste scenario deslumbrante e cheio de contrastes flagrantes, que surge a vila de Penacova, debruçada sobre o Mondego, que domina de grande altura, abrangendo por isso um vasto panorama em que os ôlhos se perdem extasiados num horisonte longiquo que serve de esfumada moldura a uma immensa paisagem, ora retalhada de pinhaes ou sobrepujada de penedias que dão ao quadro uma tonalidade grave e austera, ora entrecortada de pomares, de vinhas e de milharaes, numa harmonia quasi geometrica que é felizmente quebrada aqui e acolá, perto ou longe, inumeras vezes, pela casaria branca das vilas, das aldeias e dos logarejos que põe manchas alegres e dá vida e animação a esta grandiosa tela do maior e mais divino dos mestres — a Natureza! E atravez de todo esse tranquilo e ridente quadro descobre-se sempre o curso do poetico Mondego, que ora veste o coturno tragico ao passar *Entre Penedos,* ora deslisa na amenidade da paisagem coimbrã espraiando-se pelos campos a jusante de Penacova.

OUTRO TRECHO DE PENACOVA

Vista da estrada que margina o Mondego — A' esquerda o chalet do conselheiro Luiz Duarte Sereno

Uma vez ligada a Lorvão e ao Bussaco pelas estradas que estão em adiantada construção, Penacova fica ocupando o vertice de um triangulo de vilegiatura que ha de constituir um percurso de *tourismo* obrigatorio, dependendo apenas da edificação de um hotel simples e moderno a fixação dessas colonias ambulantes...

Não faltam para isso atractivos á linda vila, e não é de certo o menor deles a visita ao historico mosteiro de Lorvão que fica a meia hora de distancia, pelo ramal da estrada que está em construção.

Centro de numerosas excursões, como qualquer dos outros vertices do triangulo que tem por base Coimbra-Bussaco, a região penacovense póde ser um dia tão afamada como algumas estações da Suissa.

Basta para isso que os penacovenses tenham a iniciativa dos suissos.

Clichés Casimiro Guedes Pessoa. Amandio Cabral e Photographia Montenegro.

L. MANO.

TERRA DE PORTUGAL

Lindo paiz o vosso! Feiticeira
Terra de amôr, de sonhos e de fados;
Brancas ermidas, sinos a noivados,
Ai! como tudo a rosmaninhos cheira!

Sonham, ao luar, com a flôr da laranjeira
Lindas moças em torno dos eirados:
Ah! fosse outr'ora e á ala aventureira,
Pertencera, talvez, dos Namorados!

Lindo paiz o vosso, onde o Mondego,
Parece reflectir inda o semblante
D'aquella linda Ignez posta em socêgo...

Terra dos meus avós, cheia de encantos,
Por vos não vêr, um coração amante,
Mais que o Mondego se transborda em prantos!

S. PAULO (BRAZIL)

Raul do Valle.

II

Agencia de investigações particulares

Com este distico mandára o visconde collocar uma taboleta nas janellas da casa do seu procurador, e alli dirigia superiormente na sua qualidade de advogado e, ainda mais, no papel de *dectetive* que se distribuira, os negocios dos seus innumeraveis clientes. Eu fazia as vezes de Silvestre durante a sua ausencia e discutia com elle os pontos mais obscuros dos negocios.

Esta empreza tinha para nós mil attractivos. Habituados ao aborrecimento da ociosidade, viamo-nos com o tempo sempre preenchido por curiosos, e muita vez cómicos, problemas, e os dias passavam n'um segundo sem que déssemos por isso. Leonor, radiante, incitava-nos ao trabalho, convencida de que o marido só fazia loucuras para matar o tempo, como vulgarmente se diz. Eu tornara-me, a muitas instancias dos viscondes, seu comensal, de fórma que ao almoço e jantar, quando não havia visitas, a conversa, por visivel intenção de Leonor, recahia sempre sobre os casos do dia pelos quaes ella mostrava, falsa ou sinceramente, o mais vivo interesse.

QUEM FALA? INDAGOU A VISCONDESSA

Foi assim que, depois do almoço, emquanto em volta do fogão discutiamos a rotina do dia, a viscondessa, que passava os olhos pelo *Diario de Noticias* nos chamou a attenção para este annuncio:

Alviçaras

Dão-se a quem indicar onde se acha uma mala contendo amostras de colchas, atoalhados e riscados, que desappareceu do hotel dos *Tres Irmãos,* Largo de Camões, 7.

— E' curioso este annuncio, não é verdade?

— E' sobretudo tolo, porque evidentemente trata-se d'um roubo e só o ladrão é que poderia falar.

— N'essa não cahia elle.

— Pois claro.

— Acho porém bastante estranho, insistiu a viscondessa, que se tire d'um hotel uma mala sem que ninguem dê por isso.

— Comtudo nada mais vulgar.

N'isto chamaram ao telephone:

— Quem fala? indagou a viscondessa... Sim, está... Vai já.

E, voltando-se para o marido, n'um sorriso:

— Já lá tens clientes á espera.

— E' isto, disse Silvestre satisfeito. Nem nos deixam respirar. Vamos.

Despedimo-nos de Leonor e sahimos.

Ao entrarmos no escriptorio deparou-se-nos uma mulher magra, alta, de idade incerta, modestamente vestida, mas com muito aceio. Tinha a voz cortante e esganiçada e uns olhos negros de extrema mobilidade, que fitava nas pessôas quando falava, mas sobre os quaes baixava systematicamente as palpebras quando os outros se lhe dirigiam.

Depois de a ter feito entrar para o escriptorio e de lhe offerecer uma cadeira, Silvestre perguntou:

— Posso saber a que devo a honra da sua visita, minha senhora?

— Sou a proprietaria do hotel...

— Dos *Tres Irmãos?*

— Exactamente. O senhor já me conhecia?

—Não, senhora, mas esperava a sua visita... O desapparecimento da mala d'um hospede...

A mulher desviou o olhar e com um bater de palpebras, tornou:

— Parece-me que isso seria uma razão para elle vir e não eu...

— A' primeira vista assim parece, mas não é. A senhora tem toda a vantagem em manter o bom nome da sua casa; e um hotel d'onde desapparecem as malas dos hospedes, francamente... não é dos mais recommendaveis.

— Lá isso...

— E depois, continuou o visconde, a senhora não viu talvez isto...

E, tirando da algibeira *O Seculo*, poz-lhe diante dos olhos este annuncio:

Dão-se 20$000 réis

A quem der parte ou entregar no Café do Commercio uma pequena mala que por esquecimento foi deixada n'um hotel da baixa e pertence a individuo estrangeiro que momentaneamente se não lembra da casa. A mala só contem varias amostras e documentos do seu paiz, sem valor para qualquer outra pessôa.

— Não me parece que isso tenha a menor relação com o meu caso.

— Pois tem. Não offerece a menor duvida. E senão, diga-me? Foi, ou não foi, a senhora que mandou publicar o primeiro d'estes annuncios?

Depois de curta hesitação a mulher respondeu:

— Fui, sim, senhor:

— E a mala não lhe pertencia?

— Está bem de ver.

— Conhece o dono d'ella?

— Optimamente.

— Como se chama?

— Isso não vem para o caso, respondeu contrariada.

— E' estrangeiro?

— Não é... E'.

— Ha quanto tempo se hospeda na sua casa?

Nova hesitação.

— Ha muito mais d'um anno.

— E a senhora, se visse a mala, conhecia-a?

— Perfeitamente.

— Está bem. Se eu precisar falar-lhe para qualquer informação, posso procural-a no hotel?

— Ai, não... isso não, respondeu ella afflictivamente. Eu volto aqui ámanhã.

— Está muito bem.

E o visconde, dando a conferencia por terminada, acompanhou amavelmente á porta a sua estranha cliente.

Voltando a sentar-se á secretária, accendeu um charuto e lançou-me um olhar triumphante. Depois, com o ar satisfeito do investigador que achou uma solução, e um olhar de gaiáta superioridade, interrogou:

— Que te parece tudo isto?

— Por ora não sou capaz de formar um juizo bem nitido.

— Nunca serás um grande observador.

— E tu?

— Eu tenho na mão o melhor fio da urdidura.

— Então?

— Compara os annuncios.

— Já comparei.

— Que encontraste?

— Nada.

— Isso é que é agudeza. Pois eu te digo: o primeiro annuncio é d'esta mulher a quem convem não dizer se a mala é sua ou d'um hospede, que néga primeiro e depois affirma que o homem é estrangeiro, e, circunstancia grave entre todas, finge ignorar que na mala existem papeis.

— E' verdade. Não tinha reparado n'isso.

— Tu nunca reparas em nada. Agora o

segundo annuncio... Dão-se 20$000 réis a quem entregar uma mala que *por esquecimento* foi deixada por um estrangeiro *n'um hotel que momentaneamente se não lembra qual foi.* Signal de que a bebedeira era tão grande que lá entrou, lá esteve e de lá sahiu sem conhecimento do logar, conhecimento que ainda não obteve. Passemos á observação directa. Esta mulher tem o habito da investigação e da dissimulação. Quando fála, não olha; receia que o olhar, sempre difficil de disfarçar, a atraiçôe. Quando escuta, fita com uma persistencia e agudeza que encommóda: quer ir além das palavras e prescrutar os pensamentos. Se fôsse homem, diria que era juiz ou advogado; mas, como entre nós o feminismo ainda não conseguiu tanto, direi apenas que é uma ladra, uma impostora ou — quem sabe? talvez cousa peior. Em todo o caso, o que com certeza não é, é proprietaria do hotel; e senão, informemo-nos.

O visconde carregou no botão da campainha e o servente appareceu á porta.

— Vaes ao hotel dos *Tres Irmãos,* no largo de Camões, 7, perguntas pela proprietaria, e dizes que vaes da parte de qualquer agencia de vapores saber se teem commodos para uns hospedes de consideração, etc., etc.; qualquer cousa que te dê tempo de vêr a creatura, observá-la e trazeres-me d'ella todos os signaes. Isto rapidamente, que tenho de sahir e preciso d'essas informações.

O rapaz sahiu, e o visconde, satisfeito de si, poz-se a tamborilar nos vidros da janella, trauteando por entre dentes um trecho do *Barbeiro de Sevilha.*

Eu, sem bem perceber porquê, sorria de mim para mim d'aquella satisfação, quando uma leve pancada soou na porta do escriptorio.

— Entre, disse o visconde sem se voltar.

A porta abriu-se e no limiar appareceu um homem de quarenta e cinco annos pouco mais ou menos, de aspecto doentio, mas elegante, e vestido com a correção d'um *gentleman.* Com accentuada pronuncia italiana perguntou:

— O sr. visconde está?

Silvestre voltou-se de chofre e, encarando o desconhecido, respondeu promptamente:

— Sou eu. Que deseja?

O italiano avançou uns passos e, tirando d'uma elegante carteira um bilhete de visita, entregou-o ao visconde que, lançando-lhe rapidamente um olhar, respondeu offerecendo-lhe uma cadeira:

— Vejo que é o sr. Silvio Romanelli, agente da casa Lane Bruno & C.ª a quem tenho a honra de falar, e, segundo creio, a respeito d'uma mala com amostras e papeis, que lhe foi roubada. Engano-me?

— Exacto, exactamente, mas... como póde V. Ex.ª saber?

E n'esta interrogação havia quasi desconfiança.

— Muito facilmente: pelo seu annuncio nos jornaes. Nós estamos habituados a ser procurados para deslindar toda a especie de casos embrulhados; d'aqui o costume de passar todas as manhãs os periodicos pelos olhos.

E' realmente bôa ideia.

— Posso saber em que, n'esse assumpto, V. Ex.ª entende que lhe poderei ser util?

— Certamente. E' isso que aqui me traz. Hontem sahi para tratar d'umas transacções por conta da casa que represento e levei comigo uma pequena mala contendo amostras e papeis. Fui no caminho agradavelmente surprehendido pelo encontro d'um conterraneo que me convidou para almoçar. Acceitei com satisfação. Subi para o trem em que elle vinha e, entretido a conversar, não reparei no caminho seguido, o que aliás pouco me aproveitaria porque desconheço Lisbôa quasi totalmente. Chegados não sei onde, o cocheiro parou, abriu a portinhola, e nós entrámos n'uma casa rasoavelmente mobilada, sem comtudo ter apparencia de hotel. O meu amigo fez-me entrar para um gabinete, onde por ordem sua nos serviram de almoçar. Entretanto Svampo perguntava-me os motivos que me haviam trazido a Portugal. Contei-lh'os francamente e, quando ia para lhe fazer notar que era occasião de me dizer tambem a que feliz acaso devia tê-lo encontrado em Lisbôa, senti uma especie de vertigem e perdi os sentidos. Quando voltei a mim encontrei-me em casa, confiado aos cuidados de minha mulher que se mostrava afflictissima. Informando-se do que me succedera, contei-lhe o caso, e por seu turno ella referiu-me que Bruno Svampo me trouxera alli com infinita solicitude e lhe pedira, visto ter forçosamente de partir n'essa tarde para o Porto, que lhe désse noticias

minhas pelo telegrapho, porque ia cheio de inquietação. Como tinha na mala papeis de valor meramente pessoal, perguntei logo por ella. Minha mulher, vivamente perturbada por ter de me dar uma nova tão desagradavel, disse-me que Svampo a não trouxera,

...ENCONTREI-ME EM CASA, CONFIADO AOS CUIDADOS DE MINHA MULHER

nem ella, na sua afflicção, aliás justissima, se lembrára de lh'a pedir.

—São todas as indicações que me póde dar?

— Todas não. Resta ainda este estranho papel que encontrei no bolso.

E o italiano estendeu ao meu amigo um papel cinzento, no qual, imitando grosseiramente os caracteres impressos, se lia:

Não procure a mala se tem amôr á vida

— Depois d'esse aviso, que intenta?

— Tudo. Quero os meus papeis por todo o preço.

— Mesmo á custa da vida?

O italiano estremeceu.

— Pois ousariam?...

— Certamente, visto que o avisam. Uma pergunta ainda. Que genero de papeis, ou por outra, a quem mais podiam elles interessar?

— A ninguem, absolutamente a ninguem.

— Em que hotel está hospedado?

— Em nenhum. Como o que tenho a fazer em Portugal exige demora, aluguei uma pequena casa mobilada.

— Tem creados?

— Não. Minha mulher tem uma dama de companhia portuguesa que estava já com ella em Italia e para lá volta comnosco. E' como se fôsse familia.

— Que idade tem?

Romanelli sorriu:

— Eis uma pergunta de difficil resposta. Só lhe posso dizer que não é velha nem nova, mas é-me impossivel attribuir-lhe uma idade.

O visconde lançou-me um olhar victorioso e, voltando-se ao seu interlocutor, continuou:

— Tem o habito de não fitar as pessoas quando fala, e de fazer exactamente o contrario quando escuta?

— E' certo. Conhece-a?

— Supponho que sim. Mas tenha paciencia; dê-me ainda umas pequenas informações. Que idade tem sua esposa?

— Vinte e cinco annos.

— Responda agora com toda a franqueza. Para ella os taes papeis tinham interesse?

Romanelli hesitou, mas respondeu com firmeza.

— Muito.

— Bem, meu caro senhor, vá descansado que alguma cousa se hade conseguir. Permitta-me um conselho: nem a sua esposa, nem a ninguem, diga que me procurou. Está n'isso a sua segurança pessoal e o meio de sahir victorioso d'este embroglio.

— Tenho entendido mas... não creio que tenha razão.

— Ver-se-ha. Posso procura-lo em sua casa?

— Porque não?

— Então, se m'o permitte, visita-lo-hei ainda hoje.

— Com muito prazer.

E Romanelli, indicando o bilhete que lhe déra ao entrar, repetiu:

— Praça da Alegria, 43, 2.º, esq.

Cumprimentou e sahiu.

Mal tivera tempo de descer a escada quando chegou o servente.

— Então? indagou curiosamente o visconde.

— O proprietario é um homem de estatura regular e fala com uma pronuncia estrangeirada. Deve ter sessenta e cinco annos pouco mais ou menos. Usa bigode e pera e é já todo branco. Não tem mulher. Elle proprio dirige o hotel. Chama-se Bruno Svampo. E' muito trigueiro e tem aspecto agradavel e porte militar.

— E' tudo o que conseguiste saber?

— Tudo.

— Está bem. Podes ir-te.

E Silvestre, tomando o chapeu, indicou-me que fizésse outro tanto.

Sahimos. Ao chegar ao Rocio o visconde dirigiu-se a um cocheiro:

— Olha lá; serias tu quem conduziu hontem meu irmão á praça da Alegria, 43, e que ajudáste o amigo d'elle a transporta-lo desmaiado ao segundo andar?

— Nada, não senhor.

— Pois é pena, rapaz, porque tinhas bôa recompensa se...

O cocheiro não quiz ouvir mais. Saltou da boleia e correu a informar-se com os companheiros. Momentos depois voltou com um outro, pouco aceiado, mas de ar alegre e franco.

— Foi este, senhor.

— Tu não achaste no trem uma mala amarella com amostras?

— Sim, senhor. Tenho-a alli na caixa do carro, mas como não sabia a qual dos dois senhores pertencia, esperei que m'a pedissem. E' o costume.

— Fizéste bem. E's um rapaz esperto. Vai buscá-la que terás bôas alviçaras.

O cocheiro affastou-se, voltando logo apressado com a mala sobraçada.

O visconde metteu-lhe 4$000 réis na mão.

— Tens serviço?

— Não, meu patrão.

— Approxima o trem.

Subimos. E o visconde, fechando a portinhola com modo despreoccupado, ordenou:

— Para a casa onde os levaste hontem.

E, voltando-se para mim como quem explica, mas na visivel intenção de ser ouvido pelo cocheiro:

— E' forçoso agradecer-lhes todas as attenções que dispensaram a Silvio.

O carro rodou e Silvestre esfregou as mãos de contente:

— D'esta vez, Pedro, d'esta vez é que é certo!

Eu olhava-o com admiração e confesso que um pouco enfatuado pela perspicacia do meu amigo. Estava quasi rompendo em elogios.

O carro parou.

— E' aqui, disse o cocheiro; no réz do chão.

Batemos, e a porta abriu-se immediatamente.

— Venho da parte do sr. Bruno Svampo com recado urgente. Diga que não posso demorar.

O creado introduziu-nos n'um gabinete mobilado de verde, e instantes depois entrou uma mulher alta e loura, trajando com suprema distincção um elegante roupão de setim côr de rosa.

— Posso saber o que V. Ex.as desejam?

— O meu amigo Bruno Svampo, sendo-lhe completamente impossivel vir aqui, pediu-me que acompanhásse este senhor, a quem V. Ex.ª deve entregar, fechados e lacrados, os papeis que estavam n'esta mala que elle manda como signal, mas que devo tornar a levar. Não escreve pelas razões que V. Ex.ª calcula.

Ella olhou-nos admirada, mas sem a menor desconfiança.

— Bruno está doido! Pois elle não me disse que os remettesse sem demora a Leopolda. Foi o que fiz. Quanto ao testamento tem-no elle na carteira, no bolso esquerdo do sobretudo. Nunca vi um atarantado igual.

— E V. Ex.ª não podia mandar buscar os papeis á sr.ª D. Leopolda?

— Com que pretexto? Elles pertencem-lhe. Se o Bruno os quizer examinar que lhos peça. Já estou arrependida de me ter mettido em toda esta trapalhada que póde ainda causar-me algum dissabor.

— V. Ex.ª tem razão. Não basta que as intenções sejam bôas; é preciso que os meios correspondam aos fins.

— Pois claro. Eu não fiz bem em ceder porque o Silvio tem um génio violentissimo e, quando souber, talvez pense em se vingar. V. Ex.ªs não imaginam quanto os italianos são rancorosos e vingativos.

— Recebo as ordens de V. Ex.ª e peço-lhe que me desculpe de ter vindo perturbar o seu socego.

— Uma palavra ainda: V. Ex.ª diz a Bruno que, se estiver com Leopolda primeiro do que eu, lhe recommende que seja prudente e acautelada, sim?

— Sim, minha senhora, cumprirei o seu mandado.

E, cumprimentando amavelmente, o visconde sahiu seguido por mim.

Quando chegámos a distancia de já se não ouvir o rodar da carruagem, Silvestre, depois de me ter dito que me informasse na mercearia mais proxima do nome da gentil rapariga que acabavamos de deixar, fez parar o carro e ordenou ao cocheiro que esperasse.

Apeei-me e momentos depois escrevia na minha carteira: Margarida Aboim, rua da Saudade, 8. Voltei á carruagem e o visconde mandou seguir para o Principe Real.

— Onde vaes?

— A casa pôr esta mala em segurança e dizer a Leonor que não espere por nós para *lunchar*. O negocio vae optimamente e qualquer delonga póde estragar tudo.

— Que tencionas fazer agora?

— Não me perguntes nada. Estou n'um estado de tensão nervosa que me não permitte desabafos. Depois, depois.

O visconde entregou a mala ao porteiro, que acudiu á portinhola, deu as suas ordens, e pozemo-nos de novo a caminho, d'esta vez para o hotel dos *Tres Irmãos*.

— O sr. Svampo? perguntou Silvestre ao creado que, pressuroso, accorreu ao nosso chamamento.

— Está encommodado e não recebe.

— Vá dizer-lhe que venho da parte da sr.ª D. Margarida de Aboim e que lhe trago um recado urgente.

— Mas, senhor, tenho ordem de não lhe levar recado algum,

— Este caso representa excepção.

E o visconde metteu na mão do creado argumento convincente.

— Emfim, eu vou vêr; mas não sei...

Passados segundos voltou, e, abrindo uma porta lateral, introduziu-nos n'um escriptorio elegantemente mobilado. Sobre uma cadeira estava lançado um sobretudo. Silvestre dirigiu-se a elle sem hesitar e, mettendo a mão no bolso do casaco que Margarida lhe indicára, sacou d'elle a carteira e d'ella o testamento, que guardou entre os seus papeis. Depois sentando-se n'uma cadeira, apontou-me outra, dizendo com o mais perfeito sangue frio:

— Esperemos.

E esperámos com effeito um longo quarto de hora. Por fim a porta abriu-se e Bruno Svampo entrou.

— Qual de V. Ex.ªs me traz um recado urgente da sr.ª D. Margarida?

— Eu, respondeu o visconde.

E vendo o olhar interrogador que Svampo me dirigia, completou:

— E' meu irmão,

O italiano cumprimentou.

— Que ordena então a minha bôa amiga?

— Sua Ex.ª pede com muito empenho que, pessoalmente, ou por meu intermedio indicando-me a fórma, visto não poder apparecer a Silvio que o julga no Porto, previna quanto antes a sr.ª D. Leopolda de que deve pôr, sem perda de tempo, os pa-

peis em logar seguro. Silvio está no rasto da verdade e não é homem com quem se brinque impunemente.

— *Corpo di!* exclamou entre dentes o italiano. Não lhe entregou nenhum escripto para mim? accrescentou depois de curta hesitação:

— Nada.

E com arrojo admiravel o visconde ajuntou com voz firme:

— Julga que, no seu regresso para aqui, o sr. foi roubado, o que já é um grave transtorno; mas, se se engana, aconselha-lhe que ponha o testamento a bom recato e fóra d'aqui; em sitio ignorado de todos. E' possivel que lhe passem uma busca domiciliaria.

— Como? Com que fundamento?

— Ignoro-o. Não faço mais do que repetir o que me foi dito.

— Este senhor é...? inquiriu com desconfiança Bruno.

— Meu irmão, como já lhe disse, e tambem depositario de toda a confiança da sr.ª D. Margarida, que manda pedir ao sr. Svampo que não vá a sua casa n'estes primeiros dias para evitar qualquer desagradavel incidente.

— Mas que receia ella?

A um eloquentissimo olhar de Silvestre o italiano respondeu:

— Ah! sim, comprehendo. Teme pela pobre Leopolda... E' natural. Visto que V. Ex.ª amavelmente está disposto a encommodar-se por essa pobre senhora, tenha paciencia, procure-a (mas assegurando-se bem de que o marido esteja ausente, de contrario seria perde-la) e diga-lhe, ou por outra repita-lhe, as palavras de Margarida, ajuntando que eu estou incondicionalmente ao seu dispôr.

— E' tudo?

— Ainda não. Queria pedir-lhe para fazer saber a Margarida que, como sempre, as suas ordens serão pontualmente cumpridas. Tive o gosto de falar a...?

— A Gustavo de Mendonça e a seu irmão Miguel.

Despedimo-nos e galgámos rapidamente as escadas.

— Praça da Alegria, 43, gritou o visconde ao cocheiro.

E, voltando-se para mim, proseguiu:

— Agora começa o teu papel. Apeias-te, sóbes e annuncias-te ao Romanelli, a quem pedes informações ácerca do cocheiro, da carruagem, etc. Emfim prénde-lo no sitio onde elle te receber até que eu tenha tido tempo de saccar ás mulheres a confissão do crime. O melhor seria, depois de me teres dado tempo de entrar, convidá-lo a sahir e a examinar disfarçadamente o cocheiro sem se trahir, metterem-se ambos no trem e irem esperar-me no escriptorio.

...EU ESTOU INCONDICIONALMENTE AO SEU DISPÔR

— Essa ultima solução parece a melhor.

— Tambem concordo. E' a melhor.

— Estamos chegados.

Apeei-me, sacudi a campainha e subi. Abriu-me a porta a mulher que de manhã fôra ao escriptorio. Não me conheceu na escuridão da escada. Murmurei-lhe ao ouvido:

— Pertenço ao escriptorio onde a senhora foi esta manhã. Se quer salvar a sua senhora, emquanto lhe entretenho o marido, introduza junto d'ella o visconde, que, além de ter encontrado a mala, tem communicações importantissimas a fazer-lhe. Senão, está tudo perdido.

— Quem é? quem é? interrogou impacientemente dentro a voz de Silvio.

— Alguem que o procura, senhor Romanelli, respondi substituindo-me á pobre creatura que, cambaleando de susto, ainda se não recobrára do pásmo do meu apparecimento alli.

— Entre, entre meu caro senhor. Porque não o introduziu logo, D. Magdalena?

— Eu não sabia se...

— Então o que ha? disse-me elle logo que, entrando na sala, fechou atraz de nós a porta.

— Muito e nada. O visconde, creio que tem a chave de tudo e, se não está senhor da mala, pouco falta. O que é necesario é que o senhor veja se reconhece o cocheiro que guia a carruagem em que vim, e além d'isso, como nada nos garante que as paredes d'esta casa não tenham ouvidos, que tenha a bondade de me acompanhar ao escriptorio onde elle se nos reunirá em breve.

Romanelli abriu a porta e durante um momento senti vivo receio de que elle fôsse dentro; mas felizmente, chamando D. Magdalena, pediu-lhe o chapeu, a bengala, e desceu comigo a escada sem a mais leve suspeita.

DEIXEI-ME CAHIR NA CHAISE-LONGUE E CHOREI TORRENCIALMENTE

Agora convido o leitor a substituir-me junto do visconde cuja situação é bem mais interessante do que a minha, atravessando n'um trem de praça as ruas de Lisbôa e trocando com o meu companheiro as banalidades usuaes.

Silvestre apeiou-se apóz a minha entrada e indicou ao cocheiro a morada do escriptorio, dizendo-lhe:

— Logo que elles subam para o carro, partes sem perguntar nada.

Subiu vagarosamente a escada em cujo patamar encontrou a nossa matinal cliente, que, tomando-lhe a mão e de dedo nos labios, o guiou pé ante pé para a casa de jantar.

Ahi, repetindo-lhe o mesmo signal de discreto silencio e affastando um velho reposteiro, desappareceu nas sombras do corredor.

N'este instante o rodar da carruagem indicava-lhe que eu conseguira affastar Romanelli.

A casa, como todas as que se alugam mobiladas, tinha um aspecto frio e quasi uniforme: nada podia dizer aos olhos do observador mais perspicaz senão que os seus habitantes tinham um escrupuloso aceio.

O visconde sentou-se n'uma cadeira e dispunha-se a examinar um jornal, que estava sobre a mesa, quando a porta se abriu e uma mulher trigueira, alta e delgada, appareceu no limiar.

Silvestre sem nenhum preambulo disse-lhe:

— Minha senhora, tenho na mão todos os fios da meada. V. Ex.ª está horrivelmente compromettida.

— Parece-lhe? perguntou ella com um sorriso que uma expressão de cuidado rapidamente dissipou.

O visconde, notando-o, apressou-se a ajuntar.

—A sr.ª D. Margarida Aboim e Svampo estão já sob a mão da policia e parece-me escusado dizer-lhe que...

— Eu tambem o estou?

— Certamente.

— O' senhor! exclamou ella cheia de afflicção, se é, como julgo, um homem de bem, salve-me, por piedade... salve meu marido...

— Mas, minha senhora, a primeira condição para que eu possa servi-la é que V. Ex.ª esclareça a situação. Eu sei muito. sei de mais para poder acreditar na sua innocencia; contudo asseguro-lhe que me era gratissimo poder demonstrá-la.

— Eu digo tudo,... Na vespera de virmos para Portugal meu marido foi procurado por um seu amigo intimo, que lhe pediu para ser portador de uma volumosa carta lacrada e de um testamento, obrigando-se sob palavra de honra a entregar esses papeis em Lisboa a uma pessôa que devia procura-lo com um bilhete, tendo escripta por elle uma determinada phrase. Partimos despreoccupados e alegres. Ao chegarmos a Madrid, onde estacionámos uns dias, fui, na ausencia de meu marido, sobresaltada

por uma carta vinda de Napoles em que me diziam: *evite que seu marido entregue a correspondencia que leva, ou está perdido.* Estas simples e aterradoras palavras eram escriptas e assignadas por meu sogro; mas uma letra, desconhecida para mim, ajuntara em fórma de *post scriptum:* segredo absoluto. Estava ainda perplexa com a carta na mão quando me vieram dizer que uma senhora me desejava falar. Admirada, porque não conhecia ninguem em Espanha, ia dizer isto mesmo ao creado, quando uma mulher, muito nova e gentil, me disse no mais puro accento italiano: — Tenho a communicar-lhe uma noticia urgente, Signora Romanelli, mas em particular. O creado sahiu, e ella, com extrema volubilidade e *sotto voce,* disse-me: — Acaba de receber uma carta de seu sogro para que a correspondencia, de que seu marido é portador, não seja entregue, não é assim? O caso é grave, gravissimo; se o fizer a sua vida responde por tudo. E como eu, apezar de assustada, tivesse um ligeiro sorriso de incredulidade, accrescentou: — Trata-se d'uma conspiração contra a vida do Rei de Portugal, organisada por uma poderosa associação secreta. E sahiu, deixando-me estupefacta, e transida de terror. Quando fiquei só deixei-me cahir na *chaise-longue* e chorei torrencialmente. Sabia que meu marido não faltaria á sua palavra, sabia que um crime horroroso se planeava. Como impedi-lo? Calculei que o tal testamento devia conter as instrucções, dadas n'uma cifra combinada, e creio que não me enganei porque a carta nada traz de verdadeiramente comprometedor. Vou mostrar-lh'a.

Sahiu, e instantes depois voltou com a carta do sogro e a outra, que confirmavam plenamente as affirmações que pouco antes tinha feito.

— Como tenho mêdo, muito mêdo, concluiu ella, e receio pela vida d'elle e pela minha, lembrei-me de, com o auxilio de amigos dedicados, simular um roubo... e agora não sei... não sei se fiz mal. Tremo do genio de meu marido, e tremo sobretudo dos anarchistas e até da policia. Se tem coração, salve-nos, salve-nos, por piedade.

Silvestre, commovido pela afflicção da pobre senhora, assegurou-lhe que guardaria segredo e confiaria á policia a vigilancia das suas pessôas, se a decifração do testamento corroborasse as suas suspeitas. Dirigiu-se d'alli ao Juizo d'Instrucção Criminal, e em tão bôa hora que o testamento foi decifrado sem grandes difficuldades.

No dia immediato fôram postos na fronteira dois italianos, e Romanelli e a mulher cuidadosamente vigiados.

O italiano ainda hoje suppõe que a mala lhe foi aprehendida pela policia, onde elle teve de prestar declarações, e ignora quanto deve á dedicação da mulher.

Silvestre, quando fála no caso, solta um suspiro de magua e exclama:

— Não me consolo de nunca encontrar um verdadeiro crime.

Pateta! Como se não fôsse melhor prevenir do que punir!

MARIA O'NEILL.

O ALEMTEJO HISTORICO

Epigraphia christã

Tem sido, e é o Alemtejo uma fecunda matriz de antiguidades lapidares, tanto gentilicas, pagãs, como christãs dos primeiros seculos.

E' bem conhecido o Endovelico, de Terena, e varias inscripções mortuarias, que superfluo é referir 'neste logar, onde teriam natural cabimento por identidade de objecto, mas onde tambem, sobre não darem novidades ao leitor instruido, lhe sobrecarregariam o espirito com dose maxima.

Como qualquer doença costuma ser tratada com doses graduadas de menos para mais, assim a doença da ignorancia melhor se combate com repetidas, mas breves lições, do que com ellas longas e, por isso, tediosas.

N.º 1 — INSCRIPÇÃO ROMANA

Esta parte da archeologia é do agrado da menor parte dos estudiosos, para a litteratura amena, a romantica, o ser da maior. E, comtudo, não faltam encantos ao decifrar de uma sigla enigmatica, ao arrancar ao passado uma verdade que cahira no esquecimento, na ignorancia de homens. Largas considerações se podiam fazer sobre tal assumpto; mas esquivamo-nos.

N.º 2 — INSCRIPÇÃO CHRISTÃ

por aligeirar este artigo, que só fita, e apenas mira o noticiar por primeira vez, cremos, o apparecimento de duas incompletas inscripções christãs, e de uma outra, quiçá tambem christã e completa; mas, de tal modo barbara que apenas o faz suspeitar, na má leitura que permitte aqui ou além, em seu todo, como da estampa resalta.

De Montemor-o-Novo foram as tres pedras offerecidas pelo illustrado sacerdote

sr. J. J. de Sousa Romeiras ao signatario d'este escripto, que as guarda com amor na casa em que ora vive, na Torre de Sertorio, chamada.

A's fragmentadas não parece difficil o assignalar uma provavel edade, com impossivel á que se nos afigura inteira, pela fórma de algumas letras, quaes outras não viramos, na já larga pratica que temos de leitura lapidar.

Façamos-lhes referencias por numeros: 1, 2, 3.

A inscripção n.º 1 deve ser romana, e commemora, ao que parece, a morte de uma *Eulalia,* que morreu no primeiro de outubro de um anno, que não era costume indicar, com 25 annos de edade. Permitte o fragmento esta leitura:

SACRA....
CASAM....
EVLALIA....
SATVAN...
IDVS OC....
XXV

E' o numero 2 parte de uma inscripção votiva christã, ou rogativa a Deus por alguem que se finára.

Devera ter estado em logar sagrado, por aquella phrase: *hic exavdi,* onde teria sido sepultada a creatura, como se deprehende da letra R que precede o AMEN: que poderá ser o final, e dizer REQVIEVIT, em phrase, por exemplo: IN PACE REQVIEVIT AMEN. Permitte, pois, esta leitura:

.... TOTO EX CORDE
..... SXPM HIC EXAVDI
.... R AMEN.

Toto ex corde chrisptvm hic exavdi requievit amen.

N.º 3 — INSCRIPÇÃO CHRISTÃ

A terceira inscripção, a que parece completa, ou é totalmente barbara ou escripta em caracteres de ignorada significação, ou desconhecida, quando menos. A letra z, cortada, nunca vimos ou não lembramos ter visto: a segunda letra da segunda regra é para nós novidade, se ella contém a particula *de.*

Conscienciosa leitura não damos, na que fizemos e apresentamos assim:

S.ª D. Iº Aº
FZª E SE
NS ZOS

Sepultura de João Affonso Fernandes e seus herdeiros, ou *heros.*

Não achámos outra. Possa ella ser melhormente lida por alguem mais sabedor do assumpto.

Evora.

A. F. BARATA.

COIMBRA

CONVENTOS

Moradas do silencio e da saudade,
Claustros graves, abobadas sombrias,
Ao contemplar as vossas arcarías,
Que tristeza infinita nos invade!

Revivendo o passado, quem não ha-de
Sentir chorar-lhe n'alma as agonias
D'aquellas lages, humidas e frias,
Que o tempo vae gastando sem piedade.

Alli, sujeitas aos cilicios rudes,
Envelheceram quantas juventudes,
Na paz sem fim, na solidão das cellas...

Essas parêdes, toscas e severas,
Sobreviventes mudas d'outras eras,
Se ellas fallassem, que diriam ellas?!

NA MATTA

Manhã de nevoa, mistica e piedosa,
A natureza ha pouco adormecida,
Acorda para o sol, emerge á vida,
D'entre uma lactea e fluida nebulosa.

Como que inda a sonhar a terra gosa...
Ergue-se ao ceu n'uma confusa lida,
A alma da paisagem, no ar diluida,
Nevoa que sobe e que se alastra anciosa.

A alma da paisagem!... toda a noite,
Sonhando um novo mundo em que se acoite,
Seu verde olhar o espaço percorreu;

E manhã cêdo, extinctas as estrellas,
Saudosa, fez-se em nevoa, quer revê-las,
E sobe, sobe e perde-se no ceu...

(Dos *Poemas.*) **Alberto de Monsaraz.**

O jardim da infancia

I

DADAS as correntes das ideias theoricas e das tentativas d'organização pratica da educação que surgem e se multiplicam desde o seculo XV e principalmente a partir do meado do seculo XVIII, não podiam deixar de apparecer creações destinadas ao combate contra os males resultantes da incapacidade educativa das familias, logo que esta foi sendo reconhecida. A mais notavel, a todos os respeitos dessas creações, apesar do seu pouco exito inicial, foi o estabelecimento, no anno de 1837, em Blankenburg (Allemanha), dum instituto que o seu fundador, Friedrich Froebel, designou (tres annos depois) pela expressão de *Kindergarten*, á lettra *Jardim de creanças*, mas que usualmente denominamos *Jardim da* (ou *de*) *infancia*. Esse instituto tinha por fins principaes ministrar ás creanças de ambos os sexos, em idade preescolar (de cerca de 3 a 6 annos), a educação que não podiam receber nas familias, e ás mães, pelo exemplo alli dado, ensino que as habilitasse a educar seus proprios filhos. Não dispensar o que chamei a escola do lar, a educação materna, mas sim preparar as mães para esse elevado encargo era a mira capital de Froebel,

Portugal, que no seculo XVI produziu, como a Hespanha, iniciadores no movimento pedagogico, acha-se longe dos países que se tornaram o principal centro desse movimento, desde o fim do seculo XVIII, dos países de lingua allemã, tão pouco conhecida entre nós, comquanto ande incluida no quadro das disciplinas lyceaes desde 1836. Independentemente doutras causas, a principal das quaes (ao mesmo tempo effeito) está em o nosso atraso geral educativo, era esse facto um obstaculo a que a creação de Froebel fosse cedo conhecida entre nós. Aqui o nome delle fôra já mencionado publicamente e os seus trabalhos estudados por alguns raros investigadores antes de 1882; mas a verdade é que foi nesse anno que se fez, pela imprensa, primeira larga vulgarização desse nome e de noticias desses trabalhos. A 21 de abril de 1882 celebrava-se o primeiro centenario do nascimento de Froebel e Portugal, felizmente, entrou com sua quota na celebração, que deu logar ás informações respectivas dos jornaes. Lembrarei os factos, que parecem estar esquecidos, como tudo neste país se esquece com a maior facilidade.

Houve celebração froebelina no Porto, no

Palacio de Cristal, por iniciativa da Sociedade de Instrucção do Porto (fundada em 1880 e dissolvida alguns annos depois) e particularmente pela do seu secretario Joaquim de Vasconcellos, bem conhecido auctor de importantes trabalhos sobre a historia da arte nacional e ensino artistico e industrial, e de sua esposa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, notavel cultora dos estudos philologicos, que em Berlim estudara a fundo a theoria e pratica do *Jardim da infancia.*

Comprehendia o programma das festas do Porto:

1.º Publicação especial de um Estudo sobre a reforma pedagogica de Froebel, considerada nas suas varias phases e transformações, estudo collaborado por diversos.

2.º Publicação de uma Biographia popular, economica, com grande tiragem, acompanhada do retrato de Froebel e escrita pelo já fallecido professor e publicista Rodrigues de Freitas.

3.º Exposição do material de ensino Froebel e de objectos feitos com esse material, demonstrando as ulteriores transformações do systema.

4.º Serie de conferencias sobre esse systema: *a)* exposição deste no seu conjunto; *b)* analyse do ensino á face do material e objectos expostos.

5.º Saudação telegraphica aos representantes da familia Froebel.

6.º Mensagem á escola de Keilhau, fundação primeira de Froebel.

7.º Propaganda para a fundação e dotação dum *Jardim da Infancia,* nomeando-se uma commissão especial para sollicitar, com esse fim, o concurso do Municipio, da Junta Geral do Districto e do publico.

8.º Convite á imprensa portuense para solemnizar o Centenario.

Cumpriram-se, no todo, os numeros do programma. O n.º 1 foi substituido por um supplemento ao *Boletim da Sociedade de Instrucção do Porto,* vol I sob o titulo de *Centenario de Frederico Froebel a 21 de Abril de 1882* (40 pp.), que, parece (vid. ahi p. 34-35), constituiu a materia da mensagem a Keilhau (n.º 6), onde floresce ainda a escola alli fundada por Froebel.

Esse supplemento contém uma serie de documentos, cujo interesse para a nossa historia pedagogica me leva a dar delles curta noticia.

Vem em primeiro logar uma *Proposta dum Jardim da Infancia á Commissão Executiva da Ex.ma Junta Geral do Districto,* redigida pelo secretario da Sociedade de Instrucção, Joaquim de Vasconcellos. Contém um curto resumo historico das condições sociaes que fizeram surgir institutos para a simples guarda, ensino ou educação das creanças abaixo da idade da obrigação escolar, em diversos países, como as *creches, salles d'asile* (França), as *Kinderbewahranstalten* (Allemanha), as *Infant Schools* (Inglaterra), as *Scuole delle creature* (Italia) e depois o instituto froebeliano, o *Kindergarten,* parte num conjuncto vasto de educação popular. Seguem-se depois indicações muito uteis sobre o modo de levar a cabo, com as maiores probabilidades de bom resultado, a creação, no Porto, dum *Jardim da Infancia.* Propõe-se que sejam enviadas algumas senhoras de boas familias para a França ou, melhor ainda, para a Suissa, como pensionistas, as quaes seriam recolhidas em *familias educadoras* de jardineiras; essas senhoras deviam ter «a idade de 16 a 18 annos, saude robusta e, principalmente, animo e verdadeira dedicação para arrostar com os encargos de uma missão difficil, que é um verdadeiro apostolado». Lembrava-se que a Socidade de Instrucção tinha no seu seio uma senhora de origem allemã, entendedora do português, e habilitada com o curso do Jardim da Infancia, que se offerecia para ajudar as pensionistas portuguesas no seu regresso. (Essa senhora, D. Carolina Michaëlis, era com effeito um excellente elemento para o que se emprehendia.)

Vem depois um *Ante-projecto de Jardim da Infancia,* offerecido á mesma Commissão Executiva da Junta Geral, constituido por uma memoria justificativa e planta e alçado do Jardim, obra do distincto engenheiro portuense José de Macedo Araujo Junior.

Vê-se, por documentos juntos, que se interessava pela fundação projectada o ministro do reino (conselheiro José Luciano de Castro), o qual já em officio de 21 de dezembro de 1880 recommendara á Junta Geral do Districto e á Camara Municipal do Porto uma fundação dessa natureza. Aquella Junta em officio de 27 de março de 1882, mostrava-se disposta a estudar «os meios de realizar tão util empresa».

Mencionarei ainda, no citado supplemento,

uma *Breve historia da festa,* em que se reproduz do *Commercio do Porto* noticia das tres primeiras de quatro conferencias sobre Froebel e a sua obra realizadas pelo secretario Joaquim de Vasconcellos e dos trabalhos dos alumnos dum collegio portuense, dirigido pelo Dr. Pedro Roxa, antigo funccionario do Ministerio do Reino e depois da Camara do Commercio de Lisboa, onde reside de novo ha annos.

Por outros documentos, inseridos no mesmo volume II do Boletim da Sociedade de Instrucção do Porto, sabemos que tambem o Collegio Pestalozzi — Escola Froebel (sic) dessa cidade, estabelecimento dirigido por Gustavo de Almeida, que se proclamava *iniciador* da escola Froebel neste país, se propunha dar em sessão publica, nos paços municipaes «uma prova dos resultados colhidos da applicacão do systema que pusera em pratica». Declarou, porém, a redacção do *Boletim* que em dezembro de 1881 é que aquelle senhor recebera da Sociedade o material froebeliano que ella fizera vir de Berlim, sendo na mesma occasião entregue outro exactamente igual ao Dr. Pedro Roxa. Na proposta á Commissão da Junta Geral, já alludida acima, dizia-se que já se «ensinava o systema Froebel desde 1879 no Porto». Posso acrescentar que já em 1875 e 1876 fiz uso de algum material e de exercicios froebelianos na educação de algumas creanças, nessa mesma cidade, onde então eu residia, e que devo a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos algumas indicações praticas sobre esses trabalhos, recebidas nessa época. Nestes dominios, facilmente um pretendido iniciador encontra alguem que o precedeu.

FRIEDRICH FROEBEL

Ainda nos referidos documentos se dá a noticia de haver no Porto um capitalista abastado que nutria a intenção de construir uma escola Froebel. Esta designação, empregada varias vezes, na época a que me refiro, e ainda hoje, exige algumas observações.

O *Commercio do Porto* (21 fev. 1882) fallava do projecto da fundação de «uma escola Froebel e jardim da infancia» e a redacção do *Boletim* citado annotava: «Não ha senão uma escola Froebel, que é o *Jardim da Infancia.*» Com mais rigor poderia dizer-se: Não ha escola froebeliana (no sentido usual de *escola).* Froebel creando o Kindergarten teve em vista organizar um instituto muito differente pelo objecto da educação e do methodo da escola existente e é a esse instituto que o seu nome está ligado, porque, comquanto tivesse, como já foi indicado, um plano vasto de institutos d'educação, formando um conjunto organico, só deixara completo o Kindergarten. Quando se abriu em 1837 o estabelecimento de Blankenburg, o primeiro nome que lhe foi dado não foi o de escola, mas sim o de «Instituto para cultura da tendencia para as occupações, da infancia e adolescencia», nome mudado, em 1840, no de *Kindergarten,* o que deu logar ao erro, muitas vezes repetido, de que este só fôra creado naquelle anno. No espirito das creanças a que esse instituto é destinado: «Objecto e conhecimento (disse Froebel), intenção e palavra são ainda muitas vezes uma inteira unidade, como no homem, corpo e alma. Esse grao de cultura do Jardim da Infancia deve, pois, ser visto pelas jardineiras como muito nitidamente delimitado; exclue o conhecimento puro, o pensamento independente, ainda por completo; a este leva primeiramente o grao seguinte, o grao intermediario ou da «escola intermediaria». O nome indica já

precisamente a sua natureza; essa escola serve de ligação entre o Jardim da Infancia e a escola docente *(Lernschule)* ou de conceitos (ideias geraes) propriamente dita, compartilhando da natureza dos dois institutos, pois passa da intuição do objecto para o conceito.» Segundo essas ideias de Froebel (aliás em parte discutiveis), não haveria pois escola froebeliana, como creação que nos deixasse organizada, pois para elle o *Kindergarten*, não era escola. Froebel escreveu um artigo sobre a *Vermittlungsschule* (escola intermediaria), ha pouco reproduzido dum periodico olvidado.

Comprehende-se que ao primeiro contacto do nosso país com a pedagogia froebeliana se caísse em confusões de nomenclatura e não se penetrasse bem em certas ideias, aliás fundamentaes, de Froebel. Um caso analogo parece ter-se dado com a denominação mesma de *Jardim da Infancia:* suppôs-se que um jardim, no sentido usual do termo, era indispensavel ao instituto, que as creanças deviam ser educadas num jardim, embora tambem nelle houvesse uma casa, com uma ou mais *aulas, classes.* Segundo as ideias de Froebel, muito claramente enunciadas, a expressão *Kindergarten* é figurada: no seu instituto as creanças são as plantas que se trata de cultivar; o fim desse instituto é pois a *puericultura,* no sentido physico e mental. Póde haver e ha Jardim da Infancia num primeiro, segundo ou terceiro andar, ou mais acima, um jardim no sentido proprio desta palavra: nos Estados-Unidos da America do Norte ha terraços no logar dos telhados para preencher esta função. E' muito bom, porém, que haja um jardim com terra e plantas de raiz, como meio para a cultura das creanças.

A verdade é que no Porto se reuniam em 1882 excellentes condições para a transplantação e aclimatação do Jardim da Infancia em o nosso país. Mas em a nossa patria não póde contar-se com o dia de amanhã. Toda a energia despendida naquella empresa se perdeu. O Porto não teve até hoje o seu Jardim da Infancia publico. Os collegios em que se fizeram trabalhos froebelianos desappareceram. Como vejo dum prospecto, creou-se por 1906, no Collegio da Boavista, um jardim desse genero.

Lisboa celebrou tambem em 1882 o centenario de Froebel.

Em sessão da Camara Municipal deste concelho, no dia 1 de junho de 1880, uma Commissão encarregada de indicar o modo por que essa entidade corporativa havia de associar-se aos festejos do Centenario camoneano, depois de se ter entendido com a Commisssão Executiva da Imprensa, organizadora geral das festas a celebrar em 10 do mesmo mês, e haver sondado as disposições do governo, propunha uma serie de actos, o primeiro dos quaes era: «Fundar um «Jardim da Infancia» conforme os desejos manifestados pela Commissão Executiva da Imprensa, no local que se julgar mais apropriado.» A proposta foi unanimente approvada, mas até 1882 nada se fez para levar a effeito aquella fundação.

Em 5 de setembro de 1881 o governador civil do districto pedia á Camara informações sobre o assumpto e a 27 de fevereiro do anno seguinte renovava o pedido e rogava áquella corporação que désse o maior impulso aos trabalhos para a projectada fundação de um Jardim de Infancia modelo, em terreno dado pela Camara, e que se inaugurasse a construcção do edificio no dia 21 de abril seguinte, anniversario do nascimento de Froebel. Era verdadeiramente excepcional o interesse das auctoridades administrativas de Lisboa e Porto em negocio dessa natureza e quem conhecia as molas que põem em movimento usualmente essas auctoridades, em a nossa terra, perguntava com malicia se Froebel resuscitado não vinha cá intrometter-se em intrigas eleitoraes.

Em sessão camararia de 16 de março do mesmo anno de 1882, o vereador Theophilo Ferreira apresentava o projecto de construcção dum *chalet* para uma *escola Froebel* (sic) no jardim (publico) da Estrella. O projecto fôra elaborado pela repartição technica da Camara, e o custo do edificio destinado a 200 creanças, não excederia a 2:500$000 réis. O referido vereador pedia que se auctorisasse desde logo o começo da construcção, de modo que pudesse inaugurar-se no dia 21 de abril seguinte. Depois de demorada discussão, foi o pedido approvado por unanimidade, em sessão de 17 de março.

Theophilo Ferreira, fallecido ha annos, ainda no vigor da vida, e a quem se devem importantes serviços á instrucção popular, fôra professor primario e nessa situação so-

cial conseguira fazer os preparatorios lyceaes e polytechnicos para o curso da Escola Medica da capital, e conclui-lo. Veiu a ser nomeado director da Escola Normal Primaria Masculina de Lisboa e nessa qualidade foi um dos commissionados pelo governo ao Congresso Internacional de Ensino reunido em Bruxellas, no mês de setembro de 1880. Num *Relatorio,* ácerca dos seus trabalhos como vereador do pelouro da instrucção, em 1882, dizia aquelle professor e medico: «Os pedagogistas e escritores de todos os matizes revelavam coisas verdadeiramente surprehendentes com relação ao ensino froebeliano... Os jardins de Froebel que visitámos no estrangeiro haviam-nos tirado algumas illusões ácerca destas escolas infantis; — mas o que se disse e escreveu no congresso de ensino, effectuado em Bruxellas, impellia-nos a fazer por nossa parte mais uma tentativa.» Com effeito nesse Congresso, já acima alludido, foram apresentados tres relatorios sobre as questões da educação froebeliana, tratadas com competencia. Num delles, obra de madame Adèle de Portugal, infatigavel propagandista das ideias de Froebel e da pratica do *Kindergarten,* inspectora das escolas infantís do Cantão de Genebra, tratava-se, entre outros pontos, do ensino normal especializado para as educadoras nos jardins de creanças. Entendia a auctora que essas jardineiras deviam ter um curso normal primario e além disso um ensino especial da theoria e pratica do «systema froebeliano». Na discussão dos relatorios, o auctor do primeiro, o sr. Fischer, defendeu a necessidade dessa educação normal e deu noticia do seu teor na Austria.

No dia 21 de abril de 1882 inaugurava-se o edificio municipal, baptizado com o nome de Escola Froebel, no jardim publico da Estrella, onde hoje ainda se vê essa construcção que, segundo me afirmaram, custou não a modesta quantia que fôra orçada, mas cerca do quintuplo. Abençoada despesa essa e todas as mais de material, mobilia e pessoal, se produzissem os resultados que tinha em vista o homem cujo nome se inscrevia sobre a entrada principal. Do pessoal não se exigiu nenhuma habilitação previa, contra o que no Congresso de Bruxellas fôra proclamado e a Sociedade de Instrução do Porto entendia indispensavel. Esse pessoal (abstrahindo dos serviçaes) era dividido em *professoras* e *jardineiras,* em opposição com as ideias de Froebel que fallou só de *jardineiras* no seu instituto.

PLANO DA ESCOLA FROEBEL

Na pedagogia do *Kindergarten* ha que considerar:

1) *O conjunto de jogos e occupações* inventados ou colhidos pelo fundador e seus continuadores e que é mister sujeitar a uma selecção critica ou substituir em parte, para proceder mais conformemente;

2) O *espirito* que deve animar no instituto a cultura das creanças.

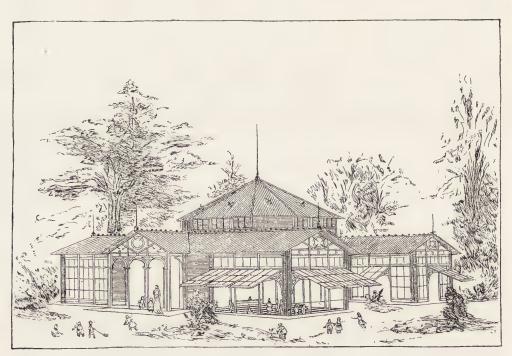
No bonito *chalet* do Jardim da Estrella introduziram-se jogos e occupações froebelianas, com outras coisas varias; emquanto ao *espirito* alludido afigurou-se-me que não tinha lá penetrado nos primeiros tempos do seu funccionamento. Ignoro se alli se teem introduzido progressos. O grande escolho do Jardim da Infancia é a mecanização dos seus jogos e occupações; contra elle naufraga a maior parte dos institutos dessa natureza.

No mesmo dia 21 de abril de 1882 iniciava-se um periodico pedagogico, com o titulo de *Froebel*. Era dirigido por funccionarios do pelouro municipal da instrucção. Alli se inseriu uma biographia do celebre educador, redigida pelo signatario do presente artigo e pouco mais acerca do creador do *Kindergarten*. No mesmo dia esse signatario fez, na primeira Associação dos Jornalistas e Escritores, uma conferencia sobre Froebel. O mesmo começou em 1883 um curso theorico e pratico de pedagogia do Jardim da Infancia, a que puseram termo mudanças sobrevindas no pelouro da instrucção.

Agora falla-se de novo, entre nós, em Jardim da Infancia. Mas sabe-se em geral pouquissimo de Froebel. Admiram-no de longe: *maior e longinquo reverentia*.

Para bem apreciar e corrigir a pedagogia froebeliana, para organisar um *Kindergarten* á altura do nosso tempo fôra necessario estudar e comprehender as obras de Froebel (3 volumes em duas edições) e varios escritos diversos do mesmo; os livros mais importantes de que essas obras foram objecto (o mais recente publicado em 1906 saiu da penna de M.me Adèle de Portugal), todo o movimento pedagogico moderno, especialmente os seus grandes representantes Comenius, Locke, Basedow, Rosseau, Pertalozzi, Fichte, que, directa, ou indirectamente, actuaram no espirito de Froebel, e as investigações recentes de psychologia infantil; e tudo isso feito nas proprias fontes.

(Conclue.)

F. ADOLPHO COELHO.

ESCOLA INFANTIL FROEBEL, ESTABELECIDA NO PASSEIO DA ESTRELLA

A «TIMBIRA» — INDIGENAS EM TRAJES DE GUERRA

De Inhambane a Lisboa

I

PELO INTERIOR

CINCO horas da manhã. Ainda em densa nevoa mergulhada a villa, natureza e gentes descançando do calor fatigante da vespera, um d'aquelles dias d'Africa que suffocam, que enervam, d'aquelles em que mais dolorosa e profundamente nos empolga o coração a saudade d'esta abençoada, d'esta sempre bella terra de Portugal.

Na residencia do governo, tudo prompto já para a partida — camas, barracas, trem de cosinha, rancho, fato, etc., etc., as mil coisas necessarias para uma viagem de dois mezes pelo interior do districto.

Ás 6 horas partimos.

Já o sol se levantava e era ridentissimo o aspecto do porto. A' direita a barra, depois, olhando em redor, as terras do Côche, as plantações da Companhia Industrial e Agricola de Inhambane, a missão do Mongué, o compound da Withwatersrand, a missão americana de Chicuque e o commando de Maxixe. Depois, macissos de palmeiras, a que se seguem longas varzeas que vão até á foz do rio Mutamba.

Nas margens d'este, plantações de canna sacharina, d'entre as quaes se destacam, cortadas de linhas Decauville, verdadeiramente modelares, as plantações da Inhambane Sugar Estates.

A margem em que assenta a villa é toda um tufo de verdura. A destacarem-se n'elle, á esquerda, a nova residencia da Circunscripção de Guilala e o paiol da polvora.

Depois a villa de Inhambane, casaria branca, cortada de largas ruas, lembrando uma aldeia do nosso ridente Minho; para leste, o Ilheu dos Porcos, o Ilheu das Cabras, terras baixas até ao mar, e ao longe o pharol da barra indicando o caminho aos navegantes, ensinando a evitar baixios.

Um escaler a vapor leva-nos porto acima em direcção á embocadura do rio Mutamba

A 7.ª COMPANHIA DE INFANTERIA INDIGENA

que subimos até á povoação do mesmo nome. O rio é ainda navegavel até um pouco mais a montante mas muito mais o seria se fosse limpo dos ramos e troncos de arvores que constantemente n'elle lançam as chuvas.

Desembarcámos cêrca das 9 horas. Esperavam-nos 100 carregadores, os creados que com os cavallos na vespera tinham partido por terra, e os nossos moleques. E ás 10 e meia, tendo comido uma ligeira refeição, partimos para Cumbana onde chechegámos cêrca das 2 da tarde, depois de fatigante caminhada por uma estrada de areia solta, nua, sem a mais pequena sombra.

Aos lados do caminho bordado de ananazes, estendem-se as plantações dos *bitongas*, raça dominante n'este commando, estreitas fachas de terreno onde o milho *(sibia)*, o amendoim *(ginumbe)*, a *mapira* ou *mabila*, a mandioca, a abobora *(marreguire)*, o feijão *(chiquene)*, a batata doce *(silungo)* e o tabaco *(fela)* são cultivados por processos primitivos, d'uma quasi insignificante producção, apenas sufficiente para as necessidades do casal a que pertencem.

A 8 kilometros do Mutamba corta a estrada um pequeno veio d'agua. E o caminho segue depois na mesma monotonia, sem o menor relevo, até ao commando de Cumbana.

Quiz o commandante receber-nos festivamente. Mulheres de pannos berrantes, pretos com as mais extravagantes toilettes, cantos, danças, um barulho ensurdecedor, a que só punham uma nota de harmonia os sons plangentes das marimbas, do *gitende* e do *guipendane*.

Os mulheres eram de um magnifico typo — fortes, hombros largos, pescoço fino, pelle setinosa, na cabeça aigrettes de missanga *(mugango)*, as faces marcadas com cinco pintas *(sichogotella)*, o ventre as coxas tatuados *(gindova)*, os dentes afiados a escopro e martello. Pannos de côres berrantes (em regra 3: *muandá, gicumbo* e *táto)* cobriam estes corpos por vezes esculpturaes, d'um tom que ia do preto ao encarnado-escuro. E tudo isto se movia em salerosos requebros, em batuques varios, fazendo chocalhar as tiras de missanga *(funga)* que traziam rente ao corpo, tilintando as manilhas das pernas, dos braços e do pescoço, deixando advinhar loucos movimentos por baixo do *guinungo* que lhes cobria o peito...

Os homens eram de estatura mediana.

Ao pescoço usavam collares de missanga *(ulungo)* ou de clinas de cavallo *(fenhane)*, e nos braços e pernas manilhas de arame de latão a que davam o nome de *siquele* e *unavilla*.

Vestiam quasi todos casacos, capas de borracha, sobretudos, fardas as mais variegadas, e um d'elles vi eu encasacado, grave, circumspecto e... porquissimo por signal!

Tive vontade de vêr dois typos de destaque entre os pretos: o feiticeiro e o curandeiro.

Emquanto ao primeiro, foi para mim uma decepção porque não têm curiosidade alguma os seus processos, muito mais simples do que os dos feiticeiros de outras raças que depois encontrei n'esta viagem.

Assisti a uma consulta do segundo *(nhagissolo)*. Chegou, sentou-se, e d'uma bolsa de palha *(gieupa)* tirou ossos de cabrito e gazella *(gisselo)*; olhou para o doente, leu nos ossos mysteriosas coisas, levantou-se, receitou e... cobrou 20 réis! Oh, medicos d'esta terra que, para nos aliviardes da mais ligeira enchaqueca, nos aliviaes as algibeiras de quantos magros cobres ellas teem, ponde aqui os olhos e vêde o que é humanitarismo!

*

Tres dias depois, ao toque de marimbas, sob o barulho ensurdecedor dos *baiéte, incóse! céna, céna*», do som dasafinado de gaitinhas, arcos, de tudo, em summa, quanto o genio negro, para desgraça de ouvidos europeus, se lembrou de inventar, deixámos o commando de Cumbana, partindo em direcção ás minas de N'hangelle. A estrada era agora já de bom piso e cheia de sombra.

De quando em quando palhotas de indigenas e de longe a longe uma ou outra loja onde, asqueroso, porco, mechendo, fatalista, nos pés e entoando uma monotona cantiga, talvez, quem sabe? a recordar-lhe os palmares verdejantes, as delgadas bailadeiras da sua India tão distante, um monhé vendia uma ainda mais repelente bebida a que chamava vinho, e roubava descaradamente o preto trocando-lhe a libra por 3$500 réis e uma braça de chita que valeria, quanto muito, 100 réis!

Fomos almoçar a uma povoação grande, de palhotas alinhadas, largas ruas, que nos disse um dos nossos cypaes chamar-se Mabecuana e pertencer ao cabado de Malaissa.

UM TRECHO DO RIO INHARRIME
(Na altura da Lixanga)

As palhotas eram da fórma usual: um cilindro encimado por um cone; dentro, divisões formadas por esteiras — na parte superior um taboleiro de caniço para guardar os mantimentos.

Ao centro da povoação uma «casa de fumo» onde, emquanto as mulheres trabalhavam nas *machambas*, os homens passavam o tempo fumando n'um comprido «canudo» ou n'um narguilé rudimentar onde queimavam um tabaco fortissimo, *bangue*, que produz uma tosse cavernosa e a perda, com o tempo, das

faculdades mentaes, e que elles julgavam os fortificava!

E d'este *dulce farniente* só consegue arrancal-os a comida, uma mistura de farinha de milho ou de mandioca, de feijão e amendoim pilado, regada com o celebre e nunca assaz cantado «vinho branco» ou com o *sope* que, ás escondidas das auctoridades, a cada canto fabricavam.

Deixámos depois do almoço Mabecuana. Fomos dormir a uma pequena povoação a 10 kilometros de N'hangella, nas margens da lagoa dos Cavallos marinhos, e depois d'uma noite tormentosa, d'uma lucta heroica com mosquitos varios e de variadas fórmas, partimos para N'hangella onde chegámos cêrca do meio dia.

PONTE SOBRE O INHAMETAMDE

Do alto onde está situada a povoação avista-se toda a região das pesquizas petroliferas, vastos planos onde abunda á superficie a elaterite. Vem já de muito longe os trabalhos no districto para este fim — mas sem capital para tão dispendiosa empreza, sem material apropriado e, sobretudo, sem pessoal para d'elles proficientemente se desempenhar, não tinham dado resultado algum. Outro tanto já não succedia com as pesquizas mais modernamente feitas que, dirigidas por pessoal habilitado, com longa pratica nas regiões petroliferas da Russia e da America do Norte, tendo á sua disposição magnificas sondas, bem depressa chegaram a grandes profundidades, encontrando dia a dia mais seguros indicios da existencia do petroleo que eu n'essa occasião vi extrahir misturado com agua d'um dos poços.

Em visitar um dos *drill* passámos aquella tarde. E á noite, a desenas de kilometros de Inhambane e a milhares de leguas de qualquer terra civilisada, n'uma simples palhota, tendo por horisonte um campo deserto, de kilometros sem fim, nós sentavamo-nos a uma meza coberta de flôres, graves, encasacados, de commendas ao peito, ouvindo uma musica cafreal de marimbas e batuques, mas tudo com um tal conforto, sob a magia dos dedos delicados d'uma mulher forte e varonil e da graça estonteante da mais adoravel *miss* que os meus olhos viram em terras africanas, que aquelle dia deixou em todos nós uma tão deliciosa lembrança que, mezes mais tarde, no terraço sumptuoso do Casino de Monte Carlo, olhando o azul purissimo do mar, abancado a uma meza scintillante de cristaes e prataria rara, e chegando aos meus ouvidos, n'uma melodia quente, a musica perturbadora d'uma orchestra de zingaros, eu me lembrei com saudade d'uma palhota perdida lá para o interior d'Africa, n'um campo alagadiço e doentio, ouvindo uma musica cafreal, tudo isto transformado em delicioso *home* sob o influxo adoravel d'um vestidinho de cassa branca, d'uns olhos de sonho, d'uns cabellos d'oiro...

*

Quatro dias depois partiamos para o commando de Inharrime. E' deslumbrante o panorama que d'ahi se disfructa. Assente no cimo d'um monte, adormecida aos pés a lagoa Poelela, o rio Inharrime a sumir-se

entre montes para os lados de Chicomo, a linha de lagoas ao longo da costa, as dunas correndo para o sul, e para além d'ellas o mar revolto, quebrando-se nos rochedos da ponta á Zavora...

No commando esperava-nos a mesma recepção que tiveramos em Cumbana, mas então maior, de mais gente ainda, indigenas d'uma raça guerreira cujas canções e danças têm qualquer coisa de imponente e grandioso que uma vez vista nunca mais se póde esquecer.

O mesmo barulho ensurdecedor, o mesmo movimento, a que davam alegria e graça as côres variegadas dos pannos das mulheres e das pelles de animaes varios com que cobriam o corpo os figurantes das danças de guerra.

E então, diante dos nossos olhos extasiados, passavam esbeltas negrinhas, ás duas e duas, tatuadas nas faces, no ventre e nas pernas até aos joelhos, as orelhas furadas d'onde pendiam em ar de brincos pequenos troços de madeira, alguns enfeitados a missanga, dançando o *Chibobo* em meneios e requebros que, ao som cada vez mais apressado das marimbas e batuques (tambores), mais se apressavam tambem, cada vez mais dobradas, cada vez mais estonteantes, a acabar n'uma formidavel, n'uma homerica dança de ventre, sublime e extasiadora apotheose da linha curva...

Mais além, acompanhadas pelo bater compassado das mãos, outras dançavam a *Massessa*.

Eu vi no Egypto fazer resurgir do pó de vetustos papyrus illuminados e dos muros de archaicos tumulos as velhas danças; eu vi as «bailadeiras» de sabres nus, cortantes, de frios reflexos de aço a contrastar com o marfim rosado d'uma carne palpitante, eu vi-as dançar em homenagem a deuses, danças que só deuses podiam ter inventado; eu já assisti em *cabarets* de Paris a cancans furibundos que entonteciam como espuma de champagne, e já vi na grave e pesada Londres, sob reflexos arroxados de luz electrica, dançar, em compassos tão suaves que cada um d'elles era em verdade uma melodia inteira, a mais perfeita beauty que os meus olhos têm adorado.

Já vi isso tudo; mas n'aquella tarde, sob o reflexo d'um occaso africano, com aquelle scenario que encantava, a lua misturando

O RIO INHARRIME

já os seus fios de prata aos raios d'oiro do sol, todos aquelles corpos de ebano purissimo movendo-se sem um passo fôra do acorde, requebrando-se, ora doces e meigas como uma suavissima caricia, ora altivas e cortantes como um olhar ironico de mulher, tudo aquillo produziu em nós uma sensação que eu não me lembro de a ter experimentado mais viva nem mais forte senão muito mais tarde, no meio já d'esta viagem, na magica e enigmatica Italia, quando, depois de cortar na minha gondola as aguas serenas do Canal veneziano, tão cheio de mysteriosas e perturbadoras recordações, assisti a um espectaculo tão bello que por momentos me senti transportado á velha Hellade, a terra sagrada da arte, do culto á belleza e da religião do amor.

Na esplanada, do outro lado do commando, cada regulo e cabo apresentava o seu batuque. Plumas de avestruz na cabeça, clinas de cavallo nos braços e nas pernas, o tronco coberto de pelles de tigre e raposa, nas mãos um escudo pequeno, um machado e uma zagaia, toda aquella pretalhada dançava, cantando lendas de guerra, imitando cargas de cavallaria, nos mil tregeitos e esgares da *Timbira*, da *Zumba* e da *Guinha*.

Os advinhadores e curandeiros que entre as gentes de Cumbana pouco interesse despertavam, eram aqui muito mais dignos de menção.

NO COMMANDO DE CHICOMO (COGUNO)

Eu vi um *Nhatischolo* atirar ao chão o *tischolo* de conchas de kagado, buzios, ossos d'uma cabra velha que não tivesse procriado, d'um bode velho, d'uma cabra só com uma cria, d'um cordeiro de dois dias, de gazellas macho e femea, d'um porco do matto, d'uma ovelha e d'um carneiro, e lêr depois na disposição d'esta bugiganga toda, um remedio que um seu ajudante, o *n'ganga*, applicava; mais além vi um *Nhamatzau* mandar formar em circulo a gente d'uma povoação onde tinha morrido uma mulher, e, depois de se ter coberto das mais extraordinarias coisas, como ossos, pelles, tintas de côres berrantes, etc., fazendo, ao som de marimbas e batuques, os mais repellentes esgares, dar de beber áquella gente toda uma mixordia qualquer que devia denunciar o causador da morte.

E vi n'uma outra povoação um *Nhamahonzo* dar de beber a uma gallinha e a um cão, o succo da casca d'uma arvore *(uanga)* que, ou os matava denunciando o feiticeiro, ou os deixava sem mal de maior e illibava de toda a culpa o suspeito criminoso, barbaros costumes que a nossa influencia tem dia a dia feito desapparecer, mas que para o interior, em algumas regiões, são ainda conservados.

Quiz assistir á festa da circumcisão dos muleques e da lição ás raparigas, mas não o consegui por não ser aquella a época propria.

Dias depois partimos ao longo das lagoas Poellela, Massava, Nhacodué e Quissico até á povoação d'este nome, séde do commando de Zavalla.

Das danças de *maguambas*, *bindongas*, *pinguines*, *walengues*, *m'chopes* e *bilenes*, eu só poderei dizer que ellas foram mais interessantes ainda do que em Inharrime. Mas o que mais nos chamou a attenção, o que mais vivamente se gravou no nosso espirito, foi a impressão que experimentámos ao ouvirmos o *Incuaia*, o canto de guerra dos vatuas.

Com franqueza o digo: não conheço hymno algum traduzindo com mais verdade a alma d'um povo, as suas aspirações de liberdade e de justiça, o amor arreigado á sua terra, do que aquella canção guerreira, ora vibrante e energica como um toque de clarim, ora plangente como um soluço, parecendo acabar n'um echo longinquo, n'um marulhar de vagas na areia d'uma praia batida de luar.

Dois dias depois partimos para as terras do regulo Canda até Chivacane, perto dos limites do districto.

E' admiravel a vista d'ali. O Inhatunbo correndo entre montanhas onde branqueia aqui e além, sobre o fundo verde da terra, o fumo das palhotas, as lagoas estendendo-se serenas e adormecidas no sopé da cadeia de dunas ao longo da costa, e ao longe o mar muito azul, muito puro, a confundir-se no horisonte com o azul purissimo do ceu d'Africa.

Em todas as povoações nos esperavam as mesmas danças e canções que nem em marcha cessavam, entoadas pelos carregadores, pelos muleques e pelos muitos outros indigenas que sempre caminhavam ao nosso lado. Depois de descançarmos nas terras de Canda, partimos para as do regulo Zandamella, passando por Guni, Chitondo, Mahomba e Libenuco.

Em Zandamella acampamos para assistirmos a caçadas ao cavallo marinho na lagoa Marrangua e a batidas nos planos que d'ahi se estendem até á planicie de Inhassuno onde abunda a caça grossa, principalmente o antilope, a pala-pala, o porco bravo, o eland, a zebra, etc., etc.

D'ahi, passando pelas terras de Macanda e Mavulule, fomos acampar nas margens da lagoa Chipane, d'onde, cortando os regulados de Chissôa, Mavilla e Matona, voltámos ao Quissico e pela estrada das lagoas a Inharrime.

Descançámos quatro dias, passados os quaes, embarcando n'uma pequena lancha, subimos o rio até ás terras de Guilundu e Mindu, detestavel viagem de que conservo a agradavel lembrança de, por um erro de informação, termos sido obrigados a almoçar ás 2 horas da madrugada, depois de 18 de navegação, incommodados, mordidos de mosquitos e cheios de fome.

Nas alturas do Madoluane, pequeno riacho que desagua no Inharrime, atravessámos este em direcção ás terras de Matimella, donde seguimos para as de Inhamuenda, passando pela povoação de Mocumbinini, Chitate e Binguana. Retrocedendo depois a tomar a estrada para Coguno, fomos acampar á povoação do regulo Banguza, donde na manhã seguinte partimos para a Lixanga onde descançamos um dia. Atravessamos o Inharrime na altura do compound de Withwatersrand, seguindo d'ali por uma larga estrada de 12 kilometros em absoluta linha recta até ao commando de Chicomo, tendo passado o rio Inhametande por uma ponte que era um verdadeiro modelo em construcção cafreal.

ESTRADA PARA COGUNO

Com as mesmas danças e cantos fomos recebidos no commando onde nos demoramos quatro dias, seguindo depois a visitar as terras do Guambá grande e do Guambá pequeno, tendo então occasião de assistir ás variadas phases d'um casamento indigena e mais adiante ao ceremonial interessantissimo do enterro d'um regulo.

Foi perto de Coguno.

Elle, um pretalhão forte e desempenado, viu-a n'um batuque. Viu-a e... amou-a... Falou-lhe em casamento — ella de olhos

baixos, pudica, ruborisadas as faces como uma dessas figurinhas deliciosas de Watteau, disse que sim. Elle disse ao pae a escolha que fez, e este, aprovando-a, foi pedir a donzella. Tal qual como cá!

O noivo pagou ao sogro as 20 libras do estylo. E lá casaram...

Houve batuque, festa rija, rigissima bebedeira, can-cans desenfreados, o demonio.

Casaram e creio que foram felizes. Meninos, não sei se os tiveram. Não me demorei o bastante para o saber... Partimos.

No caminho encontramos um grande cortejo, no meio do qual dois pretos levavam á pinga um fardo. Era o corpo d'um regulo.

Tinham-lhe dobrado as pernas e os braços sobre o tronco e enrolado em fazendas de variadas côres. Era aquelle o fardo que levavam.

DOIS GIGANTES E UM ANÃO
(Guerreiros de Zavalla)

Tinham já feito uma cama no lodo do rio Inhametande. Nessa cova o iam metter juntamente com fazendas, uma enchada, dentes de elephante, etc., etc., mil presentes que o morto ia levar aos seus antepassados.

Pozeram ali o corpo e por cima mais fazendas ainda, até com o peso ficar bem enterrado. Se voltasse á superficie, é que os presentes não eram bastantes. E lá iriam pôr mais ainda! Tres dias depois é que foi tornada publica a sua morte e dada posse do regulado ao successor.

E então começou um batuque monstro que, quatro dias depois, quando d'ali nos fomos, ainda durava e duraria emquanto houvesse vinho, sura, sôpe, qualquer mixordia com que apanhar uma homerica borracheira!

Depois de muita bebida, muita dança e festas e algo obscenas canções, vão chorar pelo morto: mais batuque, mais bebidas, mais danças e cantigas, que este mundo não vai para tristezas...

Até aqui, a relativamente pequena distancia entre os commandos, a exhuberancia da vegetação, sempre variada, o panorama que por vezes era uma maravilha, e a vivacidade dos povos que habitavam esta região, as suas danças, as suas canções, tudo isto tinha concorrido para que a viagem nos fosse bem agradavel. Mas aquillo ia acabar por um mez pelo menos. Iamos entrar na planicie de Inhassumo e d'ahi até Villanculos só tinhamos a séde do commando de Panda onde descançar. Atravessamos o Inhassuno, de leguas de extensão, sem se vêr uma só palhota. Ao longe viamos passar manadas de toiros bravos, antilopes, etc. Nenhum passou ao alcance das carabinas.

Chegamos ao commando de Panda. A raça dominante era a macuacua; a lingua, o

landim. Na cabeça usavam uma corôa de cera preta. No corpo, nenhuma tatuagem.

Depois de descançarmos tres dias neste commando partimos para Villanculos, longa jornada por um caminho de pé posto, detestavel, sem agua, a maxilla batendo constantemente nos troncos das arvores, os maxilleiros pessimos, uma tremenda massada tudo aquillo.

Passamos pela povoação do regulo Masive, o mais rico do commando de Villanculos; ali nos esperavam batuques varios, mas já sem graça, sem atractivos, que a distancia enorme entre as povoações não deixava juntar gente bastante para elles. As palhotas eram um cone; entrava-se n'ellas de gatas. O vestuario de homens e mulheres, apenas uma pequena pelle e algumas vezes um pedaço de casca d'arvore. Tudo aquillo era em extremo selvagem.

A distrahir-nos desta monotonia, só um casamento: depois dos varios passos protocolares, começou a festa; e, emquanto durou 5 ou 6 dias, os noivos viveram na mesma palhota sem terem relações. No ultimo dia pozeram-lhes uma vasilha com agua ao pé da cama — Então casaram *de verdad*. No dia seguinte lavaram-se n'aquella agua e pozeram-n'a á porta da palhota; vieram os parentes, saltaram por cima da vasilha para entrar, lavaram-se ainda na mesma agua (!) e partiram para suas casas. Estava prompto o casamento.

Virgindade na noiva, é coisa de que se não importam. Nem eu sei mesmo se alguma vez nas pretas existiu...

O adulterio da mulher é para o marido um grande negocio: tres libras, tres magnificas libras para vinho, para sura, para pannos, etc., etc., e a paz conjugal subsiste e o menage continua feliz como até ali, a mulher prompta para mais uma «queda», o marido prompto para... receber mais tres libras. Decididamente a civilisação tem caminhado a largos passos em Africa...

Não adoram feitiços nem idolos. Só acreditam que no outro mundo se pode viver com todas as mulheres... dos outros! Acreditam nas almas dos antepassados; são ellas que mandam, é a ellas que constantemente consultam sobre as mais absurdas coisas. As mulheres sustentam os maridos: civilisação ainda...

(Continúa.)

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.

O PORTO
(Pilares para a ponte de desembarque)

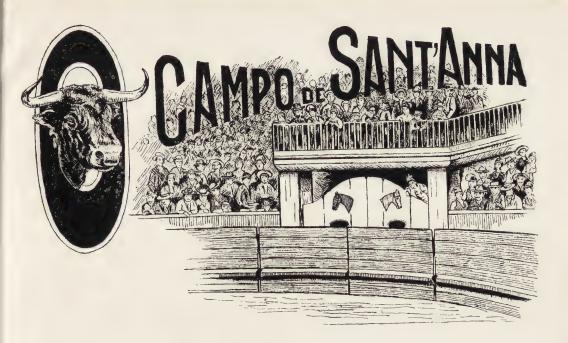
A aldeia

Eu ouço, pelos campos, alegria,
Filtrada por gargantas de crystal,
Um hymno mavioso, Maternal,
Que vão trinando aos ninhos, todo o dia,

Avesinhas do céo e do Senhor;
Boquinhas sem mentira, sem peccado,
Uns corações em peito immaculado:
—Almas branquinhas a rezar Amor.

São azas novas, que, a tremer crescendo,
Pedem meiguices, beijos e magias;
São peitos tenros, que se vão fazendo

Com leite crystallino d'harmonias,
Azitas leves, que, em voar podendo,
Andam só, pelo céu, em romarias.

Arthur Coutinho.

Recordações de então

IV

Poucos são os aficionados de hoje que se recordam da primeira geração de artistas que pisaram a arena da praça do Campo de Sant'Anna. Por esse motivo, parecenos interessante lembral-os em poucas linhas, antes de nos occuparmos da gente que formou a segunda geração, mais nossa conhecida.

João Ferreira Grillo e Antonio Maximo de Amorim Vellozo, foram os dois cavalleiros que inauguraram esta praça, tendo um e outro já feita a sua reputação, sellada em successivas tardes de gloria na praça do Salitre.

Do primeiro só se sabe que era um artista de raro valor; do segundo affirma-se que era o cavalleiro da moda no seu tempo, em que, como bandarilheiros, se distinguiam os irmãos Alegria, Perico e Francisco, este ultimo conhecido por *C. de chumbo.*

João dos Santos Sedvem já por nós foi apresentado como um bom cavalleiro. Tendo exilado com D. Miguel para Italia, alli casou com uma genoveza, regressando mais tarde a Portugal, e vindo a trabalhar no Campo de Sant'Anna com Mesquita e Bittencourt. Equitador eximio, era tenente picador da guarda municipal, motivo porque nenhum collega o avantajava na arte de picaria.

Manoel José de Figueiredo foi tambem um dos cavalleiros que alternaram no Campo de Sant'Anna, mas nunca passou de artista mediocre.

Da gente de pé, portugueza, foram Joaquim Ferreira Grillo, Antonio Bacharel, Joaquim Emygdio Roquete, Antonio Roberto e José Maria Mendonça os que inauguraram a praça do Campo de Sant'Anna. Dos tres primeiros, a historia do toureio só nos trans-

mittiu os seus nomes; de Antonio Roberto, que foi um artista muito valente, já tivemos occasião de falar.

José Maria Mendonça partiu para Hespanha pouco depois de sahir da Casa Pia, onde foi educado. Foi alli que se dedicou á arte de tourear.

Era de pequena estatura mas valente com os touros, e artista bastante apreciado do publico. Muito dado ao que nós hoje chamamos *alegrias tauromachicas*, executava o *salto de Martincho* com grilhões de folha collocados nos tornozellos, e passava os touros com um chapéu de sol, sorte em que era eximio.

Antão da Fonseca, irmão de Antonio Roberto, poucas vezes toureou no Campo de Sant'Anna. Tinha outro irmão, de nome Luiz Antão, mas este ainda menos vezes do que elle veiu á velha praça de Lisboa. Quer um quer outro alargaram mais a sua esphera de acção pelas praças sertanejas, onde o publico de ordinario é menos exigente.

UM BILHETE ARTISTICO

João Pedro da Herra foi um peão distincto e muito estimado, mas só se evidenciou como bandarilheiro; raramente utilisava as mãos para saltar a trincheira. Em compensação, Joaquim Russo, se se destacou menos com as bandarilhas, sobresahia quasi sempre no manejo do capote.

Manoel Calabaça (pae de João da Cruz Calabaça) foi um bandarilheiro de valor.

Um irmão d'aquelle, de nome Sebastião Garcia Calabaça, foi espada da praça do Salitre, e o melhor toureiro que Lisboa teve na sua época. D. Miguel era muito seu amigo, dando-lhe até uma mezada.

Quando este principe partiu para o exilio, Sebastião Calabaça acompanhou-o até Santarem; e alli, organisando D. Miguel uma brincadeira n'um pateo, sahiu o intelligente toureiro com duas canas para um touro, mas quando ia a fugir por uma janella, um campino fechou-lhe as portas, dando em resultado o animal feril-o gravemente, feridas que lhe vieram a dar a morte no hospital de Santarem.

Francisco Lasca, de Aldegallega, e um tal Maia, de Coruche, onde era oleiro, não chegaram a alcançar celebridade, apesar de terem toureado muito como bandarilheiros. O primeiro, muitos annos depois de retirado do toureio, ainda veiu ao Campo de Sant'Anna, a um beneficio de José Cadete, que tambem já não trabalhava, bandarilhar conjunctamente com este um bezerro, visto que a avançada edade já não permittia a um nem ao outro entenderem-se nem mesmo com um garraio.

Uma nota curiosa: José Cadete, que foi um dos toureiros que mais abusaram com os touros, terminou a sua brilhante carreira artistica lidando um bezerro! Elle, que bastas vezes saltava a trincheira sem lhe tocar com as mãos, atirando-se até em muitas occasiões, de um salto, para as primeiras filas das bancadas do publico, tambem teve, como o seu companheiro d'essa tarde, que utilisar os esconderijos armados em volta da arena para melhor se defender do quasi inoffensivo animal!

No que se transforma a existencia!...

José Antonio de Lima, cujos primeiros principios foram de cocheiro, veiu a trocar esta profissão pela de bandarilheiro. Tinha um publico seu, e chegou a fazer boa figura lidando rezes bravas. Ao fim de alguns annos, porém, escasseando-lhe as faculdades, começou a tourear a cavallo, sendo contractado para ir ao Havre, onde levou Sancho em sua companhia.

*

Terminamos este artigo com os perfis de dois artistas — Manoel Botas e Diamantino Pontes — que mais ou menos enfileiraram na época que vimos acompanhando, e que são actualmente os unicos representantes d'essa geração de toureiros que ainda é bem recordada por nossos paes, e que assignala uma época na qual o espectaculo contava os mais encarniçados enthusiastas, desde a nobreza até ao povo.

Manoel Antonio Botas é contemporaneo dos grandes vultos da tauromachia, desde Sedvem ao Mourisca, desde Antonio Roberto ao *Caixinhas*. Com todos trabalhou,

Ha uns sessenta annos, ahi por 1848 ou 1849, houve na Alhandra uma corrida de touros para os curiosos da terra. Entre os bichos appareceram dois tão grandes, que o emprezario — o lavrador Domingos de Carvalho — receiou algum desastre, e pediu aos bandarilheiros Manoel Vargas e Manoel Calabaça para os lidar. Accederam estes, mas levaram em sua companhia a um rapazote, vendedor ambulante de coisas diversas, para que toureasse tambem. Esse rapazote era Manoel Botas, o velho de hoje.

ANTÃO DA FONSECA
(Phot. pertencente ao sr. João Roberto)

Tão boa figura fez n'essa tarde, e desejoso de seguir a carreira de *capinha*, que logo no domingo seguinte veiu ao Campo de Sant'Anna, para o touro da embolação, e alli mesmo, pegando em quantas bandarilhas poude agarrar, deitou-se a amolar-lhe os ferros com um tijollo. Tão boa sorte teve que as empregou todas e com habilidade.

Dois domingos depois, José Cadete — que vindo de Evora, ficara preso em Aldegallega — faltou á corrida no Campo de Sant'Anna, e o emprezario Alegria, vendo alli ao novel curioso, agarrou-o, e saltando com elle para cima do curro, foi mostrar-lhe os touros de Rafael da Cunha, que deviam ser lidados n'essa tarde, dizendo-lhe:

— *Te vás a toreá... Y anda que si los toréa, toreas hasta lo toro é Maria Santisima!...*

Tão bem se sahiu Botas do encargo, que no final da corrida, quando foi receber a importancia do seu trabalho ao escriptorio da empreza, o velho Alegria teceu-lhe grandes elogios, assim como um outro entendido aficionado, o João Barbeiro.

Foi uma tarde de gloria!... Recebeu 2$400 réis!!...

O primeiro passo estava dado e logo lhe appareceram diversos contractos, entre elles um de João Sedvem, para ir a Almada tourear em companhia de quatro rapazes da mesma edade. Foi e continuou agradando muito.

O emprezario, que via n'elle já um engodo ao publico, convidou-o para a corrida seguinte, mas Manoel Botas, conscio do seu valor, respondeu que não iria menos de *trez quartinhos!* O resultado foi apanhar um tremendo pontapé do emprezario — pelo atrevimento! — e ter que deitar a fugir... para não levar mais.

Hoje, qualquer rapazote que use calça larga e *sombrero ancho*, se o chamam para tourear pede logo... a sorte grande de Hespanha, e mais alguma coisa...

Mas... voltemos ao Botas.

Poucos dias depois o Sedvem mandou-o chamar e lá combinaram a historia dos *trez quartinhos*, porém... isso seria um segredo que morreria com os dois!

Tambem, como muitos dos seus collegas,

toureou em Hespanha. Foi a Badajoz, e em Caceres, uma tarde em que se desembolára um touro de cavallo, o publico pediu aos *capinhas* que o lidassem, sendo extraordinaria a ovação que todos ouviram — Manoel Botas, João Calabaça e Manoel Cadete.

Com João Calabaça, visitou a ilha Terceira, e alli, na praça de S. João Baptista, em Angra, toureou com muito agrado, fazendo tão boa figura que ainda hoje o seu nome é lembrado, contando bastantes amigos entre os antigos aficionados.

MANOEL BOTAS

Poucas colhidas teve. A mais grave foi em Villa Franca, onde um touro o feriu de maneira a romper-lhe o escroto. Operou-se a si proprio, porque n'esse tempo não havia enfermarias nem medicos nas praças!

Eis a historia de Botas como toureiro, o sympathico velho a quem todos os aficionados respeitam — pela edade e pelos conhecimentos que possue da arte.

*

Diamantino Pontes é actualmente o decano dos cavalleiros portuguezes, tendo alternado com todas as summidades do seu tempo. Nasceu em Lisboa a 16 de maio de 1833, no predio n.º 12 do largo de S. Paulo.

DIAMANTINO PONTES

Os seus primeiros passos na tauromachia foram dados na praça de Almada, n'uma corrida de beneficencia promovida pelo conde de Vimioso a favor de alguem que protegia. Tinha então quinze annos. N'essa tarde trabalhou como bandarilheiro ao lado de Pereira Nunes, Callado, *Cazuza*, e outros amadores consumados.

Foi ahi por 1862, tambem instado pelo conde de Vimioso, que decidiu dedicar-se ao toureio a cavallo.

Diamantino, bom conhecedor dos segredos da equitação, sobresahiu sempre pela valentia, mostrando-se e expondo-se aos touros como faziam os toureiros de outras éras.

Um exemplo. Para certa corrida de beneficio no Campo de Sant'Anna, tratava o promotor de reunir attractivos, mas attractivos a valer. Já contava com algumas novidades de Batalha, Mourisca, e outros. Faltava consultar Diamantino, que tambem estava falado para entrar na festa. Foi encontrado no Montanha.

— Olhem — disse Diamantino, rindo-se, depois de saber ao que iam — um attractivo, só se fôr tourear um touro, montado n'um cavallo em pêllo, levando para governo uma simples corda!...

O dito sahiu da bocca de Diamantino simplesmente por graça, mas o promotor da corrida não se importou com isso, e no dia seguinte já vinha a noticia nos jornaes, acompanhada dos nomes de quem tinha ouvido a conversa.

Diamantino nem por isso deixou de cumprir a palavra, contribuindo assim para uma enchente completa; e o publico cobriu-o de applausos, pois foi felicissimo, como nunca suppôz, ao ter que tomar o dito a sério.

(Continúa.)

CARLOS ABREU.

Phots. da collecção Segismundo Costa.

A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de lettras e outros artistas)

ERMINAM hoje os *Serões* o seu inquerito sobre qual o ponto mais pictoresco de Portugal. D'elle se ractifica a affirmação de ser o nosso paiz um delicioso *bouqet* de paizagens, de floridas estancias, deliciosos edens, e paradisiacos recantos, onde a natureza espalhou a flux as suas galas mais opulentas e mais magnificentes. Byron, o poeta de amor, proclamou Portugal o paraizo terreno e nenhuma creatura ha, que forasteie entre nós, que não boquiabra a sua admiração e não sinta, ao apartar-se, a saudade de deixar tal ceu, taes arvores, e tal torrão.

Muitas das nossas paizagens são as preferidas. Todavia Cintra, o Bussaco e o Bom Jesus de Braga são as que maior votação tiveram.

Termina-se hoje o inquerito e com lisongeiro resultado. Ufanam-se d'isso os *Serões*. Não é sem ufunia que conseguiu reunir respostas tão curiosas, como algumas das publicadas, e nomes tão gloriosos como os que as assignam. Guerra Junqueiro e Gomes Leal, Fialho d'Almeida, Bulhão Pato e Theophilo Braga deram-nos em pequenos e interessantes artiguinhos as razões da sua preferencia. Mas não só estes escriptores responderam ao nosso convite. João Penha, Candido de Figueiredo, Manuel Duarte de Almeida e Abel Botelho, nomes de primeira grandeza na nossa litteratura contemporanea, tambem com penhorante gentileza nos deram a sua adhesão.

Entre os pintores Columbano e Luciano Freire; d'entre os caricaturistas Francisco Valença e Jorge Colaço. Mas não pára aqui a lista: D. Olga Sarmento da Silveira, escriptora illustre e consagrada; Affonso Lopes Vieira e Correia de Oliveira, Henrique de Vasconcellos, Julio Dantas, Augusto Gil, Alfredo de Mesquita e Manuel da Silva Gayo, José de Figueiredo e Arnaldo da Fonseca. Querendo completar a lista teremos mais, entre os jornalistas, Magalhães Lima, gloriosa figura do nosso jornalismo, José Sarmento e Santos Tavares.

Uma lacuna houve e com magua a registramos. A resposta d'esse bello espirito e litterato primoroso, alma feita de luz e coração cheio de bondade, que se chamou D. João da Camara, que promettida aos nossos leitores a morte implacavel veiu furtar á sua curiosidade amiga.

José de Sampaio *(Bruno)* tambem nos notifica em carta, que sómente não nos envia a sua opinião por falta de saude.

A serie de respostas que hoje publicamos, e com que encerramos o nosso inquerito, não desmerece das anteriores nem no interesse, nem nos nomes que a assignam. Gomes Leal, o illustre poeta, que tanto relevo acaba de dar ao seu *Anti-Christo*, dá-nos por escolhido o seu panorama favorito: a Penha de França. Eugenio de Castro, artista e burilador impecavel do verso, o seu Mondego amado, da sua Coimbra querida. Fausto Guedes Teixeira, poeta, cujo nome é de ha muito do coração de todos, um trechosinho de Cascaes. Anthero de Figueiredo, o celebrado auctor d'esse insinuante poema em prosa que são os *Comicos*, o seu Minho decantado; Julio Brandão, o Julio Brandão das *Saudades*, do *Livro d'Aglais* e dos *Perfis Suaves*, uma suave paizagem, cheia de saudades e digna de um livro. E finalmente, para encerrar com chave de ouro, F. da Fonseca preferindo Cascaes, ain-

da, e Teixeira de Pascoaes, o Minho, dão um relevo notavel a este numero dos *Serões.*

Nenhuma ordem se seguiu na publicação das respostas mais do que a ordem chronologica, e no agradecimento nenhuma ordem tomamos tambem. A todos os que cooperaram n'esta decumentada e curiosa obra a nossa infinda gratidão e o nosso maior reconhecimento.

E como nos livros antigos aqui se escreve o

Finis
Laos Deo

De GOMES LEAL

Escriptor

Muitos seriam os locaes pitorescos que eu admiro em Portugal, como os da Serra de Cintra, o Bussaco, a Lapa dos Esteios, o Senhor Jesus do Monte em Braga e a Senhora do Monte na Ilha da Madeira. Referindo-me porém somente agora a Lisboa que eu tanto admiro (geograficamente falando) para satisfazer ao apelo que me fez os *Serões*, e ao qual correspondo ainda que retardatariamente, não tenho para me desempenhar da comissão, do que citar uma página do meu romance o *Senhor dos Passos da Graça.* Eil-a:

GOMES LEAL

«Aos domingos, quando saía a passeio preferia as culminancias pitorescas da Cidade, onde as paisagens se desenrólam, as arvores são os leques das colinas, e os riáchos correm entre as olaias. No emtanto não despresava as casarías pardacentas e plebeias da Cidade Velha, onde de vez em quando sobresáe um azulejo católico: uma velha cantaria feudal: ou alguma adúfa mourisca. A ruinaria e a desolação teem atrativos amargos e intimos para as almas tristes. E eu sou uma mistura da jovialidade celtica com a casmurrice silenciosa do mosárabe. Nasci para troveiro jovial, ou para frade cartuxo. Como já disse, preferia nos meus passeios favoritos sempre as montanhas azues: ali respira-se melhor oxigenio: está se longe dos salões da Baixa e das consciencias dos confeiteiros.

Ao sabado de tardinha, ou ao domingo, ás horas em que tocava a banda dos marinheiros ou da guarda municipal, no macróbio *Passeio publico* cercado de grades como uma gaióla de ursos, trepava eu para as eminencias cristalinas do alto de S. Catarina: do alto do *Monte da Graça:* da costa do *Castelo de S. Jorge:* ou da *Senhora da Penha de França.* Sobre tudo, esta ultima com o seu horisonte azulino e transparente: com as suas nuvens de gaze no céo da tarde e estendendo-se até aos arvoredos e ás ladeiras relvosas de Cintra tem um panorama de mágica. Ali, sombras frescas sob uma agoa dormente ou um agro plantádo de oliveiras: ali casinhas brancas, côr de rosa, azues, de todas as côres do arco iris: ali muros carrega-

CONVENTO D'ARROYOS E HORTA DA CERA

EUGENIO DE CASTRO — O MONDEGO NOS CAMPOS DE COIMBRA

dos de trepadeiras escarlates ou *bouganvilles,* pertencentes a algum quintalorio particular: ali caramanchões com campainhas chinezas, tilitando ás aragens da tardinha e fazendo lembrar sestas remançósas em estios amadornados: ali a Praia das Maçãs, com a sua lagôa e a sua estrada cheia de maceeiras cheirosas atapetando de flôres o piso: ali Cintra com os seus nevoeiros fantasticos, as suas paisagens silvestres, as suas ladeiras romanticas, os seus castelos mouritanos: e ali finalmente relvas macias, arvoredos folhudos, e sombras côr de rosa nos poentes de Agosto bailando ao de cima das agoas dos pequeninos quintaes, com a sua parreira patriarcal e o seu pôço biblico — lembrando ao mesmo tempo a Samaritana e os Afonsinhos.»

Gomes Leal.

De EUGENIO DE CASTRO

Poeta

A minha paizagem favorita é a do Mondego ao pé de Coimbra, vista na doçura ao entardecer, sob a pulverescencia do luar d'agosto, ou ainda em certas manhãs crystallinas e loiras, d'inverno, quando a serra do Espinhal tem o recorte e o azul translucido dos montes, que os primitivos italianos erguiam, como baluartes de saphira, no fundo dos seus quadros.

Paizagem feminina, pela ondulação musical dos seus cômoros e oiteiros, e pelo seu mysterioso poder dispersivo, sempre que a vejo, sinto que está aqui o coração de Portugal, que é este o sitio onde affluem n'uma palpitação suprema, e se transformam n'uma doce perspectiva d'aguas saudosas e de arvoredos resignados, os mais ternos e caracteristicos sentimentos da alma luzitana.

Eugenio de Castro.

De ANTHERO DE FIGUEIREDO

Escriptor

Das muitas paisagens deste lindo Portugal, diante das quaes meus olhos teem parado commovidos e agradecidos, uma

ha que mais se demora em mim: é esse bocado que vae de Melgaço a S. Gregorio, á beira do Rio Minho, em frente de terra espanhola — lá em cima, no extremo norte de Portugal. Desde o Pezo, a estrada, na encosta, sobe, ás curvas, sobranceira ao rio, que nesse sitio, separa dois paises. De cá, campos de milho e oiteiros de verdura; de lá, a Galliza sombria e montanhosa. Numa extensão de meia legua, sempre o Minho se vae deixando vêr: proximo, suas aguas são claras e simples; mas vistas de longe, no fundo do valle, são ora lividas ora brilhantes e, na distancia, de estranha physionomia. O mesmo é nas terras baixas, e nos montes: são verdes os lameiros e os milheiraes que nos cercam; relvadas as valetas; florídos os canteiros; as hortas alinhadas; amiga a sombra dos carvalhidos; fartos os espigueiros; abastadas as mêdas e as eiras; tranquillos os muros; modestas mas alegres as casas de brancos telhados; resignados os mendigos; joviaes os remediados. Mas do outro lado, para além, ha collinas agrestes, campos pobres, espessas mattas de bravios pinheiraes, montes atormentados de arestas penhascosas, montanhas escalvadas, serenas e stoicas, e, ao longe nos despovoados campos da baixa Galliza, advinham-se casaes sem pão, e mendigos tragicos e pastores esfomeados — lá por essas serras distantes que noutras serras se prendem e perdem, pela Espanha dentro na cordilheira cantabrica, até as Vascongadas!

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Paisagem amena e dura, amavel e tremenda, proxima e longinqua tem em si ensinos profundos: ella é uma voz de bondade e de força clamando a lição penetrante da vida! Faz sorrir, pensar, soffrer! Olhamo-la com olhos abertos e alegres, e, meditan-

MELGAÇO — CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA ORADA

O CASTELLO DE ALMOUROL

do, olhamo-la com olhos fechados e pesarosos!

. . . .

Ainda um dia voltarei a visitar a linda capella de Nossa-Senhora da Orada, que no alto, á borda da estrada, olha para tal paisagem de agrado e de meditação; e, ahi, na paz do seu pequeno adro e á sombra do seu portal romanico, diante dessa terra de silencioso instruir, hei de compôr uma oração, não á Athenêa, como Rénan na collina sagrada da acropole, mas á deusa Serenidade — a deusa dos olhos bellos e frios, a deusa calma e triumphadora que ensinou a libertação a Budha e a renuncia a Epicteto!

Anthero de Figueiredo.

«Tambem fui ás montanhas de Zitza... o sitio mais bello que eu jámais vi, excepto Cintra em Portugal.» — Lord Byron, *Cartas.*

De JULIO BRANDÃO

Escriptor

JULIO BRANDÃO

...Para mim a païsagem é sempre despertadora de emoções. Não é um estado de alma: Resurge estados d'alma. Os meus olhos raro a vêem e lhe dão côr e graça, segundo o que a essa hora se passa no meu ser; ella é que é uma evocadora de magia, e logo reaviva outras paragens, faz cantar idyllios, galvaniza estranhamente a vida morta, arranca do passado figuras amadas e scenarios ás vezes dantescos de tristeza. Cada païsagem é um reagente chimico da minha alma...

Ora uma das que mais me têm encantado, é aquella zona de Extremadura ribatejana, — em que, d'um bello monte entre bellas arvores, os olhos divagam na planicie enorme e pallida, que tem ao fundo, quasi a confundir-se com um

TEIXEIRA DE PASCOAES

ceu d'uma luminosidade incomparavel, a agua antiga e ancestral — sempre com braços fecundos para a terra.

Sob o sol offuscante, os velhos sonhos despertos lá vão, como garças claras, depois d'um longo e lento vôo, refrescar as azas fatigadas... O caír da tarde, ahi, na luz doirada e melancolica, é uma maravilha dolorosa e ineffavel; ao seu influxo, ha jardins mortos que reflorescem na minha vida, perfumes que são vozes, carmes dolentes d'agua, que murmuram a elegia da natureza e de nós todos, numa ancia nunca extincta de libertação. E se o luar envolve a païsagem immensa nas eternas cambraias romanticas, tudo se enche de religiosidade profunda — e de errantes miragens de amor...

Julio Brandão.

De TEIXEIRA DE PASCOAES

Poeta

A Paizagem que eu mais amo, é a que se descobre da janella do meu quarto, na casa de Pascoaes.

Esta janella velhinha, *o meu sexto sentido*, como lhe chamei no *Sempre*, abre-se, extatica e saudosa, sobre o valle profundo e verde do Tamega, e a serra alta, negra e petrificada do Marão.

A paizagem desce em scismaticas e religiosos declives de pinheiraes desde nossa casa até ao leito do rio, onde se alarga em campos ferteis de terra viçosa e pagã, que as enchentes alagam e alimentam.

Aquella encosta de mysticos e tristes pinheiraes, terminando, lá no fundo, em verdes prados alegres, recorda uma lagrima de Jesus a espraiar-se n'um sorriso de Pan.

E esta bella Paizagem, depois da descida espiritual do outeiro, e da clara e verde concentração do valle, principia a elevar-se,

ALTO DA SENHORA DA GRAÇA (MARÃO)

(Photographia de um quadro da irmã do poeta)

UM ASPECTO DO MARÃO

para as bandas do Nascente, em ondulações baixinhas de terra limpida, que se vão turvando e sobrepondo, cada vez mais e violentas, até aos pincaros do rude Marão.

Pincaros asceticos e descarnados, onde a Paizagem,

CASCAES

emfim, repousa da grande subida, como alheada e absorta na contemplação do céo proximo, e de todo o vasto mundo que, humildemente, de seus pés, se estende e prolonga, em circulo indifinido, até que se perde na espiritualidade brumosa da Distancia...

O Marão é a sublimação da minha Paizagem; o seu vôo, o seu extase, a sua absorpção no Infinito.

Nos seus contornos austéros e despidos, ha traços da phisionomia dos Prophetas; ha rugas de Izaias e gestos de Jesus; e raros enternecimentos idyllicos e alegres, materialisados em pequenos planaltos verdes, com rebanhos e pastores como nas Eclogas de Vergilio.

E todo este impeto enorme de rochas vivas e terra víva, como perante uma subita visão mysteriosa, estaca abruptamente, perpendicularmente, sobre Traz-os-Montes.

E assim a bôa Paizagem de tristes pinheiraes, de valles alegres, de alturas serenas e rigidas, adquire então uma phisionomia cerrada e esphingica. E' já o Precipicio, a Vertigem, o Delirio! E' o Hameet traduzido em fragaredos.

Visto de Traz-os-Montes, o Marão é o Homem no seu enygma psychico; visto da minha janella, é Jesus e Pan, isto, é, o homem definitivo, dentro do alcance da nossa intelligencia, pelo menos.

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Eis a minha Paizagem bem amada, a quem devo o tudo e o pouco que sou.

Teixeira de Pascoaes.

De FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Poeta

«Qual é, em sua opinião, o sitio mais pittoresco de Portugal?»

A bahia de Cascaes, vista d'uma casa amiga, em qualquer estado do nosso coração.

Fausto Guedes Teixeira.

De FAUSTINO DA FONSECA

Escriptor

«Qual é, em sua opinião, o sitio mais pittoresco de Portugal?»

E' difficil responder quando se conhece o paiz inteiro, o incomparavel panorama do Tejo, o infindo desenrolar do casas de campo, mattas e jardins, do explendor do Estoril ao colorido de Lisboa.

Como escolher entre este litoral symetricamente limitado pelos dois bellos rios Minho e Guadiana guardado pelo encanto de Caminha e pela gravidade pombalina de Villa Real de Santo Antonio recamado pelas

conchas de oiro das praias de banhos; recortado pelos rios que trazem desde a serra os eternos jardins das margens?

Escolher entre estes, que são o primor e a amostra de paisagem: o Lima, o Vizella, o Coura, o Vêz, esmaltando de torrentes de prata, de scintillações de oiro o suave pendor de montanhas relvosas, douradas de giestas, rendilhadas de pinheiraes, afogadas no verde metallico do milho, enxedrezadas pela cultura, enramilhetadas de carvalheiras; rios que reflectem, a vinha em latadas, em enforcado, em bambinelas, em socalcos, rios que rompem d'entre moitas de silvas, negras como azeviche, ou vermelhas como morangos, perdendo-se em curvas, sumindo-se em voltas e ondulações sob tuneis de choupaes e salgueiros, por debaixo de parreiraes carregados de verde esmeralda, amarelo dourado ou rubro de sangue?

FAUSTINO DA FONSECA

Como escolher entre o scenario de tantas correntes murmurantes, os inolvidaveis rios do Minho, e tantos outros como o Mondego, o Vouga, o Nabão, o Alcôa, o Liz?

Tenho por impossivel a escolha; a minha preferencia é apenas a influencia do meio que me formou.

Assim eu, embora deslumbrado pelos detalhes e pelo conjunto; com a memoria viva dos grandes panoramas de Santo Antonio do Alto (Faro), Estoy, Castello de Estremoz, Arrabida, Palmella, Cintra, Santarem, Bussaco, Bom Jesus, Santa Luzia (Vianna do Castello), Insua de Caminha, só tenho a verdadeira emoção ante um rôlo do mar e um rochedo a pique.

Nunca mais se esquece o resfolegar da onda nas cavernas, o saltar da vaga á penedia. Irisa-se a agua, modela-se e amolda a rocha, assume volutas, rendilha-se, franja-se, abre-se em leque, revolve-se em concha, estende-se em toalha, roja-se em tapete, ergue-se em collo affrontado, envolve em abraços sensuaes, açouta em chicotadas bravias, ultrapassa a barreira de rochedos, e

A BOCCA DO INFERNO

torna pelas fendas, ora em poderoso rio trasbordante, ora em regato marulhoso de espuma, em infinitos fios d'agua, que enroscados nas anfractuosidades do rochedo tem o seu quê de vivo e colleante, roem, perfuram, brocam, e vão consummindo a pedra.

Para mim o sitio mais pittoresco é essa deliciosa miniatura dos rochedos açorianos, a Bôca do Inferno, de Cascaes.

Faustino da Fonseca.

Terminado o inquerito, agora, uma coisa a todos sobreleva e se nos impõe: a riqueza de paizagens as mais bellas e as mais diversas que o nosso paiz possue. Outra nos entristece e nos magôa: é a de ver que não é elle, este nosso bom Portugal, tão admirado como deve ser. Incuria de todos nós, por certo. Clima amenissimo, ceu sem rival, preferencias para todos os gostos, scenario para todos os temperamentos é nossa vaidade satisfeita ao vêr um estrangeiro reconhecer, como Byron, o sem rival da nossa Cintra. Mas consolação suprema: Não fecharemos esta pagina sem citarmos as palavras deslumbradas de um delicado espirito de mulher. Foi Lady Jackson esse espirito e fundos sulcos deixou a nossa paizagem na sua alma. O Bussaco, esse extraordinario, monumental, supremo Bussaco é descripto no seu livro com as côres mais pujantes: «vasta selva religiosa, cujas ramas entretecidas formam arcos de verdura, por onde o sol apenas filtra uns lampejos, que rebrilham na sombra, quando a folhagem bolida pela viração mosqueia a terra de côres cambiantes. A tapeçaria variegada dos musgos e matizada de boninas parece pedras preciosas. Pompeiam aqui arvores de todos os climas, e todo o colorido de lindas flôres se ostenta».

Depois Cintra impoz-se-lhe tambem deslumbradora e attrahente: «em Cintra respirareis mais a peito cheio que no Bussaco; andareis mais de amores com a vida; esquecereis que as rosas têem espinhos; gosareis um sereno repouso intimo; e ao sair d'ali, após violento esforço, sentireis o pungimento da saudade até ás lagrimas. Formosa Cintra! Magestoso Bussaco»!

Se não morre uma litteratura que nas suas estantes tem Camões e Vieira, Frei Luiz de Souza e Camillo; se não morre um povo que tem nos seus heroes um «Albuquerque tirribil e Castro o forte», não pode morrer um paiz, não morrerá um torrão que tem no seu seio um Bussaco luxuriante e uma Cintra sonhadora!

omo é triste a vida do pescador!

Os preferidos do Destino, criados no conforto e no luxo das grandes cidades, estão longe de imaginar as angustias porque passa o pobre pescador, procurando no seio revolto e inclemente das ondas, o sustento de sua familia.

E quantas vezes não encontra a morte nessa immensa massa liquida, ora tranquilla e meiga, ora tenebrosa e horrivel?

Como é inconstante o mar!

Comtudo é sempre bello; tanto nos seus dias de ternura, quando as suas vagas esmeraldinas se espraiam deleitosamente na areia dourada, numa caricia voluptuosa e lenta, como quando avança colerico e impetuoso, semelhante a um genio destruidor, a um segundo Attila, e que desafoga os seus furores em temiveis bramidos.

Quão poderosa é a sua força!

Vê desenrolarem-se lentamente os séculos; assiste ao desapparecimento de gerações inteiras, no mysterio profundo do valle da Morte; sente passarem os odios politicos como uma rajada violenta, e conserva-se impassivel, e parece sorrir sempre, com a maior indifferença.

Que lhe importa o Tempo, a Morte, ou a Guerra?

Nenhum d'esses tres genios desvastadores o podem attingir. Elle conserva sempre a seiva ardente d'uma mocidade perpetua e exhuberante.

E é contra essa força formidavel e cruel, que o pescador ousa aventurar-se.

Não é verdade que só esta idéa nos faz estremecer?

Numa pequena povoação maritima, desenrola-se agora uma scena que nos permitte observar de perto a vida do pescador.

A tempestade rugia com todos os seus furores; as vagas bramiam colericas, desfazendo-se em nuvens de espuma, de encontro aos rochedos escarpados da costa.

Quando os pescadores partiram, a manhã estava linda; mas em breve, grossas nuvens negras toldaram o azul puro do céu, e o mar tão calmo havia pouco, começou de subito a embravecer.

Tudo fazia prevêr a tempestade, que pouco depois se desencadeou com a maior violencia.

Havia duas horas que durava a borrasca e nem signaes dos pescadores; a demora tornava-se inquietadora. Na praia as mulheres e as filhas dos desventurados, que áquella hora estavam talvez luctando desesperadamente com a morte, numa lucta heroica, mas forçadamente desegual, imploravam, soluçando, o auxilio de Deus.

A scena era tragica na sua apparente simplicidade.

De subito um clarão de esperança brilhou naquelles espiritos abatidos.

Pareceu-lhes distinguir muito ao longe, uns pontos brancos oscillando á mercê das vagas, que ora os elevavam a prodigiosa altura, ora quasi os occultava em nuvens de espuma, aos olhos humedecidos das pobres mulheres.

Seriam os barcos tão anciosamente esperados?

Talvez fosse apenas uma illusão.

Comtudo todas se agarraram a essa esperança, que a todos os momentos ameaçava fugir-lhes, com a mesma anciedade com que o naufrago exhausto de forças e prestes a

succumbir, extende os braços trémulos para a boia salvadora.

Em breve porém, adquiriram a certeza de que eram realmente os pescadores que regressavam.

Ainda assim não estavam livres de perigo, porque perto da costa, o mar era muito violento.

Com que força batiam aquelles corações torturados, que a angustia trespassava como uma lamina cortante, muito fina...

Ainda uns minutos de anciosa suspensão, e emfim, ei-los salvos nos braços das pobres mulheres, que choram de alegria.

Mas não veem todos; falta um barco, Onde iria o Francisco do Rosario, e o filho, um pequenito de doze annos?

A alegria geral, formava um contraste singular, com o desespero soluçante da mãe da pobre creança desapparecida. Todos a rodeavam, procurando consolal-a e incutir-lhe a esperança de que o marido e o filho estavam talvez salvos.

Mas ella não os ouvia; o seu olhar cravava-se com uma fixidez assustadora no mar tempestuoso. Dir-se-hia que aquelle abysmo revôlto, a que as sombras da noute davam estranhas tonalidades, exercia nella uma fascinação singular.

O que esperava ella?

Que o mar inclemente lhe restituisse o filho adorado?

Os pescadores, comprehendendo que a solidão se harmonisava melhor com a intensa dôr da infeliz mãe, retiraram-se discretamente.

A vasta praia está agora deserta; só o vulto negro da pobre mãe se destaca no fundo sombrio d'aquelle quadro de solidão e de tristeza. Indifferente á furia da tempestade, a infeliz, completamente desvairada, não se quer affastar de junto do oceano que lhe roubou o filho querido. As horas decorrem com lentidão, e ella está sósinha; apesar d'isso, o medo não consegue attingil-a.

As ondas acabam de arremessar á praia um objecto negro e informe, e a mãe approxima-se cheia de esperança.

Se fossem dois cadaveres?

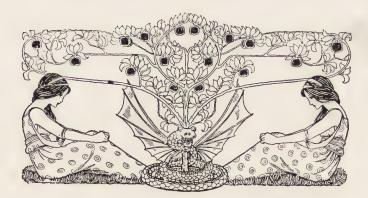
Este pensamento gela-lhe o sangue nas veias e fal-a recuar horrorisada.

Mas não! E' o barco perdido e está perfeitamente intacto.

E o marido e o filho?

Estão salvos tambem.

E a pobre mulher, que tinha sido tão forte na desventura, desmaiava de alegria, cingindo convulsivamente o filho nos braços, por um d'esses mysterios subtis da alma humana, de que só pode ser susceptivel um coração de mulher e de mãe!

Aline Cunha.

JANEIRO DE 1809

Dia 2

O principe regente confirma por um decreto, dado no **Rio de Janeiro**, o governo nomeado pelo general inglez Hew Dalrymple, e que subsistirá emquanto as circunstancias lhe não permittirem voltar a Portugal. Ordena que os individuos que o compõem não se denominem «regentes» mas sim «governadores do reino».

Só poderão expedir provisões, avisos e portarias; competindo ao principe, unicamente, o direito de fazer alvarás e decretos.

N'este e em outros documentos emanados do Rio de Janeiro, manifesta-se o proposito d'aquella côrte de tornar Portugal uma especie de colonia, submettendo-a por completo ás determinações que viessem de além do Atlantico. Estranho intuito da parte de quem fugira, como se sabe, á approximação de Junot!

TREMENDOS INSULTOS DOS HEREJOS (sic)

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa
Tem a seguinte epigraphe:

Os sacerdotes selebrando (sic) nos altares de Deos, Confessores e Penitentes. Os Inocentes de peito não escapão dos agudos ferros dos infernaes carniceiros dentro dos mesmos templos. Esta he a chamada reforma de Napoleão. A vossa santa Religião soffreu ella o menor insulto? Junot, Edital de 26 de Junho de 1808. Tal he o descaramento do impio Junot.

— Uma carta régia, assignada pelos governadores Marquez das Minas, Francisco da Cunha e Menezes e D. Francisco Xavier de Noronha, ordena, em nome do Principe Regente, ao vice-reitor da universidade de **Coimbra** Manoel Paes de Aragão Trigoso, que faça reorganizar sem demora o corpo academico, cujo patriotismo, aptidão e valor se tinham evidenciado na restauração do reino. Deverá compôr-se dos lentes substitutos, oppositores e estudantes capazes de pegar em armas, e será commandado pelo vice-reitor, a quem

competirá egualmente o commando dos outros corpos armados de Coimbra. A universidade ficará fechada durante o anno lectivo de 1808-1809.

Dia 11

O exercito inglez do commando de sir John Moore, que tinha retirado precipitadamente para a Galliza, a fim de não ser envolvido por forças inimigas muito mais numerosas, chega á **Corunha**, em estado lastimavel, conservando apenas uns 15:000 combatentes. Não encontra ali os desejados transportes, que tinham ido a Vigo e que não puderam sahir de lá em consequencia de ventos contrarios. Começam logo a reorganizar-se as forças, no intuito de resistirem a Soult, que deve estar a apparecer.

(Não permittem os estreitos limites a que tem de cingir-se este trabalho, o relatar circumstanciadamente a marcha das tropas de Moore, desde Salamanca, onde se tinham reunido, e onde só tarde chegou noticia não sómente da derrota dos exercitos hespanhoes com que deviam cooperar, mas tambem do cêrco de Madrid posto pelos francezes. Moore poderia então retirar immediatamente para Lisboa, desistindo de continuar a campanha; fiado, porém, no enthusiasmo patriotico dos hespanhoes, decidiu marchar a coadjuval-os. Tendo sabido que elles, a 28 de novembro, haviam perdido a batalha de Tudela, ordenou a Baird que retrogradasse de Astorga para a Corunha e ahi embarcasse para Portugal. A 9 de dezembro chegou-lhe a nova da entrega de Madrid a Napoleão; mas, julgando-a falsa e crendo que os madrilenos continuassem a resistir, pretendeu auxilial-os e mandou contra-ordem a Baird. O seu plano era marchar sobre Valladolid, para cortar as communicações das tropas imperiaes com a França. A 14 — com dez dias de atrazo! — tem, porém, a certeza de que Madrid se rendera e que Soult, com 16:000 homens, deve ir tomar Léon, Benavente, Zamora e bater as forças hespanholas que occupam a Galliza. Cuidando que poderia surprehender e derrotar o marechal francez, dirige-se para Alaejos, e, a 20 de dezembro, juntam-se aos 24:000 homens que o acompanhavam os 15:000 de Baird, desembarcados a 14 de outubro, na Corunha. Com o fim de, combinado com os 18:000 hespanhoes do marquez de La Romana, atacar a direita inimiga, passa a ribeira de Ceia e avança, no dia 23.

Já a sua cavallaria se encontrou com a franceza, quando Moore sabe que se está executando um movimento planeado por Napoleão, com o intuito de o envolver. Para frustral-o, marcha com toda a rapidez para a Galliza, visto ser já impossivel a retirada para Portugal. Em 7 dias, sob medonhos temporaes, percorre 59 leguas de pessimos cominhos.

Esta retirada, que exasperou altamente a Napoleão, pois impediu o aniquilamento completo dos inglezes, por elle considerado já como certo, foi penosissima para as tropas de sir John Moore, que irritadas pelo cansaço e pelas privações, se entregaram, durante ella, aos maiores excessos e quebraram todos os laços da disciplina. A velocidade ainda assim não afrouxou, tanto que as 19 leguas que medeiam entre Villa Franca e Lugo foram vencidas em dois dias unicamente. Os fugitivos que chegaram á Corunha, tinham deixado para traz uns seis ou sete mil homens, muitos dos quaes succumbiram, e perdido 5:000 cavallos e importantissimo material de guerra. Para Vigo fôra a divisão ligeira, e lá chegou sem contratempo de maior, porque o inimigo não lhe ficava á rectaguarda).

Dia 16

Os francezes de Soult, chegados no dia 12 ás proximidades da **Corunha**, resolvem-se a atacar as tropas de sir John Moore, que já tinha embarcado os doentes, os feridos e algum material de guerra, nos transportes chegados finalmente de Vigo. Moore não quiz capitular e defende-se energicamente. Ferido durante a batalha por uma bala de artilheria, morre satisfeito por ver que os seus soldados ganham terreno sobre os inimigos. A acção é muito renhida e causa perdas importantes a ambos os contendores.

O general Hope, que succede a Moore no commando, manda durante a noite embarcar as tropas.

Dia 17

O marechal Soult faz collocar peças de grosso calibre n'uma altura que domina o porto da **Corunha** e que os inglezes tinham

abandonado. Os transportes britannicos levantam logo ferro ou picam as amarras; nem todos, porém, conseguem fazer-se ao largo, de modo que são queimados por aquelle canhoneio.

Do exercito de Moore embarcam 12:000 homens na Corunha e 6:000 em Vigo. A perda de material é de 44 peças de artilharia de campanha, 20:000 espingardas, muitas bagagens, numerario, etc.

(A perda da batalha da Corunha causou tão profundo desalento em Hespanha e Portugal, que muitos descrêem de que a Peninsula chegue a libertar-se do jugo napoleonico.)

Dia 21

Os governadores fazem uma proclamação exortando e animando os portuguezes contra as tropas francezas que vêem sobre Portugal, por se terem retirado para a Galliza os exercitos combinados de sir John Moore e do marquez de La Romana.

— O marechal Berthier, chefe do estado maior general de Napoleão, expede instrucções ao marechal Soult encarregando-o de invadir Portugal. Segundo ellas, Soult deverá chegar ao Porto em 5 de fevereiro, e a Lisboa antes de 16 do mesmo mez.

O marechal Victor invadirá o Alemtejo, a fim de cooperar com Soult.

Dia 23

José Bonaparte estabelece-se de novo em Madrid, d'onde teve que afastar-se em consequencia dos desastres soffridos pelas tropas francezas em 1808. São estas divididas em cinco corpos de exercito, o segundo dos quaes é destinado á invasão de Portugal, e o quinto, exceptuada a sua terceira divisão, a occupar a Galliza.

A força total d'aquelle exercito chegava quasi a 325:000 homens, dos quaes 30:000, approximadamente, eram de cavallaria.

Dia 27

O parlamento inglez vota agradecimentos a sir Arthur Wellesley e ao exercito por elle commandado, em consequencia dos resultados obtidos na campanha finda com a batalha do Vimeiro. Esta votação é compensasão justissima para todos os dissabores que o general britannico havia soffrido, por ter intervindo, embora secundariamente, na infeliz convenção de Cintra.

MARECHAL SOULT, DUQUE DE DALMACIA

— O desembargador da Casa da Supplicação Francisco Duarte Coelho, o abbade do mosteiro de Belem Fr. Manoel de Mesquita Pimentel, Thimotheo Lecusson Verdier e mais tres francezes que residiam ha muito em Portugal são, por conselho de uma junta de ministros que lhes examinou o procedimento, mandados sahir pela regencia para fóra de Lisboa, a fim de «fazer cessar o escandalo geral», e sem designação de culpa.

Pouco depois são presos diversos francezes com a mesma arbitrariedade.

Dia 28

Soult, que já se apoderou da Corunha e do Ferrol, recebe ordem para invadir Portugal, entrando pela fronteira da Galliza e seguindo o litoral até o Porto e depois até Lisboa.

O marechal commanda um exercito de 25:500 homens, dos quaes 4:000 são de cavallaria.

Dia 31

Continuando em **Lisboa** a exaltação patriotica contra os francezes e portuguezes que tinham favorecido o dominio de Junot, uma escolta da legião de S. Paulo prende um francez na rua do Carvalho, porém

alguns officiaes inglezes querem tirar-lhe o preso. Recolhido este no corpo da guarda da Ribeira Nova por uma patrulha da Guarda Real da Policia, os legionarios resistem com os chuços aos officiaes britannicos e obrigam-n'os a retirar sem terem libertado o francez.

Nos dias anteriores andaram pela cidade constantemente bandos de homens, tambem armados de chuços, prendendo portuguezes e individuos de outras nacionalidades, a fim de serem interrogados na Intendencia Geral da Policia, para se conhecer se eram réus d'aquella culpa.

— Bernardim Freire de Andrade, a quem os governadores do reino tinham ordenado que tomasse o commando das tropas destinadas á defesa da provincia do Minho e bem assim das que existem em Traz-os-Montes, constituindo-se com umas e outras um só exercito, chega a **Braga**, havendo antes entregado o governo militar do Porto ao brigadeiro Caetano Vaz Parreiras.

A provincia do Minho acha-se na maior anarchia, que é em grande parte promovida por alguns sacerdotes que, do alto do pulpito, excitam o povo contra os verdadeiros ou suppostos partidarios dos francezes. Cheios de desconfiança, os minhotos malsinam de traidores a muitos dos que pretendem organizar a resistencia contra o invasor.

Uma junta eleita em Braga pelos agitadores proclama que «o povo é sabio» e que «castigar-lhe os excessos é tirar-lhe a energia».

FEVEREIRO DE 1809

Dia 5

Bernardim Freire marcha de Braga para **Ponte de Lima**, a fim de organizar a defesa, o que se torna quasi impossivel pela confusão que reina por toda a parte desde que se soube da derrota dos inglezes na Corunha.

Só dispõe de uns 1:400 homens de tropas de linha (regimentos de infantaria 6 e 18, um batalhão do 9 e 160 homens de artilharia 4), com 14 peças de campanha, e 8 regimentos de milicias, quasi todos desarmados. Devia receber de Traz-os-Montes uma brigada, mas o general Silveira não lh'a envia, receoso de enfraquecer as suas escassas forças. Ha numerosas ordenanças, que são antes um elemento de perturbação, em virtude do estado em que se acham.

Dia 10

Soult chega com uma parte do seu exercito a La Guardia, na margem direita do Minho, proximo do oceano. Tinha marchado na antevespera de S. Thiago de Compostela, dicidido a atravessar aquelle rio perto da foz, porque ali se faz sentir menos a cheia causada pelas chuvas dos ultimos dias. A outra parte das suas tropas, sob as ordens do general Merle avança para Tuy, e as forças de Lapisse ameaçam as fronteiras da Beira Baixa, podendo ir juntar-se a Soult ou a Victor.

M. A.

A eloquencia em Portugal

«Ha casos em que é a palavra que faz tudo.»

Esta frase do duque de Broglie tem sido certificada entre nós centenares de vezes desde que se crearam as tribunas parlamentares. Faladores por natureza, calorosos, tendo o instincto da fórma e da imagem, dispondo de uma lingua riquissima, os oradores parlamentares portuguezes de todas as épocas teem quasi decidido inteiramente do prestigio dos partidos e das questões do paiz. Desde Phebo Moniz, nas côrtes de Almeirim, até os nossos dias, a politica portugueza tem-se coado por brilhantissimas orações, que a tem feito tomar muitissimas fases, ora para bem ora para mal, ora com facilidade ora dolorosamente. E desde o começo da nossa nacionalidade os oradores sagrados teem exercido consideravel influencia na religião, nos costumes e mesmo nos negocios publicos.

Os primeiros frades que se estabeleceram entre nós provieram da França, e os seus sermoniarios tiveram cá a maior influencia. Fr. Rodrigo de Cintra foi talvez o primeiro grande pregador que houve em Portugal. Fernão Lopes cita-o na chronica de D. João I dizendo que «era notavel e grande pregador, mui letrado e theologo». Fr. Vicente Lisboa foi o mais erudito orador sagrado do seculo XV, chegando mesmo a publicar instruções para os que se dedicavam á pregação. Durante as tres épocas que durou o concilio de Trento brilharam lá oradores portuguezes distinctissimos.

D. Frei Bartholomeu dos Martyres e o padre Antonio Vieira foram dos grandes pregadores que ainda hoje se citam frequentes vezes: o primeiro, conforme diz Frei Luiz de Sousa, pregava doutrina clara em termos chãos que todos percebessem; o segundo distinguiu-se pela propriedade e variedade do termo, e pela adaptação que sabia fazer dos termos da escriptura.

E para nos não alongarmos, citando os muitos grandes nomes que houve na eloquencia sagrada, mencionaremos mais somente Alves Mendes, sem duvida o maior pregador dos nossos tempos. Muito fluentes, cheios de elegancia e de imagens, fortes de brilho litterario, os seus discursos são paginas admiraveis da lingua portugueza: mas eram colossaes, esmagadores, quando os pronunciava, com o seu grande folego, com a sua voz potente, umas vezes alargando em bellas frases uma ideia pequena, outras vezes synthetisando em curtas palavras um estenso conceito, sendo mesmo capaz de «fazer a synthese de desenove seculos em desenove palavras».

Nas luctas partidarias, depois de 1820, formaram-se oradores immensos, colossaes.— «A eloquencia, affirmou Chateaubriand, é um fructo das revoluções.» — José Estevam e Almeida Garrett attingiram a maior altura.

Garrett, o poeta, o prosador admiravel, o *janota*, foi no parlamento uma das figuras de maior valor. — José Estevam foi o melhor orador parlamentar que ainda houve em Portugal.

Na eloquencia juridica tambem houve e ha um bom numero de oradores de genio.

Nas actuaes camaras portuguezas vamos ainda encontrar figuras de um altissimo valor oratorio. Ha-os lá arrebatados, latinos, nervosos, doidos quando attingido todo o calor da oração, dominadores, trovejantes quando apostrofando o valôr ou a insignificancia de um assumpto — e ha-os calmos, britannicos, sobrios e prudentes. Portugal pode

ter orgulho de conservar ainda d'esses vultos eminentes que a tradição comemora cheia de orgulho e enthusiasmo.

O conselheiro Antonio Candido, que hoje raramente se nos faz ouvir, foi, no parlamento portuguez, tão grande como Castelar o foi no parlamento hespanhol. Cada um dos seus discursos é um modelo de rethorica, em que não sabemos se mais admirar a imaginação, o poder de linguagem, a fórma, a côr, ou o brilho intenso, sagaz, clarissimo, — a sinceridade espontanea ou o *truc* das meditações.

O conselheiro João Arroyo — um dos homens de maior energia e de maior talento que tem Portugal — é um orador eloquentissimo, forte, ironista. A sua palavra abala a camara e enche o paiz. Um grande escriptor portuguez referindo-se a um duello parlamentar havido entre Hintze Ribeiro — esse bello estadista que ainda não teve successor — e João Arroyo, diz que ninguem como este attingiu até hoje, na tribuna portugueza, «essa alta sciencia de mimica e de expressão, e nunca ninguem melhor afeiçoou a voz para essas declamações parlamentares».

O conselheiro José de Alpoim é arrebatado, violento, colossal. Temperamento de artista e de luctador, homem de letras e politico eminente, os seus discursos são fortes arremessos sanguinolentos... Troveja quando em todo o vigor do discurso; e mesmo quando serena, e a sua voz paira, calma fria, incisiva, os seus gestos mortificam, 'as suas frases pesam, e as pausas que elle tem são para os adversarios uma terrivel espectativa.

A mais prestigiosa figura de orador da camara dos deputados é o dr. Alexandre Braga. Quando se ergue, com o seu corpo levemente adunco, o olhar altivo, a cabelleira solta como uma juba irrequieta, a palavra clara e incisiva, começa por diliciar e acaba dominando o auditorio inteiro.

E quantos, quantos mais poderiamos citar nas camaras passadas e nas actuaes? Não foi Fernandes Thomaz, esse grande patriota, fomentador de revoluções, um eloquente orador? E esse caloroso e fluentissimo Passos Manuel, e Seabra, e Fonseca Magalhães, e Fontes Pereira de Mello? O nome de Pinheiro Chagas, que os portuguezes de agora aprenderam a decorar quando nas aulas infantis começaram o estudo da nossa historia, não figura elle entre os dos oradores de raça?

Pinheiro Chagas, que passou a vida sacrificando-se pela sua patria, alliava ás qualidades de homem estudioso, de historiador, de jornalista, aquella outra de orador, bem mais rara e bem mais privilegiada. Sempre subjugado por multiplos afazeres, pensava o artigo para o jornal de casa para a redacção, estudava todo um brilhante discurso da redacção até ás camaras, confiando não só na sua extraordinaria memoria, como nas facilidades de falar e de escrever.

Não é, porém, sempre o orador quem melhor convence... E para verificarmos isso basta-nos recordar aquelle caso que refere Plutarco de dois architetos que se apresentaram aos athenienses que queriam um templo colossal: o primeiro architecto falou muito, expoz em lindas frases uma construcção sumptuosa e immensa; logo após elle falou o segundo, e disse simplesmente:

— Athenienses! Eu farei tudo assim como esse homem fala.

E triumphou o segundo.

José de Abreu Torres.

Charada

Uma e outro sei que tens
E tambem os tenho eu. — 4
Apesar de ser um livro
Que um grande sabio escreveu.

ARIEL.

Partilha facil

Exhausto de fadiga e de fome, um viajante encontrou no seu caminho dois camponios, que se preparavam para comer, em alegre convivio, os seus farneis, á sombra de arvore frondosa. Accederam estes a que o faminto viajante tomasse parte na sua pouco e variada refeição, para a qual concorria um com 13 pasteis e outro com 7, sendo todos esses 20 pasteis, da mesma qualidade e d'egual grandeza e feitio. Eram feitos de carne, ovos e farinha, em fórma de queijos.

Terminada a refeição, de que nada sobrou, tendo cada um dos três comido, rigorosamente, a terça parte da totalidade dos pasteis, retirou o viajante, pagando generosamente, o serviço prestado, deixando aos dois camponios 20 moedas de 100 réis.

O que concorrera com 13 pasteis queria tomar para si 13 tostões, deixando ao companheiro os 7 restantes; este, porém, queria que começassem por tomar cada um 10 tostões e, depois, embolsaria o outro do valor, em dinheiro, de 3 pasteis.

Não chegaram a accordo e, por isso, dirigiram-se ao mestre-escola da sua aldeia, que fez a partilha com a devida equidade.

Terá algum dos nossos leitores a bondade de enviar-nos a solução justa d'esta questão, afim de verificarmos a do mestre-escola?

Abril de 1909.

NUNES CARDOSO.

Decifrações

Do n.º 46

Questão proposta — Tomem-se tres reguas A, B, C de comprimento indefinido mas egual em todas e todas divididas em partes eguaes numeradas seguidamente desde o primeiro traço, que marcaremos *zero*, do modo seguinte:

A regua *A* terá as divisões de 1 a 7
» » *B* » » » » 1 a 35
» » *C* » » » » 1 a 5
successivamente tantas vezes quantas o seu comprimento o permittir.

Colloquem-se contiguas essas tres reguas, coincidindo nos *zeros* (fig. 1.ª). Verifica-se desde logo que, de todo o comprimento das reguas, bastará considerar a parte d'ellas comprehendida entre 5×7 divisões em *A*, 35 em *B* e 7×5 em *C*, porquanto as partes restantes das reguas são reproducções repetidas dos tres agrupamentos, terminadas, relativamente a qualquer numero, por grupos incompletos de divisões que se correspondem.

Dê-se ás tres reguas a disposição de varetas de leque com o eixo no *zero*, e abram-se as varetas de maneira que *A* e *C* formem dois eixos coordenados rectangulares, sendo *B* a vareta bissectriz.

Supponha-se esta ultima prolongada, por fórma a tomar a grandeza da diagonal do quadrado das varetas *A* e *C*, tomando as divisões de *B* os alongamentos proporcionaes respectivos (fig. 2.ª).

Tracem-se no plano da figura as coordenadas dos pontos de *A* marcados com os numeros 7 e as abscissas dos pontos de *C* marcados com os numeros 5, e notemos os rectangulos da quadricula assim formada, por onde passa a vareta-diagonal, com um signal de orientação, o qual pode ser um simples ponto no angulo superior direito.

Corte-se com tezouras esta quadricula pelos traços coordenados, desprezem-se os rectangulos inuteis e sobreponham-se os rectangulos orientados. Se esses rectangulos fo-

rem transparentes verificar-se-ha que os numeros, que constituiam primitivamente a diagonal, formam, agora, a disposição procurada na questão proposta.

A bom entendeur... salut.

Maio de 1909.

NUNES CARDOSO.

Do n.º 47

Charadas — 1.ª Discordia; 2.ª Fascinação; 3.ª Lavadura.

Enigma pittoresco — Accedendo ao pedido, do modo que posso, remetto um enigma pittoresco para o Almanach dos *Serões*.

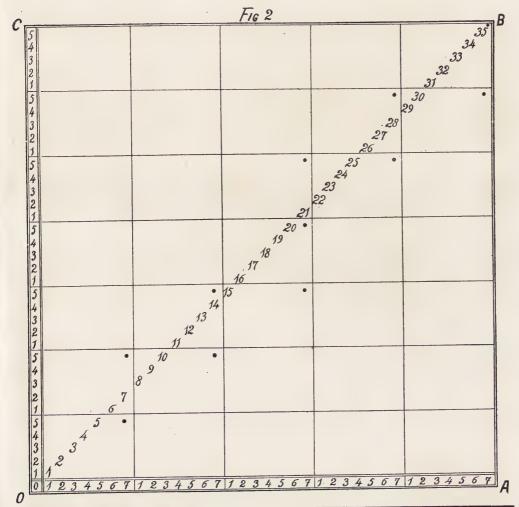



Fig 1

C 0 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5

B 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35

A 0 1 2 3 4 5 6 7 1 2 3 4 5 6 7 1 2 3 4 5 6 7 1 2 3 4 5 6 7 1 2 3 4 5 6 7

Fig 2

Senhoras em evidencia

Aristocracia e caridade

E' um nome distinctissimo pela tradicção, pela intelligencia e pelas virtudes. A sua figura destaca-se na pleiade das fidalgas senhoras que constituem a côrte portugueza sabendo manter com rara elevação o

D. ISABEL SALDANHA DA GAMA

nome illustre que herdou e a alta posição social que occupa.

Desde ha muito querida dos reis portuguezes, esta senhora atráe extraordinariamente os que d'ella se acercam, por mais humildes que sejam, com a bondade enternecedora da sua bella alma e a singeleza captivante do seu finissimo trato.

El-rei quer-lhe muito. Foi ella a sua aia, quando ainda o infante gentil e feliz não sonhava sequer nas pompas e nas agruras do throno, que a desgraça lhe concedeu.

A rainha de Portugal tem n'esta senhora uma das suas melhores amigas, uma d'aquellas gentilissimas damas que a princeza de Orléans veiu encontrar nos paços dos reis portuguezes.

A sr.ª D. Isabel de Saldanha da Gama tem a alma esteryotipada no rosto, que a intelligencia e a bondade illuminam singularmente. Cumpre nobremente a velha usança da fidalguia portugueza, qual é fazer o bem sempre e em toda a parte, sem olhar a quem, enchendo o seu nome das bençãos dos que soffrem, e que sempre encontram n'ella uma consolação moral ás suas magoas, e um auxilio para as suas necessidades.

Como outr'ora os seus antepassados vieram dos campos de batalha cobertos de gloria, ella voltará das luctas da vida satisfeita por ter praticado o bem. E á semelhança dos cavalleiros do seculo XIV, que levavam nas armas a sua divisa predilecta, a ella, a esta distincta senhora, cabe esta benemerita divisa: «Passar, fazendo o bem».

Versos

Prefacio de Affonso Lopes Vieira
Retrato por Adriano de Souza Lopes

Nesta quadra soalhenta do anno, as obras litterarias rareiam, sendo poucas ainda as que conseguem chamar sobre si a attenção publica, presa ás delicias das praias e das termas e até—curioso exotismo—aos meandros da politica. As novidades litterarias que apparecem passam despercebidas na turba-multa de coisas inuteis em que se compraz recrear-se toda a gente, neste delicioso tempo de verão, sendo preciso que represente na realidade uma obra de verdadeiro merito o trabalho que consegue impôr-se e vencer.

E' o caso do livro *Versos*, de Domitilla de Carvalho

—um nome que é um orgulho para todas as mulheres portuguesas.

Versos é um lindo livro sahido dos prelos da livraria França Amado, de Coimbra, um precioso volume como documento psychologico, como demonstração clara de que atravez da sciencia e da lucta social é possivel conservar ainda o *quantum* de sentimento e de simplicidade indispensaveis á creação e amor do Bello.

Domitilla de Carvalho, é um dos mais altos talentos femininos que conhecemos e um dos mais nobres caracteres que admiramos. O seu livro é a manifestação sincera e pura da sua formosa alma, sonhando sempre, no desejo insaciavel d'um mundo melhor, dominada pelo amor, pela justiça e pela caridade.

D. DOMITILLA DE CARVALHO

No primoroso prefacio—primoroso como um trabalho de ourivesaria da Renascença—o grande artista que é Affonso Lopes-Vieira, accentua essa forte individualisação amorosa e sentida, propria da mulher, que Domitilla de Carvalho soube conservar encantadoramente, atravez toda a sua vida, até no mistér materialisador a que se dedicou. Depois da sua formatura, em philosophia, mathematica e medicina, o espirito d'esta senhora, tão avêsso a manifestações de celebridade, tão docemente preso á modestia e singelleza que a distinguem, não se esterilisou nos estudos aridos da sciencia, continuou a encontrar e a fixar flagrantemente o sentimento das coisas. Onde uma medica veria apenas a materia que se anniquilla e volta ao seio da Natureza, ella vislumbra commovidamente, em toda a delicadeza do seu finissimo sentir, uma alma que palpita, que soffre, que vibra, no agitar convulso d'uma enorme dôr...

Foi assim que á cabeceira do leito d'uma pobre pequenita ella encontrou enternecedoramente a inspiração sentida d'um dos mais lindos sonetos do seu bello livro, e que, só por si, faria a reputação da penna que o escreveu e diria toda a bondade commovida do coração que o sentiu.

Flôr que morre é um soneto que fica, como hão de ficar muitos outros do seu livro.

Foi assim, amando, soffrendo, sonhando e sentindo que Domitilla de Carvalho alcançou definitivamente um logar de destaque entre os nossos poetas portuguêses.

Que mais quererá ser Domitilla de Carvalho que o não consiga? Mulher de sciencia d'um merito incontestavel, professora intelligente e conscienciosa, poetisa encantadora, e...—se não fosse o receio de sermos indiscretos, diriamos tambem como nas suas mãos de artista os pinceis fazem brotar deliciosas flores do fundo das suas télas de estudo.

O nome de Domitilla de Carvalho, aqui como lá fóra, deve ser invocado, para orgulho das mulheres de Portugal.

Flôr que morre

No hospital

E' linda como os anjos. Na pureza
Do seu olhar macio, avelludado,
Ha sempre a mesma febre, a mesma reza
Que o meu peito recolhe apiedado.

Com gesto de quem pede e essa tristeza
De quem presente o fim amargurado,
Ergue as mãos pequeninas de princeza
E sorri para todos com agrado.

Com aquella ideal resignação
E a mesma fé em Deus nosso Senhor,
Ha dois annos que a vejo doentinha.

Quando presa de immênsa compaixão
Do seu leito me acerco: «—Está melhor?»
Ella responde sempre: «—Melhorsinha...»

Festa do Coração de Jesus

EL-REI D. MANUEL
SAHINDO DA BASILICA DA ESTRELLA
DEPOIS DA FESTIVIDADE

A semana d'armas

A semana d'armas em Portugal revestiu-se este anno, a par d'um interesse geral e enthusiastico por parte dos amadores, d'uma imponencia de trabalhos como de ha muito em Portugal se não viam.

Depois dos brilhantes resultados obtidos pelos esgrimistas portuguezes nos concursos em França, a semana d'armas portugueza veiu pôr n'um alto destaque este genero de *sport*, que conta hoje entre nós um grupo distinctissimo de profissionaes e amadores.

O concurso realisou-se na esplanada do Hotel Bragança e teve, em todos os dias em que se effectuou, uma concorrencia desusada, sobretudo de senhoras.

O Centro Nacional de Esgrima deve sentir-se orgulhoso com o resultado da sua iniciativa, que foi dos mais brilhantes.

No primeiro disputou-se a *Taça Antonio Martins* por *équipes* de 3 atiradores. Ficou com a posse definitiva d'esta taça o Centro Nacional de Esgrima, vencendo o grupo formado pelos srs. dr. Emaus Ribeiro, Simão de Martel e Fernão Simões. Veiu depois o campeonato militar de sabre, a que se seguiu o dia de mais enthusiasmo, para se disputar a *Taça Penha Longa*.

O combate para a disputa d'esta taça foi o mais brilhante d'entre todos e teve a curiosa circumstancia de vêr um amador bater um profissional.

Carlos Gonçalves, que é, como todos sabem, um esgrimista distinctissimo, ganhou esta taça durante dois annos consecutivos (1907-1908), devendo ficar em seu poder definitivamente este anno, caso a ganhasse; tal não succedeu, porém. Mario de Noronha, que em França se portou tão distinctamente, conseguiu trazer para si a gloria de ser o detentor da taça.

Os assaltos foram vigorosos e alguns até academicos, especialisando-se pela elegancia no ataque o esgrimista portuense Basto Correia. O jury era composto dos srs. conde de Penha Garcia, visconde de Reguengos (Jorge), professor Antonio Martins, Menezes Vasconcellos e tenente Horacio Ferreira.

Os restantes dias de combate, para eliminatorias, meias finaes e finaes, se não despertaram tanto interesse, não foram menos distinctas.

1.º PLANO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: DR. EMAUZ, BASTO CORREIA, ALEXANDRE PAREDES, JOSÉ OCHÔA
2.º PLANO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: D. SEBASTIÃO HEREDIA, FREDERICO PAREDES, MARIO DE NORONHA, ALBERTO MACHADO

O que póde com justiça concluir-se é que em Portugal o gosto pela esgrima se vae accentuando cada vez mais, adquirindo verdadeiros apaixonados, que lá fóra vão enchendo de gloria o nome de Portugal, de ordinario tão esquecido em tudo que representava uma manifestação de vida internacional.

Os esgrimistas portuguezes estão afinal continuando uma tradição honrosa. Sempre no nosso paiz o jogo das armas teve dedicados cultores, que não brilhariam muitas vezes pelo cunho academico do jogo, mas que sabiam ter a sciencia do golpe certeiro e firme, afinal de contas o que mais é para desejar n'este genero de *sport*.

Litteratura

Auctor do *Inventario de junho* (livro exgotado), *Cartas sem moral nenhuma* (egualmente exgottado), do *Agosto azul*, da *Sabina Freire* e dos *Desenhos e anecdotas de João de Deus*, é hoje um dos nossos

M. TEIXEIRA GOMES

mais scintillantes e vernaculos prosadoras. *Gente singular*, o seu ultimo livro, constituido por seis contos interessantissimos, confirmam os foros, a que tem direito, de escriptor cheio de observação, graça, conceituoso e de fundo.

* * *

Editada pela importante livraria do Rio de Janeiro, pertencente a Francisco Alves, acaba de ser lançada no mercado a segunda edição do suggestivo romance *A paixão de Maria do Céo*, de Carlos Malheiro Dias. A critica do livro está feita ha muito tempo. Elogiosa, em toda a linha, pôs em relevo, e com toda a justiça, as singulares faculdades de escriptor, de psicólogo, de delicado, gracioso e subtil pintor de caracteres do seu auctor.

CARLOS MALHEIRO DIAS

Carlos Malheiro Dias é uma individualidade de eleição no nosso meio litterario. A sua obra, vasta e de largos horisontes, ha de ficar; tem-se accentuado em multiplas manifestações, todas ellas vigorosas e scintillantes.

Colonias

Nuno Queriol é o actual governador dos territorios da Companhia de Moçambique na Beira. Capitão de mar e guerra, antigo governador do Congo e de Lourenço Marques, official de marinha com uma briosa folha de serviços, deputado em varias legislaturas, chefe do gabinete do ministerio do reino na ultima

NUNO QUERIOL

situação politica a que presidiu o fallecido conselheiro Hintze Ribeiro, da casa militar de el-rei, com o peito profusamente constellado de condecorações nacionaes e estrangeiras, muito intelligente e muito honesto, ha de desempenhar-se tão brilhantemente do novo cargo em que o investiram como se desempenhou d'outros egualmente espinhosos.

Exposição de pintura

Francisco Grandella, no nobre e generoso intuito de concorrer para o desenvolvimento das Bellas-Artes, no nosso meio, tão necessitado destas iniciativas altruistas, organisou uma exposição de pintura nos seus amplos e luxuosos armazens, que muito contribuirá para estimular o gosto dos expositores e para interessar o publico em geral, por uma das artes que maior numero de cultores está contando actualmente no nosso paiz.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA NOS ARMAZENS GRANDELLA — UM ASPECTO

O povo português, pelo que respeita á educação esthetica, encontra-se num atrazo desgraçadissimo.

Inteiramente abandonado a si proprio, sem comprehender a arte e sem respeito por ella, precisa que se lhe facilitem todos os meios de ser iniciado na comprehensão do *bello,* que tanta e tão alta influencia

EXPOSIÇÃO DE PINTURA NOS ARMAZENS GRANDELLA—OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO

exerce no temperamento e no caracter de cada individuo. Assim todos os esforços praticados no sentido de educar, aperfeiçoar e desenvolver a cultura do gosto pelas Bellas-Artes são realmente merecedoras do applauso caloroso dos que ainda não sabem ser indifferentes ao progresso do paiz.

Os trabalhos expostos, em numero de 354, formam um interessante conjunto, do qual destacamos valiosas affirmações e risonhas tentativas e promessas.

Ao lado d'alguns trabalhos de valor, como as deliciosas aguarellas de Roque Gameiro, as télas de Julio Costa e D. Margarida Costa Romão; os bellos estudos de D. Rachel Gameiro e Hebe Gonçalves; os trabalhos conscienciosos dos discipulos da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga, a pintura ceramica de Levy Bensabat, os quadros de Battistini e os «panneaux» decorativos de Domingos Costa, a que o jury prestou as homenagens da sua justiça, havia muita promessa vaga que o tempo e o estudo poderão converter em excellentes manifestações artisticas. Entre os premios destinados aos expositores notavam-se objectos de grande valor artistico e real. O producto da venda dos catalogos revertia favor das escolas liberaes.

Oxalá que a exposição Grandella se repita, porque é sem duvida um grande serviço prestado á Arte e um louvavel e generoso ensinamento ás classes trabalhadoras, que não podem frequentar os museus e galerias das grandes capitaes.

E' ás iniciativas tenazes e patrioticas d'este genero que a Arte nos outros paizes deve uma boa parte dos seus melhores impulsos.

Direito e investigação criminal

Muito novo, Fernando Emygdio da Silva, acaba de obter a sua carta de bacharel; estuda para se licen-

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

ciar e habilita-se para receber o capello dentro de pouco tempo. Possue um cerebro robusto, uma força

de vontade pouco vulgar, a legitima ambição que torna os homens grandes, o caracter integro que os transforma em modelos e idolos das massas. Irá longe. No jornal e no livro tem já um logar honroso. O seu ultimo trabalho *A investigação criminal*, é uma obra de alcance e merecimento. Revela não só muito estudo e boa orientação na pesquiza, mas ainda serios dotes de criminalista, de philosopho e de observador.

Modas

Devemos fallar de modas, aconselhando? guiando a leitora sobre o que se usa? Mas o que se usa toda a gente vê pelas ruas, toda a gente sabe. Neste momento fallar de modas deveria ser, pedir que *se não use o que se usa*... Pedir que se modere nas *toilettes* a phantasia, que tantas vezes briga com o bom gosto e com a esthetica! rogar que se dê um pouco menos de amplidão aos chapeus e um tanto mais de roda nos vestidos...

Mas... Seria bradar no deserto.

Os jornaes estrangeiros veem cheios de anecdotas e caricaturas sobre as dimensões dos chapeus.

Para accentuarem o ridiculo inventam figuras de damas em viagem, cercadas das suas chapeleiras, que pelo volume são despachadas como rodas de bycicletas.

Outras vezes a troça vae mais longe, flagella cruelmente, bate com látegos de ironia os desmandos da moda. Mas de que vale isso?

Ninguem se sente visada.

Tudo foi com as *outras*... Lavra uma grande insania nos espiritos mais atilados quando se trata de modas; não se attende á èdade, á constituição physica de cada um. As pessoas baixas querem vestir como as altas, as gordas como as magras.

Vejam essas tres figurinhas da nossa gravura que podem ser tres lindas raparigas transformadas em tres feios modelos de modas absurdas.

Vão lá dizer a muitas senhoras que semelhantes trajes as desfeiam, vão mal á sua figura, ao seu estado, ao seu rosto!...

Não se convenceriam, ou peior ainda, não se importariam talvez sacrificar tudo isso ao prazer de *trajar á moda*...

— Mas... *vestir á moda* (é preciso accentuar esta verdade) nem sempre é synonimo de estar bem vestida.

A sciencia de vestir bem não é seguir a moda cegamente, é harmonisal-a com o nosso feitio, dosal-a com sufficiente bom gosto, pôr simplicidade nas guarnições, harmonia nas côres, correcção e elegancia no córte. E', sobretudo, excluir os exaggeros.

Quando um grande numero de senhoras se convencerem d'esta verdade, estamos certas que se formaria uma liga denominada *Liga do Bom Senso, contra os desmandos da toilette*. E se alguma das nossas queridas leitoras quer pôr mãos á obra, pode desde já contar-nos no numero das suas associadas.

Fabrica de projecteis

Municiamento. — Ha muito tempo reclamada pelas necessidades do exercito, cujo municiamento era todo fabricado no estrangeiro, pondo-nos assim á mercê dos caprichos da politica internacional, acaba finalmente de ser montado, proximo de Braço de Prata, com todos os requisitos modernamente exigidos, e dotado dos machinismos mais aperfeiçoados para o fim a que é destinado, este importantissimo estabelecimento militar.

OFFICINA DE ESPOLETAS

São muito interessantes os machinismos installados nas diversas officinas, cuja força motriz é produzida

DOIS GRUPOS DE CALDEIRAS AQUITUBULARES

OFFICINA DE TORNEAMENTO DE PROJETEIS

As officinas são amplas, arejadas e bem illuminadas, sendo de notar pela sua vastidão aquella em que está installada a grande prensa hydraulica, que abre nos blocos de aço a cavidade onde hade ser introduzida a carga, e que trabalha a 100 atmospheras.

por dois dynamos accionados por duas poderosas machinas a vapor.

E' este um melhoramento de [maxima utilidade para o paiz, e director do estabelecimento o sr. coronel Ramos da Costa, um official distinctissimo.

Graphico das listas civis de diversos soberanos da Europa, expressos em libras

E. U. DA AMERICA — FRANÇA — INGLATERRA — ALLEMANHA — TURQUIA

Arte

Inaugurou-se ha tempos em Lourenço Marques um excellente retrato de el-rei D. Manuel, devido ao pincel cuidadoso e habil do illustre pintor Felix da Costa, artista muito conhecido no nosso meio.

E' copiosa a obra de Felix da Costa, principalmente em retratos, sendo os seus principaes trabalhos o esplendido retrato do conselheiro Hintze Ribeiro e ultimamente o do augusto chefe do Estado.

FELIX DA COSTA

Felix da Costa é, não só um artista de merecimento, como procura dar sempre aos seus estudos a maxima perfeição.

Benemerencia

O commendador Manoel da Costa Pereira é uma das figuras mais proeminentes e sympathicas da colonia portuguêsa no Rio de Janeiro. Director do Banco Commercial da grande metropole brasileira e até ha pouco tempo presidente da Sociedade de Beneficencia Portuguêsa, o seu caracter bondoso, a sua intelligencia lucida, o seu caracter integro, grangearam-lhe uma situação especial de respeito e veneração.

COMMENDADOR MANUEL DA COSTA PEREIRA

As nossas boas vindas.

Musica dos Serões

Marcha Turca

POR

L. de Beethoven

Marcha Turca

POR

L. de Beethoven

p
f
p
f
cresc.
ff
poco a poco dim.
p
dim.
pp

SONETO

(Com as rimas do «Soneto», publicado
no n.º 48 dos **Serões**)

A meu irmão Celestino Monteiro

Só a riqueza, a gloria o deslumbrava,
A gloria, sim, que mais e mais fugia,
Quanto mais, porfiando dia a dia,
De a procurar, porém, não se cansava.

D'aquelle anhélo a coruscante láva
Por procelloso mar o ia levando, —
Encarnação d'outro *argonauta*, quando.
Em cáta do ouro, a Cólchida buscava...

Foram passando os annos, mas, desleal,
A Sórte (maldição!) deixa-o sósinho,
Já perto ás culminancias do Ideal...

Quando transpôr, alfim, o agro caminho
Que leva ao Capitolio, — por seu mal
Fugira a mocidade... era velhinho...

Coimbra.

José Alves Monteiro.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série
QUATRO VOLUMES
A 1$200 réis cada

OITO VOLUMES
A 1$200 réis cada
2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

SERÕES

Expediente:

Pedimos aos nossos assignantes da provincia, a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas, ás diversas estações-postaes, onde se acham recibos á cobrança, evitando-nos assim mais despezas e trabalho.

Attenção:

Aos nossos leitores, lembramos que ainda é occasião de se poderem habilitar ao **Brinde** que, no fim do anno e por intermedio da grande loteria do Natal, offertamos aos nossos assignantes, e bem assim gosarem das regalias do **Bonus** que lhes faculta a vantagem de completar este bello magazine com **50 %** de abatimento, nos volumes já publicados.

Para tal, bastará assignar até ao fim do anno, podendo assim fazer uma viagem em 1.ª classe de **Lisboa a Paris, GRATIS,** ou receberem o seu equivalente em réis, se assim o desejarem.

Dirigirem-se á

Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 30 (Palacio Foz)

LISBOA

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA E AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DOSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 51 - Setembro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

A MUSICA DOS SERÕES

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias
e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

Muita attenção:

Brinde dos SERÕES

Para evitar reclamações de extravio do numero dos **SERÕES,** onde se inclue a **Senha numerada,** que habilita o assignante ao **Sorteio do Brinde (Viagem a Paris),** desde já declaramos não se fazer envio de nova senha, visto n'esta administração ficar annotado o numero ou numeros enviados, correspondentes a cada assignante — o que fica á disposição de quem deseje certificar-se.

Ao contemplado com o numero egual ao premiado com a sorte grande na loteria do Natal **(que se realisa a 23 de dezembro proximo),** será o seu nome publicado no *Diario de Noticias* e *Seculo* do dia seguinte. A apresentação da senha numerada, reconhecida a identidade do assignante, ou de quem o represente, ou ainda, no caso de extravio da senha-brinde, documento que legalise devidamente ser o proprio ou quem o represente, será bastante para liquidarmos o nosso promettido offerecimento.

Agosto de 1909.

A administração.

SERÕES
N.º 51 — SETEMBRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA

Os malmequeres

I

Do tempo dos francezes a El-rei D. Fernando

Como appareceu a caricatura — Portugal e os caricaturistas — Arma de troça e de combate

A caricatura deve ter nascido na hora em que o homem sentiu a vontade vingadora de mostrar o seu semelhante exteriorisando-lhe os defeitos e castigando-o em traços que fossem ao mesmo tempo rasgões d'armas afiadas e bordoadas arlequinescas de matracas comicas e ruidosas. A essa ancia de troça não escaparam nem os deuses nem os imperadores; as faces immortaes alargaram-se, cresceram, tumificaram-se e os vultos augustos e sagrados appareceram de pés de cabra e orelhas de burro com que os artistas, mesmo nas mais remotas edades, se vingaram dos dominadores. Desde Antriphilo, mettido nas enxundias d'um suino até Napoleão encarnado na Besta da Apocalypse, desde as macabras exhibições de Goya ás endiabradas cargas de Gavarni, desde D. João VI minotaurisado até ao sr. José Luciano em fralda, a caricatura tem marcado com o seu ferrete contundente e guisalhante, os crimes, os maus actos, as tranquibernias, as affectações, besuntado com irreverencias castigadoras

A RESSURREIÇÃO CABRALISTA

(Do *Procurador do Povo*)

as faces mais celebres, não poupando, não transigindo, não se curvando. A caricatura é das artes a unica que não pode ajoelhar diante dos poderosos; é aquelle que não pode viver senão ridicularisando; a unica que ficou filha da revolta e eternamente revoltada como no seu inicio, sem o amoldado facil da litteratura, da musica, da poesia, da esculptura que bastas vezes sagram em apologias, em hymnos, em odes, em monumentos aquelles que a caricatura abexigou com maior justiça.

DEPOIS DA BATALHA DE TORRES VEDRAS
(Do *Procurador do Povo)*

Emquanto historiadores graves, pintores famosos, poetas celebres, esculptores distinctos e inspirados musicos celebravam os dotes do senhor D. João VI, as bondades e virtudes do principe fugido para o Brazil n'um exodo realengo e cortesanesco, diante dos francezes invasores, apparecia nos muros do paço da Bemposta uma caricatura — uma das mais antigas de Portugal — onde o marido de Carlota Joaquina apparece de pernas tortas, barriga saliente, a cabeça com os appendices do demonio n'uma caraça de ruminante de cuja bocca sahia uma phrase caracterisadora e uma allusão aos 200 milhões de cruzados que se dizia tinham ido na armada com a côrte acobardada e foragida. A' esquerda surgia a a nação com uma perna de pau e na sua frente o exercito, os empregados, os operarios, os ricos exclamavam: «O meu soldo, o meu ordenado, o meu salario, as minhas tenças!» A nação, segundo uma bandeirola que lhe sahia da bocca, dirigia-se ao principe n'estes termos bem pouco respeitosos: Ouvi, cruel, a voz dos vossos filhos. O que levas não é teu. És um ladrão. Ficamos pobres e infamados! Apparecia ainda uma fileira de frades e de lobinhos, n'uma allusão aos Lobatos, favoritos de D. João; o seu conselho privado e a Inglaterra de gorro d'al-

ADORAÇÃO DO CACETE

godão, bradando: Vamos! Vamos! Por detraz do conselho estava escripto: Se veem os 200 milhões, de Londres não voltam, Bella occasião para zombar dos crédores. Nada de satisfações e que se regalem com os francezes! No alto do papel havia o seguinte distico: A nação mais valorosa, mais fiel e menos resoluta!

Tal é a primeira caricatura portugueza em que se castiga um soberano n'uma explosão de colera e com uma risada galhofeira. Em pleno dominio dos francezes o ridiculo das caricaturas secretas ia attingir Napoleão, Josephina, os reis da casa imperial como n'uma celebre estampa, intitulada o *Dragão e a Besta,* na qual se dá á imperatriz dos francezes o nome com que lhe castigavam algumas das suas escapadas amorosas do tempo de Barras e nas caleças de viagem do periodo das victorias na Italia. Ha n'essa estampa, com um odio profundo, uma superstição marcada e uma satyra terrivel que a expressar-se n'uma gargalhada seria aspera, sarcastica, epileptica. Muitas outras se espalharam pelo paiz e em 1809 apparecia uma que representava Bonaparte de jornada para o inferno. O imperador lá vae, de espada nua, encavallitado no demonio, mais feio que é possivel imaginar, com as suas azas de morcego, o rabo em fouce, a bocarra aberta, carregando para o seu antro aquelle que devia ainda em Santa Helena receber pelos jornaes os insultos que a caricatura de todo mundo lhe enviava.

INSTINCTO DO ROUBO
(Caricaturas do Suppl. Burlesco do *Patriota*)

Os malhados e a caricatura — Lapis que ferem — O Rei Nabo

Quando D. Miguel reinava tambem n'uma meia caricatura se troçavam os constitucionaes. O rei, com o seu bello rosto, sagrado por um anjo que lhe trazia a corôa, protegido pela Virgem, que do céu olhava, nada tinha de caricatura, antes estava mais aformoseado; mas, em compensação, por debaixo do throno tres desgraçados constitucionaes hediondos, um d'elles com orelhas asininas, outro com a trolha dos pedreiros livres, o terceiro de guedelha hirsuta, eram bem caricaturaes segurando o seu lettreiro onde se lê:

Pedreiros livres
E malhados
Debaixo do trono
São esmagados.

A caricatura, porém, só chega a um certo desenvolvimento em Portugal, quando os jornaes se atrevem a publical-a, após a implantação do constitucionalismo que fôra celebrado em gravuras lisonjeiras e allegoricas nas quaes D. Pedro salvava o

O ESTYGMA DOS CABRAES — A SENTENÇA DO PAIZ

paiz — um barbudo vestido d'arnez — partindo-lhe os grilhões avassaladores e D. Miguel apparecia calcado aos pés do irmão como um demonio sob o archanjo vingador. Era a represalia das orelhas de burro com que se tinham restituido a alguns dos constitucionaes as suas primitivas formas tanto pelo symbolo da sua intelligencia como pela furia com que depois entraram a escoucinhar na liberdade. A D. Pedro em vez de caricaturas fizeram cantigas revoltantes e apatacaram-no em S. Carlos outros demolidores mais praticos, mas D. Maria II e seu marido, D. Fernando, que tambem fez caricaturas, soffreram os rudes embates d'essa arte que começava a surgir nas paginas iconoclastas dos jornaes.

TALENTO PERSPICAZ
SABER PROFUNDO
DAE-LHE DINHEIRO
DAR-NOS-HA UM MUNDO

(Do *Patriota*)

No *Procurador dos Povos,* folha volante, um tal Filgueiras traçava, embora sem vigor, pallida, desengonçadamente, os perfis dos soberanos. O rei era um nabo muito alto, fardado de marechal; a rainha uma mulheraça gorda que quasi sempre se parecia e muito com D. Maria II.

Após a batalha de Torres Vedras lá apparece na janella do paço saudando um cortejo ratão que desfila grotesca e singularmente e D. Fernando entre os ministros, n'uma outra pagina, está todo empertigado com a sua cabeça vegetal n'uma irreverencia de tal ordem, para o tempo, que chega a admirar. Então apparecem outros artistas, quasi todos assignando os trabalhos com pseudonymos ou com simples iniciaes não indo, na piugada do primeiro, avançando de dia para dia a audacia das legendas que devia chegar ao maximo após o Cabralismo em 1846. Referindo-se á expulsão dos frades dos seus conventos ha uma caricatura com o seguinte titulo: *Os roubados pedindo esmola aos ladrões!* D'um lado estão os religiosos de mão estendida, do outro a ministralhada radiante. Portugal era já representado n'esse tempo por um esqueleto a que se vestia um resto d'armadura e quasi sempre apparecia a pontapear ministros em curvaturas patuscas, de tibia vingadora. Alguns artistas punham os caricaturados apenas com deformações nos corpos, conservando-lhes os rostos ou para serem assim bem conhecidos ou por deficiencias de poderem marcal-os nas disformidades de tra-

O PODER EXECUTIVO DO PELOURO DA LIMPEZA

(Do *Album de D. Fernando*)

ço que são a base da caricatura.

As impertinencias choviam: o ataque era constante e, apesar do grosseiro trabalho, algumas d'essas paginas teem graça pelo arrojo e pela intenção, pelo singelo e inexperiente traço com que se procurava ferir aquelles que não cumpriam os seus deveres e que os jornaes muitas vezes, cheios de receios, poupavam. E' n'esse periodo que começa a affirmar-se a caricatura politica mesmo no extrangeiro, como uma arma de rebellião com que a França ia preparando um pouco a sua republica de 48, depois de ter perfurado as enxundias de Luiz XVIII, a côrte beata de Carlos X e o burguesismo de Luiz Filippe.

Chega-se ao maximo do arrojo; os reis passam a ser do dominio commum desde que transigiram e os grandes personagens, marcados com os seus defeitos faziam rir despegadamente o povo.

TROÇA AOS CABRAES — UM VERDADEIRO REFORMADOR DE FRADES

No tempo dos Cabraes — A historia do caleche — O Supplemento do «Patriota»

Em Portugal um dos individuos mais violentamente attingidos pela caricatura foi Costa Cabral e d'uma forma que nem mesmo quando a arte perfeita de Bordallo marcou Fontes, Arrobas e todos os politécos do seu tempo, poude ser excedida. O *Patriota*, jornal d'opposição ao cabralismo, lançou o seu *Supplemento Burlesco*, á imitação dos jornaes francezes, um pequeno folheto de quatro paginas recheado de injurias e de satyras. Dois caricaturistas, que assignavam *Cecilia* e *Maria*, a occultarem-se, a ficarem desconhecidos para a posteridade, fizeram sangrar rijamente os Cabraes, sobretudo Antonio Bernardo — depois marquez de Thomar — que a ter realmente os figados ferozes que os seus inimigos lhe attribuiam e a rodear-se dos cace-

OS CABRAES ENCAVALGANDO OS MINISTROS
(Do *Procurador do Povo*)

PORTUGAL EXHAUSTO

teiros que, diziam, acaudilhavam os seus sequases, teria mandado por mais d'um vez, alguns rijos pimpões de Algodres deslombar com o estadulho provinciano os seus accusadores. Ha uma caricatura em que o ministro apparece rapinando lenços das algibeiras alheias e que traz a seguinte legenda: *O Instincto do Roubo;* outra intitulada *A Sentença do Paiz*, e levando escripto nas costas a palavra *Ladrão*. São como um estygma, aquellas lettras resaltando na pagina do *Supplemento Burlesco* e mostram-nos a liberdade d'imprensa que então existia e a audacia d'ataque que os nossos avós punham nas suas luctas politicas. As caricaturas teem então um ar de certo capricho, o desenho já é acabado; a idéa é sempre mordaz iniciando assim a arte que faltava nos caricaturistas anteriores. Em 1847 pintavam Antonio Bernardo virando a casaca, transvestiam-no sempre em cabra, referindo-se ao seu appellido de Cabral; os seus partidarios appareciam como um rebanho; o seu brazão tinha animaes estranhos, toda uma violenta obra de ridiculo se fazia pela caricatura que dentro em pouco devia esmorecer para só ressuscitar e engrandecer-se na notavel obra de Bordallo. Em 1850-1851 punham o ministro guiando um caleche que os seus amigos puxavam, isto n'uma allusão a certo negocio, de resto nunca provado, e que as opposições assacavam ao homem d'Algodres e collocavam-no sobre peanhas ridiculas de um comico atrevido. Fustigavam-no e aos seus com as caricaturas estranhas que são o *Triumpho do Chibo* e a *Adoração do Cacete*. A nação despojada, surge com a legenda hilariante: *Estado em que ficou Portugal depois das vantagens de Tomar*. A Maria da Fonte apparece de vez em vez n'essas paginas com as suas armas, ferrando soccos nos Cabraes, os homens mais feridos pela caricatura terrivel durante quatro annos em que no *Supplemento do Patriota*, *Maria* e *Cecilia*, pseudonymos d'artistas d'algum valor e muita energia foram luctando contra o governo e firmando em mais solidas bases aquella arte que alvorecera em Portugal nas paredes abandonadas no Paço Real da Bemposta a ferir justamente o principe e a sua côrte que abandonaram a nação no periodo critico em que os invasores vinham chegando para a tomadia infame.

TRIUMPHO DO CHIBO

(Do *Patriota*)

CARICATURAS DE D. FERNANDO EM TORNO D'UM QUADRO

Um rei caricaturista — Um poder executivo chuchado pelo moderador — A aurora d'uma arte nova

Emquanto atacavam os seus ministros com essas satyricas figuras, o rei D. Fernando, artista precioso, principe germanico que trazia no seu lapis evocações de gnomos da sua Allemanha e diatribes aquecidas na vida peninsular, dedicava-se tambem á caricatura que fazia voga, inofensiva, graciosa, leve, mais d'apontamento que de troça, com o seu quê de discreto de risada diplomatica.

Em 1840, quando o pintavam como um nabo fardado, elle entretinha-se a tracejar na beira d'uma phantasia allemã, com as suas eternas figurinhas gnomicas, episodios margeantes na folha onde a composição resahe: e são trechos de corrida de touros a que assistiu e de que talvez se recordava com saudade emquanto ia desenhando as figuras do seu quadrinho. A lettra do rei marca os episodios minusculos, indica o que representam vendo-se então, depois d'uns cavalleiros que vão farpeando, toda a nota comica d'uma tourada no seu intermedio de gargalhada, com uns pretinhos da Guiné desnalgados e de pennas na cabeça correndo para os touros emquanto, já n'uma phanthasia, prepassam no meio d'elles anões bem allemães puxados por cysnes. N'outra, que talvez seja recordação d'alguma festa palaciana ou de S. Carlos, põe um homem cantando com largos gestos e um pianista de longas farripas, corcovado sobre o instrumento n'uma intensa nota de verdade logo desmanchada por ter mettido tudo isso entre animaes fabulosos que a sua phanthasia germanica se comprasia em collocar nas cousas mais positivas.

Em 1836 caricaturava dois typos com a seguinte legenda: *Il vecchio Cappuzi e l'amico Pitichenacaio.* Onde a caricatura, porém, se torna franca, sem receios, feita sem duvida n'uma hora folgazã pelo soberano é n'um trabalho curioso intitulado: *O poder executivo do Pelouro da Limpeza.*

E' a carroça do lixo para a qual se ati-

O REI CABRAL

(Do *Patriota*)

ram gatos, se despejam caixotes ao som da campainha que o homem agita, n'uma nota viva de satyra que torna realmente engraçado esse poder executivo do pelouro da limpeza todo achincalhado por uns traços de lapis attico do Poder Moderador. Mais tarde apparece ainda em Lisboa um periodico *O Jornal para rir* onde Nogueira da Silva fazia caricaturas inofensivas e a arte paralysou-se para só se tornar dominante e vencedora, arte portugueza, nas mãos portentosas de Bordallo. Taes foram as primeiras phases d'essa arte que, tendo as levezas d'uma satyra burilada, encerra o veneno agri-doce d'uma pasquinada, d'essa arte que ao atacar — ella, a mãe do ridiculo — se vinga divinamente matando, mesmo os mais septicos, cocegando-os, fulminando-os quanto mais não seja pelo riso.

O horror da satyra attaca bem vivamente todos os portuguezes; o ridiculo é a arma que mais os perturba porque havendo no fundo de todos elles o atavismo das velhas quixotadas jámais podem perdoar que se lhes pinte os defeitos no exaggero que a caricatura arranja, umas vezes com o poder artistico como o de Bordallo Pinheiro nas paginas brilhantes dos seus jornaes, outras com uma forte furia em que menosprezando a arte, alguns caricaturistas como alguns pamphletarios inferiores zurzia os poderosos da terra, os amesquinham exaggerando-as n'um cumulo de paradoxo.

Essa arte, em Portugal, começou pela insania furia de rebellião do cartaz da Bemposta e marcou-se nas violencias anti-estheticas dos collaboradores do *Procurador do Povo* e do *Patriota* até que um dia o inegualavel artista que foi Raphael, que por si só merece um artigo especial, senão um volume, tomou o sceptro d'essa formidavel potencia em que reinou durante a sua vida e em que jamais nenhum portuguez o excedeu. Elle foi como um rei de que se teem muitas saudades ao verem-se os outros, um supremo artista que fez da caricatura portugueza a obra notabilissima e inemitavel, que os proprios alvejados reconheciam como primorosa e que o publico applaudia no seu instincto das cousas bellas.

N'esse periodo que vae da invasão franceza á morte de D. Fernando II e mesmo depois só elle foi o mestre que fazendo rir pelas contorsões dos rostos, pelos defeitos exacerbados, castigou as infamias e as trapaças em que tem sido fertil toda a politica portugueza.

Rocha Martins.

ALLUSÃO AO CASO DA «CHARLES ET GEORGES»

PENACOVA — VISTA DO LADO DO PENEDO

A' esquerda a ponte José Luciano; ao centro, no vertice da colina, a capella da Senhora da Guia; mais abaixo o Mirante; á direita, a egreja matriz

Penacova=Lorvão

No precedente numero dos *Serões* tentei dar uma idéa da rara belesa da estrada de Coimbra a Penacova e do deslumbrante panorama que se gosa uma vêz que se chega a esta vila; vou hoje completar esse artigo com algumas notas relativas ás excursões que se pódem realisar de Penacova.

O viajante apressado, que limitar a sua visita a Penacova a um simples passeio pela vila, ao adro da capela de Santo Antonio, junto da linda residencia do sr. conselheiro Luiz Duarte Sereno e ao *Mirante Emygdio da Silva,* não viu o mais grandioso dos panoramas penacovenses. Precisa para isso realisar a primeira e a mais curta das excursões que se fazem de Penacova — a do *Penedo do Castro.*

A ascenção do *Penedo do Castro* faz-se por um caminho de pastores, que parte da estrada que atravessa a vila e se dirige ao Botão, aldeia proxima da estação de Pampilhosa ou, obtendo a necessaria permissão, atravez da formosa mata que fica sobranceira á vivenda solarenga do abastado capitalista sr. Joaquim Augusto de Carvalho e que é situada junto da referida estrada.

O *Penedo do Castro,* que é formado por uma aglomeração de rochas de granito que encimam a colina e se destacam da paisagem verdejante que circumda a vila, deve a sua designação actual a uma justa home-

nagem que os habitantes de Penacova e outros admiradores do sabio bibliófilo conimbricense Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, reunidos com a Camara Municipal da presidencia do Dr. José Albino

PENEDO DA CARVOEIRA, FRONTEIRO A PENACOVA

PONTE JOSÉ LUCIANO
No alto, á esquerda, o mirante Emygdio da Silva

Ferreira, resolveram tributar a um dos mais antigos propagandistas das belesas da região, crismando no seu ultimo nome o *Penedo da Cheira,* como era designada até então esta colina, por estar proxima de um logarejo, denominado Cheira. Uma lapide de marmore indicativa do novo nome do *Penedo* foi oferecida á Camara Municipal de Penacova por um grupo de lisboetas, artistas, escritores, homens de sciencia, amigos e admiradores do prestimoso e bemquisto cidadão, tendo um dos oferentes, o arquitecto Raul Lino, feito o desenho da lapide.

MOSTEIRO DO LORVÃO, EM PENACOVA

minuciosamente, como uma delicada miniatura que caiba na nossa mão; o outro é como uma dessas vastissimas composições do Veronense ou um dos grandes quadros de Horacio Vernet que só se vêem bem com aqueles binoculos de museu, que limitam o campo visual e permitem que se observem por partes télas de grandes dimensões.

A excursão ao *Penedo do Castro,* que já de si é interessante pelo pitoresco da estrada e caminho que até lá conduz demanda, de poucos minutos e proporciona a vista do grandioso panorama beirão a que nos referimos no artigo anterior.

Ao passo que o *Mirante Emygdio da Silva* é o centro de um grande sector, embora de rara belesa, o *Penedo do Castro* é o centro de um circulo imenso, de que aquele sector representa apenas uma fração.

Se o panorama do primeiro encanta e extasia como um quadro que os olhos abrangem de um só relance e nele ficam pousados longamente, em uma enlevada contemplação, o panorama do *Penedo* arrebata e estonteia, e não se fixa facilmente, tantos são os sectores que ele tem para observar e quão diversas as paisagens que eles apresentam. Um vê-se devagar,

ENTRE PENEDOS — PENEDO DE JOÃO FREIRE

A excursão a *Entre Penedos* pode-se fazer hoje de duas fórmas: pelo Mondego acima, de barco, que facilmente se encontra, ou descendo em trem a estrada de Penacova até á margem do rio, atravessando este depois sobre a magnifica ponte metalica *José Luciano* e seguindo a estrada da margem esquerda, numa extenção de dois kilometros.

FABRICANTES DE PALITOS

A excursão pelo rio tem incontestavelmente maior encanto.

Pretendem os geologos que em épocas remotas não existia a estreita e extensa garganta formada pelos elevados rochedos entre os quaes passa hoje rude e tragico o rio lendario dos idilios.

O que é realmente certo, é que a stratificação das rochas de uma e outra margem se correspondem, camada por camada, como nas monumentaes *Portas do Rodam,* no Tejo, parecendo evidente que nos primeiros periodos da formação do globo a serra do Bussaco não tinha ainda sofrido o córte que depois lhe fez o Mondego, quando a encontrou no seu curso e lhe escavou essa profunda e pitoresca trincheira que se chama *Entre Penedos* ou *Livraria do Mondego,* nome que o povo tambem lhe deu na imaginosa comparação que fez dos stractos dos schistos ás lombadas regulares de uma biblioteca...

PONTE JOSÉ LUCIANO, SOBRE O MONDEGO

Entre outras excursões interessantissimas e que constituem verdadeiras ascensões, devem ser preferidas: a do *Penedo da Carvoeira,* do outro lado do Mondego, defronte de Penacova, bastante curiosa pela colina em si, e ainda pelo panorama que se disfruta do ponto mais elevado, avistando-se toda a vila e grandes extensões de montes, vales e rio; e a da *capela da Senhora do Mont'Alto* no cimo deste monte, que é um ponto de vista dos mais notaveis da região, divisando-se de lá as caprichosas curvas que o Mondego descreve num longo percurso e um vastissimo e tambem maravilhoso panorama.

Nesse ponto culminante, junto da capela postou Wellington algumas peças de artilharia por ocasião da batalha do Bussaco.

Todas estas e outras excursões teem de ser rematadas, precedidas ou entremeiadas pela excursão classica ao *Mosteiro de Lorvão* que foi um dos mais notaveis do paiz e que apesar de se encontrar hoje em ruinas, e mesmo arrasado em parte, é ainda um monumento de subido valor historico e um repositorio de arte muito curioso e interessante. O convento fica ao fundo de um estreito vale, ocupando um local aprasivel que se nos impõe pela sua austera belesa e que podia ser no verão concorridissimo, dada a frondosa arborisação da encosta adjacente ao mosteiro e a frescura dos deliciosos mananciaes de agua que veem dos granitos da montanha.

Mas a laboriosissima aldeia não tem sequer ainda uma estrada que a ligue com as outras do paiz e para se ir lá, de Penacova, pela estrada do Botão, tem de se deixar esta a dois ou tres kilometros de Penacova e seguir a pé ou em burro por uma extensa ladeira que leva a descer 30 minutos!...

E no emtanto, Lorvão bem merecia que os poderes publicos tivessem olhado um pouco mais para ela pois a simpatica aldeia não vive passivamente da tradição dos seus monumentos, como outras de Portugal, mas do constante e esforçado labor de seus filhos que, desde os de mais tenra edade até aos da mais provecta, se dedicam inteiramente á fabricação dos palitos de dentes, que tem ali o maior centro de produção do concelho de Penacova, do qual constitue, como é sabido, a industria mais importante.

A CUSTODIA DE LORVÃO

Mas se os poderes publicos deixam quasi ao abandono os restos do grandioso mosteiro que é um monumento nacional!... O seu pitoresco claustro foi demolido e as cantarias vendidas ou roubadas! No esplendido templo, de grandes e nobres proporções, chove como na rua e o magnificente côro que é um dos melhores exemplares da nossa época do rocócó está destinado a desaparecer, atacado pelo caruncho ou pelas mesmas mãos que destruiram o claustro...

Quando vou a Lorvão e ainda lá encontro perdida naquelas ruinas solitarias, como um naufrago que escapou a cem procelas, a custodia de prata dourada guarnecida de pedrarias — uma reliquia da nossa arte sumptuaria do seculo XVIII — esquecida e inapreciada na vasta egreja, hoje sertaneja, e

vejo ao mesmo tempo abandonados os sarcófagos de prata que conteem os restos das infantas, filhas de D. Sancho I, não posso deixar de fazer as mais amargas reflexões ácerca da conservação que Portugal dedica aos seus monumentos, compreendendo os tumulares, e do culto não mais carinhoso que lhe merecem os objetos de arte que andam dispersos ou colecionados por esse paiz fóra...

CARVOEIRA, EM FRENTE DE PENACOVA

L. MANO.

Clichés Casimiro Guedes Pessoa, Amandio Cabral e Photographia Montenegro.

N. da R. — *Publicando em seguida aos dois brilhantes artigos sobre Penacova, assignados por* **L. Mano,** *o retrato do illustre e delicado escriptor Manoel Emygdio da Silva, verdadeiro nome do suggestivo articulista, crêmos cumprir um dever que os nossos leitores nos agradecerão.*

Collaborador ha muitos annos e de varia secções do **Diario de Noticias,** *e principalmente dos artigos financeiros, aos domingos, e das* **Coisas e Loisas,** *ás sextas feiras, possuindo vastos conhecimentos, tendo viajado largamente, Manoel Emygdio da Silva é uma individualidade em relêvo no nosso meio da alta finança, litterario e jornalistico. Deve-lhe a pittoresca povoação de Penacova uma propaganda activissima, a ponto dos seus amigos o denominarem por gracejo o Christovão Colombo d'aquella adoravel região.*

Resta accrescentar que as qualidades de coração de Manoel Emygdio da Silva emparelham bondosa e rutilantemente com as faculdades do seu cerebro e espirito.

Quem chama?

«Mas eu sou branca; não sou indiana. Meu pae era branco. Fui educada como uma rapariga branca e tenho a instrucção que ellas teem.» Levantou-se de subito e com os olhos brilhantes poz-se a passear pela casa por alguns instantes, depois voltou-se e encarou sua mãe — uma mulher escura marcada de bexigas, com olhos somnolentos e pesados — e esperou que ella falasse. A resposta veiu vagarosa e taciturna.

«Eu sou uma Blackfoot, vivi durante trinta annos entre os bravos nas margens do Muskwat. Matei bufalos e assisti a batalhas. Tambem já matei homens — Os Crees — quando vinham á noite atacar as nossas cabanas para roubar cavallos! Sou uma Blackfoot. E tu és filha duma Blackfoot. Não ha remedio a dar-lhe. Senta-te. Não tens juizo. Não és uma branca, elles não te querem. Senta-te.»

O lindo rosto da rapariga córou; levantou os braços num gesto de desesperado protesto, uma horrivel colera abrigava-se no seu peito arquejante. Não podia falar. Parecia suffocar com o excesso dos seus sentimentos. Por um instante conservou-se em pé tremendo d'agitação, depois deixou-se caír sobre um sofá coberto por macias pelles de veado e de bufalo. O habito de obediencia a esta mulher sombria e dominadora era-lhe innato. Tinha sempre sido governada com firmeza, quasi com tyrannia, e nunca se tinha revoltado. Sentada no sofá, com a cabeça em fogo, sem poder pensar, fixava pela janella aberta a neve que caía. Sentia o desespero em todos os nervos do seu corpo airoso, d'esse corpo gentil que havia apenas vinte annos supportava as tormentas e as intemperies da vida. O vento assobiava e a neve passava em torbilhões offuscantes, escondendo completamente a cidade que jazia lá em baixo, essa cidade onde ha poucos annos ainda as manadas de bufalos faziam tremer a terra com o peso dos seus passos, e que hoje já se dividia civilisadoramente em estradas e ruas flanqueadas de bonitas casas. A cidade estava distante duas milhas e meia do sitio onde estas duas mulheres se encontravam cercadas pela tempestade, uma d'ellas debatendo-se n'uma tormenta que talvez um dia a fizesse sossobrar, contra a qual tinha luctado desde a infancia, lucta que só se tornara violenta depois da morte de seu pae, havia dois annos. Era um branco, forte, descuidado e voluntarioso, vivera a vida dos indios durante muitos annos, mas por fim tinha sido arrastado pela onda civilisadora que se precipitara pelo norte e pelo oeste varrendo deante de si a caça e os indios, acabando para sempre com a vida rude e combatente dos caçadores e exploradores. Enriquecera mais pela sorte que pelo trabalho, tendo propriedades aqui e ali, que adquirira de graça, e das quaes quasi se esquecera e só se apegando a ellas quando lh'as lembravam, com aquella teimosia que os caracteres imprevidentes muitas vezes revelam. Nunca tivera o verdadeiro instincto commercial, e fanfarronar sobre as suas propriedades, receber com desdem os offerecimentos de compra que lhe faziam era a sua unica maneira de alardiar essa capacidade que não possuia. E assim obteve bens e um lar comfortavel mesmo depois do antigo negociante de pacotilha ter sido suplantado pelos caminhos de ferro e pelos logistas, escondendo debaixo dessa presumpção e teimosia a sua irritação e o seu protesto contra os preconceitos que a gente nova, vinda do oeste tinha contra o *squaw-man,* o branco casado com uma indiana e vivendo

á moda dos indios ainda que dando a esse modo de vida commodidades que nunca tivera antes. Com o dinheiro da primeira propriedade que vendeu, mandou sua filha para um collegio para os lados do sudoeste, onde ella viveu uma vida que a encantou, ainda que atrophiando-a um pouco; onde tambem sentiu, pela primeira vez, o frio do ostracismo da raça que ella tinha orgulhosamente combatido, tendo por armas o talento, a applicação e uma ambição ardente e provocante.

E assim se tinham passado trez annos de lucta persistente apenas suavisados pela profunda amizade de uma rapariga, cujo rosto ella agora desenhava em todos os bocados de papel que lhe vinham á mão e nas paredes duma grande e arejada agua furtada, onde se fechava durante horas todos os dias quando não percorria as campinas num pony que lhe fôra dado alguns annos antes por seu tio, Ice-Breaker, chefe dos Piegans. Trez annos de lucta; e depois morreu seu pae, unico refugio que o seu coração magoado encontrava. Emquanto elle fôra vivo, podia-se ella apoiar nos direitos de filha de um branco, filha dum explorador que tinha ajudado a civilisar o Oeste; e o orgulho que sentia no seu pae dava-lhe um brilho aos olhos e uma elasticidade aos passos que faziam voltar todos que a viam, estivesse quem estivesse. Nas ruas principaes de Portage la Drôme os homens paravam nas suas ocupações e as mulheres acotovelavam-se quando ella passava. Onde quer que ella fosse inspirava interesse, excitava admiração ou levantava preconceitos — mas emquanto seu pae Joel Renton viveu não se importou com preconceitos. Qualquer que fossem os defeitos d'esse homem, e tinha muitos, ás vezes bebia demais, praguejava bastante, ameaçava e batia o pé — ella fechava os olhos a tudo porque elle pertencia á raça conquistadora, era um branco e tinha desde creança dormido em lençoes lavados e comido com faca e garfo sobre uma toalha de meza; e as mulheres da sua raça tinham usado sempre desde tempos immemoriaveis saias macias, meias finas e roupas brancas na cama, e nos dias de festa traziam vestidos de seda, chapeus de veludo e plumas, sapatos de polimento. Na verdade ella tinha levantado bem alto a cabeça porque era uma d'essas mulheres com todos os seus direitos e todas as suas prerogativas. Tinha levantado alto a cabeça até áquelle dia tormentoso, um dia como este, com as resacas de neve batendo contra a casa — em que lh'o trouxeram no meio do tumulto do vento e da neve, e o deitaram n'aquelle sofá onde ella se achava agora, e ella deixando cair a cabeça sobre esse peito sem vida lhe pediu na sua angustia que voltasse e não a deixasse assim tão só.

Perante o mundo ainda conservava a cabeça levantada, mas na sua agua furtada e lá nas campinas onde só o coyote e a galinha da campina a viam, a cabeça descaia-lhe, os olhos orvalhavam-se-lhe de lagrimas de sombrio protesto. Uma vez que cruelmente magoada em Portage pela mulher do Bailio da cidade, que tinha duas filhas de puro sangue branco adquirido atraz do balcão d'uma sala de jogo em Winnepeg, no desespero do seu isolamento, tinha aberto a janella do seu quarto de dormir com a temperatura abaixo de zero e ahi se conservara em camisa de noite até de madrugada chamando a morte com vehemente desejo e esperando obtel-a pelo frio. Nada conseguiu comtudo; uma outra vez, querendo morrer, tinha saido n'um temporal desfeito, mas, encontrando um homem perdido na neve, esqueceu a sua propria desgraça, e o seu coração onde girava o sangue forte dos homens das planicies, tinha-a levado a fazer por outrem o que não faria por si mesma. A parte indiana da sua natureza guiou-a com seguro instincto no caminho para Portage, levando sobre o cavallo o homem que tinha as mãos e um dos pés gelados, indo ella ao lado segurando a redea, julgando ter salvo apenas uma vida, quando salvara duas.

Mais um dia como esse. No seu coração revolvia-se tempestade egual áquella, que já a levara á campina procurando a morte, e mais uma vez aquelle sudario branco se estendia lá por fóra.

«Não tens juizo. Não és branca. Não te querem. Senta-te.» — Estas palavras soaram-lhe aos ouvidos como um dobre funebre. Sentiu um frio que parecia gelar-lhe o coração, roubando-lhe de subito aos olhos todo o brilho e dando-lhe ao semblante uma fixidez marmorea.

«Não és branca; não te querem, Paulina.» Repetiu a indiana depois de alguns

instantes, com um olhar mais sombrio ainda; porque n'ella tambem se revolvia uma escura onda de paixão. Em todo o seu passado a rapariga voltara-se sempre mais para o seu pae branco do que para ella, e ella sentira-se cada vez mais só. O seu homem tinha sido um bom marido, e ella fôra-lhe fiel e dedicada, mas resentira-se do instincto natural que levava sua filha a inclinar-sa sempre para seu pae, de quem tinha a côr e os sentimentos, como para um guia superior, para uma influencia e uma authoridade mais alta. Não era ella a descendente dos chefes Blackfoot e Piegans, guerreiros e soberanos durante gerações? Não havia sangue Blackfoot e Piegans nas veias da rapariga? Seria chamado só o sangue branco quando no dia das contas eternas se fizesse balanço ao livro da sua vida ao Deve e Haver das boas e más acções, negligencias e ternuras, censuras e elogios, meiguice e impulsos, iras e caricias? Porque é que o que era indiano havia de dar sempre logar ao que era branco?

— MUITAS FELICIDADES PARA NÓS AMBOS, DISSE ELLE.

«Olha para ti no espelho, Paulina. Es formosa, mas não da formosura dos brancos. O logar que te pertence é o da mulher d'um chefe de tribu. Ahi terás homenagens e honras; entre os brancos és apenas uma mestiça. De que serve luctar? Voltemos á vida dos indios além do Rio Muskwat, muito além. Ainda ha caça, pouca, mas ainda a ha, a vida ahi é socegada e nada nos inquieta. Apenas os cães selvagens ladram á noite, ou o lobo fareja ás portas, e todo o dia se canta. Lá ao longe além do Muskwat ha festas, as velhas acendem grandes fogueiras e contam historias, chamam o vento norte e fazem falar o trovão; os rapazes montam, caçam e vão á guerra, constroem cabanas para as raparigas da sua tribu; cada homem tem sua mulher e cada mulher esconde no seio o zelo pela sua tribu; e os pequeninos enchem as cabanas de riso. Cada casa é como uma algibeira de pelle de veado, pequena e quente e cheia de coisas boas. Hai-yai, o que vale esta vida comparada áquella. Ahi serás rainha e soberana porque temos dinheiro bastante para comprar mil cavallos; teu pae foi um branco e n'este tempo os brancos é que governam. Como nuvens adeante do sol assim são as raças dos homens, cae uma, levanta-se logo outra. Aqui não podes ser primeira, és a ultima; e o filho de pae e mãe brancos, ainda que seja vil como a lama que a pata do cavallo salpica, é melhor do que tu! A tua mãe é uma Blackfoot.

Emquanto a mulher falava vagarosamente com muitas pausas, a disposição da rapariga mudava, o olhar tomava uma expressão carregada que não era colera mas qualquer coisa que vinha de mais intimo. Escutou com subita paciencia que dava á sua attitude uma leve parecença de rigidez. O seu olhar deixou de se fixar na tempestade para se deter gravemente no rosto de sua mãe, e com as ultimas palavras da indiana pareceu acordar e a comprehensão entrou-lhe no espirito sem expulsar dos seus olhos a expressão sombria e ominosa.

Houve um momento de silencio, depois ella falou quasi tão monotonamente como sua mãe o fizera. «Vou-lhe dizer tudo. É minha mãe e eu amo-a, mas não quer ver a verdade. Quando meu pae a afastou das cabanas e a trouxe para aqui, a vida indiana acabou-se. Era a si que competia seguil-o, não o quiz fazer. Eu era muito nova mas comprehendi e resolvi seguil-o em tudo. Não sabia quanto me havia de custar esta resolução. Mas no collegio comecei a comprehender. Havia lá uma rapariga franceza e eu queria-lhe muito — Uma rapariga que me disse — : «E's tão branca como eu, teu coração é puro, e és linda.» Sim, Manette disse que eu era linda.

Fez uma pequena pausa e os seus olhos pareciam querer olhar para muito longe, fechava e abria as mãos convulsivamente: accrescentou: — seu irmão Julião — era mais velho que ella — quando vinha visitar Manette falava-me como se eu fosse da raça branca, e era bom para mim. Nunca me esqueci, nunca. Foi ha cinco annos mas lembra-me bem d'elle. Era alto e forte e tão bom como Manette, sim, tão bom como Manette. Eu queria muito a Manette e ella soffria por minha causa, porque eu não era como as outras n'esse tempo; as minhas maneiras eram differentes. Tinha vivido sempre com a nossa gente lá nas cabanas, e não conhecia a vida senão pelo que me dizia meu pae, e elle vivia tanto com os indios! Sentia-me desalentada, ás vezes queria morrer; e uma vez... mas Manette estava ali; ria e cantava e brincavamos juntas, eu falava-lhe francez e ella respondia em inglez, aprendi com ella a esquecer a vida dos indios. Para que a queria eu? Tinha-a amado emquanto a vivi, mas viera para uma vida melhor. A vida dos indios faz da vida dos brancos a mesma differença que uma bolsa de pelle faz d'esta... e collocou a mão sobre uma delicada bolsa de filagrana de prata que lhe pendia da cintura. Uma vez que se abriu os olhos tem de se ir para deante; não se pode parar, nem voltar para traz. Quando se leu tudo que ha no mundo dos brancos, quando se viu tanta coisa! Então não se pode voltar para traz, isso não! A cabana de um chefe! Ah! se meu pae a ouvisse dizer isso!

A indiana torceu-se pesadamente na cadeira, depois procurou esconder-se d'aquelle olhar que tenazmente a fitava. Uma ou duas vezes pareceu querer falar, mas encolhia-se toda na cadeira impotente e desanimada.

«A cabana de um chefe,» continuou a rapariga em voz baixa e com amargura «o que é a cabana d'um chefe? Um lume fumarento, uma panella, uma cama de pelles, hai-yai! se houvesse milhões de cabanas de indios e eu pudesse ser rainha d'ellas todas, e governar a terra, preferia ser uma rapariga branca, vivendo com um marido branco n'uma choupana, luctando pelo pão de cada dia entre a gente que expulsou o bufalo, mas abriu a terra com o arado fazendo viver mil onde dantes só vivia um. E' de paz que precisa, mãe, da paz onde a alma adormece socegada. Os seus dias de esperança passaram, agora quer dormitar junto ao lume. Emquanto a mim quero ver crescer a cidade dos brancos, e os exercitos de segadores e ceifeiros atravessarem os montes com arados e machinas, quero ver as grandes fabricas, e a vida da mulher branca espalhar-se para todos os lados; porque sou filha d'um branco. Não quero ser indiana e branca ao mesmo tempo. Não quero ser como o sol quando uma nuvem o esconde e faz escurecer a terra. Não quero ser mestiça. Hei de ser ou toda branca ou toda india, e serei toda branca, sómente branca! O meu coração é branco, a minha linguagem a dos brancos, penso e sinto como elles, Quero o que elles querem, vivo como elles vivem, visto-me como as mulheres brancas se vestem.» Quasi que involuntariamente levantou um pouco o vestido azul que trazia e deixou ver uma saia branca e umas finas meias calçando um pé tão pequeno e elegante como os mais elegantes e pequenos que vira ás mulheres brancas. Endireitou-se

com orgulho e o seu corpo tinha a graça e o donaire que as convenções das mulheres brancas ainda não tinham constrangido.

Apesar de todos os seus protestos ninguem a tomaria por uma ingleza. Poderiam julgal-a hespanhola, italiana, romaica ou slava, pois não tinha nenhum dos caracteristicos do sangue indiano, e havia n'ella qualquer coisa de brilhante que dava ao seu rosto uma expressão radiosa, que a lucta torturante que lhe ia n'alma não podia offuscar. Os preconceitos cegavam as mulheres brancas e não as deixavam ver o que n'ella havia de bello. E os homens apesar da sua admiração pouco podiam fazer por ella porque Paulina nada queria com elles emquanto as mulheres a não tratassem exactamente como egual; quanto aos outros mestiços, que, casando entre si, se contentavam com um logar inferior, ao dos puramente brancos, ella afastava-se d'elles, a não ser quando estavam doentes ou apoquentados; então reconhecia os direitos da raça e chegava-se a elles com piedade e amorosos impulsos para os socorrer. Os mestiços francezes, escocezes e inglezes comprehendiam a lucta que ella sustentava por todos que eram meios indios e meios brancos observavam-n'a com uma dedicação timida, reconhecendo-a superior e orgulhando-se d'essa superioridade.

«Eu não quero ficar aqui» disse a indiana com taciturna teimosia. «Quero voltar para além do Warais. A minha vida pertence-me e hei de fazer d'ella o que muito bem quizer.»

A rapariga estremeceu mas dominou-se immediatamente. «A sua vida pertence-lhe, mãe? replicou. Não foi por minha vontade que vim a este mundo. Se me tivessem consultado eu tinha vindo ou toda branca ou toda indiana. Sou sua filha, má ou boa achei-me aqui. Parece-lhe que a sua vida lhe pertence?»

«Podes casar e ficar aqui quando eu me for embora. Tens 19 annos. Quando casei com teu pae só tinha 17. Podes casar. Não faltam brancos por ahi. Tens dinheiro. Casa-te e esquece o resto.»

Com um gesto meio de raiva e meio angustioso a rapariga poz-se em pé e precipitou-se para deante, de subito parou ouvindo bater á porta e uma voz pedir licença para entrar. Um momento depois entrou um homem de barbas, grosso, e de hombros largos, sacudindo a neve do fato, e rindo com algum acanhamento, emquanto collocava com exaggerado cuidado as luvas e o boné de pelles sobre o peitoril da janella.

«João Alloway!» disse a indiana affectuosamente, e com olhos brilhantes, porque lhe parecia que elle vinha responder ás palavras proferidas por ella. O seu instincto materno tinha adivinhado a razão que o trazia. — Embora a rapariga nada suspeitasse e o recebesse com sincero prazer por elle ser o homem que ella salvara da neve havia um anno. Sentia uma certa ternura por aquella vida que conservara ao mundo. Sorria-lhe sem a mais leve sombra da passada colera e disse-lhe quasi com ternura.

«O que o traz por cá com este tempo? Não foi prudente — custa a crer que tivesse podido vir de Portage até aqui.»

O enorme lavrador leloeiro riu-se alegremente. «A primeira vez perdi-me mas da segunda havia de cá chegar por força, disse meneando a cabeça com ar zombeteiro, e julgando ter tido graça, faz hoje um anno que me perdi ali, disse apontando com o pollogar por cima do hombro — a menina achou-me e agasalhou-me, que melhor tinha eu a fazer n'este anniversario do que vir-lhe dizer — Obrigado? — Tinha fixado esta data para a vir ver e não o deixaria de fazer por causa d'esse velho fabricante de frio que está flagelando a terra com o seu chicote de geada e sacudindo sobre ella o seu esburacado manto de neve.»

«Foi n'um dia exactamente como este», disse a indiana depois de uma pausa vendo que Paulina se conservava silenciosa pondo deante da visita, uma garrafa de cordeal com que elle se regalou, e levantando o copo com um sorriso significativo.

«Muitas felicidades para nós ambos», disse elle bebendo de um trago; lambeu os beiços e correu a mão pelo bigode e pela barba fazendo lembrar um grande animal que estivesse lavando o focinho com a pata. Sorrindo, mas não se sentindo muito á vontade, olhou para as duas mulheres abanando a cabeça d'uma maneira animadora, mas elle mesmo não poderia dizer se era a ellas ou si proprio que tentava animar por esse gesto.

(Continúa.)

Carta a um pessimista

Amigo:

A tua epistola, de que se exhala um tão sombrio e mortal desalento, veio surprehender-me inesperadamente na doce paz de espirito em que agora me encontro. Quando a abri, julguei que ia encontrar o riso limpido e satisfeito d'outras éras, o desfilar rutilante e maravilhoso das ironias desenrolando as suas grandes pompas de roupagens e de côres, a delicia suave, a graça ineffavel e transcendente de viver: e eis que ella me transiu pelo seu pessimismo feroz e amargo. Effectivamente, dizes tu, eterno insatisfeito, que a felicidade, cantada em victoriosas odes e em tantas Musas olympicas enramadas do loiro heroico, é tão insignificante para apasiguar as sêdes d'infinito das almas, que não merece dos sêres pensantes dois passos mais apressados, na lenta e ephemera jornada do universo, para se alcançar! Mais: — a tua carta, tão atormentada e funebre, conclue por negar com radicada e profunda convicção toda a ventura terrestre. Ao mesmo tempo, narras-me n'ella miudamente a occupação da tua bocejante existencia nos ultimos tempos — e pedes-me conselhos.

Parece-me que toda a actividade cerebral e physica parou em ti, sem duvida porque assim o ordenou a tyrannia d'um ponto de vista philosophico que sem ser original e moderno é, entretanto, absolutamente novo nas exigencias e nas preoccupações do teu intellecto sagaz. Creio comprehender-te. Supprimir com tanta ligeireza e d'um só traço de penna toda a illusão e toda a poesia (as duas forças superiores e poderosas que mais directamente influem na prosperidade e na perfeição da especie humana) é, além d'um ousado e aspero paradoxo, uma linda e commoda formula d'egoismo, muito estreita, sem duvida, mas em todo o caso, um ambiente desaffogado para a resumida esphera das tuas aspirações. Concorda que defino com verdade d'analyse e argucia psychologica o teu actual estado d'espirito! Porque, justamente, o que tu com mais anciedade desejas é socegares a tua consciencia — essa integra e forte consciencia de antigo crente que eu de tão perto conheci e admirei. Procuras pôl-a d'accordo com a tua inercia, tentas subordinal-a pacientemente ás razões que o teu materialismo te suggére n'este momento. Por outras palavras mais claras: — não desejas fazer nada, concorrer com a tua luminosa intelligencia para os cultuaes e puros interesses da civilisação e das ideias: preferes, ao gozo intimo e intenso que deriva sempre das boas acções e da certeza tão grata do dever nobremente cumprido, uma perpetua angustia e uma inalteravel atonia. Todo o esforço, toda a lucta (ainda mesmo aquella em que ha probabilidades de triumpho) te atemorisam: mas a inacção tambem perturba a tua serenidade apenas superficial, como um vivo remorso. Portanto, desculpas essa languidez e esse desfallecimento de energia, abolindo ou denominando de ficção uma felicidade que constantemente conduz a ambição dos homens ás grandes conquistas contemporaneas e que á tua lucidez critica se affigura uma irrealisavel chimera.

Ahi está um erro consideravel. Affirmo-te que essa felicidade não é «o sonho vão entre densas brumas» — como tão categoricamente dizes — e que ella existe real, nitida, omnipotente. Esta certeza nasceu da observação da minha febril e incessante vida de luctador. Descobre-a tu tambem no seu radiante e sagrado refugio, meu amigo. Tens trinta annos sómente, possues uma fortuna que permitte a realisação dos mais futeis caprichos da tua phantasia, um cerebro superior, és proprietario de quietas e placidas vivendas ruraes onde é saboroso deixar correr a imaginação e só te faltam — penso eu — uma fé accesa e transfiguradora e um cuidado mais activo que te absorva inteiramente. Negar em plena florescencia da mocidade é uma desoladora abdicação: e a carta que me escreveste representa o acto indesculpavel e melancholico de quem abdica.

Se todos os homens de genio, que fixaram épocas e orientaram as tendencias tumultuosas e inquietas de seculos agitados, assim raciocinassem, que seria do progresso humano! Considera, meu vencido burlesco e incomparavel «snob» que se o doce Hesiodo, o poeta que tanto amavas nos esplendores, nas generosidades e nas paixões sinceras da tua juventude d'hontem, houvesse passado os seus dias errando nas verdes e floridas ilhas dos mares gregos a ouvir o vago canto das enganadoras sereias ou escutando o zumbido fluctuante das abelhas á volta dos vergeis hellenicos, não nos legaria esses versos d'oiro, tão ondulantes, harmoniosos e d'uma transparencia de limpido crystal, que fazem ainda hoje o enlevo das almas cultas. Não! A natureza concebe, em maravilhosas espiritualisações da materia, as suas creações perfeitas para que ellas a sirvam, isto é, para que ellas sejam, nas incertezas e nas obscuridades do mundo, as divinas guiadoras dos corações transviados e dos olhos cégos a toda a luz. O movimento é uma condição imperiosa e fatal da vida: e esconder uma existencia como a tua n'um esteril e inviolavel recato ou consumil-a em abstracções que nada exprimem, é uma profanação. Move-te tambem! Com essa indifferença arrastada pelas coisas da terra e por tudo quanto te cerca, estás affrontando no seu curso normal as proprias leis naturaes, és uma anomalia, um caso absurdo e inexplicavel. A mim suggeres-me o symbolo oriental da serpente com o rabo na bocca...

Entendo agora que a riqueza, quando d'ella se não sabe fazer um uso nobre, concorre para dissolver e aniquilar toda a seiva moral. Tu, por exemplo, com uma exigua mezada de vinte mil réis mensaes, emquanto foste estudante eras um crente inabalavel, cheio d'impetos expontaneos e de rasgos eloquentes. Assim te admirei, meu amigo, fumando o derradeiro cigarro e lendo, com uma insaciada e desordenada furia de saber e de remexer ideias, consagrando os teus moços e viris enthusiasmos emocionaes aos idealismos mais enygmaticos e incoherentes e ás esperanças que mais faziam pulsar o immenso peito da humanidade, na sua anciada superstição de egualdade, de fraternidade e de concordia social. N'esses inolvidaveis annos (ha tão poucas horas apagados e que já la vão tão longe!) o amor — mesmo o amor que mallograda e docilmente confia e se entrega, ou o que se vende por dinheiro — era para ti uma graça immaterial e casta, mysteriosa como as divindades e como ellas tão intangivel e etherisada que as impurezas terrenas nunca a manchavam na sua esplendidez elysea. Foste um idealista arrebatado e se, como Parsifal, não correste o mundo á procura do Vaso Sagrado, foi porque o positivismo do teu seculo d'affirmações e de exegeses não admittia ingenuidades e com receio de que os sarcastas classificassem de hysteria ou de mystica loucura essa rude caminhada de paladino. E tudo isto, com vinte mil réis por mez!

Pois bem. O dinheiro extinguiu no teu espirito as sobrenaturaes irradiações d'esta suprema crença. Tens hoje, certamente, muito mais cigarros — fumas até preciosos e aromaticos charutos em boquilhas d'ambar e oiro: a tua meza melhorou sardanapalescamente em victualhas delicadas e principescos vinhos: ignoras a humilhação das botas rotas, dos casacos coçados e das gravatas maculadas, que n'outras éras tanto nos desconsolava, nos loiros e ruidosos domingos de kermesse e de passeio, quando desabrochavam as primeiras violetas e surgiam na cidade as primeiras mulheres bonitas, fazendo a gracil, a mimosa illuminura dos asphaltos; mas, desgraçado amigo, se

na tua bolsa retinem festivamente as libras — moeda tão fallaz no nosso Portugal! — na tua alma nenhuma aurora se levanta! A abundancia enervou-te e precisas, para a resurreição, de largos e trabalhosos annos de penitencia, n'uma romaria libertadora, ao templo augusto da fé. Podes ter ainda uma socegada velhice, em que o teu desdenhoso e frio labio, em vez de negações que exhaurem o sentimento, faça scintillantes revelações de verdade. Eu offereço-te tres fórmas de felicidade: — a que resulta da vaidade satisfeita, a que se illumina nos extasis do amor e a que deriva da candura e da tranquillidade da consciencia.

Conheço um pobre e pittoresco homem que tem passado a vida a traduzir e a copiar, sem relevo artistico, um escriptor francez e que, por isso mesmo, se julga superior. D'este juizo veio-lhe uma insupportavel maneira de levantar a cabeça, de cruzar os braços, de discutir os outros, o que o torna grotesco. Começou por espalhar — traduzindo abominavelmente — que tinha ideias ineditas sobre arte. A principio todos lhe pediram, com respeito, com veneração, que divulgasse essas ideias em proveito da civilisação, visto que ellas actuariam nas almas com a sedução indizivel da belleza: os seus admiradores passaram, depois dos pedidos veneraveis, ás exigencias brutaes, lembraram-lhe o dever civico — e ameaçaram-n'o com uma bengal-a. Elle, porém, jamais deu ao seu paiz, á Europa, ao globo, essas maravilhosas ideias, e toda a gente principiou a escarnecel-o, reconhecendo a impontencia das suas faculdades intellectuaes e estheticas. E vê tu, meu amigo! Esse inutil é feliz, é inenarravelmente feliz, pela elevada opinião que fórma do seu illusorio valôr! Não será para invejar uma felicidade d'esta ordem?

A felicidade dos amorosos e dos justos tem, no emtanto, raizes mais fundas na realidade moral do universo. Ha homens de alta capacidade e lucidez penetrante que se exilam na deleitosa doçura do seu ermo, com uma bella e subtil mulher que os comprehenda e que baste á sua ambição de sonhadores — espreitando medrosamente a rua atravez dos cortinados da sua janella. E estes exilados offertam quotidianamente um exemplo fecundo aos temperamentos fracos e angustiados, porque demonstram que a pacificação, nos ruidos e nos egoismos da existencia, é bem possivel. Porque os não imitas?

Eis o conselho que te dou, e eis o que a minha experiencia deseja confessar ao teu gelado pessimismo. Deves combater, ter uma crença inabalavel em ti proprio, amar puramente, desprezar a tua fortuna e reagir. Se quizeres, entrega-me essa fortuna com todas as commodidades que ella garante — porque eu sou já um iniciado...

João Grave.

A nova geração

DO NEO-LUSITANISMO

Um simples lance d'olhos para a produção litteraria e scientifica de cada dia, em cada paiz, fará rapidamente concluir que a caracteristica basilar da época presente é a falta dum ideal gerador, claramente concretizado em obras d'arte. Deslocado o impulso vital ao artista, faltando-lhe um ponto de apoio, dentro da sua época, em que possa entroncar a sua obra, elle fica collocado numa contingencia fluctuante, com alternativas de subida e descida, rodeado de incertezas, onde mais tarde ou mais cedo irão naufragar obra e artista.

E' rudimentarmente sabido que o ideal esthetico dum momento determinado ha-de ser a sequencia do ideal historicamente dominante nessa época. Quando um artista se colloca abertamente em conflicto com a sua época, ou mais claramente, quando a obra de arte não fôr a interprete da aspiração momentanea, soffre a vida ephemera da Torre de Marfim em que o autor a enclausurou, como um peixe definhando n'um aquario. O exemplo concreto da actual poesia francêsa bastaria a tornar claro este axioma: Regnier, Albert Samain, a Contesse Mathieu de Nouailles, nunca conseguirão uma leitura universal, nunca sequer obterão uma leitura total na propria França, porque ensimesmando-se no seu particularismo não procuram a emoção geral em detrimento da egoisticamente pessoal. Falta nas suas obras alguma coisa de vital que nos faça sentir como o artista, presentindo que o artista nos sente. E no entanto isto é observado em França, onde os systhemas sociaes se atropelam, onde os ideaes se substituem com um fragor ruidoso.

A causa deste conflicto geral entre a arte e as ideias, eu cuido que ella está propriamente — na falta d'essas ideias, ou, pelo menos, na falta das ideias *concretizadas* e geralmente reconhecidas. Só assim se explica que annualmente, como ephemerides de calendario, um novo systema faça ruido, abalando aparentemente a actualidade, com novos sequazes, ora completos, ora desdobrados em theorias reeditadas ou absolutamente novas que pouco mais conseguem que dar origem a novas theorias. E é curioso que todos aquelles que se sentem arrastados no tumulto do pensamento, e não buscam isolar-se na imutabilidade do egoismo schopenhauriano, fructo do momento, seguem anciosamente essas correntes desencontradas; e emquanto as seguem, se os arrastam, buscam dar-lhes fórma plastica, exteriozá-las em obras. Dahi a multiplicidade de aspirações vagas e mal definidas que fluctuam á tona, incompletas no seu esboço, e constituindo no seu conjuncto o que os psycologos allemães chamam — *die Weltschmmerz* —, a dôr universal.

E' esta dôr universal, esta *tristeza contemporanea,* como a denominou um psycologo belga, que emana de todas as obras de arte da actualidade, de todas as obras

que reflectem o actual estado mental tão caracteristico d'uma época de decadencia, ainda daquellas que mais solidamente pretendem ser construidas e que mais positivo ideal tenham a leva-las. Os personagens de Ibsen e Björnson, giram curvados á dôr da época, sombrias figuras que servem um alto ideal de felicidade. E é essa extensa galeria que corre no romance contemporaneo, de Zola a Dostoiewsky, passando pelos Goncourt e Maupassant.

MANOEL DA SILVA GAYO

(O iniciador do movimento

Ruidas as crenças religiosas pela linha philosophica que começa nos encyplopedistas e acaba em Comte, Darwin e Haeckel, sem que as reacções successivas lhes valessem, um momento a religião do homem dominou as consciencias satisfeitas. Mas a desillusão dos homens de 89 teria que reflectir-se nos da época positivista: a materialização do seu ideal não valeu a Comte, cuja genial intuição não conseguiu alcançar o periodo constructivo da nova humanidade. Esse ideal que deveria brotar das ruinas cavadas pelo positivismo, assentando sobre a sciencia, ainda hoje não encontrou solução completa, precisamente por a sciencia a não ter encontrado ainda; é na ancia d'elle, procurando-o sem o achar, que se desenvolve a *tristeza contemporanea*, com todas as caracteristicas duma época onde se solveu a continuidade, e todos os systhemas promptos

a resolver a crise mental, rodeados do triumpho ephemero que a decadencia entrega.

E' nesta continua efervescencia de novos remedios, de salutares remedios, que vemos ora o anarchismo dominando objectivamente na litteratura, — onde foi seu precursor Leopardi, o supremo individualista; ora o completo refugio em si mesmo; ora vistas e aspectos inteiramente novos, como as bizarras creações dos symbolistas e esthetas francezes, entroncadas em Nietzsche e Schopenhauer.

ANTHERO DA VEIGA

Rossi, estudando num livro recente a dôr universal, notou como os phenómenos de contraste que a originam são duas fontes poderosas de mysticismo e sectarismo, cuja propagação epidemica se realiza pela sugestão. A facil continuidade que todas as novas soluções obtêem, levam-nos a admitir de certo modo a conclusão *sociologica* de Rossi, sem prejuizo do ponto de vista *individual* que em todas as manifestações toma clara evidencia.

A litteratura portuguêsa contemporânea é um curioso campo de vista onde se podem verificar todas as observações executadas até aqui.

A chamada geração de 90, reagindo contra o cultivo exclusivo da fórma, como lei inflexivel e rigida que regulava a poesia, não foi mais em começo que uma adaptação francêsa, onde se desenvolvêram claramente duas correntes. Uma, que buscava transplantar para o nosso vocabulario as charadas de René Ghil, em que a vaga evocação egypcia da serpente mordendo a cauda annuncia que onde tudo acaba tudo começa eternamente; e doutro lado um falso neo-catholicismo, breve desfeito em laços pagãos, bebido em Verlaine e Mallarmé, — que souberam encerrar os seus poetas na *turris eburnea* onde ficáram exoticamente metidos, como nereides alheiadas do mundo e só dando ouvidos ao buzio da arte. Outra remontada a Banville e Beaudelaire, só tardiamente reflectidos entre nós, (talvez porque os seus processos não eram tão violentos como os primeiros) breve desfeita no ambiente da geração, amornado e apathico, que conseguiu falhar quasi todos os seus poetas.

E' neste meio que se começa a esboçar, vagamente a principio, nitidamente depois com os livros de Manoel da Silva-Gayo, — a quem cabe a primazia do movimento —, primeiro a resurreição integral das fórmas quinhentistas; depois, tomada a consciencia do movimento, com a continuação do sentimento da raça, bebido ora nas contemplações melanchólicas de Bernardim e Christovam Falcão, ora na firmeza plastica de Sá de Miranda e Camões. Buscava-se um novo fundo inhexaurivel, o fundo sentimental da raça, achado em documentos artisticos de plena palpitação nacional e projectados n'uma adaptação vigorosa ás necessidades artisticas contemporaneas. Foi este poeta o precursor da actual geração, de que hoje constitue o ponto central; foi este poeta o unico da sua camada que sentiu e palpou o verdadeiro fundo renovador duma litteratura, indo buscá-lo á tradição nacional, reatando-a e amoldando-a, da aspiração subjectiva que envolvia o lyrismo quinhentista, á consciente e nacional unificação da arte. Tal o intuito do *Mondego*, e dos poemas — *Sonho* e *Alma remida* do seu ultimo

livro, onde se observa toda a evolução do movimento, já esboçado no drama *Na volta da India,* no estudo humano de caracteres observados atravez do prisma da alma nacional. Bem sei que antes de Silva-Gayo já Antonio Nobre voltára os olhos para o seu *paiz;* mas o poeta do *Só* não fez mais que voltar os olhos melancholicamente para o seu paiz, ultima ranca dum velho castanheiro apodrecido á beira do Oceano Atlantico. A sua obra não é a do poeta que presente em si a aspiração nacional; mas a simples reação individual contra um meio falho, gasto em themas ou muito velhos ou muitos novos, que á sua sensibilidade de português e de poeta ou o aborreciam ou o irritavam.

Chronologicamente antes do *Mondego*, já mesmo Affonso Lopes-Vieira tentára a revivescencia *formal* portuguêsa, exteriorizando um lusitanismo pessoal. Mas a obra de Lopes-Vieira encontra a sua explicação na conclusão do movimento de 90, que, — combatendo a fórma, veiu a acabar no culto material da fórma, apenas com o augmento de vocabulario e de nova technica. Ella é a reação intencional e subjectiva do artista contra a materialização da poesia contemporanea. O seu *Naufrago* procura a taboa de salvação; mas erradamente a encontra num ideal social, para onde transitou pela ponte-de-fronteiras d'*O Encoberto.* Esse ideal social não corresponde a uma nitida percepção do movimento, adeante estudado, do *universalismo*, mas a conclusões meramente *cerebraes* que não chegáram a tomar consciencia no poeta. Demorado na primitiva orientação, Lopes-Vieira teria talvez encontrado o filão que o seu espirito procurava sem o saber; e achando-o, elle marcharia então conscio de si, não para a socialização compassiva das coisas, mas para o aspecto unitario do mundo observado em conjuncto, a um grande sôpro humano e universal.

RAUL LINO

Cabe portanto a Manoel da Silva-Gayo a primazia do movimento *lusitanista,* só concretizado e exteriorizado na actual geração litteraria, onde constitue uma das modalidades mais caracteristicas, e uma das três faces do prisma evolutivo que a domina.

A absorsão pessoal na arte, representada na obra de Eugenio de Castro, (á qual, pela sua vastidão e complexidade, e mais por estar longe do meu assumpto, não me pósso entregar por agóra) alarga-se naturalmente para este campo mais vasto, por via de causas anteriormente apontadas.

A tradição garretiana que a actual geração procura reatar, preparando o advento do *universalismo*, foi cortada pelo subjectivismo dos ultra-romanticos e pelos sequazes do ideal de Comte, subitamente implantado, estabelecendo uma solução de continuidade entre o ideal nacional, ainda não concretizado em obras de arte, e um ideal universal, apoiado em bases scientificas e philosophicas. Isto tornar-se-ha claro n'um exemplo: a intuição genial da obra de Theophilo Braga reside verdadeiramente na *Historia da Litteratura*, da *Alma portuguêsa*, nas *Tradições Populares*, e não na larga idealização da *Visão dos Tempos.* Theophilo, sendo a consciencia da sua época, reflectiu as suas aspirações nos primeiros trabalhos referidos, e antecipou o seu poema, que apenas ficará sendo uma tentativa falhada

da Epopeia da Humanidade, ao lado da *Legende dos sieclés*, que é menos vasta, e representa o degrau duma idealização onde Theophilo está em logar de mais vasto horisonte.

Emquanto a tradição nacional se reata claramente surgem em torno della, justificando-a, curiosos aspectos, como o *regionalista*, representado pela *Musa alentejana* do Conde de Monsaraz, onde a paysagem do Alentejo, os seus costumes, as suas crenças e os seus typos, surgem claramente numa vasta observação da *terra*; podendo ainda ajuntar, como documentação, os artigos dispersos de João Correia de Oliveira, em que a psycologia regional, estudada na alma da paysagem, revive integralmente a nossos olhos.

ANTONIO DE MONFORTE

O *universalismo*, ou *emotivismo philosophico*, como n'uma alta consciencia do movimento o denomina Manoel da Silva-Gayo, projecta o ambito do pensamento nacional, apelando para uma acção geral e unitaria. Nasce do proprio movimento nacional, alargado por via de *emoções*, que tomam exteriorização varia, e adquirem fórma externa cobrindo-se com as modernas conclusões scientificas e philosophicas.

Ainda Manoel da Silva-Gayo foi entre nós o precursor do movimento, — e n'este ponto só o precursor —, creando os poemas *O Mundo vive d'illusão, Dom João, Envelhecendo* e *Nossa Senhora dos agoiros*, dominados por uma aspiração tendenciosamente negativa, e só attingindo plenamente o ideal constructivo no desvio de curva para a sua obra de romance, cujo ponto transitorio ficará marcado com o *Torturados*, que me apresso a annunciar para breves dias.

Esta concepção universal, assente em bases scientificas, modificou a crença religiosa numa crença intellectual, geralmente exteriorizada num pantheismo em que o poeta observa o universo atravez da sua concepção, se liga directamente com elle reflectindo-o e integrando-o em si mesmo. Tal é a synthese psychologica da evolução de Antonio Correia de Oliveira, claramente exposta nas *Tentações de Sam Frei Gil*, e attingindo um total poder de exteriorização no *Elogio dos Sentidos*. A evolução deste poeta é o caminho aberto para a solução momentanea do problema esthetico, que em Portugal tem tomado taes caracteristicas que eu desejaria que aquelles que lá fóra se ficáram estacionados e quedos attendessem ao modo como as ideias vão dominando a nossa poesia, alicerçadas no fundo da raça.

Teixeira de Paschoaes eleva de todos os seus livros um ideal amplamente unitario, condensado em poesia, atravez da nacional e territorial emoção alargada subjectivamente.

A obra destes dois poetas tem tido um alcance tão vasto e precursor na poesia portuguêsa que necessita um estudo separado, em que as modalidades de ambos appareçam claramente differenciadas.

Antes de entrar propriamente no assumpto que pretendo documentar — *o neo-lusitanismo* — resta-me falar duma ephemera corrente de gabinete, postiça e regular como o systhema metrico-decimal, que baldadamente procurou attingir com o *naturismo* a solução do problema esthetico.

O *naturismo*, segundo o programma de Saint-Georges de Bouhélier, propunha-se combater o symbolismo, «e o seu subjectivismo doentio e esteril», regeitar o «espiritualismo nebuloso», «erguer os espiritos para a Vida, e para Zola, o grande cora-

ção que pulsa pela Vida». Conforme o testemunho da propria *Revue naturiste,* os naturistas preferem a acção ao pensamento, o seu papel consiste na educação superior do povo; e como processos, despem-se de todos os existentes para só se deixarem levar pela contemplação da natureza e do mundo.

E' facil de vêr que este ideal, espalhado no Brazil muito antes de conhecido em Portugal, nasceu do fanatismo do seu iniciador pela obra de Zola. Nem elle, nem os seus sequazes, nem os seus introductores, tinham a noção do renovamento litterario. Tanto, que por postiço e arbitrario, elle simplesmente produziu obras mediocres; e os seus poetas ha muito que não dão signal de si, á espera talvez de melhor e mais clara orientação. Não foi mais que um dos mil systemas propóstos para fechar a lacuna idealista. Entre um e outro ha a differença de que o movimento *neo-lusitanista* não resulta da absorpção na patria, mas da consciencia do verdadeiro fundo renovador duma litteratura. Para exemplo: é geralmente sabido, pelos que lêem a sua obra, que para Carducci a Italia era uma *pessôa,* objecto dum culto devotado do poeta, que deu o *pessoalismo* á sua obra; emquanto que D'Annunzzio localiza as suas tragedias no fundo ethnico e tradicional da patria, como processo de fazer reviver a sua poesia. Ainda a differença reside no claro conhecimento que este romancista possue da esthetica wagneriana, emquanto Carduci foi sempre o litterato que se adaptou á corrente dominante, numa incerteza evidente da função da arte e do seu valôr, e della só tirando o aspecto *litterario.*

Tal a razão da vida ephemera do *naturismo,* breve substituida pela completa e systhematica orientação nacionalista, alargada ao depois no emotivismo philosophico.

As theorias artisticas de Wagner, que representam o maior esforço para a arte social, são em Portugal quasi totalmente ignoradas. Creio que foi o illustre critico de arte Antonio Arroyo o primeiro que buscou propagá-las, aplicando a sua esthetica num livro notavel sobre Soares dos Reis e Teixeira Lopes. Entretanto, na França succede precisamente o mesmo; e o culto que leva annualmente centenas de devotos a Beyreuth pouco tem produzido de serio quanto ao claro conhecimento geral das doutrinas de Wagner. Interpretando-o á lettra, erguêram-lhe altares os symbolistas e decadistas; e creio que daqui provém a relativa desconfiança que ainda hoje os francêses têem pela obra collossal do mestre de Beyreuth.

As suas doutrinas são a fonte clara e crystallina onde irão beber aquelles que forem tomando para si a consciencia do significado da arte.

Wagner é um mestre extraordinariamente grande para fazer a iniciação de todos os que sentem, e que em si têem, latente, um sonho de arte humano e uno. A todos ensina que a arte vive na propria vida, e que nella cada um a saberá achar; basta para isso viver a vida completamente.

*

Todos os movimentos de reação nacional surgem naturalmente em épocas de decadencia. E' assim que se desenvolvem simultaneas manifestações do mesmo ideal esthetico, sem *directa* relação inicial entre si, mas provindo no fundo de causas identicas, e encorporando-se mais tarde no mesmo movimento. Fóra do ambito da poesia, que propositadamente guardo para o fim, — e nesta geração a que chamo *nova* — encontra-se a mesma razão de ser do neo-lusitanismo nas obras do architecto Raul Lino, do pintor José Campas, e do musico Anthero da Veiga.

Tentando em justo criterio a estylização nacional, Raul Lino foi tendencialmente levado a encarar o problema sob o duplo aspecto *historico* e *natural. Historicamente* achou-se concluindo que o typo mais definido, o que mais poderia inspirar uma renovação esthetica, e que melhor traduzia o cunho português — por ser de plena manifestação nacional — era a casa portuguêsa dos seculos XVI e XVII. *Naturalmente,* deu-se a um estudo de observação da paysagem portuguêsa, nos detalhes de provincia, onde a casa por seu turno iria ser um detalhe. Da concordancia do primeiro trabalho com o segundo resultáram os seus projectos de casa moderna, que constituem a mais solida tentativa da habitação portuguêsa, e a obra mais notavel que n'esse sentido se emprehende agora entre nós.

Raul Lino procura a harmonia da casa

e da paysagem como o mais seguro effeito de nacionalizar a habitação. Dos projectos que lhe conheço, examinados aqui, em Coimbra, na Exposição do Instituto, em março de 908, destaquei uma nota que me parece curiosa para o processo artistico do architecto: as suas construcções têem sempre fundos retintamente locaes e harmonicos com o projecto. Examinando-os, *sente-se* a impressão de que a casa não destaca á paysagem, antes se confunde nella: são velhos carvalhos, cyprestes esguios, ruinas, serras que se aprumam, toda uma flora harmonica, rasgando-se sob as janellas conforme o sitio escolhido para a construção. As suas casas, destinadas para a vida de hoje, porque teem todo o cunho nacional, evocam-nos nos detalhes, a que Raul Lino consagra especial cuidado, a nossa casa do seculo XVI — onde o architecto as foi buscar —, tão serena e tão feita para as *nossas* necessidades.

Falando de pintores portuguêses, eu tenho que ceder o logar de honra a dois artistas, que enchem com o seu nome toda a pintura portuguêsa de ha cincoenta annos para cá: Columbano e Silva Porto. Deixou-nos este nas suas télas toda a face da paysagem portuguêsa, animadamente viva e sentida como só a poderia sentir um grande artista; e em Columbano, num parallelo a Porto, ha todo o vinco da alma nacional, fazendo-nos reviver em cada um dos seus retratos, o garbo e o aprumo, a melancholia e a contemplação do português, ao sopro espiritual e fundo dum artista genial.

A CAMINHO
Quadro de José Campas

E já que falei dos grandes mestres, justo é que me refira aos que começam, e que na nova geração representam a tendencia do meu estudo.

O pintor José Campas, contrariamente a Raul Lino, segue um processo expontaneo, ferindo de exclusivo aspectos portuguêses, buscados ora na paysagem, na escolha dos detalhes focados, ora nos typos que completam os seus quadros, ora nos costumes, ora nos proprios monumentos que conseguem acordar no seu espirito alguma coisa de português, por algum lado real ou lendario que os ligasse á terra. Conheço-lhe um campo coberto de malmequeres, onde a impressão da côr domina por completo, com recortes da maxima variedade, só perceptiveis por uma retina muito sensivel á paysagem portuguêsa, e que intencionalmente buscasse esse effeito.

Exemplifica ainda a minha affirmação o *Convento Velho de Santa Clara*, onde o templo de D. Dinis, lentamente afundado nas areias do rio, toma toda a côr do sitio, recortando-se no fundo da paysagem de Coimbra; e as *Lavadeiras do Mondego*, são-me tambem um claro exemplo, apresentando o artista no estudo de typos surprehendidos em detalhes locaes, com traços creados e herdados na alegria da cidade, á sombra antiga de Minerva... Um poente de Coimbra que lhe vi seria phantastico para toda a gente que não sentisse a sua paysagem delicadamente harmonica, á tarde, quando o firmamento entorna sobre ella e sobre o rio manchas rubras de fogo.

Agora, que a maioria dos pintores se lança exclusivamente por motivos ideaes, este artista, tão claramente português, refugia-se na nossa paysagem, sentindo-a nitidamente e trasladando-a, como coisa sua, para os quadros que trabalha.

A obra de Anthero da Veiga é talvez a menos conhecida das que me servem de exemplo para documentar o neo-lusitanismo, porque precisamente é a que menos publicidade póde ter, visto residir na personalidade do proprio autor e no carinho com que

PROJECTO DE RAUL LINO, D'UMA CASA NO PENEDO DA SAUDADE (COIMBRA), PARA A EX.ma SR.a D. AMELIA DA CONCEIÇÃO SILVA PINTO

amoravelmente a tem construido. O guitarrista Anthero da Veiga está fazendo dentro da musica portuguêsa, tão descurada, uma revolução completa.

Dedicando-se absolutamente ao cultivo do cancioneiro nacional, Anthero da Veiga, busca restitui-lo aos *moldes* primitivos dando-lhe fórma pessoal, estudando as canções nas primitivas *fórmas*, artistizadas no tempo por compositores que as caldeáram com trechos de opera e musica barata. As *modas velhas* da Beira, acompanhadas ao adufe por descantadas e romarias, perdidas no povo, onde o artista as tem ido procurar, reconstituindo-as conscienciosamente, teem-lhe sido objecto dum culto devotado. E o cancioneiro musical do seu paiz tem sido a fonte inhexaurivel onde Anthero da Veiga tem ido buscar o molde e a inspiração, que depois vai enquadrar em typos de canções. A *Canção da Fiandeira* é um notavel especimen de quanto póde o estudo aturado das fórmas populares e do local da colheita. No *Fado em ré maior*, onde o cancioneiro foi moldado no rythmo e na quadratura do fado, ha toda a alegria esfusiante e larga das romarias da sua Beira.

E impossibilitado de ir mais longe, em artigo de mera documentação geral, aqui deixo ficar a promessa dum melhor estudo sobre a sua obra complexa, limitando-me a notar que perante um trabalho de tão largo folego, anteriormente realizado na litteratura, só ha a lastimar a pouca publicidade deste raro artista e o seu quasi geral desconhecimento; e seria para agradecer uma edição integral das suas obras, como motivos de estudo para a musica portuguêsa, — tão tresmalhada e perdida como ella anda.

E fixada a razão de ser do movimento que anima simultaneamente todas as manifestações artisticas, regresso da digressão ao meu ponto de partida, escolhendo para estudo do *neo-lusitanismo,* o poeta Antonio de Monforte, como aquelle que melhor o encarnou e delle teve mais claro entendimento.

Antonio de Monforte, num elevado sentimento nacional, procura reconstituir o fundo psycologico da raça, buscando-o em motivos historicos, detalhes de paysagem, um costume antigo que enche uma evocação; e em cada um delles separadamente, *vê*, numa vasta projeção visual, toda a psycologia do povo português.

Contam pessôas graves, de edade,
de alguns atalhos lendas funestas;
— ladrões que a tiro matam um frade,
e em postas lhe abrem sem caridade
o corpo magro, sobre as giestas.

. . . .

. . . .*em tempos maus a justiça*
lento cortejo d'alva seguia;
a forca o negro vulto espreguiça,
e ouve-se a queixa grave e mortiça
dos psalmos proprios só da agonia.

. . . .

O titulo do seu livro, em via de publicação, — *Tronco reverdecido,* claramente o indica. Do velho tronco lusitano, esquecido e envelhecido, cuida vêr, numa primavera de hoje, despontar novas rancas, cheiínhas de seiva, como um caule antigo, perdido numa encosta, que soltasse um ramo novo e forte, enchendo-a de vida e sombra.

O seu primeiro soneto:

Portico

Era uma vez um tronco exhausto em guerra
com a braveza adusta do montado,
que p'ra vingar no esteril chão que o encerra
annos sem tacto tinha ali teimado.

Vencida a condição ruim da terra,
mal a raiz em torno achára agrado,
logo por entre estevas mais se aferra
no campo que ella sente já domado.

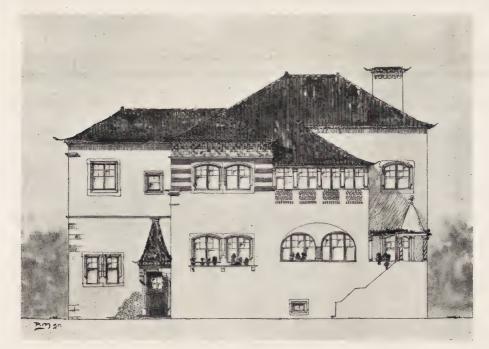
Vergontea humilde, agora alfim erguida,
viu-se a poder de tempos quasi seca,
depois de quanto esforço fez p'la vida.

Mas só de se alembrar que fôra um dia
o enternecido exemplo da charneca,
de novo a seiva aos braços lhe acudia.

Na *Falla do Poeta,* o poeta dirige-se á terra; e como o Antheu da fábula na lucta com Jupiter, que ao contacto com a terra tirava toda a força, assim *communicando* com ella, lhe arranca toda a seiva que enche o seu livro. N'O *Arauto,* — o arauto, *em grande cerimonial antigo,* no ritual do velho estylo, lança o seu pregão, em gesto largo, na confiança de si mesmo; e vai dizendo:

Ouvi-o todos vós, raça de heroes,
e da intima ousadia que inda sois,
largai frotas de novo á roxa aurora.

Talvez que a pobre patria agonisante,
revendo-se entre as aguas do Levante
resurja em si o Portugal de outr'ora.

Vejamos agora o seu mechanismo psycologico, surprehendido em paginas desse livro.

PROJECTO DE RAUL LINO, D'UMA CASA NO PENEDO DA SAUDADE (COIMBRA), PARA O DR. JOSÉ BRUNO DE CABEDO

Antonio de Monforte começa pela visão de aspectos historicos *externos*, que incarna e procura viver, tirando dahi a emoção, *(Noite de Tanger, Ormuz)*. A impressão é ainda reflectida do exterior; e é essa impressão, projectada do exterior, que acorda no mundo interior o sentimento da raça, indefinidamente manifestado numa vaga aspiração *(Triste fado)*. Esse sentimento vago vai-se definindo, particularizando-se na observação regional, como no soneto caíndo lá fóra, lhe vae acordando a ancia de realizar a sua aspiração:

Maré de sonho, se ella espraia a vaga,
de opio mortal me inunda as tristes veias...

Dentro do aspecto regionalista ha o aspecto externo ou visual *(Terra do Sul, Canicula)*, e o aspecto interno ou emotivo *(Amor da terra, Caminhos velhos)*.

O solo, a preoccupação da terra, é para

OS MOSTEIROS DE SANTA CLARA (COIMBRA)
Quadro de José Campas

Amor da terra, que é antes uma conclusão do anteriormente citado. Tal estado de espirito observa-se curiosamente na poesia *Natal*, — caracteristica nota do lar, mais que português — regional, a que o poeta aspira, onde possa trabalhar na paz da familia, emquanto os filhos crescem e a terra fructifica na colheita de cada anno. Um lar simples, com um parreiral á porta, uma nóra que geme pelas tardes de junho, e a agua correndo na faina da rega... Nesta poesia vai o poeta vivendo o seu sonho, na paz dos seus, junto ao fogão, na noite radicional do Natal, emquanto a chuva, o poeta a synthese da ideia nacional. No soneto *Aos Mortos d'Olivença*, a piedade do poeta, no cortejo das suas visões, fala áquelles portuguêses d'outr'ora, que descançam em terra que já foi nossa, sob as lages sombrias onde outra gente caminha:

E se no seio a patria abriu rendida
final repouso á vossa humana lida,
depois de quantos feitos de epopeia,

quando chegar o grande julgamento
e dér de novo a alma ao corpo alento,
acordareis com pasmo em terra alheia.

Todas as poesias que se bordam em torno da ancia geral da vida sobre aspectos regionaes, conduzem-no a conclusões mais largas nas poesias *A's Virgens, Elegia das Estereis, Aguas-correntes;* é por meio da paysagem nacional, que o poeta sente *(Piteiras, Sagrada Paixão), humanizando-a,* que dilata os seus horisontes, tornando-os mais vastos, e abrindo-os para concepções universaes.

Antonio de Monforte, — que no prologo do livro parte da reconstituição saudosa do seu lar de infancia —, lança o ultimo brado num apêllo para a Acção e para a Unidade, onde a dispersão egoísta só viva na lembrança para tirar della toda a seiva e todo o vigôr duma nova floração.

Manifestada na ultima parte do livro o alargamento desta clarissima e profunda concepção litteraria, elevada ao maximo neste claro poeta, seja-me dado concluir que no seu novo poema em preparação — *Juizo Final* — a aspiração messianica da raça se definirá sobre um aspecto totalmente novo, soffrendo uma tendencia universalista, — como mais larga expansão do tronco que se ramificou e quer abranger toda a floresta.

*

Tal é a synthese critica do *neo-lusitanismo,* base consciencioso e precursiva da emoção unitária e universal, que se observa numa linha evolutiva, e que a actual geração entrou a definir, dando á arte os aspectos bellos da vida, e á sciencia os rythmos da arte.

A semente começa a lançar raizes: é a primavera sagrada que se agita.

VEIGA SIMÕES.

CHRISTO

A' cabeceira tenho do meu leito
Um velho Christo, antigo crucifixo,
A' noite o seu olhar quando me deito,
Sobre mim sinto tristemento fixo...

Da cruz onde Elle jaz e onde padece,
Toda a caricia astral dos seus olhares,
Como uma benção do Céo sobre mim desce,
Acalmando-me as maguas e os pesares.

Mas se do leito me êrgo e acaso o fito
Da lampada á luz dubia, Elle me assombra:
Julgo vêr na parede (e abafo um grito)
Horrorisado a minha propria sombra!

S. Paulo (Brazil). **Raul do Valle.**

Ao pé da cova

— Coveiro, dize-me, a que altura
Cavaram esta sepultura?

— «Tão fundo quanto ordena a lei.
Eu mesmo a abri e eu a fechei.»

— Coveiro, é falso! A tua enchada,
Nem fez cova, nem fez nada.

E a prova é, do que te digo,
Que a morta sái — vem ter comigo.

Nenhuma noite só me deito
Que não a veja ao pé do leito,

Tão branca e triste e abatida
Como era d'antes, quando em vida.

Nunca me fala, mas sorri-se
— Sorriso cheio de meiguice... —

E ali fica a noite, assim,
Junto de mim e a olhar por mim.

Por horas mortas, se despérto,
Coveiro, eu sinto, é quazi certo,

Uma impressão nitida e clara
De beijos algidos na cara.

Coveiro, ha mais... — Mas tenho mêdo
Que vás contar o meu segrêdo...

— «Convivo só com quem morreu...
Conte se quer — morto sou eu...»

— Ha duas noites, tive um sonho
Que me prostrou — que foi medonho!

Sonhei que a morta se despia
E se deitava e me envolvia

Nos braços nús, como de gêlo!...
Senti-lhe os beijos e o cabello...

Senti-lhe o corpo, mas tão frio
Que me gelou n'um calafrio...

Ouvi-lhe a voz meiga e sumida:
«Alberto! Alberto! dá-me a vida!...»

Então, coveiro, eu que a amava,
Tive a impressão de que lh'a dava.

E pouco e pouco, e brando e brando.
Foi-se-me o corpo regelando,

Até que tive a sensação
De ter parado o coração.

«Morri — pensei — mas que me importa
Se dei a vida á minha morta!...»

No quarto echoou um grito aflicto
E despertei com esse grito.

Escuta agora: apavorado —
O quarto em trevas sepultado —

Fiquei, assim, desperto e atento
Ao mais pequeno movimento —

E ouvi, coveiro — ouvi, que o juro —
Mover-se alguem n'aquelle escuro.

Acendo, rapido, uma véla,
E vejo a morta, e vejo-a a «ella»,

Que lentamente se sumia
N'um como fumo que a envolvia!...

— «Quanto me diz, nada me prova
Que a morta sáia aqui da cova.

A terra péza como ferro...
— Diga-m'o a mim que sou que entérro...

Depois, quem morre, só deseja
Que a paz de Deus com elle seja.

Isso de vêr, como contou,
Quem lhe morreu, quem Deus levou,

E' coisa d'alma, é coisa triste
Que só ao tempo não resiste.

Ao tempo e ainda a outro meio...
Ouça tambem, já que aqui veio:

Tambem eu tive alguem no mundo
A quem votei um amor profundo.

Era uma filha, aleijadinha,
Mas muito meiga!... — Coitadinha!...

Soffreu, soffreu, e um dia a morte
Veiu poupal-a a peor sorte...

Mas desde então, constantemente,
Eu via a filha á minha frente.

De noite e dia, a toda a hora,
Ou fosse em casa ou fosse fóra,

Eu via sempre a aleijadinha,
Gemendo, a olhar-me... — Coitadinha!...

Um dia disse-lhe: «Pequena,
Que fado ruim, ou magua, ou pena,

Te faz andar, no meu delirio,
Atraz de mim, n'esse martyrio?»

E disse-me ella: «Pai, quem hade
Encher a tua soledade?

Como has de tu viver na Dôr
Sem te amparar um só amor?

Escuta, pai: — serena, acalma —
Eu sou o amor da tua alma;

Procura alguem que substitua
A minha imagem na alma tua.

Procura um corpo em que eu reviva —
Converte a sombra em carne viva.

Emquanto não o conseguires,
Ver-me-has em tudo quanto vires.»

Tempos depois, a aleijadinha,
Partiu, deixou-me... — Coitadinha!...

Foi de repente e nunca mais
Tornei a vêl-a ou a ouvir-lhe os ais...»

— Cubriste a sombra a pedra ou loisa?...
— «Tive outra filha. — Ahi tem a coisa.»

Bahia dos Tigres.

Alberto Corrêa.

UM TRECHO DA FAMOSA QUINTA DO VESUVIO (FERREIRINHA)
A' esquerda, a casa de habitação e capella; á direita os lagares.
(E' atravessada pela linha ferrea do Douro)

O VINHO DO PORTO

I

Povos d'Entre-Douro-e-Minho. — A região vinhateira. — O rio Douro, a sua navegação e a sua fama. — Antiga industria e antigo commercio vinicolas. — A feitoria ingleza do Porto; Fraudes, adulterações e abusos. — A Companhia dos Vinhos do Douro, obra de um biscainho, de um frade, e do Marquez de Pombal. — O vinho de «embarque» e o vinho de «ramo».

A ORIGEM ethenologica e ethenographica dos povos d'entre Douro e Minho é fixada, por diversos escriptores auctorisados, nas invasões da familia iberica, na peninsula, a primeira das quaes seguiu as costas do Mediterraneo, sendo d'essa época em diante que se encontram os lusitanos collocados nas margens do Tejo, «estendendo-se pela ora maritima até ao Douro» (1). Apoz a primeira invasão veio a segunda (dos povos a que Humboldt dá o nome de Galici), que descendo os Piryneus occidentaes occuparam as terras banhadas pelo Oceano, até ao Douro, terras que d'esses invasores tomaram o nome de Galliza. Quanto ao rio Douro, que deu o nome a toda a região por elle banhada, e ao vinho em toda essa região produzido, sabemos que a sua navegação, no tempo dos romanos, se fazia, segundo Strabão (liv. 3.º, pag. 132, edição de Paris, 1630) *magnisque per eum subvelis licet scaphis asque ad octingenta stadia.* Era feita pelo rio acima, em grandes barcos até 800 estadios, o que quer dizer, que, sendo as leguas romanas mais pequenas do que as nossas, ou mais exactas, se eram contadas por marcos miliarios, a navegação ia até S. João da Pesqueira, não passando d'ahi, como não passava ainda nos principios do seculo XVIII,

(1) Simão Rodrigues Ferreira — *Memoria Historica dos povos que na mais alta antiguidade vieram ao Douro.*

antes de ser cortado um grande cachão que ahi havia. As *scaphis* romanas eram barcos grandes, como os de 60 e 70 pipas, que ainda hoje vão ao alto Douro, e d'esses barcos nos dão toda a idéa as bem typicas embarcações só n'esse rio existentes, conhecidas pela designação generica de *barcos rabellos*.

Nasce na Hespanha, como é sabido, este rio de margens formosissimas, de um pittoresco sem rival, que no tempo dos romanos servia de fronteira entre a Callæcia e a Lusitania, na divisão feita no tempo de Augusto. Plinio indicava-lhe a origem nos montes Pelendones, perto da famosa Numancia — *Durius amnis ex maximis Hispaniæ ortus in Pelendonibus, et juxta Numantiam, lapsus deinde per Arevecos, Vaccæos, disterminatis ab Asturia Vetonibus, a Lusitania Callæcis: ibi quoque Turdulos a Bracaris arceus*.

Pelo nome de *Douro* foi sempre conhecido, tanto pelos geographos gregos como pelos latinos. Lá o refere André de Rezende, *De Antig. Lusitaniæ*, quando escreve: *nomen amnis Latini magno consensu Durium appellavere, Ptolomacœo Dorias est. Straboni tum Durios, tum Durias*. Celebrado foi o *Douro* pelos poétas e escriptores antigos, sendo assim que Silio Italico o comparava (por suas auriferas areias, que hoje não existem) ao Pactolo e ao Tejo: *Hine certant Pactole tibi Duriusque Tagusque*. Claudiano, alludindo á flora das suas margens, escreveu: *Floribus, et roseis formosus Duria ripis, vellere purpureo, passim mutavit avile*. Lynk chamou-lhe *une belle rivière couverte de navires* (e, em frente do Porto assim é, com effeito); João Barreto, e os padres Moraes e Ferreira — *o maior rio da Hespanha* —; os padres Rebello, Cunha, Santa Maria e Rezende — *superior ao Tejo*. Na sua *Anacryses historial*, fr. Manoel de Moraes não só o considera o maior rio de toda a Hespanha, como diz que, pelos muitos affluentes que tem, deu origem ao proverbio: *yo soy el Duero que todas las agoas bebo*.

Tambem fr. Manoel d'Oliveira Ferreira, no seu *Poema Epico* (em honra do bispo D. José d'Evora), cantou d'este modo o famoso rio: *Maximus Hispesiæ juxta mea moenia rivus Undarum Pater Oceani ditissima proles, Durius it, roseis pellucidus undique ripis*, etc.

E, finalmente, para não nos alongarmos em mais citações, André de Rezende: *Durius* — diz — *claritate sua, et scriptorum testimonio celebratissimus aquarum mole Tagum superat, nisi quod compressiore, et fere inter montes, alveo fluit, Tago per liberos, et planus campos ad ostentationem se dilatante. Hine apud nos vice proverbis usurpatur: Tagus tulit famam, sed Durius vihit aguas*.

Nascido perto do cume de Urbion, em Castella a Velha, passando em Soria, Aranda e outras povoações, atravessa os campos de Toro, e ao banhar as muralhas de Zamora começa, conforme já está escripto, «a familiarisar-se com o aspecto dos grandes vinhêdos», e vem entrar em Portugal por Vega de Torron, junto á Barca d'Alva, onde o nome do rio passa a pertencer á extensa região que elle atravessa, e constitue o *Douro Superior*, o *Alto Douro*, e o *Baixo Douro*. Essa primeira parte estende-se desde a foz do Agueda, na fronteira hespanhola, até ao chamado Cachão da Valleira; a segunda vem desde ahi até ás serranias que continuam as cumiadas do Marão e se unem com os pincaros do Monte Muro, do lado da Beira; e a terceira é a restante parte do valle em que o rio se dirige para a sua foz, a cêrca de uma legua da cidade do Porto.

*

E' em torno da Regua, principalmente, que a cultura da vinha tem o seu mais notavel desenvolvimento; e, sobretudo na estação em que essa cultura se apresenta em toda a sua pujança, o espectaculo que ao visitante offerecem as differentes e innumeras quintas da região, é do genero dos que não mais podem esquecer-se. Os vinhêdos desdobram-se, em toda a extensão abrangida pelos nossos olhares, de um e outro lado do rio, trepando em fórma de amphitheatro desde a margem até ao mais elevado dos montes, bordando as quebradas e as multiplas sinuosidades do accidentado terreno, com os tons alacres da sua verdura, por entre a qual, aqui e ali, alvejam as moradias, os armazens e os lagares das quintas, todas cultivadas em *socalcos*, que é como se chamam os degraus sobrepostos em que ali nasce o precioso licor de universal renome — o vinho do Porto. A gravura que acompanha este artigo, e representa um trecho

da famosa quinta do Vesuvio, pertencente á casa Ferreirinha, dará áquelles de nossos leitores, que não conheçam a região vinhateira do Douro, uma idéa approximada do que sejam esses *socalcos*, cujo pittoresco verdadeiro só *in loco* se pode apreciar devidamente. Quem apenas conheça a cultura da vinha ao Sul do paiz, não faz idéa nenhuma das difficuldades e despezas d'essa cultura no Douro; e é até, em parte, devido a essa ignorancia que tão injustamente tem sido tratada aquella provincia, fonte da maior riqueza commercial da nação.

O paiz vinhateiro, como é de uso chamar-se á região vinicola do Douro, está situado, como dizemos, nas duas margens do rio de que toma o nome, a 16 leguas da sua foz; é montanhoso, arido, pedregoso na maior parte, e o seu terreno é de natureza tal que não se presta a outra cultura além da do vinho, que possa sustentar os seus habitantes, os quaes, geralmente, precisam de adquirir fóra da sua região tudo quanto é essencial á vida. Isto foi confirmado ainda quando o *oidium* e a *philoxera* entraram a cercear a cultura vinicola. Lavradores houve, no Douro, que, vendo-se sem o rendimento das suas vinhas, tentaram cultivar outros generos taes como trigo, centeio e cevada; a breve trecho tiveram de desistir porque a despesa da sementeira e do *granjeio* era tal que o producto dos generos recolhidos nem de longe a compensava.

A cultura da vinha é dispendiosa, forçadamente dispendiosa mesmo, porque em consequencia da natureza do terreno, não pode ser feita senão a braço de homem, e como serviço pesado que é, os *jornaes* são caros; e é forçada porque não admitte esperas nem descuidos, sem que se lhes siga maior ou menor damno, e até a perda total, sendo depois necessario maior emprego de capital, com a correspondente interrupção de rendimento, para se poder recuperar o perdido.

O vinho do Douro é, portanto, naturalmente caro, por não permittir as facilidades da cultura d'outras regiões; mas é tambem superior a todos os vinhos conhecidos, na côr,

NO DOURO
Carro empregado no transporte das pipas para o embarque

no aroma, na *grossura*, na força alcoolica, nas excellentes qualidades tonicas, e, sobretudo, na sua especial propriedade de apurar com o tempo, a ponto de tornar-se, pela velhice, um licor delicioso, supportando sem alteração, é até ás vezes com melhoria, as viagens mais longinquas e os climas mais contrarios. Se no estado de novo tem apparentemente, um merecimento mediocre, ainda que superior aos outros, tendo somente por consumidor o medio e o baixo mercado, e quasi sempre a retalho, no segundo estado é certo que não tem rival, e assim é que na sua velhice, o alto mercado e o abastado consumidor de todos os paizes lhe dão a maior estima que pode dar-se a um tal genero.

Como para lhe preparar essa adorada velhice, precisa de especialissimos cuidados, largos annos de armazenagem e deposito, e de importantes despezas com as *lotas*, aguardente boa, desfalques e riscos continuos, claro é que sae elevadamente caro, tanto mais quanto mais adeantada fôr a sua idade sempre veneranda. Na generalidade dos casos, o lavrador do Douro não pode ser o exportador do seu genero, porque sobrecarregado, como se acha, com os cuidados e despezas do aturado cultivo, não pode abalançar-se ás que demanda o commercio

de tal ordem, vendo-se assim forçado a entregar o genero a quem possa leval-o aos mercados consumidores. O industrial viticola cultiva e produz, e o commercio toma conta do producto para o entregar ao consumo. Eis o commercio de vinhos do Porto exercendo as funcções de intermediario entre o productor e o consumidor; mas eis tambem a origem de antigos e modernos conflictos, a que no decurso d'este estudo alludiremos.

Não são poucos os documentos antigos que nos fallam dos barcos vindos de Ribadoiro, commandados por seus arraes, a fundear na Ribeira, no Porto, «derramando o excedente do consumo da terra pelos portos do paiz e até extrangeiros, e com elle cambiando fazendas importadas no extrangeiro». D'este trafego nos fallam algumas escripturas do seculo XVI; e d'elle ha tambem referencias na celebre inquirição de 1339 — *Enquiriçon que foy tyrada por mandado delrey dom Affonso quarto por saber ao certo que rendia a cidade* (do Porto) e o que *o bispo e cabido auyam em ella pelas testimunhas que elles apresentassem,* — que se encontra no chamado *Livro Grande,* do Archivo Municipal portuense, a folhas 3 e seguintes. El-Rei D. Diniz, em 1337, expedia carta sua para harmonisar contendas entre Gaya e Porto, mandando que «todolos vynhos que ueherem pera vender de Riba do Doyro se uendam nas Barcas sobrela agua», isentando d'esta imposição «os vezinhos do porto ou de gaya ou de villa nova que tenham uinhas em Riba de Doyro».

O GADO DE SERVIÇO DE UMA QUINTA ATRAVESSANDO O VAU

D. João, em 1423, ordenou que dois *homens bons* fossem vedores dos arcos e toneis que para o commercio de vinhos não só abasteciam o Porto, como ainda eram exportados para Lisboa, o que nos dá já a nota do movimento d'esse commercio.

A exportação de vinho do Douro, nos fins do seculo XVII, ou seja no anno de 1678 (primeiro de que se faz menção, nos livros da Alfandega do Porto, do embarque de tal vinho), foi apenas de 408 pipas; e nos dez annos que se seguiram, a média annual d'essa exportação não passou além de 573 pipas. Não adquirira ainda a fama universal de que hoje gosa. Duarte Nunes de Leão, escrevendo no principio d'esse seculo, apenas se refere aos vinhos de Lamego; mas, logo adeante, Mr. Henderson, na sua *Historia dos Vinhos Antigos e Modernos,* já diz que o vinho do Porto é mencionado como vinho medicinal na *Pharmacopea de Londres,* de 1684.

No seculo XVIII, entre os povos do Norte da Europa, e nomeadamente na Inglaterra, «começou a ter grande reputação o vinho produzido nas montanhas ao norte e sul da corrente do Douro; e o gosto dos vinhos produzidos junto a Lisboa foi cedendo ao

de um vinho mais forte e mais substancial, e, por isso mesmo mais susceptivel de duração». A cultura foi lentamente progredindo até á época do celebre tratado de Methuen, entre Inglaterra e Portugal, em 1703, pelo qual se estipulou que os vinhos do nosso paiz pagariam na Inglaterra menos uma terça parte do que pagassem os vinhos de França. E, a contar d'essa época, cresceu tanto a cultura d'este genero, que em poucos annos a exportação regular para Inglaterra augmentou muitissimo, sendo certo que em 1703 essa exportação foi já de 7:567 pipas, e em 1725, vinte e dois annos depois do tractado, foi de 21:805 pipas. Segundo o mappa da exportação apresentado por Christovão Guerner *(Lisboa, 1814)*, ainda essa exportação se elevou a 25:870 pipas em 1728; a 27:085 em 1762; a 29:575 em 1779; a 39:645 em 1789; a 64:402 em 1798; e a 66:629 em 1801.

Apoz algum tempo de real prosperidade, o commercio dos vinhos veiu a parar todo nas mãos de uns poucos de negociantes inglezes, que no Porto estabeleceram uma Feitoria. Ou porque o commercio a esse tempo fôsse ainda tido como profissão despresivel, ou porque escasseassem os capitaes, o certo é que foi facilimo aos negociantes da Feitoria Ingleza assambarcar todo aquelle rendoso negocio. Accusados são pela historia escripta esses negociantes de terem aconselhado os lavradores a dirigirem especialmente as suas attenções para o fabrico de vinhos escuros, afim de poderem supportar lotação com outros de menos substancia, e de menor preço, para augmentarem os não pequenos lucros da já importantissima exportação. Do uso cahiu-se no abuso, e creou-se a «pratica de misturas heterogeneas, que deprimiu a estimação do vinho do Douro», como refere a Memoria impressa em Londres (em lingua portugueza) em 1832, anonyma.

SÉDE DA COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO
Installada na Rua das Flores, esquina da Rua do Ferraz, no Porto

Em 1754, motivada já pelo abuso a que acima alludimos, houve grande altercação,

digamol-o assim, entre os inglezes da Feitoria do Porto e os seus commissarios do Alto Douro, queixando-se aquelles de que os lavradores arruinavam o credito do vinho, porque o misturavam com outro inferior, porque lhe deitavam agua-ardente logo na fervura, porque o não trabalhavam bem nos lagares, e, finalmente, porque não separavam a uva branca da preta. Responderam a isto os do Douro, que só aos negociantes inglezes se devia attribuir a degeneração de que se queixavam, pois que se taes praticas eram nocivas ao credito dos vinhos, por elles haviam sido preconisadas e lembradas. Taes recriminações, conjunctas com a decadencia dos preços de venda, a que o vinho chegára em rasão do descredito, exigiam fatalmente alguma providencia tendente a castigar as fraudes assim publicamente confessadas por uns e outros.

O preço do vinho, que de 60$000 réis (metal) cada pipa, chegou a vender-se por 10$000 réis, demonstrava bem quanto era urgente atalhar o mal que ia alastrando e viria a contribuir para a ruina total da industria vinicola. Em 1755 estabeleceu-se, no Porto, um negociante hespanhol, de nome Nicolau Bartholomeu Pancorvo, que, sem se importar com o assambarcamento da Feitoria Ingleza, entrou a comprar vinhos e a exportal-os por sua conta para os paizes do Baltico. Como esta concorrencia prejudicasse os calculos dos antigos exportadores, estes, a conselhos de um seu compatriota, Diogo Stuart, «mancommunaram-se para o perder e, com effeito o conseguiram», como se lê a paginas 76 da Memoria inserta no tomo III das *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, pois que tal hespanhol era, ao que consta, mais rico de idéas do que de cabedaes, e não poude defender-se do conluio. A Feitoria estava, outra vez, senhora exclusiva do campo. Os lavradores do Douro «vieram em corpo á cidade do Porto, no anno de 1755, offerecer o seu vinho aos inglezes pelo que elles quizessem dar-lhes; mas nada aproveitou a sua vinda, por que estes acostumados a dar as leis, e resentidos da resposta (que os commissarios durienses lhes haviam dado ás suas pretendidas queixas) quizeram vingar-se, e interpozeram toda a casta de meios para conseguir a ruina d'esse ramo de commercio, não comprando nenhum vinho do Alto Douro n'aquelle anno, e exportando pela barra do Porto 12:896 pipas de outros vinhos, reputados como do Douro, sem o serem, e com quantas misturas lhes pareciam proprias para fingir o paladar d'aquelle vinho».

Foi então que os lavradores do Douro resolveram mandar delegados seus á côrte de Lisboa para ali expôrem as tristes circumstancias em que se encontravam, sem poder collocar os seus vinhos, nem por muito nem por pouco, em face do conluio dos inglezes, e o gravissimo damno que d'ahi resultava a toda a provincia, cuja principal subsistencia dependia da venda d'esse genero. O hespanhol Pancorvo havia morrido de desgosto ao ver-se victima das intrigas dos conluiados inglezes, mas tinha antes communicado a frei José Mansilha, dominicano, conventual no Porto, a idéa de constituir uma companhia contra a qual nada podessem conluios e combinações interesseiras.

*

A idéa do biscainho havia sido tambem communicada a alguns lavradores do Douro, que não se mostraram antipathicos a ella; e os delegados durienses, de passagem para Lisboa, entrevistaram-se com o frade referido, que não só redigiu o projecto de fundação ou bases da companhia, como foi elle proprio, com esses delegados, apresentar tudo ao grande ministro e valido de D. José, que teve o titulo de Marquez de Pombal, mas que ao tempo era apenas Conde de Oeiras. Aquelle estadista fez examinar detidamente a questão, e examinou-a elle proprio, e encarando-a sob todos os pontos de vista, approvou o projecto de frei Mansilha e ampliou-o com uma legislação tal que, em poucos annos fez acreditar e levar ao cumulo da prosperidade um commercio em extremo definhado, «creando em asperas montanhas um jardim tão fertil, que tornou a primeira e mais valiosa industria de Portugal», como se diz no opusculo *A questão do Douro explicada*, Porto-1861. A um monopolio *illegal* e *estrangeiro*, substituiu o Conde de Oeiras um monopolio *legal* e *nacional* em proveito da região duriense e do commercio portuguez de exportação. Tiveram defeitos essas providencias — e qual é a obra humana que as não tem? — mas a

intenção do grande ministro foi não só valer a uma industria nossa como esmagar os escandalosos manejos dos que sendo estranhos ao paiz se não pejavam de o desacreditar, com intuitos gananciosos, na sua melhor industria de exportação. Procurou estabelecer a garantia da genuinidade do genero, como sendo o unico fiador do preço necessario ao grangeio e ao lucro do capital empatado; prohibiu com sevéros regulamentos a mistura de qualquer outro vinho com o do Douro, assegurando ao consumidor a procedencia do artigo vendido e levantou com a creação da Companhia dos Vinhos «uma insuperavel barreira ás adulterações caseiras, fazendo converter os falsificadores em negociantes probos e creando um corpo exportador de solido e seguro credito.»

A Companhia do Alto Douro foi creada por alvará, com força de lei, de 10 de setembro de 1756, incumbindo-se-lhe a rigorosa fiscalisação do cumprimento das leis regulamentares da industria e commercio vinicola, dotada com meios necessarios; e foi encarregada de receber e dar destino ao vinho excedente do mercado, por um preço que pagasse o grangeio e assegurasse a subsistencia do lavrador, concedendo-se-lhe para esse effeito tres fortes exclusivos: — o da venda a retalho nas tabernas da cidade do Porto e até tres leguas em volta (perimetro mais tarde ampliado a quatro leguas), impedindo os falsificadores de apresentarem á venda vinhos espurios; — o do fabrico e venda da agua-ardente, na Beira, Minho e Traz-os-Montes, com o duplo fim de surtir o mercado de genero bom e de evitar a introducção do mau; — e o da exportação para o Brazil. Estes exclusivos, que tanta celeuma levantaram em diversos tempos, mas que na época perfeitamente se justificavam, foram os mananciaes d'onde brotou o enorme desenvolvimento e fastigio da Companhia, que foi verdadeira e triplicadamente protectora — por evitar as falsificações, pela regularisação do commercio, e pela desobstrução do mercado Isto sem fallar nos soccorros que prestava á lavoura em geral, nas suas crises, accudindo com recursos, e aos lavradores em especial pelos emprestimos que lhes fazia, como banco rural que era. Se vieram a dar-se abusos na sua administração, aos quaes alludiremos, não póde, todavia negar-se que prestou relevantes serviços, a despeito da feroz opposição que desde começo os despeitados, e principalmente os *prejudicados*, lhe moveram.

O RIO DOURO, JUNTO A' QUINTA DO VESUVIO

O fundo da Companhia foi de um milhão e duzentos mil cruzados, dividido em 1:200 acções de 400$000 réis cada uma; e a sua administração foi confiada a uma Junta composta de 1 provedor, 12 deputados, 6 conselheiros, 2 secretarios, 1 juiz conservador, com seu escrivão e meirinho, e um desembargador fiscal.

Para zelar a reputação do vinho, a primeira coisa que se determinou foi um tombo, ou arrolamento das duas costas do Douro, afim de se demarcar todo o territorio capaz de produzir vinho de embarque, ou seja propriamente vinho fino, ou generoso, especificando-se as vinhas grandes e as pequenas, e fazendo-se a estimação média do producto, calculado pelo dos ultimos cinco annos, para que os lavradores não podessem vender sem manifestar o que vendiam, nem podessem vender maior numero de pipas do que o manifestado no tombo. A esta demarcação se chamou *primordial* para a distinguir da que se fez mais tarde, e se chamou *subsidiaria* (decretada a 6 de setembro de 1788).

Procedeu-se a igual tombo, ou demarcação dos terrenos productores do vinho de *ramo*, que era o mais baixo e destinado ao consumo nas tabernas e á distillação, o que teve por fim impedir a introducção d'esse vinho na região do outro para realisar misturas fraudulentas e depreciativas da qualidade genuina. Taes demarcações comprehenderam (tanto a primordial como a subsidiaria) 67 freguezias, sendo 47 na parte septentrional do Douro, desde a povoação de Barqueiros até á de Ribalonga, e 20 na parte meridional, desde a povoação de Barrô até á de Nagozello.

Os preços do genero foram taxados primeiro para o vinho de *embarque*, em 20 e 25$000 réis por pipa, conforme fosse de 2.ª ou de 1.ª qualidade; e para os vinhos de *ramo* em 12$000 réis por pipa. Por alvará de 30 de agosto de 1757 foram alterados estes preços para os vinhos de embarque, taxando-se os de 1.ª qualidade desde 30 a 36$000 réis, e os de 2.ª desde 25 a 30$000 réis. Por alvará de 21 de setembro de 1802, foram as taxas elevadas, respectivamente, de 36 a 40$000 réis, e 30 a 36$000 réis, conforme fossem de uma ou outra qualidade.

(Continúa.)

ALBERTO BESSA.

A uma actriz

Amo-te, sim: extremamente bella
Te encontro, oh minha flôr, oh minha estrella
De fulgurante luz!
Amo os teus olhos de volupia feitos,
Teus labios rubros, os teus brancos peitos—
Tudo o que em ti seduz.

Sou mais um dos que vão ternos depôr-te
Aos pés uma homenagem: á tua côrte
Não pertenço, porém —
Sei que a mais pura e luminosa taça
De bom cristal, que nenhum sopro embaça
Veneno acaso tem...

Eis-me, pois, a libar-te da Bellesa
O ponche ardente, a irradiação accêsa
De ti manando a flux;
Mas não chego, a beber-te o fundo — a alma
Que o fundo é amargo, e já a sêde acalma
Tudo o que em ti seduz.

Carlos Affonso dos Santos.

VISTA DOS PAVILHÕES DO OBSERVATORIO DO EBRO

1. *Pavilhão electro-metreologico.* — 2. *Pavilhão sismico.* — 3. *Pavilhão astrophysico.* — 4. *Pavilhão nephoscopico.* — 5. *Pavilhão para os instrumentos magneticos absolutos.* — 6. *Pavilhão para os instrumentos magneticos de variação.*

A influencia das manchas solares nos tremores de terra e a acção da Lua nos vulcões

associação internacional de sismologia, creada no anno de 1901, em Strasburgo, tem, pelos seus importantes e valiosos trabalhos, contribuido immensamente para os modernos conhecimentos geophysicos.

Entre os mais illustres investigadores, quer theoricos, quer praticos, destacam-se os distinctos professores Milne e Oldham, Laska, dr. Wiechert, dr. Agamennone, Marchand, etc.

As notaveis communicações feitas na assembléa de Haya, a primeira levada a effeito por aquella associação, revelam bem o interesse e o desenvolvimento que ultimamente a sciencia sismica attingiu.

O facto da associação internacional sismologica ter publicado, em meado de 1907, o catalogo mundial dos tremores de terra para o anno de 1904 e o dos microsismos mundiaes para o mesmo anno, e bem assim a publicidade d'obras notaveis, taes como: *Results of measures made at the Royal Observatory (Greenwich) under the Direction of Sir W. H. M. Christie, astronomer Royal, of Photographs of the Sun taken at Greenwich, in India and Mauritius in the year 1904* (que nos fornece um grande numero de posições heliographicas dos grupos das manchas solares) teem feito talvez superar, em grande parte, difficuldades no discernimento eventual da correlação existente entre os tremores de terra e as manchas solares

Não obstante, o que se tem escripto sobre o assumpto que, verdade seja, apenas pertence a epochas pouco remotas, ainda este problema se nos afigura, não diremos irresoluvel, mas complexo.

Da analyse de taes trabalhos concluiu

o professor Oddone que, em 1904, houve 88 tremores de terra, intensos, em 80 dias, isto é, d'aquelles cujos registos attingiram 15 observatorios, e que as manchas do Sol

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 13 de outubro de 1903

passaram pelo meridiano central da fórma seguinte: 5 vezes antecipando dois dias; 12 vezes antecipando um dia; 38 no mesmo dia; 9 um dia depois, e 3 dois dias depois; logo, 75 por cento de coincidencias com as passagens das manchas pelo meridiano central do Sol, nas 24 horas em que se produziram os abalos.

Os tremores de terra *mundiaes*, interessando pelo menos 30 observatorios, foram em numero de 23 e distribuidos, por 22 dias, da maneira seguinte: 1 vez antecipando dois dias; 2 vezes antecipando um dia: 13 vezes no mesmo dia; 4 vezes um dia depois.

Este professor, considerando-se audacioso por empolgar semelhantes problemas, nota que os phenomenos que se passam no Sol são tão extraordinarios e tão pouco conhecidos que talvez houvesse vantagem em substituir a meteorologia solar pela sismologia solar. O mesmo professor apresentou n'aquella assembléa a moção seguinte: «*Ha interesse em proseguir nos estudos sobre uma correlação possivel entre os phenomenos dos tremores de terra, os do magnetismo terrestre e a passagem das manchas solares pelo meridiano central do Sol.*»

O abbade Moreux, o eminente director do observatorio de Bourges, situado no centro da França, expondo a acção do Sol nos grandes abalos sismicos, escreve, entre outros periodos, os subsequentes:

«Que não existe concordancia intima entre os vulcões e os abalos sismicos; pois que ultimamente teem sido observados tremores de terra na Allemanha, Portugal, etc., onde não existe o vulcanismo.»

Como os phenomenos sismicos se ligam com a formação orogenica do globo terrestre, emeritos geologos attribuem as manifestações vulcanicas e sismicas á infiltração das aguas, pretendendo explicar a propagação simultanea dos abalos nas regiões longinquas pelo transporte das correntes de lava fundida que, atravessando extensos subterraneos, produzem os seus phenomenos em pontos afastados de 4 a 5:000 kilometros. E' certo que a maioria dos homens de sciencia põe em duvida tal asserção, porquanto a agua não banhando sempre as costas mais assoladas pelos tremores de

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 9 de outubro de 1903

terra, como admittir que os abalos, que se fazem sentir simultaneamente em pontos tão distantes, resultem de tal acção?

Não offerece duvida que o tremor de terra nunca é um phenomeno isolado. Dezenas de exemplos teem recentemente confirmado este facto. Assim em: 12 de novembro de 1900 tremores de terra na Belgica, na Allemanha e Westphalia, etc.; 19 de dezembro de 1901 abalos em Leipzig, na Saxe occidental, Thuringe, etc.; 20 de dezembro de 1901 abalos em Maine e Loire, etc.

As estatisticas — diz o eminente astronomo — mostram que a *electricidade atmospherica* tem uma preponderancia inegualavel sobre os phenomenos sismicos e que as manifestações electricas e magneticas são devidas ao Sol, o que nos conduz a inferir que a causa dos abalos é de *origem exterior* á Terra, e que o Sol tem uma influencia extraordinaria nos phenomenos vulcanicos e sismicos.

O mesmo astronomo revela-nos, entre outras cousas, que os tremores de terra produzem-se, sobretudo, no momento em que a *actividade solar varia, quer ella augmente quer diminua.* Esta theoria per-

mittiu já prever algumas manifestações sismicas. Assim, em 1905, a actividade solar, tendo alcançado o seu maximo, diminuiu bruscamente, sentindo-se tremores de terra violentos. Ella decrescerá até 1912, epocha na qual attingirá o seu minimo para voltar a augmentar.

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 10 de outubro de 1903

As manifestações vulcanicas grupar-se-hão em torno d'este anno fatidico. A actividade solar, escreve o mesmo auctor, não segue uma lei progressiva e methodica; pois, offerece anomalias (perturbações) que occorrem geralmente tres annos depois do seu maximo. Por isso nós acabamos de estar em plena crise de tremores de terra; e os factos actuaes justificaram infelizmente essa lei geral.

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 11 de outubro de 1903

O emerito astronomo pretende incutir na humanidade o interesse pela sciencia do Sol, a qual é, a que mais convém conhecer.

Varias theorias admittem esta correlação; mas seja-nos permittido declarar que o primeiro sabio que emittiu semelhante hypothese foi Marchand, illustre director do observatorio do Pic du Midi, n'uma memoria impressa em 1904 e intitulada: «Les sismes tendent á se produire lorsqu'une region

d'activité du Soleil passe au méridien central apparent du disque solaire».

Convém frisar que Marchand chama região d'actividade ao grupo de *faculas* immensamente brilhantes e persistentes.

A fama, que envolve o nome glorioso do astronomo, faz com que a connexidade existente entre as perturbações magneticas e a passagem das regiões d'actividade pelo meridiano central do Sol seja considerada, já, como *lei de Marchand.*

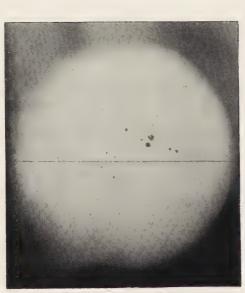
Os recrudescimentos d'actividade solar ou, antes, os paroxysmos solares teem tambem sido objecto de notaveis estudos no observatorio do Ebro (Tortosa), o que mostra bem o interesse que taes phenomenos operam na moderna sciencia.

A influencia das manchas solares, a dos seus maximos e mininos valores, e a grandeza da amplitude da variação diurna dos elementos magneticos tinham sido sobejamente evidenciadas não só pelos seus descobridores, o general Sabine e dr. Wolf (1852), como por Hansteen (1859) Moureaux, do observatorio do Parc Sant-Maur (1894), Ellis, de Greenwich (1897), etc.

A par da *lei de Marchand* existe ainda uma outra, que é a de *Veeder,* a qual admitte a influencia das manchas e das faculas, no momento em que ellas apparecem no bordo oriental do disco solar, isto é, 6 a 7 dias antes da sua passagem pelo meridiano central.

Nada d'isto constitue assumpto novo, porquanto a feição mais proeminente, que caracterisa a actividade solar, é a da estricta influencia sobre todos os phenomenos terrestres que se encontram ligados com a producção do calor e da electricidade, taes como: elevação e depressão thermometricas, quédas de chuva, avanço e retardamento de vegetação, migração de certas aves, carestia de cereaes, todos os phenomenos electricos, auroras polares, e variações normaes e anormaes do magnetismo terrestre. Assim, ainda ha pouco tempo, pretendeu estabelecer-se um determinado parallelismo entre a abundancia das manchas solares e a producção do vinho, pesquisa de natureza identica áquella formulada anteriormente pelo astronomo Herschell concernente ao preço do pão.

Servia de base, ao criterio d'aquella maneira de ver, a circumstancia de que nos annos de 1848, 1859, 1869, 1870, 1881,

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 8 de outubro de 1903

PHOTOGRAPHIA DO DISCO SOLAR (PHOTOSPHERA)
Obtida em 14 de outubro de 1907
no observatorio do Ebro (Hespanha)

1893, 1904 e 1905, annos nos quaes, sendo a quantidade de manchas em maior numero, a producção do vinho foi mais consideravel e de melhor qualidade; ao passo que no anno de 1902, anno em que menor numero de manchas appareceu no Sol, houve pouca abundancia de vinho e este de qualidade inferior.

E como, para que a colheita do vinho satisfaça áquellas duas qualidades, é necessario que a primavera e o estio sejam seccos e principalmente quentes, serviu semelhante illação para demonstrar, pelo methodo indirecto, que a apparição das manchas coincide em geral com as temperaturas elevadas.

PAVILHÃO DE PHYSICA SOLAR NO OBSERVATORIO DO EBRO (HESPANHA)

*
* *

Não obstante a exiguidade das dimensões das manchas solares, reveladas pela photographia do Sol, convém notar que a mancha por nós observada, relativa ao tremor de terra de Lisboa, em 23 de abril de 1909, tinha uma área equivalente a cerca de 194 milhões de kilometros quadrados; e sendo o diametro da referida mancha de cerca de 13:942 kilometros é, consequentemente, a mancha maior do que a Terra, por isso que — vista á distancia do Sol — o diametro d'esta não excede 12:742 kilometros.

SISMOGRAPHO DO PROFESSOR MILNE

Relativamente a este assumpto, ha ainda a frisar a connexão existente entre os tremores de terra e os phenomenos meteorologicos.

A actividade solar, manifestando-se indirectamente (segundo julgamos) nos abalos, actúa directamente na meteorologia; o que não nos deve admirar, sendo até mesmo hoje considerado como um facto perfeitamente estabelecido, mercê dos importantes trabalhos de geographia sismologica do conde de Montessus de Ballore, director do serviço meteorologico no Chile. Assim, os tremores de terra, além de darem um aspecto inteiramente especial á atmosphera, veem quasi sempre acompanhados de grandes chuvas.

O distincto geologo allemão Branco (1) explicou que a circumstancia das grandes chuvas acompanharem os abalos resulta de que a corrente d'ar vertical, suscitada pelo movimento sismico e na mesma direcção, occasiona a precipitação atmospherica do vapor aquoso acima do epicentro. E' esta uma explicação acceitavel para os geologos, mas que se não adapta bem ás modernas theorias astrophysicas.

*
* *

Acceite pela maioria dos astronomos a idéa emittida pelo professor G. Darwin ácerca da Lua ter feito parte da Terra tem-se pretendido demonstrar que, no instante da separação, o planeta Terra-Lua não possuia volume superior ao que a Terra

(1) Wirkungen und Ursachen du Erdbeben — Berlim, 1902.

actualmente tem. Darwin, admittindo o principio da conservação das áreas, mostrou que o dia e o mez eram eguaes, tendo por valor commum 5 horas e 36 minutos, e que a separação fôra provocada pela acção das marés solares combinada com a da força centrifuga.

Em virtude da diminuição de volume, a Terra augmentou a rapidez da rotação.

Outro ponto interessante é o que se discute relativo á Lua, se ella é ou não formada exclusivamente pela parte da crusta solida arrancada á Terra, visto que o peso especifico do nosso satellite é 3,4, e o da Terra, no seu conjuncto, é de 5,6, ao passo que o da materia superficial varia entre 2,2 e 3,2, o que parece indicar que a Lua é composta de materia arrancada á superficie e não da que provém do nucleo central.

O TELESCOPIO GIGANTE
DO NOVO OBSERVATORIO ALLEMÃO
(TREPTOW)

A sciencia moderna, em consequencia do volume da Lua ser equivalente ao d'um solido, cuja superficie fosse egual á totalidade dos nossos oceanos e d'uma espessura de 67 kilometros, parte da hypothese que a Terra possuia uma crusta solida de 67 kilometros de espessura, sob a qual a temperatura era tão elevada que os materiaes difficilmente se mantinham no estado solido. Tres quartas partes da crusta foram perdidas pela separação da Lua, servindo a restante para formar os continentes oriental e occidental que fluctuaram, como massas de gêlo, na superficie liquida. Pelo resfriamente da superficie liquida a depressão formada foi occupada pelos nossos oceanos. As ilhas vulcanicas d'estes oceanos, como Hawai, foram evidentemente constituidas depois da separação da Lua e são analogas ás pequenas crateras disseminadas sobre os mares lunares. Se, como acabamos de suggerir, a formação dos continentes é devida á Lua, é obvio que a raça humana deve-lhe muito; pois que, se a Lua não tivesse sido assim formada ou lhe levasse toda a crusta terrestre, a Terra teria ficado completamente envolvida pelos oceanos, como parece ser o caso actual do planeta Venus, e a intelligencia da raça humana seria então identica á dos peixes que habitam os mares abyssaes.

ASPECTO D'UMA RUA
DEPOIS DO TREMOR DE TERRA (MESSINA)

O problema da origem dos vulcões e da situação d'estes, sempre proximos do mar, depende intimamente da origem dos continentes.

E, como na nossa hypothese, a origem dos continentes estabelece que estes sejam formados da crusta terrestre, que primitivamente era solida, tendo rejeitado a grande parte das aguas que continha, segue-se que o interior da Terra, considerada no seu conjuncto, é solido e não póde subsistir, por isso, na superficie, camadas liquidas continuas entre o centro e a crusta exterior. Todavia, cada vulcão tem por base uma zona liquida d'onde provém a lava. Esta approxima-se da superficie, sem duvida, pela contracção terrestre, e a materia viscosa transforma-se gradualmente em liquido viscoso. Esta mudança póde produzir-se por duas maneiras: elevação de temperatura ou diminuição de pressão. E' provavelmente esta ultima que na actualidade se produz. Os vulcões encontram-se frequentemente ao longo dos bordos d'arcos de circulo que se assemelhariam, se fossem completos, aos mares lunares por suas fórmas e dimensões.

*
* *

Terminando, seja-nos permittido relembrar que o estudo da actividade solar importa, no momento presente, a todos os ramos da economia da vida, e tanto assim que nos paizes, para os quaes a climatologia não é um assumpto meramente especulativo,

mas merece a maxima attenção, e ainda n'aquelles cuja futuridade depende do fomento da agricultura, os estudos astrophysicos são executados em excellentes observatorios e com verdadeiro afan. Effectivamente, as tendencias modernas, positivas e utilitarias, impulsionam-nos a coordenar factos para a investigação de novos phenomenos e a desprender-nos, por completo, do valor philosophico das theorias e dos meandros mathematicos de que elles se fazem acompanhar.

E seria esta a orientação, segundo o nosso humillimo criterio, a seguir em Portugal, caso de futuro, o que já não é cedo, se pense a serio no emprehendimento dos mencionados estudos.

A. Ramos da Costa.

Amor secreto

(Thema do soneto de Felix Arvers)

Tenho em minh'alma um intimo segredo:
Um grande amor, de subito gerado!
O mal é sem remedio, e, namorado,
Até de que Ella o saiba tenho medo!

Se a vejo vir ao longe, retrocedo;
Tremo de susto, se me passa ao lado,
E vivo onde Ella vive, desterrado
Como um triste n'um aspero degredo!

E' Ella a fada que minh'alma admira:
Modesta em seu viver, casta, esmoler,
Meus versos lhe consagro, toda a lyra;

Versos só cheios d'Ella, e nem sequer
Suspeita qual a musa que os inspira:
Diz talvez: «Quem será esta mulher?»

João Penha.

A situação do homem sobre a terra

A sua origem e o seu destino

(A proposito do Centenario de Darwin)

I

A intensidade consciente da observação humana fez do homem um torturado investigador da coordenação dos phenomenos que o impressionam. O espirito philosophico, maxima differencial d'este animal consciente que é o homem, creou abstracções inverificaveis suppostamente dominadoras do universo, n'uma forma *absoluta*, *livre* e *divina*.

Mas a verdade é que o homem só tem verificado a existencia da *materia* que tem como qualidade transformadora a *força*. O universo não existe segundo um plano preestabelecido, porque o *universo* existiu sempre. A supposta *harmonia* é a resultante da selecção natural. Só *fica* o que é util na dynamica das coisas; o que é inutil desapparece. A lucta pela vida, a evolução, tem este criterio transformador. A materia *una* toma formas varias conforme a especificação dynamica. A força *una* opéra diversamente conforme as *outras* modalidades da materia.

Póde acreditar-se, por commoda hypothese, na existencia longiqua da *nebulosa cosmica*. Mas a força (ou o movimento como resultado) sem a qual a materia é inconcebivel, pela *attracção*, pela *translação*, pela *rotação*, pela modalidade *centrifuga*, pela adaptação *centripeta*, pela *affinidade*, pela *cohesão*, pela *vida*, pela *sociabilidade*, pela *hypnose*, por todas as diversas maneiras por que a *força* se manifesta inherente á *materia*, — a força foi condensando a nebulosa, a nebulosa condensada transformou-se em formas esphericas, girando sobre si mesmas, e fragmentaram-se continuando attraidas, não já só interatomicamente, mas n'uma forma interastral.

Originaram-se assim os mundos planetarios, arrefeceram e solidificaram-se primeiro os menores planetas adstrictos ao seu *centro* de attracção; mas são ainda hoje uns luminosos, outros opacos, e entre todos elles, indefinidos, forçoso é acceitar a abstracção da *unidade cosmica*.

O *movimento continuo* foi produzindo formas novas, por adaptação mesologica, por selecção.

A diversidade atomica originou a heterogeneidade dos seres; as circumstancias mesologicas, as resultantes dynamicas, a sequencia vital, a hereditariedade, fizeram tambem a variedade morphologica.

Entre os mineraes, os vegetaes e os animaes, cuja constituição elementar e chimicamente egual é manifesta, ha apenas a diversidade dynamica e compositiva, porque a *força* que actúa nos mineraes como *cohesão* e *affinidade*, apenas toma formas novas nos vegetaes e animaes, e chama-se *vida*. E esta ainda se manifesta nas formas superiores da *sensibilidade*, do *raciocinio*, da *sociabilidade*. Porque a força não é um principio absoluto, é uma qualidade inherente á materia, e para a percepção philosophica é antes um resultado do que um principio.

Laplace, Darwin e H. Spencer seguiram successivamente com minuciosa e systhematica observação a infinda cadeia evolucionista, complexamente progressiva, que veiu

da nebulosa, passou pelas formas astraes e pelo protoplasma, seguiu pelo antropopitheco e foi até ao *homo sapiens* de Linneu.

Esta *evolução*, que é um facto se a considerarmos dentro do mobilismo cosmico,

NEWTON

deixa de ser verdadeira no emtanto como lei progressiva absoluta.

A *evolução* não é o mesmo que o *progresso*, que corresponde a um criterio humano de perfectibilidade. No mundo astronomico, como no mundo physico e social, a força e a materia, em constante movimento, operam sob tão complexas formas de mobilismo que ao espirito humano escapa a vista de conjuncto, e o rigor de abstracção e generalisação para uma synthese final tem sido impossivel. Até em meteorologia a previsão do tempo a distancia é impossivel, porque são tantos os elementos que concorrem para a solução do problema da previsão do tempo, aliás *theoricamente* possivel, são tantos e tão complexos esses elementos que de facto não se póde achar uma formula, uma lei, que dê o andamento do mobilismo meteorologico.

Assim tambem, são tão variados os elementos que influem na marcha geral da vida dos povos que é impossivel fixar a lei historica que dê a formula da previsão integra da evolução social.

Em astronomia pódem estudar-se certas leis que regulam o movimento astral, como na physica, na chimica, na biologia se consegue constituir um corpo de leis verificadas, por exacta generalisação, de certos phenomenos. Mas a relatividade da força e da materia, não obsta, por exemplo, ao desapparecimento imprevisto d'um planeta, e essa relatividade e a incompleta observação phenomenal obstarão sempre a que o espirito philosophico possa elevar-se até á verificação d'uma lei absoluta.

II

Tem errado todos os que procuram com o estudo da vida dos povos formular leis historicas indefectiveis como a do *progresso*. Nem ainda a observação, tão incompleta, da vida das sociedades humanas póde constituir definitivamente a historia como sciencia abstracta, nem os diversos povos da terra têm ainda hoje uma correlação unitaria tão intensa e conhecida que possa dar

LEIBNITZ

o elemento final do objecto da historia universal como sciencia abstracta, pois que a sua parte descriptiva é tão complexa e incerta.

Que a vida dos povos está constante-

mente em movimento, em evolução, isso não é uma lei historica, é uma lei cosmica. Mas que a evolução social se dê no sentido d'uma marcha indefinidamente progressiva, ou seja — n'uma serie infinda de crescente perfectibilidade, esse facto não está verificado, embora corresponda a um ideial educativo e moral.

Dado o poder da tradicção, da hereditariedade e da lucta pela vida, é natural que as gerações successivas guardem o que as gerações anteriores lhes legaram, e aproveitem os proprios esforços para accrescentar novas qualidades e perfeições ao espirito humano e ás suas conquistas. Isto seria o progresso indefinido, se os factos não provassem como no caminho ascencional das sociedade apparecem elementos perturbadores, não já como casos excepcionaes, mas como modalidades inherentes á lucta social.

No estimulo vital reconhece-se a utilidade da investigação scientifica como elemento

J. J. ROUSSEAU

progressivo. No determinismo da vida o espirito humano caminha mais rapido quando entra na consciencia das leis que o regulam e que regulam todas as espheras de phenomenos.

O homem precisa de *saber* para ser mais progressivo, para se defender na lucta contra os elementos adversos. Na selecção fica

DIDEROT

o mais forte. E o equilibrio dá-se entre os que venceram.

O espirito investigador do homem começou naturalmente por estudar a vida physica. A astronomia e a physica foram, depois dos raciocinios mathematicos, perante os phenomenos de grandeza e extensão, as primeiras *sciencias* que o espirito humano coordenou pela associação, comparação, decomposição e generalisação dos phenomenos.

O conhecimento integral dos phenomenos sociaes revelados na historia, dependente da constituição das sciencias mathematicas, astronomicas, physicas, chimicas e biologicas, esse conhecimento só póde iniciar-se como coordenação philosophica depois que o homem adquiriu a ideia da universalidade e da unidade da especie humana.

III

A constituição da *historia universal* como sciencia é um facto scientifico moderno.

Os gregos não puderam, por maiores que

fossem as suas qualidades especulativas, elevar-se á comprehensão da historia universal. Herodoto, como Thucidides e Xenofonte, limitaram-se a historiar a vida do povo hellenico e dos povos com que os gregos mantiveram relações, e que consideravam barbaros, *extrangeiros*. A historiographia hellenica regista apenas episodios, casos incoordenados de luctas entre povos visinhos; e nunca os gregos se elevaram até á comprehensão da vida *una* da especie humana, evoluindo, de *etape* em *etape*, as tribus, as nações, as raças, dependentes umas das outras como a vida das cellulas na unidade morphologica e vital dos seres de funcções complexas.

Os hebreus, que conheceram os babylonios, os egypcios, os medas, os persas, os romanos, tambem elles até á revolução do christianismo foram extranhos á ideia da communidade da especie humana. O exclusivismo de Moysés póde fazer crêr aos hebreus na superioridade providencial da sua raça, mas não lhes deu a noção do cosmopolitismo correlativo de todos os povos do mundo.

UM CAFFRE

Os romanos, apesar de haverem dominado o mundo conhecido, apesar de haverem alargado pela conquista o ambito social de Cyro, Alexandre e Annibal, apesar de associarem ao seu imperio os celtas e os indios, os carthagineses e os gregos, os hebreus e os bretões, nunca deixaram de considerar os *extrangeiros* como seres extranhos á *grandeza humana* de que os romanos se consideravam os exclusivos e independentes representantes.

A historia da humanidade é bem larga e bem complexa.

Longa devia ser a observação de espirito humano para chegar á comprehensão da força que liga e associa organicamente todos os individuos, todas as raças, todas as nações n'um todo, n'um *ser* complexo que se chama a *humanidade* e cujas leis vitaes, reveladas no espaço e no tempo como fórmas geraes da vida collectiva e cosmopolita da especie ainda hoje a sciencia as procura desvendar por meio de arrojadas hypotheses.

A evolução social vem do individualismo anarchico, passa para a integração cesarista, manifesta-se depois n'uma nova desintegração individualista de garantismo e tende para a futura integração socialista.

Pouco mais alcança a investigação historica para além dos ultimos vinte e cinco seculos da vida da humanidade parcellada. Faltam sufficientes documentos para investigar os primordios e a genese da vida social do homem sobre a terra.

A prehistoria não póde dar-nos a exacta chronologia que marque a lucta titanica da especie humana atravez dos seculos até á epocha em que o espirito humano entra na consciencia da sua existencia social, revelada vagamente no *Pentateucho* de Moyses, nas lendas indianas dos *Vedas* e dos *Puranas*, nas narrativas de Homero, e nas tradicções e mythos dos mongoes e dos hindus.

Ainda hoje a *historia universal* não póde ir além do registo dos povos cujo conhecimento chegou até nós pelo maior brilho das suas façanhas militares ou litterarias. Mas quantos povos desconhecidos não concorreram como ancestraes ou até como cooperadores das civilisações da China, da Judeia, da Phenicia, da Persia, da Germania, da Iberia, da Grecia, da Etruria e do Lacio?

A historia das primitivas migrações humanas está por fazer.

A paleontologia, a mythologia, a linguistica, a egyptologia, a sciencia das religiões, tem nos ultimos tempos alargado o ambito

das investigações historicas, mas a verdade é que ainda não se pôde estabelecer um quadro exacto em que verificadamente se prove quando primeiro e onde appareceu o homem sobre a terra originando por migrações a população humana sobre o globo.

A diversidade de raças que a mesologia explica, não se oppõe á hypothese da unidade da especie humana, e a prehistoria indica as relações migrativas que poderiam levar, segundo a tradicção biblica, os filhos do primeiro homem ou de qualquer dos seus descendentes a espalharem-se, nomadas, pastores, caçadores ou agricultores, por sobre o mundo conhecido. E então os filhos do mesmo homem, fosse elle Pygmaleão, Adão ou o descendente Noé, adquiririam as qualidades dos *amarellos* no Levante onde fizeram a civilisação dos filhos do Sol, em fulgurações exquisitas de litteratura e de arte, hoje exctintas; fixar-se-hiam na cultura mais movel e correlacionada, poetica e religiosa, dos hindus, dos celtas, dos iberos, dos ethruscos, dos gaulezes, dos phenicios, dos carthaginezes, dos hebreus..., e foram até á America pelo norte ou por continentes hoje *submersos* onde se isolaram, perdidos, com a côr bronzeada que o sol americano lhes imprimiu, menos calcinante do que o que na Libya ardente, aos que porventura foram visitados pela rainha de Sabah, occasionou as qualidades da raça negra, que já hoje entra no cosmopolitismo associativo e laborioso da especie.

RAÇA VERMELHA

«Je suis convainçu — disse Guizot — qu'il y a, en effet, une destinée generale de l'humanité, une transmission du depôt de la civilisation, et, par consequence une histoire universelle de la civilisation à ecrire.»

Hoje a concepção da humanidade como um organismo, é um facto scientifico, indiscutivel. A correlação entre as raças, as creações e os povos é inilludivel.

IV

A historia antiga é apenas, pela deficiencia de dados, o registo da vida dos nucleos humanos apparentemente isolados, ou rivaes, que mais se salientaram ou que mais facilmente puderam deixar memoria das suas façanhas. Os povos que não puderam deixar documentos sufficientes desappareceram para o estudo tão conveniente da constituição da historia universal.

A França, no principio do seculo XIX, com o estudo dos hierogliphos, pôde alargar e precisar chronologicamente a historia dos egypcios. Os philologos allemães e muitos outros, estudando as linguas, puderam desvendar as relações entre os povos, as suas affinidades ethnicas e sociaes. Mas isto não é tudo, apesar dos ultimos progressos da critica historica.

Os chinezes parece manterem a tradicção da sua existencia para além da era de Christo — 3:000 annos. Os hebreus reivindicam para si 4:000 annos antes de Christo. Os gregos pretendem remontar a existencia da população na Hellada para um periodo de 2:000 annos antes de Christo.

Mas só cinco seculos *ant. J. Ch.* é que os documentos historicos são menos incertos e affirmam claramente a existencia das mais brilhantes civilisações,

Dois seculos depois da fundação de Roma é que a civilisação latina se affirma, e tambem é então que a Grecia entra no seu periodo de cultismo brilhante. E' provavel que a civilisação dos chinezes e japonezes não fosse extranha á da India, como esta não o foi á dos persas, phenicios, gregos e arabes, mas a descripção exacta dos contactos entre os povos primitivos escapa á nitida investigação historica. Alexandre pertence já ao periodo de menos obscura

lucta social entre os povos. Depois Roma conquista a Grecia, o Egypto, a Persia; chega á India, influe na Arabia, domina todo o norte d'Africa, apropria-se da peninsula iberica, da Galia, da Germania, da Britania. Mas o mundo conhecido ainda era pequeno para o espirito do homem poder alar-se até á concepção da fraternidade de todas as raças. Ainda o homem culto não conhecia a America, nem a Australia, nem a Africa austral.

A primeira concepção da historia universal apparece com o christianismo. Christo mandou ensinar o Evangelho a *todos os povos*. Acabava assim o approbrio dos *extrangeiros*. Tito Livio e todos os historiadores romanos não tiveram, como tambem os historiadores gregos, a concepção da unidade da especie humana. Retalharam a historia em episodios sem coordenação que os levasse á concepção geral da historia da humanidade.

O christianismo trouxe em verdade a ideia da universalidade, fraternidade e unidade dos povos sobre a terra. Mas só depois que o homem nos seculos XV e XVI foi conhecedor e dominador da esphera, e só depois que o mundo pôde ser no seculo XIX percorrido e dominado pelo vapor, pela electricidade e pela imprensa periodica, só então é que a humanidade entrou n'uma phase intensa, e integra, de cooperação e fraternidade que permittiu ao historiador a ampla concepção da historia universal, já na posse do seu integral objecto.

RAÇA AMARELLA

V

O mundo romano, como todos os grandes nucleos de concentração, passara á phase de desintegração pela acção directa do christianismo e dos barbaros. Tudo muda.

Dez seculos depois da grandeza do mundo antigo, revelada principalmente na civilisação grega e latina, succedia, no seculo V depois de Christo, a anarchia das invasões dos barbaros, a que o espirito romano-christão pôde, seis seculos depois, dar disciplina.

Os povos que até então tinham vivido na Germania uma vida quasi desconhecida e despresada, pela lei da emigração que é de physiologia social, saturado o seu territorio, invadiram o imperio romano impotente para os reprimir.

Os imperadores de Roma desappareceram, e o imperio do Oriente ia passar por dez seculos de mollesa. A Roma dissoluta passara para Constantinopla.

Os barbaros, sob a influencia do christianismo a que se convertem, e sob a tradicção do municipalismo romano tão agradavel ao espirito livre dos invasores, constituem dominios senhoriaes, feudaes, municipaes e reaes conforme as circumstancias, durante as luctas intestinas, os chaques de raças e os exodos das cruzadas.

Estabelecem-se os barbaros no imperio visigotico da Hespanha, com os Capetos preparam-se para o imperio carlovingio, e quando são passados quatro seculos depois das principaes invasões, e depois da lucta contra os arabes, os francos criam um grande imperio. Na Allemanha a tradicção imperial romana estonteia o espirito teutonico. A Gallia fica á parte, e constitue a França; a Austria desiste da hegemonia allemã. Na Germania cria-se a origem do actual imperio allemão; os papas luctam pelo seu predominio e aterrorisam pela crença e pelos anathemas; a Italia fragmenta-se, como acontece na Allemanha, em dominios feudaes e municipaes.

Os *senhores*, pela força, comquistam a terra e os *vassallos*. Mas os servos da gleba vão-se emancipando pela protecção egoista dos reis, e criam-se municipios *reaes* e até autonomos.

O progresso e a necessidade das indus-

trias dá representação e força ao povo industrial. Vão subindo as classes pela sua força e pela fraqueza ou inutilidade das velhas classes que se arrogavam privilegios.

Estes factos provam como as nações e as classes se mobilisam e se coordenam ascencionalmente n'um destino geral que a historia universal regista.

VI

Aos arabes deve muito a civilisação do occidente. Durante seis seculos são elles grande estimulo da vida social da Europa. Mahomet engrandeceu o espirito arabe, e com o elan dos crentes saiu da Arabia, dominou o norte da Africa e foi até á India e á costa da Africa oriental, governou na Hespanha, pôz em perigo o imperio dos Capetos, e quando a Europa do occidente já descobrira o novo mundo, tendo aproveitado muito do saber dos arabes, estes entraram em Constantinopla onde cairam em mollesa e substituiram-se ao imperio romano do oriente.

Vê-se como é uma lei culminante da historia a integração de todas as classes e de todas as nações, pela ascenção gradual, na organisação intensa da humanidade em lucta.

BOSSUET

Hoje todas as classes e todos os povos entram na lucta e no respeito da humanidade, todas as acções e todos os povos são reconhecidamente uteis, para os resultados finaes da civilisação onde todos cooperam, sem distincção exclusivista de individuos ou de raças.

VII

Esta comprehensão da historia universal que o espirito christão e as descobertas geographicas prepararam para a verificação scientifica, não póde preceder portanto o seculo da Renascença e até só um seculo mais tarde é que Bossuet fez uma larga synthese sob um criterio theologico em que apparece a comprehensão da historia universal, dominada pela acção providencial.

Depois, na Italia, Vico tambem formula principios de historia universal, na sua *sciencia nova* acreditando nos periodos indefinidamente repetidos, da *idade divina, heroica* e *humana*. Vico dá assim á historia uma comprehensão scientifica pela *universalidade* e pela *previsão* que são caracteristicas essenciaes da sciencia.

Condorcet, com o seu criterio da perfectibilidade indefinida da especie, eleva-se tambem a uma concepção da historia universal, abrangendo todos os povos e todos os individuos. Montesquieu, percorrendo a Europa, desvenda o espirito das leis e affirma a organicidade da especie.

A' historia strictamente descriptiva succede com o nome de philosophia da historia, uma concepção abstracto-concreta de esta sciencia, e depois com o criterio philosophico de Saint-Simon e Comte coincidem os trabalhos historicos dos inglezes com Buckle e Macaulay, dos francezes com Guisot e Thierry e dos allemães com Mommesen.

O seculo XIX foi o seculo dos historiadores, que reconheceram os destinos communs da humanidade e o poder ascencional de todas as classes.

Macaulay, verificando que os operarios vão conquistar o mundo, chamou-lhes «os barbaros do seculo XIX» para asseverar que tambem elles vão ascender á integração d'uma nova phase humana, invadindo os dominios da plutocracia.

Lisboa — 1909.

CARNEIRO DE MOURA.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

ALGARVE

O reino do Algarve, provincia occupando a região ao sul de Portugal, apresenta-nos muito pouco assunto digno de attenção.

Separada do restante Portugal por uma serra alcantilada, da Hespanha pelo caudaloso Guadiana, e muito mais, ainda, pelo odio nacional, a sua população, genuinamente mourisca, reconcentrada n'aquelle cantinho do mundo reparte a sua actividade entre a carreira maritima e a agricultura.

E' fertil e espontaneo o torrão, a população destituida de ambições, e assim vae seguindo, desde eras remotas, o trilho de seus maiores. Os edificios nesta região são pois mesquinhos, acanhados e despretenciosos; os mais d'elles, de taipa. Em todo o Algarve apenas se nos depara um edificio de verdadeira importancia no ponto de vista da Arte, a saber: a cathedral de Silves, antiga séde archiepiscopal, hoje esquecida e votada ao abandono,

EGREJA EM MERTOLA

COLUMNA DA EGREJA DA MISERICORDIA DE TAVIRA

desde que a cathedra dos arcebispos foi transferida para Faro, cuja Sé é um edificio gothico, parente proximo da Sé de Evora, parente mais novo, comtudo. El-rei D. Manuel fundou aqui, tambem, uma quantidade de egrejas, e de outras edificações; intervieram porém as condições locaes, e são todos, pois, de mediana importancia.

A era de D. João III, alguma coisa deixou, ainda assim; apresentando valor, muitissimo pouco, comtudo, e no maior numero d'esses trabalhos distinguindo-se a influencia da vizinha Hespanha, como em nenhuma outra região de Portugal.

A velha cidade de Tavira (Tavila), é de todas aquella que mais importante assunto nos ministra, a saber, o convento das Irmans de S. Bernardo. E' instituição de D. Manuel e encontra-se actualmente em estado de ruina total.

COLUMNA DO CONVENTO DAS BERNARDAS, EM TAVIRA

Era gothica tercearia a egreja, ostentando um portico manuelino, algo tosco; conserva-se ainda de pé o claustro, de dois pavimentos com as suas formosas columnas oitavadas, de capiteis com calabres entransados.

PORTICO DA EGREJA DA MISERICORDIA, EM TAVIRA

Encontramos, aliás, pouco distante, na cidade, uma delicada estructura da Renascença na egreja da Misericordia. Os três tectos de maceira da sua nave descansam sobre arcos, escorados por seis columnas com uns guapos capiteis.

E' uma quadra formosa,

com estar dilapidada; o portico, com a sua preciosa architectura de pilastras molduradas, e as infeitadas impostas da sua arcada, encimada por um friso de folhagem e de figuras, é o melhor especimen da Renascença em todo o Algarve.

No seu todo manifesta fortemente influencia hespanhola, e o lavor é devéras magistral.

Deparam-se-nos ainda nesta cidade, cingida pelas soberbas muralhas das velhas fortificações mouriscas, uma quantidade de janellinhas e portinhas com moldurados coêvos da era manuelina, como, por exemplo, a originalissima janella da Cadeia, a uma esquina do vetusto castello, acairelada por um bocelão enastrado e nodoso, infeitado de cogulhos; topa-se aliás com mais de uma janella ou porta contornada por uma craca atufada de ornato floral.

A estampa annexa ministra-nos um exemplo de uma graciosa janella geminada de uma época algo mais recente.

A cathedral, em Faro, é uma construcção singela de três naves, columnas doricas e tecto de sostra, delicado o trabalho no côro, com abobada de caixotões, e architrave assente em misulas, opulentamente pintada e doirada, e de effeito encantador. Apresenta muita semelhança á egreja de S. Pedro, com um portico da Renascença, de nimia singeleza.

JANELLA DE UMA CASA, EM TAVIRA

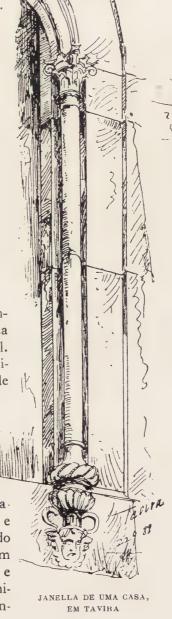
O melhor edificio de quantos por aqui existem, é o convento, aliás derruido, naturalmente, das freiras de S. Bento, do qual resta apenas, até certo ponto, o respectivo claustro. Este, manifestando a data do reinado de D. João III, e em estreita afinidade com o pateo de Penha Longa em Cintra.

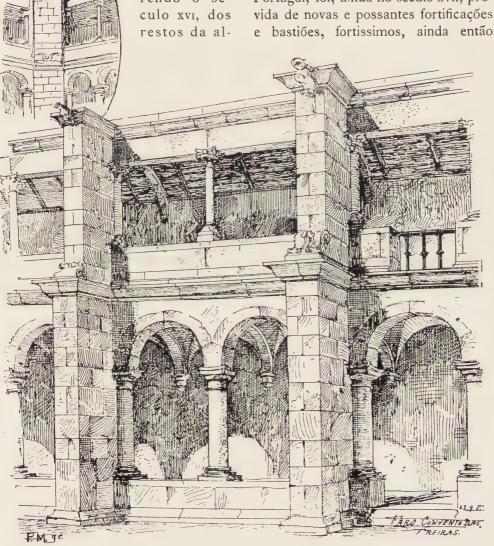
Independencia a par de originalidade nos apresentam os angulos, chanfrados. E' lindissimo um porticozinho com pilastras corinthias ornatadas; por cima da cornija campeia um brazão de armas.

Os trechos restantes são manuelinos, rudes; a egreja, que mal se reconhece, deve de ter sido muito similhante á de Penha Longa.

A egrejinha manuelina, em Alcantarilha, merece ser apontada, mercê do seu côro abobadado.

Em Villa Nova de Portimão é digna de nota a egreja matriz, egualmente com columnas doricas, de três naves, e o côro abobadado, a nave central apresentando um tecto de madeira de esquêma identico ao de Gollegan-Tho-

mar; de data mais recente, aliás, se é que não foi reconstruido; apenas conserva o portico manuelino, da primitiva. E' da origem, tambem, a pia da agua benta.

Albufeira, verdadeiro ninho mourisco entre fragas, apresenta um trôço do seu conjuncto, de aspecto antigo, acastellado, pojando sobre o fragoedo, e, no seu aspecto actual, deverá ter sido reedificada decorrendo o seculo XVI, dos restos da aldeia arabica. Um acervo de trechos e fragmentos architectonicos, portas, janellas e quejandos, accusam a época alludida. A pequena egreja, com o seu côro á feição de cupula, edificio luxuoso, é oriunda dos fins do seculo. A situação, da banda do mar, muito em especial, é pinturesca o mais possivel.

Lagos, a cidade portuguêsa que fica mais para sudueste, algum tempo a mais consideravel cidade maritima de Portugal, foi, ainda no seculo XVII, provida de novas e possantes fortificações e bastiões, fortissimos, ainda então

CLAUSTRO DO CONVENTO DE S. BENTO, EM FARO

construidos segundo a antiga technica mourisca, a taipa.

Das abundantes egrejas, uma unica nos interessa, de algum modo; a de S. Sebastião, de três naves, sobre quatro columnas doricas, por dentro toda forrada de formosos azulejos, de padrões variegados, e o seu portico olhando ao sul.

E' comparativamente mais tosca do que as da mesma época, na região do norte, e todavia, as suas fórmas intonsas, primitivas, não deixam de apresentar uma certa rudeza pinturesca, que a olhos allemães evoca a reminiscencia já dos porticos silesios, já dos saxonios.

Na do Sagrado Compromisso, devastada pelas chammas, depara-se-nos um portico do mesmo genero.

Apresenta singular delicadeza o côro da egreja do Carmo, com uma cupula espherica, apainelada, de marmore branco e lanternim encimando uma fina cornija; o arco do côro, tambem de marmore. As fórmas, correspondendo ás da egreja de Penha Longa. E' quadrangular a singelissima nave, com tecto de madeira.

PIA DE AGUA-BENTA NA EGREJA DE PORTIMÃO

Estas cidades ficam todas ellas ao longo da costa. Silves, outróra capital, um tanto mais internada, com a sua soberba cêrca de vetustas muralhas do tempo dos mouros, a não ser a sua grandiosa sé de estilo gothico, nada mais encerra digno de interesse. Mencionarei apenas a egrejinha de Nossa Senhora dos Martyres, visto pertencer a éra de D. Manuel. E' quadrado o côro, com sumptuosa abobada, e o arco cruzeiro, ogival, com a archivolta de torsal; externamente, é pinturesca, patenteando, na sua origem, o typo tão geral por aqui das já mencionadas egrejas com uma só nave, cujo altar é encimado por uma construcção á feição de cupula, exalçada: é mais particularmente adaptada por aqui esta disposição áquellas a que dão o nome de ermidas.

Ainda mais para o interior topamos, na egreja de S. Bartholomeu dos Armesines, com outro exemplo cingindo-se ao esquêma da Gollegan, os tão originaes esteios entrelaçados da nave.

Resta-me apenas relancear a vista pelas construcções da mesma éra, não existentes no patrio torrão, mas sim que possam ter existido nas colonias cada vez mais extensas desde os dias do Infante D. Henrique.

A Madeira, os Açores e as Canarias, Ceuta e uma parte da costa no sueste da Africa eram já portuguezas muito antes de 1500; A viagem do descobridor Vasco da Gama prolongou-se muito a festo da costa africana. Este, transpoz Madagascar, e o golfo Persico, as Indias mais proximas, deixando pelo caminho quantidade de estabelecimentos portuguezes, de forta-

lezas e de castellos bem reparados para defêsa das vidas, e outras tantas fundações votadas ao serviço divino para salvação das almas. Na chronica de Damião de Goes, capitulo 86, (1) se podem ler a infinidade de nomes dos edificios levantados por el-rei nas colonias, desde o Funchal até Malaca. Posteriormente foram emparelhando com os primeiros os que se construiram no Brazil, descoberto por Cabral.

Da sua obra gigantesca, o bastião de Mazagão, a norte de Africa, transmittiu nos João de Castilho a fama; mas com que assombro não contemplará, em nossos dias, o conquistador allemão na Africa Oriental, naquellas paragens, ainda virgens, a seus olhos, e não adquiridas para a civilização as esbeltas ogivas.

(Continúa.)

(1) Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel.

A nympha na floresta

A EUGENIO DE CASTRO

Do argenteo lago a nympha descuidosa,
Que um fauno arteiro e rude traz rendida,
Da frauta ouvindo a voz melodiosa,
Salta veloz sobre a relva florida.

Para ouvir mais de perto a nympha airosa
Corre de prado em prado e, de corrida,
Perde-se na floresta tenebrosa,
Onde é cruel o amôr e curta a vida.

As sombras a rodeiam. Anoitece,
Erra á beira dos pantanos e chora,
Caminha ás cegas doida de anciedade

Cae nos braços do fauno e adormece!
— Assim, mortal, consomes de hora a hora,
Na chamma da illusão a mocidade!

Pedroso Rodrigues.

ARSENAL DE MARINHA — ASPECTO EXTERIOR

(Segundo photographia de A. Fonseca)

Arsenal da Marinha

No actual momento em que de novo se volta a falar — e agora com maior insistencia — na transferencia d'este importante estabelecimento do Estado para a margem esquerda do nosso formoso Tejo, afigura-se-nos interessante dar umas breves notas ácerca do Arsenal da Marinha.

Antes, porêm, de tractarmos do Arsenal propriamente dicto, parece-nos curioso deixar aqui uns ligeiros apontamentos com respeito aos antigos estabelecimentos, origem do Arsenal, essa construcção pombalina, que, para o tempo, era uma das mais notaveis da Europa.

*

Tercena naval era o nome que os primitivos estabelecimentos d'este genero tiveram em Portugal.

Não é facil, porêm, precisar rigorosamente o local d'essas antigas *Taracenas*. Os vestigios de uma especie de marinha de guerra, senão navios de estado, remontam ao tempo de D. Thereza, e são bem palpaveis no reinado de D. Sancho, a quando da tomada de Silves. Mas na epocha de D. Sancho II, é que a construção de navios tomou maior incremento. Onde se construiram, em que estabelecimento, esses navios que — segundo a Historia — figuraram na conquista de Silves e em outras emprezas até 1223, é que os nossos chronistas nos não indicam. O que de positivo se sabe é que no reinado de D. Sancho II já havia um arsenal da marinha em Lisboa, ignorando-se, porêm, tudo quanto diga respeito á sua organização, recursos, de que, certamente, tinha de dispôr para manter umas esquadras, para aquella epocha, tão numerosa.

O local d'esse estabelecimento póde suppôr-se que sería ahi pelas alturas da Ribeira Velha e isto se infere de se dizer que as casas da Judiaria eram edificadas juncto ás *Taracenas* e de se saber que a Judiaria tomava o bairro de Alfama, fronteiro áquelle local.

Foi sobre as *Tercenas navaes* que D. Manuel mandou edificar o actual Arsenal da Marinha que — ao tempo — não era exclusivamente estabelecimento naval, pois possuía armazens d'armas para o exercito. Nos reinados de D. Manuel e D. João III, guardava-se n'estes depositos armamentos completos para quarenta mil homens de pé e trinta mil de cavallo, alêm de muitas peças d'artilheria.

A 30 de janeiro de 1396, um grande incendio destruiu toda a parte da Ribeira Velha e a Confeitaria de Vêr-o-peso, que ficava para a banda do mar. Parece que a mudança do Arsenal para o sitio em que está edificado, foi motivada por essa calamidade. Esse edificio — desde aquella epocha até 1755 — foi conhecido pelo nome de Ribeira das Naus. N'esse anno terrivel foi destruido pelo pavoroso terremoto de 1 de novembro.

D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO
CONDE DE LINHARES

Reproduzido de um soberbo retrato, desenho de Sequeira, gravura de F. T. d'Almeida, corrigida por Bartolozzi.

Por alvará de 16 de novembro d'esse mesmo anno, ficou determinado que a sua reconstrucção fosse feita no mesmo local que occupára antes do terremoto, seguindo-se o risco de João Eugenio dos Santos de Carvalho. N'essa occasião, solicitaram os carpinteiros licença para se erguer uma capella sob a invocação de S. Roque.

No ultimo domingo, segunda e terça-feira de setembro costuma realizar-se uma festa promovida por esses operarios em honra do orago, havendo no ultimo dia uma procissão que sae da capella aonde torna a entrar depois de dar uma pequena volta. E' interessante a fórma por que se fazem esses festejos. Arma-se uma especie de torre com respectivos sino grande e sino pequeno, que, acabada a festa — que é publica — logo se desarma, a seguir á procissão ter entrado na capella.

Tanto este edificio como outros destruidos pelo terremoto, foram reconstruidos com o imposto de 4 % lançado a todas as mercadorias que entravam na capital e que — como está de prevêr — rendeu quantias enormissimas.

A infinidade de providencias decretadas até 1761 demonstram o desejo de collocar este estabelecimento á altura condigna que lhe competia.

E' curioso, porêm, que — sendo a administração do Marquez de Pombal tão fecunda para o paiz — se descurasse um pouco d'este importante assumpto, pois apenas se occupou d'elle quasi no periodo final da sua vida de ministro. Parece, porêm, que o grande estadista já havia escolhido o homem que no futuro devia ser collocado á testa da administração da marinha, pois que no reinado de D. Maria I foi chamado a ministro da marinha Martinho de Mello e Castro que, havia pouco, chegára de visitar os arsenaes estrangeiros, missão que lhe fôra confiada. Este ministro — a quem a marinha de guerra portugueza tanto deve — conhecendo os defeitos da fiscalização, a maneira pouca propria por que nos almoxarifados se encontravam os objectos da fazenda, a falta de uma nomenclatura n'um estabelecimento naval, a imperfeição e pouca nitidez em inventarios, viu-se forçado a chamar pessoas devidamente habilitadas para se fazer a bem combinada e util reforma de 3 de junho de 1793. D'essa reforma resultou o apresamento de trinta e nove navios de guerra e mais vinte-seis embarcações de serviço, inclusas seis grandes *charruas*. A 24 de março de 1795 — tendo fallecido Martinho de Mello e Castro — foi chamado para substi-

tuíl-o D. Rodrigo de Sousa Coutinho que — não tendo o genio do seu antecessor — teve todavia o magnifico bom-criterio de desenvolver as medidas já decretadas e ampliál-as com outras de sua lavra e de grande alcance practico.

Sob as boas disposições administrativas d'esses excellentes ministros, a marinha de guerra foi creando forças, parecendo querer regressar ao seu primitivo brilho, e a bandeira das quinas — quasi esquecida — fluctuava de novo quer nos navios que faziam serviço de guarda-costa, quer nos comboios das frótas mercantes da India e Brazil, quer na passagem dos piratas barbarescos, quer no bombardeamento de Tripoli, em que — a par d'uma esquadra hespanhola — figurou uma divisão naval portugueza, commandada por Bernardo Ramires.

A retirada da familia real para o Brazil, em 1807, deu um golpe mortal na marinha portugueza, visto como a esquadra foi dividida, ficando uma pequena parte em Portugal e passando outra para o Rio de Janeiro, aonde apodreceu nas aguas da ilha das Cabras, porque se incutiu no espirito fraco de D. João VI a ideia de que Portugal não carecia de marinha de guerra e que todas as vezes que precisassemos empregar forças navaes recorressemos á nossa antiga alliada, a Inglaterra.

Uma das boas construcções do Arsenal era o dique; pois este mesmo — abandonado pelo desleixo que reinava em todas as repartições de Estado — foi-se entulhando até ficar completamente obstruido pelo lodo e pela areia, visto que não podendo as comportas aguentar o embate das aguas, e não se providenciando, como era dever — o lodo e a areia iam entrando e agglomerando-se a ponto de o taparem. Por varias vezes se tentou o trabalho do desaterro que resultava inutil pela difficuldade de se conseguir fabricar portas que soffressem o bater das aguas. N'este estado se conservou o dique, até que em 1845 — sendo ministro da ma-

ADMINISTRAÇÃO E CARREIRA, VISTOS DA PONTE DO RIO

(Segundo Photographia aguarellada)

rinha Joaquim José Falcão — se fez novo tentame, que deu resultado mais propicio. O trabalho de desobstrucção foi planeado e dirigido por um engenheiro hollandez — Pieterson. O dique ficou, pois, fechado com umas portas solidamente construidas e em optimas condições de serviço.

Mais tarde assentou-se uma machina a vapor para exgottar rapidamente as aguas, e, pelo lado de fóra, collocou-se uma draga, tambem a vapor para conservar sempre desobstruida a entrada. Só muito posteriormente — em 1873 — é que o dique ficou ainda em condições melhores com a collocação de um *batel-porta*.

As officinas do importante estabelecimento fabril são construidas sobre um plano regular e têem um aspecto agradavel; o desenvolvimento do trabalho artistico honra os operarios, o Arsenal da Marinha e o paiz. A officina de serração é vastissima, de estylo moderno e elegante, sendo o trabalho feito por meio de machinas a vapor.

Em 1865, executou-se — sob a direcção do engenheiro João Evangelista d'Abreu — uma obra importantissima: a ponte e a cabrea, ambas as construcções em ferro, e muito notaveis pela sua structura e solidez. Por muito grande que seja a tonnellagem d'um navio, póde facilmente atracar á ponte, emquanto que a cabrea permitte o descarregamento dos mais pesados volumes, pois póde levantar até sessenta tonnelladas, tirar ou receber mastros, artilheria, sendo a conducção feita para o Arsenal em zorras de ferro.

PONTE E CABREA DO ARSENAL DA MARINHA

(Phot. de Paulo Guedes)

A primeira embarcação que esteve na ponte foi, em 1865, a fragata *D. Fernando* que veiu alli receber os mastros.

O Arsenal tem um caes todo em cantaria, denominado a *Inspecção*, porque é ao centro d'elle que está collocada a secretaria da *Inspecção*, hoje arvorada em Administração dos Serviços Fabris, e dirigida agora (maio de 1909) pelo digno contra-almirante, sr. João Botto, secretariado pelo sr. Castro Moreira.

A Administração dos Serviços Fabris tem sob sua alçada a Direcção das Construcções Navaes e esta, por seu turno, tem a Direc-

ção dos Serviços Maritimos. Uma das Direcções tem a seu cargo: a policia, fiscalização dos depositos, marinheiros, gente do talhame da artilheria, navios desarmados, guarnição dos hiates, barcaças, barcas d'agua, falúas, dragas, pontões, vapores, rebocadores, escaleres e as officinas de apparelho, pintores, tanoeiros; a outra tem a responsabilidade do corpo de engenheiros machinistas, e as officinas de machinas, serração, ferraria, fundição de bronze, latão e ferro, caldeiras de vapor, moldes, caldeireiros de cobre, poleeiros, torneiros, entalhadores, calafates e carpinteiros de branco e de machado.

O serviço das Construcções Navaes tem actualmente como director technico, o engenheiro naval sr. Mancellos Ferraz; e os Serviços Maritimos têem como director o sr. Francisco Vieira de Sá, sendo subdirector o sr. Julio Cardoso Pacheco Moreira, capitão de fragata; chefe da secção de contabilidade o sr. Adelino da Costa Barradas, commissario de 2.ª classe, e sub-chefe o sr. Miguel Pinto-Homem, aspirante de 1.ª classe.

BERGANTIM REAL OU GALEOTA GRANDE

(Phot. de Arnaldo Fonseca)

Além do que fica exposto, o Arsenal da Marinha tem ainda — como dependencia — ao sul do Tejo os depositos de Valle de Zebro e da Azinheira.

Como nota historica, temos a accrescentar que ainda existe n'este edificio um recanto dos antigos paços da Ribeira: um grande portal em cantaria, que se vê no extremo oriental do edificio, conhecido pelo nome das *galés*. Este portal era pertença das obras emprehendidas nos citados paços de D. João V.

Foram, pois, durante seculos, construidos n'este Arsenal centenas de barcos, sendo as ultimas construcções ali realizadas a do cruzador *D. Amelia*, sob a direcção de A. Croneau que fôra especialmente contractado em França para dirigir technicamente os serviços de construcção naval n'aquelle estabelecimento do estado, e em 1908, as canhoneiras *Save* e *Lurio*, destinadas principalmente ás estações africanas e que foram feitas sob a direcção do engenheiro-naval sr. Mancellos Ferraz.

Este vastissimo e importante estabelecimento fabril tem no andar nobre a Relação de Lisboa e a Eschola Naval, onde ha de importante a Bibliotheca, a Sala do Risco — ao fundo da qual existe uma corveta em que os alumnos fazem exercicio e que é conhecida pela typica designação de *Paciencia* — e o Museu.

Ahi se vêem alguns modelos de grandes embarcações construidas no Arsenal da Marinha, o modelo em madeira de uma estatua — que nunca chegou a fazer-se — de D. João V, e um grande quadro a oleo representando uma baleia, copia de uma que entrou o Tejo em 11 de janeiro de 1783 e que deu á costa na praia do Alfeite.

.

Como noticia da ultima hora accrescentemos aqui que no estaleiro d'este Arsenal

está em construcção a canhoneira *Beira*, especialmente destinada para serviços em Africa.

*

Para finalizar e como compensação da obsequiosidade com que os amaveis leitores dos *Serões* nos têem acompanhado, recommendamos-lhes a agua da ponte do Arsenal, estomacal e digestiva, cujas virtudes therapeuticas o Dr. Alfredo Luiz Lopes menciona a paginas 147-148 do seu livro publicado em 1896, *Aguas minero-medicinaes de Lisboa*.

*

Não conseguimos talvez realizar o que a indole ligeira d'esta elegante publicação requer — dizer muito em poucas palavras; em todo o caso confiamos em que o assumpto não desagradasse por completo, ainda que descripto monotonamente.

Maio, 1909.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Phases do Amôr

O Amôr tem, como a Lua, tambem phases.
Atravessou já todas, minha amante,
O nosso: foi crescente e hoje é minguante,
Attente de quem quer fazer as pazes!

Na primeira, de tudo são capazes
Os que amam! O amôr principiante
Os sonhos veste de oiro coruscante
E os beijos nos perfuma de lilazes...

Depois, como são frios e tranquillos
(Bem melhor fôra nunca possuil-os!)
Os carinhos do amôr entediado!

Tanto é verdade, immenso desconforto,
Que um beijo dado é sempre um beijo morto,
E o melhor beijo é o que nunca foi dado!

S. Paulo (Brasil).

Raul do Valle.

A figueira maldita

A Augusto Cid

D'UM e d'outro lado d'um regato que corria em terras de Judá, erguiam-se n'aquelle tempo duas arvores. Uma era uma figueira colossal. Dominava o oiteiro onde assentava, e a sua cópa verde-negra debruçava-se na larga faixa de cristal, que mais abaixo cantava e fugia sobre um leito pedregoso.

A' volta d'ella, um grande tapete de seáras e vinhas, que subia por um lado até o alto da collina, onde avultava um lagar, pintado a vermelho, e por outro descia a mergulhar nas aguas da torrente. Parallela a esta, corria a estrada poeirenta que vai da cidade de David a Joppé a formosa, nas praias do Grande Mar.

Esta figueira era feliz. Trez vezes no anno se vestia de folhas, e trez vezes se toucava de fructos. As aves do céu construiam lá os ninhos, e vestiam-na de azas. Os viajantes vinham cançados recolher-se á sua beira, durante as grandes jornadas. Querendo ter quinhão n'este bem estar, uma cêpa que nasceu perto estendeu para ella os seus ramos, e subiu, enrolando-lhe milhares de gavinhos aos braços arrugados.

Não assim o pobre cédro, que na outra margem, enfézado e triste, vegetava penosamente. Servira-lhe de berço uma fenda caváda na rocha, onde em tempos germinou, n'uma pouca de terra levada pelo vento, o ovário que lhe deu o ser. Raro uma gôta de agua lhe refrigerava as raizes, mergulhando anciosamente n'aquelle chão estéril, que por toda a parte descarnava um esqueleto de pedra. O murmúrio da agua proxima cravava-lhe mais fundo o aguilhão da sêde. Algum cardo agréste, uma ou outra rosácea espinhosa, cresciam a custo em redór da arvore solitária. Ninguem se aventurava sobre aquellas penedias, onde os líchens alastravam como hérpes monstruosos, e os olhos das hyênas phosphoresciam entre fragas, em noites impenetráveis.

Mas o cédro, assim despresado e miseravel, era bom. Raramente alguma ave, antes de se abalançar á passagem para além do rio, poisava n'elle uns instantes. Mas era certo que a seiva palpitava mais apressada, no ramo onde os pés da ave descançavam. Os animaes silvestres, que vagueavam n'aquella aridês, triste como o campo de ossos das visões de Ezequiel, acoitavam-se ás vezes aos seus ramos, que desciam quasi junto ao chão; os xofrangos vinham alli n'um vôo de pesadêllo despedaçar as prêsas, ou repoisar das aventuras nocturnas. E todos quantos appareciam eram bem vindos, todos acolhidos como irmãos que eram no Criador commum.

Passava do outro lado, no verão, a chusma ruidósa dos ceifeiros; as caravanas que vinham de negocios em Samaría e em Tyro, os romeiros que de Jerusalém desciam no mez de Nisan apertando os mólhos do trigo verde da Paschoa; agrupavam-se os caminheiros á sombra da figueira, como em logar de grato repouso, provando a doçura dos seus fructos, e contando maravilhas dos paizes distantes; desciam as aves a visitar os seus ninhos e a enchê-la de musicas, á hora a que vaidosamente misturava, no regato murmurante, os tons verdes da folha-

gem com o azulado das aguas. O cédro nada invejava.

Só a figueira era soberba e má. Quando a paizagem adormecia na paz das sombras, ella, na linguagem das arvores, mysteriosa aos homens, escarnecia a sua irmã, perdida, esquecida n'uma préga das escarpas fronteiras. Humilhava-a no confronto com os seus iguaes, que coalhavam ao norte as cumiádas do Líbano, magnificamente magestosos, resistindo aos seculos roázes e ao assalto das tempestades. Porisso, ao caír sobre elles a machada do lenhador, era para com os seus arômas purificar os immundos da lépra, ou para com a sua carcassa levantar os templos dos Deuses e os palacios dos reis.

Quando os homens ou as aves lhe traziam um testimunho de sympathia, quando as folhas e os fructos, que trez vezes no anno a visitavam, lhe faziam vergar os ramos, quando o sol a envolvia em carícias, a odienta figueira enviava ao cédro, no sôpro da brisa, um vago rumorejar de vaidade e desprêso.

Uma nova razão de motejo nascia em cada madrugada. Agóra, porque da magra folhagem do cédro saíra toda a noite o estridor agoirento da coruja, emquanto o rouxinol, n'um galho da figueira, levantara aos primeiros alvôres, no dilúculo-lactescente, um gorgeio de saudação. E o cédro, sombriamente inclinado sobre o granito não menos sombrío, sem invejar nem odiar, continuava, silencioso, a estender a sua cópa sobre os répteis e os abutres.

Atravessava então os montes e os valles tranquillos que vão da Samaría ao Mar Morto um homem estranho, que dizia uma palavra tão estranha como elle. Quantos o ouviam, contavam d'elle maravilhas. Falava d'uma nova terra promettida, que em breve havia de apparecer; igualava o escravo ao senhor, e preceituava o amor entre os homens, como complemento do amor entre as coisas criadas. Porque o amor era para elle o alicerce e a razão da futura sociedade universal.

Naturalmente, a Synagoga odiava-o. O poder constituido via n'elle a dissolução social, a inundação que devasta os campos e os povoados. E ambos procuravam perdê-lo. Mas o povo adorava-o, porque esse homem, que era seu filho, trazia-lhe a palavra de amor, e personificava o seu soffrimento e a sua esperança.

Tinha uma existencia simples; falava como um Deus e vivia como um homem. Quando a sua túnica, da côr dos lirios brancos, alvejava nos campos e nas estradas, corriam homens, mulheres e crianças a saudá-lo, e a ouvir a sua palavra e o seu consêlho, que elles entendiam melhor que a rhetórica balôfa dos phariseus e dos sadduceus. Por onde quer que elle passasse, só ou entre os seus amigos fieis, que um a um escolhêra, como trigo do meio do jôio, immensa turba o seguia de aldeia em aldeia, de castello em castello.

Ora certa manhan acertou de passar este homem n'aquella estrada, e junto d'aquella figueira. Como o calor apertava, desceu abaixo a beber a agua clara do regato no cóncavo da mão direita, e veio depois procurar entre a folhagem espéssa algum fructo que o reconfortasse. Mas não lhe encontrou senão folhas, porque não era esse o tempo de fructificar. Sentou-se na relva, os companheiros imitaram-no, e reclinou a cabeça fatigada no tronco revestido de vinha.

A figueira julgou o viajante adormecido, e disse ao cédro:

— Repara, arvore despresivel. Mais uma vez estes homens veem descançar á minha sombra. Já aqui estiveram o anno passado — recordas-te? — e agora, como então, não se dignaram levantar para ti os seus olhos. Não sei quem são, nem isso me importa; mas pelo trajar, que não é daqui, e pela poeira que os cobre, parece que veem de longe. E tu ahi ficas, esquecido, despresado, sem um rasto humano á tua beira, sem fructos que saciem nem folhas que refrigerem.

Assim falou a figueira, do alto da sua vaidade. O recemvindo vigiava, e ouviu-lhe o discurso, porque entendia, á semelhança do rei Salomão, a linguagem secreta das coisas. Ouvia-se ao longe o cantar dos lagareiros, que ao cimo da collina recalcavam nas cubas de pedra os cachos reluzentes. No alto crusavam-se pombos, leves como sonhos de ante manhan. Através do claro da folhagem, um raio de sol beijou a relva, e logo um bando sussurrante de insectos veio abrir de gôso, n'aquella luz amiga, as suas asas de oiro. A' roda, os companheiros dormiam.

Acordou-os e contou-lhes o que ouvira.

— Que vos parece? perguntou.

Um d'elles, de face torrada pelas soalheiras e longa barba grisalha pendente sobre o peito, adiantou-se e respondeu:

— Mestre, eu acho que tal proceder é condemnavel e digno de censura. Ninguem deve humilhar o seu irmão por fraco e inutil que pareça. Acaso não foste tu quem disse que devemos amar-nos uns aos outros?

— Em boa verdade te digo, Céphas, que é esse um optimo discurso. Entrou no teu coração o espirito da justiça.

E fallou á figueira:

— O teu orgulho te perdeu. Tu que eras insignia da paz, serás hoje signal de discórdia; symbolo da abundancia, ficarás de óra ávante o phantasma da esterilidade. Porisso te amaldiçôo, e jámais nasça fructo de ti!

Depois, voltou-se para os amigos:

— Vamos! Cingi os vossos rins, tomae os vossos bordões, e lancemo-nos ao caminho, para longe d'esta arvore maldita!

A viração d'essa tarde levou para a agua fugitiva as ultimas folhas encarquilhadas; os sarmentos da vide desprenderam-se d'aquelle cadáver e caíram; toda a erva seccou em volta; e apenas os ramos nús da figueira se erguiam no ar, contorcidos como os braços dos condemnados ao fogo. Nunca mais as aves do céo lá cantaram o poema dos seus amores. E no dia seguinte o lagareiro que pisava as uvas cantando, os semeadores do campo que passavam nas seáras, os mercadores de púrpura que voltavam dos pontos longinquos, os pastores que levavam os rebanhos intonsos a beber á torrente, perguntavam-se pasmados:

— Como em tão breves horas morreu esta arvore, que nossos olhos ainda hontem viram tão alta e tão viçosa?

Tambem o dono da figueira maldita ali veiu. E chamando os servos, ordenou-lhes que a fossem arrancar e d'ella fizessem lenha, cumprindo assim a letra sagrada, onde diz que «a arvore estéril será cortada, e lançada ao fogo».

M. Cardoso Martha.

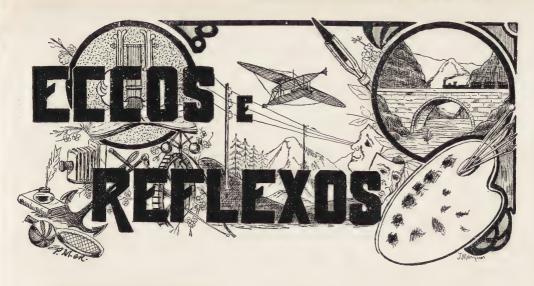
A TEIA

O mais pequenino insecto
cahido em teia d'aranha,
não sente prisão tamanha
como o d'este meu affecto

Prêso na tua amisade,
n'esse amôr, n'esses teus beijos,
em que eu sonho mil desejos
d'uma grande felicidade!

E assim, se o pequeno insecto
foge da teia, medrôso...
mais eu me enrêdo no gôso
da teia do teu affecto.

Porto.

Julio Coutinho.

Senhoras em evidencia

Litteratura

A sr.ª D. *Margarida de Sequeira* e *Luiza* são uma e a mesma entidade. Estremamente modesta, d'uma modestia que toca as raias do culto, a sr.ª D. Margarida de Sequeira não quiz impôr aos vôos da publicidade o seu verdadeiro nome e d'esse delicadissimo sentimento suggeriram os seus dois pseudonymos tão carinhosamente conhecidos pelo publico que lê.

D. MARGARIDA DE SEQUEIRA

Com o nome de *Margarida de Sequeira* firmou numerosas novellas vibrantes de phantasia e de vivacidade, profundas na essencia e subtilmente polvilhadas de graça e do colorido na fórma, e que, sem duvida, representam documentos eloquentes d'uma intellectualidade que deve orgulhar o sexo a que pertence e a amoravel creatura que as escreve.

Mais tarde, uns requintes finissimos de intelligencia e de bondade, creou essa personalidade fina e graciosa de *Luiza* que tão querida foi das leitoras d'esta revista. No seu *Consultorio*, como ella despretenciosamente denominava a sua secção nos *Serões*, acorreram todas as mulheres que vibram com as alegrias da vida e tambem todas as que provavam nas suas torturas mais amargas. Nenhuma d'ellas ficou sem um conselho, sem um lenitivo, sem um sorriso ou uma lagrima que fosse aljofrar o estado de uma alma que se patenteasse a *Luiza*.

E ao escrevermos rapidamente estas linhas para acompanhar o seu retrato, homenagem fervorosa e justa d'uma publicação a que ella tanto emprestou do seu prestigio intellectual, não sabemos a que mais vimos se a pôr em relevo uma individualidade a quem muitos já devem as letras patrias, se a exaltar um coração diamantino para quem a humanidade tem contrahida uma divida enorme de amor e de complacencia.

A força naval da Inglaterra

A recente visita da esquadra ingleza, que, com uma carta autographa de Eduardo VII a el-rei D. Manuel, representa mais uma manifestação da velha e tradicional alliança luso-britannica, trouxe por alguns dias uma nota interessante e movimentada á nossa capital. Os typos caracteristicos dos seus marinheiros e officiaes, typos viris e louros, percorriam as praças publicas por entre a attenção de todos, que admiravam a sua compostura, contrastando com os proverbiaes desmandos, que tão peculiares lhes eram em terras peninsulares.

Dos pontos altos da cidade, que são como que minaretes olhando o Tejo, grande numero de pessoas foram presenciar a entrada dos colossos da marinha de guerra ingleza, que eram, ainda assim, uma parte minima da grandiosa força naval do Reino-Unido, por certo a mais poderosa, a mais forte, a mais rica do mundo inteiro.

A Inglaterra teve sempre a preoccupação de não só manter integra a sua supremacia naval, como ainda augmental-a dia a dia, e cada vez mais. E' conhecida a velha rivalidade, que sob esse ponto de vista, existe entre a Allemanha e a Inglaterra.

O imperio germanico procura attingir o grau de prosperidade maritima da Inglaterra, e justiça é dizer que, sob o ponto de vista commercial, o tem conseguido. As suas victorias de navegação mercantil sobre a Inglaterra trazem esta seriamente preoccupada, não só porque representa um desequilibrio commercial a favor do imperio allemão, como ainda porque, segundo a lei que estabelece e rege a navegação commercial allemã, cada um dos grande transatlanticos que navegam sob a bandeira tricolôr é, em caso de guerra, um navio militar. Apesar d'isso, porém, a Allemanha ainda não conseguiu uma tão grandiosa força naval como a que hoje possue a Inglaterra, com os seus quatro *Dreadnoughts*, que ainda ha dias entraram triumphantemente em Londres, pela primeira vez. Foi um dia de orgulho para o patriotismo inglez. Cortando céleres as aguas negras do Tamisa, o povo londrino viu approximar-se, assombrado, essa parte da força naval do Reino-Unido, que só por si era uma força consideravel. Foram 24 navios de combate, entre os quaes entraram quatro *Dreadnoughts*, de 18:500 toneladas e 10 canhões; 3 crusadores-*dreadnoughts*, de 17:500 toneladas; cruzadores dos typos *Lord Nelson* e *Eduardo VII*, que vem decrescendo de 16:500 toneladas; 16 crusadores couraçados, 14 crusadores protegidos, 55 *destroyers* e torpedeiros, 35 submarinos e 6 navios auxiliares — ao todo 150 navios.

E toda esta força monstruosa não representa mais que uma parte do seu poder naval. Ao passo que no Tamisa entravam estas duas poderosissimas esquadras, visitava Lisboa a esquadra do vice-almirante Jackson, que circula no Mediterraneo, e que foi mandado fazer essa visita official, após as monobras nos mares de Malta.

D'esta visita, por tantos titulos agradavel, deve ter ficado no espirito dos valentes marinheiros inglezes uma impressão agradabilissima, dada a cordealidade com que foram recebidos e tratados pelos nossos distinctissimos officiaes de marinha, que são em qualquer parte do mundo figuras de destaque, pela sua intelligencia, pela sua cultura e pela sua educação.

O ALMIRANTE JAKSON EM CINTRA

Chronica da moda

Viajar de automovel — Os chapéos para automobilistas — Côres e tecidos — O que vae usar-se?

Estamos na época das thermas, das praias, das villegiaturas.

As revistas do grande tom, feitas para as damas ricas, para as privilegiadas da fortuna, só se occupam das *toilettes* luxuosas dos casinos, dos costumes apropriados para os varios *sports*, do vestuario usado nos automoveis.

Presentemente todos viajam em automovel, ainda

que não seja senão em ligeiro passeio pelos arredores de Lisboa quem se ha de apresentar sem *toilette* apropriada dentro d'essas bocetas almofadadas, d'um ar distincto, que mais parecem lindos gabinetes de repouso, do que monstros de tentaculos gigantescos, destinados a devorar centenas de kilometros por hora?

Levam em si o conforto e a elegancia, offerecendo por todos os lados os seus pequenos bolsos recheados dos accessorios indispensaveis á *toilette* feminina: — o espelho, a borla de pó de arroz, cremes, escovas, livros; na frente, em bella cornucopia de crystal, geralmente um ramo de flores derrama em torno o seu aroma fresco. Não é um vehiculo, é um *boudoir* que nos leva por essas estradas fóra, n'um arrebatamento de sonho.

Raras vezes se deita um olhar á paisagem, que mal se distingue na rapida visão que nos dá.

Dentro conversa-se, risse, joga-se o *bridge* aproveitando-se as pequenas *tablettes* que o auto tambem offerece; antegosa-se a chegada ao ponto do destino; dá-se uma nova vista de olhos ao espelho; entretanto tem-se chegado, e sae-se do lindo cofre que, diga-se de passagem, é muito mais lindo por dentro do que por fóra.

Como geralmente se não póde sair limpinha e fresca como se entrou, porque os solavancos e o pó das estradas tudo amarrotam e enxovalham, procuram as modistas attenuar este reverso da medalha, inventando protectores para as *toilettes* em amplos casacos abotoados até ao pescoço n'um rigor de resguardo exagerado, sem comtudo affectar a elegancia.

*

Os chapéos, na sua fragilidade quando não são propriamente largas boinas de fazenda sem guarnições, são as victimas mais lesadas nos *precalços* da viagem.

Como remedio a moda inventou o seguinte subterfugio: a viajante automobilista leva dois véos, um fino e leve que lhe envolve directamente o chapeu e se conserva sempre limpo e fresco, outro mais grosso de *mousseline,* mais impenetravel e envolvente, onde se fixam as lunetas que lhe resguardam os olhos e que se tiram rapidamente com o véo ao saltar abaixo do auto, dando a impressão de que nem o pó nem as inclemencias da travessia ousaram tocar-lhe.

E' uma illusão que só serve para enganar os outros... mas... raras vezes é preciso mais para uma elegante ficar satisfeita.

Como nem todas podemos ter as delicias do automobilismo, não tendo comtudo menos direito ás confidencias da moda, vamos informar as leitoras sobre outros pontos que podem interessal-a, baseando-nos nas auctoridades que mais despoticamente decretam sobre tão monumental assumpto.

VESTIDO DE TARDE

Côr de malva e «foulard» branco com decote guarnecido de rendas e camisete

*

O branco é n'este momento a côr mais usada, mas ha tambem quem lhe prefira o preto: são as senhoras nutridas, porque, como é sabido, o preto adelgaça a figura, faz parecer menos gordas e mais altas as pessoas gordas e baixas.

Para as viuvas e senhoras de idade a moda desencantou um *foulard* especial e lindo, todo preto com pintas brancas, que tem tido grande voga.

Em contraposição para as senhoras novas, ha tambem um *foulard* branco com pintas pretas, cheio de origidalidade e muito procurado pelas pessoas amantes de novidades.

*

Começa já a falar-se nos tecidos e côres que irão usar-se no proximo outomno.

Os linguareiros dizem que o tecido mais adoptado será a *cachemire* e a côr mais escolhida será a gamma do rôxo ao côr de rosa.

Tudo pode ser, mas por emquanto é prematura qualquer affirmação categorica; limitamo-nos pois a dar a noticia como mero boato, porque se na vida o *homem põe e Deus dispõe,* na moda muitas vezes a *modista propõe e a elegante resolve.*

O que ella resolverá ao certo, é por emquanto mysterio impenetravel...

O automobilismo na guerra

UM AUTOMOVEL PARA DESTRUIR OS BALÕES

Os balões estão destinados a fazer uma revolta completa na guerra. A estampa agora inserta representa um automovel armado de um canhão, ao qual se pode dar a inclinação precisa para atirar sobre os aerostatos. Uma peça de artilharia dispara projecteis armados de navalhas que rasgam o envolucro do balão e que o põe em circumstancias de não se poder aguentar no ar.

«Beijos Perdidos»

M. Duarte de Almeida, o glorioso poeta lyrico d'*A Mosca Morta* — essa encantadora aguarella pantheista, rescendendo perfumes delicados e irradiando scintillações de arte esmeradissima da sua cinzeladura cheia

MANOEL DUARTE D'ALMEIDA

de animo e de graça, acaba de publicar um delicado poemeto intitulado *Beijos Perdidos,* que são mais uma affirmação radiosa dos seus altos meritos de artista, mais uma demonstração de quanto a sua musa é delicada, altruista, cheia de mimo e de ideaes anhelos pela suprema perfeição.

Despedem beijos ao ar,
Beijos que perdidos são,
As senhoras, que, ao beijar,
Só fingem que beijos dão.
No espaço, a peregrinar,
Taes beijos — aonde irão?

. . . .

Assim perdidos no ar...
E' crime sem remissão.

Senhoras! Peço perdão
De... não poder perdoar!

M. Duarte d'Almeida tem um dever a cumprir para com todos quantos amam as boas letras e os bons poetas d'este paiz, qual é a collecção em volume dos seus lindos versos lyricos — essas joias da mais pura filigrana de oiro precioso, que andam por ahi dispersas, tão longe dos seus cuidados...

Recordando-lh'o, affirmamos-lhe o nosso affecto e a nossa carinhosa admiração pela nobreza da sua alma e pela superioridade do seu talento.

A familia do general Craveiro Lopes

Grupo, tirado em 1891, onde na sua maioria se destaca a familia do general Craveiro Lopes, chefe da casa militar d'El-Rei, fallecido a 11 de agosto ultimo

Homenagem a Trindade Coelho

No 1.º plano, o Dr. Magalhães de Lima, o Dr. Costa Ferreira e Henrique Trindade Coelho (filho de Trindade Coelho)

Novo invento

Mr. Charles Parsons, que tem o seu nome vinculado á gloria da invenção da turbina a vapor, fez recentemente conhecer bem o seu novo invento denominado

O AUXOPHONE

Auxetophone. Por meio d'este apparelho, o ar comprimido pode ser utilisado para communicar o som a algum instrumento a que esteja ligado. Applicado ao *cello,* a valvula é presa por um tubo de aluminio ao instrumento, sendo a compressão do ar que, ao passar pela referida valvula, produz as vibrações que se tornam notavelmento caracteristicas.

O som que sáe da trompa, embora se assemelhe muito ao proprio som do instrumento, apresenta um cunho original pelo augmento de volume e intensidade.

Ha cêrca de dois annos o interessantissimo engenho foi applicado ao gramaphone com grande exito.

No anno passado teve a sua applicação a um pequeno instrumento, que, d'esta fórma, foi facilmente ouvido em toda a vasta sala de Albert Hall.

A assistencia numerosissima dos concertos symphonicos do Queen's Hall discutiu, com assombro, a extraordinaria invenção prognosticando-lhe um logar de destaqus entre as descobertas scientificas do futuro.

Regatas no Tejo

A disputa da taça «Lisboa»

O *sport* tem-se desenvolvido extraordinariamente, nos ultimos tempos, no nosso paiz. E, se bem que se não deve descurar de modo algum a educação intellectual e moral, a verdade é que a cultura dos exercicios *sportivos* contribuem grandemente para a felicidade do homem.

Na velha Grecia, suprema civilisação da belleza e da força, a educação physica era um dos pontos essenciaes em que assentava a belleza moral e a requintada concepção artistica da Hellada, vinha-lhe do amor á proporcionalidade da fórma, á suprema belleza e correcção das linhas. *Uma alma sã n'um corpo são,* é o axioma predilecto das mais elevadas civilisações. Um corpo desenvolvido harmonicamente, em um conjuncto proporcional de forças, na libertação absoluta da doença e da fraqueza, encerra de ordinario (e quando não encerra devia encerrar) uma alma generosa, grande, feliz, vendo a vida pelo lado bello, pelo lado optimista, o que representa meio caminho andado para a felicidade. Interessa-nos pois, sobremodo, vêr desenvolver-se d'esta maneira o gosto pelos exercicios physicos, mórmente se não visarem apenas a fins exhibicionistas de *snobs* e tenderem para o aperfeiçoamento da raça.

OS BARCOS EMBANDEIRADOS A' CHEGADA DE SUA ALTÉZA O SR. INFANTE D. AFFONSO

Em Lisboa realisa-se todos os annos uma prova nautica interessantissima a regata, para a disputa da taça *Lisboa,* que fica em poder do ven-

cedor até ao anno seguinte, em que este organisa a regata, para novamente ser disputada a taça em seu poder. E' por assim dizer a unica prova regulamentada que existe entre nós e a que concorre ordinariamente a fina flôr dos *sportsmen* nauticos.

A taça foi este anno disputada pela Real Associação Naval e Real Club Naval de Lisboa. A festa, que decorreu brilhantemente e com enthusiasmo, foi organisada pela Real Associação Naval, em poder de quem estava a taça *Lisboa*. A prestante collectividade desempenhou-se distinctissimamente d'esse encargo, conseguindo organisar um programma attrahente devéras, e inscrevendo-se no desafio das tripulações do Porto e da Figueira, o que augmentou extraordinariamente o interesse na sympathica lucta.

SUA ALTEZA O SR. INFANTE D. AFFONSO DIRIGINDO-SE A' CANÔA D'ONDE DIRIGIU O PASSEIO

O percurso foi de dois mil metros e a largada realisou-se pela 1,40 da tarde. O signal da partida, devido á precipitação, foi dado antes das duas embarcações estarem alinhadas, o que deu em resultado o *outtriger* da Associação Naval sair, quando os remadores do Club Naval se estavam preparando. Isto não impediu no emtanto que os segundos avançassem sobre os primeiros e os vencessem.

Foram enthusiasticos os applausos com que se receberam os vencedores: entreinador da tripulação, sr. João Motta Marques; guia, sr. Albano dos Santos; timoneiro, sr. Vasco de Almeida. Ficou, pois, a taça *Lisboa* este anno em poder do Real Club Naval.

Realisaram-se ainda as seguintes provas, cujos premios eram medalhas de *vermeil:*

Inriggers de quatro remos, tripulados por alumnos dos lyceus da Lapa e do Carmo. Venceram os alumnos do lyceu da Lapa.

Outriggers de quatro remos, em que entravam a Real Associação Naval, Real Club Naval e Oporto Boating-Club, ganhando a primeira n'um percurso de dois mil metros.

Outringgers de quatro remos, em que tomaram parte as duas collectividades de Lisboa, Real Club e Real Associação, vencendo esta com as suas embarcações *Douro* e *Tejo*.

Inriggers de quatro remos (a ultima prova), tomando parte a Real Associação, o Real Club e Gymnasio Figueirense. Venceu ainda mais uma vez o *inrigger* da Real Associação Naval.

As provas d'este anno, embora não attingissem o maximo luzimento e o alto brilhantismo de algumas realisadas em annos anteriores, foram de molde, ainda assim, a deixar contentes e satisfeitos os seus louvaveis promotores.

O «Mensur»

São interessantissimos os duellos que em Heidelberg os estudantes realisam, tantas são as condições extraordinarias em que elles se praticam.

O nosso desenho representa uma d'essas originalissimas scenas, em que não é raro que um dos contendores cáia mortalmente ferido, apesar das cautelas de que lançam mão, defendendo com resguardos todas as partes mais perigosas do corpo. Do que não resta duvida é que representa um importante elemento de educação, attendendo a que o duello, ainda que não reconhecido officialmente, faz parte integrante da educação nacional na Allemanha.

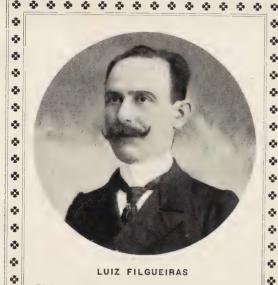
Esta fórma de duello, ou «Mensur», não deriva d'uma questão pessoal, não se conhecendo os combatentes de antemão. Os presidentes dos corpos são

quem organisa os combates, e como não ha nenhuma grande injuria a vingar, assim não ha desejo de ferir gravemente o adversario.

Os combatentes tem protegidas todas as partes vitaes do corpo, deixando apenas expostas as faces, as maxillas, o nariz e o alto da cabeça.

ridas estão fóra da convenção para o effeito de pôr termo ao duello. O *Schlaeger,* ou espadim allemão, é uma arma terrivel, cujos golpes é preciso desviar com rapidez, para que o rosto não seja attingido pelo seu fio terrivel. Emfim, comquanto perigosa, a prova é de molde a fazer desenvolver a agilidade, a presteza,

DUELLO ENTRE ESTUDANTES EM HEIDELBERG

A despeito d'estas precauções o «Mensur» entre estudantes allemães está longe de ser um negocio infantil. A lucta tem de durar um bom quarto d'hora e os combatentes não abandonam o campo, sem que um d'elles seja tocado n'um osso. Todas as outras feridas — a rapidez com que os golpes teem de ser aparados, para que, no dia seguinte, entre os seus camaradas, o estudante não offereça a face golpeada, o que é uma demonstração de fraqueza e ainda por cima significa pretexto para desapiedados gracejos.

LUIZ FILGUEIRAS
Distincto regente da orchestra do theatro da Trindade

Musica dos Serões

PIZZICATTI

POR

Luiz Filgueiras

NINHARIA
Pizzicatti por LUIZ FILGUEIRAS
Moderato
P. sempre staccato
f
p.
rall.º
a tempo
p.
p.
p
f
p.
p.

rall° e cresc
rall°............a tempo

NINHARIA
Pizzicatti por LUIZ FILGUEIRAS
Moderato
P. sempre staccato
f
p.
ralle.° .... a tempo
p.
p.
p
f
p.
p.

rall° e cresc
rall°...........a tempo

rall°
a tempo
p
p
f
p
rall°
a tempo
f
Códa
Fim.

BRINDE

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe)

OU O SEU EQUIVALENTE EM RÉIS

Senha numerada para o sorteio

Com o proximo n.º 52, referente ao mez de outubro do nosso magazine **Serões,** enviaremos, aos estimaveis assignantes, sómente assignantes, a senha numerada para o sorteio do BRINDE que promettemos no primeiro numero do corrente anno, uma vez que os seus recibos se achem liquidados com a administração dos **Serões.**

Aos senhores assignantes por periodo de um semestre, será enviada uma senha numerada e duas áquelles que assignaram por todo o anno de 1909.

O sorteio realisar-se-ha com a grande loteria do Natal, que se effectua nos ultimos dias de dezembro na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

As senhas numeradas serão unicamente enviadas aos nossos assignantes que tenham adquirido este magazine por meio de assignatura semestral ou annual, dentro do corrente anno, assignaturas cobradas em troca do respectivo recibo passado pela administração dos **Serões.**

Esta explicação torna-se necessaria deixar aqui bem accentuada, visto alguns dos nossos correspondentes das provincias, que recebem os **Serões** n'outras condições, se julgarem com direito ao BRINDE, quando este só visa assignantes semestraes ou annuaes, e não compradores com commissão ou avulsos.

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 52 - Outubro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

SERÕES
N.º 52 — OUTUBRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 · LISBOA

Carlos Gonçalves

Insigne mestre de armas português, vencedor em varios torneios de esgrima em Portugal e no estrangeiro

CAFÉ SUISSO

Os cafés de Lisboa

I

Os cafés ou *coffee-houses* estabeleceram-se em Londres no derradeiro quartel do seculo XVII, sendo o primeiro d'elles fundado por um grego, que um negociante levantino trouxera a Inglaterra. Em Paris, os cafés appareceram no crepusculo do seculo XVII e em Lisboa na manhã do seculo XVIII. O primeiro café de Lisboa foi estabelecido na rua Nova em 1719 e denominou-se *Casa do café da rua Nova*. Depois d'aquelle, e antes de 1755, houve o café do Rosa, o café de Maria Spencer ou de *Madama* Spencer (em que trabalhava o relojoeiro João Spencer), o café *dos Inglezes* ou a *Casa de Café Ingleza*, e o *Café Hollandez*, todos na rua Nova, depois chamada rua Nova dos Mercadores ou rua Nova dos Ferros, a mais faustosa e a mais commercial da Lisboa antiga. Então, os sortilegios culinarios do cozinheiro de Mr. Brunete, na Boa-Vista, acirravam o appetite dos *bandalhos* do tempo. Posteriormente ao terramoto, os botequins alastraram pela capital. Em 1767, encontramos a loja de bebidas de João Baptista Massa, na rua direita do Loreto, n.º 1, casebres do Loreto. O seu dono pertencia á familia dos Massas, que, anteriormente a 1755, commerciavam em flores e sementes, como eram o droguista José Massa na rua das Flores, Manoel Massa.

que tambem vendia cabelleiras de França, Maria Massa no Arco da Paciencia, etc. A loja de bebidas do Massa passou em 1805 para Thiago Martha, que ainda aqui estava em 1830. Nos mesmos casebres, existia o botequim de Bento Valença em 1776. Cumpre citar tambem o José Alexandre do Valle, que, em 1770, possuia dois botequins de doces e bebidas nas lojas e outro n'um sobrado, todos na Opera do Bairro-Alto, afóra tres moços que trazia a vender doces pelas ruas, no tempo em que a garganta seraphica de Luiza Todi fanatisava o peraltismo, que, ao ouvil-a, abria a bocca n'um hiato de admiração.

Em 1779, nota-se o café e bilhar de Nicolau Massa, sobrenominado *o Talão,* na rua Larga de S. Roque, perto do actual largo de S. Roque, o qual se mudou em 1784 para a loja em que está actualmente o café *Tavares,* loja que se conservara devoluto no anno anterior. O café do Massa transitou para a posse de Bartholomeu Ansaldo em 1800, para José Antonio Matheus em 1813, para Balthazar Affonso em 1820, e para Manoel Tavares em 1823, tomando então o nome de café *Tavares*. Manoel Tavares e seu irmão eram dois excentricos do mais fino quilate. Andavam de jaqueta e sapatos de ourêllo, e falavam em verso aos freguezes. Um d'elles arranjou uma quadra para advertir os mendigos, que vinham esmolar no café:

O FELICIANO DAS SEGES

Perdoar e não entrar,
Pedir, nunca importunar,
E ainda não demorar,
Freguezes não apoquentar.

O café *Tavares* tornou-se suspeito de liberal no tempo de D. Miguel, de sorte que os miguelistas o emparceiraram com outros conventiculos dos *malhados*, como eram o café *das Columnas* na rua Larga de S. Roque, o café do *Bosque* no Rocio e o café *da Arcada* no Terreiro do Paço. Em nossos dias, os penteados diplomaticos, os bigodes espumosos e os peitilhos anilados do nosso dandysmo, reflectem-se nos espelhos da sala do *Tavares*, que aristocratisou a elegancia da sua meza e afidalgou a distincção dos seus acepipes. E as borboletas galantes, as sacerdotisas do vicio doirado, trazem uma nova luz ás *minuits-collations* dos seus gabinetes particulares, onde tilintam as taças de crystal na permuta dos brindes effusivos e onde os amantes misturam, sobre suas boccas, as chammas dos seus desejos.

Em 1793, a rua Larga de S. Roque possuia o café e bilhar de Bartholomeu Sabadini, e, dez annos depois, havia o botequim de Domingos Daddi, á esquina da rua das Chagas e do Calhariz, o mesmo que, sob a denominação de café *Toscano,* vamos encontrar á esquina do Chiado moderno e da travessa do Secretario de Guerra em 1827.

Um café, cuja origem subia aos tempos pombalistas, era o *do Marcos Filippe,* ao norte do largo do Pelourinho, então chamado Praça dos Leilões. Foi estabelecido antes de 1775 pelo genovez Antonio Maria Capodonico, pae de Marcos Filippe. E, conta a lenda, que, no dia da abertura, o marquez de Pombal almoçou aqui um chá e torradas de pão de Meleças. No 1.º andar do primeiro predio do Pelourinho, estava então a Casa de Pasto de Domingos de S. Martin du Bosque, vulgarmente chamada Hospedaria do Bosque. Aquelle café passou em 1797 para Marcos Filippe Capodonico, que morava no 3.º andar do mesmo predio, propriedade de José Street, dono da quinta do Ramalhão. O *Marcos Filippe* é historico, porque n'elle se pactuou a convenção d'este nome, depois dos arsenalistas do demagogo Ricardo França, e outros *marcas,* se terem sublevado contra o ministerio dos *pasteleiros* (gabinete Sá da Bandeira — Bomfim), na manhã de 9 de março de 1838.

Outro botequim da época pombalina era o do *Casaca*, situado na rua Nova de El-Rei (Capellistas), perto da egreja de S. Julião, no predio n.º 170 moderno, que pertencia, assim como o café, a Manoel Antonio Casaca, morador no 1.º andar. O *Casaca* foi um ponto de confluencia dos casquilhorios gafados de francezias, dos tolineiros com rafancia de bolsa, dos bailarotes de sala e dos que despendiam as *loiras* e as *carinhas de dezeseis*

Em gulodices, secias pataratas.

O botequineiro era compadre do marquez de Pombal, que não se dedignava de beber ahi o seu copinho, como os clientes tomavam o ratafia de ginja, o licor de mistela, o rosasólis, a agua-ardente de França, os bules de ponche e o leite crespo, ou comiam os sequilhos, os cúscús, os especiones e os suspiros. O *Casaca* foi o predecessor do Nicola, como este foi o antecessor do Marrare.

O viajante Richard Twiss, depois de dizer (em 1772) que, nos cafés lisbonenses, havia gazetas inglezas, francezas e hespanholas, affirma que dois d'elles eram muito elegantes, principalmente o do *Casaca*, que era todo forrado de espelhos. Costa Cascaes faz passar n'este café todo o 4.º acto da sua comedia *A inauguração da estatua equestre*. E Tolentino, citando este botequim ultra-famoso, diz:

Deixa que os bons e a gentalha
Brigar ao Casaca vão.

Na rua Nova de El-Rei, havia mais o André Montano, com estabelecimento de capellista, bebidas, bilhar e jogo de cáche, e os botequins de Manoel da Silva e do Prata, no predio contiguo ao do Casaca (1799).

JOSÉ PEDRO DAS LUMINARIAS
Dono do botequim das Parras e protector de Bocage

Quando o audacissimo José Balsamo ou Cagliostro veiu a Lisboa, pela segunda vez, em maio de 1783, hospedou-se no café *Neutral*, tomando o nome de D. José, conde de Stephanis ou de Stephens, Cavalheiro Lombardo. Na sua primeira visita a Lisboa, sua mulher, D. Lourença Balsamo, peticionara ao marquez de Pombal em 11 de maio de 1771, a fim de providenciar a respeito de certos factos, que lhe haviam succedido n'uma Casa de Pasto da calçada da Estrella, defronte de S. Bento, onde, segundo suppomos, estiveram hospedados os conjuges Balsamos, motivo por que aquelle Secretario de Estado ordenou ao Intendente de Policia, Manoel Gonçalves de Miranda, que procedesse ás necessarias averiguações. O café *Neutral* era, cumulativamente, hospedaria, botequim, tavolagem e casa de prego. Occupava o primeiro andar, do lado esquerdo, do quarteirão do oéste na actual praça dos Romulares, que torneja para a rua dos Romulares, e pertencia a Fr. Antonio Belli e ao christão novo Daniel de Sequeira ou de Cerqueira. Tinha 6 creados e pagava 50 moedas de renda. No primeiro andar, do lado direito, morava o dono do predio, Antonio Sodré Pereira Tibau. Em 1783, o café *Neutral* era um telonio de tafues, mui frequentado por tonsurados de cercilho, em que se jogava desde o *cassino* até ao *marimba* e desde o *quinze* até ao *sete-é-ponto*. Esta batota rivalisava com o botequim do *Casaca* e com a espelunca do Antonio Luiz Capellista. Cagliostro, o Pontifice Maximo da espagyria, o estrenuo pro-

CAFÉ TAVARES

descobrir a sua idéa diaria no fundo das chavenas de café do segundo. Tambem Bocage e o seu *claro auditorio* davam alôr á imaginativa, emborcando os calices de genebra, de cró, de champurrião e de philippina, nos dois celeberrimos cafés do Rocio. O café e bilhar do Nicola foi estabelecido pelo italiano Nicolau Vitaliano, *o Nicola*, em 1779, occupando duas lojas do predio de D. José da Silva Pessanha, sito no Rocio, n.os 22, 23, 24 e 25, sendo as primeiras duas portas destinadas ao bilhar. N'aquella época, os botequins enxameavam pelo Rocio, porque só no quarteirão dos frades de S. Domingos havia oito, e no quarteirão dos Padres Vicentes (actual Francfort-Hotel) havia um e a loja de registos de Pedro Zanarte. Os preços das bebidas do Nicola em 1798 eram estes: almoço de café com torradas ou biscoitos, 200 réis; copo de ponche ou limonada, 30 réis;

pugnador da fuliginosa sciencia hermetica, foi preso no café *Neutral* e expulso do reino, por tentar difundir, subrepticiamente, o maçonismo, trabalho de sapa que teve contramina do Manique.

O café da Arcada do Terreiro do Paço (chamada a Arcada do Anselmo) já existia em 1782 com a denominação de Casa da Neve, que, passados dois annos, trocou pela de Casa de Café Italiana. Pertencia a Domingos Mignani e passou, mais tarde, a Martinho Rodrigues, creador do café Martinho.

Os dois primeiros cafés litterarios de Lisboa foram o Nicola e o botequim *das Parras*. Na vida lisbonense, representaram um papel semelhante áquelle que os cafés *Foy* e de *Suède* representaram na vida parisiense, porque Musset ia procurar idéas no fundo dos calices de absintho do primeiro e Emilio de Girardin ia

CAFÉ MARTINHO

frasquinho de licôr, 40 réis; copo de philippina ou de neve, 200 réis; bule de chá, 150 réis. No botequim da Opera de S. Carlos, estas bebidas duplicavam de preço. O Nicola foi trespassado a Joaquim Coelho de Athayde em 1801, conservando-se com o mesmo titulo, que tambem serviu de alcunha ao novo proprietario. Este café archi-celebre acabou em 1834. Mas ainda hoje existem descendentes do segundo Nicola (o Athayde). Este ultimo teve uma filha, Rosa Nicola, depois Rosa Pinto, que foi actriz no theatro de D. Maria II, estreiando-se na peça *Um par de luvas*. Passou depois para o theatro de D. Fernando e casou com o actor Pinto. Rosa e seu marido andaram na campanha da liberdade, em que elle militou e ella o acompanhou sempre. São seus filhos, isto é, netos do segundo Nicola, a actriz Appolonia Pinto e Julio Pinto (1).

O botequim *das Parras* estava nas lojas n.os 27, 28 e 29 do Rocio, e foi estabelecido em 1803 por José Pedro da Silva, o José Pedro *das luminarias*, assim cognominado por illuminar a frontaria do botequim nos dias de gala nacional. Na porta n.º 27, ficava o *Agulheiro dos sabios*, um gabinete em que se congregavam Bocage, Malhão, Pato Moniz, Santos e Silva, Bingre, D. Gastão, João Bernardo da Rocha, Pimentel Maldonado, e outros areopagitas, e onde se grazinava e se bebiam os copos de ponche, os vidrinhos de genebra e os copinhos de marrasquino. José Pedro protegeu Bocage, na vasante da vida do afamado e esfomeado poeta — estrella que não conheceu a manhã, flôr que feneceu antes da tarde. José Pedro era, na velhice, um homem alto, ossudo, de constituição robusta, um pouco curvado e de suissas curtas. Exerceu o logar de continuo da Camara dos Pares e era quem levava os copos de capilé ao Costa Cabral, quando este estadista tomava a palavra n'aquella casa do parlamento. O botequim *das Parras* acabou em 1851.

CAFÉ AUREA PENINSULAR

No anno de 1801, Domingos Ardição ou Ardisson fundou um café na rua Aurea, na mesma loja do actual café *Aurea Peninsular*. No tempo dos Francezes, succedeu-lhe o café de um tal Aguiar, estabelecimento que foi substituido pelo café do *Nobrega*, que,

(1) Informação do sr. José Antonio Moniz, illustre conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

por seu turno, cedeu o campo ao *Aurea Peninsular*. Antes de se estabelecer a illuminação a gaz em Lisboa, o *Nobrega* era illuminado por candieiros de azeite, que recebiam concerto no *Faz-Tudo* da travessa da Assumpção, onde tambem se concertavam os candieiros do Marrare, do conde de Farrobo e do marquez de Vianna. O mais antigo café do Chiado, foi o botequim do Theotonio José Leite, estabelecido em 1791 no predio que faz esquina para a rua Nova do Almada, ao qual succedeu o café do Lourenço, que terminou em 1836 ou 1837.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

Sonhos dourados

Passei a vida inteira construindo
O castello do Sonho e da Ventura
Para — imaginem minha desventura! —
Vêl-o desmoronar-se apenas findo!

Para povoal-o, o meu palacio lindo
Ella viria a suave creatura,
A que, entre tantas, o meu amor procura,
Sem jámais encontrar — tormento infindo!

Tudo cahiu, almas de sonhos fartas,
Tudo ruiu, do tempo aos camartellos
Como os castellos infantis de cartas.

Nescio que fui! Bem nescios e bisonhos
Os que erigem Alhambras e Castellos
Na areia movediça dos seus sonhos.

S. Paulo (Brazil).

Raul do Valle.

BATUQUE EM QUELIMANE

De Inhambane a Lisboa

(Continuação)

ONTINUAMOS a nossa marcha até ao Muabse onde chegamos 8 dias depois. A dois dias do Muabse, nas terras do Cabo de Mungaze, vimos um poço cavado em rocha, a que se seguia uma galeria de cerca de 30 metros de comprido.

Procurei saber a que era destinado — ninguem m'o soube dizer. Acampamos no cabo Mapinhane. E, no dia seguinte, depois de 9 horas de caminho por uma estrada detestavel, sem que se visse um palmo em redor, de tal modo era cerrada a matta de «Tamba» e «Accacia espinhosa», chegamos ao commando de Villanculos. Assente sobre uma duna, vê-se d'ali o mar até ás ilhas do Bazaruto, lindo panorama, mas tão triste que enerva só a ideia de ali se viver! Nem uma povoação, nem uma palhota a não ser as dos cypaes do governo.

Ao longe, cortando o escuro do terreno, serpeava o caminho para o Masive; á esquerda a estrada para Massinga e, cavalgando uma duna, o caminho para a praia, a 7 ou 8 kilometros do commando. Aqui descançamos 5 dias.

Antes de seguir para o sul, de regresso a Inhambane, tive vontade de ir ao limite do districto com a Companhia de Moçambique. Ninguem sabia dar-nos as menores informações do caminho.

Partimos. Depois de 10 horas de marcha, 18 kilometros d'uma mediocre estrada e 26 de caminho de pé posto, chegamos á povoação de Machimba no cabo Querquer onde pernoitamos. Ainda me lembro da triste impressão que aquillo tudo fazia. Sempre matto cerrado, a agua pouca e essa mesmo

má e longe, os pretos d'uma raça inferior, sem curiosidade, os seus cantos d'uma monotonia que fazia somno, um frio horrivel na madrugada, um horror em summa!

No dia seguinte puzemo-nos a caminho para a povoação Alveria, assim chamada por n'ella habitar ha bastantes annos um europeu chamado Alves. Nos 30 kilometros que percorremos, só encontramos agua uma vez, a meio quasi. Palhotas, nem uma só. Acampamos ali, indo no dia seguinte ao longo da praia até ao limite, no parallelo 22° S. Estavamos então pelo travez do Cabo S. Sebastião, aos nossos pés adormecidas as aguas da bahia Inhachidia, ao longe as ilhas do Bazaruto: Bangoa, Magaruque, Benguerua, Bazaruto, Carolina e mais duas pequenas, ligadas na baixa-mar ao continente, tudo isto formando um scenario magnifico, a contrastar com a região que até ali percorreramos, sem o mais pequeno relevo, sem o menor attractivo.

COMMANDO DE INHARRIME

Dois dias depois voltamos a Villanculos, passando pela povoação de Chifunhanga, seguindo a linha das 18 lagoas que correm ao longo da costa, d'uma das quaes, a Xenguana, a 15 kilometros do commando, nasce o rio Govuro ou Gohulo que d'ahi segue direito a Chirruso, já nos territorios da Companhia de Moçambique.

Em Villancullos nos demoramos 2 dias. A viagem que já fatigava em extremo, os nossos carregadores, indigenas do norte, que eram fracos, preguiçosos e indolentes, tudo nos aconselhava a chegarmos cedo a Massinga onde poderiamos refrescar e arranjar gente nova.

Para ali partimos e depois de 8 horas por uma estrada pessimamente conservada, chegamos á povoação de Murry onde acampamos para passar a noite; no dia seguinte continuavamos a nossa marcha para Massinga, por uma estrada boa e bem arranjada, chegando ao commando 8 horas depois. Só nos demoramos 2 dias ali. A 1 hora e meia do commando ficava a herdade do illustre africanista e meu amigo Miguel Paes e, accedendo ao seu amavel convite, para ali fomos.

Ainda me recordo e recordar-me-hei sempre da impressão que em mim fez a entrada na herdade. Parecia que, por uma manobra de magica, se tinha rasgado o estreito horisonte d'aquella paisagem triste, transportando-nos ao nosso ridentissimo Portugal. Tudo limpo, tudo cultivado com esmero, largas ruas, os pretos em trajes berrantes trabalhando alegres e contentes, e lá no cimo do monte, dominando os campos, a casa de habitação, os celleiros e os curraes, tudo muito caiado, muito branco, a destacar-se no azul do céu.

Hospitalidade, a da nossa terra portugueza, que não tem rival.

Eu vinha cançado, moido de febre e não me recordo já de como passamos aquelles dias. Lembro-me d'elles como de um sonho delicioso. E recordo-me ainda de, ouvindo

n'um phonographo (que não era dos peores, por signal) uma velha canção nacional, eu a ter sentido mais do que nunca, mais do que nunca empolgando-me o coração a saudade d'esta terra bemdita, vinhedo em cachos, roseiraes em flôr, terra onde eu amei, terra onde eu soffri, onde deixara tanta vez em pedaços o coração, mas que talvez por isso mesmo eu cada vez mais queria, dia a dia mais e com mais amor d'ella me lembrava.

A 43 kilometros de Massinga ficava o commando de Macoduene para onde partimos de madrugada chegando ali ao pôr do sol. Estava o commando em festa, com as mesmas danças que no sul, os homens batendo o compasso na «Timbira», as mulheres requebrando-se no «Chibobo» e na «Massessa». Tinha-se acabado o mar de Tamba que era todo o norte e noroeste do districto, para dar logar ao coqueiro em flôr, á palmeira, aos milheiraes. E o terreno, cheio de relevo, offerecia aos olhos um surprehendente espectaculo. A raça indigena já se aproximava da do sul, dos commandos de Inharrime e Zavala: já as pretas eram mais elegantes, mais delgadas as cinturas, mais firmes os collos; as tiras de pelles ou de casca de arvore, verdadeiras folhas da hera paradisiaca que constituiam toda a toilette das mulheres de Villanculos, já aqui eram substituidas por pannos de côres variegadas, dando no conjuncto um curioso effeito. As suas danças, se não tinham ainda todo o requebro das do sul, eram já mais harmoniosas, mais agradaveis á vista que as monotomas cantilenas do Masive e do Muabse. Só uma semelhança perfeita havia entre todas as gentes do districto: era na lettra das canções. Essa (eu tive a curiosidade de pedir a traducção d'algumas d'ellas) era de fazer corar... um preto!

Dois dias depois partimos para Morrumbene, atravessando o rio para vermos a Missão do Mongué, visita esta que nos foi bem agradavel porque pudémos então ver o que, n'uma terra inhospita, n'um meio absolutamente hostil a tudo quanto seja trabalho e virtude, se pode conseguir quando se tem alma, vontade e fé. A missão, em principio installada n'umas miseraveis palhotas, já então tinha regulares edificios de pedra e cal, construidos pelos alumnos sobre a direcção dos Missionarios e Irmãos leigos. Officinas de carpinteiro, serralheiro, encadernador, typographo, etc., adestravam os pretos, habilitando-os a ganhar a vida, elevando-lhes o nivel moral. Uma paz immensa pairava por sobre aquella terra toda, a paz e a serenidade do dever cumprido, quantas vezes com quanto sacrificio, á custa de quanto soffrimento e com quão grande dedicação!

EM N'HANGELLE

(No segundo logar, a esposa do director dos trabalhos; no ultimo, o engenheiro das minas)

Por uma estrada, sombreada de coqueiros e palmeiras, bordando a bahia, nos puzemos a caminho para o commando da Maxixe, fronteira á villa, passando pela missão

americana de Chicuque, tendo occasião de ver a maneira como estava montada e a forma modelar do ensino ali, e para nós mesmos pensar no grave perigo que da sua acção pode resultar para a nossa colonisação se a ellas não oppuzermos a acção de missões portuguezas intelligentemente organisadas. Visitamos o compound da «Withwatersrand Native Labour Association», e um quarto de hora depois chegavamos ao commando. Aqui descançamos 3 dias, ao som de marimbas com que desde que o sol se levantava até que no occaso se sumia e quantas vezes mais tarde ainda, nos atormentavam os ouvidos, já moidos do harmonium importuno com que um telegraphista mulato entretinha as 24 horas de descanço que para elle tinha cada dia.

A viagem durava já ha dois mezes e nós estavamos cançados. Mas quizemos ainda visitar o commando de Homoine. E por bem empregado dei mais essas quatro horas de cavalgada. Na esplanada do commando centenas de pretos e pretas dançavam. Ao chegarmos acolheu-nos um formidavel «baiete». Pela primeira vez eu vi uma das danças de mulheres. Já me não lembro do nome d'ella. Só sei que era adoravel, era um encanto. Ellas requebravam-se, elles endoideciam. Era a vida, cheia de alegria e força, e era a dôr, soluçante e triste, em compassos lentos, como uma lagrima que desliza por uma face querida.

DRILL N.º 2

Ao som de palmas, compassadamente batidas, sahia uma d'um lado outra do outro d'uma roda. O compasso ia sendo cada vez mais rapido e cada vez mais requebrados, mais entontecedores iam sendo os movimentos d'ellas. Mas a musica tornava-se agora dolente. E, então, era o movimento d'uma cobra, em zig-zags lentos, qualquer coisa que rangia e rangendo morria. Já me não lembro do nome da dança. Só me lembro de que representava uma scena d'amor: um encontro, um olhar que é uma confissão, uma palavra que é uma supplica. Depois vinha o desdem, a descrença. Mas logo o amor apparecia outra vez; e, então, ás gargalhadas frescas acolhendo um olhar amante, seguia-se o rubor d'um aperto de mão fugidio, um beijo trocado ás escondidas, palavras loucas a transbordar do coração, o supremo delirio, o beijo supremo.

Depois, depois... não sei. Cada um para seu lado, ambos chorando, ambos dando a vida de bom grado para que se repetisse um tempo que só d'elles depende que volte, mas... que não volta mais. — A vida...

Em percorrer os arredores do commando levamos ainda tres dias, passados os quaes, atravessando a bahia num escaler a vapor, fomos ver o pharol da Burra. Desembarcamos na praia, a approximadamente 6 kilometros do pharol. Depois em machila fomos até ali, pondo-nos novamente a caminho para a villa umas 3 horas passadas.

Chegamos a Inhambane era já noite, cançados, moidos e cheios de febres ainda. Mas o tempo faltava e queriamos antes de partir visitar a circumscripção de Guilalla, a 6 horas pouco mais ou menos da villa. Habitada por bitongas, os usos e costumes são quasi os mesmos de Inharrime: as mesmas danças, os mesmos cantos, a mesma elegancia das mulheres e homens. Ali pernoitamos, regressando no dia seguinte a Inhambane.

E quatro dias depois, apoz uma faina medonha, fazer malas, arranjar caixotes.

um inferno, em summa, tomei o vapor que me ia levar á Beira onde devia embarcar n'um dos grandes paquetes allemães que faziam a carreira entre a costa oriental africana e esta Europa de que ha um anno estava longe, e de que dia a dia tinha mais saudade. Um abraço amigo aos companheiros d'essa longa jornada, a ida para bordo, o levantar ferro, e, horas depois, as terras de Inhambane a desapparecerem n'uma nuvem esfumaçada . . .

Lá ia a caminho do Egypto.

II

DE INHAMBANE AO EGYPTO

No dia seguinte, depois d'uma massadora viagem sem um unico companheiro com quem trocar duas palavras, cheguei á Beira onde tinha de esperar o paquete para o norte.

Entretive-me vendo a cidade que é em extremo curiosa. Parece que tudo aquillo foi construido na vespera e no dia seguinte o vão mudar para outro logar. Casas de madeira, mas elegantes, uma ou outra de tijolo, as ruas de mau piso, areentas, mas largas e bem delineadas, bars, cafés-concertos, indigenas de fatos de côres berrantes, uma miss que empurra n'um carrinho um baby loiro como o sol, uma ingleza de oculos a acompanhar uma miniatura de Watteau, um caminho de ferro que mais parece um brinquedo de creanças, tudo com um aspecto muito especial, muito differente do das cidades europeas. Conhece-se, sente-se que aquillo se ergueu d'um jacto, de repente, obra de gigantes que d'um dia para o outro desbravaram a terra, limparam-n'a, construiram edificios, levantaram monumentos, montaram linhas de caminho de ferro, abrindo á luz da civilisação o que na vespera em um terreno alagadiço onde só o mangal se erguia, triste, reflectindo a custo a imagem dos seus ramos escuros nas aguas lodacentas do rio.

Um pouco distante da cidade fica a povoação indigena — palhotas maticadas, imitando já as construcções europeas, no meio d'uma eira pretas que malhavam mapira, outras que descascavam milho, e outras ainda pisando amendoim, no vae-vem continuo d'um pilão a que faziam acompanhamento as cabeças dos filhos que traziam

BEIRA

amarrados ás costas! E, por toda a parte, os mesmos batuques mais ou menos licenciosos. Aproveitei o dia seguinte para vêr mais minuciosamente a cidade.

Uns carrinhos de quatro rodas, parecidos com um ricks-haw, girando sobre uns rails, empurrados por dois alentados pretalhões, permittiam fazer este passeio sem o menor cançaso. As ruas Castilho e Ennes são em verdade soberbas, nada ficando a dever, a não ser no piso, ás mais largas de Joannesburg e Durban. Casas boas, grandes, alegres á vista pela variedade das côres de que estão pintadas, a praça do Conselheiro Almeida fazendo lembrar o jardim d'uma terra de provincia, passeios cruzando-se em todos os sentidos, tudo isto animado com as gargalhadas dos muleques e a algazarra infernal dos gregos turbulentos e aventureiros que constituem para a Beira, segundo me informaram, uma verdadeira praga.

UMA RUA DO CHINDE INUNDADA PELAS CHUVAS

Destacando-se entre a folhagem de palmeiras e coqueiros, a egreja portugueza, com as suas duas pequenas torres brancas como neve. N'um largo, um poço em que uma duzia de moleques com as fardas mais phantasiosas que é dado imaginar, enchiam baldes de zinco.

No rio, a montante da ponte de desembarque, um resguardo para os dongos dos indigenas e lanchas de carga e descarga dos paquetes. A outra margem desenhando-se n'uma linha verde escura, sem o menor relevo; o pharol, lá para os lados da barra, erguendo-se esguio sobre a areia, e, alumiando este scenario soberbo, um sol de abrazar n'um céu d'um azul purissimo.

Quiz ir vêr a estação do caminho de ferro para Macequece, não pelo edificio, uma regular barraca de madeira, mas pela recordação agradavel que para mim tinha, por ser testa da grande linha que atravez do territorio portuguez até Macequece, ia depois para essa Rhodesia que eu tanto admirara dois annos antes, como a manifestação sublime do que poude a vontade d'um homem, que, amando verdadeiramente a sua terra, a ella deu toda a sua vida, a sua intelligencia, o seu coração, e que, ao morrer, soube no seu testamento verdadeiramente extraordinario legar-lhe... um imperio!

Com grande magua não repeti d'esta vez a viagem a Victoria Falls, um dos panoramas mais imponentes que até hoje vi. Mas o paquete devia partir n'aquelle dia. E, com uma saudade que só sabe o que seja quem um dia sahiu do canto commodo do seu sophá para correr aventuras por esse mundo de Christo, eu vi o comboio partir, levando atravez d'essa Africa sempre tão attrahente de mysterio, um grupo de inglezes que na Rhodesia iam caçar.

Era o *Feldmarschall* da Deutch Ost Afrika Linie o paquete que me ia levar a Port-Said. Fui para bordo. Adeus, pretas lindas,

de corpos de estatura antiga, de côr d'ebano purissimo; adeus, graciosas dançarinas de Inharrime e de Zavalla, que tinheis nos olhos negros o mysterio da noite e no corpo divinal uma epopeia d'amor; adeus! Agora, a amar, só se fôr uma bar-maid que devia ter sido linda no tempo do grande Frederico, ou uma velha ingleza, massadora, feia e, para mais.., espiritista. Um casal britannico puro, elle o genuino typo do homem que sabe para onde vae e o que quer, ella uma adoravel creatura, muito loira, muito rosada, um amor; uma cocotte ingleza que deitava a toda a gente olhares de fogo e á noite jogava o bridge com as pernas em cima da meza; meia duzia de farmers transwalianos a abarrotar de libras e de wisky; tres allemães, brutos como tudo quanto de mais bruto Deus deitou a este mundo; uma franceza que dançava o can-can e cantava o «il n'y a pas de femme nue» e outras coisas mais no mesmo fresquissimo genero; um casal unico, impagavel, elle o purissimo, o inconfundivel marido... complacente, ella, feia, affectada, de toilettes tão extravagantes sempre que quasi se podia dizer que o decote começava onde acabava o arregaçado da saia; duas ou tres inglezas do Cook e uma meia duzia de anonymos mais ou menos insignificantes, tal era a gente com que me encontrei a bordo e com a qual, valha a verdade, passei bem bons bocados.

EGREJA DO BOROMA

Parámos defronte da barra do Chinde para metter a bordo mais alguns passageiros, levantando ferro duas horas depois.

No segundo dia de viagem, houve baile masqué — hei de sempre sempre lembrar-me d'elle: vesti-me de pachá e dançamos, dançamos até não poder mais. Cahimos extenuados. Pouco depois acordamos e, nunca poude explicar como, quando, extremunhado, me espreguiçava, senti um braço preso. Puchei com força — trouxe uma mecha de cabellos. Era o... chinó da ingleza espiritista que se tinha enganado de beliche... Um pavôr!

Chegamos a Moçambique.

Já deante dos nossos olhos se estendia havia horas a costa do districto, a barra de Môma onde dois annos antes eu tinha desembarcado por occasião da campanha contra o Farelay, a entrada do Larde, para mim com a recordação d'um banho eminente e que teria sido.. longo se não fôra a Providencia que parece ter especial carinho pelos marinheiros portuguezes, ter-nos d'elle livrado a tempo, as ilhas ao longo da costa, as areias altas da praia, tudo isto formando um scenario unico — a Africa em toda a sua nudez mysteriosa que encanta, que seduz para sempre quem um dia n'ella desembarcou.

Deixando á esquerda o pharol, entramos no porto de Moçambique. Um sol ardente n'um céu sem uma nuvem, alumiava todo o panorama — á esquerda, a ilha de Moçambique, pezada casaria de pedra, no gosto das nossas casas antigas de provincia, o pa-

lacio sumptuoso de S. Paulo, a residencia do governo do districto, a egreja junto ao palacio, e lá no extremo a fortaleza de S. Sebastião, a attestar o nosso antigo poderio.

Diz a tradicção que foi feita com pedra ida do reino. Não creio que o fosse senão o escudo de armas que tem sobre a porta. Mas, ainda mesmo quando assim seja, que extranha commoção se não experimenta ao vêl-a, ao pisar aquelles baluartes de que cada pedra é uma gotta de sangue de portuguezes valorosos, d'esses que a esta Patria deram tanta grandeza e tanta gloria, que, intemeratos, levando n'uma mão a pesada espada e na outra a cruz de Christo, a dar-lhes força na lucta e magnanimidade na victoria, levaram o nome de Portugal aos mais longinquos páramos do mundo!

A fortaleza é hoje o deposito de degredados!

A' noite, grande batuque na ponta da ilha onde fica o bairro indigena. Para lá fomos todos. As danças eram differentes das do sul. Já não havia as canções de guerra, já se não ouviam as marimbas tocadas com a maestria de Inharrime e Zavalla. Um batuque (tambor) fazia todo o acompanhamento. As danças, devido talvez á influencia dos arabes, profundamente radicada nos usos e costumes d'esta região, eram semelhantes ás que depois vi no Egypto ás oualmés, embora sem a graça dolente d'estas. A duas e duas, ou quatro e quatro, os seus passos eram d'uma grande sobriedade, concentrando-se todo o movimento no ventre que descrevia curvas phantasticas, a que deviam corresponder eguações d'um grau tão elevado que estou convencido nunca ninguem as poderá, no papel, resolver...

A franceza, minha companheira de viagem, estava descontente. Não levantavam as pernas... Uma massada! Aquillo só no «Olympia» ou no «Moulin Rouge». A ingleza velha e espiritista tentava hypnotisar um pretalhão finorio; a cocotte ingleza foi visitar antigos conhecimentos; e eu, muito massado, muito moido e já farto de danças e batuques, deixei-me adormecer prosaicamente emquanto uma das damas do Cook, de pé num rochedo da praia, recitava languidamente, voltada para o mar que se lhe quebrava aos pés, sonetos de Shakspeare.

Fomos para bordo. Um luar soberbo illuminava todo o continente. As terras do Mossuril cobertas de palmares, a Cabaceira com as suas casas a destacarem-se muito brancas na noite, o palacio dos antigos capitães-móres, o palacio do governo, o azylo das Irmãs de S. José de Cluny, e para o norte, aqui e além, uma arvore solta, desgarrada nas areias da praia, sobre as quaes o pharol da ilha de Gôa deitava de quando em quando reflexos doirados.

D'ahi a duas horas levantamos ferro para Pemba onde chegamos de manhã. O porto, verdadeiramente soberbo, pode abrigar uma enorme esquadra. Mas nem um navio lá encontramos. No alto d'um monte uma casa de madeira e zinco, algumas palhotas, material de caminho de ferro abandonado na praia, tudo causando uma grande impressão de tristeza e de abandono. Poucas horas nos demoramos. Fomos ainda a terra mas nada de curioso ali vimos. Voltamos para o vapor que ia partir.

Depois de duas noites e um dia de pessima navegação por um mar que, apezar da tonelagem enorme do navio, nos fazia dançar como piões, entramos em Kilwa, de margens cobertas de palmares, aqui e além uma barraca de zinco, uma ponte de ferro dando para o caes, uma ridente estrada abobadada de arvoredo até á cidade, onde nos levaram a trote largo, apezar da subida, dois gericos pequenos mas fortes, puchando a mais espantosa caranguejola que até hoje vi. A cidade tinha um aspecto alegre com as suas casas no genero arabe, caiadas de branco, de terraços murados, de janellas ogivaes que grades de madeira fechavam, o estylo oriental que d'ali até Ceuta domina em toda a costa africana. Fomos vêr o mercado, um barulho de ensurdecer, arabes, mouros, negros e mestiços de cabaias brancas e cofió, berrando, fazendo tregeitos, procurando enganar-se mutuamente na venda de mil bugigangas, todas com o caracteristico especial de não servirem para coisa alguma.

Almoçamos n'um magnifico restaurante.

E depois de uma volta pela parte mais velha da cidade, um amontoado de casas, de ruas estreitas e tortuosas, regressamos a bordo onde fomos encontrar a mais... uma companhia lyrica que vinha para a Europa!

(Continúa.)

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.

Um passeio ao Cadaval

Interessante parada e espectaculo commovedor. — Cento e dezesete creanças salvas da miseria. — O alcance humanitario e civilisador d'uma instituição. — Impressões d'uma jornada inolvidavel.

IA 25 de abril de 1909. Manhã idealmente formosa, como costumam ser as manhãs de primavera n'este abençoado trecho da Peninsula, que não teem nada que invejar ás da Andaluzia ou ás de Italia, tão decantadas pelos poetas!

Estas manhãs azues, de brisas perfumadas, attrahem aquelles que são artistas e amam o bello e o grandioso, aos campos, onde a natureza se desentranha em perfeições, na sua incomparavel magestade, ao calor vivificante d'este sol rutilo, que nos sorri quasi constantemente n'uma caricia, fazendonos amar a vida no que ella tem de bom e de agradavel, e... apezar do muito que nos reserva em tristezas e em amarguras.

Mas... ponhamos de parte a litteratura e não divaguemos.

Não é de litteratura que se trata,

Antes de proseguir, leitor, uma pergunta: Tens confiança em mim?

Necessito sabêl-o como questão prévia...

No caso negativo, apagarei immediatamente a minha lanterna e sahirei pelo fundo. Mas, se, com effeito te confias á minha discrição, de corpo e alma, vaes acompanhar-me n'uma pequena viagem,

Não é necessario que arranjes malas e bagagens. A viagem é curta e basta que pônhas o chapéo e pegues na bengala e venhas d'ahi commigo.

Onde vamos? Perguntas-me onde vamos?...

Oh! tranquillisa-te, amado leitor. Não é a um logar inconveniente nem a uma aventura ruim que pretendo levar-te. Mercê de Deus, sou pessoa bem comportada e de exemplares costumes. Em minha companhia ninguem se preverte nem se extravia do bom caminho. Seria incapaz de conduzir-te a um espectaculo dissolvente e menos honesto. Pelo contrario, quero mostrar-te alguma coisa saudavel, que te edifique, que te sirva de proveitosa lição, que te dê um exemplo da dignidade humana.

Não tenhas hesitações... Vou mostrar-te um espectaculo que talvez encontres absolutamente novo e que te parecerá attrahente, commovedor e cheio de encantos... se é que possues, como eu presumo, um coração que sinta e que palpite.

Não suspeites de que eu pense em guiar os teus passos para os sitios devastados pelo cataclismo tristemente assignalado para os portuguezes. Não!

Não vou conduzir-te a essas regiões desoladas onde as mysteriosas e titanicas convulsões da Terra levaram n'um momento a dôr, o luto, as lagrimas, a ruina, a inquietação!

Para que aggravar as tuas tristezas e avi-

var as tuas apprehensões, pondo diante dos teus olhos um espectaculo de terror e de morte?

Para quê? Ao contrario, deligenciarei inculcar-te animo, desannuviar-te o espirito, mostrar-te alguma coisa jubilosa, que nos afaste dos sinistros pensamentos e nos faça pensar na vida. A todo o tempo é tempo de pensarmos na morte... que não nos esquecerá, para vir bater-nos á porta em tempo opportuno, quando a parca assim o determinar.

Vamos, pois, tomar logar em uma carruagem de segunda classe do comboio de Oeste, que ás sete horas e meia da manhã sahirá ali da estação do Rocio.

Não iremos affligir os nossos corações, já de si opprimidos, na contemplação dos effeitos da catastrophe.

Tomemos differente rumo, uma vez que o nosso auxilio não faz falta n'esses logares sinistros, onde outros se dedicam heroicamente a soccorrer os que soccorro necessitam.

Onde vamos, então?

Já o iremos saber. Não nos precipitemos!

Dirigimo-nos, não precisamente á região assolada pelo terremoto; mas do sitio para onde vamos até lá, distam muito menos kilometros que de Lisboa.

*

Eis-nos commodamente installados na carruagem.

Tres campainhadas e um apito e o resfolegar da machina annunciam-nos que é hora de nos pôrmos a caminho.

As coisas, felizmente, começam com bons auspicios, pois n'este compartimento só vêmos pessoas conhecidas, que nos proporcionarão boa e agradavel palestra, d'aqui até ao termo da nossa viagem. Esta parecer-nos-ha brevissima e não lhe sentiremos a fadiga nem a monotonia.

DOIS NOIVOS

A noiva pertenceu ao Albergue

Aquelle homem de tranquilla physionomia e compridas pernas que tu ali vês, e que, julgado pelo seu aspecto, tanto poderá ser um major á paisana como um respeitavel funccionario publico, é um dos directores do Albergue das Creanças Abandonadas. E' em summa, o Morgado, o conhecido Morgado, o infatigavel Morgado, o insubstituivel Morgado! E' o enternecido e bondoso amigo das creanças, mais que um sacerdote da religião do bem, um seu devoto dedicado até ao fanatismo!

Ha quantos annos eu o conheço, empenhado n'esta cruzada em beneficio d'essas tenras creaturas desamparadas e privadas do calôr e dos afagos maternos desde os primeiros annos. . e impiedosamente açoitadas pelos ventos da desgraça! Ha quantos annos elle anda n'isto, obscuramente, sem obedecer a outros impulsos que não sejam os do seu grande coração!

—Todas as mizerias, todos os infortunios, todos os dramas da vida nos sensibilisam! — diz o Morgado quando se fala d'este assumpto; — mas a desventura d'uma creança que perdeu a mãe sem, muitas vezes, ter conhecido o pae, e sem ter no mundo *ninguem* que lhe queira com verdadeiro amôr e que lhe dê carinhos e afagos, é uma coisa superior ás nossas forças!

E este enternecimento, que define uma alma, constituiu para o grande Morgado a preoccupação de sempre, uma especie de *ideia fixa* que parece absorvel-o.

A intimidade verdadeiramente fraternal das relações entre o Morgado e o auctor d'estas desalinhadas *notas de viagem*, deriva precisamente d'este motivo: *as creanças abandonadas!*

Oh! estava-se ainda muito longe da creação do Albergue, e os casos de abandono da infancia succediam-se com uma reincidencia desconsoladora, sem que ninguem soubesse que destino dar a essas infelizes

creaturinhas da rua... *Les enfants du ruisseau*, segundo a expressão usada pelos francezes.

Mas, então, nunca houve creanças abandonadas?... Ou estas nunca tiveram quem olhasse para ellas?...

O Morgado não podia supportar este esquecimento, esta falta de providencias! E, de cada vez que, na repartição em que officiava de chefe, um dos seus subordinados lhe apresentava uma creança sem pae, nem mãe, nem agasalho, nem pão, era para elle um novo desgosto! Procurava os jornalistas nas redacções ou escrevia-lhes longas epistolas, advogando calorosamente a causa das creanças e solicitando os bons officios da imprensa, contra esta deshumanidade que, a seus olhos, assumia as proporções d'um delicto social!

— Escreva um artigo em defeza d'esta causa justa! — exclamava elle cheio de vehemente convicção. — Chame a attenção das auctoridades superiores, dos poderes publicos, das pessoas de bons sentimentos para este lamentavel estado de coisas que nos envergonha e que nos confrange o coração!

VISTA DO CONCELHO DO CADAVAL
(Tirada da colina do poente)

E explicava prolixamente a situação.

Assim arranjou o Morgado em cada jornal um redactor amigo de quem fez um interessado e um enthusiasta na cruzada a que elle sósinho se dedicou durante muitos annos.

A imprensa occupou-se, effectivamente, com persistencia d'este assumpto. E todos esses numerosos artigos que ácerca do caso urgico appareciam nos diarios eram os eccos da voz modesta e occulta do Morgado!

Era elle o inspirador dos jornalistas, o auctor indirecto d'esses caudaes de prosa que, primeiramente, passaram como *vox clamantis in deserto* e que, por fim, lograram commover o publico, tendo como resultante a creação d'esta obra magnanima que se chama o Albergue das Creanças Abandonadas, de que esse mesmo Morgado tem sido a vida, o nervo, a alma!

*

A sociedade que occupa este compartimento de segunda classe é na realidade excellente.

Ao lado do Morgado vae o dr. Nuno de Gusmão, o clinico illustre que disfructa merecidissimos creditos profissionaes e que reune a sua reputação scientifica á d'um primoroso caracter. E' um dos medicos do estabelecimento, ao qual tem prestado assignalados serviços, devotado amigo da infancia e verdadeiro humanitario, honra da medicina portugueza.

E quem mais vem?

Ah! o Augusto Morgado, moço intelligente, activo, sympathico, já iniciado nos assumptos do Albergue das Creanças Abandonadas, ao qual presta os seus serviços, com zelo pundonoroso e com aptidão muito para notar; — é, emfim, o discipulo de seu pae, de quem segue os bons e honrados exemplos, sempre desejoso de cumprir exactamente o seu dever, sempre insaciavel na sêde de estudar e de saber.

E para que nada falte a esta expedição, até a arte vae representada. Aqui temos o distincto photographo Armindo da Silva, da casa Grillo & Sá, munido d'uma das suas melhores machinas e de todo o apparelho necessario para reproduzir pela photographia os quadros mais pintorescos da paizagem e as scenas mais palpitantes d'esta jornada.

Desde que o comboio se engolfou na escuridão do tunnel, anima-se a palestra no nosso compartimento ou, para melhor dizer, seu itinerario rotineiro, rolando sobre os rails, rallentando a marcha nas subidas e accelerando-a nas planuras, detendo-se em apeadeiros e estações, ninguem n'este compartimento tem ensejo de bocejar.

A viagem vae-se fazendo sem se dar por isso.

Mas, passado o primeiro tiroteio de chalaças e *humoradas* alegres e inoffensivas, quasi ingenuas, a conversação vae derivando insensivelmente do jocoso para o serio e vem cahir,

GRUPO DE RAPAZES DO ALBERGUE, COLLOCADOS NO CONCELHO DO CADAVAL

trava-se um tiroteio de ditos e chistes que promovem a hilaridade geral.

O Morgado, com aquelle aspecto de *pince-sans-rire* que nós lhe conhecemos, dispõe d'um inesgotavel repertorio de agudezas e occorrencias que ninguem póde presumir-lhe. Em sua companhia não nos invade a tristeza nem o tedio.

A exhuberancia de boas chalaças denota n'elle o maximo da satisfação. E o Morgado está felicissimo n'esta viagem. Signal evidente de que está satisfeito. E' que o dia para elle não é *diem perdidi!*...

Emquanto o comboio vae percorrendo o sem se saber como, no assumpto das creanças.

E' o ponto fraco do Morgado! E por isso elle cessa de dizer as graças e os commentarios que vem prodigalisando com tanto aproposito.

Pela millionesima vez, faz a historia do Albergue, elogiando calorosamente quantos teem levado uma pedra áquelle edificio de benemerencia, que constitue o objecto dos seus amores, abstendo-se modestamente de se attribuir quinhão, por mais parco que seja, na partilha de gloria que corresponde aos obreiros d'aquella instituição, que é hoje alguma coisa.

Segundo o seu dizer despretencioso, nada tem feito, senão zelar, como póde e sabe, os interesses d'aquella casa, á qual, na realidade, prestou e está prestando serviços de inestimavel valor.

Todos os companheiros da viagem conhecem, mais ou menos miudamente a historia da fundação do Albergue, mas o Morgado está a par de todo o seu movimento, de todas as suas particularidades e sabe de memoria onde param a estas horas perto de dois mil rapazes e raparigas que por ali teem transitado e ao Albergue devem a sua salvação moral... e talvez physica. Recorda os nomes de todos elles e tem de cór as circumstancias em que cada um se acolheu á protecção da casa.

E' interessante apreciar a precisão e a lucidez com que elle faz o relatorio... oral do Albergue das Creanças Abandonadas e é curioso observar como elle é cioso da felicidade, do bem estar e do futuro de toda aquella pequenada para quem é um desvelado pae!

Raros são os paes tão dedicados.

E' com verdadeiro orgulho, um orgulho que não tem nada de vaidoso, que o Morgado enumera os beneficios que aquella instituição tem espalhado, nos doze annos da sua existencia.

Ninguem pensou, quando foi da fundação do Albergue, que elle viesse a prestar tão grandes serviços á infancia. Presumiu-se que remediaria de momento muita desgraça... e já não era pouco! Esses serviços fôram muito além do que se esperava. O anjo da Caridade alargou as suas azas e abrangeu mais largo espaço... para receber debaixo d'ellas maior numero de infelizes que necessitavam o seu calôr.

GRUPO DE TUTORES E TUTORAS DE CREANÇAS DO ALBERGUE, COLLOCADAS NO CONCELHO DE CADAVAL

Alguns dos internados dos dois sexos, admittidos nos primeiros annos, teem posição e contam com o futuro. Outros vão encaminhados na carreira da vida honesta e da felicidade que dão o trabalho e a virtude.

E, d'onde vieram todas essas creanças ou quasi todas?

Da rua, onde as mais bem formadas crea-

turas se perdem e se pervertem, começando pela vadiagem ociosa e acabando pelo vicio e pelo crime!

Os vadios, os gatunos, os desordeiros, toda essa onda miseravel, que a policia persegue e que a justiça condemna e que constitue um flagello para a nossa sociedade, procede d'onde procederam aquelles rapazes e aquellas raparigas que o Albergue salvou da voragem, tornando-se pessoas uteis e de bons costumes, capazes de contribuirem com o seu trabalho e com o seu exemplo para a riqueza da nação.

Em Villa Franca de Xira, em Alemquer, em Azambuja, no Cadaval, em Obidos, nas Caldas da Rainha teem sido collocadas, por intermedio d'aquelle estabelecimento, em casa de lavradores ou de industriaes, nada menos que quatrocentas creanças!

Muitas d'ellas, que ao ser recolhidas pelo Albergue, se apresentavam magras, enfezadas, anemicas e com todos os indicios da mizeria physica e moral, transformaram-se completamente no campo, graças á existencia methodica e regrada de trabalho, graças á alimentação abundante e sadia que lhes proporcionam os seus protectores, graças á pureza dos ares e á excellencia das aguas.

O campo é a saude, é a vida, ao passo que os grandes centros, com as suas agglomerações, com as suas contaminações inevitaveis, de vicios e de maldades, são a ruina e a morte!

DE VISITA AOS MENORES DO ALBERGUE NO CADAVAL
1.º *Pio Fontes Pereira de Mello* — 2.º *Dr. Nuno de Gusmão* — 3.º *Alexandre Morgado* — 4.º *Agente Andrade* — 5.º *Augusto Morgado.*

O Morgado confessa-se satisfeito com a obra do Albergue. Mas aspira ainda a muito mais.

Segundo o seu desejo, nenhum rapaz ou rapariga seria entregue a um protector da provincia, sem ter feito o exame de instrucção primaria. E' verdade que durante a permanencia na casa nenhum deixa de ir á aula,

onde a todos se ministra instrucção, e tambem é certo que muitas das familias que tomam a seu cargo um albergado o mandam á escola.

Mas isto não basta. E' necessario garantir a todos a posse das primeiras lettras a fim de melhor os preparar para os combates da vida e para contribuir d'alguma maneira para a extincção do analphabetismo, do mesmo modo que para a extincção da vadiagem.

Não é mettendo na cadeia os vadios que se extingue a vadiagem. E' fazendo d'elles cidadãos. E' mandando-os á escola. E' inculcando-lhes o gôsto pelo trabalho. E' ensinando-lhes a honra e o dever.

Chegámos, emfim, ao Bombarral. Apeêmo-nos aqui, e deixemos o comboio seguir o seu destino: S. Mamede, Obidos, Caldas da Rainha.

Emquanto o trem continúa na sua marcha monotona, vamos nós ao almoço.

E emquanto nol-o não servem, continuemos conversando.

No Cadaval e immediações ha actualmente collocadas, em casa de honradas familias, nada menos que cento e dezesete creanças, das quaes cinco são meninas.

O Albergue não confia uma creança a uma familia sem que tenha procedido a uma rigorosa informação ácerca da honorabilidade dos protectores.

Adquirida a certeza de que essa familia é, sem duvida alguma, gente de bem, é-lhe entregue a creança.

Mas a direcção ainda não se dá por satisfeita com esta informação preliminar. Tem correspondentes nas proprias localidades, de quem recebe noticias, com bastante regularidade, ácerca do modo por que são tratados os seus protegidos, estado da sua saude physica e moral. De quando em quando, ainda envia um empregado de sua confiança em visita de inspecção, — visita que nunca é annunciada e que os tutores da pequenada recebem inesperadamente.

Depois de todas estas medidas, pelas quaes a instituição vela pelos seus protegidos, como poderia fazel-o uma mãe carinhosa e solicita, ainda ha a visita annual da direcção e do medico, que se realisa geralmente na primavera.

E' uma *revista em ordem de marcha* que não dispensa a inspecção clinica.

VISTA DO SANGUINHAL
REGIÃO ONDE ESTÃO COLLOCADAS MUITAS CREANÇAS DO ALBERGUE

Todos os tutores recebem previamente a indicação de que devem encontrar-se com os seus tutelados, a uma hora determinada do dia designado para esta interessante parada, na administração do concelho do Cadaval.

O administrador compraz-se em prestar o seu valioso concurso, collaborando, d'esta sorte n'uma obra de grande alcance moral e humanitario.

. . . .

Mas o almoço terminou. Eis-nos em carruagem, a caminho do Cadaval, por uma bella manhã banhada de sol, que torna mais linda e suggestiva a paizagem, á esquerda e á direita da estrada que vamos transitando...

estrada que, por signal, não se encontra em estado muito lisonjeiro.

São seis kilometros de tombos e solavancos que nos despedaçam os ossos, mas de que nos compensam largamente a belleza do panorama e os commentarios alegres do Morgado.

Ao cabo d'uma hora, — pois a estrada não permitte marchas acceleradas e obriga o cocheiro a caminhar com circumspecção, — chegamos, finalmente ao Cadaval. A rua onde é situada a administração do concelho está cheia de gente camponeza: homens e rapazes de barrete e chapéo desabado, ostentando os seus varapaus... indispensaveis, e mulheres de differentes idades de lenço na cabeça.

O quadro é bello e suggestivo! Os rapazes, ao avistarem a *expedição* do Albergue, separam-se impetuosamente dos seus parentes adoptivos e correm cheios de contentamento ao encontro do Morgado, de barrete na mão, beijando-o com soffreguidão e enternecimento. E a estas manifestações corresponde o Morgado com um desvanecimento baboso de pae velho, e... quem bem o fitar, observará que pelas faces lhe reboiam duas grandes lagrimas...

Mas o Morgado sobrepõe-se á commoção que o embarga e consegue fazer-se forte, beijando este, afagando aquelle e examinando todos com detenção, a ver se a cara lhes denuncia contentamento, saude e bom passadio.

Este exame deixa-o satisfeito. Um que sahíra de Lisboa com olheiras e côr macilenta, apparece gordo e vermelho como um abbade de aldeia. Outro que entrára para o Albergue cheio de escrophulas, apresenta-se limpo e sadio como um novilho.

E tudo são exclamações do Morgado:

— Olha o Fulano como está bello!... Este parece um nabo saloio! Aquelle está como o Chaby! Aquelle outro vende saude!...

O secretario da administração, que assiste ao acto, está maravilhado. O Morgado não cabe em si de contente.

Os tutores portaram-se brilhantemente. Attestam-n'o as caras sadias e satisfeitas d'aquella rapaziada, salva pelo Albergue da miseria das ruas da cidade, onde se envenenavam e definhavam e perdiam o senso da virtude.

Agora o medico examina os rapazes um por um e depois os tutores conversam com o Morgado, dizendo-se satisfeitos com os seus protegidos.

E assim se passa um dia felicissimo, praticando o bem.

Creio, leitor, que não te enganei quando te disse que ia mostrar-te alguma coisa que te havia de interessar e commover: uma parte da obra d'essa santa instituição que se chama o Albergue das Creanças Abandonadas.

SANTONILLO.

Contos da minha aldeia

A minha aldeia, é lá n'um alto,
D'onde se avista o verde mar.
Sente-se, ao vêl-a, um sobresalto,
Quer-se por força lá chegar.

E' tão bonita a minha aldeia!
Rescende tanto a rosmaninho...
A' branca luz da lua cheia,
Parece assim feita de arminho!

Ali viveu em tempos idos,
Um gentil moço pegureiro,
E que segundo os entendidos
Entre os da terra era o primeiro.

Ora as cachopas lá da aldeia,
Todas o queriam requestar.
Mas elle sim!... a tal cadeia
Sempre tratou de se esquivar.

Porém, um dia em que elle andava,
No campo apascentando o gado,
Sentiu que ao pé de si estava
A gentil filha do morgado.

Mudou de côr, estremeceu,
E deu-lhe um salto o coração;
Julgou até que ia morrer,
Pois foi enorme a commoção.

De tal maneira ella o fitou,
Que elle sentiu-se confundido;
E n'um momento, se deixou
Cahir aos pés, d'amor rendido.

Que foi então que se passou?
Ninguem o pôde perceber.
Mas quando a noite o céo toldou,
Inda elles tinham que dizer.

O caso é, que o bom pastor,
Cada vez mais enamorado,
Pensava só no seu amor,
Sem se importar saber do gado.

Mas uma vez em que elle estava
Esp'rando aquella que não via,
Esp'rou em vão pois não chegava...
Julgou então que enlouquecia.

Passou um dia, e outro, e outro:
E assim o tempo decorreu.
E o infeliz, como n'um pôtro
Todo esse tempo elle soff'reu.

'Té que um domingo, em que devia,
Ouvir a missa abençoada,
Viu lá da igreja que sahia,
A morgadinha já casada!

— «Tudo acabou!...— disse elle então,
Um sonho foi de insensatez!...
Não chores mais, meu coração,
Que o sonho vaes seguir talvez!»

Correu depois, 'té ao basalto,
Que o mar beijava docemente,
E dos rochedos mais do alto
Se despenhou, heroicamente!

*
* *

Hoje, á lareira, quando em volta,
Já tudo está, pela noitinha:
Esses gemidos que o mar solta,
São do pastor, p'la morgadinha.

Ricardo de Souza.

Quem chama?

(CONCLUSÃO)

As suas ultimas palavras comtudo tinham alterado a situação. A rapariga presentiu qualquer coisa n'ellas que a assustou. Este branco da planicie tinha vindo ali para lhe fazer a côrte e... que lhe iria elle dizer? Via-se que estava acanhado mas ao mesmo tempo tinha confiança em si, tinha medo d'ella, da sua delicadeza, da sua graça, da sua belleza e da sua educação, e apesar d'isso confiava nas vantagens que lhe dava a posição de branco que se abaixa a uma mestiça. Elle não tinha consciencia da complacencia e majestade da sua attitude, mas involuntariamente fazia-as sentir á rapariga, nas suas palavras rudes de ignorante: esta revelação trouxe-lhe um sentimento mixto de triumpho e humilhação. Que este branco tinha vindo para lhe fazer a côrte era evidente; mas que elle um ignorante rude e inculto podesse pensar que não tinha mais que fazer senão estender a mão para que ella voasse ao seu encontro, ella que se sentia vibrar com todas as emoções delicadas, ella de quem as palavras, os sentimentos, as maneiras eram tão differentes das d'elle como a noite do dia, sentiu-se córar de indignação com essa ideia. Comtudo respondeu á saude com que elle a brindara com um sorriso amavel, e disse rindo e enchendo-lhe de novo o copo: «Mas se o senhor continúa a vir cá com tempestades como estas não haverá muitos anniversarios a festejar.»

«Bem, bem, talvez tenha razão, por isso parece-me que a unica coisa a fazer é não continuar a vir, mas sim ficar d'uma vez, ficar onde a menina estiver.»

A indiana não podia ver o rosto de sua filha porque ella estava voltada para o fogão, mas sorriu a João Alloway, approvando-o. Este era o remedio para a sua apoquentação e para o seu isolamento. Paulina e ella não se comprehendiam, e comtudo estavam ligadas uma á outra por circunstancias que não podiam vencer, e agora poderiam viver cada uma á sua moda já que João Alloway falava em casar. Ella voltaria para a sua gente e Paulina ficaria em Portage vivendo com seu marido branco entre a gente da sua raça. Ella voltaria para os fumosos lumes das apinhadas cabanas: para os guisados de veado, e a dança da serpente; para as festas dos feiticeiros, as longas séstas nos dias de verão, e os contos de inverno, teria descanço entre a sua gente; Paulina vingar-se-hia da emproada mulher do Bailio, e talvez se esquecessem que era filha d'uma indiana.

Revolvendo todos estes pensamentos no seu espirito preguiçoso, levantou-se e saiu do quarto deitando um ultimo olhar de approvação a João Alloway, como que dizendo-lhe. «Tem coragem vae para deante que os valentes são os que vencem sempre.»

Apesar de estar de costas voltadas Paulina viu sua mãe sair, viu o olhar que deitou a Alloway, e quando a porta se fechou voltou-se e encarou-o.

«Que edade tem?» perguntou subitamente.

Elle mexeu-se na cadeira quasi que nervoso. «Uns 50 pouco mais ou menos», respondeu confuso.

«Então faria melhor e seria mais prudente se não andasse nas tempestades a

festejar anniversarios,» disse ella com um sorriso meigo mas perigoso «Cincoenta — ora, mas estou mais valido do que muitos homens de trinta, disse rindo com atrapalhação. Eu havia de vir cá hoje ainda que a neve em vez de cair em flocos caisse em lanças e espadas. Resolvi que havia de vir, e vim. Salvou-me a vida isso é certo e seguro; e estaria a esta hora no outro mundo se não fosse a menina e o seu pony Piegan — Os ponies piegans são incomparaveis nos temporaes conhecem o seu caminho como se tivessem olhos nos pés — e a menina tambem; eu que toda a minha vida tenho andado nas campinas perdi-me n'esse dia como um pateta; mas a menina — bem se vê que tem sangue Piegam nas veias, é verdade.»

Parou um momento detido pela expressão que via no rosto de Paulina. «E a menina encontrou o caminho n'esse dia nas campinas mesmo no meio do temporal como um passarinho encontra o seu ninho. Foi-lhe tão facil como me é a mim achar um novilho n'uma manada de touros. O que eu nunca pude comprehender é o que tinha ido fazer ali n'aquelle horrivel dia. Tenho pensado n'isso mil vezes. Se não sou indescreto, diz-me o que estava fazendo ali?»

«Estava procurando perder uma vida», respondeu tranquillamente, olhando para elle sem o ver, porque n'esse momento soffria de novo a angustia que a levara a procurar refugio eterno na tempestade.

Elle riu-se. «Ora essa é boa! isso é que se chama sarcasmo. Estava ali para salvar uma vida e não para a perder; isso foi provado com plena satisfação do tribunal.» Fez uma pausa, riu-se pensando que dissera um dito de espirito e continuou: «Eu era esse tribunal, a minha sentença foi que a divida contrahida para comsigo havia de ser paga dentro de um anno com os juros legaes, pagando a percentagem que se paga quando os bens empenhados são seguros. Essa foi a minha sentença e não ha appello nem aggravo. Eu sou o unico juiz competente n'este caso.»

«Já salvou a vida a alguem alguma vez?» perguntou Paulina emquanto guardava a garrafa depois de elle ter enchido o seu copo pela terceira vez.

«Duas vezes sósinho, e uma vez dividindo as honras», disse satisfeito que ella lh'o tivesse perguntado.

«Pagaram-lhe ou esperou que lhe pagassem por isso com juros ou sem elles?» perguntou ella.

«Eu? nunca mais tornei a pensar em tal coisa. Ai! sim pensei; Um dos casos foi engraçado, teve mesmo muita graça. Foi Ricky Wharton, lá para as bandas do Rio Maskwat. Salvei-lhe a vida não ha duvida; e um anno depois veiu ter commigo e disse:» Você salvou-me a vida, e agora o que vae fazer d'essa vida que salvou? Estou completamente arruinado. Devo 100 dollars e não os estaria devendo se você não me tem salvo a vida. Quando você se lembrou de me salvar tinha de meu 200 dollars que teria deixado. Estou perdido porque você teimou em me salvar a vida; agora tem que tomar conta de mim! «Fiquei tão aparvalhado com isto que — confesso-o — sustentei Ricky durante um anno até elle partir para o Norte á procura de minas de ouro. Se me pagaram? Eu é que paguei. Já vê, meu amor, salvar vidas traz responsabilidades!»

«Em geral não se pode salvar uma vida sem correr algum perigo, não é verdade? perguntou ella sentindo-se magoada com esta familiaridade.

«Lá isso é verdade, vá lá que a menina e o seu pony Piegan arriscaram-se bastante para me salvar.»

«Ah! eu era muito nova,» respondeu debruçando-se sobre a meza e começou a desenhar n'um papel que estava deante d'ella. «Podia arriscar-me, era tão nova, tinha apenas 18 annos.»

«Que differença faz isso? Quando se morre tanto faz que seja aos 18 como aos 50, ou vice-versa!

«Não é tanto assim. Aos 50 deixa-se tanta coisa a que se tem amor.»

«Essa é boa! Nunca pensei n'isso, creia.»

«Deixaria tudo quanto lhe pertence. Já foi casado e tem filhos, não é verdade?» Alloway estremeceu e franziu os sobr'olhos depois endireitou-se e disse como que atirando as palavras. «Só tenho uma filha que vive com a avó lá para Leste.»

«Foi isso mesmo o que eu disse, tem-se mais que deixar aos 50, replicou fazendo-se muito córada. Não olhava para elle mas sim para o retrato de um homem que acabava de desenhar — um rapaz de farta cabelleira, um queixo denotando firmeza de caracter, olhos grandes e eloquentes; em

volta d'esse rosto tinha ella desenhado repetidas vezes o rosto de uma rapariga e escreveu por baixo — Manette e Julião.

João Alloway não a comprehendeu e não se sentindo á vontade voltou ao que o interessava. «Não sei falar nem discutir, disse: mas tenho uma certa habilidade para contar historias á noite em volta da lareira, fumando o meu cachimbo e tomando a minha tigela de chá: por isso não vou metter-me a discutir comsigo. A menina teve uma boa educação em Winnepeg. Ganhou todos os premios e foi sempre a primeira nas classes, ainda que barafustassem bastante por causa disso, e mesmo por a terem lá recebido sendo mestiça. A menina nunca ouvia o que se dizia cá por fóra, naturalmente. Mas que importava se vencia sempre! É bem tola essa idéa de querer pôr uma linha de separação entre os vermelhos e os brancos. Já se vê que são as mulheres, sempre as mulheres, que querem ou tudo branco ou nada. Aqui em Portage tem-n'a tratado como se não trata um cão. Emquanto á mulher do Bailio — deixe-a commigo — bem, depois falaremos n'isso, porque com João Alloway, não se brinca, elle está ao facto de muitas coisas e todos o sabem. Quando João Alloway, morador em Main Street, 32, e dono de uma boa roça, disser eu e minha mulher ahi vamos, elles todos terão cuidado de apromptar os seus bilhetes de visita.»

A cabeça de Paulina conservou-se inclinada sobre os retratos que retocava cuidadosamente. — Manette e Julião — Julião e Manette, e esssa lembrança trazia-lhe aos olhos a alegria e despreoccupação d'essas tardes em que Julião vinha e que o echo da margem do rio repercutia as suas gargalhadas; esses dias os mais queridos e felizes da sua vida.

Aquelle velho de 50 annos nada via senão uma rapariga em volta da qual elle ia em breve atirar o laço da sua affeição e depois leval-a-hia para sua casa, condescendente e contente, um branco com a sua mulher mestiça — mas que linda mestiça!

«Eu bem vi como algumas d'essas mulheres a tratavam», continuou elle e eu disse com os meus botões; nós veremos; a vez d'ella ha de chegar, João Alloway cá está, e elle sabe pagar as suas dividas. Quando chegar o anniversario eu porei as coisas a direito. Ella salvou-me a vida, e essa vida pertence-lhe se quizer dar um recibo total, e abrir uma nova conta debaixo da firma de Paulina e João Alloway. Percebeu? Comprehendeu Paulina?»

APPROXIMANDO-SE DO SOFA' AJOELHOU-SE ATIRANDO UM BRAÇO POR CIMA DOS HOMBROS DE SUA FILHA

Paulina levantou-se vagarosamente tendo no olhar, intensificado, a mesma expressão que ha pouco brilhava nos olhos de sua mãe, o olhar que pertencia ao flux e reflux do sangue indiano que lhe girava nas veias, dominado pela força da raça branca mais pura e mais civilisada.

Por um momento voltou-se para a janella. A tempestade tinha cessado repentinamente e um raio de sol poente alongava-se sobre aquelle deserto de neve.

«Quer pagar uma divida que julga ter contrahido», disse ella com uma voz estranha e sem vibrações voltando-se por fim. «Bem, está paga.» Deu-me um livro para ler que conservarei sempre. Dar lhe-hei o recibo total da sua divida.

«Não sei de que livro fala», disse Allo-

way perplexo. «O que quero é casar comsigo.»

«Muito obrigada mas não é preciso», insinuou ella.

«Mas eu quero. Não é uma divida, isso foi uma maneira de dizer. Eu quero-a para minha mulher. Tenho uma posição e posso fazer que a respeitem e bajulem.»

De repente a sua colera brilhou, concentrada, vivida e feroz, as palavras saim-lhe pausadas e distinctas. «Não ha nenhuma razão para que eu case comsigo, nem uma, uma unica. Offerece casar commigo como um principe dá uma esmola a um mendigo. Se minha mãe não fosse indiana não estaria tão seguro que havia de o querer. Meu pae era branco, sou filha d um branco. Antes quero casar com um indio que me julgue o seu mais querido thesouro, do que casar comsigo. Se não fosse mestiça ter-me-hia pedido para casar comsigo não me teria offerecido casamento como uma caridade. Não lh'o agradeço. Nunca devia approximar-se d'uma mulher com as palavras com que se approximou de mim.»

«Olhe, a tempestade já acabou, pode-se ir embora, já não ha perigo. A neve está talvez espessa, mas não tem muito que andar.»

Foi á janella buscar o boné e as luvas e entregou-lhe. Elle pegou em tudo como que fulminado e aniquilado. «Diga se quizer que não me sube fazer comprehender, mas as minhas intenções eram boas teria sido um bom marido orgulhoso de minha mulher e tel-a-hia amado acima de tudo n'este mundo», disse elle envergonhado mas arrebatadamente e com sinceridade tambem.

«Ah! devia ter começado por essas ultimas palavras», respondeu Paulina.

«Digo-as agora.»

«Vieram demasiado tarde; mas de qualquer maneira teriam chegado tarde, acrescentou. Comtudo estimo que as tivesse dito.»

Ella acompanhou-o até á porta. «Commetti um erro, disse elle humildemente. Só agora o reconheço. Se eu sou um ignorante!»

«Oh! não foi isso, respondeu a rapariga com bondade. Adeus.»

Alloway voltou de subito. «Tem razão era impossivel. A menina é... é admiravel. Devo-lhe ainda a minha vida.»

E saiu.

Por momentos Paulina conservou-se immovel no meio da casa fixando a porta que se acabava de fechar; depois com um gesto selvatico de desespero e angustia, atirou-se para cima do sophá chorando convulsivamente.

D'ali a pedaço a mãe entre abriu a porta e espreitou com anciedade. O que viu ensombrou-lhe a physionomia endurecendo-lhe o olhar por instantes mas o desespero e soffrimento de sua filha venceram-n'a e um vislumbre de comprehensão illuminou-lhe o espirito, entendeu um pouco esse problema que torturava Paulina e affastou do seu coração essa carapuça de egoismo que o cobria. Approximando-se do sophá ajoelhou-se atirando um braço para cima dos hombros de sua filha. Realisou o que tinha acontecido, pela primeira vez teve a revelação dos sentimentos intimos da rapariga e a fiel interpretação dos factos que se tinham dado na vida de ambas.

«Disse-te — Não — a João Alloway? murmurou ella.»

Com um gesto rapido de protesto e desafio Paulina retorquiu. «Julgava que por elle ser branco eu ia-lhe cair nos braços? Não. Não. Não.»

«Fizeste bem, creança.»

Os soluços pararam de repente e Paulina parecia escutar com toda a sua alma. Havia qualquer coisa na voz de sua mãe que nunca tinha ouvido — pelo menos não tornara a ouvir desde que, creança, fôra embalada n'uma rede de pelle de veado suspensa de uma arvore junta á porta da cabana do seu pae onde os chefes se reuniam. Havia agora n'essa voz qualquer coisa de meigo e de terno com que então adormecia.

«Offereceu-te isso como se offerece um torrão de assucar a um passaro — bem sei. Elle não sabe que corre no teu corpo sangue de grandes homens — não o sabe, mas é verdade. O avô do meu homem descendia dos reis de Inglaterra e tinha provas d'isso, e a minha gente tem sido chefes por mais de mil annos. Não ha em todo o Oeste sangue tão nobre como o teu. Eu sentia o coração pesado e negros pensamentos me atormentavam, por ter perdido o meu homem e esta vida não ser a minha vida, sou apenas uma indiana creada no Warais e o meu coração foge sempre para lá agora. Mas não sei que grande balsamo se infiltrou no meu coração quando entrei aquella porta e te vi ahi dei-

COM UM GRITO, MIXTO DE DOR E ALEGRIA, ELLA RECONHECEU-O

tada soluçando; invoquei o sol: «Oh! Grande Espirito, disse eu, ajuda-me a comprehender, porque essa creança é osso do meu osso e carne da minha carne, e o Espirito do Mal se interpoz entre nós! «E o Espirito do Sol derramou o seu balsamo em mim e agora não ha nenhuma nuvem entre nós, Passou; e eu já vejo. Amor de minha alma, a vida dos brancos é a verdadeira vida e, eu vivel-a-hei comtigo até que venha alguem que te dê um lar similhante ao lar dos da tua raça. Não o João Alloway.— Pode lá o corvo fazer ninho com a pomba!»

Emquanto ella assim falava tendo na voz as modulações d'um coração que se revela, a rapariga que quasi deixara de respirar ao principio, comprehendendo emfim a significação d'essas palavras arquejou e o rosto cobriu-se-lhe de grande vermelhidão e quando sua mãe cessou de falar ficou tudo no mais perfeito silencio, porque Paulina, calada, quieta deixava que penetrasse até ao mais intimo do seu ser essa luz nova que a vinha illuminar; depois deitou os braços á roda do pescoço de sua mãe n'um extasi de amor e de paz.

«Lalika! oh! minha Lalika!» disse com meiguice beijando-a repetidas vezes. Havia muitos annos que a rapariga não chamava sua mãe pelo seu nome indiano como ella e seu pae lhe tinham ensinado a fazer quando era pequenina n'esse tempo feliz lá nas margens do formoso rio e junto ás magnificas florestas onde ella apesar de trazer como uma joven Diana um arco e settas, só matava de amor.

«Lalika! minha mãe Lalika, isto faz lembrar os tempos antigos, disse ella suavemente, agora nada importa porque já me comprehendeste.»

«Não intendo tudo, murmurou a indiana meigamente. Não sou branca e os nossos modos de pensar são differentes; mas porei nas tuas as minhas mãos e viveremos juntas a vida dos brancos.»

Com as faces unidas viram o crepusculo dar logar á escuridão, e a lua prateada estender-se vagarosamente sobre um mundo gelado, no qual o ar mordia como aço e invigorava o coração como vinho. Depois ás nove horas, como o seu costume, a indiana foi-se deitar deixando sua filha a meditar tranquillamente, junto ao fogão.

Durante uma hora se conservou na mesma posição depois levantou a cabeça e poz-se a escutar inclinando-se para a janella pela qual entrava o luar que vinha misturar a sua luz com as chammas do fogão. Ouviu o seu nome distinctamente pronunciado lá fóra. «Paulina! Paulina!»

Levantou-se correu para a porta e abriu-a. Tudo estava silencioso e cruelmente frio.

Mas emquanto ella escutava avidamente destacando-se a sua figura á luz viva do fogão de novo se fez ouvir o grito de: «Paulina!» O coração batia-lhe apressado, levantou a cabeça e gritou — «Qui appelle? Qui appelle?» Que impulso a teria levado a falar n'uma lingua estrangeira?

E mais uma vez se ouviu na noite serena vibrar tremente o grito, «Paulina!»

«Qui appelle? Qui appelle?» repetiu com um anhelante murmurio de comprehensão e reconhecimento. Dirigiu-se fremente na direcção d'onde vinha a voz. Seria o mesmo instincto que a levara a falar francez que lhe revelou quem a chamava? — ou seria que mesmo n'essa unica palavra pronunciada havia o som d'uma voz nunca esquecida desde esse tempo feliz passado com Manette em Winnepeg?

Não longe da casa no caminho de Portage la Drôme, um pouco afastado da estrada havia um precipicio onde já se dera um desastre, e para ahi correu ella assustada. Emquanto corria a voz fez-se ouvir mais uma vez — «Paulina» — e ella respondeu que já vinha. D'ahi a pouco estava espreitando attentamente á beira do precipicio, a uma pequena distancia da borda via-se um homem estendido na neve. Tinha-se extraviado do caminho que a neve escondia, e caido no barranco torcendo gravemente um pé. Impossibilitado de andar tinha-se arrastado pela neve alguns metros, mas faltando-lhe as forças, atirara ao acaso para essa casa onde vira luz nas janellas o nome da mulher que viera de tão longe para ver.

Com um grito, mixto de dôr e alegria, ella reconheceu-o. O seu coração adivinhara, era Julião o irmão de Manette. N'um momento estava ao seu lado encostando ao braço a cabeça d'elle.

«Paulina!» disse com voz apagada e desmaiou nos braços d'ella. Paulina não perdeu tempo, correu para casa acordou sua mãe e os creados de cavallariça, tirou do arma-

rio um frasco de cognac e voltou correndo para o precipicio.

Uma hora depois Julião Labrosse estava estendido no sophá na saleta junto ao fogão, o pé já ligado, e revelando no olhar toda a affeição que o trouxera ali. Mais uma vez o instincto maternal segredou á indiana o que esse homem queria, mas d'esta vez comprehendeu que sua filha encontrara o que seu coração procurava e que teria junto d'um marido de raça branca um lar digno d'uma mulher branca como as mulheres da familia de seu pae.

«Sinto muito incommodal-as, disse Julião rindo-se — com um riso ligeiro que era muito seu — mas espero amanhã já poder voltar para Portage.»

«Fazer a sua vontade é uma grande coisa, Mossô Julião, mas fazer a vontade aos outros é ainda melhor; disse sorrindo a indiana, por isso vae ficar até que possa ir pelo seu pé para Portage.»

«Por mim confesso que nunca me senti tão confortavel e tão feliz. Ficarei já que assim o querem, e não me acham importuno.»

A indiana sorriu-se affectuosamente e achou uma desculpa para se auzentar por um quarto de hora. Mas antes de sair conseguiu collocar junto d'elle um d'aquelles papeis onde Paulina tinha o habito de desenhar os retratos d'elle e de Manette, a vista d'esse papel trouxe ao rosto do rapaz uma espressão de viva alegria e felicidade, depois escondeu-o nas pelles que guarneciam o sophá.

«Em que se occupa agora?» perguntou Paulina quando momentos depois os seus olhos procuraram os d'ella.

«Tenho um grande trabalho adeante de mim, uma esplendida occasião para fazer caminho — a construcção de uma ponte sobre o Rio S. Lourenço, aos trinta annos é um magnifico começo. Reedifiquei o velho castello que me deixou meu pae e vou viver para lá. Ha de ser uma soberba vivenda quando estiver acabado, grande e confortavel, com vigamentos e paredes de carvalho antigo, grandes fogões, com embutidos á Luiz XV, cortinas de velludo encarnado escuro para a sala, pelles e arminhos. Sim, quero pelles como estas.»

«Manette viverá comsigo não é verdade?» interrogou Paulina.

«Não me parece que o marido consinta n'isso. Manette vae casar e disse-me que lhe contasse tudo.»

Contou-lhe então tudo que havia a contar a respeito do namoro de Manette.

«Foi Manette que quiz que se fizesse o casamento quando as folhas começam a despontar e as aves a voltarem, acrescentou elle alegremente; vê porque é que ella não pode ir viver commigo no meu velho castello? Não, elle lá está, uma esplendida moradia digna de um principe, e eu terei de lá viver só, a não ser que...»

Os seus olhos tornaram-se a encontrar, e antes que ella confusa podesse desviar o olhar, elle teve tempo de lhe ler nos olhos o que lhe ia n'alma. «Mas ainda faltam dois mezes para a primavera, disse elle.»

«Para a primavera?» interrogou ella intrigada, mas quasi com medo de falar.

«Sim, vou para a minha casa nova quando Manette fôr para a sua... na primavera. — E não irei sósinho se...» De novo os seus olhos se confundiram, mas ella levantou-se precipitadamente estendendo-lhe a mão: «Boa noite.»

«Está bem, ámanhã lhe direi o resto — respondeu — ámanhã, sim, quando a noite estiver assim tranquilla como n'este momento, illuminada pela luz serena das estrellas. O meu lar será como este. Não acha, Paulina!»

Essa noite a mãe indiana fez assim a sua prece ao Sol: «Oh! Grande Espirito, eu te dou graças pelo balsamo que derramaste no meu coração. Protege a minha filha, oh! Sol, no seu lar longiquo ao lado do seu marido da raça que ella ama. Oh! Grande Espirito protege-me tambem no meu isolamento quando voltar para as cabanas do meu povo; porque não terei commigo a minha filha e não poderei ouvir a voz do meu homem. Dá-me um Remedio, oh! Sol Oh! Grande Pae, para que nos meus sonhos possa ver meu marido vindo d'além dos montes a buscar-me outra vez!»

Traducção de Amalia Barbosa.

JARDIM DA CORDOARIA
Construido no Campo onde se fizeram as execuções dos cabeças de motim contra a Companhia dos Vinhos do Porto

O VINHO DO PORTO

II

Um motim ha 200 annos.— Repressão dos amotinados: processo que dura 5 mezes, julgando 478 pessoas.— Sentenças da Alçada especial.— Devassas mandadas ao Douro.— A «preferencia» das adégas.— Uma expedição nocturna: arietes de nova especie.— Fraudes e abusos varios.— Toneis em «estado interessante», etc., etc.

OMEÇAREMOS este segundo artigo referindo, embora a largos traços, o famoso motim do Porto (ou antes dos taberneiros e *prejudicados* nos seus conluios e fraudes) contra a Companhia dos Vinhos. Como, pelo privilegio concedido á Companhia, do exclusivo da venda de vinho atabernado, se julgassem (e não só julgassem mas sentissem) lesados os taberneiros do Porto e Gaya, inhibidos de proseguirem na venda do vinho a retalho, e, portanto, de realisarem os lucros provenientes, principalmente, da agua com que *refrescavam* as pipas, levantou-se esse motim, que ficou memoravel, sobretudo pelo modo como foram punidos os cabeças, mais ou menos provaveis, do levantamento. Era uma quarta feira de Cinza, 23 de fevereiro de 1757. Os taberneiros congregados para o protesto contra aquelle privilegio, juntos á populaça, que sempre acompanha todas as manifestações de rebellião contra os poderes constituidos, reunindo-se no Campo da Cordoaria, onde é hoje o jardim, pelas 9 horas da manhã, desceram d'ahi, em grita, para o largo fronteiro ao convento de S. Domingos, onde morava o Juiz do Povo, e entrando em casa do pobre funccionario, que se achava doente na cama, d'ella o arrancaram para uma cadeirinha, que alguns exaltados foram buscar ali perto, á

rua Nova, levando-o «em charola» até á rua Chã, onde morava o Regedor das Justiças. Entretanto o rapazio havia-se dirigido ás torres da Misericordia e da Sé, e fazia ahi tanger os sinos a rebate para que o motim mais augmentasse. Passava de 500 pessoas a turba que rodeava a cadeirinha do Juiz do Povo quando chegou em frente á casa do Regedor das Justiças. Os gritos de *Viva o Povo!* e de *Morra a Companhia!* atroavam os ares. Era já uma rebellião em fórma, e respeitavel pela decisão de que todos se mostravam possuidos. O Juiz do Povo, sahindo da cadeirinha, e levado nos braços de alguns populares, subiu a casa do magistrado, cujo nome era Bernardo Duarte de Figueiredo, e cujo cargo official era o de Corregedor do Crime Privilegiado de Primeira Vara; e, em nome dos amotinados, leu uma representação, elaborada por Nicolau da Costa Araujo, em que se pedia a extincção da Companhia e a liberdade da venda do vinho no Porto e seus arredores. Debalde se esforçou o Corregedor em fazer comprehender que não tinha poderes para derogar um decreto real, nem da sua competencia era acceitar a representação, pois não desejava incorrer em um crime de lesa-magestade, como ao tempo eram consideradas as rebelliões, havendo todavia chronistas que referem ter elle, no intuito de apasiguar de momento o conflicto, declarado que socegassem e que cada um comprasse e vendesse o vinho onde lhe aprouvesse. Não é isto crivel, porque, a ter dito tal, decerto teria sido incluido na devassa que se seguiu, e severamente castigado. D'ali seguiu a multidão, aos gritos de *morra!* para casa do provedor da Companhia, Luiz Belleza de Andrade, que uns dizem morava na mesma rua Chã, e outros na rua Nova, e, assaltando-lhe a habitação, despedaçaram-lhe toda a mobilia, e rasgaram e queimaram quantos papeis encontraram em casa, lançando tudo, pelas janellas, para a rua, onde foi feita uma fogueira com todos esses destroços, não sendo elle victima por se haver retirado a tempo, quando viu o *caso mal parado!*...

Com estas violencias terminaram as furias dos amotinados, de modo que pouco depois se realisava, com toda a tranquillidade, a procissão de Cinza, da Ordem Terceira de S. Francisco, como se nada de anormal houvera succedido.

O caso não ficaria, porém, assim, que não era o Conde de Oeiras ministro que deixasse passar á revelia o mais leve desacato ás determinações em que o soberano houvesse posto a sua regia assignatura, tanto mais que tinha rasões para crer, e alguns escriptores não deixam de asseveral-o, haver sido o motim instigado pelos negociantes para corrigir os abusos dos quaes fôra creada a Companhia. Sabendo-se quanta era a sua aversão aos estrangeiros que procuravam entravar o desenvolvimento das industrias e do commercio nacionaes, melhor se comprehenderá como tudo dispoz para dar um exemplo de correctivo energico aos que, desrespeitando a lei destinada a proteger uma das fontes de riqueza dos naturaes, indirecta, e talvez inconscientemente, serviam os interesses dos estranhos em detrimento dos seus.

Uma Alçada especial foi mandada ao Porto, com poderes discricionarios, tanto no civil como no militar, sendo escolhido para presidil-a o desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos, tendo como secretario e adjunto seu filho, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. A Alçada fez-se acompanhar de um destacamento de cavallaria de Chaves, e de mais tres regimentos — dragões de Aveiro, infanteria do Minho e infanteria de Traz-os-Montes. Com estas forças se estabeleceu um cerco, impedindo que alguem entrasse ou sahisse da cidade, sendo todos os officiaes e soldados aboletados pelas casas dos moradores, com a obrigação d'estes os sustentarem, e sendo os seus soldos e munições tudo pago por uma contribuição especial, que ia abranger principalmente os suppostos poderosos instigadores do motim, embora abrangesse tambem todos os que n'elle nem haviam sequer entrado. Uma determinação especial recommendava, que «nos locaes onde se presumisse morarem os instigadores ou agitadores, ahi fossem os aboletamentos duplos, para ser mais pesada para esses a contribuição».

Os trabalhos da Alçada levaram cinco mezes, enchendo-se o castello e os carceres da cidade, de presos de ambos os sexos, visto que no motim se haviam salientado diversas mulheres, de melhor ou peor nota. Foram accusadas e julgadas 478 pessoas, muitas das quaes obtiveram a liberdade por não se lhes conhecer culpa; e ouviram-se

os depoimentos de 250 testemunhas. O primeiro a ser preso foi o Juiz do Povo, sendo exautorado em publico, na praça da cidade, tirando-se-lhe ahi a vara das mãos, e partindo-a em pedaços, e arrancando-se-lhe a cabelleira para lhe baterem com ella na cara.

A 11 de outubro foi proferida a sentença condemnando á morte, na forca, o dito Juiz do Povo, José Fernandes da Silva; Caetano Moreira; José Antonio de Beça; Domingos Nunes Botelho; Filippe Lopes de Araujo; Thomaz Pinto; Balthazar Nogueira; Marcos Varellas; José Rodrigues, o *Grande;* João Francisco, o *Mourão;* Manoel da Costa, sargento da guarnição; José Pinto de Azevedo, e Antonio de Sousa, o *Negres,* soldados; Michaela Quiteria, mulher de Caetano Moreira; Maria Pinto, mulher de Antonio de Sousa; Anna Joaquina, mulher de Antonio de Sá; Paschoa Angelica, filha de Thomaz Pinto; e ainda uma mulher do povo, por alcunha a *Estrellada.*

NO ALTO DOURO
Um guarda das vinhas, junto da sua cabana

A pena de açoites e confiscação de metade dos seus bens foram condemnados 26 homens; a pena de açoites e degredo para Angola, e confiscação de metade dos bens, 8 homens e 9 mulheres; a pena de degredo, sem açoites, e confiscação, 3 homens e 1 mulher; a degredo para Mazagão e confiscação da terça parte dos bens, 9 homens; a degredo para Castro Marim e multa, 3 homens; a degredo para Castro Marim, e confiscação da quarta parte dos bens, 9 mulheres; a degredo para Africa e confiscação da quarta parte dos bens, 22 homens; a degredo para fóra da comarca e confiscação da quinta parte dos bens, 56 homens e 5 mulheres; a 6 mezes de prisão e varias multas, 54 homens e 9 mulheres; e condemnados a presencear as execuções de pena ultima, 17 garotos dos que haviam andado no tumulto.

Excepção feita da *Estrellada,* por se achar gravida, todos os restantes condemnados á morte foram executados a 14 de outubro, no Campo da Cordoaria, considerado local do delicto por ahi ter sido feito o ajuntamento. Aquella mulher esperou quatro mezes pelo supplicio, e logo que ficou desembaraçada, subiu tambem ao patibulo, cumprindo-se d'esse modo a sentença tão integralmente como fôra ditada.

Não foi a famosa Alçada do Porto a unica a que deu origem o vinho da Companhia.

Com effeito outras houve, não funccionando no Porto, como aquella, mas passando por ali em direcção ao Douro, para averiguarem e castigarem os crimes de lesa-pureza dos vinhos d'aquellas regiões, em virtude de queixas varias contra determi-

nados abusos. Ficou famosa uma, á qual vamos alludir antes de mais nada.

Em 1771, recebendo o governo denuncia de que no Douro se haviam feito introducções de vinho de *ramo*, no districto do de embarque, o que era prohibido, ordenou uma devassa, com Alçada e auxilio de tropa, ficando incriminados diversos lavradores dos mais ricos e notaveis ao tempo, sendo presos e conduzidos para a Relação do Porto, onde veiu a fallecer um, o dr. José Antonio de Sousa Faria, natural de Santa Maria da Oliveira, do termo de Mezão Frio, 24 horas depois de ter dado entrada n'aquella prisão. A devassa durou tres annos, mas as sentenças nunca appareceram; sendo todavia arrazadas algumas adégas e lagares, que por estarem proximos da demarcação do vinho de *ramo* podiam facilmente prestar-se á fraudulenta introducção d'esse vinho para misturar com o de embarque, cujo credito era necessario erguer acima de toda a suspeita.

*

Como sempre, e em toda a parte, uns abusos chamam outros, dos abusos dos assambarcadores e negociantes de má fé, nasceram os abusos dos lavradores, como dos d'estes, a pretexto de execução das providencias governativas, nasceram os abusos dos executores das leis e regulamentos, e dos empregados da Companhia, commissarios, provadores, tomadores de adegas, etc. De todos esses abusos correm memorias impressas, que não extractamos para não alongar demasiadamente este artigo, limitando-nos apenas a referir alguns que nos consta se deram.

Alguns lavradores de vinhos ordinarios conseguiram que os provadores da Companhia os reputassem e marcassem como superfinos por meio de avultados presentes aos mesmos provadores, como — urnas de prata para serviço de chá, do valor de 300$000 réis, cartuchos de 100 moedas, rolos de panno de linho atados com cordões de ouro, etc.—, como vem referido por Antonio Lobo de Barbósa Ferreira Teixeira Girão, na sua *Memoria historica e analytica sobre a Companhia dos Vinhos* (Lisboa, 1833).

Uma vez a casa ingleza do Porto, Clamouse Browne, disputou uma preferencia de certa adéga, mandando guardal-a por um valentão chamado José dos Santos, com outros homens armados de bacamartes e espingardas; mas a Companhia, que soube do intento, e porque a referida adéga lhe convinha, mandou outro valentão, um frade capucho, natural de Moledo, commandando um verdadeiro exercito, com pistolas, bacamartes e outras armas. Não se deu a lucta que era de temer, porque os valentões respeitavam-se um ao outro e convencionaram pregar na porta da adéga cada qual o seu escripto, com a respectiva legenda, a saber: *Preferencia para a Companhia* — *Preferencia para Clamouse*. Para decidir depois a contenda instaurou-se processo, sendo preso o commissario da casa Clamouse, de nome Antonio Ignacio, que esteve durante alguns mezes na Relação do Porto, em razão de ter «peitado homens armados com armas prohibidas», quando era certo que tambem a Companhia, ou o seu commissario, peitára outros. Afinal a casa Clamouse perdeu a demanda.

Algumas vezes fazia a Companhia despejar adegas á viva força, sem que os seus commissarios se prendessem com formalidades. A alludida *Memoria historica e analytica* conta-nos ter a Junta da Companhia, em determinado anno, mandado ordem escripta ao seu commissario, Antonio Moreira de Carvalho, para que fizesse, sem demora, carregar e embarcar o vinho de nove adégas, que iam apontadas na ordem, e fez seguir logo 12 barcos grandes para a foz do rio Pinhão. Aquelle commissario juntou mais de 100 carros e grande multidão de carregadores, preparados com todos os utensilios necessarios, dando-lhes ordens para estarem promptos, á sua voz, logo ao principio da noite. De noite partiu a expedição referida, e chegando á quinta de Val-de-Figueira ahi atacou a adéga de José Pinheiro d'Azevedo. Ao nome da Companhia e dada a *voz de preferencia*, appareceu o caseiro, estremunhado, a uma janella para dizer que ficava sabedor d'essa preferencia. A malta intimou-o logo a abrir a adéga para se começar o carregamento do vinho. Como o caseiro respondesse não ter a chave em seu poder, mas que a mandaria buscar, retorquiu-lhe o commissario que não havia tempo para espéras, e mandando virar dois carros bateu as portas com esses arietes de nova invenção; aquellas foram arromba-

das e a carregação do vinho fez-se. Como as torneiras dos toneis não dessem vasão ao vinho armazenado, com a presteza que se requeria, em cada tonél foram feitos tres grandes buracos, com um trado, e assim se enchiam quatro canecos ao mesmo tempo. D'este modo, tanto essa adéga como as oito restantes estavam carregadas pelo meio dia immediato, e poude o deputado da Junta da Companhia provar esse vinho ao jantar das 3 horas, na Regua.

O que é certo, repetimos, é que, com todos estes abusos e muitos outros que não mencionamos, a Companhia prestou incontestaveis serviços ao Douro; sendo o proprio Ferreira Girão que, no seu livro já citado, refere ter visto «jogar a chapa aos jornaleiros da sua quinta, com peças de ouro de 6$400 réis cada uma, não havendo prata sufficiente para trocar o muito ouro do paiz, e dando-se 240 réis de premio a quem trocava uma d'essas peças para se fazer a feria aos trabalhadores». Mais nos diz que se viam todos os dias «passeiar por entre as vinhas ranchos de senhoras tão asseadas como se fossem para o theatro de S. Carlos, trajando vestidos de seda e caças da India bordadas a ouro». Isto devia ser certo, porque no Douro fizeram-se fortunas colossaes que davam margem para isso tudo.

Não deixa de ser curioso conhecer-se a origem de um cargo creado na Companhia dos Vinhos, com a designação de *Esquiça*, que era um empregado auxiliar dos provadores officiaes nas visitas ás adégas. A origem d'esse cargo foi a seguinte: n'uma freguezia qualquer, que não é citada, houve um padre que tinha o seu tonél de vinho, e dando-o á prova foi achado tão doce e agra-

ANTIGO PALACIO DA VIUVA NAVARRO, NA RUA DE ENTRE-PAREDES, NO PORTO
Séde da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

davel de paladar, e com uma tal fragancia como só costumava apparecer nos vinhos creados a pequena distancia da corrente do Douro, e não na dita freguezia. O provador da Companhia, admirado de tal raridade n'um local tão alto, ficou, por momentos, pensativo, até que disse a um dos chamados *môços do copo:* «Fura-me esse tonél por outra parte». E viu-se então sahir um vinho frouxo, descorado e sem nenhuma das qualidades do que fôra dado á prova. Averiguou-se logo que dentro do tonél de vinho ordinario havia o alludido padre feito introduzir um pequeno barril de tres canadas, contendo vinho magnifico, em correspondencia com a torneira por meio de um tubo, para assim ludibriar o provador, impingindo-lhe *gato por lebre!* Desde então, para prevenir fraudes identicas, creou-se o *Esquiça,* portador de uma algalia de metal, «de perto de uma braça de comprimento», com a qual examinava os toneis para se assegurar de que elles não estavam... no seu *estado interessante!*

A proposito de provadores de vinho tambem se conta que uma vez, em Penaguião, certo lavrador tinha a sua adéga cheia de vinho muito bom, mas não lhe deitou aguardente alguma, nem presenteou o provador, como era costume. Este veiu, provou o vinho e disse para o caseiro: «A massa d'este vinho é boa, mas o sr. F. não lhe sabe deitar agua-ardente, e por isso estragou-o.» E toda a adéga foi rejeitada. No anno seguinte, tendo o lavrador comprehendido onde o provador queria chegar, mandou-lhe, antes da prova, uma peça de panno de linho finissimo, atada com dois cordões de ouro. O provador, quando veiu á adéga, disse então ao caseiro: «Ah! Este anno sim; a agua-ardente foi muito bem deitada, e diz aqui ás mil maravilhas.» E classificou o vinho, que nem o cheiro da agua-ardente havia sentido, como de 1.ª qualidade para embarque!

Isto dava-se com empregados subalternos, como eram os provadores; mas parece que não deixava de succeder coisa parecida com os de mais alta categoria, os juizes conservadores, por exemplo. No opusculo impresso em Londres, que já citámos, refere-se o caso de certo introductor de vinhos de Penafiel, ou suas visinhanças, que dava todos os annos 100 moedas ao conservador, para não sahir culpado d'essa introducção na devassa a que o referido juiz presidia. Em um anno qualquer, o escandalo da introducção fraudulenta, de vinho inferior, no districto do de 1.ª qualidade, foi tal e tão grande, que a justiça *tornou-se inflexivel* e não quiz receber as costumadas 100 moedas. Ferveram os empenhos, mas o conservador a todos desattendeu. Houve então alguem, de bom juizo e melhor humor, que lembrou aos interessados na salvação do traficante, que o *dobrar a parada* seria talvez o meio de vencer os escrupulos do magistrado... E lembrou bem, porque o conservador não resistiu ás 200 moedas, e o homem não appareceu culpado! Lá vem isto, em nota, no alludido opusculo, a paginas 33 e 34. O que não nos explica é se, nos annos subsequentes, o livramento da devassa foi pago pelo primeiro ou pelo ultimo preço...

*

O mais que ha ainda a referir ficará para um terceiro e ultimo artigo.

ALBERTO BESSA.

LAGO MAGGIORE — ILHA DOS PESCADORES — UM ASPECTO

A LENDA DAS TRES ONDINAS

Do Lago Maggiore

(Excerpto do proximo livro de Justino de Montalvão: «Italia coroada de rosas»)

I

Perto de Pallanza, de repente, n'uma volta do caminho, a terra verde entreabre-se sobre o azul da agua e do ceu. E os olhos avistam em extase, para nunca mais a esquecer, a paisagem do Lago Maggiore, que os poetas teem cantado como uma das mais bellas do mundo.

N'uma manhã de maio de 1864, ao voltar da sua peregrinação atravez de toda esta Italia que tanto seduziu sempre as imaginações estheticas, Taine escreveu: «Se eu tivesse de escolher uma casa de campo, seria aqui.»

Tal foi tambem a minha primeira impressão.

A' magestade da natureza do norte, junte-se a graça voluptuosa da natureza do sul, para formar um quadro de caracter unico. A luz, a agua, o ceu, as montanhas e os valles fundem-se n'uma diversidade de tintas e aspectos, cuja alliança é uma harmonia perfeita.

Circundando o horizonte n'uma cordilheira, cujas cristas argenteas de neve eterna, descrevem longas curvas irregulares, as altas collinas descem até á agua que as reflecte n'uma doçura infinita de tons ultramarinos. Nas margens ferteis, d'um verde viçoso, povoações esparsas rutilam, brancas sob os telhados vermelhos, entre o azul do lago e o azul do ar. Villas silenciosas, de claros perystilos engrinaldados de vides e roseiras, alongam até á margem os seus jardins em terraços sobrepostos. E tudo pa-

rece vibrar, arder em clarões de apotheose, no deslumbramento d'esta atmosphera de saphyra e oiro, como se no ceu se vaporisassem esmaltes.

Oh! que esplendor divino n'esse azul que não tem par em nenhum ceu ou lago, tão vivo que a principio offusca, mas para logo se harmonisar com a paysagem de que é a expressão suprema — como a luz e a côr do olhar o são d'um rosto.

SANTA CATHARINA DEL SASSO

Por toda a parte a agua vive, freme, lampeja, espelhando, reverberando a luz ardente. O ceu puro parece d'agua limpida. Não se sabe qual dos dois elementos é mais transparente e mais fluido. Para qualquer ponto que me volte, é uma feéria de verdes claros, d'azues rutilantes, de relampagos de prata, de frémitos doirados, de espelhamentos de crystal irizado, n'uma festa triumphal de côr para os meus olhos, que sob os ceus cinzentos de Paris, tantas saudades tinham d'esta kermesse sensual dos climas meridionaes. As sombras são violaceas. As pedras têm tons fulvos. Perto das margens, a agua toma reflexos d'ametysta e d'esmeralda. E n'esta prodigiosa luz que faz destacar os contornos com um vigor maior sobre o ceu de cobalto, as coisas revestem côres mais intensas, relevos mais fortes. As casas das aldeias parecem aguadas a carmim. Borboletas tremem sobre as folhagens metalicas dos laranjaes, como chammas. Os pardieiros mais velhos, de cascalho secco e tisnado, parecem pintados alli, sob latadas, por um pintor impressionista. Uma revoada de rôlas bate as azas, como uma geada de prata, sobre um velho campanilho côr d'ocre, do alto do qual um apostolo de bronze abençôa os pescadores, com a mão estendida, e cujos sinos repicam no ar de crystal nitido, n'um carrilhão alegre e festivo que ora se accelera, ora se espaça, espargindo os campos d'uma chuva de sons. O trilar dos passaros, que agora parecem mais numerosos, vibra n'um *allegro* mais musical, como se cantassem ainda, nos poemas d'Horacio e de Ovidio, os espasmos das hymadriades, sob as caricias dos aegipans victoriosos. E tudo ri, tudo canta na alegria da natureza fecunda. Os cemiterios parecem pomares. Sobre um tumulo, vejo uma latada cheia de cachos. N'um d'esses povoados de nomes risonhos e cantantes como pregões, Baveno,

Canobbio ou Streza, não sei qual, uma chaminé de fabrica sobe toda florida de trepadeiras. E que harmonia lyrica nas vozes de todas essas creaturas do campo, tostadas pelo sol, d'olhos avelludados e amorosos. N'uma estação, Lesa, só no nome parecida com a minha cinzenta Leça, ouço um rapaz esbelto como um gladiador apregoar: «*Vino bianco!*» E esta simples phrase, tão banal, canta melodiosamente no ouvido como um verso, entre as vozes guturaes e duras dos viajantes allemães, inglezes, escandinavos, russos e francezes, que discutem o preço dos lindos *fiascos* empalhados, de longo tubo esguio, cheios do vinho generoso da Lombardia, que sabe a flores e faz as almas dos homens amorosas e luminosas, como as dos deuses.

Assim á entrada, para logo seduzir os que chegam das terras sombrias e geladas do Norte, este voluptuoso lago lombardo é, na verdade, a symphonia transcendente d'essa opera da Sublime Belleza, que a Italia canta ás almas rudes e seccas dos Barbaros que vém conquistal-a — e que ella acaba sempre por conquistar.

II

Isola Madre! Isola Bella! Isola dei Pescatori!

Atravez das folhagens dos laranjaes e dos pomares que marginam o Lago Maggiore, as Ilhas Borromeas surgem das aguas sintillantes, como n'um sonho oriental.

O verde milagre florido da sua apparição é tão extasiante, que a principio as imaginamos chymericas, feitas de miragem, no deslumbramento d'aquella luz elysea que tudo irrealisa.

A mais sumptuosa é a Isola Madre, com os terraços suspensos, coroados por um velho palacio côr de rosa, a que as janellas sempre fechadas dão um ar lendario de novella, e que apenas habitam, romanticos fantasmas empoados, as figuras silenciosas e sempre empertigadas das telas ancestraes.

ILHA DOS PESCADORES — OUTRO ASPECTO

Ha duzentos e cincoenta annos que jardineiros de genio alli tém aclimado a flora das cinco partes do mundo, desde o papyros sagrado do Egypto, ao cypreste hieratico do Himalaia, e da arvore de papel da China á andromeda da Ilha Formosa.

Nenhum ruido da existencia tumultuaria chega áquella ilha encantada. Apenas lá

ILHA BELLA

vive um velho guarda que o isolamento e a solidão de certo fizeram poeta ou santo; e os pavões que pelas aleas lentamente passam, abrindo as caudas heraldicas e flammejantes, como nos quadros do Veronezo.

Toda decorada de porticos, estatuas, obeliscos, cascatas, grutas de conchas e deuses marinhos, com um castello d'opera sobre os sete terraços abobadados, a Isola Bella é toda gorgeante de passaros e fontes, ao poente, a reflectir-se no fundo da agua luminosa, como as miragens.

Sobre um ilheu de rochedos chatos, os Castelli di Cannero esboroam as suas muralhas em ruinas, á tona do lago.

E a mais pittoresca de todas, para mim, é talvez, na sua rustica humildade, a Isola dei Pescatori, com as pequenas casas pobres de varandas de pau, enramadas de trepadeiras e trapos de côres, á volta do campanario agudo, e toda rodeada d'um enxame de barcos toldados como os *rabellos*, desfraldando as grandes velas com a *Madona* pintada a vermelhão.

Foi nas Ilhas Borromeas que Rousseau pensou em desenrolar os episodios da «Nova Heloisa». Nenhum scenario parece realmente mais talhado pela natureza para um poema ou para um romance.

Ha certos logares da terra que nos prendem com uma seducção tão intensa como um bello amor, e que nunca se deixam sem a promessa de lá vivermos, mais tarde, como n'um Eldorado.

Esta paysagem tão lyricamente elegiaca, á beira d'agua, é para mim uma d'essas. Durante as horas que lá passei, o meu unico desejo era ficar alli, sem ir mais longe, encantado por aquella harmonia de tons e de linhas, deixando pairar a alma esquecida do passado e do futuro, na contemplação absorta d'aquelle espelhamento multiplo das vagas luzindo atravez das folhagens, no esplendor sereno da luz doirada.

Não sei que mysterioso atavismo, inconsciente e profundo, nas raizes do meu ser, attrae sempre para a Agua a minha alma nascida nos Montes. Por mais celebrada, uma paysagem parece-me incompleta, se ella a não anima com a sua vida multiforme.

Sempre que avisto um rio, um lago, ou o mar, o meu coração bate mais calmo e mais livre, como se a minha personalidade se dissolvesse, como se a agua me deshumanisasse, e minhas chymeras se transformassem nas pequenas ondas innumeraveis e ephemeras que pacificamente vêm morrer nas margens, depois de reflectir as nuvens e as azas.

Uma paz infinita embala-me o coração farto de soffrer e d'aspirar, sem encontrar nunca, vagabundo eterno, o seu asylo n'um lar, tão depressa atraido como desenganado. Ficar alli, n'uma d'essas lindas *villas* tão calmas, entre arvoredos, junto d'estes lagos lombardos, ou n'um logarejo ignorado do Mediterraneo, vendo aos poentes fluctuar como chammas as velas dos navios que passam...

Quantas vezes tenho concebido puerilmente este sonho — sem me lembrar que os unicos sonhos verdadeiramente bellos são os que se não realisam nunca. A quantos tenho aspirado, e depois de os attingir, todos me parecem estereis, como aquelles fructos da lenda, que sob as cascas d'ouro só contém cinzas. E se no emtanto me perguntassem se a unica maneira de supportar a vida é esquecel-a, eu responderia ainda e sempre que a unica maneira de a supportar é vivel-a. Vivel-a intensamente, febrilmente, nas alegrias e nos prazeres, como nas dores e nas decepções: vivel-a sob todas as fórmas, espalhar a nossa alma pelo mundo, colher todas as sensações imprevistas no espectaculo sempre novo das coisas e dos seres.

Alma insaciada, ávida sempre de novos amores, de novas dôres, que importa!... Sê como a agua, tua irmã, como a agua informe e transitoria, que reflecte as auroras e os poentes. Como a agua, egual ao desejo eterno e vario, como elle inquieta, cambiante, obscura, luminosa, errante, espelhando as nuvens e os astros, as arvores das margens e os caes das cidades antigas, vive e passa a desejar, a aspirar, até á morte!...

III

Isola Madre! Isola Bella! Isola dei Pescatori!...

Que inolvidavel sensação d'encanto, a da primeira vez em que ouvi, como n'um hymno lithurgico, cantar estes tres nomes, na voz d'emballo d'Aquella que nunca mais ouvirei!

Estações passaram. Já por tres vezes os jardins do Lago Maggiore floriram e murcharam. Outras terras, outros amores, por esse largo mundo, me attrairam e me desilludiram... E no emtanto, parece-me vel-as ainda, deante de nós dois, de pé no carro que nos levava para ellas, a surgirem das aguas d'esmeralda, como tres Ondinas de cabellos soltos, todos engrinaldados de algas e pedrarias...

Como tres Ondinas que, na era das lendas, Jupiter convertesse em rochedos.

SALA DO THRONO, NA ILHA BELLA

para as castigar talvez d'algum d'esses deliciosos peccados d'amor humano, que fazem o encanto do incomparavel poema das *Mil e uma noites* occidentaes, que é a Mythologia greco-latina.

Seculos e seculos, assim viveram no seu mudo somno, as tres irmãs aquaticas, em negros penedos transfiguradas, suffocando no vivo coração encarcerado, a ancia amorosa e chymerica que as animára.

Lentamente, os homens antigos que tinham ouvido contar, nas primeiras tardes do mundo, a sua luminosa e tenebrosa historia, as foram esquecendo — como a tudo o que foi divino. Gerações nasceram, gerações morreram. O sol dos fulvos estios tisnou-as. A geada dos asperos invernos gelou-as. O tempo, que tudo endurece, ainda mais endureceu a sua dura pedra. Sobre a sua desolada esterilidade, em vão os ventos rapidos e as brizas ligeiras espalharam as sementes; as chuvas beneficas cairam; e as primaveras se demoraram, tentando reanimal-as com o seu halito aromal e aquecel-as com o seu bafo creador. Em vão os passaros vieram procurar n'ellas uma arvore ou um beiral onde fizessem ninhos. Em vão os pescadores do lago, por todas ellas buscavam uma flôr, bem maninha e pobre que fosse, para levar ás suas *fidanzatas*.

BAVENO — EGREJA DA VIA CRUCIS (A MAIS ANTIGA DO LAGO MAGGIORE)

E isoladas do mundo vivo, dos idylios e das luctas dos homens, no meio das aguas frias, assim viviam as tres Ondinas encantadas, sem já ninguem saber sequer do seu doce e terrivel mysterio originario, a não ser porventura aquelles que ao morrerem d'amores, por uma noite de luar, iam desvendar os segredos da outra vida, no fundo do lago...

Mas eis que um dia chegou (como nos contos de fadas) em que um principe da velha e mui nobre familia dos Borromeus, á qual as ilhas tinham cahido em suzerania, veiu emfim despertal-as d'aquelle somno millenario.

Oh! a linda historieta maravilhosa que eu ouvi uma noite, não sei se á propria nympha resuscitada, que desde então vive entre as flôres de Isola Bella, á semelhança das suas duas irmãs nas outras ilhas, — ou se em sonho, com o ouvido sobre o teu coração, oh! minha Emigrada, que como ellas tantos annos viveste com teu sonho petreficado pela magua no coração, que o meu desejo de vagabundo um dia fez acordar, para de novo partir aonde outro destino o chamava...

O lindo conto tão puerilmente poetico, que eu só deveria contar em versos, se soubesse compôl-os em rythmos harmoniosos

como os d'aquelle *Canto Novo,* de Gabriel d'Annunzio, que com tanta doçura triste me cantaste, atravez do teu nostalgico sorriso de Beatrix, nos jardins da *Punta Balbianella,* sobre o *Lago di Como,* uma certa tarde, em que as folhagens e as aguas, sob a luz dourada, em torno de ti, pareciam suspensas, á escuta!...

...O fremiti freschi de l'acque
riscintillanti d'ambre e di topazi!

fremiti novi de li alberi su le colline
a l'alitare largo de'l maestral, vi sento

ne'l cuor palpitante, nei nervi, ne'l sangue, e una strofe
è ogni fremito, una divina strofe

che vola a l'immenso poema di tutte le cose.
Io — grida entro una voce — non sono io dunque un nume?

Triste fado de quem não é poeta!... Todo esse mundo encantado de coisas invizíveis, que meia duzia de versos apenas bastam para conter e revelar — assim d'esta espessa prosa, que só serve para modelar a vulgaridade das coisas materiaes.

E aquelle mesmo fluido esparso de evocação e nostalgia que fluctuava na doçura vesperal da hora fugidia, sobre as ondulações dos arvoredos e das aguas luminosas, na irrealidade da paysagem lacustre; e todo aquelle prestigio nobre que idealizava d'um ar de novella de cavallaria a figura d'esse principe que então concebi — como agora me parecem desvanecer-se e banalizar-se em torno da personalidade concreta d'este principe Vitalio Borromeu, que o meu «Baedeker» cita... e que não passava provavelmente, d'um cavalheiro bem mediocre e um pouco ridiculo... como toda a gente!

Mas que importa, oh! minha saudosa companheira, que esta lenda não existisse nunca senão na minha imaginação, inspirada por ti, uma tarde, á beira d'um lago, sem sequer precisares de m'a dizer em palavras?

Que importa a verdade? Pois não é o unico mundo real o que sonhamos?...

ILHA DOS PESCADORES — OUTRO ASPECTO

como meia duzia de gottas de perfume n'um frasco de crystal cinzelado, bastam para resumir e evocar todos os aromas esparsos das florestas e dos prados — milhares de linhas não chegam para o indicar sequer, sem lhe toldar o mysterio, no gesso

E poderia ser outro, senão um suave milagre d'amor, o que fez resuscitar as tres nymphas, depois de milhares de primaveras petrificadas: n'aquellas tres ilhas até então ermas e aridas, como as almas dos descrentes e dos abandonados?

Elle foi assim, decerto, tal qual o imagino, enamorado e moço e formoso, como os dos poemas e das operas, este principe chamado Vitalio, que n'uma clara manhã de maio, tão extaticamente luminosa como deviam ter sido as primeiras manhãs do Olympo, alli veiu trazido pela mão da Chymera, para abrigar os seus romanticos amores no meio das aguas confidentes, longe do mundo tumultuario.

E ella, a Eleita do seu desejo, como eu a vejo (á tua imagem e semelhança, oh! meu amor d'outr'ora!) ethereamente gracil, muito loura, com um sorriso de tristeza tão meiga na pallidez lunar do rosto exangue, e os olhos tão videntes e extrahumanos, que as proprias coisas pareciam estremecer quando ella passava, pelo seu braço, ao longo das margens silenciosas...

Qual o seu nome, não sei. Mas juraria que ella é, decerto, aquella que n'um sumptuoso vestido florentino de brocado d'oiro, e vasado como o calice das tulypas reaes, dir-se-ia olhar por uma janella do outro mundo, na moldura desdourada d'um dos velhos quadros que pendem nos salões desertos do palacio senhorial.

Se ella assim foi, como o meu sonho comprehende o magnifico e perdulario capricho da paixão d'este principe Borromeu que, para lhe dar um decór de maravilha adequado, de estéreis penedos converteu as suas ilhas em jardins d'Armida.

Que importa o que dizem os guias fastidiosos e banaes?... Só um amor assim alto, para além da vida e da morte, mais forte que todas as leis dos homens e da propria natureza, poderia ter creado e realizado este sonho extraterreno!

Aquecidos pelo calor d'aquella paixão d'um principe poeta e d'uma princeza fada, tão sobrehumana como a que outr'ora exaltara e perdera as tres Ondinas, os negros penhascos que durante seculos e seculos as encarceravam, arfaram, estremeceram e fecundaram... Dos monticulos duros e redondos como os seus peitos, manou a vida occulta que as animara. O seu ventre de pedra desentranhou-se em plantas arfantes, em hervas humidas, em flôres e em fructos, n'uma prodigiosa eclosão d'amor. Arvores brotaram, cresceram, ondearam ao vento, como as suas cabelleiras verdes. Aguas virgens jorraram dos olhos azues das nascentes, que eram talvez as torrentes de lagrimas tantas noites retidas nos seus corações

CASTELLO DI CANNERO

sempre vivos. Passaros alegres cantaram, que eram os risos das suas boccas até alli emudecidas. Rosas desabrocharam, por toda a parte, estrellando a terra, brancas, os seus sonhos; vermelhas, os seus desejos. E borboletas, que eram os seus pensamentos alados, pelo azul, encheram as ilhas d'uma palpitação aerea e luminosa...

. . . .

Nenhuns olhos mortaes viram ainda as tres nimphas resuscitadas. Nenhuns ouvidos humanos ouviram jamais ás suas vozes. Mas, a certas horas, pelas noites caladas e lunares em que o ar parece tremer, como uma carne lactea e setinea, ao menor movimento, e das sombras e das folhagens vem um aroma ardente que nos sobe á cabeça como um licôr que entontece, só aquelles que não perceberam nunca o que ha para além da sua densa materia, não têm sentido a sua presença invisivel, a sua presença mysteriosa.

E é por ellas lá reviverem, e de novo irradiarem o seu divino sortilegio, que dos quatro pontos cardeaes, mysteriosamente attraidos por um sonho mais bello que os humanos, aos pares, d'olhos extasiados, os noivos e os amantes vêm cada anno em romagem, a todo o vapor dos expressos e dos paquetes, á procura d'estas ilhas lombardas, onde o amor tem um encanto melhor que em nenhum outro logar da terra...

...E eis aqui, em dura prosa narrada, a lyrica Lenda das Tres Ondinas do Lago Maggiore, que uma d'ellas me inspirou, ou que eu mesmo sonhei porventura, uma noite, entre as flores de Isola Bella, ao adormecer com o ouvido á escuta sobre o teu coração, oh! meu amor d'outr'ora... depois de ter lido o «Baedeker».

Justino de Montalvão.

O mais feliz

Sempiterna ambição, desejo ardente,
Que os nossos corações trazes sujeitos,
Origem principal de tantos feitos,
Do mais vil que ser possa, ao mais ingente.

E' difficil dizer seguramente,
Quando se attenta assim em teus effeitos,
Se mais virtudes tens, ou mais defeitos,
Se evitar te é ser fraco, ou ser prudente.

Se existe alguem que não deseje nada,
Por nunca ter podido achar seu norte,
E a quem toda a ambição seja vedada,

Esse é que deve abençoar a sorte,
Porque mais facil tem a dura estrada,
—Mais calma a vida e mais serena a morte.

Celestino Soares.

JOÃO

Ao Ill.^mo Sr. Eduardo de Noronha

I

Um sino vae lançando pelo espaço
As notas langorosas de matinas,
Tão limpidas no ar da madrugada
Que mais parecem de harpa merencoria
Vibrando solitaria nas alturas...
As cigarras accordam pelo campo
E vão uma por uma respondendo
A'quella que primeiro viu a franja
Do astro purpurino e triumphante.
Na caricia da briza os vegetaes
Saccodem os seus ramos orvalhados
Da névoa que cahiu durante a noite.
Desfaz-se o nevoeiro pelo ar
E mostra de repente o céu azul
Sulcado pelos raios luminosos
Do sol que resplandece no infinito..
Alvorecêr de abril... Nessa manhã
João léva á egreja a namorada
E atravéz da estrada pittorêsca
Segue o cortéjo alegre e sorridente
Pondo uma nota viva na brancura
Da fita que serpeia pelo valle,
Até á capellinha, aonde espera
O cura, um bom velhito, ainda o mesmo
Que os baptisára outr'ora quando a vóz
Era mais forte e o braço mais seguro
Para lançar com extremada uncção
O gesto que absolve e purifica...
João tem vinte annos e na face
Brinca, serêno, o riso da alegria...
Uma vêz, ao descêr até á aldeia,
Viu caminhar, ligeira, pela estrada
Maria, a rapariga que o seu peito,
Mesmo antes de a ter visto, já escolhêra...
Amou-a simplesmente e é por isso
Que segue pela estrada a companhia
Até á capellinha aonde espéra
O velho cura... João lançou á terra
A semente que vinga e que floresce...
João é bem feliz... — João semeou. —

II

Um sino vae lançando pelo espaço
Um dobre compungido de finados...
João tem trinta annos e na face
Já não lhe brinca o riso da alegria.
Emquanto a chuva cáe e tristemente
Vae cantando nos vidros das janellas,
Emquanto vae dobrando um sino ao longe,
Levam comsigo uns homens descuidados
O corpo da vélhinha, a sua mãe
Que Deus chamou emfim á Eternidade...
Vae sahindo esse corpo e devagar
Vão sahindo tambem recordações
A enterrar tambem na terra fria.
Quando elle sáe—meu Deus!—morreu de todo
A vida que com elle nós vivêmos,
Deixando-nos no peito torturado
A lembrança dos dias que não voltam...
Quando elle sáe—meu Deus!—fugiu, fugiu
A parte mais risonha d'uma vida:
E' como se vivêsse um desgraçado
Sem nunca têr infancia nem carinhos...
Quando elle sáe, mudou-se em noite escura
A luz que nos anima, allumiando
A esp'rança que floresce dentro em nós...
Se ha coisa bem terrivel na passagem
Que todos nós fazêmos pelo mundo,
E' esta, com certeza, que nos léva
O nosso coração amortalhado
No mesmo panno que o embrulha a elle!...
Meu Deus! Pobre João, pobre João!
Como é que vive ainda e cresce mais
A espiga que é dobrada pelo vento?
Como podem voar na immensidade
As aguias, contra o sôpro das procellas?
Os entes que povôam o Universo
Parecem procurar a robustez
Na propria dôr que os vae apoquentando!
João é desgraçado, João chóra
Mas fica-lhe ainda força p'ra vivêr...
João é só... — João amadureceu. —

III

Um sino vae lançando pelo espaço
Um repique festivo, uma alegria...
E no calor pesado dessa tarde
As notas espreguiçam-se no ar
Tão lentas, tão cançadas que parecem
Morrêr pela amplidão do céu azul...
Cerca os campos em roda e o horisonte
Uma auréola que disséreis feita
De pó illuminado pelo sól.
Os cães, ao longe, ladram pelas quintas
E algum grito longinquo de pastor
Vem perturbar — suave — a placidêz
Das casas cujas portas entreabertas
Deixam passar a luz, medrosamente.
João tem quarenta annos e na face
De novo lhe sorri a alegria.
Vae baptisar o filho que lhe deu
A esposa, a companheira d'uma vida,
Trilha outra vez a estrada pittoresca
Até á capellinha onde outro cura
Ha-de tornar christão o pequenino
Que meche os braços, agitadamente
Numa alegria doida de vivêr...
Segue o cortejo alegre e buliçoso
Apenas mais cançado e com o pêso
Dos annos que passaram pela aldeia.
Lá vão... pondo uma nota na brancura
Da fita que serpeia pelo valle...
João vae relembrando devagar
Tristezas, alegrias que passáram.
O mesmo sino que o casára a elle,
Levára-lhe p'ra terra a velha mãe
E de novo o chamava até á egreja
A baptisar o filho — o seu amor...
A vida é um tecido de emoções
Que esconde a realidade ás almas puras.
João sente que os olhos se lhe orvalham
E ao elevar a Deus a sua vóz,
Deixa a bocca sorrir por entre o pranto...
João é bem feliz... — João colheu. —

IV

Um sino vae lançando pelo espaço
Ave-Marias *tristes e pesadas...*
Cae a tarde tão linda! Tão serêna!
A natureza tem neste momento
A magestade augusta e a bellêza
Que vêm das coisas grandes, simplesmente...
Surgem no céu estrellas pequeninas
— Mundos rolando pelo espaço em fóra —
E nessa immensidade toda azul,
Cortados pelo trillo das cigarras,
Agitam-se impalpaveis, invisiveis
Os sonhos que sonhamos devagar
Na claridade dubia do poente...
Em baixo, a massa escura do arvorêdo
Cicia com a briza rumurosa...
Nos ninhos, pelo chão, por entre o tôjo
O canto é mais agudo, é transparente;
Ha trillos, ha mordentes, pizzicatos
Que enchem de harmonia a noite escura...
E, quando num stacato *tudo calda,*
E' mais nitida a vóz da ramaria
— Arpejo grave de um violoncello... —
João tem setenta annos e da face
Fugiu-lhe ha muito tempo a juventude
Deixando em cada anno uma saudade
Com uma ruga a mais na fronte branca...
Se ha paz por esse espaço sem limite,
Tambem ella desceu e emfim se abriga
No peito que palpita débilmente...
E' tão velho João!... Pela janella
Entram arômas penetrantes, finos
E a branda aragem dessa noite linda
Ondeia os seus cabellos branqueados...
Elle olha vagamente em derredôr,
Sorri ainda num sorriso triste...
Uma lagrima róla... Santamente
Deixou pender a fronte encanecida
E foi talvez errar por esse espaço
Todo cheio de Luz e d'Harmonia...
João não sente mais... — João morreu. —

MARIO D'ALMEIDA.

O punhal do Destino

CAPITULO I

O gatinho

Stepan Trofimitch estava á porta da sua choupana, a observar uma scena familiar com uns olhos meio tristes, meio turvos. No lado opposto da estrada erguia-se um muro de pedra, topetado por umas faias e uns amieiros, despidos de todo; através da aldeia de cabanas de madeira, cortava a direito uma estrada, péssima, sem curvas nem desvios, e com o leito entrecortado de pôças de agua gelada. Lá ao longe, por entre a floresta, numa elevação do terreno, uma mole architectonica negra e alterosa, campando de encontro ao ceu abrasado pelo occaso do sol.

O Orel septentrional conta mais de uma aldeia similar, arredada de Bolkhoff a distancia de um dia a cavallo, mas não haverá uma só que exceda em esqualor, miseria e desfavoravel situação a aldeóla de Ashinka.

Na floresta ecoava a nota estridula do canto de uma ave, e as derradeiras e amarelidas folhas das faias caíam silenciosas sob a pressão dos dedos da geáda; lá ao longe, no castello, um templete envidraçado coava a luz do sol posto, refulgente como oiro rubro; iam passando dois mujiks, com as alparcas de casca de betula a emittirem um som curioso.

Os olhos injectados de Stepan Trofimitch coruscavam á luz do sol prestes a sumir-se e a ruiva e crespa ganforina como que se expandia por baixo do negro carapuço, tapando-lhe as orelhas.

Era tal qual o Judas do painel pendurado dali dois passos, na egrejinha. Era esquadrado, quer dos hombros quer dos queixos, com um corpanzil desastrado e uns braços compridos que nem os de um macaco.

Era o proprio typo do camponês russo de raça branca, a encarnação do descontentamento marruaz reprimido pelo espirito lethargico do Eslavo — a integração dessa tremenda força latente sopeada durante séculos, que tanta vez tem ameaçado, á qual, comtudo, por uma qualquer paralysia da iniciativa, sempre fallece a concentração precisa para actuar.

Rodara o anno memoravel de 1860, e a emancipação era um facto, mas os beneficos designios de Alexandre II não haviam tido seguimento, e a burocracia estava forte como nunca, ao passo que o socialismo theorico do principio da éra de 60 ia gradualmente cedendo logar áquelle Nihilismo pratico que desabrochou volvidos dez annos.

— Tal qual a sua habitação mancha o sol posto, assim este homem mancha os nossos pensamentos, as nossas esperanças — rosnava lá comsigo Stepan, ao erguer os olhos para o sombrio castello da floresta.

Nicolai Kriloff — lobo de lobos, vil cachorro de um tyranno mais vil — o ceu se lembre delle.

Passou um camponês baixinho. Tinha um

nariz bicudo tal qual o focinho de um rato, e a cara sulcada de rugas. Olhou sorrateiro em redor, com medo de que alguem o estivesse observando, e estacou defronte do nosso homenzarrão.

— Oxalá corram bem as coisas a Stepan Trofimitch, disse elle, em voz estragada pelo abuso do rapé.

Trofimitch não terá olvidado a seu pae?

— De vagar, Yasha Aratow. O ar leva as palavras, apezar de não haver vento.

— Rosnam por ahi que o Semyon Rusakow anda prégando a guerra á faca.

— E então, isso que tem? Nós cinco não temos medo á faca. Não será a justa resposta ao knut, irmão?

— E' isso, é; nós cinco a favor da causa. Mas o que eu peço a Deus é que a sorte caia seja em quem fôr menos em mim.

— *Todo aquelle que confessa ser cogumelo, não tem que ter medo ao cesto.* E's um covarde.

— E' certo que sou, confessou o Yasha com franqueza. Mas nem por isso deixo de ter amor á Russia.

Stepan apontou para a estrada, onde assomára um pequerrucho, montado num garranito pigarço. Vinham atrás dois lacaios com a libré dos Kriloffs.

— O filho do Conde — a cria de Nicolai Kriloff — a esperança da nova geração; é quem hade vir a involver em trevas o viver de nossos filhos, declarou Trofimitch.

— Graças a Deus que os não tenho para chorarem por mim, ou para eu chorar por elles. E agora, sigo meu caminho. Encontrarêmos esta noite em casa de Semyon Rusakow.

Desappareceu, deixando atrás de si um fartum de rapé e de breu, e neste comenos, a filhita coxa do Stepan, a Marfa, saíu da choupana e postou-se ao lado do pae. Trazia ao colo um gatito, um rôlo de pello preto, macio e felpudo, com uns olhos amarellos que nem topazios e um rabo grosso. Em volta do pescoço uma tira de panno vermelho, e um guiso a tilintar a cada movimento do animal. De repente, eis que o bicho, pulando, se esquiva dos braços da Marfa, e marinha pelo ripado, que servia de vedação á cabana. Subia devagarinho, equilibrando-se com o auxilio da cauda, tal qual um esquilo.

N'isto, eis que apparece o filho de Kriloff. Era um rapazote macilento, com o cabello côr de palha caíndo-lhe em madeixas corredias sobre o colarinho. O Stepan fez-lhe uma mesura de nariz ao chão, quando elle ia a passar rente da porta; eis senão quando, com grande espanto do mujik, o juvenil Pavel Kriloff soffreia o garrano, e os lacaios detêm os cavallos.

Falou, isto é, guinchou o pequeno.

— Quero aquelle gatito, olá, ó tú, Stepan Trofimitch. Já o vi indagora, quando passei por aqui, e torno agora a vê-lo. Entrega-o ali áquelle lacaio Quero-o para mim. Avia-te! Que estás tu para ahi de olhos espantados? Ahi vae um rublo para a pequena.

Arremessou a moeda de prata aos pés de Stepan, mas o camponês nem sequer fez menção de a apanhar,

— Lá isso não, meu paezinho, não pode ser. Pense bem no caso, querido paezinho. O gatinho é da minha pequena, que é coxinha e não tem outra coisa neste mundo que lhe dê satisfação. Não lhe tire o seu thesouro, coitadinha; o menino, de mais a mais, que dispõe de cavallos e de bonitos, a rodo, e de tudo quanto ha...

— Atreves-te a dirigir-me a palavra, tu, Stepan Trofimitch! Quando é que se viu meu pae trocar palavras com cães? E' elle abrir a boca, e tu obedeceres. Pois agora hei de ter esse bicho, gratis, fica intendendo! Passa-me para cá o meu rublo e entrega o gatinho ao meu lacaio. E já!

O Stepan apanhou do chão a moeda de prata, limpou-a, e restituiu-a ao juvenil Pavel; mas o gatinho era agora apertado d'encontro ao seio pela Marfa, desfeita em lagrimas só com a ideia do imminente apartamento,

— E' o thesouro da minha querida filha, meu paezinho, insistiu o camponês, com decisão. Vae para casa, pequena, e leva o teu gatinho. Não deve ateimar em exigir-lh'o, meu patrãozinho.

A Marfa lá se sumiu a manquejar, na lobrega cafúa, e o fedelho, de enraivecido, pôs-se a berrar,

— Havemos de ver, deixa estar, assim que eu contar tudo a meu pae.

Hasde amargá-lo, meu macacão da grenha assanhada! Hasde ser açoitado e retalhado em bocadinhos. Mando-te agarrar, e heide zurzir-te até espilrar o sangue; atar-

te-ão de pés e mãos, Stepan Trofimitch, para eu te dar cabo da vida.

A chorar de raiva, meteu a galope até ao immenso portão de ferro que quebrava a monotonia do interminavel muro e marcava a entrada para o castello de Kriloff.

— Cachorrinho de tigre, exclamou o mujik, pensativo. E o peior é que o tigre não tarda a ser sabedor do caso.

— Forte doido! clamou um dos assustados lacaios, metendo a galope atrás do amo. Fazer semelhante alarido por causa de um gato!

— Até amanhan.

— Amanhan pode muito bem nunca alvorecer para Nikolai Kriloff, commentou o Stepan, mas ninguem ouviu.

Succedeu, porém, ao Stepan, o ter de liquidar a sua conta naquella mesma noite, e o incidente do gatito da Marfa não estava ainda encerrado. O menino Pavel encontrou o proprio conde a caminho de casa. Galopando através da avenida de arvores nuas passou por um *drosky* a abarrotar de bagagem, ao passo que uns cem passos mais para diante lhe surgiu outro, dentro do qual iam Nikolai Kriloff e um forasteiro.

— Ali vem o meu Pavel, exclamou o senhor de Ashinka. E acenou ao cocheiro que parasse.

O Conde de Kriloff era loiro, e os seus olhos azues fulgiam com a dureza do ceu quando o vento sopra de leste. Tinha a face marchetada de nodoas arroxeadas, um tanto suspeitas, e o tremendo queixo de cão de fila marcava um caracteristico da raça a que pertencia. Pouco mais mediria acima de cinco pés craveiros, mas era largo de hombros e de constituição assás robusta. Vinha envolto numa pelliça de pelle de lobo, por debaixo da qual apontava um par de pernas curtas, solidas, enfiadas numas botas á hússar, com umas borlas muito grandes. Firmava-se num bengalão, e trazia calçadas umas luvas grossas, de pelle.

— Estimo ver-te, filho, exclamou.

Apresento-te *monsieur*... John Jessop... *mister*, queria eu dizer.

E' *mister* John Jessop que se diz?

Vem apresentar-lhe os teus respeitos.

Um inglês, ainda moço e de estatura avantajada, sorriu estendendo a mão, mas não encontrou boa acolheita. Sob a impressão da recente arrelia, Pavel pespegou tudo no ouvido do pae, e com grande espanto de mister Jessop, o Conde ficou tão furibundo como o proprio filho.

— O Stepan Trofimitch! vociferou. Não será ainda sufficiente? Já se esqueceu do pae que foi parar ás minas de sal? Vem, vem dahi, no mesmo instante. E o senhor Jessop, tambem. Aprenderá com isso alguma coisa. Vae ver o reverso da medalha.

Disse, e lá foi calcurriando a pé, com umas passadas tremendas considerada a escassez da estatura, e o recem-vindo seguiu-lhe nas piugadas, com o Pavel, que deixou para trás o cavallo.

O Conde cuspinhava, bufava e praguejava lá comsigo, mas nem palavra aos companheiros. Até que alcançaram a choça do mujik, e o encontraram ainda a tomar o fresco no esmorecido crepusculo. Assanhou-se-lhe ainda mais a côr do rosto ao dar com os olhos no amo.

— Que quer isto dizer, marrano! Atreves-te a negar a Pavel Pavlitch Fedor Kriloff um animal qualquer que lhe apeteceu?

— Com a devida venia, meu amo e senhor, pensei que o amo novo teria intendido. O gato pertence a minha filha.

— A' *tua* filha! E aqui está o meu filho! Temos que te cortar as ásas, Stepan Trofimitch! Vem vindo uns sussurros assás feios lá da olga da floresta, duns certos esconderijos onde não devia jazer alapada nenhuma besta fera.

— O vento tanto carrega com os maus boatos como com os bons, tal qual arrasta sementes boas, e sementes ruins, o fedor do pantano que fica para além e o aroma dos pinheiraes.

— Atreves-te a replicar! E's o teu proprio pae, escrito e escarrado, que é que elle ganhou em dar tanto á lingua?

— O ir apodrecer para as minas.

— E é assim que se dá cabo de semelhantes sevandijas. Mas primeiramente, o knut, meu amiguinho, e, por Deus! se é verdade o que me contaram, é chegada a tua vez. Trata de olhar por ti, Stepan Trofimitch. Estamos fartos de saber, lá no Castello, o que significa o môcho que pía em noites escuras. E agora, vê se vaes sacar dessa tua espelunca para fóra o tal bicharoco, e é para já, pois estamos anciosos por respirar um ar mais limpo.

O desgraçado ficou-se por instantes hirto, inerte e como que pregado ao chão.

Os olhos injectados e os de azul acerado encontraram. Então, o Stepan, cerrando a dentuça tal qual uma ratoeira, deu uma viravolta e enfiou pela cabana sem dizer palavra. A Marfa estava a brincar ao pé de uma fogueira de gravatos, e o pae, em voz aspera, disse-lhe que tinha que apartar-se do seu companheiro de brinquedo. Ella, abraçou-se ao bichinho, afflictissima, aos beijos a elle, e depois, com silencioso pranto por unico protesto, entregou-o ao pae. Ao mesmo tempo ouviu-se lá fora uma voz a chamar pelo pobre do homem; e a aspereza da ordem, de par com a magua da filha, induziram-n'o a perpetrar um acto de loucura.

—Deus o entregue ás minhas mãos, resmoneou, para o tratar como merece!

Contorcia lhe os musculos como que um tetano, ao passo que a raiva lhe contorcia o espirito, turvando-lhe o parecer. Agarrou no gato e esmagou-o entre os dedos, tirando-lhe a vida, tal qual uma criança mata uma mosca. O malfadado animal soltou um guincho, luctou frouxamente, pegou a escoucear nas convulsões da morte, e ficou pendurado, inerte, das mãos do Stepan.

Este, assim o apresentou ao amo, e, implantando-se-lhe, hirto, na frente, arremessou o gato morto aos pés de Pavel.

— Ahi o tem, leve-o — o mesmo acontece a todos os seus escravos. Os corpos são seus, mas não a vida que os anima.

Uma onda de sangue assomou á face do Conde, e este fincou os dentes, arreganhando os labios.

— Cão! bramiu, dando um salto á frente e fustigando o outro, por duas vezes, no rosto, com quanta força tinha. A cada vergastada correspondia uma tira rôxa, e o olho direito do camponês pegou a verter sangue. O desgraçado recuou, cobrindo a cara com as mãos, e depois, a titubear, encaminhou para a choça. Acompanhou este acto silencio absoluto.

— Isto foi só para provares, escorpião do matto!

O Conde de Kriloff voltou costas. O moço inglês, a segui-lo com uns olhos espantados, e o menino Pavel esteve um minuto a uivar e a olhar para o gatito defunto, e depois correu a ir ter com o pae.

CAPITULO II

A semente vermelha

Percorreram as trevas um murmurio e uma restolhada — um som mais forte que o dos activos dedos da geáda. Não havia luar, mas as estrellas rutilavam brilhantissimas; e nos sitios em que as póças geladas se estendiam por baixo da escuridão, tremeluzia frouxamente como que uma caligrafia de astros.

Um vigia percutiu a competente prancha e bradou que não havia novidade. Nisto, abre-se uma porta nas trazeiras da choupana, e apparece o Stepan Trofimitch. Atravessou um charco na retaguarda do seu habitaculo e meteu pela charneca em fóra, cujos vimeiros em breve brotariam assim que se fosse o inverno. Agora, os podados cêpos erguiam-se quaes espectros de cocoras em redor do nosso mujik, ao passo que este ia abrindo caminho pelo pantano congelado, e dali a nada, afastando-se do vale e arrostando com uma encosta de declive irregular, encontrou-se nos confins do escuro pinheiral. Ali, parou, escutou um pedaço, e depois, lá foi atrepando, cauto, para a frente.

Em vinte minutos, alcançou uma deveza cerrada de matto e éra; em seguida, rastejando por entre os moitedos, entrou numa clareirinha onde uma duzia de pinheiros sêccos, esbulhados do cascabulho, surgiam lividos nas trevas. Por baixo, vasquejava um luzeiro rubro, tal qual um olho á espreita, e ali, por umas sendas enredadas, se dirigiu Trofimitch. Dali a pouco, loirejou na escuridão uma choça de couteiro, e o nosso noctivago, ao entrar, saudou um grupo silencioso de cinco almas congregadas lá dentro.

— O ceu fortaleça as tuas mãos, honrado homem, disse elle; e tambem as tuas, Semyon Rusakow — vieste para accelerar as pulsações ao nosso indolente coração — sê bemvindo.

Alumeava os Nihilistas um candil de kerosene, sobresaindo entre todos o vulto dominante de Semyon Rusakow, o propagandista, oriundo da Russia Menor, e natural de Pultava. Era um individuo magro, com uma cabeçorra desconforme, testa abaulada e côr macilenta. As barbas negras

quasi que lhe chegavam á cintura; aquelles, porém, propensos a rirem-se-lhe da esquipatica apparencia, embatucavam logo á primeira olhadela que elle lhes desfechava. Este activissimo agitador, e um cento delles da mesma laia, representavam a Nova Russia, ahi pela éra de 1870. Furavam através do estagnado coração do país, desafiando organizações, civís, ou militares, arriscando-se a ir parar com os ossos á Siberia, a cada instante, e espalhavam a mãos rôtas aquella semente que cada qual, no seu enthusiasmo pessoal pela liberdade, acreditava dever germinar muito brevemente, medrar, e dar fruto. Aquelles homens, comtudo, semeavam sem conhecerem o terreno. Elles proprios eram as excepções, e o som unisono do seu clarim apenas acordava em resposta um grunhido daquelles que o ouviam.

Depois, esse monstro ingente, o povo russo, lá tornava a caír na maldição lethargica da propria indole.

OS INDIVIDUOS QUE CERCAVAM RUSAKOW ERAM UM BANDO DEMINUTO MAS TYPICO DE DESCONTENTES

Os individuos que cercavam Rusakow eram um bando deminuto mas typico de descontentes — Stepan Trofimitch, Yasha Aratow e um irmão, e mais duas almas — servos antigos do castello de Kriloff, cujos paes haviam succumbido a golpes do knut.

O viandante havia discursado por mais de uma vez perante auditorios semelhantes — alguns mais reduzidos, até, — e a assembleia, planeada por arranjo particular, tinha como escopo unicamente questões de negocios, com ausencia de vodka, de tabaco e apenas uma restea de luz.

A esta, mesmo, apagaram-na para maior segurança, e o conclave passou a funccionar nas trevas.

— Negam-nos a luz, afirmou Rusakow, e portanto, labutaremos nas trevas. Cheguem-se para cá, irmãos, para se conservarem quentes e afim de melhor me poderem ouvir. Digo milhares de milhões de palavras, em cada anno, e tenho que poupar a voz a prol da causa.

Resmungaram annuindo e aconchegaram-se em torno delle. Então, naquelles accentos fatigados, que tão amiude incidem com o exordio de um orador de profissão, Semyon Rusakow tomou a palavra.

— Desde o anno passado tenho percorrido quinze districtos e falado em dezesete vilas, vinte e uma aldeia, e treze casaes, encetou: — Tenho espalhado os meus panfletos e vi-os a remoinhar com o vento irem parar ás mãos do lavrador agarrado á rabiça do arado e ás do rachador na floresta. Tal qual vôam as folhas do larigo e da cerejeira brava, nas borrascas do outôno, assim vôam as minhas palavras; e permita o Céu que, assim como as folhas estrumam as arvores, possam as minhas palavras fortalecer-vos e ajudar o meu país. Sabei, pois, que: o povo deve ser capitaneado pelo povo. As imagens sagradas, os padres, as proprias orações de nada vos podem valer. O Céu está pronto, não ha duvida, mas á espera de que a Russia dê o primeiro passo para a sua libertação. O Céu aguarda o signal da vossa parte, — a insignia vermelha da liberdade, enrolada durante demasiado tempo, meus irmãos. As ideias liberaes tiveram o

seu dia, e nem o proprio Socialismo tem poder para sarar o mal. Não podemos curar tumores malignos com agua de rosas, pois estão a pedir lanceta.

E o mesmo se dá com todo e qualquer país desditoso; precisa do ferro para extirpar este cancro maldito de um milhão de sangue-sugas que se lhe aferraram no coração e lhe vão sugando a vida. Sois o coração da Russia, vós cinco que me escutaes; e é o vosso sangue, o sangue de vossas mulheres e de vossos filhos que vos estão sugando das veias.

Com os argumentos do costume, adubados de linguagem que elle julgava mais idonea a despertar o seu bucolico auditorio, foi Semyon Rusakow desinvolvendo o seu thema. Explicou que a liberdade nominal representara o unico resultado da emancipação dos servos.

— E agora as pontoadas do alveão furaram o formigueiro e as formigas têm que tratar da propria salvação, declarou, e em seguida passou a indicar uma politica arrojada e luminosa o sufficiente para agradar aos mais ferozes de quantos o escutavam. A propaganda Nihilistica de Rusakow abarcava um plano de acção, que, com certeza, tinha feito ouvir a voz do povo em todo o comprimento e largura do territorio Russo.

O seu systêma consistia no conjunto dos esforços e sacrificios pessoaes em favor da causa; e era nesse sentido que elle elaborava o seu plano.

— Este vampiro da burocracia não succumbe ao primeiro golpe; mas ferí amiude e ferí bem fundo e as ulceras corromper-se-ão recusando-se a sarar. Num país tão vasto como é a Russia, não se pode combinar qualquer avalancha simultanea, nenhum cataclismo da indignada humanidade, e a nós falecem-nos meios para organizar semelhante emprêsa. Mas quem haverá tão escasso de forças que não possa brandir um punhal ou puxar um gatilho? Quem haverá que se arreceie de ferir em prol do seu país, ainda quando a Siberia seja o premio iminente? Fazei aquillo que tiverdes mais á mão. Considerae o que seria se todo e qualquer Nihilista fizesse outrotanto! Obras, obras, nada de palavras; e, acima de tudo, sede humildes em vossas ambições. Nem vós nem eu, irmãos, nos preoccuparemos com os grandes. Dae tempo ao tempo. Decepae os membros e definhar-se-á o tronco. Contentae-vos com a tarefa que encontrardes a geito, pois qual será o casalejo a que falte o seu foco de infecção. Onde se encontrará o nucleo de russos honrados que se atrevam a afirmar que entre elles e os seus direitos se não entrepõe qualquer homem deshonesto? Procurae no que tendes á mão, e ferí sem piedade.

Continuou explicando que o desejo do seu partido era o incitar o camponês contra o seu immediato oppressor pessoal. Que era um plano pratico de campanha podendo dar resultados praticos. Semyon Rusakow almejava por ver um milhar de facas russas rubras de sangue de um milhão de tyranetes, proprietarios ruricolas, magnates locaes, camponêses donos das suas creaturas. Todos os pequenos proprietarios e quantos abusam do poder, todos esses representantes inferiores da burocracia, os unicos com quem o camponês se acha directamente em contacto, tinham que ser objecto de uma cruzada sanguinaria. Espraiou-se longamente o orador rematando o seu evangelho de exterminio com uma allegoria.

— As nossas mesquinhas choças de sangue e ossos, neste mundo, são foreiras da Natureza, meus irmãos. Os arrendamentos são deficientes, a nossa situação de rendeiros, precaria. Sobre alguns delles, o destino cáe sem previo aviso; outros recebem-n'o prevenindo-os de que o contrato attingiu o limite. Mais cedo ou mais tarde, — o que pouco importa, contanto que tenhâmos vivido como homens. Agora, porém, deveis operar como bailios da Natureza. Cumpre que sejaes o ferreo mensageiro do Omnipotente e caír sem remorsos, tal qual o proprio Destino, sobre essas propriedades que encerram demonios em vez de homens. Deveis esquartejar-lhes, pulverizar-lhes as vis carcassas, e encommendar-lhes os tenebrosos espiritos ao Supremo Juiz, afim de que a Russia se torne mais amena e a face de nosso Divino Pae volte a illuminar de novo o país. O sol não brilha emquanto não estalou a tempestade, abonançando. Rebente o trovão da nuvem acogulada, e que entre vós, cada alma branda o raio do vosso Creador e se torne em Salvador da patria. A poder de sacrificios seremos bem succedidos, com o nosso padecer e a nossa morte a Russia hade ganhar a luz. Essas vossas

mãos enclavinhadas, essas vossas respirações reprezadas, participam-me que fui intendido.

O aranzel crú mas efficaz de Rusakow impressionou a quantos o escutavam, e para alguem, acima de outro qualquer, soou como uma mensagem pessoal.

— Confiem-me a impreitada, exclamou Stepan Trofimitch.

— Todos nós sabemos em quem temos posto o pensamento. O mesmo nome retumba no cerebro de cada um.

O momento critico era porém um momento de paixão, e o Yasha Aratow foi o unico que se esquivou a submeter-se ao acaso da Sorte.

— Entreguem o encargo ao Stepan, que está faminto por tamanha honra, alvitrou. O Trofimitch é de nós todos quem tem o braço mais comprido. Quanto a mim, tenho as fevras de um leão no corpo de uma barata. O nosso Divino Pae bem sabe, meus irmãos, que a causa é o folego das minhas nariculas; mas se Elle me não fez para ser arma da Sua ira! Oxalá assim fosse, mas ponde os olhos em mim e julgae.

— Assim será, mas nem por isso deixas de ter a melhor pontaria em toda Ashinka, Yasha Aratow, afirmou o irmão, com frialdade.

— Quando o alvo é um gralho, mas não quando é um homem.

— Acendei a luz e olhae-me para a cara, exclamou Stepan. E depois dir-me-eis se a minha reclamação deve, ou não, ter preferencia.

Olharam todos para aquellas feições escaveiradas e sulcadas, abstendo-se de commentarios. Tomou então a palavra o Semyon Rusakov.

— Tirem á Sorte, e o Destino que escolha a quem muito bem quiser. Não é o amor á Russia, mas sim o odio ao teu inimigo, que te faz fallar, Stepan Trofimitch. Os nossos actos não devem soffrer a influencia de escandolas pessoaes; os nossos fins não devem ser viciados por qualquer inimizade particular.

Foi pois a escolha entregue á Sorte, ao que parecia; o caso, porém, ao Stepan estimulou-lhe a argucia, e falou este.

— Tenho aqui na algibeira uns grãos de trigo, vermelho e amarello. Servem para o caso. Empresta-me cá essa bolsa de coiro que trazes na cinta, Yasha, deitar-lhe-êmos dentro cinco bagos, — quatro, amarellos, e um, vermelho escuro —. Depois cada um de nós tira um bago da bolsa por escala, conforme a edade, a começar pelo mais novo.

O Semyon Rusakow acceitou o alvitre. Abriu a bolsa e o Stepan deitou-lhe para dentro cinco bagos; mas naquella escuridão não era caso para grande habilidade o elle realizar o seu intento, e o bago vermelho ficou em seu poder.

Todos soltaram exclamações á proporção que ia proseguindo o sorteio, e o homem do rosto escaveirado, o penultimo que imergeu a mão, sacou para fora a semente sinistra. Então, trocadas mais meia duzia de palavras, dispersou a assembleia, cada qual para o seu destino.

Até que por fim o Rusakow ficou a sós com o Stepan.

— Anda dahi, disse este ultimo, vem dormir comigo, na santa paz. Amanhã, antes da alvorada, tens que ir por ahi fora.

— Seja assim. Tenho um encontro aprazado para a madrugada, em sitio que não vem ao caso. Mas quanto a ti, coragem! O Destino guiará o justo braço da sua escolha.

Ao passo que falava e seguia a par de Trofimitch para casa deste, Semyon Rusakov sentia o bafo de uma duvida a arrefecer-lhe o coração. Quanta vez não tinha elle dito aquellas mesmas palavras a individuos escolhidos á sorte, e com tão pouco resultado. A' ardencia da sua propria fé esfriava-a ás vezes o vento gelido do mallogro.

— O Céu me perdôe, se acaso a semente que eu intento semear está pôdre, murmurava por vezes, lá comsigo, em momentos de desalento e desespero.

(Continúa.)

Versão do inglês de MANUEL DE MACEDO.

O jardim da infancia

II

Tentarei dar, em curto espaço, ideia dos principios de Froebel, que constituem o espirito, que, segundo elle, deve animar o Kindergarten. A formação desses principios esteve, como era natural, muito estreitamente ligada aos factos da vida do reformador, pelo que se torna necessario dar destes succinta noticia.

Fredrich Froebel (1782-1852) era filho dum pastor (sacerdote) protestante e perdeu a sua mãe alguns meses depois de nascer. Seu pae tornou a casar-se; a madrasta a principio tratou o enteado de modo soffrivel; mas logo que teve um filho, passou a dirigir-se áquelle na terceira pessoa e a alheá-lo de cada vez mais da amizade paterna. Demais foi com pouco resultado que o pae tentou ensiná-lo a ler; metteu-o depois numa aula de meninas, onde o ensino se reduzia á leitura e escrita e a decorar passos da Biblia, tudo dirigido mecanicamente; em seguida a creança entrou numa escola em que esteve até aos 15 annos d'idade e ali apprendeu alguma coisa de calculo elementar, e de geometria e uns laivos de latim, sem que manifestasse gosto por estudos conduzidos de modo avesso á estructura innata do seu espirito. Posto em aprendizado para guarda florestal, na Floresta de Thuringia, despertou-se-lhe ali a paixão pelo estudo da natureza, principalmente da flora.

Um incidente levou-o a Iena, aos 19 annos d'idade, e ali estudou tres semestres na Universidade. Tendo emprestado o que lhe restava do seu patrimonio a um irmão mal comportado, chegou a estar algumas semanas preso por dividas. Em 1905 fez estudos de architectura em Francfort, onde se relacionou com Gruner, discipulo de Pestalozzi, e entrou como mestre na escola modelo daquelle educador. Gruner deu-lhe a conhecer as obras do grande mestre de Yverdun, onde Froebel o visitou e aonde voltou em 1808, conservando-se ali dois annos com uns seus educandos Foi grande a sua admiração por Pestalozzi, a qual lhe fez dizer: «Não ha problema de que não espero solução em Yverdun.» Todavia pareceu-lhe insufficiente o fundamento das concepções pestalozzianas, pelo lado philosophico.

Graças a pequenas heranças, e ao que ganhava em diversas occupações, especialmente como educador, Froebel proseguia nos seus estudos. Attrahido pelas linguas antigas e orientaes, passou a Goettingen. O grande cometa de 1811 chamou-lhe a at-

tenção para a astronomia. Concebeu então «a lei espherica», de que fez applicação nos exercicios do Kindergarten. Dirigiu-se em 1812 para Berlim, cidade havia pouco dotada de Universidade. Consagrou-se então ao estudo da mineralogia e no anno seguinte veiu a ser nomeado assistente do Museu mineralogico daquella capital. A Allemanha estava no movimento da guerra da libertação. Froebel alista-se no corpo dos caçadores negros de Lutzow. Ahi encontra Langethal e Middendorf, que vieram a ser seus principaes collaboradores na missão pedagogica. Em 1816 fundou em Griesheim um instituto educativo, que foi transferido no anno seguinte para Keilhau. Em 1826 publicou a sua obra principal, *A educação do homem*, em que estão já os germes da pedagogia do Kindergarten.

Froebel sentia-se e confessava-se predestinado para realizar a grande obra da organização da vida educativa da creança no periodo preescolar, base indispensavel para que do trabalho da escola propriamente dita se tirasse o proveito a que devia mirar. A crença que depositava em si proprio era inabalavel, como a que consagrava ao poder da educação. As innumeras contrariedades da sua vida attribuia-as sempre ás circumstancias exteriores, comquanto a sua deficiencia de capacidade pratica muito contribuisse para essas contrariedades, coroadas pela prohibição, em 1851, dos Jardins da infancia, considerados falsamente pelo ministro dos cultos da Prussia como escolas de atheismo. Froebel foi um heroe de abnegação pela sua empresa. Os ultimos annos da sua vida teriam sido mais dolorosos, se um acaso não lhe fizesse encontrar uma protectora, e depois propagandista enthusiasta do Kindergarten, na pessoa da baroneza de Marenholtz, leitora da grã-duqueza de Saxe-Weimar. A attenção desta senhora foi um dia attrahida, por uma mulherzinha do povo, para «um velho louco encanecido», como a mesma dizia, o qual andava com varias creanças na sua companhia e com ellas brincava e cantava. Attentando para aquelles jogos e aquelles cantos, a illustre baroneza reconheceu um grande educador no «velho louco».

A infancia sem mãe, a dureza de sua madrasta, levaram Froebel a pensar na sorte das innumeras creanças que um mau destino priva duma sã educação nesse periodo da vida, tão importante para o desenvolvimento infantil, o qual precede a entrada na escola. Nesse facto se manifestou a sua natureza generosa, que veiu a exprimir-se na divisa: *Vivamos para os nossos filhos*, e a encarnar-se no *Kindergarten*, com o seu duplo fim já indicado.

O ensino mecanico usual da escola, que foi o que lhe ministraram e contra o qual o, seu espirito por natural impulso se rebelloue produziu tambem, por contraste, o desejo d- crear coisa melhor para a infancia e adoo lescencia. Como autodidacto na essencia d- seu processo de estudo, apreciou o que va, lia a actividade propria e reconheceu que amparada por quem soubesse provocá-la, consoante as leis do desenvolvimento do espirito individual, e não pretendesse metter á força na mente juvenil os conhecimentos como num saco, se conseguiriam resultados mais largos, prontos e seguros. O encontro com Pestalozzi, o grande predecessor, foi decisivo. O auctor de *Lienhard und Gertrud* foi o pedagogista da *intuição*, em que teve predecessores, sem duvida, mas que elle pôs a muito maior luz. Condemnando a *suffisance livresque*, Montaigne, que dava aliás nova forma a uma ideia de Platão, recommenda o estudo directo das coisas, em vez do estudo dos que sobre ellas tinham escrito. E foi seguindo esse caminho que os grandes sabios dos seculos XVI a XIX renovaram as sciencias da natureza. Pestalozzi estabelece o preceito: «Das intuições sensiveis para os conceitos claros», como Kant dissera: «Pensamentos sem intuições (conteudo sensivel) são vazios; intuições sem conceitos são cegos». *Intuição* significa propriamente a acção de ver; mas o termo applica-se depois a todos os elementos sensiveis (obtidos pelos sentidos) do nosso conhecimento. A intuição é pois o fundamento absoluto de todo o conhecimento. «A intuição, disse ainda Pestalozzi, é a impressão immediata que o mundo physico e o mundo moral exercem em os nossos sentidos externos e internos.» O genial educador inventa um ABC da intuição, que porém se limita a ser meio de ensino para o numero e a forma. Na analyse de qualquer objecto ha tres pontos a considerar: «O numero, a forma, o nome». Era uma reducção, uma simplificação excessiva; demais, como Pestalozzi aliás reconheceu, o nome não pertence á intuição do objecto: liga-se-lhe por associação, se bem que

essa associação se torne muito intima. Desses elementos tirava Pestalozzi a base do programma do ensino elementar: *a)* ao *numero* corresponde a *arithmetica; b)* á *forma*, a geometria, o desenho, a escrita e os trabalhos manuaes, incluindo a modelação; *c)* ao *nome*, o estudo da linguagem (philologia). Muita coisa essencial ficava pois fóra do plano. E' certo que Pestalozzi ensinava tambem geographia e tentara um ensino artistico. Froebel quebrou o quadro estreito da intuição pestalozziana: na intuição, nos elementos sensiveis do conhecimento, faz considerar não só o aspecto *quantitativo*, mas tambem o *qualitativo:* as cores, os sons (com as suas variedades de elevação, intensidade, duração, timbre), as impressões gustativas e olfactivas, as tacteis, de peso, de pressão e de temperatura, as sensações de movimento, etc., são necessarias para completar o quadro de Pestalozzi. Tambem Froebel buscou desenvolver a intuição interna, a consciencia de certos estados, como espectativa, esperança, receio, alegria.

Mas o maior progresso realizado por Froebel relativamente aos seus predecessores está na importancia dada á *acção* e no descobrimento dos meios para a methodizar.

PESTALOZZI

Goethe fizera dizer ao seu *Faust*, com relação ás palavras do Evangelista: «*In principio erat verbum*», que não achava a palavra tão alta que a pudesse pôr como o começo dos começos e que buscando melhor acabara por descobrir a acção como o começo supremo: «*No começo era a acção* (im Anfang war die That). Pestalozzi escreveu: «O mais terrivel dom que um deus malevolo póde fazer ao homem é o de conhecimentos sem aptidões.» Mas não achou o A B C das aptidões, como achara o da intuição. Descobrir este foi o destino de Froebel, que pôde proclamar triumphante a *acção* como o principio de todo o processo educativo. Para elle a suprema regra a seguir pelo educando é esta: «Faz tal ou tal coisa e vê o que em determinada relação se segue do teu acto e a qual conhecimento elle te leva.» O ponto de partida de toda a intervenção nossa no mundo, como no conhecimento, é a acção. Não um deus que só pensa e falla, mas um deus que actua, que cria sempre, será para o pedagogo o ideal a imitar. Tal foi a ideia religiosa de Froebel, corporizada nos seus processos educativos. O principio repete-se nas suas obras em formas variadas; por exemplo: «O ponto de partida de todo o sensivel, de todo o existente, de todo o visivel, do conhecimento, do saber, é a acção, o fazer.» «Em cada grao do desenvolvimento (da creança) deve apresentar-se-lhe o objecto apropriado para exercitar o impulso que do interior vem actuar no exterior e manifestar-se em livre actividade.» O educador parece inspirado pelo poeta do *Faust*, que tambem deixou nas suas obras os elementos duma elevada pedagogia.

Froebel viveu no meio de um intenso movimento nacional, em que se entrechocavam ou convergiam correntes variadas de ideias e de factos politicos, sociaes, philosophicos, scientificos, litterarios, historicos, artisticos, pedagogicos. Excedia as forças dum homem dominar com a vista do espirito, ainda quando não fosse senão nos traços essenciaes, esse complexo movimento; todavia elle disse ter-se achado em contacto com esse movimento. Não conheceu por certo a fundo nenhuma das philosophias do tempo, e nenhuma por isso fez impressão consideravel no seu espirito. Teve relações pessoaes com o philosopho Krause e numa carta que lhe escreveu (1828) communica ter achado na exposição

daquelle muito que elle proprio attingira pelo estudo e intuição interna. Dos escritos de Froebel não póde, porém, colher-se uma philosophia mais ou menos completa e coherente, embora elle, partindo da observação, da experiencia, julgasse necessario completá-las com uma philosophia. A base geral da sua concepção é o que se chama um *naturismo*, com tendencias mysticas e symbolistas á mistura. Segundo elle, a vida humana e a natureza explicam-se reciprocamente; dahi a frequente comparação do espirito infantil com a planta que germina: «Em tudo reside, actua e domina uma lei eterna, que se exprime no Exterior (em a natureza), como no Interior (no espirito) e na unidade dos dois (a vida) sempre do mesmo modo claro e do mesmo modo determinado.» As ideias de unidade e de unificação exprimem-se repetidas vezes nos escritos de Froebel: unificação da vida, unidade de Deus, Natureza e Humanidade. O intellecto, o animo (Gemüt) e o corpo devem desenvolver-se, compenetrando-se reciprocramente, unificando-se. O individuo deve unificar-se com Deus, a Natureza e a Humanidade. A creança, o homem, hão de ser considerados sempre como todo e como parte do todo mais vasto, que é o Universo. Em cada grao a educação é um todo completo (não um fragmento ou conjuncto de fragmentos, a que noutros graos se juntam outros fragmentos): é a ideia dos circulos concentricos ou cyclos na educação. Já na idade do Kindergarten é mister despertar na creança um vislumbre da connexão interna do Universo, em virtude da qual toda a multiplicidade é revelação duma alta unidade, de modo que o educando seja levado a considerar o que é exterior como imagem sensivel dos mais profundos pensamentos. E' evidente que segundo outras ideias do proprio Froebel, tudo isso ha de apresentar-se na unidade da intuição e do conceito (no Kindergarten), não de modo abstracto, generalizado, tudo deve surgir como producto da actividade livre da creança e não ser-lhe communicado como doutrina feita. Froebel não instituiu ensino religioso positivo. Mas o momento religioso, moral, esthetico, scientifico (do conhecimento como tal) marcham a par ou, melhor, compenetram-se no seu processo.

Entre outros estudos, o da mineralogia levou particularmente Froebel ao parallelo entre a natureza e o homem. «O mundo dos cristaes, escreveu elle, revelou-me de modo evidente e inequivoco, em forma clara e fixa, a vida e leis da vida do homem e em discurso silencioso (sic), mas verdadeiro e visivel, a verdadeira vida do mundo humano.» Todavia (na mesma carta de 1831) elle notou a differença entre o organico e o inorganico, que consiste em que no primeiro predomina a irregularidade, a imperfeição, a assymetria, ao contrario no segundo a igualdade mathematica e a symetria; onde estes ultimos predicados apparecem, apparece tambem a morte; mas elle pensava que em si (na ideia platonica) os seres organicos são conformes á igualdade e á perfeição. A Froebel não parece ter sido estranha a ideia de Hegel de que a primeira forma individualizada em a natureza é o cristal; ou concebê-la-hia independentemente?

A philosophia de Froebel, ou antes a pretenção de achar e exprimir pensamentos profundos, a proposito dos objectos dos jogos e occupações que propunha, levou-o a verdadeiras extravagancias, como a respeito da esphera, por exemplo: «A esphera é a forma dos corpos que a não teem e a dos solidos mais perfeitos. Nella não se mostra nem um angulo, nem uma linha, nem um plano, nem uma superficie e todavia tem todos os pontos e todas as faces; tem todos os vertices e as linhas de todo corpo e de toda forma terrestre, não só nas condições, mas na realidade da sua existencia. etc.» Felizmente, nas ideias mesmas de Froebel isso não é para ensinar ás creanças, visto que ellas hão de achar tudo por si e por certo não acharão muitas das extravagancias do grande educador.

Foi pela observação directa das creanças que Froebel chegou a obter os mais notaveis resultados dos seus estudos. Elle reconheceu de modo mais completo que seus antecessores pedagogicos que na creança ha uma tendencia natural para a actividade e que essa actividade reveste principalmente a forma do jogo; a creança tende a produzir, a construir, se bem que seja innegavel que está longe de lhe ser estranho o gosto pela destruição; tende a representar (expôr, exprimir), já pela palavra, já pelo traço (desenho); já pela massa plastica (modelação), já pelos corpos duros (madeira, metal, areia, etc.), modificados ou não na forma por meio de instrumentos; pelo papel dobrado, perfurado, cor-

tado; pelo proprio corpo (dansas, jogos de movimento. imitativos, dramaticos), etc. Construir, representar, manipular são actos em que a vontade, a musculatura, os sentidos, a intelligencia, o ser inteiro se occupa, e mais proprios para concentrar a attenção, para levar ao conhecimento dos objectos que o simples processo intuitivo, embora seguido da analyse pestalozziana, completada por Froebel, que aliás tambem cultivou o ultimo processo no Kindergarten. Direi ainda que a attenção depende tambem da vontade, que a psychologia demonstra intervir nos mais altos actos do espirito. O pensamento é tambem uma forma de acção. Mas os exercicios froebelianos, propriamente ditos, são mais completos.

A psychologia da creança, dominio da maior difficuldade, não foi todavia tão bem conhecida de Froebel como devia ser; dahi muitos erros que se descobrem nas applicações que elle fez do principio excellente da actividade propria e o exclusivismo do seu conceito moral da creança.

«Tudo está bem, ao saír das mãos do auctor das coisas; tudo degenera entre as mãos do homem.» Taes são as primeiras palavras do *Émile ou de l'éducation,* de Rousseau. E noutro logar: «Assentemos como maxima incontestavel que os primeiros movimentos da natureza são sempre rectos; não ha perversidade original no coração humano.» Froebel reproduz noutra forma essa ideia: «A acção do divino é, na sua indestructibilidade, boa; deve ser, não póde ser senão boa: essa necessidade faz presuppôr que a creança humana, o ser que se torna homem, comquanto inconscientemente como um producto da natureza, quer todavia o melhor, de modo determinado e seguro, e alem disso o melhor numa forma inteiramente acommodada, para cuja realização elle se sente com todas as disposições, forças e meios.» Dessa affirmação deduz Froebel o principio capital da sua pedagogia:

«Educação, ensino, doutrinação devem ser originariamente e nos seus traços fundamentaes, de modo necessario, pacientes, indulgentes, condescendentes; perseverantes, defendentes; nunca prescritivos, determinantes, coagentes.»

«A creança dizia ainda elle, quer ser educada.» Educar não é empar ou enxertar.

Froebel empregava de preferencia a palavra desenvolver *(entwickeln)* em vez de *formar (bilden),* com relação ao trabalho educativo.

Ainda esses preceitos lembram o *Émile,* com a sua educação negativa; mas ha progresso nelles.

Cerca de um seculo de estudos objectivos, de analyse mais ou menos scientifica veiu demonstrar que a ideia da bondade innata da creança, ideia deduzida de concepções *à priori,* era inacceitavel, e tanto como a opposta de que a creança é fundamentalmente má. Posta de parte a these de Schopenhauer, do caracter innato e immutavel, fica de pé como verdade inabalavel que os homens veem ao mundo com disposições diversas, moraes e intellectuaes, que a simples differença de educação (tomando a palavra no mais largo sentido, em que abrange todos os factores que actuam na creança desde o nascimento) não póde explicar só por si.

Esse facto natural torna mais difficil o trabalho da educação do que Froebel julgou. O preceito geral que estatuiu é da maior importancia como principio dirigente; é o que se chama o *principio heuristico* (do grego *heuriskô,* eu invento), o principio da invenção; todavia tanto o processo opposto e commodo de levar o educando á pura imitação, á reproducção mecanica é a morte do seu espirito, tanto o principio heuristico empregado de modo absoluto póde levar á fallencia da educação e nunca na realidade foi posto assim em pratica. A propria technica do Kindergarten, como Froebel a fundou e seus melhores discipulos a desenvolveram, contradiz o principio heuristico, o principio da pura actividade do educando e da pura passividade do educador. *Aprender (apprehendere),* no verdadeiro sentido, *comprehender (comprehendere)* são actividades importantes que não são todavia verdadeiramente o mesmo que *inventar, descobrir.* Os elementos de cultura existentes são o resultado dum largo processo historico de invenção. A creança não reinventa, por exemplo, a *linguagem.* A experiencia de Psammetico e a melhor dirigida e documentada do imperador Akbar provam-no, e a nossa propria observação nos leva a considerar falsas as affirmações de tentativas de creação dessa natureza. A creança *aprende* a fallar a lingua ou linguas dos que o rodeiam e nesse aprendizado ha um phenomeno muito importante de *comprehensão.* O mesmo succede com a *moral,*

que é tambem um elemento de cultura; a creança é incapaz de crear por si, embora a colloquem nas condições que facilitem as suas resoluções no sentido desejado, a moral, ainda que imperfeita, duma sociedade adeantada em que tenha nascido, moral que é uma resultante daquelle largo processo historico a que alludi. Foi necessario o genio dum Newton para descobrir que o espectro solar produzido pelo prisma resultava do differente grao de refrangibilidade dos raios luminosos que se fundem na luz branca. Fazei um curso de physica, dirigido com o mais perfeito methodo, a creanças, preparadas para elle convenientemente; repeti as famosas experiencias do grande physico, sem dizer palavra e sem que os educandos tenham lido nada sobre ellas e vede se ha entre elles quem explique aquelle phenomeno. Se houver, será quasi um Newton. Quantos homens viram balouçar as lampadas dos templos e foi preciso um Galileo e o seu momento historico para que fossem descobertas as leis do pendulo. Em quantos narizes de homens caíram das arvores bolotas, maçãs e outros frutos até que um que vinha depois de Kepler e Galileo fosse, segundo se conta, por um caso desses levado á ideia da attracção universal. O espirito humano é muito estreito; a capacidade de invenção verdadeiramente rara. Se nos achamos no meio d'innumeros bens da cultura, isso é o resultado de accumulações d'inventos durante longuissimo tempo. Os antigos attribuiam os dons da cultura aos deuses ou semideuses. As creanças teem em si muitas forças latentes que buscam manifestar-se em actividade interna e externa; cultivemo-las, dirigimo-las para que dellas nada se perca que é bom germe e busquemos tambem, como faz o jardineiro, destruir o que surge mau entre essas manifestações; mas não exageremos o conceito dessas forças. A creança (prova a observação mais segura) é muito mais reproductiva, imitativa do que original, productiva. Ha nella muito mais intensa emotividade que imaginação creadora. Dos desenhos infantis, hoje muito estudados, concluiu-se que «a creança tem uma imaginação reproductiva muito grande e sempre pronta, mas que não possue imaginação combinatoria». Pelo que respeita a outros productos da actividade infantil, cuja analyse é menos facil, os resultados não vão longe desse. A creança é mais phantasista que imaginativa. Temos ainda de considerar a differença d'aptidões, já originaria, já resultante da primeira educação. O educador que queira, pois, confiar-se a uma regra suprema, a um methodo absoluto, será um pedagogo infeliz. Nem o processo expectante, confiado, negativo de Rousseau, que inspirou Froebel, nem o processo d'imposição duma moral feita, duma sciencia feita, que se busca vasar num espirito como um liquido numa garrafa. O essencial é que a creança seja activa mental e corporalmente: que produza o que cabe nas suas forças e reproduza apprehendendo, comprehendendo, assimilando, agindo, verdadeiramente. Os elementos de cultura que se lhe transmittem em ordem apropriada ao seu desenvolvimento não devem ficar depositados, como materia inerte, na sua memoria labil, mas converterem-se em elementos vivos do seu proprio espirito, da sua personalidade em via de formação. O grande phisolopho Friedrich Wolff resumiu num preceito toda a pedagogia: Tem espirito! *(Habe Geist!)* Mas não tem espirito quem quer e não se tem espirito por commando; quem a tem, póde, sim, e deve desenvolvê-lo pelo estudo pratico. De muito servem as ideias e exemplos dos grandes educadores; mas a quem falta esse espirito de que fallou Wolff e que é tambem o espirito froebeliano no que elle tem de mais vivificante, não se confie a missão, embora apparentemente muito modesta, de jardineira da infancia. Na falta de jardineiras á altura dessa missão, mais vale deixar crescer as creanças como plantas bravias. Não são as Sequoias gigantes da America, os Cedros do Libano e do Himalaya plantas bravas? E que tirará de suas sementes um mau jardineiro mais que rachiticas arvores?

Julho, 1909.

F. Adolpho Coelho.

COMO VIVER?

(Phantasia symbolica)

RA na terra... gargalhava o sol...

O homem estava deitado e soffria sempre.

Embalava-o o rithmo da vida, em roda, a pulular. Um céo sereno. Um peito triste.

Pelos bosques filigranava-se a luz e polvilhava de ouro oscabellos das nimphas. Faunos seguiam-nas. Fidias e Praxiteles, em triquilos emaranhados de murtas virentes, esculpiam... Cantava Homero... Alexandre imperava.

Entanto o homem estava deitado e soffria sempre. Chegavam-lhe murmurios longinquos, multidões a esfacelar-se, tirannos a tripudiar... E deitado, olhando o céo puro, as mãos enclavinhadas sob a cabeça, soffria sempre.

— Eu amo o teu azul alegre, ó céo puro, quando nas rôxas manhãs se estende do oriente, como um perfume em vapores, subindo da pira em chammas; amo a tua tristeza calma e serena, quando ás noites te adensas sob um cendal viuvo, cahindo em farrapos de escuridão oppressiva. Eu amo-te, ó céo. No meu peito jorra sempre em borbotões tumultuosos de luz e de vida, uma canção cristalina para te saudar, majestoso, aos raios fecundadores de Apollo, lutuoso e baço no estertor ultimo do fim do dia. Amo as leves noites, ethereas e namoradas. quando por sobre ti saltam as estrellinhas a rir, a gargalhar, alegres e felizes sob o olho paternal de Jove bondoso, como virgens descuidosas por sobre uma campina, com hymnos a Venus criadora. Amo o teu clarão vitreo, ó noites de luar, amo as ternuras amorosas, de mysterio e de crença, de fé e de temor, ó noites de lento sonambulismo! Mas a minha fronte arida e sêcca castiga-a sempre um sôpro gelado e crestador como de ciclone varrendo a superficie debil d'uma seara viçosa. No meu peito cava-se um oppressivo vacuo minador, véla-se a minha vista á luz que cega d'esse contemplar infinito, abate-se o meu dorso ao peso de muda interrogação e escondo a fronte no peito vazio, como viador a acolher-se num recanto do furacão que corre pela estrada em torvelinhos de poeira. Nos meus olhos nunca se seccam as lagrimas queimadoras na sua desolada frialdade... e eu estou deitado e soffro sempre. Contemplo-te, vivo e amo-te, mas não sei se vivo para te contemplar e te amar, se te contemplo e te amo para viver.

E' a vida o unico bem que possuo, e não o sei utilisar!

Illumina-me, ó céo puro e azul, como as almas das virgens de Corinto, abre-te e engolfa-me no teu seio luminoso ou me subverte no nada, sob a terra hostil. Troveja e fulmina-me, mas faze-me viver um instante dos meus longos dias solitarios.

Ha seculos — oh! Eu sei lá quando foi! Que neste pesar immenso, perdeu-se-me a memoria! — Ha milhões d'annos, d'um barro molle, dizem uns, das aguas em espuma, dizem outros, eu surgi... Eras tu o mesmo céo, feliz e puro, indifferente e desdenhoso, o mesmo céo inconstante como criança buliçosa.

O mar, como hoje, gemia soluços ingentos, cachoando pelas cavernas e lambendo em espumas de languida escumilha as ilhas em flôr, como lascivo amante oriental revolvendo nos braços athleticos a terna amante, branca e delicada. A terra era já crúa madrasta, de horrido cariz em fogo e coleras.

O sol gargalhava na curta vida d'um dia e descansava esquecidamente um soce-

gado somno d'uma noite, num grande leito de fôfas nuvens, sobre os mundos sem luz.

Isolado, perdido no mundo, renegado por esse pae que me attribuiam, appellei para ti, ó céo.

Tu sorrias, qual terno pae adoptivo. Levantei os braços. O mar, alma dura, rugia com furor e entorpecia-se convulsamente em amores de colossal fecundidade. Nasciam os continentes. Corriam para elle os caudaes da terra, com zelos.

Levantei os braços, ó céo, terno pae que suppuz um momento. Mas a tua fronte liza conturbou-se numa crispação. Phalanges giganteas dos teus exercitos, as nuvens, varreram a campina azul e novos mares escorreram dos céos em torrentes inundadoras. Abriram-se numa clareira os teus exercitos e por elles assomou a cabeça de Vulcano. E mandaste o raio!

Antes eu nunca fosse, ó renegado pae, antes a minha alma dorida jazesse eternamente diluida e dispersa na massa negra da montanha abrupta, na sombra calada e fria dos mundos, no teu azul — ironia! — nos teus languidos amores — sarcasmo!

Deitei-me então e soffri sempre.

No espaço, mundos se esphacelaram, estrellas apagaram-se, cordilheiras surgiram e subverteram-se nas entranhas vorazes da terra-mãe... E tudo eu vi com lagrimas, ó céo, ó mar, ó terra, tudo eu vi com lagrimas d'este luto minaz e tristissimo a afundir-me o peito, a mirrar-me o coração.

Vi a existencia, mas não sonhei a vida.

Embalde eu vejo a Belleza vigorar, carnes bellas, sem o palpitar humano do soffrimento, a reviverem no marmore divino, amores e aventuras a perdurarem nos cantos immorredouros d'esse cego além, a tirannia a opprimir os meus irmãos, a perturbá-los na sua apathia quieta, no seu somno secular, d'um torpor de desgraça; o poder a embriagar cerebros escandecidos... Embalde me rumorejam, quebrados como écos de bosque longinquo, os clamores da turba a gritar ao acaso, a correr ao acaso. Eu soffro sempre, ó Fidias, ó Praxiteles, ó almas sobrehumanas, eu soffro sempre, ó Pisistrato cruel, eu soffro sempre, ó demagogos de toga vermelha, porque eu leio na vossa testa em rugas, no vosso olhar velado, a velha tristeza calada e vencida, em que se afunda a alma — uma mesma candeia mortiça a illuminar todos os cerebros, pallida e tristonha, como brandão esquecido num subterraneo de larvas frias. Eu não creio em vós, ó turbas, porque esses cataclismos são só ligeiras perturbações illusorias, como a oscillação perpetua e molle do mar pesado. O fundo da vossa alma é escuro e insondavel, mysterioso e mudo como as cavernas do grande arcaboiço do oceano.

Por isso eu estou deitado e soffro sempre...

Gargalhava o sol, numa grande aureola luminosa por sobre o céo sereno. A sombra das montanhas estendia-se duvidosa e vaga pela planicie verde... Folhas rumorejavam e cahiam e perdiam-se. O cinzel burilava.

Ao longe, na volta do caminho, perdia-se a voz de Homero. Pelos ares, farrapos dispersos d'uma grande alma universal, perpassavam écos esparsos. Amansava-se a natureza. O dorso das montanhas arredondava-se, boleava-se num aperfeiçoamento consciente, e num anceio de Belleza. Sorriam os vales, mais verdes e mais densos, e os rios silenciosos lambiam as sarças marginaes num terno amor de humilde escravo. Ao longe, para além das montanhas — lá onde nuvens e cerros se beijam com um beijo profano — expandia-se em hymnos de melancholia a harmonia dos mundos sonorisada, trilos d'aves, lagrimas dos tristes, rumores dos bosques, trovejar de raios, soluços do oceano...

Das bandas do Egeu — d'onde se alava a aragem do Zefiro meigo — um velho caminhava. O homem lançou-lhe um olhar esconso. A estrada era longa. Sulcavam-na os vestigios das rodas do carro marchetado do tirano. Apressou-se. Parou. O homem olhou-o franzido:

— Realisa uma idéa pura, homem que és feito de trevas e ousas aspirar á luz... A luz está para além, d'onde veiu a alma, a chamma que entibiou na alliança incestuosa com essa grêda impura, que ahi jaz inerte,

Realisa a justiça e indaga o mundo. Essa tibia chamma te guiará. A quem deseja, na mais densa escuridade, uma candeia é guia facil.

Soffre a vida. Que ella te não possua. Ella é como a afloração d'um arco, cujas pontas mergulham na terra. A vida é esse arco, é a continuidade precisa para voltares á

Paz eterna da Liberdade e da Pureza, ao seio de Deus, lá onde te não fará palpitar sombra de desejo, nem a duvida gelará teu coração, nem te animará a crença em que viverás porque não existes...

E seguiu pela borda da estrada, evitando os sulcos do carro marchetado do tiranno, seguiu a passo lento, sumiu-se no além impossivel e negador, apagou-se nas sombras vagas do nada.

O sol já não gargalhava. Exhausto de fadiga, empallidecia com um riso parado e propendia para o grande leito de fôfas nuvens, a noivar.

Mas o Homem viu ainda do meio da tristeza crepuscular surgir um vagaroso vulto melancholico. Da escuridade vespertina viu ainda brilhar com fulgor luminoso, num brilho transcendente, os olhos bons do mistico vulto. Seguia direito a elle, pisando com desdem os sulcos das rodas doiradas do carro do tiranno. Parou.

O homem bocejou e fechou os olhos.

— Platão falou a Verdade, homem que soffres porque existes e existes porque soffres, num fatalismo inexoravel de desgraça. A vida é um meio, uma prova, não um fim. Sómente não procures realisar — oh! Utopia blasphema! — uma idéa pura. O teu cerebro impuro nem póde concebê-la, como um terreno pantanoso não faz brotar a candida açucena.

Eu venho de Deus, meu pae, para te ensinar o verdadeiro caminho da felicidade e a verdadeira norma da vida. Na minha alma transmigraram-se todas as bondades do seu infinito coração. Por isso no meu peito ha logar para todas as cabeças alanceadas, logar para todos os arrependidos. Por isso a minha mão secca acaricia todas as cabecinhas, desde o anjo doirado já marcado para a dôr, da fronte escandecida do criminoso ás cans impuras do velho que poluiu. Eu dou a paz ao remorso, o esquecimento á saudade; justos e peccadores, sabios e ignorantes, velhos e novos, mães e cortezãs, vinde a mim que no meu peito eu reservo a todos o tepido calor da minha toga estreita, e inteira e una como Deus; vinde a mim que nos meus olhos ha prantos para todas as desgraças, na minha bocca perdão para todo o mal.

Deus disse-me: «Vai, consola-os e trá-los ao meu seio!» Por isso eu chóro comvosco, ó pobres que soffreis d'um mal incomprehendido e incuravel, ó tristes d'este mundo.

A vida é o soffrimento; viver é soffrer muito, superviver é soffrer com os olhos postos em Deus, a alma quente numa esperança da verdadeira vida futura, no mundo da graça. Lá Deus te espera, braços abertos, uns grandes braços a palpitar de amor, todos apertando com carinho. Soffre o mundo, homem, que a morte não é o fim, é o principio.

Artistas, pensadores, tirannos, pobres vermes embriagados de vontade, todo o vosso trabalho é vão! Deus ri-se das vossas presumpções! E quando ergueis ao céo a Babel irreverente do pensamento, fá-la ruir numa temerosa catadupa de desillusões. Já foste á campina ondeante de messes fartas, na primavera em flôr, quando as aves noivam pelas aradas verdes e a natureza ri? Então a tua mente desorientada, como véla perdida no pélago da imaginação, quantas ambições architectou sobre a falsa areia do teu poder, quantos mundos novos phantasiou, quantos céos se illuminaram ao teu pensar, quantas nações tu esquartejaste a um gesto! Mas o céo turvou-se, uma escuridão sinistra desceu sobre ti. Relampejou, ribombou o trovão... e n'um momento, escondido até meio entre as messes fartas, mediste a tua pequenez, vendo n'um largo olhar nublado a campina interminavel.

Pensadores não inimigos de Deus a devassar os aditos da sua vontade; artistas nullos, criadores d'uma belleza humana, restricta, fugaz e peccadora, a representação adulada da carne, o estimulo aos sentidos. Que é uma estatua ante o mundo, ante o céo, a terra, o mar? Um pequeno seixo impuro.

Soffre e vive. porque viver é soffrer e soffrer ascender a Deus. Mas quando teu coração se alancear e teus olhos se molharem na dôr cruel da duvida, vem ao meu peito esquecê-la, bebendo o balsamo eterno da crença eterna, vem ao meu manto seccar as tuas lagrimas vencidas.

Então o homem levantou-se e correu, braços abertos, a acolher-se ao magro peito do viandante.

O sol recahira no seu letargo d'uma noite. O ar tornou-se leve e luminoso. No céo não moribundeava a lua; só dos olhos do viandante se esparzia uma luz espiritual e bran-

ca. E não se foi embora. Alli passou a noite, a acalentar na toga pobre o homem a soffrer.

A natureza crúa anastomasára-se na grande massa homogenea da noite. O mar urrava com furia, ciumento amante, rojando-se em abatimentos de pedido, com longos cicios espumantes pela praia, com intermitencias de colera, a galgar avidamente pelos seios reconditos das ilhas pudicas. Os artistas dormiam o somno eterno das almas dissipadas num desanimo. Monstros marinhos subiam pela areia. Dos covís sahiam as féras, olhar agudo, faro attento, por entre os destroços das velhas epopêas da carne, em marmore, despedaçadas n'um impeto de descrença. Lambiam-nas, com amor, magicas transfigurações das almas dos artistas. E sob o olhar amarello, vitreo, das féras, o marmore em transportes de volupia, como que vibrava todo, n'uma revivescencia de antigas bellezas, De longe chegavam rumores trovejantes, alguma montanha a desmoronar-se, minada pelo oceano, algum mundo ruindo pelos espaços, alguma estrella que tombara apagando-se nas aguas, em convulsões, na lucta pavorosa da luz e da treva.

E o Christo, de barba afilada, um dôce perfil da Judéa, sonha e sustenta nos braços ossúdos o corpo flacido do Homem a soffrer.

Talvez que naquelle grande olhar lancinante, elle fosse repetindo as harmonias pacificadoras d'algum salmo, talvez — angustia! — talvez elle revisse, num grato aspirar de saudade, o estreito horisonte da plebeia Nazareth com seu grande sol, seu silencio resignado, suas tristezas messianicas, a sinuarem lentamente, amorosamente pelas vigorosas cumiadas do Carmelo. Taivez que no mais recondito recesso da sua alma — profanação! — palpitasse uma revivescencia de virilidade pagã, e á sua saudade se desenhasse o vulto dôce e macerado d'uma virgem lutuosa, de escuro olhar luminoso, triste como um ocaso a desfazer-se em luz, brando e oppressivo como uma solidão d'amor, o cantaro molhado, o fumo transparente a subir no ar calido, com trepidações vibrateis...

Toda a natureza se entristecia numa saudade do Nada Universal, num abatido anceio de anniquillamento. As estrellas, amarellas, lentos suspiros de luz, dizem a elegia dos mundos.

O Christo chora. Olha o Homem a soffrer, a chorar, e soffre e chora tambem.

— Eu sou teu filho e creio em ti, mas eu soffro, ó Deus. Embora a minha alma seja um farrapo da tua, immensa e infinita, como um véu enorme rodeando o mundo todo e o mundo todo acalentando, essa faisca fugidía do Teu clarão perpetuo — ó Deus, ó pae! — fundiu-se a um barro vil, e eu, embora teu filho, fui homem. Collocado entre o céo e a terra, não posso optar pelo céo, porque sou homem, não posso optar pela terra, porque sou teu filho. Por isso eu choro e sofiro.

Virgens de cabellos doirados, em véus raros, cruzavam-se com adejos de pomba fatigada, em danças pagãs de himeneu. E o Homem sacudia os braços, aos córos alcionicos das virgens a embalar os mundos.

Dos montes negros, como solta após longa lucta dos seus pincaros abruptos, surgiu a lua, e num momento derramou-se um lacteo palôr, polvilhando de neve a coma das arvores. Chorões entretecidos preguiçaram pela encosta, a despertarem do torpôr da treva. E as virgens de cabellos doirados cruzavam-se em torno do Homem, em adejos de pomba com danças pagãs de Himeneu. E sacudiam as capellas de jacintos e rosas pallidas, mirtos e lirios. Embalde o viajor apertava mais no seu peito cavado a cabeça latejante do Homem a soffrer.

Pelos ares palpitavam nevrosidades de desejo, e os braços rugosos das velhas arvores, estendiam-se aos céos, hirtos de seivas vivas. Sombras fluidas corriam da banda do mar, olhavam o Homem triste a chorar, e corriam sempre e fugiam...

Embalde o vulto puro desenrolava magamente a toga, a crescer, a enrodilhar o Homem. Sombras fluidas corriam da banda do mar, olhavam o Homem a chorar, corriam sempre e apagavam-se. E o viandante casual d'uma noite mais estreitava o Homem.

Pastores correram dos desfiladeiros, saudaram nas avenas as virgens brandas. Depois, emquanto os gados se espalhavam balando, entreteceram capellas de troncos sêccos.

O Homem sacudia-se num acordar de espirito. Sombras fluidas corriam, virgens brandas cantavam, pastores apascentavam.

Desceram pela vertente calada batalhões resplendentes de prata, aos archotes lividos, derramaram-se pela planicie, interrogaram os pastores. As virgens brandas apagaram-se num tenuo vapor esbranquiçado. Era triste a noite, tornára-se sinistra a lua etherea, e os cimos dos montes empallideciam lugentes. Murmurava o mar choros gemebundos de velho saudoso, debandavam os pastores, contorcia-se o Homem a suffocar, enrodilhado no manto, a crescer sempre.

E os batalhões resplendentes, em épicos ginetes, ao clarão queimado dos brandões, batiam a planicie, incendiavam as sarças, sondavam as cavernas, interrogavam as estrellas. Alguem vislumbrou a luz espiritual dos olhos bons do peregrino. Soou um clamor e logo os exercitos o rodearam. E levaram-no manietado e mais triste, como que envergonhado sob o peso dos mantos de pedrarias, cabeceando funambulescamente sobre o corcél couraçado e atirando um derradeiro olhar ao Homem, a revolver-se calado, no chão, suffocando tolhido entre as faixas entrelaçadas do manto.

Apagou-se a lua, o mar de luto soluçou, lançando-se nos braços quentes das amantes. E as sombras fluidas adensaram-se, corporisaram-se em vultos giganteos.

— Eu sou Dante, Homem, pobre triste, que soffreste milhões d'annos na contemplação extatica do Universo inattingivel e que soffreste seculos nos braços d'esse mendigo augusto.

Elle era Deus. A sua alma era grande como o Mundo, porque ella era a força que anima a vaga, a tristeza que escurece o suspiro, o sopro do vento que impelle a nuvem, o clarão que crepita na chama. Mas tu, pobre triste, esqueceste-te e deste-te, os olhos fechados com confiança, o peito quente de fé. E não viste, pobre cégo, emquanto dormias, os pastores dependurarem da sua fronte pura as capellas de troncos seccos e nús — symbolos da Morte — e nos seus hombros os tirannos, descendo um momento dos carros marchetados, dependurarem mantos pesados de pedrarias custosas — insignias do mando.

Elle — o Bom — nem os sentiu, só cuidando em te acalentar eternamente no eterno somno do eterno esquecimento de ti proprio. Mas a sua toga suffocava-te... as virgens cantavam. Por isso acordaste.

Eu sou Dante, e amei...

Cuidei que no calix transcendente da odorosa flôr da Paixão jazesse o nectar da Felicidade, fosse ella o sonho, o somno, a lagrima, fosse o riso, o esquecimento, a actividade, o luto ou a morte. Eu só queria a felicidade, eu só queria norte para a vida. Por isso, ciumento da borboleta, do sol, do orvalho, colhi a flôr da Paixão e escondi-a bem ciosamente no meu peito palpitante de amor. Mas a luz do meu peito era como uma tocha sem calor, a empallidecer ao grande sol. E a flôr, sem a grande liberdade do azul, sem as grandes chuvadas do céo, sem a seiva vivificadora a subir da terra, emurcheceu, tombou da haste. Beijei-a então com aquella anciedade indizivel, com que as mães querem transmittir o sôpro da vida aos filhos, em longos osculos na bocca fria, beijei-a com um amor que nem Deus ainda sentiu, um amor que animaria o Universo inteiro, que daria luz ás estrellas, pensamento e vida á montanha. E ella — ó Homem, chora comigo — e ella morreu, sem uma vez, ao menos, ter evolado o precioso nectar. E eu, hoje, vivo só d'esta saudade, sonorisando, nos meus carmes, a perpetuidade do meu soffrimento.

E passou além, mãos no peito, emquanto o Homem se revolvia na terra. Sombras fluidas adensavam-se, corporisavam-se em vultos giganteos:

— Tu levantas, Homem, castellos de Illusão, pequeno mar querendo subir á lua, a pallida amante inconseguida de alvo sudario, á lua da Verdade! Corres pelas planicies, galgas os cimos asperos, estendes os braços ao céo, choras, imploras, anceias... e desanimas e choras ainda, rojando pelo chão a face macerada.

Mas não vês que tudo chora e tudo soffre. O céo de noite, com lagrimas sideraes, chora o sol, o mar chora a lua, as ilhas choram a sua condição de escravas d'um amante lascivo e brutal. As flôres lacrimejam o crystalino orvalho das manhãs, chorando os amores da treva, os mundos choram elegias plangentes, e a tua alma, atomo perdido da grande lagrima Universal, chora e soffre.

E' essa a unica realidade: a Lagrima. Tudo quanto vês é transitorio e fugaz, tudo tem sua realisação ideal sómente no instante. Para lá é o passado, para cá é o futuro. A vida é o instante em que se chora e se ama. Apaga do teu cerebro a imaginação, e a vida será

um ponto no espaço e um instante no tempo. Porém, alguma coisa se conserva através da sequencia interminavel de pontos do espaço e momentos do tempo: a Fórma, a unica verdade attingivel.

Vê o mundo na côr e no contorno e ama-o. Ajoelha e adora o cerro ingreme, o valle vertiginoso, o rio placido, o verde, o azul, a purpura. Vendado, nos braços d'um peregrino escuro, esqueceste o mundo. Renasce para elle, deslumbra-te e adora-o. Camarinha da grande lagrima, a ella regressarás. Chora e vê. Adora a Lagrima e adora a Fórma.

Tinha-se libertado das prégas confusas da toga immensa e, estonteado, contemplava o velho mundo. Era o mesmo. Seculos de cegueira tinham-no apagado da sua memoria, mas revia-o o mesmo. E soltou aos céos a mesma voz cansada:

— Tudo é fórma e côr, tudo luto e lagrima, diz a natureza. Tudo é som, diz o vento a murmurar, diz o mar a soluçar, diz a floresta a susurrar. Nem a Idéa Pura, nem a renuncia á Vida, nem o Bello, nem a ancia da Verdade e do Bem occupam a ociosidade d'este captiveiro cruel.

Eu vi ruir as estrellas, vi correr o vento, vi correr o mar, todos numa debandada pavorosa para o Nada. Só eu, parado ha milhões de annos, estou deitado e soffro sempre. D'onde vim... não sei. Lá d'onde sopra o vento. Para onde vou... não sei. Lá para onde se apaga o sol. O meu corpo chagou-se em pustulas dolorosas, e o espirito, sem norte, beduino perdido no areal do Pensamento, erra ao longe, doidamente, pelos páramos da Duvida...

E continuou deitado e soffrendo sempre. Só mudou de posição, voltou as costas para o céo...

1908.

Fidelino de Figueiredo.

A domadôra

Subindo a empinada encosta da deveza
ia um carro de bois. Sob a carga ajoujados,
os pobres animaes puxavam, resignados,
n'um arranco brutal de possante grandeza...

Eram lindos assim, de fôrça e de belleza,
com os peitos a arfar, os dorsos arqueados,
a baba a escorrer e os musc'los retesados,
tentando triumphar da propria natureza!

E para os subjugar, fazendo dispender
tamanha fôrça e toda esta energia... apenas
bastava um garotito, armado d'uma cana!

E vendo isto, eu lembrei-me então de ti, Mulher,
que ha tantos sec'los vens, com tuas mãos pequenas,
domando o Homem — essa ingrata féra humana...

J. Regalla.

Contrabando e contrabandistas

Já em tempos muito remotos o contrabando era prohibido, e, em certos casos, considerado um grande crime, a que se podia aplicar a pena de morte. Não diremos que essa prohibição seja absolutamente justa ou injusta; porquanto ou o livre-cambismo traria comsigo um maior desenvolvimento industrial e commercial, por meio d'uma concorrencia universal, ou então seria causa do anniquilamento do commercio e industria de cada nação.

Para obstar a esta segunda hypotese, e partindo do principio de que o governo deve proteger sempre o trabalho nacional, é que foram instituidas as alfandegas.

Existiam primitivamente com o caracter civil; mas em 1885, pela necessidade de disciplinar os respectivos agentes e para valorisar quanto possivel esta importantissima fonte de receita, militarisaram-se, substituindo os antigos *guarda-barreiras* pela actual *guarda fiscal*. As alfandegas veem dos tempos feudaes.

Os senhores prohibiam, sob varias penas, a entrada de certos productos nos seus territorios, e concediam a entrada de outros, mediante a paga de um determinado imposto. Cada feudo tinha uma alfandega particular; o que dava em resultado um systema complexo de alfandegas — que eram um empecilho para o desenvolvimento do commercio e industria de cada nação.

Só no seculo XVII, e devido á ideia do *systéme mercantil* de Colbert, se estabeleceram as alfandegas nacionaes, sugeitas ao governo central. Para isso publicou aquelle grande estadista, successor de Mazarino, em 1662, uma tarifa prohibitiva para os productos estrangeiros. Este pensamento da França generalisou-se immediatamente. Mas logo em 1672, como o tem sido até hoje muitas vezes, foi causa de uma guerra, entre a França e a Hollanda, que durou seis annos. A maior parte das guerras na Europa tiveram por causa ou effeito os *tratados de commercio*.

As alfandegas teem servido muitas vezes como arma de guerra. Napoleão querendo hostilisar a Inglaterra no que ella tinha de mais vital — o commercio —, formulou o plano de balisar por meio de postos aduaneiros, *(bloqueio continental)* a extensa linha maritima que vae de Lisboa a S. Petersburgo. Levado a bom termo, equivaleria a forçar a Inglaterra a um isolamento mortal.

Entre nós chegou a servir para proteger a religião dos ataques dos livres pensadores. Quando as risadas de Voltaire e a profundeza dos argumentos da Encyclopedia faziam estremecer os thronos e os altares, dando a posse solemne da consciencia livre á humanidade fanatisada, attribuiu-se ás alfandegas o dever de proteger o espirito religioso do paiz, impedindo a entrada dos livros portadores de novas ideias. Para o que nascesse dentro do paiz, ou escapasse pelas malhas da alfandega, cá estavam as fogueiras da Inquisição.

Da prohibição, da vigilancia e do castigo resulta a necessidade de inventar meios engenhosos, subtilezas velhacas, para passar o contrabando e escapar á alfandega. Falamos de contrabando, mas no sentido generico de infracção dos regulamentos fiscaes aduaneiros. No seu sentido proprio, estas in-

fracções podem ser de dois modos: — por contrabando e por descaminho.

Contrabando é a importação ou exportação de mercadorias, cuja entrada ou saida seja absolutamente prohibida. Descaminho é todo e qualquer acto fraudulento que tenha por fim evitar, no todo ou em parte, o pagamento dos direitos ou impostos estabelecidos sobre a entrada, saida, fabricação ou consumo de mercadorias. Os castigos aplicados por contrabando ou descaminho, são a multa, a perda da mercadoria e a prisão do contrabandista.

A astucia dos contrabandistas está na razão directa da vigilancia fiscal. E nós bem sabemos que elles teem feito o que não lembraria ao diabo.

Ha em Portugal — como em todas as nações — verdadeiros profissionaes dedicadissimos, que levam a vida entre mil interessantissimas aventuras e a sombra das cadeias. Tanta intelligencia, tanta originalidade, faz-nos pensar que certos contrabandistas podiam ser talvez grandes homens se teem nascido n'um meio melhor.

No ramo da sua actividade attingem por vezes a perfeição.

O CANDONGUEIRO JOAQUIM JOSÉ

Quem se poderia lembrar de que os pombos-correios podiam servir aos contrabandistas para a passagem de joias caras, que d'outro modo mais facilmente cairiam nas mãos do fisco?

Pois servem; principalmente na fronteira commum á Suissa e á França.

E passam, innocentemente, longe da desconfiança.

Outras vezes são os cães amestrados, velozes e surrateiros, que passam cautelosos, coleando fraguedos e carreiros escuros, para não serem tão facilmente attingidos pelo tiro da lei.

Este meio tem feito suar a testa aos carabineiros espanhoes na linha de Gibraltar para o interior.

Como facilmente se deprehende, se da parte dos contrabandistas se estudam todas as fórmas, se empregam todos os meios, para fugirem á acção da guarda fiscal, da parte da guarda fiscal procura-se tambem exercer uma vigilancia cada vez mais intelligente, procura-se apurar o *faro*.

O nosso guarda fiscal, para melhor poder corresponder a esta exigencia, é recrutado entre a tropa de linha e reservas militares. Gente simples, sincera e franca, tomando bem a serio os conselhos e ordens dos seus superiores hierarchicos, depressa se adaptam a este perigoso mister de caçar homens e outros animaes e coisas, no sentido de manter o respeito pela lei que são os interesses da fazenda nacional. Em regra o guarda fiscal é honesto. O que o faz ser malquisto é essa qualidade. A sua aspiração é agradar áquelles de quem depende.

Para elle, o resto da humanidade são tudo seres susceptiveis de um dia lhe virem parar ás mãos como infractores da lei. Communica sempre com elles, para manter sempre independente a sua liberdade de acção no exercicio das suas funcções. Não direi que é absolutamente incorruptivel; mas o de outros paizes é-o muito menos, não sei se por virtude da instituição se por virtude do homem.

D'aqui e de tudo nasce a rivalidade entre o fiscal e o contrabandista. Entre um e outro não ha harmonia possivel. São o *cão e o gato*. Fóra do exercicio das suas funcções, toleram-se; mas no fundo ha o mesmo rancor felino.

Eu conheço um velho contrabandista, heroe destemido, cuja vida foi uma verdadeira epopeia.

Natural da Beira-Baixa, de familia pobre, e assim mesmo muito cedo privado d'ella, viu-se de repente obrigado a ganhar com que viver. Olhando para o seu franzino corpo não lhe viu geitos de poder tirar da terra pão que bastasse para seu sustento. Não era que lhe faltasse alma para isso. A provincia é rica, mas toda a riqueza é arrancada á terra á força de braços. A classe pobre vive da enxada.

E elle tinha doze annos, pouco avantajados porque eram muito cheios de fome; não podia começar pela força, começaria pelo geito.

Arisco como um pardal, e leve como uma penna, sentia-se apto para a vida aventurosa que levavam os contrabandistas seus conterraneos. Offereceu-se a um d'elles que o acceitou logo.

— E' preciso muito lume no olho e muito azougue nos pés, meu rapaz. Vaes hoje a Hespanha buscar um pouco de tabaco. E' o primeiro ensaio. Não ha que olhar ao tempo: — chuva, frio e tres acelerados por noite, são o pão-nosso de cada dia.

Partiu. Uns magros cobres eram a armadura com que entrava na lucta da vida. Chegou a Hespanha, comprou, bem pouca coisa, que escondeu dentro da camisa.

E contente, e feliz, julgando trazer no seio o germen da ventura feita de tabaco, esperou que o poente escurecesse e dispôz-se á volta passando o Erges, que nesse janeiro agreste ia de mar a monte.

A noite estava escurissima, chuvosa e ventada. Com agua até á cintura, lá passou como poude. Mas, quando tacteava o alto rochedo da margem portugueza, negro e aprumado, ouviu uma voz, por cima da sua cabeça, que dizia:

— Olho á lerta. Esta noite palpita-me. Aqui é o unico sitio por onde pódem passar.

O noviço ficou sem pinga de sangue! Por pouco que não soltou as mãos e foi levado pela corrente! Vêr o seu primeiro vôo tão perto de cair na mão inflexivel dos guardas fiscaes, estonteou-o; mas por um impulso forte e immediato da sua vontade, decidiu contrariar este acaso estupido. Agarrou-se melhor, e, como um gato, agil e matreiro, foi de abraço em abraço torneando as escarpas do rochedo, a desviar-se, a fugir.

FÓRMA DE PASSAR PRESUNTOS

N'isto, ouve ainda dizer ao fiscal:

— Não vês além qualquer coisa que mexe? um vulto...?

— Nada, não vejo nada.

— Aqui n'esta direcção, não vês?

— Não vejo. Isso ha de ser cousa que se te afigura.

— Será; mas vou lá desenganar-me.

Sentiu então vir para o seu lado, mas dirigindo-se a um ponto mais afastado de si, o homem que falára. Acaçapou-se mais dentro de uma ravina, e esperou que passasse.

De repente, sente passar rolando por cima da cabeça uma trouxa pesada que ia regongando uma praga. Era o homem, que escorregára e se dirigia ao seu objectivo mais depressa do que queria. O companheiro para quem falára desceu logo pressuroso, e por um triz que não pizou uma orelha ao pequeno contrabandista que estava alapardado, protegido pela noite e agora por este feliz acaso. Ha males que veem por bens.

O garoto poude afastar-se então, e n'um momento estava longe d'ali. Preocupava-o menos a aspereza da noite e o mal do proximo do que a necessidade de se pôr a salvo. Era a sua primeira aventura, muito romanesca, se bem que perigosa.

Ouvira, a uns palmos por cima da cabeça, a voz da lei que o assustára; sentira passar por cima da cabeça a lei, que perseguia para deante, mas perto de si, um vulto talvez imaginario, e que, se não é o escorregão providencial o teria talvez empalmado a elle. Foi um ensaio muito a sério. Mas, *audaces fortuna juvat.*

*

* *

Foi crescendo em annos e astucia, e aos vinte fazia parte dos bandos que, umas vezes a pé e outras a cavallo, fazem contrabando e larga escala, commissionados quasi sempre por commerciantes do interior do paiz.

Não o fadára porém a sorte para ser rico. E no meio d'aquellas alternativas de sol de liberdade e sombra de cadeias, começou a sentir a nostalgia de outros logares com melhor fortuna.

Como a todo o provinciano desajudado, sorria-lhe ao longe Lisboa, como terra riquissima onde o dinheiro corre pelas ruas.

Partiu da sua aldeia atraz d'essa miragem que é a fortuna de muitos e a desgraça de muitos mais.

Errou *solitario por entre as multidões,* mas viu que não estava preparado para viver sem collidir com a lei e arrependeu-se de ter vindo. Até que um dia, talvez porque os farrapos atrahem os esfarrapados pela mesma lei que a materia atrahe a materia e o dinheiro dos ricos mais dinheiro ainda, achou-se novamente entre os parias, os desherdados, os que a sociedade repelle, transferido da fronteira para egual mister na capital. Era *candongueiro.*

Precisava, todavia, estudar muito mais. Contrabandear nas barreiras da cidade é differente de contrabandear na fronteira. Agora, visto que não podia furtar-se ás vistas do fisco, era necessario illudi-las, e assim foi correndo aventuras; hoje, subtrahindo o alcool aos direitos de consumo por meio de tripas; ámanhã, em colletes de folha; depois, das mil diversas maneiras que a rotina da sua arte conservava através do tempo e da civilisação.

Voltava ás alternativas da liberdade e da prisão, contente com uma, como um pardal á solta, e resignado com a outra, como inquilino que não tem de cuidar da renda da casa nem da conta ao mercieiro.

A CANDONGUEIRA ROSA MARIA

Sive bene, sive mal, tudo era viver. Tornou-se conhecido, e o seu retrato, como o de tantos outros collegas, foi collocado nos postos fiscaes da estrada de cintura da cidade, em photographias de $5\ ^1/_2 \times 9$, tendo nas costas do cartão o registo de identidade.

A sua vocação especial e o seu amor pela arte fizeram-no originalissimo.

Um dia tirou a palha da albarda de um gerico que alugára e substituiu-a por tripas d'alcool. Coseu o melhor que soube, apparelhou novamente o gerico e, para desviar desconfianças, carregou três mólhos de milho verde, e dos lados do Poço do Bispo vieram os dois cumplices para entrar por Xabregas. Perfeitamente senhores dos seus papeis, um na sua bemaventurada inconsciencia asinina e o outro no seu sangue-frio de homem a quem o habito profissional gastou as commoções do perigo, iam seguindo os dois.

Mas ao passarem junto da sentinella, não sei se por acaso se por manha, o burro caiu.

Pela caracteristica curiosidade alfacinha e saloia, juntou-se muito povo e entre elle

alguns fiscaes do posto proximo que tambem ajudaram a erguer a besta, lamentando todos que haja, onde quer, um bocado de mau caminho. O arrieiro, com uma cara de innocencia armando á compaixão, agradeceu muito, e seguiu, seguro do bom exito de mais esta rascada. No dia seguinte constou aquella tramoia, e os guardas praguejavam o seu dó pelos animaes que cáem, origem de logros como este, que os fez suar a ajudar a erguer uma carga d'alcool. Protestaram vingança, como todos os logrados.

Tempos depois, liam n'um jornal: «Foi preso, por denuncia, um individuo que pretendia passar pelas barreiras do Poço dos Mouros, quatro litros d'alcool em caixas de folha, adaptadas ao interior de dois vasos e occultas sob uma ligeira camada de terra com flôres. E' reincidente, com largo e interessante cadastro. Já conseguiu subtrair aos direitos uma grande porção de alcool dentro da albarda d'um jumento, com a divertida particularidade de este haver caido perto do posto fiscal das portas de Xabregas, e uns guardas mesmo o ajudarem a levantar, sem de nada desconfiarem. Saiu da cadeia ha pouco tempo ainda por tentar passar uma porção d'alcool em falsos taipaes d'uma carroça.

VASOS DE PASSAR ALCOOL

E' um dos mais destemidos e engenhosos candongueiros.

Muita vez tem feito suar a testa aos guardas fiscaes.

— Pois sim, sim!... E' fino, mas sempre vae caindo como os melhores — commentou o guarda, despeitado.

— Se me cálha cá pela porta alguma vez, hei de carregar a participação cá d'uma certa maneira, que ha de pagar cara a partida do burro.

* * *

Cada dia tomava seu disfarce, obrigando o fisco a adoptar expedientes que por causa de outros nunca foram precisos.

Muitas vezes, quando á porta do quartel os guardas espumavam com desejo de vingança por mais um logro do nosso heroe, elle, transformado já, fazia côro com elles, dava-lhes razão, achava justa a sua indignação, e assim passava mais uma vez.

Fôra contractado para passar uma certa quantidade de presuntos de Lamego.

Deu tratos á imaginação para inventar um novo estratagema e conseguiu-o.

Os presuntos deviam ser passados um a um para dentro da cidade, por sua propria mão, como se levasse, dentro de um sacco, uma guitarra de que apenas se via a reluzente chapa de leque. O caso era simples. Mettia um presunto dentro do sacco e, com a mão, apertava-lhe a boca onde estava mettido um braço de guitarra.

Dir-se-ia que voltava de um passeio ás hortas.

Perseguiam-no já guardas á paisana que elle, como habil transformista, ludibriava. Mas no dia em que elle passava o vigesimo presunto, a alguns passos já da sentinella, sentiu no hombro a mão d'alguem que lhe dizia a meia voz:

— Vá lá esse fadinho!

Volta-se e reconhece a cara de um fiscal á paisana que já o havia prendido mais vezes. Processado, e preso por se recusar a pagar a multa imposta, encafuaram-no no Limoeiro.

Era ali, mais socegado e em mais aturado convivio com os seus irmãos na arte e

outros *artistas de artes correlativas*, que elle estorcegava a esphinge da Necessidade até lhe fazer revelar novas maneiras de illudir a guarda fiscal.

Posto em liberdade, voltava á execução dos planos concebidos durante o tempo de férias a que o rancor dos seus inimigos o obrigava.

Entrava dezembro quando elle saiu do Limoeiro.

Passeavam nas ruas os numerosos bandos de perús, que são numero obrigado nas festas do Natal.

De que havia de lembrar-se? De fazer instrumento da sua profissão um innocente bando d'aquelles gallinaceos.

Foi ter com um relojoeiro, a quem já servira, e offereceu os seus prestimos.

Tinha lá uma ideia, que não dizia, porque as paredes ás vezes teem ouvidos. A occasião era opportuna.

Chegára ao Tejo um vapor vindo do estrangeiro, e um dos tripulantes fizera desembarcar na Outra Banda uma caixa de relogios que o relojoeiro havia encommendado com empenho. Estava combinado. Os relogios seriam passados debaixo das azas dos perús. Cada um tomaria á sua conta dois relogios.

E assim foi.

A originalidade da invenção garantia o bom exito da empreza. Quem poderia desconfiar de tal?

* * *

Até aqui havia a astucia pobretona, vestida de burriqueiro, de moço de esquina, de carroceiro, de fadista de guitarra e melena, de vendedor de perús, etc.

Faltava-lhe ainda passar deante dos seus inimigos não já despercebido, como d'antes, mas á vista d'elles, profundamente acatado por elles.

Queria ainda rir-se lá por dentro, como a sanfona, vendo-os humilhados, com os mesmos olhos com que os vira altivos, arrogantes, exterminadores do seu modo de vida.

Elle que havia provocado os seus odios, provocaria tambem o seu deslumbramento.

Recorreu á civilisação e esta disse-lhe que o habito faz o monge; e elle, conforme se vestisse, seria general, bispo, papa e tudo o que quizesse: — o homem, é sempre o mesmo animal mais ou menos racional. Desejava ardentemente mais aquella vingança.

Perpassou-lhe pela mente uma ideia feliz, e teve vontade de rir-se, como o genio que tem a rapida intuição das coisas nas suas causas e nos seus fins.

O seu plano foi vestir-se de alferes, e metter-se n'um trem previamente preparado com caixas de folha adaptadas aos vãos dos assentos, da almofada, etc. Era excellente. Poderia passar, não só neutralisando, mas anniquilando até o fantasma da sua vida — a guarda fiscal. A' sua passagem, a sentinella teria um calafrio de respeitoso temor, e, sem revistar, até diria, n'aquella sua gentileza de urtiga em jandim:

— *Ora essa! tenha a bondade de seguir! ora essa, meu alferes!*

Em virtude d'esta ideia, por causa do alcool podia deixar de existir guarda fiscal.

O que eu sei dizer aos leitores é que se o maroto do cocheiro não dá em ter inveja da fortuna do supposto alferes, todo o alcool dos arredores de Lisboa seria mudado para dentro da cidade sem pagar dez réis de direitos.

Mas, como não ha mal que se não acabe, tambem não ha bem que sempre dure.

E com a denuncia do cocheiro, foi apanhado aquelle melro de bico amarello que fazia honra a muitos outros melros d'este pinhal d'Azambuja.

Se é verdade que a evolução religiosa tende para a adoração da razão, da intelligencia, ahi fica mais um idolo a que a posteridade levantará altares, já que os idolos contemporaneos, com menos razão e menos intelligencia, não querem pagar essa divida sagrada.

A Humanidade quanto mais se distancía da vida d'estes gigantes, melhor lhes avalía a grandeza das proporções.

Confiemos no futuro.

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

O PAE DE SIMÃO

(De Guy de Maupassant)

CABAVA de dar meio-dia no relogio da aldeia.

A porta da escola abria-se de par em par, e os garotos precipitavam-se aos encontrões para sahirem mais depressa, mas em vez de se derigirem para casa como costumavam, detiveram-se a alguns passos, formando grupos e cochichando.

E' que n'esse dia, Simão, o filho da Blanchotte, tinha vindo á escola pela primeira vez.

Todos tinham ouvido falar da Blanchotte, e ainda que toda a gente na aldeia a tratasse muito bem, as mães entre si, manifestavam por ella uma compaixão despresivel, que tambem se tinha apoderado das creanças, sem que ellas soubessem porquê.

Quanto a Simão, não o conheciam, porque não sahia nunca, nem costumava entreter-se com elles em brincadeiras.

E como não gostassem muito d'elle, por ser filho da Blanchotte, foi com uma certa alegria, misturada com um espanto consideravel que acolheram uma phrase dita por um companheiro de 14 annos, que depois foram repetindo uns aos outros:

— Sabem?... o Simão... não tem pae!

Appareceu então o filho da Blanchotte no limiar da porta da escola; tinha uns sete ou oito annos, muito pallido, aceado, mas com um ar timido, compromettido.

Voltava para casa de sua mãe, quando o grupo dos seus camaradas, cochichando sempre, e mirando-o com o olhar proprio das creanças que preparam uma partida, o rodeou pouco a pouco, acabando por o metterem n'um circulo.

A pobre creança posta assim no meio d'elles, ficou como que aturdida sem perceber o que lhe queriam fazer.

Mas o garoto que tinha dado a novidade, orgulhoso com o successo obtido, perguntou-lhe:

— Como te chamas tu?

— Simão — respondeu a creança.

— Simão quê? — perguntam-lhe de novo.

Muito confuso responde novamente:

— Simão.

— Mas tu has-de por força ter algum appellido... Simão só, não pode ser.

E a pobre creança quasi chorando, respondeu.

— Chamo-me Simão!

A garotada começou a rir, e aquelle

que o interrogara voltou-se para os companheiros, e disse:

— Vêem bem que não tem pae?!

As creanças depois d'um grande silencio, admiradas por uma coisa tão extraordinaria, impossivel, monstruosa: *um rapaz que não tinha pae*, olhavam-no como um phenomeno, como um sêr fóra do vulgar, e sentiam augmentar em si o despreso, inexplicado até ahi, que suas mães manifestavam pela pobre Blanchotte.

Simão, tinha-se encostado a uma arvore para não cahir, e ficara com o que aterrado por um desastre irreparavel.

Tentava explicar-se, mas não encontrava nada que responder, e não podia desmentir essa verdade horrivel: *não tinha pae!*

De repente, fazendo-se livido, gritou:

— Sim, tenho um.

— Onde está elle?—perguntavam-lhe.

Calou-se, não sabia. Os outros riam muito, excitados, e esses filhos dos campos, quasi selvagens, experimentavam a necessidade cruel de ferir moralmente o pobre Simão. Este olhou para um companheiro que tinha visto sempre sósinho com a mãe, uma viuva, e disse-lhe:

— E tu? Tu tambem não tens pae.

— Tenho sim.

— Onde está elle?

— Morreu, meu pae está no cemiterio.

Um murmurio d'approvação se ouviu entre as creanças, como se o facto do pae d'esse camarada estar no cemiterio, o tivesse engrandecido a ponto de esmagar ainda mais a creança, que nem vivo tinha o seu. E essas creanças, filhas na sua maior parte de maus homens, ladrões, homens que tratavam mal suas mães, apertavam-no cada vez mais como se elles, os *legitimos*, quizessem com a sua pressão esmagar aquelle infeliz.

D'entre elles sahiu um que gritava:

— Não tem pae, não tem pae!

Simão atirando-se a elle agarrou-o pelos cabellos e começou a encher-lhe as canellas de pontapés, emquanto o outro lhe mordia as faces. Houve um barulho ensurdecedor e os dois combatentes foram separados. Simão foi n'um minuto deitado por terra, martyrizado por parte dos seus companheiros, emquanto a outra parte ria perdidamente.

Por fim, levantou-se machinalmente, limpando com a mão o bibe que tinha ficado cheio de terra, quando alguem lhe gritou:

— Vae queixar-te a teu pae!

Sentiu como que o coração opprimido, eram mais fortes do que elle, viu bem que lhe não podia responder, porque effectivamente *não tinha pae*.

Tentou alguns segundos suster as lagrimas, mas teve uma suffocação e começou a chorar.

Uma alegria feroz rebentou entre os seus inimigos, e, como os selvagens nas suas diversões terriveis, deram as mãos e começaram girando em torno d'elle repetindo em côro:

— Não tem pae! não tem pae!

Simão deixou de suspirar, uma furia o acommetteu e como tivesse a seus pés um montão de pedras, começou a apanhá-las e a atirál-as com todas as suas forças contra os seus carrascos.

Dois ou tres foram attingidos, e começaram a fugir gritando. Simão estava de tal modo feroz que um grande panico se apoderou d'elles, e cobardes, como é sempre a multidão, deante d'um homem exasperado, fugiram em debandada.

Tinha ficado só, mas uma recordação lhe veiu ao espirito que o encheu de coragem.

Dias antes, tinha-se deitado a afogar um mendigo da aldeia porque não tinha dinheiro. Por acaso tinha assistido á pesca do cadaver e ouvira algumas pessoas dizerem:

— Morreu... agora é mais feliz!

Tinha tambem visto que a phisionomia d'esse desgraçado sempre transtornada, estava agora serena; resolveu tambem afogar-se. O outro tinha-se suicidado porque não tinha dinheiro, elle fazia-o porque não tinha pae, o que era peor. Derigiu-se para o rio.

A temperatura estava quente, o sol aquecia a herva com os seus raios, a agua brilhava como um espelho, por momentos teve desejos de se deitar e dormir, mas viu uma rã que saltava perto d'elle, distrahiu-se e começou a vêr se a apanhava.

Tres vezes a teve quasi agarrada e tres vezes ella lhe fugiu, mas por fim segurou-a por uma perna, e poz-se a rir por vêr os esforços que o pobre animal fazia para fugir.

Começou a pensar no que lhe tinham feito momentos antes, e chorou.

Acommettido por uma grande tristeza, ajoelhou e resou uma oração que a mãe lhe tinha ensinado e que costumava resar antes de adormecer, quando sentiu sobre o hombro uma pesada mão, e ouviu uma voz forte que lhe dizia:

— Porque choras tanto, creança?

Voltou-se e viu um homem alto, com o olhar muito meigo e que toda a gente na aldeia conhecia: o ferreiro Filippe. Respondeu com a voz cortada pelos soluços e com os olhos cheios de lagrimas:

— Bateram-me porque... eu... eu não tenho... pa... pa... pae.

— Como? — disse Filippe sorrindo, — mas toda a gente tem pae, não chores mais, e vem commigo para casa de tua mãe, que talvez te dêem um pae.

Chegaram deante d'uma casinha branca, com a apparencia muito limpa, e Simão gritou:

— Mamã!

Appareceu uma mulher ainda nova e bonita, mas muito pallida, triste, e com um ar tão severo que parecia querer impedir a alguem que transpozesse o limiar d'aquella porta.

Filippe, vendo-a, intimidou-se, e voltando o bonet nas mãos, balbuciou:

— Trago-lhe esta creança que encontrei á borda do rio, perdida.

Simão saltou ao pescoço da mãe e disse-lhe:

— Não, mamã, eu quiz-me afogar porque os outros me bateram, bateram-me porque... porque eu não tinha pae!

Um rubor cobriu as faces da pobre mulher, que beijava com violencia o filho, emquanto o rosto se lhe inundava de lagrimas.

Filippe, commovido, estava indeciso sem saber o que fazer quando a creança, voltando-se para elle, lhe disse sorrindo:

— Quer ser meu pae?

Houve um grande silencio.

A Blanchotte, muda e torturada pela vergonha, encostava-se á parede com as mãos sobre o coração.

Simão vendo que lhe não respondiam disse de novo:

— Se não quer, vou afogar-me outra vez.

Filippe, sorrindo tambem, e tomando por uma brincadeira o que a creança dizia, respondeu:

— Quero, sim!

— Como te chamas? perguntou Simão.

— Filippe, retorquiu o operario.

Simão calou-se por um instante como que para reter o nome e disse:

— Pois bem, Filippe, és meu pae.

O ferreiro agarrou-o bruscamente, beijou-o, e affastou-se a passos largos.

Quando a creança entrou na escola no dia seguinte um risinho de troça o acolheu, e á sahida quando iam para recomeçar, Simão gritou:

— Chama-se Filippe, o meu pae!

— Filippe de quê? — perguntaram-lhe, — onde é que foste arranjar esse Filippe?

Não respondeu nada, mas deixou-se ficar prompto a soffrer tudo quanto lhe quizessem fazer.

O mestre-escola sahia na occasião e foi acompanhá-lo a casa da mãe.

Durante tres mezes Filippe passou muitas vezes deante da casa da Blanchotte e algumas atreveu-se a falar-lhe quando a via a coser á janella. Ella respondia-lhe delicadamente, mas sem nunca sorrir, nem o convidar a entrar. Comtudo, um pouco enfatuado como todos os homens, pareceu-lhe que ella corava quando o via, mas uma reputação perdida é tão difficil de readquirir e fica tão fragil, que apesar da reserva da Blanchotte, já se começava a murmurar na aldeia.

Quanto a Simão, gostava muito do seu papá e passeava com elle todas as tardes. Ia assiduamente á escola, passando no meio dos seus camaradas sem nunca lhes falar, com um grande ar de dignidade, até que um dia um companheiro lhe disse:

— O teu pae não se chama Filippe.

— Porquê?

— Porque se esse Filippe fosse teu pae seria o marido da tua mãe.

Simão perturbou-se um pouco deante d'este raciocinio, mas continuou a responder:

— E' meu pae!

— Pode ser, mas não é teu pae como os nossos.

Simão curvou a cabeça e foi muito pensativo procurar o pae Filippe, á officina do mestre Luiz, onde elle trabalhava.

Deante d'uma enorme forja, cinco homens robustos trabalhavam, vermelhos como demonios, com o olhar fito n'um enorme bloco de ferro em braza, deixando cahir sobre elle os pesados martellos.

Simão entrou sem ser visto e foi muito devagar puxar Filippe pelo braço. Este voltou-se, o trabalho parou, e todos fitaram a creança admirados.

No meio d'este silencio pouco habitual, ouviu-se a voz fraca de Simão dizer.

— Filippe, o filho da Michard disse-me agora que tu não eras meu pae a valer.

— Porquê? — perguntou Filippe.

— Porque não és o marido de minha mãe — respondeu Simão com um grande tom d'ingenuidade.

Ninguem se riu; Felippe ficou de pé com a cabeça encostada ás costas das mãos que repousavam sobre o cabo do seu martello. Sonhava. Os seus quatro companheiros fitavam-no e o pequenino Simão entre estes gigantes esperava ancioso.

De repente um dos ferreiros disse:

— E' uma mulher honestissima, a Blanchotte, e apesar da sua desgraça é uma mulher digna d'um homem honrado.

— Isso é verdade, — disseram os outros tres.

— Qual é o seu crime? Prometteram-lhe casamento, e enganaram-na! Conheço muitas a quem succedeu o mesmo e que são respeitadas; o que terá ella soffrido para educar esta creança? Quantas lagrimas terá chorado!

— Isso é verdade, — repetiram ainda os outros.

Então não se ouvindo mais que o resfolegar do folle que soprava a forja, Filippe inclinou-se para a creança, beijou-a e disse-lhe:

— Vae dizer a tua mãe, que lhe irei falar esta noute.

Começou de novo o trabalho, e d'um só golpe os cinco martellos cahiram de novo sobre o ferro em braza, mas assim como o sino grande d'uma cathedral se faz ouvir mesmo quando toca o carrilhão, assim o martello de Filippe como que dominando os dos companheiros, cahia de segundo em segundo, fazendo um barulho ensurdecedor.

Filippe, com o olhar incendiado, forjava apaixonadamente, de pé, no meio das faiscas que saltavam do ferro.

Brilhavam já as estrellas no firmamento, quando bateram á porta da Blanchotte.

Era Filippe com o seu fato domingueiro, a barba feita, como se fôsse para uma festa.

A Blanchotte appareceu e disse com um ar triste:

— Não é bom vir assim bater-me á porta a esta hora da noite; o que dirão na aldeia?

Filippe quiz responder mas balbuciou apenas algumas palavras confusas; de repente reanimou-se e disse de subito:

— Quer ser minha mulher?

Nenhuma voz lhe respondeu, mas a Simão pareceu-lhe ouvir o ruido d'um beijo, e algumas palavras pronunciadas por sua mãe em voz baixa; sentiu-se agarrado por dois braços vigorosos e a voz do seu amigo que lhe dizia:

— Amanhã dirás aos teus camaradas que teu pae é Filippe Remy, o ferreiro, e que irá arrancar as orelhas a todos aquelles que te fizerem mal!

No dia seguinte, como a escola estava cheia e a classe ia começar, o pequeno Simão, pallido e com voz tremula, levantou-se e disse:

— Meu pae é Filippe Remy, o ferreiro, e prometteu-me arrancar as orelhas, a todos aquelles que me fizessem mal.

D'esta vez ninguem riu.

No domingo seguinte, o pequeno campanario d'aldeia tocava festivamente, e aos pés do altar, um par muito unido chorava de felicidade porque: — *Simão já tinha pae!*

Traducção de RAPHAEL MARQUES.

A caridade de luto

Duqueza de Palmella

Na galeria soberba das mulheres illustres da secular fidalguia portugueza, ao lado da infanta D. Maria, da marqueza de Alorna e de tantas outras, a historia colloca hoje, com justiça, o busto d'essa senhora, fidalga pela linhagem e pelo talento que, por tantos motivos, nos recordava as figuras interessantes das intellectuaes da Renascença.

A duqueza de Palmella, como *tout court* a designavam os que lhe recebiam as esmolas, que pareciam rosas, e os que tinham a ventura do seu convivio, que era de encantar, constituiu no meio da nossa sociedade frivola, egoista e sceptica, o mais raro e o mais nobre espirito de mulher que nos tem sido dado observar.

Possuindo, quasi até ao exagero, a simplicidade natural no trato e nas maneiras, albergava um coração delicadissimo, extremamente sensivel que a não deixava vêr, sem preoccupações, o estendal da miseria humana. Por isso ella foi essencialmente uma alma vibrando ás commoções mais profundas, um espirito conhecendo até ao infinito as agruras da vida. Queremos crêr que se não fôra a sua psycologia tão profundamente emotiva, se não foram as suas exteriorisações de artista, essa nobilissima senhora teria sido immensamente desgraçada, apesar do ouro que a cercava, apesar das tradições de luxo e opulencia da sua casa principesca! Ella só tinha alma para se commovêr, para sentir o mal dos outros, para o attenuar, para o destruir. O seu cadaver, hirto por entre as pompas das flôres e das luzes, foi a enterrar, levando a acompanhal-o um caudal imponente de lagrimas de saudade e de gratidão!

*
* *

A duqueza de Palmella, se não era physicamente um typo modelar de belleza feminina, tinha no emtanto um tão imponente ar senhoril, d'uma linha tão nobre e tão simples a um tempo, que logo nos feria docemente a retina, ao vêl-a, quer ao perpassar por entre os andrajosos que protegia, quer nas ceremonias espectaculosas da côrte. O sorriso que de continuo lhe enchia de luz o rosto fino, a sua cabeça original, de tão evidenciado cunho artistico, atraíam irresistivelmente as nossas sympathias e retratavam com a fidelidade anatomica d'um estudo de Rembrandt, todas as qualidades superiores da sua alma de Bôa e de Artista.

Ah! não havia maneira de a confundir! Como nas taças cinzeladas de Benevenuto Cellini, as figuras esbeltas das princezas resaltam do fundo escuro do metal, assim de toda a larga policromia d'uma côrte em festa, a sua figura se erguia airosa e firme, manifestando a linhagem, evidenciando o talento. A sua alta posição social, as suas funcções de camareira-mór da rainha, tinham n'ella a applicação mais justa e mais logica. E raro a côrte portugueza terá occasião de vêr alliados n'uma missão palatina, dois espiritos tão eguaes e tão distinctos, como o eram o sr. condé de Sabugosa, o mordomo-mór, a sr.ª du-

queza de Palmella, a extincta, a tão pranteada camareira-mór!

Quando volvidos seculos, a arte, a poesia, a phantasia romanesca dos nossos artistas e do nosso povo, pretender reconstituir a agitada e tragica vida da côrte portugueza nossa contemporanea, no primeiro nivel das figuras evocadas apparecerão, impressionantes de grandeza moral, essas duas almas, que por uma coincidencia interessante do destino, a um tempo viveram e animaram com a força do seu talento e das suas intelligencias d'artistas, a côrte d'um infortunado rei — artista tambem!

* * *

Resta-nos falar, ainda que com a ligeireza a que nos obriga este pequeno artigo, da obra artistica da duqueza de Palmella. Notemos, antes de mais nada, que, apesar do muito bem que d'ella se tem dito, ainda lhe não foi feita justiça completa. Impede-o uma razão primordial: a categoria social da auctora de tanta maravilha; a riqueza, que é um bem para a turba-multa dos inuteis, e um mal para os artistas. Distanceia-os da massa anonyma, que é de resto a que póde sentir e popularisar a sua obra.

O JAZIGO DA FAMILIA PALMELLA

No emtanto, os trabalhos artisticos da duqueza de Palmella manifestam toda a compleição d'uma grande artista de raça. A sua *Santa Thereza*, a *Cabeça de negra*, a *Virgem*, e tantos outros trabalhos modelares, collocam-na sem favor, na primeira linha dos nossos artistas de estatuaria. O limitado do espaço d'este artigo não comporta a critica rigorosa e completa d'essa obra. Mas a sua simples e rapida observação impelle-nos a admirar a mão divina que os modelou e que, por direito de raça e de conquista, attingiu o logar glorioso que a historia lhe marcou.

A' SAHIDA DA CASA DO SR. MARQUEZ DE FAYAL

Senhoras em evidencia

Entre o nucleo de mulheres portuguezas que glorificam contemporaneamente as letras patrias, a sr.ª D. Anna de Castro Osorio é indubitavelmente um dos seus vultos primaciaes. Não affirmamos isto como lisonja. Toda a gente que lê e *sabe ler* n'esta nossa malaventurada terra, conhece bem a que ponto ella tem verdadeiro jus á consagração dispensada aos seus inilludiveis talentos de escriptora distinctissima.

Mas não é simplesmente á sua vocação literaria — que a tem, na verdade decisiva e excepcional — que vimos prestar homenagem. Dotes brilhantissimos e exemplares de trabalhadora infatigavel a caracterisam e lhe levantam esse pedestal de gloria que todos nós os que labutamos nas fainas intellectuaes, sob qualquer aspecto com que ellas se revistam, admiramos com entranhado e fanatico culto.

Descrever toda a sua laboriosa vida literaria, seria pôrmos mais uma vez em relevo, o valor extraordinario d'uma das mais poderosas e complexas cerebrações da moderna intellectualidade feminina.

Nenhuma decerto a tem excedido. Novellista, as suas concepções teem um colorido que fascina, um sentimento que enternece, uma phantasia que domina. E, acima de tudo isto, respeita o seu ideal fixo de bem fazer em favor d'esta humanidade combalida de dôres e de paixões e em cuja regeneração ella se empenha com tão sincero e ardente amor.

Os seus lavores didacticos affirmam, ao mesmo tempo, invenciveis qualidades de polemista, um vigor absoluto de combatente em que resplandece a clareza d'uma logica que só é dado exprimir e saber impôr a quem, como a sr.ª D. Anna de Castro Osorio, conhece profundamente os mais transcendentes problemas sociaes e á custa d'um grande cabedal de erudi-

ção e d'uma crença afervorada n'um triumpho futuro, os pode assim agitar denodadamente.

Educadora ainda, quem ha ahi que não tenha compulsado a *Minha Patria*, a *Bôa Mãe* e tantas outras obras primas de ensinamentos, de doutrinas lucidas e sãs, de carinhos puros e nobres?

Não se esqueceu a illustre escriptora, depois de tantos louros adquiridos, de tantas e justas ovações aos seus meritos que era mulher, que pertence a um sexo escravisado ha seculos e em cuja escravatura pesam os mais humilhantes labéos, as mais pesadas affrontas, o mais injustificado desprezo. E da consciencia d'estas verdades alliada á sua bella alma e e ao seu espirito sedento de justiça se deve essa in-

JOÃO LUCIO DE AZEVEDO

D. ANNA DE CASTRO OSORIO

temerata campanha feminista devida á sua penna de ouro e que, entre muitos outros trabalhos, produziu as *Mulheres Portuguezas*, esse livro que todas as mãos patricias deviam compulsar, umas para afastarem de si ideias falsas d'uma mentalidade que ha de acabar por se reivindicar á face do espirito das sociedades cultas, e outras para se reverem n'elle com desvanecimento, pensando no que podem e no que valem.

Sim, as *Mulheres Portuguezas* devem brilhar na bibliotheca de mulheres e homens que se abriguem sob o sol fulgente ou a cupula estrellada d'um paiz que tem energias ainda, para se erguer a par das nações onde o progresso scientifico e moral constitue a grande e redemptora religião do povo.

Historia e litteratura

João Lucio de Azevedo occupa de ha muito um logar proeminente no estudo dos assumptos historicos. Dotado de um espirito paciente, culto, investigador, segue com meticulosa actividade qualquer filão que se lhe depara. Desta vez o seu cerebro, bem equilibrado e lucido, dedicou-se a analisar o caracter e a obra do marquês de Pombal, e facultou ao mundo intellectual um trabalho de valor, scientificamente organisado, deduzido á luz da razão, pesado na balança da mais fina critica e coado pelas doutrinas sans de uma salutar philosophia.

O marquês de Pombal e a sua época é um livro de consulta e de exame.

Perfil do dia

JOSÉ MARIA DOS SANTOS (SANTONILLO)

Um escriptor de pulso, intelligente e muito trabalhador, e um jornalista com graça e que conhece a sua profissão, José Maria dos Santos *(Santonillo)*. O seu ultimo livro *Perfil do dia* é um repositorio de boa critica, de discussão sensata e delicada, de commentarios leves na forma, mas duros no conceito, é um finissimo labor concebido com engenho e observação.

Descobertas polares

FREDERICK COOK

O dr. Frederico Cook e o commandante Peary, ambos americanos, affirmam ter descoberto o polo norte. O segundo contesta ao primeiro a realização d'esse descobrimento. Cook foi recebido em Copenhague com honras excepcionaes. O futuro dirá se ha exaggero nas affirmações feitas.

Chronica da moda

A diversidade de opiniões sobre a moda actual — A moda em harmonia com a esthetica, a phantasia e as finanças — Uma toilette tailleur — As saias laveuses — Os chapéos d'este anno — As toilettes das creanças — Os fatinhos á maruja — O bom senso e criterio das mães no vestuario dos filhos — O calçado.

Sobre a moda actual temos ouvido uma extraordinaria diversidade de opiniões a senhoras, que, pela sua elegancia *rafinée*, pela sua alta intuição esthetica e ainda pelos meios de fortuna de que dispõem, que lhes permitte a familiaridade com tudo que sae dos primeiros e mais afamados *ateliers* de Paris, se impõem á nossa acceitação como auctoridades indiscutiveis sobre este altissimo assumpto.

Conhecemos algumas, elegantes, ostentando *toilettes* deliciosas, — *le dernier cri,* — que detestam a moda, que dizem mal d'ella, que a acham ridicula nos seus caprichos da actualidade, mas que se submettem mansamente aos seus tyrannicos e despoticos decretos, porque... *é preciso!*

Evidentemente a verdade é esta: é preciso! e n'este caso vale mais acceital-a como é, sem descontentamentos nem mali licencias, e procurar cada uma das nossas leitoras alindal-a, aformoseal-a, em harmonia com a sua esthetica e com a sua plastica.

Sem sahirmos para fóra das leis que a moda nos impõe, temos obrigação de vêr que o que fica bem a uma senhora alta e delgada não deverá nunca ser copiado por outra de fórmas arredondadas, a quem muitas vezes a vida sedentaria e a inacção a que geralmente se votam dentro de casa as mulheres portuguezas, lhe transfiguram a plastica, avolumando-a prodigamente de tecidos adiposos.

Assim é preciso saber escolher o que melhor se coaduna e harmonisa com o feitio de cada uma e ainda com os seus orçamentos, para não se darem desastres de esthetica e desequilibrios de finanças, que são por muitas vezes a tortura moral dos chefes de familia e até..... a origem do desmoronamento de muitos lares risonhos, tranquillos e felizes.

*

As senhoras que adoptam o genero simples devem estar contentes com as grandes *jaquettes,* tanto mais lindas e elegantes, quanto maior é a sobriedade de enfeites ou guarnições que apresentam. Uma *toilette tailleur,* em ottomana alfazema clara, sáia completa lisa, com pespontos apenas, grande *jaquette* só com botões, coroada por um immenso chapéo de *crin noir,* guarnecido de plumas, irreprehensivelmente e artisticamente confeccionado, póde dizer-se uma encantadora *toilette,* d'um chic raro.

Dependerá apenas do alfaiate ou da modista que a executar e da graciosa esculptura que a vestir.

No genero «conturière» a sáia *laveuse* continúa a ter uma grande acceitação, não obstante o côro de protestos que a seu respeito temos ouvido. Estas sáias tem feito successo este anno nos casinos, mas hermas e nas praias.

As *capelines de crin noir* guarnecidas simplesmente d'um *paradis* enorme sem mais nenhuns outros enfeites, teem tido grande voga esta época no estrangeiro, e ainda entre nós.

Nos chapéos o que dá bem a nota d'este anno pela novidade, mesmo que outros attractivos as nossas leitoras lhes não encontrem, é a apparencia inacabada que nos offerecem. Mas para que esse ar de *inachevé* attinja o *chic* que nos encanta, é preciso que mãos de artista lhes pousem delicadamente com aquella graciosidade e leveza que tanto distingue as modistas parisienses de nome.

Emquanto as principaes casas de Paris nos não derem os chapéos pequenos, que dizem apparecerem este inverno proximo, emquanto elles os não lançarem, nós seremos cada vez mais pelos grandes chapéos que tão deliciosamente e com tanta felicidade emmolduram os rostos peninsulares das mulheres de Portugal, dando-lhes uma extranha belleza muito particular.

UMA TOILETTE PARISIENSE DE SENSAÇÃO

*

Resta-nos ainda falar da *toilette* das creanças, e, a respeito d'estas, não nos cançaremos de recommendar a mais absoluta e completa simplicidade na maneira de as vestir.

Os fatinhos á maruja em piqué branco com punhos e gollas de cotim azul celeste, offerecem uma linda e commoda *toilette* para meninas e rapazes.

Conhecemos uma elegante e distincta senhora, que com o seu ranchinho de cinco rapazes e quatro meninas assim vestidos todos do mesmo modo, á marinheira, tem dado este anno uma nota alegre de encanto e de admiração na formosa praia em que se encontra.

Estes fatos á maruja são muito simples, bonitos e praticos como nenhuns outros.

E' preciso que as mães ponham de parte as suas vaidades estheticas quando se trate do vestuario dos filhos para attenderem principalmente a fortifical-os, robustecel-os, deixando-os usar á sua vontade da liberdade dos movimentos que as *toilettes* complicadas difficultam e prejudica

Nada de luvas nem de joias, nem de futilidades que inclinem e prendam o espirito alegre das creanças a vaidades tolas e precoces que só servem para as estragar.

Quanto ao calçado para as creanças recommendaremos as sandalias ou sapatos de grande base, com a fórma exacta do pé, que são o que mais se usa.

Theatros

THEATRO DA RUA DOS CONDES — A ABELHA MESTRA — *Final do 3.º acto*

Musica dos Serões

A Viuva Alegre

VALSA

Sobre motivos da opereta de Franz Lehár

VALSE - INTERMEZZO

VALSE N. 1.

p

N. 2.
p
mf
f
ff
p
mf
fz
fz
mf
p

mf
f
ff
fz
f

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos **SERÕES** offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

Muita attenção:

Brinde dos SERÕES

Para evitar reclamações de extravio do numero dos **SERÕES,** onde se inclue a **Senha numerada,** que habilita o assignante ao **Sorteio do Brinde (Viagem a Paris),** desde já declaramos não se fazer envio de nova senha, visto n'esta administração ficar annotado o numero ou numeros enviados, correspondentes a cada assignante — o que fica á disposição de quem deseje certificar-se.

Ao contemplado com o numero egual ao premiado com a sorte grande na loteria do Natal **(que se realisa a 23 de dezembro proximo),** será o seu nome publicado no *Diario de Noticias* e *Seculo* do dia seguinte. A apresentação da senha numerada, reconhecida a identidade do assignante, ou de quem o represente, ou ainda, no caso de extravio da senha-brinde, documento que legalise devidamente ser o proprio ou quem o represente, será bastante para liquidarmos o nosso promettido offerecimento.

Senha n.º

Brinde dos **SERÕES** aos assignantes de 1909 — Uma viagem a Paris (ida e volta) em 1.ª classe ou o seu equivalente em réis.

A apresentação d'esta senha, uma vez satisfaça ás condições acima estipuladas **Brinde dos SERÕES,** dá direito a entrega do Brinde unico offertado pelos **SERÕES** em signal de reconhecimento para com os seus assignantes.

1 de outubro de 1909.

A administração.

Brinde a que só teem direito os senhores ASSIGNANTES de 1909

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

1. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da peile. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

1849 BELLEZA DO ROSTO 1849

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candès
puro ou misturado com agua, dissipa
Sardas, Tez Crestada
Pintas-Rubras, Borbulhas
Rosto Sarabulhento e
Farinaceo, Rugas
&
conserva a cutis liza e clara.

CANDÈS, Paris — Bº St-Denis, 15

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Obtido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE — PAG

A MUSICA DOS SERÕES

A

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memorandus, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

CALÇADA DA GLORIA, 5

Telephone 1:239 **LISBOA**

SERÕES
N.º 53 — NOVEMBRO
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 LISBOA

DUQUEZA DE PALMELLA

Camareira-mór, fidalga pelo nascimento e pela sua inexcedivel caridade, artista de grande merito.

TUMULO DA PRINCEZA ALICE DE HESSE, E DE SUA FILHA

O culto dos mortos

Alguns tumulos historicos

A festa dos defunctos na antiguidade — O tumulo da princeza Alice de Hesse e da filha, causa da sua morte — Tumulo de Theodorico em Ravena — Tumulo de Jean Jacques Rousseau — Tumulo de sir John Moore — Tumulo de Napoleão em Santa Helena — Os tumulos dos Kalifas no Cairo — O famoso tumulo dos Cardeaes d'Amboise — O tumulo de Alexandre Herculano.

ESDE os mais antigos tempos procuraram os vivos honrar a memoria dos mortos, consagrando um dia em cada anno á commemoração dos que partiram para a viagem mysteriosa, da qual «viajante algum voltou ainda». Na antiguidade eram os mortos venerados sob o nome de *manes,* tendo a designação de *ferales* as solemnidades annuaes a tão piedoso culto destinadas. Com mais ou menos variantes, ou revestindo as mais diversas modalidades, todas as raças e todas as crenças teem professado o culto pelos seus mortos. A generalisação, porém, d'esse culto deve-se á igreja catholica.

Foi S. Odilon, abbade de Cluny, como é sabido, quem, no anno de 998, instituiu em todos os mosteiros da sua congregação, a chamada festa dos fieis de Deus, ou, mais vulgarmente, dos fieis defunctos. Submettida esta innovação á consulta do sacro collegio de Roma, foi approvada pelo Papa e em breve se espalhou a todo o orbe christão, designando-se para ella o dia 2 de novembro de cada anno.

De modo que, ou surja com a força da intuição o monismo grego, ou brilhe na sua dialectica divina o dualismo de Platão,

ou se affirme, logico e rigoroso, o experimentalismo aristotelico; quer triumphe o mysticismo da fé christã, quer dominem, pela palavra, pelo ferro ou pelo fogo, as doutrinas de cem prophetas, quer se expandam pela terra: o pantheismo de Bruno, o darwinismo, a theoria atomica, e a concepção da evolução organica do mundo, em toda a doutrina, em toda a raça, em toda a época, essa homenagem dos vivos ao phantasma da morte é um facto, que muda relatividades e fórmas, mas que domina «imperecivel como a substancia do ether».

O dia dos mortos,—como disse algures um escriptor cujo nome não temos presente, mas cuja affirmação jámais nos esqueceu—é uma janella aberta para a noite do Mysterio, janella em que todos os espiritos se debruçam, uns como que a investigar a tréva que a descrença lhes cerrou, pavorosa e formidavel, outros como que á espera do raiar da apotheose d'uma vida nova, que são aquelles para os quaes, n'essa noite negra, se rasga o luar da fé no esplendor triumphal da paz absoluta, em tom suave de madrugada primaveril. As almas dos vivos parecem unir-se com as dos mortos, em amplexo amoroso, sobre todas as religiões e sobre todas as descrenças, porque o certo é que acima da credulidade, como acima da duvida, paira o amor sempre forte e todo-poderoso, erguendo os mortos na grande evocação da saudade.

*

Acompanhando a commemoração dos mortos, que n'esta época se realisa, não iremos descrever agora como se inventaram as sepulturas—mais por causa dos vivos do que dos defunctos, como asseverou Seneca—; quaes eram os ritos sepulcraes dos gregos, imitados depois pelos romanos, até ao momento em que começaram depositando os cadaveres em verdadeiros aposentos, que podiam dizer-se confortaveis, verdadeiras camaras subterraneas, como se para vivos se destinassem; nem repetiremos aqui como foi que na primeira metade do seculo IV, antes de Christo, no reino de Caria, na Asia Menor, a rainha Artemisa, viuva do rei Mausolo, querendo perpetuar atravez dos seculos

O TUMULO DE THEODORICO, EM RAVENNA

a saudade da sua inconsolavel viuvez, mandou construir o famoso monumento, que do nome do rei morto se ficou chamando *mausoleu*, verdadeira maravilha da arte grega. Alongariamos demasiadamente este artigo e não contariamos novidade alguma a nossos leitores, versados, seguramente, em taes assumptos da historia geral.

Limitar-nos-hemos, portanto, a pontos de historia especial, que não é tão provavel sejam de todos conhecidos, acompanhando de alguns ligeiros apontamentos varias gravuras de diversos tumulos, mais ou menos notaveis, quer pela memoria dos personagens, cujas cinzas encerram ou encerraram, quer pelas manifestações artisticas, que, como monumentos, esses tumulos representam. Muitos são os que existem dispersos pelo mundo; mas de todos fazer-se aqui referencia seria absolutamente impossivel.

TUMULO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU, EM ERMENONVILLE

Escolhemos, portanto, ao acaso, alguns entre muitos; e confiamos em que a escolha feita não desagradará aos nossos leitores.

*

Começaremos pelo tumulo cuja gravura vae em *en-tête*. E' o da princeza Alice de Hesse, filha da rainha Victoria. Hesse é uma região da Allemanha, delimitada pelo Rheno a oeste, pelo Weser a nordeste, pelo Diemal ao norte, e ao sul pelo massiço do Rhoen. O paiz foi organisado por Carlos Magno e pertenceu aos landgraves da Thuringia, por herança dos condes de Gudensberg, reinando essa familia até 1866, com o titulo de gran-duques. Foi com um d'esses principes, do ramo Hesse-Darmstad, que casou a princeza Alice. Não tardou em ter successão. Feliz e adorada pelo seu povo, graças ás qualidades que a tornavam verdadeiramente estimavel, deixou de si memoria imperecedoura, não tanto por ter sido grã-duqueza, mas porque soube ser, acima de tudo, uma verdadeira mãe. Uma de suas filhas foi atacada, ainda creança, do terrivel mal que a medicina designa pelo nome de *crup*, excessivamente contagioso.

A princeza Alice, resistindo a todos os pedidos e a quantas recommendações lhe fizeram, não quiz deixar de ser a unica enfermeira de sua filha, não a desamparando dia e noite. O contagio da doença manifestou-se a breve trecho, não havendo meio de salvar nem a mãe nem a filha, arrebatando-as a morte no mesmo dia. O tumulo onde filha e mãe dormem o ultimo somno, commemora tão notavel exemplo de amor maternal, pela fórma que a nossa gravura representa. A estatua jacente da prin-

TUMULO DO GENERAL INGLEZ SIR JOHN MOORE, NA CORUNHA

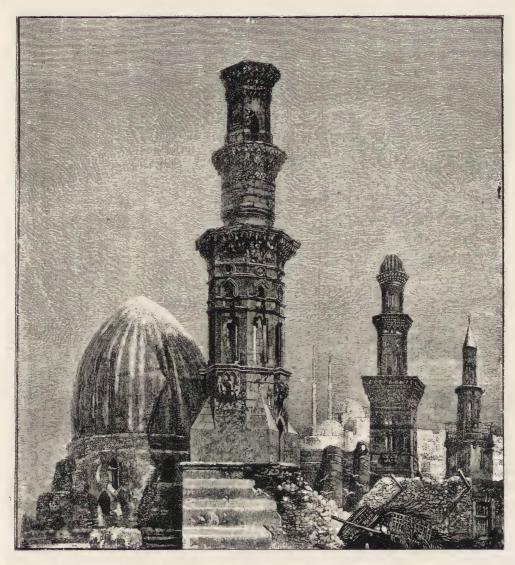
ceza Alice lá se vê apertando contra o peito a filhinha estremecida, que foi a causa da sua morte, sendo tambem a causa de que ainda hoje o nome da chorada soberana seja proferido com respeitosa e merecida sympathia em todo o gran-ducado de Hesse.

*

Foi Theodorico, cognominado *o Grande*, um rei dos ostrogodos, tendo sido elevado ao throno em 473, depois de ter recebido de Constantinopla os titulos de senador, de patricio, de mestre da milicia, e de consul. Guerreiro audaz, foram as suas victorias do Save, em 488, do Adige, no anno seguinte, e do Adda, no anno immediato, que o fizeram senhor do valle do Pó. Combateu as hostes de Odvacro em Ravena, mas ahi não lhe foi favoravel a sorte das armas, tendo de dar-se por vencido. Com o vencedor negociou então, ardilosamente, uma convenção que lhe désse uma parte da Italia; e na occasião em que pilhou Odvacro despreoccupado, matou-o, com a maior semcerimonia d'este mundo, a 5 de março de 493. Tomou seguidamente o titulo de rei dos italianos e esforçou-se por dar ao seu governo um caracter todo romano, adquirindo grande prestigio. Quando viu que estava mais para morrer do que para viver, fez construir um tumulo gothico grandioso (que uma das nossas gravuras representa) para ahi ser depositado o seu cadaver, como effectivamente foi. Esse tumulo, mais tarde transformado em igreja (de Santa Maria della Rotonda), existe proximo de Ravena. No seu genero é dos mais invulgares que se conhecem. E é quanto resta do tempo de Theodorico, *o Grande*.

*

O TUMULO DE NAPOLEÃO I, EM SANTA HELENA

O tumulo de Jean Jacques Rousseau, em Ermenonville, apesar de não conter já os restos mortaes do immortal philosopho, encontra-se ainda religiosamente conservado, tal como a nossa gravura o representa. A povoação de Ermenonville, pertencente ao departamento do Oise, em França, é celebre pelo seu castello do tempo de Luiz XIII, e pelo parque mandado dispôr, tal como ainda hoje se vê, pelo marquez de Girardin, no seculo XVIII. Grande admirador e amigo de Rousseau, o marquez offereceu-lhe hospitalidade verdadeiramente fraterna em seu castello, no verão de 1778. Ahi veiu a fallecer o auctor do *Emilio* e do *Contracto social*, a 2 de julho do indicado anno, victimado por uma apoplexia ou congestão cerebral. Com funeraes verdadeiramente sumptuosos, foi o cadaver sepultado, no dia 4 de julho, na chamada *Ilha dos Alamos*. Desde logo o marquez decidira elevar á memoria do seu egregio hospede um tumulo que fosse digno d'elle. Cumpriu o seu intento piedoso, confiando ao desenhador Robert e ao esculptor

OS TUMULOS DOS KALIFAS, NO CAIRO
(De um quadro de Perlberg)

J. Lesneur a execução da obra, a qual foi inaugurada em 1780. E' decorado este famoso tumulo com baixos-relevos representando a Fecundidade, o Reconhecimento, a Liberdade e a Eloquencia. Tem de um lado a divisa de Rousseau:

Vitam impendere vero

e, do outro, a inscripção:

Ici repouse
l'homme de la nature et de la verité.

A Convenção, por decreto de 25 Germinal, anno II (4 de abril de 1794), deliberou fazer trasladar ao Pantheon das Glorias da França, os restos do eminente cidadão. O programma da trasladação, elaborado por Lakanal, foi lido e approvado em sessão de 29 Fructidor (15 de setembro) do mesmo anno, e a cerimonia realisou-se a 20 Vindemiaire (11 de outubro) seguinte.

As cinzas de Rousseau foram collocadas, ao lado das de Voltaire, no Pantheon, com a mais grandiosa das apotheoses. Ermenon-

ville, como dissemos, conserva e guarda, com manifesto orgulho, o monumento onde tão preciosas cinzas estiveram depositadas durante 16 annos. Ali se conserva tambem, o chamado *Deserto,* com a *cabana de Rousseau*, e o incompleto *templo da Philosophia,* ao qual Rousseau déra começo e a cuja conclusão não poude presidir como tão ardentemente desejava. Tudo isto leva a Ermenonville inumeros viajantes intelligentes.

TUMULO DOS CARDEAES D'AMBOISE, EM ROUEN

*

O tumulo do general inglez sir John Moore, está na Coruña, collocado em pleno jardim de S. Carlos, no coração da cidade, por assim dizer, e em magnifico estado de conservação. Viera o general Moore á peninsula, por occasião da guerra de 1809, á frente de um corpo de exercito inglez, enviado em soccorro da Hespanha para se oppôr ás pretenções avassalladoras de Napoleão. Militar educado nas luctas da Corsega, de New-Ross, de Santa Lucia, de Bergen (onde foi ferido), etc., havia dado do seu valor as mais frisantes provas, tendo entrado para o serviço do exercito em 1776, com 15 annos de idade. Tinha estabelecido o seu quartel general na Coruña, em 1809, quando perseguido de perto pelas tropas de Soult, com ellas travou, a 17 de janeiro d'esse anno, a celebre batalha de Elviña, em a qual foi morto por uma bala franceza, ao operar uma retirada difficil. A cidade da Coruña, honrando a memoria do seu defensor, ergueu-lhe o tumulo que a nossa gravura representa, junto do qual viceja uma palma, — a do martyrio do inditoso militar.

Em janeiro ultimo, a 17, dia em que passava o primeiro centenario da morte de John Moore, tudo o que de mais notavel ha na briosa cidade gallega, foi, em piedoso cortejo, depôr uma corôa de flôres e louros n'esse tumulo, já entre flôres e palmas erigido.

*

Visto que estamos tratando de militares, occupar-nos-hemos agora do tumulo de Napoleão, em Santa Helena, a famosa ilha dos pincaros inaccessiveis, onde o audacioso guerreiro, que aspirava ao Capitolio, foi encontrar a sua rocha Tarpeia. Ahi foi o logar do seu desterro e o logar da sua morte, como é sabido.

O tumulo do homem que ambicionava o imperio universal, encontra-se em um estreito e profundo valle, de um aspecto selvagem e desolante. Uma grade de madeira fecha o recinto onde a sepultura se abriu, sendo a singela pedra tumular, sem inscripção alguma, resguardada, ao centro d'esse recinto, por uma vulgarissima grade de ferro. Como a attestar eloquentemente o nada das pretendidas grandezas humanas, o tumulo do poderoso imperador da França e arbitro do mundo, apresenta-se mais modesto do que os de alguns dos nossos burguezes! Arvores diversas, chorões, cyprestes e alamos põem uma nota de verdura n'aquella paisagem de desolação. O local foi escolhido pelo proprio imperador deposto, que para ali costumava ir passeiar algumas vezes, e manifestara desejos de ahi ser enterrado. Os seus carcereiros fizeram-lhe a vontade. Napoleão, que «foi grande até na desgraça, pois soffreu com valor e resignação os revezes da fortuna», falleceu a 5 de maio de 1821, sendo sepultado quatro dias depois. A ilha de Santa Helena fôra descoberta pelos portuguezes em 1501; passou para os hollandezes, depois para os inglezes, e foi, por fim, cedida á Companhia das Indias Orientaes.

Até 1840, os restos mortaes de Napoleão repousaram em Santa Helena. N'esse anno, a 15 de dezembro, deram entrada em Paris, sendo recolhidos em novo mausoleu nos Invalidos, no meio de pompas funebres verdadeiramente grandiosas. O primitivo tumulo de Santa Helena, é ainda conservado, como verdadeiro monumento historico que é. A gravura que o representa é reproduzida da que se publicou em 1870, quando a officialidade do navio de guerra fancez *Jean Bart* esteve de visita, em Santa Helena, não só ao referido tumulo como á casa de Langwood, onde Napoleão teve o seu carcere, e que o governo inglez fez conservar tal como o imperial prisioneiro a habitou nos attribulados dias da sua desgraça, perdida a corôa e as illusões que acalentára.

O TUMULO DE ALEXANDRE HERCULANO, EM BELEM

*

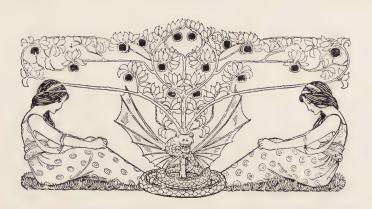
Os tumulos dos kalifas, no Cairo, — a antiga *El Kaira* (a Victoriosa), construida em 969, junto da ainda mais antiga Fostat, — constituem uma das mais interessantes curiosidades para todos os visitantes de taes paragens. Na sua maior parte em ruinas, ha, todavia, ainda bem conservados alguns d'esses explendidos monumentos de uma architectura especial, cujos opulentos e elevados torrões e minaretes desde bem longe denunciam aquella originalissima cidade egypcia, onde reinaram os successores de Mahomed. Alguns, senão todos esses monumentos, são verdadeiras mesquitas, mais particularmente consagradas á gloria do Islam do que propriamente em homenagem ao kalifa morto, que ahi tem a sua sepultura. Mas como *tumulos dos kalifas* são designados no seu conjuncto. Da grandeza e imponencia d'esses tumulos dá uma ideia precisa o quadro de Perlberg, que uma das nossas gravuras reproduz, a acompanhar estas ligeiras palavras.

*

E' das mais sumptuosas cathedraes da Europa, a famosa cathedral de Rouen, França, que por certo muitos dos nossos leitores conhecem. Replecta, tanto interior como exteriormente, de notaveis obras de arte, a todas ellas sobreleva o explendido tumulo dos cardeaes d'Amboise. Nada, absolutamente nada, em toda a França é superior a tão magnifico trabalho de esculptura. Composição e execução, as estatuas dos prelados, os baixos relevos e as innumeras figuras ornamentaes, tudo é de uma delicadissima factura, tudo está primorosamente cinzelado, causando a admiração não só dos entendidos como até dos profanos em coisas de arte. Construido no seculo XVI, de 1518 a 1525, é este tumulo considerado como — *une merveille à nulle autre pareille,* como asseverou Jules Adeline por occasião da sua visita a Rouen. Joia de pedra, que parece trabalhada em prata, é, por certo, o tumulo mais artistico que conhecemos. De tal preciosidade dá apenas uma pallida ideia a gravura respectiva. Se ella subjuga o espirito de quem a vê, calcula-se a impressão que deve sentir quem possa admirar o famoso original que representa.

*

Entre os tumulos mais notaveis pelas recordações historicas de que se revestem, ou pelos primores artisticos da sua execução, seria injustiça, e até falta imperdoavel, deixar de assignalar-se o de Alexandre Herculano, erigido n'uma das capellas do claustro manuelino de Belem. Custeado por subscripção publica, de iniciativa particular, esse tumulo se honrou, como era justo, a memoria do historiador portuguez, não honra menos a Arte nacional, que tão preciosos lavores produziu.

A. Belisario.

CAFÉ MARRARE

Os cafés de Lisboa

II

NTONIO MARRARE, o reformador das lojas de bebidas lisboetas, era de uma obesidade caricatural. Estabeleceu quatro cafés celebres: o Marrare *das Sete Portas* ou do Arco do Bandeira, o Marrare do Caes do Sodré, o Marrare de S. Carlos e o Marrare *de Polimento*. O derradeiro foi denominado assim, porque, segundo o elegante folhetinista Lopes de Mendonça, tinha as paredes forradas de «uma facha de pau polido, que o Marrare inventara para deposito de todo o macassar e pomada de urso, com que os *coiffeurs* ungem a cabeça dos seus freguezes». Foi o mais notavel pasmatorio do Chiado, o primeiro parlatorio da velha Olysippo, o café mais lisboeta da *Lisbia amada*, o chamariz de todos os alfacinhas que representavam a quintessencia de Lisboa. Este café, cujo nome passará á posteridade da Historia, teve uma missão analoga á do café Tortoni, em Paris, onde, no dizer folhetinistico de *Madame* de Girardin, se iam tomar gelados sem assucar e respirar um ar cheio de fumo de tabaco. O Marrare *de Polimento* foi creado em 1819 na rua das Portas de Santa Catharina, n.os 25 e 26 (actual Chiado, n.os 58 e 60), occupando uma loja, uma sobre-loja e todo o primeiro andar, morada do botequineiro, que pagava 600$000 réis de renda e tinha dois creados. O seu antecessor fôra o negociante Qua-

resma Pedroso, que tinha quatro creados e dois cavallos. No tempo dos Francezes, esta loja estava occupada pelo marceneiro Gabriel Bodiment, e, no predio anterior, havia o café do Ambrosini e a loja de estampas do Francisco Luiz Pereira, com cujos enormes pés o Bocage embirrava devéras. Immediatamente ao predio do Marrare, era o do opulento negociante João Antonio Ferreira (hoje o *Turf-Club)*, predio que Beckford cita nas suas *Cartas* e que serviu de habitação ao general Kellerman em 1808.

Antonio Marrare era napolitano, veiu para Lisboa nos fins do seculo XVIII, e, em 1801, fundou uma loja de bebidas e de conserveiro no predio da rua da Figueira (rua Anchieta), n.º 16, com frente para a travessa da Parreirinha (rua Capello). Principiou logo por fornecer o botequim do theatro de S. Carlos, onde substituiu o botequineiro francez João Salazar. Antes do Marrare, aquella loja fôra o estabelecimento de vinhos e bilhar de *Mr.* Dique, e veiu a ser um ponto de reunião dos novelleiros em 1808 e um centro de palestreiros em épocas posteriores. No principio do seculo XIX, um café custava 30 réis, mas era adulterado com fel de vacca, tremoços, favas e casca de piôrno, e era servido aos freguezes dos botequins em chavenas de pó de pedra com um assucareiro de vidro azul sobre um taboleiro de pau. Nos cafés do Marrare, porém, o café era puro Moka e vinha n'uma bandeja de prata, com cafeteira, leiteira, assucareiro, porco espinho e colheres, tudo de prata. N'estes cafés e nos mais aperaltados, vendiam-se tambem os vinhos generosos em uso, como eram o Porto, o Madeira secco, o Malvasia, o Carcavellos, o Barra á Barra, o Pico e o Chamusca. Por morte de Antonio Marrare em 1840, o Marrare *de Polimento* passou a propriedade de seu sobrinho José Marrare. Tinha então um creado mui querido da *juventude doirada*, o *Pintasilgo*, que tambem servia nos bailes do marquez de Vianna, de cujos beberêtes se encarregava o Marrare, que lá figurava com um sequito de creados, brilhante como o exercito de Xerxes. Por fallecimento de José Marrare, o café foi trespassado ao pastelleiro Ferrari, que entregou a sua administração a um Caggiani.

MARIANNO PINA

A historia e o romance muitas vezes se acotovellaram no Marrare *de Polimento*, que era, cumulativamente, exédra litteraria, definitorio musical e club politico. Aqui, vinha Mephistopheles fumar o seu charuto, Clitandro chupistar a sua carapinhada e Rubempré tasquinhar o seu covilhête á Lamartine. O Marrare *de Polimento* foi o prazo-dado de todas as celebridades vindas dos quatro pontos cardeaes da chronica lisbonense: os salões, a litteratura, a politica e o ar livre. Entre os que, n'este café, deixaram evaporar as suas riquezas cerebraes nas conversações, como diria Sarcey, apontaremos os seguintes, mas sem guardarmos a ordem chronologica: Bernardino Ruffo, Timotheo e Rodrigo Verdier, Ardisson, os Sampaios do Carmo, Freitas Jacome, os dois irmãos Vizeus (conhecidos por *Principes russos)*, marquez de Fronteira e seu irmão D. Carlos Mascarenhas, José

CAFÉ MONTANHA

Estevão, Alexandre Herculano, Garrett, marquezes de Niza e de Loulé, Antonio da Cunha, José da Silva Carvalho, Passos Manoel, Bernardino Martins ou o Martins *do Burlesco,* Sant'Anna e Vasconcellos, Bulhão Pato, Antonio de Serpa Pimentel, conde de Farrobo, Thomaz de Carvalho, Mendes Leal, Ernesto Biester, Silva Tullio, Lopes de Mendonça, D. João de Menezes, *o Cazuza,* Teixeira de Vasconcellos, Julio Cesar Machado, Campos Valdez, Ricardo Guimarães (visconde de Benalcanfor), os pintores Annunciação e Metrass, o esculptor Victor Bastos, etc. Entre os frequentadores do Marrare do Chiado, notaremos um, que deu o *dó* de peito do esturdio perdulario — o Lima da Cardiga. Viajou muito e conheceu pessoalmente a Dama das Camelias — uma pirata de saias, armada em corso. Gastou rios de dinheiro com a linda B., uma franceza que morava defronte do Marrare do Chiado, café em que elle jogava o bilhar a dez libras a partida.

O Marrare do Arco do Bandeira ou o Marrare *das Sete Portas* foi estabelecido em 1804 no predio então pertencente a José Antonio Gomes Ribeiro, avô do jonatissimo Antonio da Cunha Sotto-Maior. Em 1808, havia a batota do *Sardo,* no 1.º andar por cima d'esse café, casa em que Antonio Marrare habitou em 1824. Fallecendo Antonio Marrare, o café passou para o Manoel *Hespanhol.* N'esta época, os actores Tasso, Epiphanio e Theodorico eram seus freguezes assiduos. A' clientella constituida por actores e politicos, succedeu uma outra, formada de toureiros profissionaes e de amadores da arte tauromachica.

O café *od Grego,* á esquina da praça dos Romulares e da rua do Corpo Santo, foi fundado em 1808 pelo negociante grego Angelo Cana-

RECLAME DO «DUENDE» DO CAFÉ MONTANHA EM 1865

glioti, a quem os fagulhas policiaes não perdiam de olho, porque suspeitavam que era um propagandista das idéas francezas, o que os obrigou a deitarem-lhe o gatazio e a expulsarem-n'o do reino em 1809, ficando com a administração do café o Bernardini, antigo copeiro de Luiz XVI, que emigrara para Lisboa, onde se empregou como copeiro do duque de Cadaval. O café *do Grego* chegou ao seculo xx, e, depois de ter noventa e nove annos de existencia, soffreu transformações e foi rebaptisado com o nome de café *de Londres.*

No predio que torneja da praça dos Restauradores para a rua do Alecrim, encontra-se o modernissimo café *Royal,* no 1.º andar do qual predio existiu, em 1854, o *restaurant* de João da Matta, o mais espirituoso theorico da gastronomia portugueza, aquelle cujos divinos pitéus excitavam o paladar da aristocracia do garfo.

O Freitas do Rocio deveu sua creação a um tal Gonzaga, que Luiz Augusto Palmeirim descreve perfeitamente nos *Excentricos do meu tempo.* Creado em 1845, foi frequentado por Luiz Palmeirim, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, o actor Rosa pae, José Vaz de Carvalho, o valente Figueiredo do 14, Pinto Carneiro, Sant'Anna e Vasconcellos, etc. Actualmente, denomina-se *Café do Gelo* e é ponto de reunião da mocidade escolar, que se entretem no falatorio academico, na bacharelice politica e em outras nugas proprias dos verdes annos.

Deixemos o café *Europa,* que ficava mais adeante, á esquina do Rocio, e vamos até ao *Suisso* e ao *Martinho.* O *Suisso* foi fundado em 1845 por dois helvecios, um dos quaes se chamava João Meng, e começou por ser pastelaria e café. Obsequioso, affavel, parecendo ter vindo ao mundo entre uma curvêta e um sorriso, o Meng jámais deixou de superintender no seu botequim, sempre em mangas de camisa. Com o dobar dos annos, largou o café a um seu empregado, que, por fallecimento, o legou aos seus creados Leonardo e Antonio. Em 1848, percorriam as ruas tres musicos italianos, um clarinete e dois harpistas, que tocavam no *Suisso* e a quem um chroniqueiro matutino alludia n'estas linhas: — «Dão concertos por qualquer *finta* no café *Suisso* da praça de Camões e no Marrare *de Polimento.*» O *Suisso* dos tempos aureos teve como clientes a Rebello da Silva, Saraiva de Carvalho, o general Pinto Carneiro, o insigne mathematico Marrecas Ferreira, Brito Limpo, Motta Pegado, e outros homens que se evidenciaram nas lettras e nas sciencias. Em 1898, o *Suisso* cambiou de proprietarios, e hoje vê narcisar-se, nas laminas dos seus espelhos, uma segunda edição incorrecta d'esses figurões, que o humorista Thackeray daguerreotypou no *The Book of Snobs.*

O *Martinho* é irmão gemeo do *Suisso* e foi creado em 1845 por Martinho Bartholomeu Rodrigues, o Martinho *da Neve.* Este café logrou arredar a frequencia da *Lage* ou do Caes da Pedra, facto que o chronista d'*A Carta* de 1847 commentava n'estas palavras: — «*A Lage,* esse formoso e fresco passeio, o melhor de todos quantos eirados temos por essa beira-Tejo, este anno foi muito abandonado. Attribue-se á nova Casa da Neve, que veiu para o largo de Camões, que distrahiu a concorrencia que costumava ir para o Terreiro do Paço.» O *Martinho* converteu-se em poiso certo dos que, trepados nas columnas das gazetas, espreitam os movimentos da opinião, como os annunciadores das luas, no alto das torres de Carthago, seguiam as evoluções do astro nocturno. Mas tornou-se tambem o logar predilecto d'esses consumidores, que, em linguagem botequinal, são apodádos de *freguezes de um copo de agua e um palito.* Já em 1857, *O Asmodeu* sonetava satyricamente esta freguezia baldeira:

Em escura botica encantoados

Nicolau Tolentino.

Em certo botequim, sempre sentados,
Quer chova ou faça vento, em berraria,
Fazem varios sucios companhia
A copos só p'ra agua destinados.

Estes jornalistas e assanhados,
Aos escandalos erguem montaria,
Nas mais altas questões d'aquelle dia,
Falam outros em coisas mil versados.

Outros, de theatro, é seu fadario,
De notas menos boas tem pratinho,
Das «coulisses» erguendo o vil sudario.

E o dono, que vê sempre em caminho
A agua, o palito, o cerafrario,
Protesta e não ama o tal joguinho.

Nos ultimos quarenta annos, o *Martinho* foi o local de reunião dos que sacrificavam nas aras da sciencia ou da arte e dos que sacrificavam nos altares da litteratura facil, isso a que Aspasia gentilmente chamou *sacrificar ás Graças*. Por aquelle café, passaram desde Bulhão Pato, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Guilherme de Azevedo, Raphael Bordallo Pinheiro, Dr. Magalhães Coutinho, Sousa Martins, Manoel Bento de Sousa, pintor Christino e actor Santos até Henrique Lopes de Mendonça, Fialho de Almeida, Marcellino Mesquita, Marianno Pina, Silva Lisboa, Julio Dantas, Manoel Penteado, Dr. Coelho de Carvalho, Gualdino Gomes e actor Ferreira da Silva. Alli, o cavaco foi salpicado pela graça atheniense dos dialogos de Platão, pela libertina graça horaciana ou pelo luminoso espirito voltaireano. Alli, as extravagancias de escola foram atagantadas com o vigor nemésico das *Satyras Menippeas,* as impertinencias litterarias chanceadas com a dicacidade hilariante dos epigrammas de Marcial, os ridiculos sociaes zombados com a causticidade percuciente das satyras de Juvenal, de Persio ou de Valerio Catão. Alli, os fulminadores de catilinarias e philippicas tiveram movimentos oratorios, dignos da eloquencia suggestiva dos Gracchos, da eloquencia attica de Lelio, da eloquencia apaixonada de Scipião Emiliano e da eloquencia calamistrada de Hortensio. Alli, ora se observaram os factos com o telescopio de Herschell ou a luneta astronomica, ora com o microscopio ou a lupa convergente, ora com o monoculo de Gavarni ou a lente de Swift...

Em 1908, o *Martinho* principiava a banalisar-se, a descaracterisar-se, a perder a sua feição typica. E foi n'este momento historico, que elle passou a outro proprietario.

CAFÉ RESTAURANT ROYAL

No café *Central,* á esquina do moderno Chiado e da travessa de Estevão Galhardo (rua Serpa Pinto), havia côrte plenaria da fina flôr dos *marialvas* anteriores a 1875. Entre esses loquazes de botequim, apontavam-se o marquez de Castello-Melhor, D. Alexandre Ponte, os Maniques, os Galaches, o Silva Canellas, etc. E o sangue toureiro amotinava-se, quando ouvia falar em passes de muleta, estocadas á meia-volta e quarteios de bandarilhas, ou em zainos, lombardos e caraças. A's portas do *Central,* estacionavam, alta noite, os *serenos* do Feliciano *das Seges,* um curioso typo do Chiado, que se sentava n'um banquinho de tapete,

fóra do café, para vigiar o alquiler das suas desarticuladas tipoias. O *Central* era o ponto em que se reunia um dos dois grupos, que bazofiavam nas esperas de toiros. O outro congregava-se no Marrare do Arco do Bandeira.

O café *Montanha*, á esquina das ruas do Arco do Bandeira e da Assumpção, inaugurou-se em 1865 e occupa a mesma loja do antigo café *Minerva das Sete Portas*, que já funccionava em 1810; e o café do *Leão de Oiro*, na rua do Principe, honrou-se com a frequencia da nata dos artistas, no tempo em que Silva Porto trasladava as frescuras da nossa paisagem para a tela. Na Ribeira Nova, o botequim *dos Macacos* é o unico que existe do tempo em que os *garanjões* da fadistice *palmavam a naifa* com todo o *gajé* e pregavam dois *coques* na *cachimonia* ou um *tento* na *lata*, com a mesma facilidade com que se *envernizavam*, engulipando os *archotes* e os *foguetes* nos armazens dos Romulares. Estes cafés pelintras tiveram continuadores, que actualmente representam typificações do genero. Taes são os cafés da rua dos Canos, os de Alfama e os de Alcantara. Os façanheiros que *rentam* em despiques de pundonor e os bravatões que *riscam* no volutábro do deboche, veem tomar a sua *carocha* n'estes botequins tresnoitados, onde os *rufias*, crúamente adjectivistas, arejam as elegancias philologicas da sua giria, tresandante á fermentação azeda da crapula, ás vaporações nauseativas do cibo e aos golfos nojentos do vomito.

*

A clientela de alguns cafés lisboetas imprimiu-lhes caracter, deu-lhes, respectivamente, uma physionomia propria. Assim, o Nicola foi poetico, o botequim *das Parras* foi bohemio e revolucionario, o *Grego* foi jacobino, o *Tavares* foi *malhado*, o Marrare *de Polimento* foi romantico e constitucional, o Marrare de S. Carlos foi lyrico, o *Toscano* foi musical, o *Leão de Oiro* foi artistico, o *Martinho* foi litterario, o Marrare do Arco do Bandeira é tauromachico e o café do *Gelo* é academico.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

NO CALVARIO

(Verlaine)

Mal Jesus expirou, uma auréola azulada
nimbou-lhe a fronte branca e pura . . . O bom ladrão,
mais pallido que um morto e mais trem'lo que um cão,
perguntou bruscamente, a voz apavorada:

—«Que dizes de tudo isto, ó companheiro?»—«Eu? Nada,
disse o mau ladrão, Nada! ó alma de poltrão,
Nada! ó idiota a quem tudo espanta, senão
que esta morte foi justa e foi bem ordenada . . .»

Subito, o ceu abriu-se, assim como uma porta,
e o raio veio f'rir o blasphemo, ao tombar . . .
Elle urrou, mas volveu:—«Foi justa, não importa!»

Um corvo então, furou-lhe os olhos, ao passar,
e a seus pés, uma loba alçava a fauce monstra,
mas o Incred'lo gritava:—«O que é que isto demonstra?»

(Do livro *Sonetos*, em preparação)

J. Regalla.

A LOBA

Ao TOMAZ DA FONSECA

. . . .

Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
Na noite do Calvario!...

Guerra Junqueiro.

ULTIMO dia d'anno, em plena serrania. O inverno ia chuvoso e desabrido, com ululancias tremendas do vento açoitante e indiferente e implorações de misericordia dos camponezes desabrigados, das arvores transidas e gementes, desolados todos por aquelles vendavaes impetuosos, que não tinham fim.

Setembro, já lá baixo, nas terras ricas do valle, nas primeiras encostas das montanhas, as vendimas suspenderam á espera que amainasse a impertinente chuva, arreliadora e continua, que não permittia entrar nas vinhas aos ranchos alegres da colheita.

As oliveiras, rijamente açoitadas, tinham largado todo o fructo, que as enxurradas torrentosas levavam para longe. A agua em jórros ensopára o solo, cavando ravinas, alagando planicies e os caminhos iam intransitaveis e lodacentos. Os casebres de taipa e adobo, as choupanas colmadas, esboroaram e abateram e os rios, engrossados e barrentos, arrastavam, entre cachões de espuma, os tristes despojos para o mar.

Rara uma aberta que désse tempo a lançar um punhado de semente á terra, a applicar os milhares de braços de esfomeados, pendidos n'um desanimo, desesperados d'impotencia.

Chuva, chuva continua, desabalada e desesperadora, não promettendo parar, a desalmada! obrigando os proprios rebanhos e manadas a recolher a apriscos e pesebres. E, a acompanhar, ventanias furibundas, tempestades trovejantes, que incendiavam traços de fogo pelo ar, pondo préces afflictivas nas boccas angustiadas das mulheres.

As miserrimas cearas d'aquella pobre gente, a quartita de favas para a venda, as couves carnudas para a ôlha minguada, os centeios das couréllas para a borôa de todo o anno, todas as culturas da época e da região ingrata, por certo não vem vêr luz de sol n'aquelle sólo lamacento e encharcado.

A fome ameaçava já os desgarrados casalejos, os miserrimos tugurios das aldeias, e de todos os lares, a cada momento, se elevava e crescia, o mesmo, o continuo, o dolorido clamor de magua e misericordia, onde havia lagrimas lacerantes, gritos de desespero, uivos de blasphemia, onde iam diluidas todas as esperanças e desejos que os pobres depositam nos cearedos e que a invernia intensa e prolongada matava sem descanço.

Adeus véstias novas de saragoça, lenços garridos p'r'á festa do santo, calçado de bezerra para o outro inverno — adeus coberturas de telha canelada a substituir o colmado sem resistencia, o porquito nédio

coinchando na possilga, as *corôas* arrecadadas no fundo da arca, p'r'acudir a alguma doença.

Tudo morto, tudo derruido, por aquelle céo sempre carregado, sempre ameaçador, traz do qual (dizia-lhes o velho parocho, aos domingos) existia um Deus clemente, de infinita misericordia, cujos braços sempre abertos, sempre acolhedores, os amparariam, os protegeriam contra os duros revezes da vida.

Para mais os animaes bravios, á mingua d'alimento, desciam da serra, atacavam os rebanhos, raro o que não tivesse já soffrido assalto, e, durante as noites, os lobos esfomeados uivavam perto, rondando os casebres, e rapozas e gatos bravos, mais afoitos, esgueiravam-se na escuridão, após tremendas carnificinas em coelheiras e quintaes.

Contavam-se os casos.

Uma noite os lobos tinham assaltado o quinchôso do Braz, arrombado a forte portada do aprisco, morto e esventrado as cinco cabritas que lá dormiam e que eram o seu ganha-pão; outra vez, quando menos precatados estavam, pois n'essa noite vinha o ceu abaixo com agua, calhára á Custodia, a pobre viuva do Cosme curtidor, ficar sem as gallinhas que a tanto custo creára ; e mesmo uma tarde carregaram para casa, desmaiado de susto, o filho do Zé Torto, que, a meio da serra, fôra atacado, espoliado do taleigo de mantimentos que levava para o pae.

Já as povoações visinhas se queixavam tambem, egualmente soffrendo os mesmos damnos, açoitadas dos vendavaes, atacadas pelas féras, sem uma esperança de melhoria, antevendo só um futuro anno de desgraça e de penuria. De resto, mais ou menos costumados á miseria iam os povos de aquella região mesquinha, em que o sólo rochoso (á excepção das terras do valle, ricas e fundaveis) mal compensava o arduo trabalho e a semente, tirando apenas uns minguados proventos da pastoreação, difficultosa, entrementes, pelo acidentado do terreno e pela pouca procura dos productos.

Arredados dos grandes centros, até das villas, onde já ha uns pruridos de civilisação, a vida d'aquelles montanhezes era semibarbara, cheia d'animalidades, brutal e selvatica, como a dos primitivos habitantes das cavernas naturaes que abundavam pela serra. Fatos tecidos nas proprias casas, ao pilão, com a lã das suas ovelhas, queijo por elles fabricado, caça morta á armadilha e a cajado, grandes magustos ao tempo da castanha, absoluta rotina no cultivo dos tratos de terreno desbravado, dias e dias vagueados pela serra, pascendo os rebanhos por alcantis e gargantas e um viver intensamente sensual — tal o modo de ser e de existencia d'esta gente.

Mas aquella continua, infindavel invernia, desmanchando-lhes os seus limitados planos e aspirações, enchia-os de desesperada raiva. E, incapazes de vingarem a sua desgraça contra o ceu baço e impiedoso, bastou que um, certa noite, na taberna do Domingos, alvitrasse uma grande batida ás féras atrevidas, para logo se offerecerem algumas dezenas de homens, os mais afoitos, a n'ella tomar parte.

N'algumas casas mais abastadas da longiqua villa, existiam ainda antigas armas (restos esquecidos das inglorias luctas civis) que, por intermedio do parocho, bom influente eleitoral, lhes foram cedidas facilmente.

Arejaram-se então as escopetas de pederneira, de ha muito em descanço, viram de novo luz os velhos bacamartes, carregados de zagalotes, as enferrujadas pistolas, os chuços agudos, e, organisada a batida, noite ainda, os improvisados caçadores, farneis no taleigo, cabacita de aguardente de figo ou medronho a tiracolo, abandonaram as habitações e começaram a trepar as ingremes encostas da grande serra.

*

Madrugada de inverno chuvisquenta e fria. No ceu plombaginoso, por onde galgam nuvens em novello, cinza e pardo, que lufadas algidas impellem céleres, como amedrontados rebanhos fugindo em atropello, mal se distingue ainda, no nascente, a livida claridade da manhã.

As sombras densas não abandonaram, por ora, as profundidades dos valles e gargantas e apenas as cristas da serrania, que a bruma não encobre, vão surgindo, sinuosas, depremidas, em denticulos, gargantas, agulhas esguias, com colleamentos flexiveis de cobra, rebaixos, espinhaços — até lhe desapparecerem, abruptos, os dois extremos, como que enkistados no proprio céu.

Abaixo das lombas, pelas vertentes ondulosas, vae uma confusão tenebrosa de côres escuras, fortes empastamentos de breu no sitio dos massiços, negraes zebruras demarcando vallas e barrancos, carbonosas penhas irrompendo d'um solo de fuligem e que, á luz incerta, parecem mover-se, prestes a rolar na profundidade do valle que mal se apercebe, todo negro tambem, como a bocca escancarada d'um infindavel abismo.

A athmosphera penumbrosa falseia as perspectivas, deforma as coisas, vitalisa a materia inerte, de modo que os dois grandes montes fronteiriços, tão distanciados, tão differentes, avançaram, estão quasi unidos, contactam mesmo ao longe, e as suas arvores, as suas rochas, saliencias, corregos, alongam-se, retrahem-se, oscillam como dois formidaveis exercitos que se avistam e se mobilisam na indecisão do primeiro ataque.

A chuva fraqueja e agora só delgados cordões fustigam as arvores, o solo, obliquamente, n'um sussurro mais brando, que se presente breve vae passar.

Mas já os macissos mais espessos do arvoredo tomam fórma, as cópas vão destacando do matto que reveste as faldas declivosas, os rudes cumes e conforme a luz vae augmentando, pormenores surgem, as enormes penedias aflorando nas vertentes, n'um assombro d'equilibrio, fragas escalonadas, corregos cascalhentos, inacessiveis pincaros, temiveis precipicios apenas abordados por animaes bravios, cabeços escalvados, a mór parte do anno sepultos em alvissima neve, e profundas e extensas ravinas rasgando, n'um ou outro sitio, as vertentes da enorme cordilheira.

De novo vão resurgindo da tréva as cópas dos pinheiros mansos, em largo parasol, as dos bravos, esguias e altissimas, os sobreiros de grossas pernadas vermelhas, as oliveiras ramudas, toda a flóra arborea e desenvolta da zona media da serrania.

A chuva parou ha pouco, mas por toda a natureza prostrada perpassa um longo, indefinivel arrepio de frialdade, d'estertor, como se, para todo o sempre, a morte fosse estender a sua negra aza sobre a terra inteira.

As seivas estancaram por completo. Os ultimos ramos soltam as derradeiras folhas. Trancos seccos pendem, oscillando, e os espinhos aguçados, completamente a descoberto, tem o ar de ameaça de puas das clavas assassinas. Só, aqui ou além, moitas de plantas vivazes emergem da terra enlameada, como ilhótas de verdura; e todo o arvoredo tem a mesma côr pardacenta e metallica, sob a concavidade soturna do ceu invernoso, no tristonho despertar do dia.

Socego quasi por toda a banda. Nem o volitar d'uma ave, ou o estalido de um ramo que desaba, se vem juntar ao continuo gorgolejar da agoa nas ravinas, ou ao cachoar espumante nos açudes e azenhas. O vento abrandou por sua vez, de modo que a ascensão dos caçadores pelos trilhos resvaladios pouco custa ás suas pernas rijas de camponezes, que toda a vida habitaram entre cerros.

Mas eis que, n'um arredio barranco, a meia encosta, as brenhas emaranhadas de silvas rumorejaram e a cabeça de uma loba surgiu, receosa, espreitando. Os seus olhos claros, com laivos sanguinolentos na cornea, bem abertos, miravam tudo á volta, pesquizando, ora fitos nos carreiros mal apercebidos, por onde os pastores trepam com os rebanhos rumorosos, ora sobre as lombas mal distinctas, das quaes os caçadores avistam mais facilmente a caça grossa fugindo pelo matto. As ventas escancaradas aspiravam, aflantes, a aragem fria e tinha contracções de orelhas ao menor sussurro nas ramagens, movimentos de sobresalto ao mais pequeno ruido vindo de longe.

Assim esteve tempo. Mas descançada talvez com a solidão, recolheu-se no silvado, para logo reapparecer com um cabrito imbéle pendente da bocca rasgada, cujas prezas alvissimas, afiadas como espinhos, destacavam ameaçadoras de sob o beiço pelludo e negro, que o sangue porejáva.

Ainda quedou instantes indecisa, á escuta, com leves passadas de cautela, mas decidida, trotou apressadamente atravez o arvoredo, desprezando caminhos talhados, de preferencia tomando os mais invios, procurando sempre o abrigo das moitas arbustivas e do matto bem medrado. A espaços parava, orelhas fitas, pescoço alongado, sempre á espreita, na desconfiança de uma cilada, prestes a fugir se avistasse homem, a luctar se qualquer outra féra lhe disputasse a caça, que a tanto custo alcançára.

O seu olhar reflectia a ferocidade dos perseguidos e esfomeados; cintilas cruas

percorriam-lhe as pupilas, fios de baba escorriam-lhe d'entre os dentes espertados n'uma gula insaciada; e todo o seu ser, como que reanimado, vibrava na proxima satisfação da imperiosa fome que a minava.

Era corpulenta a loba e bem capaz de luctar com os mais valentes cães de gado dos rebanhos. Tinha o pello curto e aspero, amarello escuro no lombo, negro no focinho feroz, mais claro no ventre, onde as têtas de parida bamboleavam flacidas, faltas de leite.

Havia dois immensos dias que vagabundeava em busca de alimento. E tão fraca ainda, mãe havia pouco, que só forçada pela fome abandonára a lapa onde os filhos gemiam, meneando as cabecitas indecisas, de palpebras por ora cerradas, procurando o conchego do seu corpo, o seu leite e os seus carinhos e afagos de meiga creadora. Aquellas duas noites as passára n'um martyrio, acalentando-os com o seu fraco corpo exhausto, sugada até o sangue, roendo ossos esburgados que encontrára n'uma cabana abandonada.

Era o primeiro parto e como andasse sempre arreceiada dos pastores corajosos e dos inumeros rafeiros, todo um mez vagueou procurando algum esconso logar em que escondesse a próle e do qual partisse socegada para a rázia, consciente de a deixar em segurança. De busca em busca, foi dar com uma recondita lapa, entre rochedos, a meio de uma garganta estreitissima, a que julgar-se-ia impossivel chegar ao fundo, de tal modo lisas e a pique eram as empenas rochosas e tão enleadas de agudos espinhos as arestas rés da terra. De resto por ali não transitavam rebanhos, não existiam arvores e só uma vegetação bravia de tójos, urzes, gilbarbeiras, mal cobria o solo gretado e pedregoso.

Escolhida a habitação tratou de preparal-a, não se fossem ferir os cachorrinhos nas pédras soltas ou soffrer com os silvados. Assim, com cuidados de mãe intelligente, n'esse admiravel instincto congenito na femea, dispôz tudo para o parto. Livrou o chão das pedras soltas, raspou-lhe a densa camada de umus encharcado, empoeirou a terra, afofou cuidadosamente o ninho. E em esforços dolorosos, n'uma frigida manhã, deu á luz quatro cachorritos, nédios, quasi informes, que ella, cariciosa, foi lambendo, bafejando, ageitando-se para dar-lhes de mamar.

A principio ainda tivéra que comer. Duas vaccas, alcançadas por uma faisca, a meio da serra, deram-lhe farto repasto por alguns dias. Mas outras féras acorreram ao festim, bandadas de córvos abateram sofregas sobre os dois corpos esphacelados, breve ficou o chão limpo da carnagem.

Nos ultimos dias, como disse, nada pudéra alcançar. Só n'essa livida madrugada, rondando cubiçosa, conseguira pilhar, quasi junto ao povoado, o cabrito que se esmadrigára do aprisco e que pinchava descuidoso na relva humida; e abafando-lhe o derradeiro balido na garganta retalhada, partiu célere para o seu retiro, olhar vivo, cauda erguida, a bocca aquosa, toda ella na esesperança dôce de por fim satisfazer as necessidades imperiosas do seu estomago na fevra rosada e tenra da sua victima.

A manhã clareara por completo. E agora toda a região surgia, detalhada e real, sob a luz enfermiça do dia tristonho e agreste.

Frente a frente, as duas altissimas montanhas erguiam-se, na imponencia selvatica da sua grandeza, com zonas distinctas de vegetação ao longo dos seus flancos e cavando, a meio, um comprido valle, uberrimo de fertilidade, mas cujas terras, pela invernia intensa, desappareciam sob um espelhento lençol d'agua, a que as vallas não davam a vasão devida.

Pelas estradas que cortavam a planicie já alguns carros iam chiando, monotonamente, chaminés de casaes fumegavam, os logarejos movimentavam-se para a improvavel labuta do dia. Na serra, porém, a solidão continuava, como se ali todos os seres permanecessem entorpecidos, n'um longo somno, e nem a claridade, nem os ruidos que ascendiam fossem capazes de os despertar.

A loba, com o avançar da manhã, mais desconfiada se mostrava. Todo o seu fito era alcançar a arredia lapa, acoitar-se n'aquelle logar seguro, junto ás crias e devorar em socego, saboreando, a carne tenra do cabrito. E mais apressada ainda, n'um largo trote, embrenhava-se nos meandros da matta, sumia-se n'uma préga do terreno, desapparecia por instantes encoberta, logo se mostrava no viso de um alto, passava rente ao pendor de um abismo, ou o seu corpo atravessava rapido as clareiras nuas d'arvoredo, as chans cobertas de relva curta e humida.

A este tempo tinham os caçadores alcançado as eminencias, disposto as batidas, ordenado as espéras e os cães, soltos das trélas, farejavam e arremettiam matto fóra. A caçada ia começar.

Nos rostos encarquilhados dos velhos matteiros, que ordenavam a partida, nas faces penugentas dos rapazes, o frio puzéra nodoas rôxas, como caracterisação barata de theatro em feira provinciana. Alguns, a caçadeira ou o chuço sob o sovaco, sopravam nas mãos, hirtas, emperdenidas. As cabaças de aguardente iam quasi enxutas.

Os mais moços circumvagavam olhares de receio, com arrepios algidos na espinha, um involuntario tremor por todo o corpo, que os fazia sapatear mais rijo o dificil piso. E á auctoridade do chefe. o Felisberto da Thomazia, velho guarda rural, devia-se o não haver deserções no pelotão dos caçadores.

Mas os primeiros tiros começaram a soar, toda a erma amplidão se alvoroçava, atroada de gritos, de latidos, que os écos prolongavam, repetiam, pelas quebradas, indefinidamente. Cães iam e vinham, caudas enristadas, orelhas fitas, farejando, maticando em flebeis latidos para levantar a caça.

E, na imprevisão do ataque, por toda a serra, vae um sobresalto de terror, uma subita ancia de salvamento, como se um cyclone temeroso, vindo de longe, a colhesse, a sacudisse até os alicerces, na sua impetuosa força de catastrophe inevitavel. As féras arredias, alojadas em cavernas escusas, nos impraticaveis recessos, apavoradas, fugiam por alcantis e gargantas, ou trepavam para os pincaros intransitaveis onde se julgavam mais em segurança.

Algumas, no desespero da fuga, escorregavam das rochas alcandoradas, vinham rolando de fraga em fraga, precipitavam-se nos abismos. As mais experientes voltavam-se contra os cães que se tinham distanciado dos donos. Assim havia encarniçadas luctas em que, e apezar das colleiras ouriçadas de pregaria, nem sempre os rafeiros levavam a melhor. Mesmo alguns estrebuxavam, retalhados, agonisando sobre o proprio sangue que corria, alastrava no solo calcado do combate.

Logo aos primeiros tiros a loba estacára, fitando as orelhas, aspirando, sondando o ar, subito arreceiada com o insolito ruido que atroava toda a matta.

E parou, incerta, percorrendo com a vista o limitado horisonte, sem saber a direcção a seguir, de todo desnorteada pelos tiros que os écos lhe repetiam tudo á volta.

De repente, n'uma galopada estrepitosa, como uma avalanche que desaba, dezenas de animaes bravios romperam d'entre o matto, passaram como relampagos, no matto de novo se sumiram. Outros vieram, desappareceram rapidos, cheios de terror. Gritos soavam mais perto, era já um vozear estridulo, cheio de incitamentos, açulando os cães. E as descargas succediam-se, repetidas atravez ó ar lavado com mais forte estampido, dir-se-ia que as altas muralhas dos pincaros estavam sendo assaltadas por um aguerrido exercito moderno, empenhado em hastear breve a sua bandeira na torre mais soberba e elevada.

Mas a loba, readquirida a energia, despida do assombro que a tomára, abalou de novo, agora mais rapida, o cabrito melhor filado na dentuça, o pello encrespado, talvez de receio pelas crias distantes, um surdo rosnar na garganta contrahida. E assim, com pequenas paragens para retomar o folego, percorreu uma boa distancia, contornando as clareiras, descendo aos barrancos, esgueirando-se sob os rochedos empinados, rastejando até no hervaçum curto e ralo. A cada passo, porém, outras féras, outros animaes, cortavam-lhe o caminho, acompanhavam-na na fuga.

Eram corsos velozes que sem custo salvavam as penedias, javalis grunhidores de cerdas hirsutas fugindo rapidos, rapozas de felpudas caudas trepando por ingremes corregos, lobos alentados, techugos, gatos bravos, rapidas lebres e, pelo ar, um bater de azas assustado, aguias altivolas que aninham nos penhascos estremes, milhafres, negros corvos, todas as variedades de aves de rapina da região e as perdizes da serra, gordas e redondas, voando n'um aspero rostilhar de pennas, rolas alvadias, codornizes, tórdos, pequeninas aves, toda a população alada e meuda das ramadas.

As folhagens, os arvoredos, vibravam tambem, sussurrando, açoitados pelos corpos que passavam, pelas aves que partiam. E, apezar do acelerado debandar, os tiros continuavam, gritos respondiam aos de longe, novos cães sortiam em perseguição dos fugitivos.

O cêrco fôra bem traçado pelo velho Felisberto, serrano batido nos trilhos e esconderijos das montanhas, conhecedor dos costumes das féras, a mais certeira pontaria em derredor e o mais ardiloso dos mateiros em fójos e ratoeiras. De modo que o seu grupo, o melhor escolhido, já trazia abundancia de caça morta e as outras espéras, destacadas pela grande area, iam dando signal de si.

De repente, e ao passar na cava de uma ravina, a loba fôra vista. E dado o alarme pelos mais proximos caçadores, homens e cães lançaram-se em sua perseguição.

Foi um momento decisivo para a féra. Tinha ou de fugir serra abaixo, aproveitando o emaranhado das silvas, o copado do arvoredo, até encontrar caminho seguro para o salvamento, ou de seguir em frente até abordar as fragas que lhe resguardavam a ninhada e onde, por certo, ficaria livre de perigo. Não hesitou mais um instante, e abandonando o cabrito aos cães que já lhe vinham proximos, partiu em veloz carreira direita ao esconderijo, mais levada pelo instincto maternal que pelo da propria vida.

Alguns cães deixaram-na seguir e quedaram disputando, a grandes dentadas, o cabrito. Mas os caçadores que lhe seguiram a carreira e a viram enveredar para um cabeço, que outros resguardavam, continuaram a perseguição, entre gritos, chamamentos, açulando os rafeiros e levantando a passarada refugiada no arvoredo.

A loba já fraquejava, de cançada. Os flancos batiam-lhe apressados, a lingua pendia-lhe pingolejando espuma. Duas balas silvaram-lhe aos ouvidos. Ia parar extenuada de cançasso, quasi sem coragem para continuar a fuga, prompta a deixar-se matar sem resistencia. Mas antes que os da outra espera acudissem, a cercassem, n'um derradeiro esforço, cortou por entre os penedos, abordou a lapa, desceu, antes deixou-se rolar para junto das crias que a aguardavam, ganindo esfomeadas.

O sol, embora o dia ir adeantado, não conseguira rasgar o espesso cortinado de nuvens pardacentas. Listas ferretes laivavam o azul mais claro do ceu. A chuva promettia breve voltar impertinente, arreliadora.

O vento aspero do mar, ás lufadas, fazia rumorejar as cópas, arrepiava as hervagens que penujavam ralamente o solo.

E o sonido estridente e prolongado dos buzios de chamada, concitando para aquelle ponto os caçadores afastados, reboava a espaços, cávo agora na athmosphera humida e pesada, como perdidos clamores de soccorro, que o vento colhesse na sua galopada intensa e logo, aos poucos, fosse deixando no seu percurso interminavel.

O Felisberto, que vira a loba sumir-se na estreita fenda, apressou o passo, debruçou-se, rompendo as silvas ás coronhadas, espreitou pela ranhura. Outros aproximaram-se, mirando tambem. Mas a abertura fazia uma curva, uma das rochas bojava sobre a outra occultando o interior. E coçando a guedelha o Felisberto aventou:

— Se calhar este alma damnada safa-se por outra banda. Má raios!...

E indicou a alguns homens para cercarem os penedos e baterem a balsa em roda O cêrco, porém não deu resultado. Os chuços só tocavam pedra, e os cães, mal entrados nos silvados, voltavam logo sem darem com saida.

Então algumas espingardas foram disparadas á bocca da brenha. Mas o chumbo e as balas amolgavam-se nas resistentes paredes, ou ricochetavam de uma a outra, inutilmente. As proprias detonações não estoiravam fortes pela pouca profundidade da gruta. E as pedras que lançavam ficavam entaladas nos contrafortes e se pequenas rolavam sem resultado.

Era desanimador. Tanto mais que, claramente, agora, apercebia-se o latir flébil dos cachorros, o rosnar irado da loba que os conchegára para o ponto mais profundo, livrando-os das pequenas pedras que caiam.

— Préga-nos a partida e ficamos *comidos* de todo, resmoneou o Felisberto, pallido de despeito, advinhando já alguns risinhos trocistas na companha. E ia descer, decidido a abandonar o sitio, quando do grupo alguem lembrou:

— E se lhe botassemos fogo?

— O quê?!

— Se lhe botassemos matto a arder pela abertura?! Ou tem de sair ou morre assada, como um ouriço cacheiro, disse o mesmo avançando para o Felisberto. Era um velho encarquilhado e magro, typo de serrano, desconfiado e manhoso, de maláres salientes, olhar baixo, entremostrando os colmilhos no perenne sorriso de maldade.

Os outros applaudiram, — «que sim, que era a unica maneira. De mais estavam cançados, para irem embora de mãos a abanar não é que tinham vindo. E já que a féra lhes tinha roubado os rebanhos, se não ella, outra tão boa da mesma casta, e os tinha feito correr tanto, mesmo que a não agarrassem, ao menos morresse ali aquella maldita!»

— E veja você que é uma femea e tem cachorros, que a gente bem os ouve a ganir lá p'r'a dentro.

— Já me tinha alembrado d'isso, gaguejou o Felisberto, vendo-se derrotado. Mas a lenha está molhada e no tojo assim não péga a isca.

— A coisa arranja-se, tornou o velho todo ufano. E sacando da algibeira um pedaço de papel amarrotado, onde trazia uns restos de tabaco, que envolveu logo nas mortalhas, pediu lume, ordenou que trouxessem umas paveias de matto enxuto, que decerto havia á revessa dos rochedos e alguns braçados de tanganhos seccos.

Breve o lume pegou no papel e a chamma, alteando, fez crepitar o matto, contorcer as hastes dos ramos sobrepostos. E na fogueira que alastrava foi incendiando moitas de tojo que, conduzidas na ponta de um chuço, ia lançando no bocal da gruta.

Novamente, o vento deu em soprar, desabrido e rijo, vergastando as arvores, que deixavam cahir a agoa retida nas folhagens. Como um aviso présago, subiu até elles o balido tristonho dos rebanhos, o mugir clamoroso das manadas, chamando as crias, temerosas da repetição da tempestade.

Folhas seccas revoavam, acoitavam-se entre as brenhas, poisavam sobre a herva rasteira, que ondulava levemente; semelhando farrapos verdes de velho risso, colgados nos fortes troncos, jazendo sobre as grandes penhas, os musgos humidos, enodoados, encrespavam a sua macia penugem; aguas murmurosas escoavam-se pelos sulcos, desciam pelas ravinas e barrancos, cachoavam nas quebradas, espadanando espumas; da terra desprendia-se o cheiro acre do umus fermentando; e toda a flóra, arrepiada, vergava, gemendo, saudosa da luz creadora do sol, da primavera amiga, do riso louco das flôres e da musica suavissima dos ninhos.

O inverno triumphava por completo. Só a hera insubmissa, em cordões folhudos, que se cruzavam, galgando por arruinados troncos, aquecendo-os com a luxuria do seu vivo verde, da sua perenne seiva, abraçando-os em lascivias cariciosas de amorosa pagan, punham a mais viva nota de liberdade victoriosa, no meio da velhice e da invernia.

*

E a loba?

Mal descida, offegando de cançasso, sudurosa da corrida, pôz-se a lamber as crias, que levou para o recanto mais fundo, estiraçou-se apresentando-lhes as têtas apojadas e esperou impaciente que os seus perseguidores, impossibilitados d'a colherem, a deixassem em socego e abandonassem de vez as cercanias.

Mas os estrondos dos tiros, o rolar estrepitoso dos pedregulhos, que a apavoravam e enchiam de medo os cachorritos, succediam-se, já duas ou tres pedras os tinham alcançado e embora os cobrisse com o seu corpo amigo, anceava pelas suas vidas em tão perigoso momento. E o rosnar irado que a principio abafára, augmenta agora, prestes se muda em latidos ferozes de arremesso.

Sobresaltado, todo o seu instincto maternal advinha bem o perigo. O seu coração, esphacelado de dôr, lateja ancioso, a sua lingua cariciosa affaga os dorsos arripiados dos filhitos. Estremece. Diria que tem lagrimas nos olhos. E na impotencia da fuga, a passos lentos, arqueada, percorre o estreito ambito, esquadrinhando as paredes, raspando o solo, a ver se encontra a sahida salvadora.

E' então que os ramos do tojo incendiado, lançados de cima, lhe mostram o novo perigo que os aguarda.

Pára por momentos, imbecilisada, ante as chammas vermelhas que illuminam sanguinolentas toda a gruta. Tem a bocca arrepanhada n'um esgare, o olhar atonico, quieto e inexpressivo, uma tremura que a sacode toda.

Ao calor, que de principio é brando, acodem os cachorritos que a cercam e se lhe dependuram das tetas estancadas. Ella não os sente, não os vê, fica assim segundos, que são annos, e só quando as labaredas alteiam e o fumo enróla impellido de fóra pelo vento é que revive e volta do espasmo que a tolhera.

A luz vermelha e viva lambe as pedras musgosas que empurpurecem, as mais proximas da chamma sombreiam-se de fumo e na atmosphera espessa e fumosa insectos alados adejam, revoluteiam entontecidos, batendo contra a rocha, cahindo sobre o lume na attração poderosa da labareda rutila e ardente.

O terror domina por completo a loba. Nos seus olhos se accende e phosphoreja um não sei quê intraduzivel, mixto de raiva e de loucura, de imploração e de meiguice. O pello ouriçado humedece-se de um suor algido d'agonia. E menos terrivel agora, mas mais angustiada, mais humana, a sua garganta solta latidos abafados, uivos doloridos, repassados de uma intraduzivel tristura, que a caverna prolonga e que, cá fóra, são acolhidos pelos risos selvaticos dos seus perseguidores.

De novo afasta os filhos para o fundo, a livrar da fumarada. Mas esta augmenta, o ar vae-se tornando irrespiravel, a cada momento novas paveias incendiadas descem a augmentar a fogueira que crepita e aviva sem cessar.

Louca, ella lança-se intemerata contra o fogo abrazador, tenta apagal-o com as patas, retalhal-o com as prezas. Recúa porém, uivando com a dôr das queimaduras.

Mas eis que repára no estrebuchar anciado dos filhos, que se contorcem meio asfixiados com o fumo. Abóca um, para logo o largar a acudir a outro e assim está, mãe dolorosa, indecisa entre os quatro, que são outros tantos pedaços do seu ser. Decide-se alfim e com o filho bem seguro nos dentes, ella avança contra a fogueira, galga-a de um salto e pretende trepar a escarpa que a separa do ar salvador.

Nem se lembra dos inimigos que a esperam, da inevitavel morte que a aguarda. Ar, ar para ella, para os seus filhos que agonisam lá baixo, que breve estarão mortos inevitavelmente. Não póde, todavia, firmar-se na parede resvaladia, a tal ponto as queimaduras lhe chagaram as patas. E a uma nova moita em fogo que desce, suffocada pelo fumo, deixa cahir o cachorrito na fogueira chispante, que o envolve logo nas labaredas assassinas.

Por mais duas vezes volta a salvar os outros filhos. E mais dois desapparecem no lume, n'um richinar de carne, que é como um riso escarninho de descaroavel sarcasmo que mais a allucina e enlouquece.

Estaca junto do ultimo cachorro. Mal póde respirar a pobre loba, tão viciada vae a athmosphera lá dentro. E com as patas abertas, hirtas contra o sólo, o olhar fixo n'um ponto invisivel, ella fica por momentos immovel, como petrificada, sfinge sacratissima da Dôr, materialisação do maior soffrimento que se possa conceber, e quem sabe se deixando passar pela sua mente atormentada, todo o drama da sua maternidade ferida, a liberdade plena da natureza, as selvas, as aguas, o puro azul dos altos céus.

A tensão muscular breve enfraquece, as pernas dobram-se-lhe e vagarosamente o corpo lhe descae até poisar sobre a terra revolvida, tibiamente illuminada pela chamma que esmorece.

De fóra, e vencendo o crepitar dos ultimos tanganhos, vem o ramalhar rijo das cópas açoitadas pelo vento desabrido. Grossa, a chuva recomeça a cahir fustigante e um trovão formidavel estoira, rebôa roucamente, abalando a terra. Os caçadores, praguejando, decidem-se a abandonar a prêsa, partem precipitadamente, encharcados, fugindo da tempestade que se avisinha temerosa, alheios á tragedia angustiada que se desenrolla sob a rocha, na lobrega profundidade da lapa pedragosa.

Afflicta, regougando, os olhos entumecidos e vitreos, a respiração estertorante, a loba ainda consegue erguer o corpo arrepiado, mal firmada nas pernas vacillantes. Mas logo, n'um ultimo uivo, melhor grito de crudelissimo soffrimento, todo o seu corpo tomba pesadamente sobre o do cachorro que lhe resta, como a resguardal-o, e a sua bocca indecisa procura a do filhito para n'ella deixar o derradeiro alento.

Carregado — Junho, 1909.

Guilherme Rubim.

CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO NORTE

Cintra

A sua paizagem e a sua flora

I

AE em mais de meio seculo, que, individualmente, travámos largo conhecimento com a zona cintrense.

Com o decorrer de tantos annos, longe do encanto primeiro haver esmorecido, conservou-se inalteravel. A vida humana tem apenas a duração de um sonho, e é cheia de incertezas; a natureza, porém, é eterna; e eterna é a seducção da sua formosura, mesmo quando a mão do homem a não respeita.

A alguem pode acaso parecer ocioso, irmos falar de uma localidade, situada aqui ás portas da capital, diariamente frequentada por uma multidão de visitantes, possuidora de fama mundial, consagrada por poetas e prosadores. Parece, que não deveria haver ali um ponto ou uma cousa qualquer digna de nota, ou por muito pouco devassada que se encontre, que não esteja plenamente descripta no minimo dos seus pormenores.

Pois não é assim. A' parte o que se relaciona com a economia especial dos seus viçosos pomares, da sua viticultura, da sua horticultura e agricultura, de que largamente nos temos occupado em escriptos especiaes, que mais particularmente interessam os especialistas, a sua parte botanica, e mesmo recreativa, que deveriam merecer a attenção da parte mais selecta dos concorrentes, são hoje tão ignoradas como ha muitos annos.

CINTRA — FACHADA PRINCIPAL DO PALACIO DA PENA

Merece apenas o culto de admiração de mui poucos o que diz respeito á flora indigena e exotica de tão aprasivel estancia; e é ainda menos apreciada pelo seu justo valor e riqueza panoramica das suas maravilhosas e incomparaveis paizagens.

Para as aquilatar verdadeiramente, é necessario possuir o que é raro: uma sensibilidade esthetica vibrante e de uma rara delicadeza, só familiar aos costumados a pôrem-se em contacto com a natureza, a respirarem o ar sadio e puro das montanhas, a absorverem-se em demorada contemplação dos mais bellos exemplares da vegetação arborea, maiormente, quando o disco de fogo do sol no ocaso põe na atmosphera tonalidades de magico effeito.

O verdadeiro senso esthetico é tão raro, que, não poucas vezes, os mesmos que se teem por artistas, amadores ou profissionaes, o não desfructam. E, quando exista, é necessario cultival-o, educal-o, desenvolvel-o pelo estudo constante do natural ou das obras que o representam.

Não admira, pois, que o grande vulgo, e mesmo os que lhe estão um pouco superiores, não saibam ver; porque ignoram; porque não possuem a curiosidade apoiada na preparação scientifica e na educação dos sentidos. Perpassam distrahidos. Olham e não vêem. Não fixam as cousas. As suas impressões confusas e quasi involuntarias nada lhes dizem. A completa ausencia de faculdades especiaes e do sentimento da natureza interpõem aos seus raios visuaes um véu espesso.

Idiotamente pasmados, com os olhos vêem e nada percebem; entreabem a boca; e, despeitados, dão por exageradas as narrativas verbaes ou escriptas. Estuam o passo indo apressadamente procurar compensações ao experimentado desengano no gozo sibaritico de um sucolento jantar.

*

A verdadeira belleza da parte rustica de Cintra, só pode ser bem apreciada pela fina flôr dos seus visitantes. Para esses, não será demais, corrobrar as suas impressões individuaes, dando, sem especialisar vivendas, uma ideia geral da disposição e physionomia dos parques, das habitações ajardinadas e da flora que os embelleza, tanto quanto se pode abranger n'um passeio salteado.

A villa de Cintra deve o destino que lhe coube, pelo que respeita á parte rustica em que está encravada, ao singular contraste

da sua configurança geographica, á constituição geologica e fórma orographica de solo, abrangendo o fundo da terra chan, as banquetas ou terraços immediatamente sobranceiros áquella, e as cristas da serra.

Aquillo a que, pelo seu aspecto, se deu este ultimo nome de *serra,* não passa de uns insignificantes monticulos, cuja cota de nivel não excede 700 metros, na sua maior altura; e não é mais do que a extremidade do espinhaço da cadeia montanhosa, que liga a serra da Estrella com a serra d'Aire e o cabo da Roca, pela facha de calcareo juracico que atravessa o paiz desde Torres Vedras a Coimbra.

N'uma das primitivas contracções teluricas, as rochas igneas sobrepuzeram-se ao calcareo, formando a sublevação a que a acção corrosiva dos phenomenos meteorologicos deu a sua actual configuração.

Essa eminencia assim formada tornou-se um poderoso condensador de humidade atmospherica. Os ventos maritimos, encontrando as vertentes d'aquella, comprimem-se, sobem, expandem-se e esfriam, despejando em chuvas parte da humidade que transportam.

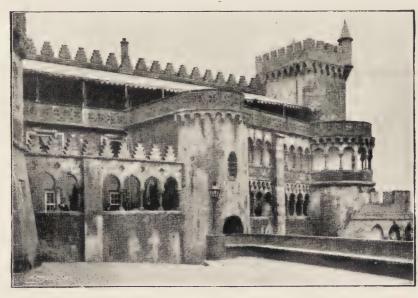
E' assim que a natureza do solo, associada á humidade atmospherica, teem permanentemente contribuido, para que as vertentes da serra, onde não escasseia de todo a terra vegetal, facil e naturalmente se vistam de vegetação arborea e arbustiva.

A mão do homem afeiçoou ao depois a obra da natureza, desde épocas remotas. O culto das bellezas da natureza é, e será sempre, de todas as eras. Essa inclinação corresponde ás necessidades physicas, intellectuaes e moraes do ser racional.

Só quem não o pode absolutamente fazer, deixa de fugir por algum tempo ás canceiras da vida quotidiana, indo isolar-se, e dilatar a vista para além d'esse scenario em que imperam despoticamente os interesses do tempo; procurando robustecer o organismo, dilatar e fortificar o espirito, e prestar ao raciocinio o grau de actividade e de vigor, que quasi se extinguem com os attrictos da acanhada sociedade em que vivemos.

E nada approxima a alma tanto do culto do ideal, que é a religião dos bellos espiritos, como a convivencia com a Natureza. D'ahi, as afenidades mysteriosas, as subtís delicadezas; d'ahi os laços de innocente e apaixonado affecto que a ella liga a creatura humana que se habituou ao seu trato.

*

E' fóra de duvida, que só um limitado numero dos que se isolam temporariamente do buliço do mundo, procurando o solitario goso do campo, sendo mais felizmente dotados, cedem ao divino anceio de sondar os mysterios da creação complexa, ao irresistivel enthusiasmo por tudo o que se lhes antolha de bello, fecundando assim e eno-

CINTRA — GALERIAS E TERRAÇOS NO PALACIO DA PENA

brecendo a sensibilidade. Para esses, as pittorescas visinhanças da villa de Cintra gosarão para todo o sempre, de indizivel encanto e attracção.

A serra de Cintra, escalonando-se em variadissimos e successivos accidentes de terreno, desde o fundo dos valles até ás suas cristas mais elevadas, pela sua disposição extremamente accidentada, pelas diversas alturas dos andares das colinas que d'ella fazem parte, pelos seus declives abruptos, pela sua proximidade da planicie que com ella se liga pelo nordeste, e que se estende até ao oceano, e, finalmente, pela proximidade d'este: desfructando todas as exposições, goza do excepcional previlegio da mais variada aptidão para a vegetação arbustiva e arborea.

Os successivos possuidores da propriedade rustica da afamada povoação teem-se valido d'essas condições orographicas e climatericas para a aformosear.

Os parques ajardinados assenhoriaram-se de todo o solo, sobretudo nos segundos e terceiros andares da serra, recebendo no seu desenho, ou o cunho do grande estylo, em harmonia com a sua extensão e sumptuosidade, ou guardando na sua disposição as linhas em melhor concordancia com as suas modestas proporções.

Os que se acham n'este ultimo caso, são os que constituem a grande maioria, encontrando-se o limitado da sua superficie disfarçado pelo diverso agrupamento de massiços folhosos. Com abrigos formados das proprias arvores ornamentaes, com a judiciosa disposição dos grupos, e escolha das depressões naturaes do solo, estabeleceram-se, ás diversas alturas em que se escalonam os declives enrelvados, zonas diversas de aclimação, com variantes tão sensiveis na média do seu grau thermometrico, que, a dois passos de distancia uns dos outros, os vegetaes intertropicaes saúdam os das zonas temperadas, sem que essa amostra de boa e cordeal camaradagem vegetal, os dispense de se conservarem dentro dos seus respectivos limites, sob pena de, abandonando-os, correrem o perigo de perecerem.

D'estes preceitos culturaes, impostos pela necessidade, resultam effeitos de paizagem verdadeiramente originaes e inopinados. Os vegetaes, grupados em completa harmonia de tons, em admiravel contraste de fórmas e de côres, recebendo uns a meia luz que apetecem, espanejando-se outros na claridade de chapa que se vivifica, concedendo-se a cada qual, quanto possivel, a satisfação das exigencias caprichosas do seu viver natal, o seu ar de familia, o caracter da sua patria, dão origem a quadros originaes de uma indizivel impressão esthetica.

CINTRA — LARGO D. AMELIA

Desde os cimos da serra — esse espinhaço, como já dissemos, no final prolongamento da cadeia do relevo montanhoso que da serra d'Aire, ligada com a da Estrella, vem parar ao oceano — até aos valles mais fundos, um tapete de verdura, ora impetuosa, ora bran-

damente agitado, acompanha em ondeado relevo a orographia de ladeiras abruptas. Araucarias, taxodios, castanheiros, eucalyptos e magnolias destacam-se, sobrepujando, altivos, uma vegetação arborea densa, matizada de toda a gama do verde, encastelada e apinhada uma sobre a outra, salpicada de habitações, surgindo de entre as esbeltas flexas pyramidaes de coniferas e de um bastio de castanheiros, ulmeiros, platanos e medronheiros, e encimada pela penedia alvejante ou musgosa, acariciada pelos raios solares, a espaços peneirados por flocos de transparente nevoa, ou, liberta de vapores, destacando-se o seu perfil no azul de saphira d'este nosso céu, de que só em paragens tropicaes se encontra copia exacta.

O solo das matas, de formação granitoide, é ali ornado de fetos arboreos australianos, medindo as elegantes frondes, de peciolos rendilados, planos ou enroscados, mais de dois metros, e por hortenses, rhododendros, azaleas e fuchsias de incomparavel desenvolvimento e belleza, e por palmeiras de differentes especies, cuja vegetação, aliás, se resente da escassez de luz, causada pela demasiada proximidade do arvoredo, e devido tambem ao excesso de humidade atmospherica e terrestre.

Nas clareiras divisam-se minusculos pomares de aurenciaceas, e hortas vecejantes; e, por toda a parte a elegante e encantadora camelia, quasi arvoreta pelo seu extraordinario desenvolvimento, e tão profusamente florida, que mais parece cada pé um grande e deslumbrante ramalhete fixado no solo.

À cada passo, agua purissima, e escassamente mineralisada, quando brota filtrada da penedia granitica, presta intenso viço á vegetação.

CINTRA — MURALHAS DO CASTELLO DOS MOUROS

Nos mais altos pincaros, coroando e dominando a vôo de passaro o vasto scenario, ostentam-se as ameias mouriscas, recordando legendarias narrativas, e o castello da Pena, residencia dos reis, mosaico de architectura vária, que, se choca o gosto puritano dos mestres, é um encanto fascinador para os que o contemplam de longe, formando o remate de um incomparavel panorama.

*

A curiosidade do excursionista ganhou muito com a linha electrica que pôz em ligação directa Cintra com a Praia das Maçãs.

O revestimento florestal é mais denso e mais completo nas encostas viradas ao septentrião, do que nas oppostas a estas. Mais denso, pela maior humidade atmospherica e terrestre que desfructa. Mais completo, porque se desdobra quasi sem solução de continuidade desde os mais altos pincaros até ao mar.

E é mais empolgante, porque não ha, em

todo esse grande trecho de paisagem, um unico ponto que não contribua para o encanto panoramico do paiz, pela variedade de perspectivas, para assim dizer, imprevistas, que mudam a cada curva da via electrica.

Essa multiplicidade de aspectos é principalmente devida á grande quantidade de morros, serros ou pequenas elevações, de desegual altura e a diversa altitude, vestidos de densa vegetação arborea e arbustiva, que salteiam e se succedem n'uma desordenada orographia, e aos corregos e valleiros que lhes correspondem em todas as direcções e a todas as exposições, assemelhando-se tudo a um verdadeiro e agigantado oceano de verdura.

E se o observador galga a um ponto dominador, de modo a mergulhar a vista de cima para baixo e a relanceal-a para cada lado, todos aquelles traços dispersos de paisagem formam um quadro de maravilhosa unidade.

E' um conjuncto, que abrange a arborisação florestal nos andares mais altos, nesgas agricultadas que se devisam no segundo plano, ainda circumdadas ou salpicadas de arvoredo, e em que se enchergam rastejantes, olerosos e viçosos morangaes; succedendo-lhes vinhas e pomares, disfructando bellas e alegres veigas, que quasi se deixam beijar pelo oceano.

E para que o scenario seja completo, este ultimo, magico hypnotisador das almas contemplativas, ora meigo, ora irado, deixa que os olhos se espaireçam e abracem um largo e longinquo horisonte.

*

Vejamos agora um pouco mais de perto o que representam essas bellas paisagens.

Antes de proseguirmos, convem, porém dissipar um equivoco em que muitos espiritos laboram, quando entregues a uma maior convivencia com a natureza.

Um parque qualquer é sempre uma obra de arte, mesmo olhando só ao seu delineamento e ao modo e disposição do seu revestimento vegetal, independentes de outras contribuições artisticas que concorrem para o seu embellezamento.

O espectador, aqui collocado a maior ou menor distancia, acha-se, pois, em presença de uma obra da natureza e de uma obra humana. Diz-se, e repete-se, que as bellezas da natureza, que a natureza e as suas producções são obra directa da Força Creadora, da sua sabedoria, da sua bondade, e que os monumentos da arte são simples obras do homem.

E' aqui que está o equivoco. O ideal esthetico tem um horisonte muito mais vasto do que o que vulgarmente se lhe attribue: ultrapassa os limites da natureza; abrange os dominios de espirito.

A Força Creadora obra tambem no homem e pelo homem, e tira maior gloria e honra do que faz o espirito, livre e consciente de si mesmo, do que o que produz a simples natureza. Não só ha um cunho divino no homem, mas o divino se manifesta n'elle sob uma fórma muito mais elevada. Deus é espirito; o homem é por conseguinte o seu verdadeiro intermediario, o seu orgão. Na natureza, o meio pelo qual Deus se revela, é uma existencia puramente exterior. O que não tem consciencia de si mesmo é muito inferior em dignidade ao que a tem.

N'isso consiste a sublimidade do espirito humano, a grande significação das suas obras, nas quaes, quando bem norteadas, se acham impressos os signaes do Bem, da Verdade e do Bello, como reflexos da sua origem.

Este modo de considerarmos as cousas tem, a nosso ver, a vantagem de dissipar dois erros: distróe o equivoco pantheista, e restitue ao ramo de belleza que constitue a arte humana o seu valor e a sua alta dignidade.

*

Os parques ajardinados em desenho rectilinio, de que, por exemplo, o do paço real de Queluz é um bello exemplar, fizeram a sua época. Esta terminou, cedendo a uma reacção exagerada contra essa fórma de embellezamento rustico. Pretendeu-se, no delineamento dos parques, fazer o ahi existente por um producto espontaneo da natureza, sem interferencia da arte humana, fugindo a tudo o que se assemelhasse á uma intenção de semetria e de regularidade.

Mais tarde, o bom senso e o bom gosto prevaleceram; e o novo estylo a que obedecem os parques da serra de Cintra mais dignos de nota tratou, pelo contrario, de con-

CINTRA — TORRE E PALACIO DA PENA

ciliar, nas devidas proporções, a arte com a natureza, sujeitando-as á observação rigorosa da sobriedade e dos contrastes.

Com effeito, assim como da opposição das fórmas e das côres nos objectos que nos dão na vista resulta um dos elementos essenciaes da sua belleza, pela mesma fórma, do contraste entre a natureza agreste é sem symetria, com as suas linhas irregulares e mal definidas, e as côres vivas, as fórmas distinctas, o gracioso mosaico de um terreno cultivado, repartido em compartimentos

symetricos, resulta uma das bellezas mais intellectuaes a que se póde aspirar no embellezamento da vida campestre.

A natureza em miniatura é para nós tanto mais seductora, quanto mais podemos espiritualisar, pelo remodelamento das suas formas, o goso que ella nos proporciona.

Os pequenos parques da serra de Cintra — e nenhum ha ali que propriamente se possa chamar grande — teem um cunho que lhes é proprio. Se nada possuem de comparavel com os de outros paizes, pela vastidão, tambem em cousa nenhuma se assemelham ás *villas* de Italia, o verdadeiro ideal da paisagem ornamentada, sobretudo as mais proximas de Roma.

Estas, com as suas estatuas, com as suas balaustradas, com aquelles vasos maravilhosamente cinzelados, e artisticamente distribuidos pelos massiços sempre virentes, com a perspectiva das montanhas, vistas através das altas columnatas dos porticos, com os cactos e os alóes, vegetaes magnificos, dispostos em longas filas de vasos de granito e de porphyro, ostentando, orgulhosos, a sua vegetação esplendida, não encontram rivaes no esplendor da ornamentação.

Os parques de Cintra, reduzidos quasi todos a uma limitada área, não pódem aparentar ornatos architectonicos, senão excepcionalmente. Mas, em compensação, a riqueza florestal de alguns, principalmente em flora exotica, é verdadeiramente notavel, e unica, como mais adiante mostraremos, com a nomenclatura de uma pequena parte. E dizemos *pequena*, porque não é este o logar de entrar em minucias botanicas.

N'estes parques, que mais se pódem dizer *chalets* ajardinados, os obeliscos, as estatuas, as columnatas são substituidas por essencias florestaes, occupando o logar que a arte paisagista moderna lhes assignala. Vêem-se as arvores rezinosas, isoladas ou em pequenos grupos, disseminadas sobre os tapetes enrelvados, as de fuste erecto, despido e de larga copa, produzindo todo o seu effeito em individuos isolados, as pyramidaes, realçando a paisagem, associadas, e as de ramagem difusa servindo de cortina aos massiços arborisados ou assombrando as alamedas.

Arvores de folhagem sombria e vigorosa destacam-se garbosamente junto das habitações, emquanto que outras de folhas verde-claras, brancas ou cinzentas, collocadas ao longe, recuam ficticiamente os limites da paisagem, harmonisando-se com os tons indecisos dos ultimos planos.

Em torno das habitações, uma apropriada escolha de plantas e arbustos indigenas e exoticos, de fórmas elegantes, côres brilhantes e suave perfume, decoram-nas com muito gosto.

*

Dissemos atraz, que poriamos de parte as minucias botanicas, como improprias d'este logar. Mas, entre os visitantes de Cintra, encontrar-se-hão certamente alguns mais scientificamente habilitados — e são esses os que para nós mais crédores são de attenção — a quem uma informação de caracter excessivamente lato não satisfaça; e que desejariam, que, pelo menos, por uma fórma summaria, e nos seus topicos principaes, lhes fizessemos saber, em que consiste essa riqueza botanica de que está de posse a serra de Cintra, e a que vimos de alludir. Vamos satisfazer esse hypothetico desejo, entremeando a parte informativa de algumas considerações, a fim de a amenisar de certo modo.

Cintra e Bussaco são os dois pontos de Portugal mais enriquecidos modernamente pela aclimação ao ar livre de vegetaes lenhosos de diversas regiões do globo. O primeiro adiantou-se ao segundo, porque maior foi o numero dos collaboradores (entre os quaes sem modestia nos contamos) que a principio concorreram para aquelle fim, obedecendo á apaixonada curiosidade das bellezas e raridades do mundo vegetal, e, secundariamente, ao fito de uma utilidade economica.

Para o aformoseamento da serra de Cintra, concorreu exclusivamente o primeiro d'aquelles estimulos. E não devemos querer mal por isso aos seus proprietarios. Não póde ser motivo de estranheza, que os que mais impressionaveis são aos aspectos da natureza e á vida dos vegetaes, procurem, na variedade d'estes, novos prazeres, de mais a mais innocentes. Cedendo ao sentimento apaixonado da posse de plantas não vulgares, satisfazem de algum modo a sêde insaciavel de completo goso que anda sempre alliada ao amor do bello sob qualquer órma que se apresente.

Elevam-se a muitos centos os nomes das plantas florestaes e de ornamento cuja acli-mação tem sido ensaiada com proveito nos parques de Cintra. Certo de que me acompanharão n'esta digressão simplesmente os verdadeiros apaixonados das cousas botanicas, ainda assim, para não abusar, lhes não darei a lista completa de quanto se póde notar, n'um estudo um tanto demorado d'aquellas aprasiveis estancias. Nomearei apenas, acompanhando-o da nota caracteristica, uma pequenissima parte do que ali se encontra de menos conhecido.

Mercê das condições climatericas excepcionaes a que já me referi, encontra-se em tão limitada área, um acervo de plantas em pleno vigor, oriundas da Nova Hollanda, da California, do Cabo, da Nova Zelandia, da China, do Japão, do Mexico, da Asia Central, e da faxa meridional do nosso continente, vegetando em promiscuidade com familias, generos e especies das paragens liquidas e terrestres das zonas mais proximas dos tropicos.

Estas ultimas, esplendidos vegetaes que hoje constituem o mimo e principal enlevo da jardinagem opulenta, formam com effeito o ornamento mais distincto e apparatoso de alguns parques de Cintra.

E com razão. A florescencia dos vegetaes é, em grande parte das plantas conhecidas, o seu adorno mais brilhante e seductor. Entretanto, nem sempre ella constitue o seu principal merito: ou porque é ephemera e insignificante, ou porque, não dando agrado aos olhos, nem ao menos embriaga o olfato com o seu aroma. A comprehensão mais larga e completa das fórmas vegetaes, a exploração mais detida das investigações botanicas ampliaram modernamente o goso do amador, descobrindo e dando o verdadeiro logar de distincção ás plantas de vistosa ou singular folhagem, em todos os logares consagrados á cultura das mais notaveis.

CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO SUL

Essas plantas, entre as quaes merecem um dos primeiros logares, as coniferas, as palmeiras, os fetos, as musaceas, os dasylirios, as yucas, os lencadendros (arvore da prata), asa gaves, as dracenas, os caladios, os coleos, as begonias, etc., etc., viçam nas encostas ou nos valeiros da serra de Cintra tão galhardamente — com excepção de algumas palmeiras — como se gosassem dos favores do seu clima natal; e tudo isso, em situação visinha de outras plantas de exigencias bem diversas, taes são alias opposições de clima, verdadeiramente notaveis, devidas á diversa orientação do terreno, á altitude diversa a que as diversas plantas se encontram, e aos abrigos artificiaes de arvoredo.

E' uma verdadeira maravilha o modo por que a *begonia rei* e os coleos ali se prestam a formar bordadura ou a vestirem placas, nos relvados assombreados dos parques. A primeira, com as suas grandes folhas cordiformes, ponteagudas e franjadas de matizes diversos, com o seu lustre assetinado, envernizado ou marmoreo, com os reflexos cambiantes de madreperola das suas folhas, destacando-se nos grupos diversos das mais lindas flôres, é, para as placas ajardinadas, de uma ornamentação fidalga sem egual. Os segundos, de folhas ovaes, acuminadas, denteadas, attenuadas na base, e de um verde amarellado, pulvilhadas, salpicadas, tingidas ou raiadas de largas estrias, ou manchadas de toda a gama do espectro solar, rivalisam com a primeira n'um surprehendente effeito decorativo.

*

Para se poder prolongar com intensidade o goso d'aquillo em que a vista pousou anteriormente, é necessario possuir de algum modo a retentiva, que é previlegio dos pintores. Essa especie de encanto aviva-se principalmente quando tem por objecto as obras da natureza, cuja juventude e energia são sempre as mesmas, e em face das quaes em todos nós actúa, mais ou menos, o sentimento de surpreza e de admiração, essa curiosidade, que, longe de desanimar, se inflama perante os limites das nossas faculdades, e dos breves momentos da existencia individual.

Mesmo com grandes intervallos de tempo, a memoria, se possue aquella força de visão interior, apresenta-nos sempre vivas e inolvidaveis as imagens de certos aspectos da natureza. Um dos mais notaveis d'estes, e de cujas impressões conservo immorredoira lembrança, é a da paisagem, toda original, das zonas tropicaes, em que as palmeiras formam o fundo do quadro, como o constituem nas zonas, temperadas e frias, as arvores rezinosas.

Nada de comparavel se póde obter com a magestosa familia das palmeiras n'um paiz com as condições climatericas do nosso, que, embora muito favorecidas n'esse sentido, ainda assim, só pódem admittir vegetaes d'aquella familia, cujo paiz originario esteja situado nas zonas de contacto tropical e temperado.

Ainda assim, para citar só as mais vistosas, posto que em pequeno numero, encontram-se nos parques de Cintra exemplares regularmente desenvolvidos, onde a sombra e a demasiada humidade os não contraría, da *Livistonia* ou *Corypha* da Nova Hollanda oriental, grande e magnifica palmeira, terminando n'uma vasta corôa de folhas em fórma de umbella; a *Areca sapida* ou *Kentia,* da Nova Zelandia, de espique liso e anelado, de cinco metros de altura, de frondes todas terminaes e erectas, muito elegante e adequada ao nosso clima; diversas *Chameropes* de diversos paizes, destacando-se, entre as suas congeneres, a *C. Martini,* algumas especies dos generos *Fulchiroma, Creodax frigida, Chamedorea* (palmeiras anãs do Mexico) e a *Ceroxylon* dos Andes, se não estamos em erro, etc.

Bellos exemplares de *Cycas,* do Japão, de tronco coberto de escamas, e tendo aspecto de palmeiras anãs, assim como de Tamareiras bem desenvolvidas, dão a demonstrar que, para o embellezamento dos parques de Cintra, não tem faltado gosto da parte dos seus proprietarios, entre os quaes justo é especialisar os da Pena, Monserrate, Bister, Regaleira, D. Capitolina Vianna, Palmella, D. M. Candida Andrade, Ramalhão, Castro Pereira, Valenças, etc.

(Continúa.)

PAULO DE MORAES.

Casamentos á força

Que peccado foi o meu
Porque me daes tal prisão?

A' dolorida queixa da Mulher contra a oppressão matrimonial, registada n'um auto de Gil Vicente, responde o Homem affirmando o que julgava os seus absolutos direitos:

«... o homem sisudo
Traz a mulher sopeada.
Vós não haveis de falar
Com homem ou mulher que seja;
Sómente ir á Egreja
Não vos quero eu deixar
Já vos preguei as janellas,
Porque não vos ponhaes n'ellas;
estareis aqui encerrada.»

Em plena Renascença, como ainda hoje, entre nós, continuava a mulher a ser a escrava do passado.

Estabelecera-lhe a antiguidade a tutéla perpetua, por causa da «leviandade do seu espirito».

Reflexo das edades primitivas, e das velhas civilisações orientaes, prolongava a legislação esse jugo, bem pouco differente do rapto e da compra que punha a mulher na posse commum dos homens da tribu.

O AMOR
(De S. Kendrick)

Com surpreza e applauso dos gregos, vendiam os Chaldeus, no mercado annual, as raparigas bonitas, para dotarem as feias com o dinheiro assim obtido.

Na Grecia, cujos usos matrimoniaes, segundo Strabão, se pareciam com os Lusitanos, eram exclusivamente decididos pelos paes os casamentos.

Apesar da commovida homenagem de Plutarcho ao amor da mulher, a quem só appetites sexuaes se attribuiam, e da sua idealisação do amor conjugal, quando o casamento era apenas encarado pela necessidade de augmentar a população; apesar da elevação da mulher pelos trovadores, pelos cavalleiros andantes, pela celebração das côrtes de amor, persistiu a tutéla na Edade Média, não já com a justificação da leviandade, mas como generalisação do principio de que todas as pessoas impossibilitadas de se defenderem eram tuteladas

Todos amavam, cantavam todos o novo amor: reis, principes, guerreiros, sacerdotes, fidalgos

trovadores, jograes plebeus, anonymos interpretes da sentimentalidade popular.

Redimiam a mulher, escrava do passado, elevavam-a ás côrtes de amor, aos torneios, aos saraus, tornando-a objectivo de um novo culto, em que a humanidade se dignificava, fazendo a apotheose da incançavel renovadora da vida; fugindo aos horrores das fomes, das pestes, da predição do fim do mundo, pela glorificação da eterna fonte do prazer, divinizada pelo paganismo.

Mas o costume resistiu a toda a generosa propaganda sentimental.

Tornou-se um axioma do direito medieval pertencer ao rei a guarda das viuvas e das orphãs.

Durante o feudalismo, só auctorisados pelo suzerano podiam casar os vassallos, ou os seus herdeiros.

No caso de pertencer á filha solteira a herança do feudo, tinha o Senhor o direito de lhe impôr o casamento com um guerreiro capaz de «servir o feudo».

Para isso apresentava-lhe diversos pretendentes, afim d'ella escolher marido, sob pena de perder a herança, que revertia ao suzerano.

Com o augmento do poder real, e a frequencia da nobreza á côrte, encarregaram-se os reis de dotar e casar as filhas dos fidalgos que, para isso, iam servir no paço infantas e rainhas.

Convencidos da sua sciencia certa, obsecados pelo seu absoluto poder, arrogavam-se os monarchas o direito de casarem os vassallos, sem os consultar, affirmando que, melhor do que elles, conheciam o que lhes convinha.

EROS, O AMOR
(De Jules Cortan)

Se restavam ao homem, depois d'esses casamentos por ordem, os desafogos que sempre lhe permittiram os usos, ficava a mulher na mais triste escravidão.

Echôa nos documentos do passado a dolorosa queixa da eterna victima, ora em termos lancinantes, como os que nos transmittiram os poetas, ora nas reclamações continuamente levadas ás côrtes.

Haverá cousa peor
Do que casar mal contente?

diz o romance de *dona Ouliva*.

O capellão André, da côrte de França, em meiado do seculo XII, redigiu um codigo do amor, onde formulava os novos pontos de vista postos em moda pelos cancioneiros.

Reagindo contra a noção barbara do casamento imposto por conveniencia financeira e politica; do casamento resolvido pelo rei, pelo suzerano ou pelo pae; os que cantavam o amor prégavam a insurreição, preconisavam o segredo como a mais necessaria garantia em tempo de barbaras vinganças, e, da mesma fórma que hoje se combate o casamento calculista e interesseiro, oppondo-lhe a concepção do amor livre, do amor desprendido dos negocios dotaes, elles combatiam o casamento imposto, ambicionando o casamento de sentimento.

No livro *De arte reprobatione amoris*, do celebre sacerdote, registavam-se as maximas do novo amor:

«Quem não sabe occultar não sabe amar.

O amor póde sempre augmentar ou diminuir.

Amor divulgado raramente é de duração.

Nada impede que uma mulher seja amada por dois homens e o homem por duas mulheres.

Não tem sabor o que um amante obtem á força do outro amante.

Ninguem póde entregar-se a dois amores.

Prescreve-se a viuvez de dois annos pela morte da pessoa que se ama.

CASAMENTO DE AMOR
(De René Bertrand-Boutée)

Ninguem póde amar senão impellido pela esperança de ser amado.

Não convem amar aquella que seria vergonhoso desejar para mulher.

O verdadeiro amor não exige mais do que as caricias do ente amado.

O exito sem contrariedades tira bem depressa ao amor o seu encanto; os obstaculos augmentam-lhe o valor.

A pessoa casada empallidece aos olhos de-quem ama.

O amor que enfraquece cáe rapidamente e raras vezes se reanima.

A suspeita e o ciume augmentam o amor.»

Occultava-se sempre nas canções o nome da mulher amada:

«Morro de amor sem que saibam por quem. Nem o poderão jámais por mim saber.»

Tornara-se o casamento alvo de ataques, tão energicos como o d'esse julgamento proferido no fim do seculo XII, em Côrte d'amor, pela condessa de Champagne:

«Conforme a opinião da maioria asseguramos que o amor não póde existir entre marido e mulher, porque os amantes cedem livremente, sem interesse, pelo proprio prazer e no ardor da paixão, emquanto que as pessoas casadas são forçadas pelo dever a supportar-se mutuamente e nada cedem vo-

luntariamente porque nada podem recusar. Que este julgamento que proferimos com uma extrema prudencia, e segundo a opinião de um grande numero de damas, seja para vós de uma verdade absoluta e indiscutivel.»

Por causa da violenta oppressão do casamento imposto, apaixonavam-se até ao desespero os trovadores:

«E quero mal a Deus que me não vale!»

Preferiam a morte á desesperança:

«Tão sem ventura fui que não morri!»

Reflectem as leis, e as reclamações ás côrtes, a lucta contra a oppressão.

Determinára Affonso II:

«porque os matrimonios devem ser livres, e os que são por constrangimento não dão boa scisma; porém mando que nós, nem nossos successores não constranjam ninguem para fazer matrimonio».

Não impediu porém essa lei que continuasse o despotismo matrimonial, como se deprehende d'essa medida de Affonso III:

«que el-rei, nem rico homem, nem nenhum homem poderoso do reino, assim religioso como secular, não constranja, nem force, nenhum homem nem mulher que case contra sua vontade, mas livremente case com quem quer que queira».

A queixa ás côrtes de Elvas, em 1361, expõe assim a penosa dependencia da mulher, como se vê pela resposta do rei:

«bem sabiamos como os matrimonios de direito são livres, e que devem fazer-se sem constrangimento de ninguem; e que a mulher, para casar, não deve ser pedida ao Principe, e aquelle que a pede deve receber por isso estorvo; e que ora nós, a rogo d'alguns, davamos cartas para casarem com elles algumas filhas, parentas d'alguns homens da nossa terra, viuvas ou virgens, que não hão vontade de se casar nem lhes praz d'esses casamentos, nem áquelles em cujo poder estão; e que muitas d'ellas promettiam castidade, por a qual razão se seguia muito damno ás que isto acontecia, e que fosse nossa mercê que não quizessemos as taes cartas».

O NAMORO
(De Hal Ludlow)

Respondeu então o rei (D. Pedro I) mantendo o direito de premiar com ricas herdeiras os seus servidores, mas promettendo não constranger as escolhidas:

«justo é que os reis hajam de rogar por seus creados (fidalgos da sua creação), e por aquelles que lhes tem feito serviço, a algumas que casem com elles, quando com justa razão se pode fazer; e quando a ellas aprouver nós lhes faremos por isso mercê, e quando não houverem por seu prol casar com elles, nós não lhes faremos por isso sem razão nem nenhum outro constrangimento».

Manteve-se porém o costume, e, dez annos depois, nas côrtes de Lisboa e Porto de 1371, reapparece a queixa da mulher opprimida:

«que as mulheres viuvas, e filhas de homens bons, não fossem constrangidas a casar contra suas vontades».

Renova-se a reclamação nas côrtes de Coimbra, em 1385:

«dos geraes casamentos se aggravaram muito os povos, dizendo que el-rei D. Fer-

nando, e a rainha sua mulher, por cartas de rogo, faziam casar contra suas vontades assim mulheres viuvas, como outras que estavam em poder de seus paes e parentes, não sendo esses com quem casavam pertencentes para ellas».

Expunha a queixa a maneira como eram coagidas as que resistiam; a pena applicada á rebeldia, a perda dos bens cubiçados pelos protegidos do rei, e que constituiam o motivo da sua infelicidade:

«e se casar não queriam mandavam-as chamar, e traziam-as após si quatro ou cinco mezes, dispendendo o que haviam, e o peior d'isto que alguns em breve tempo gastavam o que ellas tinham, em maus usos e costumes, deitando-as em grandes minguas e pobrezas, a qual cousa era contra consciencia e serviço de Deus, e contra a lei porque os casamentos hão de ser feitos».

O CASAMENTO
(De H. Biande Sparks)

Essa frequencia da côrte, já imposta como castigo por D. Pedro, era uma maneira propositada de reduzir a fidalguia que, em duas gerações, arruinada pelo luxo, passava de rival da realeza a dependente das suas esmolas.

Reclamavam a suppressão de taes usos, e tinham direito a esperar que assim succedesse, pois, com a eleição do rei pela Arraia Miuda, deveria operar-se a transformação de toda a vida nacional:

«e que, porém, lhe pediam por mercê que taes cartas de casamentos não quizesse fazer».

Como o pae, prometteu D. João não forçar ninguem a taes consorcios. Applaudiu a rebeldia, que já defrontava a oppressão, e, interpretando o espirito revolucionario que o levára ao throno, incitou a mulher a revoltar-se tambem:

«A isto respondeu el-rei, que não entendia fazer casar ninguem contra sua vontade, e posto que cartas de rogo passasse sobre taes cousas, que cada um fizesse o que entendesse por seu proveito, que elle não entendia de lhe fazer força nem desaguisado por isso, e que cada um respondesse ousadamente, não curando de taes cartas.»

Quanto a não passar mais cartas de casamento é que não accedeu o rei, não querendo privar-se de similhante recurso, fiel ao que lhe aconselhára um mestre da politica do tempo, o manhoso Alvaro Paes: «Dae o que vosso não é.» Reservava-se portanto o direito de pagar serviços com o dote das ricas herdeiras.

Escravisada pelo dote, era a mulher objecto de requerimento de ambiciosos, que obtinham essas «cartas para casar», como poderiam receber uma tença ou uma terra; ou tornava-se na mão do monarcha um emprego, uma moeda, uma prebenda para recompensar serviços, conquistar adhesões, ou comprar consciencias.

Tinham os casamentos feitos por Leonor Telles o visivel proposito de corromper:

«Trabalhou-se de haver da sua parte todos os móres do reino por casamentos... muitos outros casamentos e accrescentamentos em muitos fidalgos e grandes do reino.»

Essa compra da adhesão do homem por meio da mulher era a antithese da propria

significação do dote, que, no mesmo seculo, fixa esta canção:

> «Se el-rei me desse algo já me iria
> para minha terra de bom grado,
> e se chegasse, compraria
> dona formosa, de gran mercado...
>
> Eu coitado, não chegaria
> por comprar corpo tão bem talhado.»

Que constituia uma violencia o casamento imposto, sabia-o bem D. João I, como se vê pelo vigor com que defende o direito de escolher livremente mulher:

«e quanto era em effeito de seu casamento, que pois que os casamentos haviam de ser livres, e os reis, que antes d'elle foram, em casar eram isentos, que elles não se obrigavam a prometter tal cousa, pero seu talante era de o fazer quando a Deus prouvesse».

A doutrina que subordinava o casamento do rei ás conveniencias, foi assim referida pelo chronista:

«Os antigos deram por doutrina que o rei, na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia d'esguardar nobreza de geração mais que outra alguma causa, que aquelle que o contrario d'isto fazia, não lhe vinha de bom sizo, mas de sandice.»

NINHO D'AMOR
(De Aristide Croissy)

Não o queria pois para si, mas, contra o que promettera, não deixou de o praticar, em requintes de tortura moral.

Seria o primeiro politico a cumprir no poder as promessas feitas na opposição.

Consolidado o throno, já não precisava de seguir o conselho de Alvaro Paes; não tinha feudos a prover de fortes guerreiros; preoccupava-o a ancia de moralisar, que fôra a paixão de seu pae, de pôr cobro aos desregramentos do reinado do irmão.

E' o proposito que lhe attribue o chronista:

«El rei com bom desejo e cuidado das mulheres de sua casa, assim de as guardar de sua quéda, em que muitas sem empacho por seu mau sizo vem a cahir... cuidou de casar algumas d'ellas, e como era de alta discrição e entendimento, bem cuidou que escusado era falar a ellas de quem se contentariam para lhes dar por maridos, sabendo que sem resguardo em similhantes feitos escolhiam ás vezes para si o contrario d'aquillo que é sua honra e proveito, a que já se teem outhorgadas.»

Embora em plena florescencia trovadoresca, no tempo em que a moda multiplicava os nobres exemplos de cavallaria, quando se citavam os grandes typos amorosos, producto da aspiração de uma sociedade mais

perfeita, de uma mulher mais digna, e de um amor mais puro, o amor ainda merecia desdens.

Na opinião do chronista:

«todo o homem namorado tem uma especie de sandice, e isto por duas razões: a primeira, porque aquillo que em alguns é causa intrinseca das outras maneiras de sandice é n'estas causas de taes amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é imperatriz das outras potencias da alma, ácerca das cousas sensiveis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da cousa que vê talqual é, mas tal qual a elle parece, porque elle julga a feia por formosa, e aquella que traz damno ser-lhe proveitosa; e portanto todo o juizo da razão é submettido ácerca de tal objecto, em tanto que qualquer cousa que lhe aconselhem poderá bem receber, mas, quanto ácerca de tal mulher a elle prazivel, cousa que lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe não usa d'elle, antes lhe faz um accrescentamento de dôr, que é fóra de todo o bom juizo».

ADÃO E EVA
(De Peter Brerer)

Guiava-se o rei pelas indicações genealogicas, no evidente proposito do apuramento das raças fidalgas:

«e porém elle que lhes conhecia os paes e as mães, pensou para cada uma o marido egual a ella, e o que elle determinou de lhes dar».

D'esses projectos não suspeitavam as donzellas escolhidas para tronco de novas gerações:

«e tendo-as assim casadas na vontade, trazendo já isto em cuidado, sem o dizer a nenhum, — accrescenta Fernão Lopes —, fe-ze-o saber um dia a todos, por estas palavras:

«—Mandavos el-rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhã — sem dizer com quem, que não era sabedor o que tal recado levava.»

Tambem só na vespera recebiam os homens a noticia:

«E depois que assim foi dito a ellas, similhantemente o mandou el-rei dizer a elles».

Tinham ellas e elles naturalmente os seus amores...

A chronica regista sentidamente:

«e assim elles, como ellas, tiveram bem que cuidar aquella noite, não sabendo se lhes havia de cahir em sorte quem seu coração tinha outhorgado».

Certo de que só elle podia dar-lhes honra e proveito, arrastou as victimas ao altar, e só ali, para lhes prolongara dolorosa incerteza, as acasalou:

«No outro dia levou el-rei comsigo os noivos á camara da rainha — continúa o

chronista na sua pittoresca linguagem —, e ali disse a cada um aquella que recebesse.»

Como calculassem, pelo absoluto da determinação, quanto lhes custaria a revolta, obedeceram cegamente, tornando-se maridos e mulheres, contrariados nas suas affeições:

«a cujo mandado não houve contradição, posto que não acertasse mais de uma a casar com quem tinha em sua vontade».

Calaram-se, mas, em vez de se resignarem, protestaram a seu modo:

«as outras, pero o calassem, bem deram depois a entender que de tal feito não eram contentes».

Quer dizer que o previdente rei, em vez de as «guardar da sua queda», atirou-as elle proprio, de cabeça para baixo, pois o caso não era para menos.

E foi tal esse «dar a entender» que conseguiu mais do que as côrtes, pois os reis voltavam sempre «com a palavra atraz».

Eis como narra o chronista a confusão do monarcha:

«El-rei, sabendo d'isto parte, disse que elle lhes dera maridos assás convinhaveis para ellas, de que seriam bem casadas e honradas, e com quem lhes faria muitas mercês; mas que pois assim era que elle jurava e promettia que nunca mais d'ali em diante a nenhuma, por edade que houvesse, lhe ordenasse nenhum casamento, salvo se ella, ou seus parentes, primeiro pedissem muito por mercê.»

Longe de a preservar, a tutela desmoralisava a mulher, tirando-lhe a consciencia da dignidade e da responsabilidade.

Faustino da Fonseca.

O pômo da discordia

(De Alex Keller)

Quando o mundo nasceu do Cahos, cada flôr,
cada estrella buscou a causa do seu ser.
Todo o vivente, emfim, havia o seu mistér;
uma regra divina, uma ordem superior

reinou desde o principio. O céu vinha dispôr
a noite, as estações e a aurora rosiclér;
nem os desertos de agua ia encrespar sequer
o vento do meio-dia ou a aza do condor.

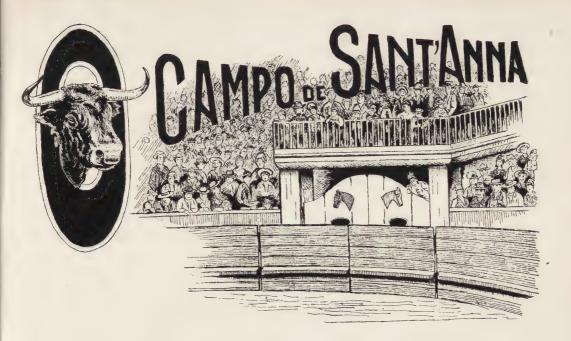
Nenhum desejo vão, nem paixão inimiga
descêra ao umbroso val, e sob a fronde antiga
perturbára em Adão a ingénua f'licidade.

Mas surgiu a Mulher, e logo — eterna guerra! —
e desde então, sem paz, sem trégua, sobre a terra
combatem entre si o Amor e a Liberdade!

Figueira da Foz.

M. Cardoso Martha.

Recordações de então

V

Ao tratarmos dos cavalleiros e do toureio a cavallo — o toureio portuguez por excellencia —, seja-nos permittido divagar um pouco, e primeiro que tudo, ácerca das condições em que trabalhavam antigamente esses artistas.

Ao passo que a principal preoccupação do toureiro equestre de hoje são os cavallos de combate, ha cincoenta annos era o que menos preoccupava os lidadores d'esse tempo.

João Sedvem, Antonio Sedvem, Pedro Sedvem e José Caetano de Brito (1), por exemplo, nunca conheceram a necessidade de ter que sustentar cavallos durante todo um inverno para poderem tourear no verão seguinte; quando tinham que trabalhar, iam ao primeiro alquilador que se lhes deparava, e alugavam um ou dois cavallos.

Diogo Bittencourt, Manuel de Mesquita e Francisco Batalha, ainda procederam de egual fórma por muito tempo.

O unico que nunca montou cavallos alugados, foi Antonio Maximo de Amorim Vellozo.

E, seja dito de passagem, n'esses tempos de saudosa memoria, lidavam-se touros a valer — d'esses que, quando sahiam do curro e se collocavam no centro da arena a sacudirem-se da terra que traziam em cima de si, faziam estremecer até o proprio espectador!

---

(1) José de Brito, que teve a sua época no Campo de Sant'Anna, foi um artista de conhecimentos, e que recebeu morte quasi instantanea na corrida de inauguração da antiga praça de Setubal, a 29 de maio de 1841: um touro, desmontando-o, levou-o de encontro á parede de resguardo do publico, fracturando-lhe o craneo.

Francisco Batalha em certa tarde teve que ir tourear a Almada. Os cavallos que alugára em Lisboa, por qualquer motivo, não appareceram. E essa circumstancia, que hoje impressionaria um collega, não incommodou nada a Batalha: desceu rapidamente a Cacilhas, adquiriu na primeira cocheira dois cavallos, e entrando na arena á hora marcada só deixou de cumprir o programma no respeitante ás *cortezias,* porque as montadas não ladeavam.

Agora, porém, já não succede assim. E se nos disserem que este ou aquelle artista fez trinta ou quarenta corridas n'uma época e que o lucro de tanto trabalho e tanto risco não lhe chegou para o prejuizo que teve na compra e venda de montadas, temos que nos calar, porque sabemos que é verdade!

E' certo que o publico d'esse tempo era menos exigente do que o actual; mas não é menos verdade que todos os toureiros antigos sabiam mais da arte de equitação do que a maioria dos actuaes, ao ponto de não terem cavallos proprios e tourearem perfeitamente e com a maior facilidade em cavallos de aluguer, nem dando então o triste espectaculo de que somos testemunha em muitas occasiões actualmente, do artista ser tocado pelo numero de ferros que colloca!

O que succedia, porém, era haver determinados alquiladores que tinham melhores cavallos do que outros, o que fazia com que lh'os preferissem, dando o caso ás vezes occasião para a bella intrigasinha. E quando então já existia, não é de admirar que ella agora ande por ahi tão accêsa como anda...

E' curioso vêr o que nos diz um jornal de ha quarenta e oito annos, o *Portuguez* de 10 de agosto de 1861, sobre um e outro assumpto:

«N'este negocio dos cavalleiros tem havido uma intriga nojenta contra os srs. Mesquita e Silveira (1).

«Affirmam-nos que o sr. João Sedvem, de accôrdo com o sr. Diogo Bittencourt, tem procurado por todos os modos evitar que os srs. Mesquita e Silveira vão picar. O sr. Sedvem não anda bem n'este negocio, e o seu procedimento é improprio de quem tantas provas tem recebido de agrado por parte do publico do Campo de Sant'Anna Diz-se que o sr. Diogo tratou de alugar para si alguns cavallos, que os srs. Mesquita e Silveira queriam tambem alugar, e de que o sr. Bittencourt não carecia, porque não vae picar n'essa tarde.

«Felizmente este facto não ha-de impedir que vão picar os srs. Mesquita e Silveira, e os empenhos do sr. Sedvem para que não picasse o sr. Mesquita foram baldados, sendo digno de louvor o modo porque andou o sr. governador civil n'esta questão.»

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA
Quinta feira 9 de Maio de 1861
CORRIDA DE TOUROS
A BENEFICIO
do Asylo das Raparigas Desamparadas.
SOL — 240 RÉIS.

UM BILHETE

Isto, entretanto, succedia ha quasi meio seculo, no tempo em que os senhores governadores civis se mettiam nos negocios de touros. Mas essa época já lá vae: hoje tão elevadas personagens, no respeitante ao popular divertimento, pouco mais se incommodam do que... a ir assistir ao espectaculo!

Os alquiladores que mais cavallos alugavam para tourear eram José Amador, José Caetano, o *Bairro Alto,* José Bento e José Maria, o *Cabelleireiro,* este estabelecido na Rua Larga de S. Roque e os restantes no Poço do Borratem. Era no *Cabelleireiro* que geralmente se encontravam as melhores montadas, e aonde José Caetano de Brito as alugava sempre; os Sedvem preferiam as de José Bento e José Caetano. Mais mo-

(1) Silveira era um amador da época.

dernamente, o *Antonio Hespanhol* e o Ezequiel de Carvalho tambem alugavam cavallos.

Vellozo, Sedvem, Brito, etc., ganhavam oito libras por corrida; Bittencourt, Mesquita e Batalha fizeram logo subir o preço para dez e dezeseis libras, consoante tivessem que lidar dois ou quatro touros.

João Sedvem, Diogo Bittencourt e Francisco Batalha, foram artistas por demais valentes e arrojados, como Manuel de Mesquita foi o mais receoso de todos, apesar de bom toureiro. Mesquita, quando tinha que tourear, ia na vespera para o oratorio, onde orava até ao momento de ir para a praça.

*
* *

Tempos houve em que se faziam *cortezias* por dóse dobrada em cada espectaculo, umas no começo e outras ao terminar.

Comquanto cousa alguma explique as segundas — como talvez até as primeiras —, o que é certo é que não foi sem alguma difficuldade que se acabou com as ultimas, pelo costume em que o publico já estava de as presencear. N'esse tempo, porém, poucos eram os espectadores que sahiam da praça antes da corrida haver terminado por completo.

Observando-se o mesmo preceito tanto n'umas como nas outras, entretanto as finaes não decorriam com a seriedade que sempre se observou nas primeiras, ainda agora mesmo.

Depois de se lidar o ultimo touro, apenas os cavalleiros entravam no redondel e os bandarilheiros e forcados occupavam os seus logares em fila, era da praxe o rapazio saltar logo á arena, fazendo uma segunda corrida em volta dos lidadores.

E as *cortezias* terminavam, e o rapazio lá ficava, continuando com o seu simulacro de tourada, saltando ora para dentro da trincheira ora para a arena...

Tudo isso acabou!

Mas talvez por acabarem estas e outras pequenas cousas, a aficion vae diminuindo, mas diminuindo extraordinariamente, até ao ponto talvez de ás praças de touros se ter que dar outra applicação.

O Carnaval está por assim dizer agonizante, desde que se lembraram de o civilisar; o divertimento tauromachico, desde que perdeu o tom popular que tinha, com a sua *liberdade* e as suas *piadas*, para lá caminha tambem, e a passos agigantados...

As *cortezias* finaes acabaram com a ultima corrida da época de 1879.

Isso, porém, não impediu que o pequeno aficionado continuasse a divertir-se na arena por largo espaço de tempo ainda, sahindo d'alli ancioso por outra tarde de festa para tornar a *brincar aos touros* na propria praça.

MANUEL MOURISCA

*
* *

Manuel Mourisca e Casimiro Monteiro fo-

ram os cavalleiros que iniciaram a revolução no toureio a cavallo, começando pela fórma de vestir.

Já poucos são os aficionados que se lembram da antiga farda — a casaca singela, o collete simples, a polaina um tanto extravagante e o bicorneo de fivella dourada ou prateada na frente, com tres plumas, uma branca e duas azues.

Quem não fôr do tempo d'essa *toilette* — que deve ter sido abolida ha uns bons trinta a trinta e cinco annos, pelo menos —, queira-a vêr nos retratos que damos adiante, de Casimiro Monteiro, Batalha, Antonio Monteiro e Augusto Calhamar. Por ahi o leitor fará uma idéa.

ALFREDO TINOCO DA SILVA

Foram aquelles dois artistas os que introduziram a farda usada actualmente, chamada *á Marialva*, sem duvida muito vistosa e elegante, começando então tambem os cavalleiros a tourear só em cavallos proprios, e a apresental-os ajaezados com desusado gosto, como até então não era dado admirar.

No emtanto, Casimiro Monteiro foi o que a todos sobrelevou sempre, chegando o seu bom gosto ao ponto de adquirir chaireis com guarnições de ouro e prata, e arreios com peças dos mesmos preciosos metaes, alguns d'elles avaliados em mais de um conto de réis.

No dia da festa annual do estimado cavalleiro, havia sempre uma romaria de curiosos, aficionados e admiradores d'arte, ao corredor aonde se encontravam os cavallos, a examinarem as preciosidades artisticas que ornavam os corceis de José Casimiro Monteiro.

Manoel Mourisca tambem foi possuidor de um riquissimo arreio completo em prata macissa, avaliado em um conto de réis, offerta de um aficionado.

Pouco depois de Mourisca e Monteiro começarem a apresentar-se *á Marialva,* logo os seus collegas mais modernos os imitaram, ficando assim dentro em pouco tempo operada uma grande transformação na fórma de trajar dos nossos cavalleiros.

Comtudo, antes, de Mourisca e Casimiro Monteiro se apresentarem em publico com o novo trajo *á Marialva,* já Manuel de Mesquita tinha tentado a innovação, que não vingou, talvez por muito espectaculosa. Mas o antigo e considerado artista fel-o ainda com mais propriedade e rigor, visto que trazia tambem espada á cinta, que o acompanhava não só ás cortezias como quando toureava.

*
* *

Para melhor completar a nossa noticia, continuamos a dar os perfis das individualidades que mais ou menos se destacaram no circo que vimos historiando:

O cavalleiro Manuel Mourisca foi justamente considerado o Mestre do toureio a cavallo.

Nascendo em Freixiendas, proximo de Ourem, a 14 de setembro de 1844, teve a guiar-lhe os primeiros passos na arriscada arte, o não menos artista João dos Santos Sedvem, que então dava leis Discipulo de tal mestre, não foi, pois, por favor que tambem alcançou a melhor classificação entre todos os mais distinctos collegas do seu tempo.

JAZIGO LEVANTADO NO PARA' A' MEMORIA DE ALFREDO TINOCO A EXPENSAS DE UM GRUPO DE AMIGOS

Mourisca, de um valor, serenidade e sangue frio sem egual, poupando os seus cavallos como ninguem, era inexcedivel e primoroso na execução de todas as sortes do toureio, sendo devidamente apreciado pelo publico entendedor.

Sem o querer, sem contribuir em cousa alguma para isso, viu formarem-se na sua época dois *partidos* entre o publico — um que lhe era favoravel, o da *sombra*, e outro, o do *sol*, que acompanhava Batalha. A's vezes travavam-se verdadeiras luctas com as duas partes. O partido de Mourisca era todo pela arte e classisismo, o de Batalha pelo arrojo e valentia.

Mourisca foi eximio na lide a ferros curtos, que empregava sempre aos pares, pois reconhecia ser um erro o collocar um ferro de cada vez. Assim executou algumas vezes lides completas em corridas de seu beneficio.

Com a retirada de Mourisca, porém, tão artistica fórma de tourear cahiu no desuso, não porque não tivesse razão de ser a opinião do mestre — que elle baseava e defendia em o bandarilheiro sahir sempre aos touros com um par de ferros de cada vez —, mas porque é mais difficil collocar um par do que meio, e a quéda de um ferro traz desaire para o lidador.

Manuel Mourisca ha muitos annos que se encontra retirado das lides; entretanto, ainda em 1908, na tarde de 2 de agosto, veiu ao Campo Pequeno tourear dois touros, revelando-se o mesmo toureiro intelligente e de raro saber de então.

*

Alfredo Tinoco da Silva, que nasceu em Lisboa a 5 de julho de 1855, foi o mais

gentil e o mais garboso dos cavalleiros que teem pisado arenas portuguezas.

Enthusiasta pelo divertimento desde os mais tenros annos, foi na demolida praça do Campo de Sant'Anna que fez por assim dizer todo o tirocinio do toureio que tanto honrou, desde o logar de *neto*, que nunca mais foi desempenhado como por elle, até o de cavalleiro, em que por demais elevou a nobre arte de tourear a cavallo, quer no seu paiz quer no estrangeiro.

Apresentou-se em Hespanha, França e no Brazil, por bastas vezes, causando sempre desusado enthusiasmo.

Tendo começado por tourear obsequiosamente n'uma ou em outra corrida, de tal fórma o seu trabalho distincto se foi radicando no gosto e apreço dos aficionados que, comprehendendo-o Tinoco, o levou mais tarde a abraçar a arte como profissional. Essa resolução não podia deixar de ser bem acolhida, como foi, devido aos muitos meritos do notavel lidador.

Em extremo elegante, vestindo com distincção tanto a farda de toureiro como a casaca aristocratica, destacando-se a cavallo na arena como em passeio, Tinoco sobrelevou a todos os lidadores do tempo pela finura do seu toureio e raros conhecimentos.

Creando um publico seu, um publico especial, que via no brilhante artista o mais lidimo successor do celebre Marquez de Marialva, Tinoco vangloriou-se de poder contar com uma geração completa de admiradores, que o impunha ás emprezas em todas as corridas. Por isso, Tinoco só deixava de tourear quando não podia ou não queria.

D. LUIZ DO REGO

Esse publico, porém, que tudo esquece, que glorifica artistas com a mesma facilidade como os inutilisa, um dia começou de hostilisar Alfredo Tinoco, tratando o como o mais infimo dos lidadores! Tinoco, então, cioso do seu nome e do que valia, medindo o succedido em uma vil intriga, desgostou-se e começou a abandonar a arena. Não contente ainda, deliberou deixar o torrão patrio, não sabemos se em procura de novas glorias se da morte que havia de o fazer esquecer tanta ingratidão...

Fosse como fosse, ahi por outubro do anno de 1895 abandonava Lisboa, em direcção ao Brazil, sem tenção de voltar a tourear no seu paiz, vindo a fallecer no Pará a 16 de setembro de 1899.

*

Se o toureio a pé desde longa data vem atravessando grande decadencia, o de cavallo, porém, em todas as épocas tem estado florescente, sendo cultivado quer por artistas quer por amadores, alguns dos quaes da aristocracia, e todos o teem mantido de fórma a não poder notar-se o seu enfraquecimento; antes, pelo contrario, podemos mencionar que tem grangeado justa fama, até mesmo no estrangeiro, onde os cavalleiros portuguezes gosam da reputação de inexcediveis n'esta parte da arte tauromachica.

Um dos que mais concorreu para esse brilhantismo foi, sem duvida, D. Luiz do Rego, que descende de uma das mais illustres familias da sociedade portugueza.

Difficilmente elle esquecerá as provas de elevado apreço em que foi sempre tido na praça do Campo de Sant'Anna e na praça de Madrid, onde, em companhia de Tinoco, lidou touros em pontas, merecendo o mais enthusiastico applauso nosso e dos nossos visinhos. Muitas vezes o publico ficava indeciso se devia n'elle admirar mais a sua coragem e conhecimento da arte tauromachica ou os seus poderosos recursos como cavalleiro, pelo modo como dominava sempre o corcel que montava, despertando a admiração e applauso ainda dos maiores entendedores, a maneira como subjugava o famoso *Leotard,* o seu favorito cavallo de combate.

D. Luiz do Rego executou com proficiencia todas as sortes do toureio a cavallo, algumas das quaes já haviam quasi cahido no esquecimento, e foi, tambem com Alfredo Tinoco, um dos cavalleiros contratados para inaugurar a praça da rua de Pergolèse, em Paris, em 1889. Tendo-se retirado do toureio pouco depois, foi geralmente sentida a sua falta.

O distincto toureiro, que conta actualmente cincoenta annos, nasceu em Lisboa a 31 de agosto de 1859, foi o companheiro inseparavel, em tardes e épocas consecutivas, de Alfredo Tinoco. Ambos começaram como amadores, e ambos terminaram como artistas.

Depois que se retirou da arena, tem-se apresentado uma ou outra vez, simplesmente em corridas de caridade.

*

Francisco Carlos Batalha nasceu em Lisboa a 18 de fevereiro de 1841. Foi um cavalleiro valente até á temeridade.

Conhecia as regras da equitação como poucos, sendo educado n'esta arte pelo professor Antonio de Figueiredo, a expensas do marquez de Castello Melhor. No toureio teve como mestre João dos Santos Sedvem, de quem recebeu as melhores lições, e que tinha verdadeira predilecção pelo discipulo.

FRANCISCO CARLOS BATALHA

Valente como era, essa qualidade fez-lhe crear um *partido* de admiradores tão numeroso como especial, que o idolatrava, frequentando simplesmente as corridas em que elle tomava parte. Esse publico era o do *sol;* e ás vezes tão fanatico se mostrava pelo popular toureiro, que ultrapassava os limites.

Certa tarde, por exemplo, em que toureava no Campo de Sant'Anna com Mourisca, e cabendo a cada artista dois touros, os seus amigos e admiradores não consentiram que Mourisca lidasse o segundo que lhe pertencia, exigindo que fosse toureado por Batalha! Apesar dos protestos, os partidarios de Mourisca não conseguiram fazer respeitar o programma!

Batalha foi um cavalleiro distincto, de recursos e muito saber, mas tambem immensamente infeliz. Póde dizer-se que durante o largo espaço de tempo que exerceu a sua profissão, mesmo depois dos cavalleiros começarem a ter cavallos proprios, nunca teve

um animal verdadeiramente para toureio. Em compensação, não tinha duvida em montar o primeiro que lhe apparecia, e sahir com elle á arena! E quantas vezes o fez! De muito lhe valeu, para isso, os raros conhecimentos que possuia da equitação.

Uma doença cerebral pôz termo á vida do infeliz artista a 7 de abril de 1882, na casa que habitava nas Escadinhas de São Lourenço.

*

José Maria Casimiro Monteiro foi um cavalleiro habilidoso e elegante, digno companheiro de Manuel Mourisca. Nasceu em Lisboa a 8 de abril de 1850.

JOSÉ MARIA CASIMIRO MONTEIRO

Conscienciosissimo no seu trabalho, nunca procurando as palmas nos artificios mas simplesmente em fazer arte, todo o publico estimava e respeitava Casimiro Monteiro como a poucos, classificando-o de artista completo. Toureava muito *de cara* e aproveitava bem as *gaiolas,* e foi no seu tempo o cavalleiro que com mais precisão executou a sorte *á tira.*

Lidando a ferros curtos, acompanhava a opinião de Manuel Mourisca, o Mestre, empregando sempre um par de cada vez.

E' do conhecimento de todos o gosto que possuia na apresentação das suas montadas, chegando a reunir quatro riquissimos apparelhos de cortezias, bordados a ouro e a prata: isto só prova o amor que mantinha pela sua arte querida, adorando a carreira que seguira e de que era apostolo fervoroso.

Como n'outro logar dizemos, deve-se a Casimiro Monteiro a substituição dos antigos trajos de picaria, que os cavalleiros usavam, pelas vistosas e flamantes vestimentas de agora. Foi elle quem primeiro começou a usal-as, seguindo depois os outros o exemplo na adopção do trajo *á Marialva,* trocando as polainas pelas botas altas.

Casimiro Monteiro deixou de tourear ha muitos annos, em virtude da avançada edade e falta de vista.

*

Antonio Maria Monteiro foi um cavalleiro que teve algum renome, comquanto nunca chegasse a alcançar o grau artistico que na arte de Vimioso obteve seu irmão Casimiro Monteiro.

Muito destemido, chegando até a fazer alarde da sua valentia, Antonio Monteiro era dos artistas que annualmente mais corridas toureava.

Nas suas festas ar-

ANTONIO MARIA MONTEIRO

tisticas conseguia sempre fazer uma revolução no meio, taes eram as idéas mirabolantes que apresentava no cartaz para chamar concorrencia, sahindo-se geralmente bem succedido.

Antonio Monteiro nasceu em Lisboa a 13 de junho de 1850, vindo a fallecer de uma doença mental, no manicomio de Rilhafolles, a 5 de dezembro de 1888.

*

D'esse honroso grupo de cavalleiros que pisaram a extincta arena do Campo de Sant'Anna, é José Bento de Araujo actualmente o unico representante em exercicio.

Justamente consagrado pela critica e aficionados d'esse tempo, como ainda agora pelo publico que frequenta as nossas praças, José Bento soube sempre impôr-se pela valentia e desejos de agradar, salientando-se muitas vezes ao lado de collegas de superior categoria.

José Bento de Araujo obteve em todas as épocas grande popularidade, o que, junto aos seus meritos incontestados, fez com que alcançasse um bom logar entre os mais distinctos cavalleiros portuguezes.

Rijo como poucos, alegre na arena, possuidor de invejaveis faculdades apesar dos seus cincoenta e sete annos, pois nasceu em Lisboa a 16 de janeiro de 1852, José Bento é ainda dos toureiros que presentemente mais agrada e enthusiasma os publicos.

Como *piadista* é unico, fazendo ás vezes rir o publico a bandeiras despregadas, e correndo os seus ditos de bocca em bocca por largo espaço de tempo...

JOSÉ BENTO D'ARAUJO

*

Augusto Calhamar Pinto e Silva, mais conhecido pelo *Pintasilgo,* embora alternasse com os cavalleiros mais antigos e de mais nomeada da sua época, nunca chegou a salientar-se. Entretanto toureou muito, quer em Lisboa quer nas praças da provincia, e principalmente na do Porto e Santarem, das quaes por bastas vezes foi emprezario.

Calhamar nunca teve cavallos de toureio: ou os alugava quando tinha que trabalhar, ou, em casos de grande aperto, recorria á primeira feira, onde comprava uma ou duas montadas, para logo depois as vender.

CARLOS ABREU.

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.

AUGUSTO CALHAMAR PINTO E SILVA

O punhal do Destino

(Continuado do numero antecedente)

CAPITULO III

No lago

John Jessop achou que a Russia era um mundo de maravilhas. Tinha vindo na qualidade de mestre proficiente da lingua russa para ensinar inglês ao filho do conde de Kriloff. Pavel destinava-se á carreira militar, e assim como o conhecimento do idioma russiano é uma singular vantagem para todo e qualquer official inglês, do mesmo modo no país do Urso a lingua inglêsa era e é de não menos valor para o militar.

O seu novo viver encontrava mais de um attricto e feria os sentimentos de humanidade do joven licenciado de Oxford, mil vezes por dia, mas um salario principesco e a necessidade de fazer pela vida concorreram a attenuar-lhe os remorsos da consciencia, a principio. E não obstante, as horas não lhe corriam fagueiras. De noite, os vigias nocturnos gritavam em redor do Castello de Kriloff, quaes môchos, e Jessop sentia-se como se estivesse vivendo numa cidade sitiada. O servilismo vil dos serviçaes causava-lhe engulho, e quando elle tratava com vulgar civilidade o pessoal, o discipulo punha-se a olhar para elle de olhos espantados, ou então, o conde censurava-o abertamente pelas suas perigosas demonstrações de sympatia.

O proprio Nicolai Kriloff revelou-se-lhe como um individuo grosseiro, de curta intelligencia e cheio de defeitos hereditarios. Era beberrão, e quando já estava entre as dez e as onze, punha-se a entornar copo atrás de copo, brindando «o Knut» ou «a Siberia». Levava um viver em extremo solitario, por gosto, com predilecção pelos exercicios a ceu aberto, e pelas proezas de força physica e lances arrojados.

Havendo encontrado em Jessop um *sportsman* a par de um erudito, o conde affeiçoou-se-lhe, deixava-o caçar á vontade, e mais de uma vez lhe ordenou que deixasse em paz o menino Pavel e o estudo do inglês, pelo espaço de um dia, para entreter esse prazo de tempo na floresta ou a patinar na agua gelada.

Jessop era bom cavalleiro e sabia guiar um trem, atirava menos mal, e patinava com o sabido arrojo inglês, supposto lhe faltassem a destreza, o estylo e a gracilidade russianas. Durante esses dias de suéto o conde advertia o pedagogo do filho dos perigos dos seus principios liberaes, e ouvia com dissabor descripções de maneiras e costumes inglêses. Jessop, da sua parte, esforçava-se por encaixar o inglês na caximonia do menino Pavel, e debalde tentava fechar os olhos e o coração perante os actos de negra crueldade e de injustiça a que assistia a cada passo. Não estava á von-

tade, comtudo, e a consciencia não tardou em lhe ir fazendo umas feias perguntas.

— Mas não será possivel fazer ouvir a esta gente grosseira a voz da razão? perguntou, um dia, a suggestão, porém, foi mal recebida.

— Não sabe o que está dizendo, replicou Kriloff, em tom de desprezo. — Raciocinios para esta manada? Era o mesmo que querer persuadir a lua nova a nunca vir a ser lua cheia.

No recinto do parque dilatavam-se varias lagôas artificiaes para recreio da vista, mas um lago natural, no coração do bosque de abétos, era sitio predilecto do conde, naquella estação do anno. Percorria-o na seleia, saboreando immensamente as suas correrias naquelle magnifico lençol de gelo, até se aborrecer. Ali proximo havia uma choça de pescador, onde dois criados não tinham mãos de medir, durante as occasiões em que o amo vinha dar o seu passeio.

Tratava um do samovar, o outro da confeição dos bolos quentes. Em certa noite de janeiro, o conde de Kriloff postou um cento de homens com archotes, estabelecendo um circulo de fogo em redor do lago, e ao fulgido clarão que desenhava cobras e resteas de chammas a rutilarem no gelo, orlando com um reflexo rubro os sombrios pinheiros circunfusos, Nicolai Kriloff, o filho e Jessop patinavam solemnes dando voltas e viravoltas, ao passo que uns duzentos olhos sombrios lhes iam seguindo as evoluções, por baixo dos archotes, em profundo silencio. O professor, conhecendo o seu patrono e familiar com o facto de mais de um mujik, dos que estavam presentes, haver padecido cruelmente ás suas mãos, maravilhava-se ante a ausencia de receio com que elle assim se collocava á mercê do inimigo, mas tinha ainda que aprender que o camponês eslavo, comquanto possa ter aspecto de tigre, na essencia apresenta muito mais afinidade com o animal a que chamam preguiça.

Entre os que erguiam no ar os archotes achava-se Stepan Trofimitch, e Jessop lembrava-se d'elle. Ao voltear sósinho pelo gelo parou ao pé de Stepan, e a pretexto de lhe pedir lume para accender o cachimbo, dirigiu-lhe umas breves frases.

— Chega-me o seu archote, amigo? Espero que já esteja bom da cara.

— Já estou optimo, meu senhor.

— Estimo, estimo.

— Ahi vae lume, meu paezinho. Não, que eu mereci as vergastadas. E' assim que o pae castiga o filho para seu bem.

Jessop ficou boquiaberto.

— Por Jove! exclamou. Visto que se declara satisfeito, mal me cabe a mim lastimá-lo.

— Tem razão, meu paezinho. Lastime antes aquelles que tem uns servos tão ruins. Desses é que deve ter dó.

A fisionomia inerte e os olhos injectados do mujik faziam lembrar uma esfinge, com a mesma expressão e a mesma vida que podia manifestar qualquer imagem talhada na pedra. O inglês assobiou e rodou por ali fora nos patins. Resolveu arredar da memoria o Stepan, mas dali a dois dias rememorou-se-lhe de modo nada agradavel a existencia do camponês.

Succedeu, pois, andando elle a patinar com o conde, naquelle silencio perfumado que reina nos pinheiraes, até no proprio inverno, tanto elle como o companheiro acharem-se a pique de perder a vida. Kriloff seguira até os confins da lagôa, e o inglês não lhe ia longe, eis que o outro, que levava a dianteira, olhando por acaso para uma balsa de caniços, distante umas cinco braças, feriu-lhe a vista o brilho acerado do cano de uma espingarda a luzir por entre as folhas.

Estacou com magica brevidade, e o haver parado de chofre foi a sua salvação, visto como, no acto de bater com os calcanhares, a explosão de uma caçadeira ecoou vezes repetidas na floresta, esfuziou do canavial um jacto de lume, e uma bala veiu despedaçar a pelle de castor no peito da pelliça de Nicolai Kriloff. A bala, posta de infusão por Stepan desde a madrugada numa concha de agua benta, afim de voar mais certeira, silvou a uma jarda de Jessop, e este, ao voltar-se, enxergou fumo a pairar acima dos caniços, entreviu de relance o vulto de um homem alto a escoar-se veloz por entre as balsas, e ouviu o conde levantar a voz, clamando, frenetico, já por elle já pelos servos que estavam na choça do pescador.

— Um assassino! Um facinora!

Bondade Divina! Uma polegada mais para a esquerda e era um homem morto! Monsieur Jessop! Ivan! Arkady! Elle lá vae a

fugir por entre os pinheiros. — Persigam-n'o, depressa! Mil rublos ao homem que o agarrar e m'o trouxer vivo aqui.

Os serviçaes já tinham avaliado a situação e deitado a correr, ao passo que Jessop, cujos patins eram de aço e não se descalçavam com facilidade, assim que se viu livre d'elles, incorporou-se na montaria. Tomou a dianteira á criadagem, viu então um vulto alto, desingonçado, na sua frente, e correu a dar-lhe caça em carreira desapoderada. O Stepan Trofimitch, comtudo, apezar de ter arremessado de si a espingarda, não era homem para se medir na carreira com o nosso inglês. Em menos de cinco minutos Jessop avantajara-se-lhe umas trinta jardas, ganhando terreno a cada escanchada. Ao mujik não escapou esta circunstancia, e conscio de que outros lhe vinham na trela, desistiu de mais esforços para se escapulir, estacou e voltou-se para trás.

— Entrego-me, exclamou. O destino assim o quer.

— Entregas-te, malvado! Pudera não te entregares, offegou Jessop. E agradece á tua boa estrella se não fôres bailar a uma forca.

— Não, que elles não nos inforcam, respondeu o outro. Era uma morte misericordiosa demais.

Foram chegando os serviçaes, improvisaram umas algemas, e dali a dez minutos Stepan Trofimitch lá ia a caminho do castello de Kriloff com uma escolta de quatro homens. O conde cuspira-lhe na cara assim que o teve ao alcance, acapelando-o de prometimentos qual delles mais barbaro e de pragas e vituperios; todavia, no regresso á residencia, conteve-se na presença de Jessop e expôs-lhe as suas intenções.

—Temos luras para ratos daquella casta em Kriloff, e ali o mandarei encaixar até que dê parte ás autoridades.

— O Estado tomará conta deste desventurado? perguntou Jessop.

O conde Kriloff guardou silencio por instantes, e depois, respondeu:

— O Estado, pois então?

E não obstante, ao entrarem no castello por uma porta escusa, que abria para a floresta, o professor ouviu uma ohservação feita aos criados, Ivan e Arkady, que não era destinada a ser ouvida por elle.

— Levem-no para a masmorra, e que ninguem neste mundo saiba o que aconteceu ou que se acha aqui. Se a verdade transpirar, arranco-lhes a lingua a vocês todos.

CAPITULO IV

O knut

Aquella noite, quando Ashinka adormeceu, o clarão dos archotes abrasava as gelidas paredes de um recinto escondido nos alicerces do castello de Kriloff, e ali, três homens metiam a tormentos outro homem. Stepan Trofimitch soffria como só uma constituição de ferro podia soffrer e aguentar.

Administravam-lhe o knut com tremenda severidade, acorrentado n'uns grilhões ferrugentos, que se não haviam cerrado sobre carne humana desde a emancipação dos servos, e para ali o deixaram sósinho, estirado no lagêdo da gelida masmorra. O carcere tinha ingresso através de um alçapão aberto no tecto, donde se descia por uma escada de ferro.

Um espiraculo estreito aberto em talude na grossura da parede dava passagem ao ar exterior e a uma tenue claridade nas horas do dia.

A neve e a saraiva varejavam o interior, e o inverno já tinha enfiado uns dedos longos de gelo para dentro do ergastulo. Este era todo de cantaria, e as proprias fungosidades, lividas e semi-geladas, que vestiam as paredes, estavam recamadas de gelo. De dia, um clarão tristonho, crepuscular, contornava as traves do tecto baixo. Pendiam da parede uns fortes grilhões, e a um delles estava prêso por um circulo de metal cerrado em volta da cintura Trofimitch, como um cão de fila no canil. Ali, com um pedaço de pão negro, uma bilha de agua, e roupa sufficiente para o não deixar morrer de frio, jazia o desgraçado no extremo da tortura. Tinha as costas laceradas dos açoites, e os membros entanguidos de frio e de caimbras.

Uma pouca palha, nem tanto como um feixe, fôra espalhada no lagêdo afim de atenuar a gelida rijeza do chão.

John Jessop ignorava tudo isto, mas dali a dois dias, uma mudança nos modos do seu patrono dispertou-lhe surpreza e desconfiança.

O conde estava ausente horas e horas, e mais taciturno do usual. Bebia-lhe bem, todas as noites, e uma vez por outra referiu-se ao castigo reservado para seus inimigos. Com respeito ao Stepan Trofimitch, dissera elle ao professor que o assassino estava aguardando as autoridades, e duas manhans a seguir manifestou surpreza por não ter vindo ainda a escolta para o transferirem de Kriloff. Ao mesmo tempo, insistia no pedido a Jessop de não abrir boca ácerca do assunto, a quem quer que fosse.

Uma manhan, comtudo, com grande espanto do inglês, veiu á teia o assunto, por parte do menino Pavel, ás horas da lição. Tambem elle tinha conhecimento da secreta prisão de Stepan, e a tinha visitado. E agora, com gaudio infernal, narrou os actos de atrocidade, encobertos aos ouvidos do professor.

AHI TENS! TOMA LA!...

— Vou-lhe contar tudo para o fazer rir, visto que foi o senhor quem o prendeu — aquelle cão queria matar o meu pae. Gostava de que o visse aos pulos, a esticar os grilhões, tal qual uma pulga muito grande. Mas como é coxo, só pode pular com uma perna.

— Mas por que é que elle pula? perguntou Jessop a sentir o sangue a subir-lhe á face, e voltando-se de lado para o encobrir.

— Pula que nem uma pulga, digo-lh'o eu. A cadeia tem seis pés de comprimento, meu pae planta-se-lhe fora do alcance, e vae-o zurzindo e vituperando até elle se ir abaixo e tentar arrancar o lagedo do chão, com as unhas.

E eu, uma vez por outra, tambem lhe atiro a minha chicotada. Os olhos injectados quasi que lhe saltam da cara para fora e a mim dá-me vontade de rir. Se os soldados se demoram não é elle que dura muito tempo.

— E quando é que os esperam?

— Só meu pae é que o sabe. Aquella gentalha lá de Ashinka cuidam que o rato está morto. Ninguem suppõe que se acha aqui.

Aquella noite, Jessop, disposto a arrostar o perigo, fosse elle qual fosse, seguiu os passos do conde quando este sahiu do bilhar, cerca de duas horas depois do jantar. Tomara a resolução, se acaso isso estivesse em seu poder, de investigar qual a situação do encarcerado, e, com a quasi certeza de que Nicolai Kriloff visitava todas as noites aquelle desventurado, foi-se escoando escada abaixo pelos extensos corredores, ao clarão da vela que ia na dianteira. Dormia tudo no castello, e Jessop apenas receava que lhe sentissem as passadas. Tal não succedeu, comtudo, e atentando bem no caminho percorrido, o mancebo foi andando com toda a cautela. Até que, num angulo abrupto, depois de haver descido inumeros lanços de escada, ouviu parar o conde e viu-o ajoelhar, deitar ambas as mãos a um argolão de ferro, e puxar para si o alçapão. A pesada tampa da masmorra caiu no chão com fragor, e Kriloff, pegando no castiçal,

desceu a escada e encontrou-se frente a frente com a sua preza.

O nosso inglês, á escuta cá em cima, ouviu um gemido e uma gargalhada. Depois, a voz do prisioneiro, estridula, no silencio da noite, a subir da cava, e Jessop, rojando-se até a abertura, pôs-se á escuta.

— Em nome do Ceu, põe termo á minha miseria! Eu quis matar-te, mas não ás polegadas. Tem dó dos tormentos da fome e do frio, que me alanceiam, e destas carnes laceradas.

— Vil rebutalho da vida! Até que te does, e ganes para ahi como um cão que és! Colhe o que semeaste, Stepan Trofimitch. Não receies que eu te roube a morte a que tens jus. Mas só has de morrer quando eu quiser e o julgar conveniente, e não por teu alvitre. Até lá ensinar-te-ei ainda umas prendas para levares para o outro mundo. Salta, cão, dansa!

Jessop ouviu restralar um chicote, uma cadeia a ringir com violencia, e um berro de dôr.

— Uiva, lobo que querias estarrinçar-me a guela; uiva e range os dentes! Assim mesmo! — Que haverá que não mereça o homem que tentou assassinar seu amo?

— Se és um homem e não um demonio, entrega o caso ao juizo dos homens! O ente mais infimo tem direito á justiça! Em nome da tua salvação, entrega-me á justiça, e ella que faça de mim o que intender.

— Espera por isso, amiguinho; para ti a justiça sou eu. Quem melhor do que eu avaliará o que mereces? O nosso codigo penal ignora a pena de morte, e desperdiça pão ás tonneladas com uma cáfila de sevandijas que melhor estavam debaixo da terra. Não consinto que me levem para a Siberia o meu urso bailarino. — Ahi tens! Toma lá! E' para aqueceres esta noite!

Ouviu-se um rugido furibundo, tal qual o de uma fera raivosa, e o tilintar de ferros patenteando que o desgraçado tentava despedaçar os grilhões.

E o conde, á gargalhada.

— A ferrugem tem comido esses grilhões um tudo nada, mas ainda assim, são rijos o bastante para prender patifes como tu. Mais depressa farás desabar-te o castello de Kriloff em cima do toutiço do que arrancar esse argolão da parede. Passa bem, até ámanhan.

Gemeu a escada e Jessop escoou-se nas revas. Tinha estudado atentamente o caminho, e quando o conde voltou ao bilhar já ali o encontrou.

(Continúa.)

Versão do inglês de Manuel de Macedo.

QUADRO DE ANTONIO CARNEIRO

Louvor do Ar

(EXCERPTO)

...Muitas vezes o Ar é tragico... E ha dias
Em que, prenhe de força, inquieto de energias,
Ardente e poderoso,
Traz-nos ao sangue quente o desespero, o gozo
De luctar, de vencer, de matar combatendo.
Ah! seguir simplesmente este ideal que accendo
Dentro do coração ou diante do olhar,
Não ver mais nada, ser uma seta a voar
Para um alvo constante, um desejo fiel!
Calcar aos pés quem o macule, ser cruel
Para quem, sob a marcha altiva da corrida,
Morre e julga talvez que tem direito á vida!
Beber a agitação que no silencio paira,
Ter a febre que exalta, a ambição que desvaira,
E quando a tempestade estalar, uivando,
Relampejando, trovejando, soluçando
No seu desatinado e pánico alvoroço,
Sofrea-la, a espumar, como um cavallo moço
Cujas redeas de fogo apertamos na mão,
E por que é sempre fraco o sonho mais divino
Ante um destino adverso ao nosso coração,
Brandi-la, despenha-la — e esmagar o Destino!

Assim o Ar nos alucina e exaspera,
Ar tragico, onde a vida é aspera e severa,
E tão forte que lembra o receio da Morte!
Depois, como se a alma acaso não comporte
Um desejo tão grande, um amor tão fremente,
Como se fica doloroso e descontente...
Mas ao menos viveu-se uma hora completa,
Foi-se claro e viril, foi-se heroe ou poeta,
E fez-se ouvir emfim, invioladamente,
Sobre a Terra, que a vence, e as mentiras, que a somem,
Essa contida voz da anciedade do homem!...

Setembro de 1909.

João de Barros.

A disciplina escolar e o castigo

I

Disciplina e educação

Os psychologos e os pedagogistas modernos, quando tractam de castigos, affirmam, em regra, que *elles não educam.*

Essa conclusão produziu uma corrente contraria á applicação do castigo. Se a escola tem por fim educar, e o castigo não educa, para que serve elle? Deve eliminar-se da escola, pelo menos, como inutil.

No entretanto essa guerra ao castigo é injustificada, e deriva da lementavel confusão de dois termos: *disciplina* e *educação.*

Os discipulos de Herbart (Roehrich) parece terem collocado a questão em termos. Comprehenderam que o castigo não se dirige directamente á *educação;* o seu fim é a *disciplina* na escola.

E distinguem com cuidado a educação e a disciplina.

A disciplina refere-se ao comportamento do alumno na aula. Tem por fim reprimir e punir a desobediencia, a falta de respeito ao mestre, á escola e aos regulamentos escolares, e o abuso do poder e da força exercida contra os camaradas. Caracterisa-se pois pela exterioridade da sua acção. Attende ao presente e não ao futuro da creança, e está subordinada ás circumstancias do momento.

Outro é o caracter e o fim da educação. Propõe-se formar o caracter, actua sobre o espirito e a alma do alumno, tende ao desenvolvimento da intelligencia, do coração e da vontade.

A educação forma o caracter, operando sobre a alma; a disciplina procura obter a ordem exterior, necessaria para o conseguimento daquella.

Portanto, sendo differentes os fins, differentes são os meios. O castigo pode não produzir effeito, quando com elle se pretende educar; mas dá resultado, quando com elle se pretende disciplinar E, dando resultado, qual o castigo que mantem a disciplina, sem preverter a educação?

II

Necessidade da disciplina

A actividade infantil é naturalmente turbulenta e desordeira. A creança não domina nem reprime as suas inclinações naturaes hereditarias e adquiridas. Não se moderando essa turbulencia instinctiva, reinaria a desordem na escola e na familia. A acção do mestre seria impossivel e a educação não se daria.

E' este um facto que todos conhecem por observação pessoal.

Além disso já desappareceu a crença de que a creança é naturalmente bôa. Pelo contrario as suas tendencias são em regra contrarias ao livre desenvolvimento do estado normal.

Por conseguinte aos pais e aos mestres compete primeiro que tudo restabelecer a ordem exterior na familia e na escola, moderando e reprimindo a actividade infantil, sempre que o reclamem os interesses do ensino e os da propria creança.

E' esse o fim da disciplina. Mas os castigos disciplinam?

III

A disciplina e os castigos

Não falta quem condemne absolutamente os castigos, quaisquer que elles sejam. A disciplina deve conseguir-se pelo amor, pelo affecto e pela caridade.

E Tolstoi chega a excluir da escola a disciplina, porque disciplinar e educar é funcção da familia. O fim da escola para o grande revolucionario russo é *instruir* a creança, quando *ella queira instruir-se.*

A doutrina de Tolstoi no estado actual pelo menos é inacceitavel. A sociedade impõe á escola a obrigação de educar e de instruir. E, competindo-lhe essa funcção, forçoso é reconhecer que deve disciplinar.

Que os castigos disciplinam, é um facto incontestavel verificado pela observação de todos os dias. Sempre que se constitue uma associação de homens, adopta-se o castigo como meio disciplinar para corrigir faltas e desmandos. Pode a forma do castigo variar; mas com elle a associação não consegue os seus fins.

Disciplinando, o castigo educa indirectamente. No principio é penoso para a creança reprimir-se. Com o tempo esse estado penoso desapparece ou atenua-se. Supprime-se assim a manifestação prejudicial da actividade, e adapta-se o individuo mais perfeitamente ao meio e ás circumstancias em que tem de viver. Ora educar é crear inclinações e habitos que preparam o homem para uma vida mais intensiva e mais expansiva.

Mas esse resultado é só *indirecto*, porque o fim do castigo não é educar, mas disciplinar.

IV

Os castigos na legislação escolar

Na pedagogia acceita-se a necessidade do castigo para obter a ordem e a obediencia. Mas existem divergencias quanto aos meios que devem empregar-se. O delicado e amoravel Guyau chega até aos castigos corporais; d'Amicis não vai alem da expulsão da escola. Locke, apezar de inglês, recordando as violencias dos seus mestres, condemna os meios disciplinares rigorosos e energicos, por que humilham a creança, e tornam-na servil, dissimulada e hypocrita.

Modernamente ha quem defenda a doutrina de Locke, appellando para os meios disciplinares suaves, e reputando perigosos todos os outros. A questão é delicada pela facilidade de se confundir disciplina e educação. Esquece-se que o que pode servir para educar, é muitas vezes inutil para disciplinar e reciprocamente.

Quaes os castigos que, disciplinando, não affectam nem prevertem a educação?

O que é certo, é que a disciplina é absolutamente necessaria; e, para a conseguir, não se deve recuar perante os meios reputados indispensaveis.

*

As nações latinas aboliram dos seus regulamentos escolares o castigo corporal, e só admittem como meios disciplinares a que o professor pode recorrer, os seguintes: a *admoestação,* a *reprehensão,* a *privação do recreio,* a *detenção na escola,* a *suspensão temporaria de frequencia*, e a *expulsão.*

A suspensão e a expulsão applicam-se só aos casos de *excepcional gravidade*. Quais são esses casos? A falta de respeito ao professor e á escola? Offensas aos companheiros? Nenhuma dessas faltas parece um motivo sufficiente que justifique a adopção de medidas tão graves.

Applicam-se essas penas aos que pela sua má conducta se mostram *refractarios á acção educativa da escola?*

Mas elles não podem influir em creanças com tal organização. Geralmente não comprehendem por que é má a sua conducta, e porisso não reputam justa a medida tomada contra elles.

E com que direito se expulsam da escola os que mais precisam da educação? Os partidarios dos castigos corporais aproveitam este facto para justificar a necessidade de introduzir novamente na escola esses processos disciplinares.

Todavia se o alumno é refractario á

acção educativa da escola, não serão os castigos corporais que poderão exercer sobre elles influencia efficaz.

Por outro lado não se deve conservar na escola o alumno com tais tendencias, por que essa conservação representaria um grave prejuizo para todos os camaradas.

Comprehendendo tal situação, os paises cultos saíram da difficuldade creando os cursos de anormais.

*

A *detenção* na escola e a *privação do recreio* deveriam ser abolidos. O recreio é necessario quer como descanso do trabalho da classe, quer como medida hygienica. Alem disso contraria-se a natureza infantil, sempre disposta ao movimento e ao exercicio, e prejudica-se o organismo do alumno.

O mestre que os usar, só o deve fazer em casos muito raros, e quando sejam a consequencia logica das faltas commettidas, isto é: a *detenção,* quando o alumno entrou mais tarde na aula, e a *privação do recreio,* quando o alumno não fez em casa os exercicios dados pelo mestre.

Todavia o mestre privado d'outros meios de correcção usa desses castigos fóra dos casos designados, o que é mau systema, porque a creança não vê a relação entre a pena e a falta commettida; e o fim desejado só se alcança, quando essa relação é percebida, isto é, quando se sente a justiça do castigo.

*

Nos nossos institutos de ensino estiveram em uso os *pensums'* que creio terem desapparecido das nossas escolas. Todavia na Allemanha e na França tem se usado com frequencia desse processo selvagem de castigo. Numa e noutra nação começou uma campanha activa contra o emprego desse meio disciplinar. E o Ministerio da Instrucção Publica em França reprova-o em absoluto, admittindo apenas como *pensums'* os exercicios destinados a corrigir as faltas commettidas, ou a rectificar os erros de calculo.

Quando a surmenage está preoccupando todos os que se interessam pelo ensino, o uso dos *pensums* chega a ser brutal. O que lucra o alumno quando o professor o obriga a escrever muitas vezes a mesma phrase? Basta o simples senso commum para eliminar das escolas tal systema.

V

Os castigos corporais e a pedagogia

As nações germanicas e anglo-saxonicas conservaram os castigos corporais nas escolas; mas reduzem-nos ao minimo, e tentam prevenir os abusos por uma regulamentação severa.

Fitch, numa conferencia feita na Universidade de Cambridge, disse: «O castigo do corpo por certas faltas é o castigo disciplinar da Natureza. Não humilha as creanças de pouca edade, nem está em desaccordo com o desenvolvimento mental e moral. Não é o castigo que humilha, mas a falta.»

Admittindo porem os castigos corporais, como «ultimo recurso do mestre», reserva-os só para casos de excepcional gravidade, «para castigar os vicios, para punir actos moralmente degradantes». Por gosto o professor inglês nunca consentiria os castigos corporais, e muito menos a sua systematisação. Tolera-os como um *mal necessario.*

Nesta defeza dos castigos corporais está a sua condemnação. Recommenda aos mestres que nunca imponham esses castigos sob a influencia da paixão ou da colera. Mas como conseguir do professor essa serenidade e essa frieza? E, quais os vicios e os actos degradantes que é preciso punir com elles?

Na impossibilidade de resolver esses casos não permitte a «existencia de nenhuma lei exterior que limite neste ponto a auctoridade do mestre».

E os abusos?

*

Herbart, o eminente pedagogista allemão, não crê que seja possivel renunciar completamente aos castigos corporais, mas quer que «sejam applicados raras vezes, pois que devam influir mais pela possibilidade da applicação do que pela propria applicação».

Roerich, discipulo de Herbart, referindo-se aos castigos corporais, diz que quizera não ter necessidade delles, mas que «parece difficil abolí-los completamente nas localidades onde a rudeza dos costumes oppõe á disciplina difficuldades invenciveis».

Vê-se pois que a escola herbartiana, se bem que acceita os castigos corporais, como ultimo recurso, tem mêdo de os aconselhar claramente, e queria não ter necessidade d'elles. E acceitando-os, deseja que elles influam apenas *pela possibilidade da applicação.*

Essa hesitação provem dos abusos a que esses castigos dão origem, e de que elles, disciplinando, prevertem a educação do alumno.

*

Alexandre Bain, illustre psycholcgo inglês, concordando em que a palmatoria e a vara inspiraram em todos os tempos um terror salutar, mostra-se um pouco sympathico a essas penas. «Os castigos corporais, quando a lei os sanccione, *devem vir no fim da lista.*»

Accrescenta que ha castigos, como os *pensums,* a detenção na escola, a privação do recreio, mais intoleraveis do que a palmatoada e a varada; mas nenhum, como o castigo corporal, é *mais susceptivel de abuso nem tão embrutecedor.*»

Bain ainda observou o principal inconveniente educativo dos castigos corporais, quando diz que «o menor delles deve ser considerado como uma verdadeira *deshonra* para aquelle que o applica e para aquelle que está obrigado a presenciá-lo».

*

A psychologia infantil não é conhecida Prematuro é pois tentar formular um systema de castigos escolares. Ha elementos para justificar a condemnação de alguns, como são os *pensums;* mas falham para organisar um systema scientifico de disciplina escolar.

Devem condemnar-se os castigos corporais? Resposta difinitiva não se pode dar ainda no estado de empirismo em que se encontra a psychologia e a pedagogia. Mas o mais prudente será mantêr a condemnação, pelo menos provisoriamente. Ha um argumento a que se não resiste, é *o abuso.* Na Pruscia o governo, sob a pressão da opinião publica, viu-se forçado a pronunciar-se severamente contra o abuso dos castigos corporais. E regulamentou de tal forma a applicação desses castigos que podem considerar-se como abolidos de facto. A applicação constituirá uma excepção muito rara.

Verifica-se ainda que os que defendem os castigos corporais, se vêem seriamente embaraçados, quando pensam na forma de reprimir os abusos; sentem a necessidade duma regulamentação severa e apertada; reconhecem que não é facil punir as infracções do mestre.

Com tal regulamentação e com tais cautellas, o mestre deixará de os applicar, como fará no futuro o professor prussiano, obrigado a communicar aos seus superiores e a justificar todas as punições que impõe.

O problema porem da disciplina escolar só terá uma solução positiva, quando a pedagogia assentar em bases solidamente scientificas, e quando as familias comprehenderem que devem cooperar com o mestre na obra educativa da escola.

Na Inglaterra, o país classico dos castigos corporais, foi Locke no seculo XVII o primeiro que contra elles se revoltou. Actualmente os ingleses ainda os não aboliram por completo, mas reduziram-nos ao minimo; e, como o aconselhava Locke, reservam-nos para os casos de obstinação irreductivel. Em todo o caso previne-se o abuso por uma regulamentação minuciosa.

Vê-se pois que a tendencia não é para o restabelecimento dos castigos corporais, mas para a sua abolição completa. As nações latinas adiantaram-se neste ponto ás nações germanicas que reconhecem presentemente a necessidade de limitar a applicação desses processos disciplinares, por forma que se podem dizer de facto supprimidos.

MARQUES MANO.

Queremos marinha de guerra

Sobre a defeza maritima de Portugal um collega d'esta cidade, a *Illustração Portugueza*, publicou ha dias um artigo que, diz o seu auctor, não teve outra intenção que não fosse attrahir o interesse e a attenção do publico para aquelle problema, que classificou de vital para a nossa nacionalidade.

De ha muito que estamos acostumados a advogar a causa da marinha de guerra portugueza, que carece de uma absoluta e completa reorganisação, não só no que respeita á constituição da armada, como pelo que importa aos estabelecimentos e instituições que com ella se ligam e são seus auxiliares ou complementos.

N'estas circumstancias, não seremos nós que deixaremos de corresponder ao appello do collega, e, envergando a nossa armadura, nos aprestamos para o combate, porque entendemos ser um dever de bons patriotas, e á luz da historia, virmos para a estacada pelejar com denodo, contra os infieis que persistem em não olhar para os mais vitaes interesses do paiz.

Basta lançar os olhos para um planispherio, onde esteja representado o territorio metropolitano, os seus dominios e os paizes de colonias portuguezas de livre immigração, para nos convencermos de que, acima de tudo, é indispensavel e de uma urgente necessidade possuirmos, como elemento primordial da nossa defeza e do prevalecimento da nossa alliança, uma armada adequada á nossa situação internacional e que possa attender e manter esses dominios, valorisando-os como bases de operações e pontos de appoio, garantindo essa alliança que deixará de ser gravosa tutella, para ser incomparavel e mutuo auxilio.

Effectivamente, apezar de muito havermos perdido dos nossos dilatados dominios, ainda conservamos, talvez por insufficiencia de conhecimentos dos que os retalharam, excellentes posições no Atlantico e no Indico, cujo valor os nossos homens publicos nem sequer ainda comprehenderam, não sabendo por consequencia retirar da nossa situação internacional o partido a que temos o maior e mais completo direito.

Essas posições, devidamente preparadas, armadas e bem fornecidas, são de um inestimavel apreço e por si base de um tratado de alliança completa com a Inglaterra, que teremos de fazer, ou pelo menos de renovar por meio do conveniente instrumento diplotico, previamente bem ponderado, porque boas palavras e melhores promessas de nada valem.

A unir essas posições, essas partes do Reino de Portugal, escrevia-se em 1906, no numero de agosto da *Revista Portugueza Colonial e Maritima*, «a unica estrada é o mar, que une tambem todos os continentes, e para percorrer esse vastissimo traço de união não existe outro meio senão o da navegação, e para que esta se faça são precisos os navios. Navios de commercio para realisarem o trato mercantil de uns para outros territorios, entre as proprias colonias e entre estas e a metropole; navios de guerra para policiarem, protegerem e defenderem aquelles, garantindo a autonomia a esses territorios, onde a raça portugueza e a sua descendencia exerce a sua actividade».

Pela falta d'estes meios de protecção e de defeza temos bem frisantes exemplos, até re-

centes, de retaliações de territorios, como os de Suafo e Kionga.

E se, entre as posições apontadas atraz, existem as de alto coefficiente estrategico, torna-se mais necessario, indispensavel mesmo, collocal-as na situação de se poderem devidamente utilisar, sob o ponto de vista militar naval. Os depositos de abastecimento geral, os meios de reparação maritima e os de defeza efficaz, são tudo o que de mais sensato existe para o auxilio do que se chama o dominio do mar. Navios de esquadra, sem estas bases devidamente municiadas, seriam quasi uma inutilidade, ou então as esquadras deviam acompanhar-se de navios depositos de mantimentos e de carvão, navios hospitaes e navios officinas, o que as tornaria deveras pesadas, difficultando-lhes os movimentos.

No Atlantico norte, centro onde se pódem derimir graves questões navaes, possuimos magnificos pontos de appoio para a armada nacional e para bem servirmos a nossa alliada. E', porém, preciso, como alludimos, valorisal-os, municiando-os e defendendo-os com obras de efficiencia fixas e moveis. Esses pontos são constituidos pelo porto de Lisboa, pelo da Horta e pelo de S. Vicente de Cabo Verde,

O POLYGONO ESTRATEGICO LUSO-INGLEZ NO ATLANTICO NORTE

Se, na hypothese que desejaremos ver confirmada pelo diploma internacional a que acima fizemos referencia, de alliados da Inglaterra, combinarmos aquelles tres vertices com os de Plymouth e Halifax, teremos um po-

lygono estrategico luso-inglez de um preponderantissimo valor, a que não será extranho Gibraltar.

N'esta rede estrategica os Açores teem uma importancia capital, e Lisboa será um centro de operações de grande magnitude. Isto é, são dois portos portuguezes que, só por si, são penhor da nossa alliança e a sua maior garantia, quando se dotem convenientemente com as defezas fixas e moveis que a sciencia e a estrategia aconselham.

Não faltam a um e outro lado do Tejo, junto da sua foz, as situações que a orographia do terreno indica para a construcção de baterias de peças de furar couraças e de morteiros raiados, para atirarem sobre os navios inimigos que pretendam forçar o Tejo.

As baterias de Alpena e da Raposeira, devem desalojar a esquadra que, ao sul do Bugio, pretendesse bombardear a parte occidental de Lisboa; mas, para que tudo isto se faça, urge que o artilhamento de todas essas obras seja apto para bater esses navios de fortes couraças e de poderosa artilharia e que o serviço das baterias seja efficiente em justeza de tiro; o que sem pratica se não adquire por maior que seja a pericia dos officiaes.

E será só isto o indispensavel?

Decerto que não!

As defezas submarinas, fixas e moveis, são egualmente necessarias, como são precisos os torpedeiros, os *destroyers* e os couraçados de defeza.

O que se diz para Lisboa exige-se, guardadas as devidas proporções, para os demais pontos de appoio a nosso cargo.

A conservação d'estes pontos de appoio, só por si, impõe a necessidade de mantermos uma marinha de defeza activa, e a nossa alliança com a Inglaterra não menos o impõe tambem, porque para ella, que tão vastos dominios tem a defender, tão extensas linhas de communicação commercial a proteger, seria um encargo a mais, se ainda tivesse de, a nós mesmos, nos vir egualmente defender.

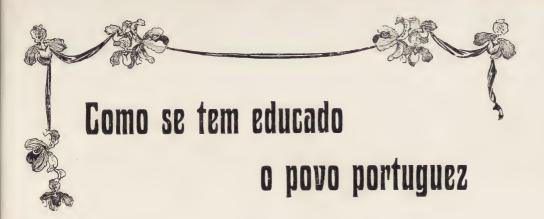
Em tal caso decerto nos abandonaria, pois lhe corria o dever de primeiro se defender a si propria.

Suppôr que não necessitamos de marinha de guerra, por que a Inglaterra nos hade soccorrer, é pôr-mo-nos n'uma situação que a historia do nosso paiz, de tantas tradições e feitos maritimos, aos quaes deveu a sua grandeza, não póde consentir.

Volvamos os olhos para o passado em que fomos grandes e respeitados, exactamente por que possuiamos uma marinha activa, e lembremo-nos que é assombrosa a extensão maritima das nossas colonias, recheadas dos mais bellos portos do mundo, alguns dos quaes são hoje testas de linhas ferreas de grande penetração continental e que, perante os perigos que impendem sobre o nosso torrão metropolitano, não devemos hesitar em applicar, de preferencia mesmo, á marinha de guerra, de que tanto carecemos, as verbas para a sua reorganisação.

Mas que isso se faça com o attento estudo de um plano para a sua reconstituição, assentando-se no que ella deva ser e para que a queremos, encarando o problema em face da nossa situação internacional, das nossas necessidades do paiz colonial e de grande fornecedor de mão d'obra para os paizes da America. Das colonias, principalmente das do Oriente, e com estes paizes, é que nos pódem surgir difficuldades, para que precisamos de estar preparados.

Não termos sequer, ao menos, uma unidade naval que seja, para appoiarmos uma simples reclamação diplomatica, é uma situação deploravel e humilhante de que urge sahir e para o que appellamos para o coração e energica vontade do povo portuguez.

Como se tem educado o povo portuguez

A SOLUÇÃO D'UM GRAVE PROBLEMA

I

Os antecedentes da instrucção popular

A instrucção primaria em Portugal ainda hoje não cede a um plano preestabelecido e grande, com um alto e reflectido fim. A sociedade portugueza não creou um ideial conducente a um destino ou fim sufficientemente apprehendido.

A ideia da educação integra e democratica das nações é relativamente nova (1). A civilisação classica pôde crear historiadores didacticos como Herodoto ou Tito Livio, poetas como Homero ou Vergilio, oradores como Demostenes ou Cicero, philosophos como Aristoteles ou Marco Aurelio. Mas para elles a humanidade não vivia una e evolucionaria pela democracia e pela liberdade, pela instrucção popular e pela correlação dos espiritos. O christianismo chamou ao espirito de caridade e fraternidade todos os povos; mas com o idealismo theogonico não tratou de resolver os problemas economicos da producção e do consumo da riqueza; não cuidou em resolver os problemas politicos da soberania das nações e da organisação dos Estados; não cogitou na solução da educação integra dos filhos de Deus, como Jesus Christo aliás chamou a todos os homens, sem distincção de sexos, de castas, de nações ou de classes (2).

(1) Archinard — *Histoire de l'instruction publique dans le Canton Vaud.*
(2) Saffroy et G. Noël — *Les ecrivains pedagogues de l'antiquité.*

Foi todavia a civilisação christã a origem da democracia moderna e das escolas pedagogicas que preconisam o ensino popular, só vulgarisado depois de Pestalozzi. Realmente os chinezes e os indios, os egypcios e os arabes, como os gregos e os latinos, conheceram as vantagens da instrucção e reconheceram a necessidade da educação. Mas viveram fragmentados em castas, em familias, em *clans,* e só os privilegiados entre elles sabiam ler. Os sacerdotes, para conhecerem os livros sagrados, careciam da habilidade de saber ler. Os outros não tinham tal necessidade; eram pastores, caçadores e agricultores. O commercio trouxe a necessidade de saber ler e escrever (1).

Foram os iberos e os seltas pouco propensos a fixarem-se á terra; depois tambem os mouros, os godos e os arabes tenderam á vida associativa com prejuizo da educação do *Self-help*.

No seculo XII, quando se foi constituindo a monarchia portugueza, quando a população se foi fixando em aldeamentos juncto ás quebradas das montanhas, nas planicies ferteis, na proximidade dos cursos fluviaes, juncto ao melhor littoral, sob a protecção d'um convento, ou d'um barão enforçado e capataz, o povo portuguez viveu muito da liberdade tradicional, como os homens das ilhas britanicas, mas não careceu de saber ler e escrever. Os padres é que em regra mantinham o monopolio do abecedario, como

(1) Thery — *Histoire de l'education en France depuis le V siecle.*

meio de ler os livros religiosos, e só mais tarde é que foram apparecendo notarios para redigirem os foraes e os titulos de propriedade, os legistas para interpretarem o direito romano e wisigotico; os commerciantes para escripturarem nas feiras o trafico registado nas suas bancas de mercado.

Com os professores ambulantes, da edade média; com a fundação das escolas de Carlos Magno; com a creação de seminarios e universidades; com a época da navegação e da conquista; com o contacto dos arabes; com o apparecimento das industrias transformadoras e transportadoras, — a arte de saber ler e escrever foi-se generalisando, foi passando dos sacerdotes para os jurisconsultos, para os trovadores, para os commerciantes e para os industriaes (1).

Com a reforma protestante, com o livre exame dos livros sagrados, de que resultou para os christãos a necessidade de saberem ler, crearam-se escolas primarias na Allemanha, na Gran-Bretanha, na Suissa e na França, protegidas pelos propagandistas religiosos. Os catholicos, para se opporem aos jancenistas e aos protestantes, e principalmente os jesuitas e os dominicanos, chegaram a formular principios de pedagogia, que punham em pratica nas escolas mais ou menos sectarias.

E' antiga a concepção pedagogica de que a instrucção é um meio de educação para levar os alumnos a um fim. Ora como o fim do homem é diverso conforme as varias concepções, d'ahi as diversas escolas pedagogicas.

Para os crentes como S. Thomaz d'Aquino, como S. Ignacio de Loyola, a felicidade não se encontra na terra, e para estes a instrucção visa ao fim de educar o homem para o céu.

Os jurisconsultos como Pufendorff e Hugo Grocio, alargaram o ambito da actividade humana, e prepararam as escolas leigas que na edade média já se debateram com a pedagogia mistica. Modernamente os sectarios da instrucção educativa, como Herbart, os proselytos da instrucção intuitiva classica, como J. J. Rousseau, os defensores da pedagogia experimental como Mosso, os preconisadores da pedagogia negativista como Tolstoï, todos elles defendem a instrucção das classes populares, por meio do conhecimento das coisas, para educar todos os que podem trabalhar, no intuito de preparar uma democracia cosmopolita que conquiste a maior felicidade na terra, pelo trabalho socialisado, consciente e livre (1).

Em Portugal os problemas da instrucção popular teem sido lamentavelmente descurados.

Desde o seculo XII até ao seculo XV poucos foram os que em Portugal sabiam ler, e menos os que sabiam escrever. Com a época das descobertas diminue o numero dos analphabetos. Até ao seculo XV só sabiam ler e escrever os padres, os legistas, os conventuaes e o numero restricto dos profissionaes da copia e da escripta em pergaminho com pennas de pato. No seculo XVI as viagens da navegação e da conquista augmentam, pela necessidade e pela imitação, o numero dos que sabiam ler e escrever, e não é raro então que homens do povo registem pela escripta em estilo chão as impressões das suas viagens através do mar tenebroso.

Mas o misticismo e a molleza dos seculos XVII e XVIII tornaram a arte da leitura e da escripta um meio de conhecer os devocionarios e de escrever jaculatorias ou glosas de motes ingenuos.

O mestre escola fôra o frade, depois o clero secular ensinou nas parochias a ler o catecismo por processos da pedagogia dos jesuitas hespanhoes (2).

Ao iniciar-se o seculo XIX não havia escolas primarias no paiz capazes de nos tornarem aptos para acompanhar o movimento popular que se accentuou com a revolução franceza. Só se estudava para desembargador, para frade e para escrivão dos dizimos. As artes e officios aprendiam-se na industria caseira, e por isso, quando os doutrinarios de 1820, aproveitando-se do dessoramento das classes dirigentes, puderam reunir-se a fazer rhetorica nas constituintes de 1821, só se tratou de formar mais douto-

(1) Paroz — *Histoire de la Padagogie.*

(1) Compayré — *Histoire de la pedagogie.* = Daguet — *Le Perè Girard et son temps.* = Gaufrés — *Horace Man.*

(2) A. Herculano — *Historia de Portugal.* = Rebello da Silva — *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII.* = Gama Barros — *Historia da administração publica em Portugal.*

res metaphisicos, de crear escolas sem um fim pratico.

Não souberam os agitadores do periodo de 1820 a 1834 procurar o filão historico e tradicional do povo portuguez, que é democratico por indole, liberal por impulso e disciplinado por habito. Crearam assim fórmas legaes antagonicas com o dynamismo da nação. D'ahi o grande desequilibrio em que temos vivido. Não se pódem crear formações sociaes novas para os povos; estudam-se as existentes, e desenvolvem-se (1).

II

Dados estatisticos sobre a instrucção primaria

As escolas primarias em Portugal existiram até ao seculo XV como cursos de misteres accessorios, occasionaes e raras; depois as novas necessidades sociaes, com os methodos de leitura dos jesuitas e de Barros, crearam o mestre escola, adstricto ao serviço de Deus, estranho á educação pratica e integra, já quando no centro da Europa se começavam a debater os problemas da instrucção.

A revolução liberal, preoccupada com a nova organisação da propriedade, das côrtes e da realeza, mal cuidou da instrucção popular. Continuou o mestre escola a ser desconsiderado, e a servir apenas para ensinar a ler o catecismo, os devocionarios e as *Cartas de Sentenças*. Como educação pratica chegava-se, quando muito, a ensinar a *supear* uma creança, em caso de perigo de vida e na falta de sacerdote para o baptismo solemne.

Em 1874 ainda o governo adquiriu collecções de pesos e medidas para distribuir pelas poucas escolas regias primarias, e este material de ensino dez annos depois já nem existia. Casas para escolas, se não foram alguns benemeritos, como o conde de Ferreira, ficavam reduzidas aos casebres de locação facil, sem luz e sem conforto. Com a creação das antigas escolas normaes primarias foram apparecendo alguns professores *modernisados*, mas que reduziam o seu saber differencial a descarga de faltas em cadernos regulamentares, e a preconisarem certos modelos de carteiras, que tinham visto nas escolas normaes. Quando muito liam os *Lusiadas* aos alumnos.

Depois crearam-se mais escolas de ensino normal, que teem sido frequentadas principalmente por alumnas mestras tiradas na maior parte da população das cidades, desconhecedoras da indole, da psychologia, dos habitos e das necessidades das creanças dos campos, que são a grande maioria dos alumnos que é necessario ensinar nas escolas primarias (1).

D'ahi os fracos resultados do ensino primario official, apesar de existirem hoje na metropole 5:215 escolas primarias.

D'estas são 1:020 escolas mixtas nos logares ou povoações de população inferior a 500 habitantes. Existem 2:511 escolas para o sexo masculino, e são 1:684 para o sexo feminino. Encontram-se fechadas, por falta de mobilia, de casa para escola, ou por impossibilidade de professor, 148 escolas.

Ha na metropole, segundo os recenseamentos escolares, 650:000 creanças na edade de escolaridade (dos 6 aos 12 annos), o que quer dizer que corresponde uma escola para cada 105 alumnos, ou seja para cada 955 habitantes. Na Suissa, na França e na Allemanha ha uma escola para cada 500 habitantes. E' certo que a distribuição das escolas primarias em cada paiz não depende só da população, mas tambem da densidade d'esta, da orographia e hydrographia. Não póde porém um professor ensinar mais que 50 alumnos (2). Na metropole temos, incluindo os professores ajudantes, 5:984 professores primarios, distribuidos pelas escolas mixtas, masculinas, femininas, centraes e annexas ás normaes. E' de facto um professor para cada 90 alumnos, ainda que levemos em conta as faltas médias dos alumnos na edade da escolaridade. Infelizmente, por falta de estimulos, pela pobreza da população rural, pela necessidade que teem os trabalhadores dos campos do auxilio dos seus filhos como pastores, a frequencia real nas escolas primarias nos mezes de verão não vae além de 220:580 alumnos, ou seja uma média de

(1) Carneiro de Moura — *O seculo XIX em Portugal.*

(1) Froebel — *Le éducation de l'homme.*

(2) Jouvency — *De la manière d'apprendre et d'insigner.*

40 alumnos para cada escola, pois que faltam á escola mais de 60 % das creanças constantes do recenseamento escolar. Nos mezes de inverno, nas populações ruraes e agricolas, esta percentagem desce a 42 %. Mas não se deve concluir do que fica exposto não ser necessaria a creação de mais escolas primarias. Pelo contrario. Se se tornar a escola alegre, pela sua apropriada installação e pelo util ensino e educação ali ministrados, se se cuidar da assistencia ás creanças pobres, desde a educação infantil, por meio da educação maternal, dos jardins da infancia, de cantinas escolares; se os filhos dos pobres lavradores forem ensinados a horas apropriadas, e em materias uteis, que os tornem melhores auxiliares dos labores da familia, se a escola primaria fôr um meio de felicidade e de riqueza pelo ensino educativo, util e pratico, se as escolas forem melhor distribuidas pelas populações ruraes, — a percentagem das faltas á escola, independentemente da obrigatoriedade do ensino, diminuirá muito (1). Não será excessivo suppôr que então, das 650:000 creanças recenseadas, irão á escola pelo menos 500:000. O que quer dizer, dado que seja um professor para cada 50 alumnos, que ainda é necessario crear mais 4:010 escolas primarias.

Mas das 5:215 escolas apenas 978 estão installadas em estabelecimento proprio, e cêrca de 3:000 existem em casas tristes, acanhadas, sem luz adequada, sem campos adjacentes para recreio dos alumnos. Poderia o Estado contrahir um emprestimo de 6:000 contos para construir 3:000 casas de escola, e tal emprestimo seria amortisado com as verbas actualmente destinadas á locação de más casas para escolas.

Crear mais escolas primarias a esmo não póde ser. As escolas primarias existentes, se fossem melhor distribuidas, seriam bem mais uteis. O norte do paiz é muito montanhoso, e cortado de rios e ribeiros. Ha freguezias com sete e mais povoações que não teem cada uma mais de 100 habitantes, e estas povoações são separadas por montanhas ou rios que as creanças não podem atravessar pelo menos no inverno. Como ministrar o ensino ás creanças de taes povoações?

Uma escola local é impossivel, por falta de alumnos que ás vezes não excedem a 12. Poder-se-ia lançar mão das escolas moveis, como se faz na Suecia. Como quer que seja muito convem reduzir de futuro a um plano a creação das novas escolas, para que não aconteça, como agora se vê, que ha logares ou povoações com duas escolas para uma população escolar de 70 alumnos, ao passo que ha muitos logares sem escolas, e em situação de não terem as creanças accesso possivel aos logares proximos, separados por montanhas.

Em cada logar que tivesse menos de 500 habitantes dever-se-ia crear uma escola mixta. Em cada logar que tivesse menos de 1:500 habitantes dever-se-iam crear duas escolas, uma para o sexo masculino, outra para o feminino. Nas povoações agglomeradas de mais de 1:500 habitantes haveria uma escola para cada 600 habitantes, considerando cada escola central, para este effeito, como equivalendo a quatro escolas. Segundo este criterio resta crear as 4:010 escolas, como fica exposto.

Mas será inutil este esforço, se as escolas não forem installadas em edificios apropriados, com mobiliario e material de ensino condizentes, e sob a direcção de professores habeis, dedicados, conhecedores das necessidades da região e do espirito das creanças, porque se a pedagogia tende a levar os alumnos a um fim, isto só se póde conseguir conhecendo-se a sua psycho-physiologia e os processos educativos correspondentes (1).

III

O analphabetismo. — O ensino official e o particular

E' urgente reorganisar as escolas de ensino normal primario; é necessario construir edificios escolares em todas as freguezias ou parochias; é indispensavel fornecer ás escolas, como material de ensino, todos os instrumentos que tornem intuitiva a instrucção, desde o material froebeliano até aos instrumentos da vida pratica geral e regional.

(1) Pinloche — *La reforme de l'education en Allemagne*

(1) Giuffrida — *Storia della pedagogia.*

E' necessario chamar á escola ás creanças pelo prazer e pela utilidade (1).

E' certo que ainda ha a registar mais a existencia de 875 escolas primarias particulares, frequentadas por 15:200 alumnos, filhos principalmente das classes abastadas ou remediadas, que ainda mantêm o antigo costume de só considerarem bons mestre-escolas os que não são *regios* ou officiaes. Ha tambem escolas de ensino primario nos asylos de beneficencia publica e particular, e até em Lisboa é notavel o desenvolvimento que tem tido nos ultimos annos o ensino primario particular, não o dos collegios para as classes abonadas, mas o das associações modernas avançadas, cuja funcção social é digna de registo e estudo.

Ha alguns annos, quando o numero das escolas officiaes era muito reduzido, a percentagem dos analphabetos elevava-se a 80 %, porque em muitas freguezias ruraes não havia escola primaria, n'outras só o padre ou o pharmaceutico se entretinha a ensinar a ler os mais curiosos. Hoje a percentagem dos analphabetos é a seguinte, por edades:

Existem individuos de ambos os sexos:

De	1 a 15 annos	1.025.000
»	15 a 30 »	1.140.000
»	30 a 45 »	1.220.000
»	45 a 60 »	984.000
»	mais de 60 annos ..	1.120.000

UMA ESCOLA DE ALDEIA

Nos individuos de 1 a 15 annos hão de ser excluidos os que não teem mais de 6 annos e que são 498:000. Dos restantes 527:000 a percentagem de analphabetos é de 20 %. A percentagem de analphabetos entre os de 15 a 30 annos é de 18 %; a percentagem de analphabetos entre os individuos de 30 a 45 annos é de 27 %; a dos de 45 a 60 annos é de 62 % e a percentagem de analphabetos dos individuos de mais de 60 annos é de 71 %. D'onde se conclue que a média de analphabetos na

(1) GOLDAMMER — *Les dons du jardin d'enfants.*

metropole é hoje realmente de 39 %, o que accusa um grande desenvolvimento da instrucção primaria nos ultimos vinte annos. Infelizmente a instrucção livresca ministrada nas escolas primarias officiaes não póde ainda corrigir os erros da velha educação do ensino esteril do alphabeto, e o da instrucção mnemonica.

Ha professores cheios de boa vontade, mas vivem constrangidos; não teem material de ensino e não podem ensinar, pela intuição dos factos e das coisas, de modo a formarem o caracter forte, emprehendedor e pratico dos alumnos. Isto torna muitas vezes inane o ensino da leitura e da escripta, que apenas fica sendo um instrumento inutil. E' indispensavel que todos saibam ler e escrever, mas para dirigirem pela contabilidade e pelo conhecimento dos preços e dos generos a economia domestica; mas para lerem em livros de vulgarisação as vantagens da chimica na valorisação productiva da terra; mas para comprehenderem os modernos processos da producção, e para pôrem em pratica, pela educação civica, o esforço individual que fez grande o povo inglez e que tem tornado ricos e prosperos os suissos, os allemães, os suecos, e todos os povos disciplinados, livres e trabalhadores (1).

Para isto é urgente reformar as escolas de ensino primario anormal.

Ha pequenas capitaes de districto onde existem, além do lyceu e da escola de ensino normal, uma escola industrial e outra agricola, e em todas estas quatro escolas, que vivem quasi sem alumnos, se professa o ensino de portuguez, mathematica, francez e sciencias naturaes. São quatro professores de francez, quatro de portuguez, quatro de mathematica, quatro de sciencias physico-chimicas, e chega tambem a haver em alguns casos quatro professores de desenho. E' de mais. Não tem sido possivel conseguir tantos professores devidamente habilitados. Com este regimen só se tem conseguido um lyceu de pequena frequencia, sem casa, sem mobilia e sem dotação sufficientes; uma escola de ensino normal com poucos alumnos, e pobrissimamente installada; uma escola industrial ou agricola, esmorecida e abandonada.

(1) Hippeau — *L'Instruction publique aux Etats-Unis.*

Os suissos, que são praticos, souberam resolver com excellente resultado uma situação similhante. Depois de haverem reunido em Genebra, n'uma Universidade moderna, todas as escolas de ensino superior, que ali tinham creado (como em Lisboa e Porto se podia fazer com vantagem para o ensino e para a economia publica), reuniram tambem nos cantões menos ricos e populosos todas as escolas de ensino médio, e substituiram-nas por secções d'uma escola commum, lyceu ou gymnasio (1).

Seguindo nós este util exemplo, poderiamos reunir o lyceu, a escola de ensino normal, a escola industrial, a agricola, a colonial — todas as escolas de ensino médio e profissional, em capitaes de districto que não fossem Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, n'uma só escola ou gymnasio, com uma secção para o ensino preparatorio dos cursos superiores (lyceus), com outra secção para o ensino do magisterio primario (escola normal), com outra secção para o ensino agricola, com outra para o ensino industrial, etc., conforme as localidades, as suas tradicções e industrias. Assim poderia conseguir-se um edificio bom para um só estabelecimento de ensino, em vez de quatro insufficientes; poderiam conseguir-se melhores professores, porque o professor de francez, o de portuguez, o de mathematica, o de sciencias naturaes, o de desenho seria só um, bom e bem pago, em vez de quatro confrangidos e amesquinhados, sem alumnos. O material de ensino seria melhor e ficaria mais barato.

IV

O ensino primario normal

Dir-se-ha que não são necessarias as 23 escolas de ensino normal. São; o que é urgente é tornal-as mais uteis. Tem-se notado que n'algumas d'estas escolas os professores dão, por systema, altas classificações de 18, 19 e 20 valores aos seus diplomados, ao passo que n'outras as classificações são de 11, 12, 13 e 14 valores. Como a nomeação dos professores primarios se faz pela preferencia de maior classificação, acontece que são só nomeados professores os diplomados de certas

(1) Seippel — *La Suisse au XIX siecle.*

escolas onde por systema se dão altas classificações. Isto, além da injustiça que traduz, tem feito que, á falta de melhor, vão para as escolas dos districtos do norte alumnos-mestres diplomados em escolas de ensino normal do sul do paiz, e *vice-versa*. As desagradaveis condições em que se encontram os diplomados pelas escolas de ensino normal, teem afugentado os alumnos do sexo masculino, e aquellas escolas são de preferencia frequentadas por alumnos do sexo feminino. D'ahi o haver o triplo de professores de instrucção primaria que são do sexo feminino, e na maioria naturaes dos centros urbanos. Muitas das alumnas que frequentam as escolas de ensino normal aproveitariam muito com tres ou quatro annos de internato apropriado, para se habituarem ás qualidades indispensaveis nos professores. Mas não é só isto: as professoras e até os professores que, no systema actual, se vêem obrigados a irem do Alemtejo, sua terra, para uma escola do Minho ou Traz-os-Montes, ou os que do norte se vêem obrigados a irem ensinar no Algarve ou na Extremadura, sentem-se mal no meio extranho, não conhecem a indole das creanças que teem de conduzir até á formação do caracter, desconhecem as industrias locaes, ensinam de má vontade, ausentam-se das escolas sempre que podem, e assim torna-se insufficiente o ensino. Convem que o professor seja educado na propria região onde tem de ensinar (1). E' pois util que em todas as capitaes de districto haja pelo menos uma secção lyceal ou de gymnasio districtal em que se habilitem os alumnos mestres que hão-de ser professores primarios.

Na escola de ensino normal de Villa Real a média dos alumnos que ali terminam o curso é de 21, na de Bragança é de 23, na de Braga é de 31, na de Vianna é de 11, na de Aveiro é de 16, na de Leiria é de 4, na de Vizeu é de 11, na de Castello Branco é de 12, na da Guarda é de 17, na de Evora é de 6, na de Beja é de 7, na de Portalegre é de 9, na do Funchal é de 8, na da Horta é de 8, na de Ponta Delgada é de 2, na de Angra do Heroismo é de 8. Na escola normal para o sexo masculino de Lisboa aquella média é de 10, na do sexo feminino é de 29, na do sexo masculino do Porto é de 11, na do sexo feminino é de 36, na do sexo masculino de Coimbra é de 14, e na do sexo feminino é de 22. Como os diplomados pelas escolas de ensino normal excedem as necessidades do ensino official, ha actualmente 1:930 sem collocação, e não podem facilmente ter trabalho entes proletarios, o maior numero dos quaes é do sexo feminino.

Cremos estar o remedio para este mal na reorganisação do ensino normal primario, por secções dos lyceus nas capitaes dos districtos menos populosas. Actualmente as disciplinas que se professam nos tres annos das escolas de ensino normal, excepção feita da calligraphia e pedagogia, são as que se ensinam nas cinco primeiras classes dos lyceus nacionaes que existem em todos os districtos. Assim existem de facto nas pequenas capitaes dos districtos pouco populosos, exceptuando Santarem, dois lyceus ou escolas approximadamente eguaes. Para quê? Para duplicar o numero dos professores, mal pagos? Para ter duas escolas muito mal installadas, sem material de ensino, quando, se fossem transformadas, ainda com as escolas industriaes e agricolas, commerciaes e industriaes, n'uma só escola, dividida em secções, — poder-se-ia haver um bom mobiliario e material de ensino em todas as capitaes de districto, como o fizeram os suissos (1).

Não ficariam prejudicadas as capitaes de districto porque a população academica continuaria a ser a mesma; não se prejudicariam os professores porque a todos os actuaes seriam garantidos equivalentes logares, pois passariam a occupar o logar dos professores interinos que todos os annos são pedidos para os lyceus de maior frequencia. Exceptuando Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, nos outros districtos, sem prejuizo dos que já teem lyceus centraes, os actuaes lyceus nacionaes das capitaes de districto teriam mais quatro secções — de ensino normal primario, de ensino agricola, de ensino industrial e de ensino commercial.

A secção de ensino normal primario comprehenderia, todas as disciplinas da 1.ª, 2.ª,

(1) Vulliemin — *Souvenirs racontés à ses petits-enfants.*

(1) Gindróz — *Histoire de l'instrution publique dans le Pays de Vaud*

3.ª, 4.ª e 5.ª classes dos lyceus, e além d'isso o ensino da pedagogia primaria, theorica e pratica, da hygiene, da calligraphia, da musica e de trabalhos praticos, ensinados pelos professores das secções industrial, commercial e agricola (1). Actualmente, em regra, os alumnos-mestres das escolas de ensino normal entram n'estas escolas com o simples exame de admissão que é como o de instrucção primaria. Depois em tres annos aprendem as disciplinas dos cinco primeiros annos dos lyceus e mais pedagogia. Assim ficam habilitados para o ensino primario.

Apesar de haver muitos professores distinctos, pois que tambem os ha dos que nem estão habilitados com o curso das escolas de ensino normal, a experiencia tem demonstrado a insufficiencia da actual habilitação legal dos professores primarios, classe a que aliás pertencem homens de verdadeiro merito, pela intelligencia e dedicação com que servem a causa do ensino popular primario.

V

O fim e os meios da instrucção educativa

E' certo que os alumnos habilitados com os tres primeiros annos dos lyceus estão dispensados do exame de admissão ás escolas de ensino normal. Os d'esta categoria, que aliás são poucos, ficam com melhor habilitação pois que estudam mais annos: tres nos lyceus e tres nas escolas de ensino normal, onde pouco mais fazem que repetir materias. Preferivel seria que fizessem todos os seus estudos, nas capitaes de districto menos populosas, nos lyceus locaes, onde em cinco annos, em vez de seis, poderiam terminar o seu curso para o magisterio primario, pois que a pedagogia, a calligraphia, a musica, a hygiene, a legislação escolar, e economia domestica, a escripturação agricola, a educação civica, a moral, a modelação, a psycho-physiologia, a methodologia, a processologia, a architectura escolar e os outros trabalhos manuaes e praticos, os poderiam aprender ao mesmo tempo que frequentassem a quarta e a quinta classes do lyceu (ou da secção de ensino normal primario).

(1) Darin — *Comment Gertrude instruit ses enfants.*

Muito conviria que os alumnos que frequentassem a secção de ensino normal primario fossem internados no quarto e quinto annos, tendo a idade minima de 17 annos e a maxima de 22, n'um internato pedagogico districtal, como se faz nos paizes onde se trata seriamente de educar o professor primario (1).

Nas escolas normaes de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, o curso, claro está, tambem deveria passar a ser de cinco annos, com internato nos dois ultimos annos, e valeria para todos os effeitos para a admissão nas 6.ª e 7.ª classes dos lyceus centraes, como a approvação na 5.ª classe dos lyceus nacioaes.

Assim os diplomados com os cursos de ensino normal primario, quando não quizessem ou não pudessem ser professores officiaes, não teriam a carreira cortada, porque além de terem diplomas de escripturação e pratica commercial, além de haverem a sua educação industrial e agricola, professada nas respectivas secções lyceaes, differentes conforme a indole e tradição economica dos diversos districtos, poderiam matricular-se na 6.ª classe dos lyceus centraes, para seguirem as carreiras do ensino superior.

E tambem por tal modo se preparariam professores primarios que, em vez do ensino mnemonico que deforma ou atrofia o cerebro das creanças, ensinariam a chorographia por meio de passeios aos campos, e ministrariam agradaveis noções intuitivas de physica, de mineralogia, de astronomia, de geometria, de zoologia, de moral, de agricultura, de architectura, de botanica, de civismo por meio de observações directas e simples experiencias e trabalhos manuaes, de modelação, de colheita nos hervanarios, de conversação, e de todos os apropositos meteorologicos, agricolas e sociaes que se lhes deparassem na vida intra e extra-escolar (2).

Infelizmente entre nós o professor primario tem vivido isolado e desamparado, e assim não póde haver dedicações que vençam as difficuldades.

Os inglezes, apezar de terem vivido n'um

(1) Fritz — *Esquisse d'un systhème complet d'instruction et d'education.*
(2) Contand — *La pedagogie de Rabelais.*

forte e ethnico regimen de individualismo, ha muitos annos que resolveram este problema com a lei chamada da pobreza e com as casas de trabalho. Ali o professor primario não se sente isolado, antes faz parte d'uma forte organisação parochial (1).

A base da organisação social entre nós, como na Gran-Bretanha, reside na pequena communa, que se chama a parochia. O desconhecimento official d'esta verdade traz desorganisada a nação portugueza, porque a constituição legal, a organisação dos poderes do Estado, não tem base no dynamismo e na tradição nacional. O poder legislativo não funcciona regularmente e não tem prestigio porque sáe de eleições districtaes. Ora o *districto* não passa d'uma convenção legal. Não ha portanto poder legislativo organico, e d'ahi a viciação de todos os outros poderes. Só n'uma parochia ha verdadeiros interesses communs; só ali os visinhos se interessam pelos assumptos *publicos*-communaes.

E' nas parochias que se originaram as *irmandades*, e até as *misericordias* são de origem parochial.

A centralisação administrativa, obliterando a força e a tradição parochial, anarchisou a sociedade portugueza, creou olygarchias, atrophiou as energias individuaes, desenvolveu a empregomancia, empobreceu o paiz, anniquilou o ensino pratico, originou a oclocracia, e tornou inapto o povo para o trabalho, entregue ao messianismo e á omnipotencia protectora do Estado. D'ahi a actual crise, que creou olygarchias ruinosas.

O povo não sabe trabalhar, e a classe dirigente amorrinha-se em bizantinismos politicos.

Os inglezes, praticos e utilitarios, teem em cada parochia a associação de todos os contribuintes que pagam uma taxa para sustentarem os pobres—os que nada pagam ao fisco. Aquelles contribuintes elegem entre si o *clerk* (o gerente), o *thesoureiro*, o *medico*, o *director* da casa de trabalho (onde são recolhidos os menores abandonados, os invalidos e os sem trabalho), o *professor*, a *professora*, etc.

Assim o professor faz parte d'uma poderosa organisação parochial; os contribuintes interessam-se todos pelo bem commum, administram os terrenos do logradouro commum, ninguem deixa de ter pão e trabalho, e todos á porfia tratam de cumprir o seu dever. E o professor é sempre dos que mais trabalham (1).

VI

Como deve organisar-se a instrucção primaria educativa

Entre nós as commissões de beneficencia escolar não deram resultados praticos, porque as leis administrativas não dão vida á parochia.

Melhores destinos teria Portugal se em cada parochia ou grupo de pequenas parochias houvesse um grande edificio, amplo, claro e apropriado para installação da escola, do registo dos nascimentos, casamentos e obitos, para bibliotheca popular, para secretaria dos negocios de administração parochial, onde corresse o serviço do trabalho socialisado, para que a ninguem faltasse pão nem trabalho, para que as contribuições não fossem absorvidas na actual esteril centralisação, para que ali se recolhessem os doentes, ensinassem os normaes e anormaes, e educassem todos no trabalho da terra que entre nós é a unica riqueza a desenvolver. As parochias, assim organisadas, sentiriam a necessidade da defeza commum, entregues a si mesmas sem a acção atrophiadora do poder central, cuja funcção seria de simples fiscalisação.

As juntas de parochia, deixariam de ser as insignificantes fabriqueiras da Egreja que teem sido, para cuidar da administração dos bens communs, da assistencia parochial, da instrucção, da arrecadação de impostos, da viação regional, da saude, da illuminação, da estatistica demographica, e da eleição das camaras municipaes que por sua vez teriam no municipio uma simples confederação administrativa de parochias. E as camaras municipaes, além de tratarem da hospitalisação dos invalidos permanentes, da harmonia cooperadora inter-parochial, da creação de escolas industriaes e de anormaes e superiores primarias, elegeriam as

(1) Parmentier — *Histoire de l'education en Angleterre.*

(1) Williams — *The history of modern education.*

commissões districtaes e os deputados para que o poder legislativo assim viesse a ter uma base organica regional.

Só n'um regimen organico póde prosperar a organisação do ensino primario sem o qual não ha riqueza nem grandeza nos Estados modernos, e por isso insistimos na remodelação da organisação administrativa do paiz, sem a qual é impossivel fazer prosperar o ensino popular primario. E os povos modernos não podem ser grandes sem a democratisação pelo ensino popular, que visa a uma poderosa e séria educação nacional (1).

E tambem não poderá haver bons professores primarios se elles desconhecem não só a psycho-physiologia das creanças que teem de educar, mas ainda as tradições, os habitos, os instinctos, as necessidades, a situação social, e a situação mezologica da região onde ensinam.

Por isso nos concursos para o provimento de escolas primarias seria conveniente preferir os candidatos da região districtal da escola a prover.

Na Allemanha tem-se ligado muita importancia ao estudo das estatisticas ergographicas e das indicações pedologicas. Sem o conhecimento do estado d'alma do alumno, da sua psycho-physiologia, não póde o professor conduzir o discipulo (1). O oleiro tem de conhecer o barro que hade modelar, posto que a pedagogia revolucionaria sustente que só a creança sabe o que lhe convem e que o professor quasi sempre deforma a alma do alumno e lhe atrophia a individualidade e o valor (2), visto que se tem notado apparecerem alumnos de maior poder intellectual nas regiões abandonadas á vida expontanea.

Nos exames de instrucção primaria do 2.º grau, no ultimo anno, verificou-se serem mais vivas, mais intelligentes e mais sadias e fortes de espirito as creanças da Beira e Traz-os-Montes. A um alumno de Arganil, de aspecto rude e de vida expontanea, vimos nós responder no seu exame do 2.º grau com uma firmeza intellectual como o não faria um quintanista de Coimbra com vocação para addido de embaixada.

Não se pódem conhecer as necessidades dos povos sem os estudar na sua vida intima. Não se póde saber como convem estabelecer a a instrucção primaria popular sem estudar a vida das parochias.

CARNEIRO DE MOURA.

---

(1) COMPAYRÉ—*Histoire critique des doctrines de l'education.*

(1) BAUMANN — *Einführungin die Pädagogik.*
(2) DUMESNIL — *La Pedagogie revolucionnaire.*

Senhoras em evidencia

Litteratura

Entre a pleiade de senhoras portuguêsas que escrevem para o publico, destaca-se pelo seu talento, pela profunda cultura scientifica, pela actividade assombrosa que a caracteriza, como tambem ainda pela nota prestigiosa de originalidade que auréola a sua vida intellectual, a sr.ª D. Virginia Quaresma.

N'um meio em que todos os esforços fallecem á mingua da persistencia e de fé, em que as verdadeiras individualidades vão rareando para se confundirem na linha inconsciente e suggestionada da rotina, faz pensar como esse sympathico vulto feminino que, logo n'um relance de vista se accusa ser um feixe de nervos sedentos de movimento, de luz e de impressões, conseguiu libertar a sua individualidade de todas as influencias perniciosas da atmosphera social, que desde o berço a envolvem, para a levantar ao respeito, á admiração, ao interesse e, digamos mesmo, á popularidade portuguêsa, n'um tão curto espaço de tempo.

D. VIRGINIA QUARESMA

Quem é pois a sr.ª D. Virginia Quaresma? O seu nome não anda, decerto, nos reclamos espalhafatosos da imprensa nem em caracteres berrantes de cartazes, nem tão pouco no porta-voz de adulações ridiculas e vans. Mas apesar disto, que já é uma nota original n'um paiz em que os fóros do escriptor se conquistam com a mesma velocidade vertiginosa com que rolam e gemem os prelos, quem não conhece a sr.ª D. Virginia Quaresma?

Ha cêrca de dois annos que esta senhora exerce a sua profissão de jornalista como redactora do *Seculo*. A fórma por que ella desempenha esse logar, a intuição fina e extraordinaria por que faz as suas reportagens, o estylo facil e despertencioso por que as maneja, não ha ahi ninguem, entre politicos e mundanos, entre creaturas abastadas e entes que a miseria prega na cruz do desconforto, da dôr e do desespero, que o ignorem.

Uma grande parte das mulheres portuguêsas fez-se politica mais para consolidar sympathias partidarias, para provocar o enthusiasmo das multidões, para alcançar emfim triumphos que, de outro processo talvez lhe fossem sonegados do que pelo interesse que lhe deveria merecer os destinos do paiz. Não precisou porém de se fazer politica a sr.ª D. Virginia Quaresma para tudo isso ter e tudo vencer.

A sua individualidade impõe-se a todas as fracções

politicas porque é a individualidade d'uma trabalhadora conscienciosa e d'um cerebro priveligiado.

Quando a missão de jornalista lhe ordena a noticia d'uma sessão solemne, d'um comicio, a reunião d'uma collectividade que protesta, ou que se regozija, o acolhimento verdadeiramente carinhoso que lhe é feito sente-se na atmosphera de distincções com que é recebido e apreciado em toda a parte.

E, — ainda um facto curioso! — n'um meio em que muitas das senhoras que andam sós se queixam da selvageria da multidão, é significativo poder em verdade affirmar-se que a sr.ª D. Virginia Quaresma sae todas as noites da redacção do *Seculo* ás três, quatro e cinco horas da madrugada, atravessando uma grande parte da cidade de Lisboa, sem que nunca registasse na sua memoria a origem d'uma queixa.

A sua biografia — apesar de poucos annos lhe irem além dos 20 — já hoje daria algumas paginas de eloquente testemunho do que pode a mulher quando tem a oriental-a um ideal grande, um criterio são e uma tenacidade inquebrantavel.

Alumna do *Curso superior* de *Lisboa,* depois de successos brilhantes e repetidos no lyceu, a sua passagem por aquelle instituto de instrucção superior ficou assignalado como uma das mais gloriosas.

Aos vinte annos apresentava alli trabalhos de folego, sobre literatura, filosofia e historia, que a fizeram sagrar na opinião de Theofilo Braga, Consiglieri Pedrozo e Silva Cordeiro.

E' d'esse tempo o seu pequeno mas intenso trabalho sobre os trovadores portuguêses, e a critica á classificação hieratica das sciencias de Bacon até Comté e Spencer.

Se o seu primeiro anno da faculdade de letras foi fertil em distincções e legitimos exitos, não foram menos aquelles em que esta senhora foi discipula dilecta de Adolpho Coelho, David Lopes, Silva Telles, Oliveira Ramos e José Maria Rodrigues.

A par da consideração que lhe dispensavam os seus mestres, ella tinha o culto dos companheiros. Havia em todos a mesma fervorosa devoção ao preferirem o seu nome ou ao evocarem as suas poderosas faculdades da assimilação e de estudo.

E não obstante isso tudo, esta senhora participava ao mesmo tempo d'uma tarefa ardua imposta pelo espirito da vida pratica.

Comquanto filha do fallecido general de divisão, Julio Cesar Ferreira Quaresma, figura prestigiosa e inolvidavel do nosso exercito português, era por um sentimento de altivez, que muito bem lhe fica, que arrancou á vida do magisterio o que lhe era necessario para custear as despezas dos seus estudos.

Mais tarde esteve para ir como pensionista do governo em missão de estudo ao estrangeiro. E, certamente, o teria feito se algumas das leis que produziram os sonhos de João Franco, não tivessem gorado na acção de outros governos.

Collaboradora assidua dos *Echos da Avenida,* onde as suas chronicas literarias ficaram como algumas e das mais bellas coisas que mãos patricias tem escripto; secretaria da revista *Sociedade Futura,* com a sr.ª D. Olga Sarmento fez um luminoso apostolado de arte. Tem collaborado nas *Novidades* e no *Jornal da mulher,* essa interessantissima secção do *Mundo,* dedicado ás senhoras portuguêsas, e foi no *Jornal da Noite* que fez a sua aprendizagem na imprensa diaria.

Seduzida por todas as variadas manifestações do jornalismo moderno, dentro em pouco ao lado de Paulo Osorio e de Rocha Martins, ella trabalhava ali com denodada facilidade e delicado brilho.

Do mesmo passo dirigiu a *Alma Feminina* e, nas paginas assetinadas d'essa extincta revista se pode bem comprehender o seu jornalismo e simultaneamente a sua logica invencivel na defeza das reivindicações sociaes da mulher. E' porque a *Alma Feminina* tantas vezes escripta completamente nas suas oito paginas pela sr.ª D. Virginia Quaresma não era mais que a *alma da Virginia,* como lhe chamavam n'uma ironia amiga, as pessoas que de perto conheciam a sr.ª D. Virginia Quaresma. Posto que todas as complexas modalidades e exigencias do jornalismo de hoje lhe falassem por igual ao espirito e ao coração, como dissemos, a *interview* tem tido n'ella uma das suas primeiras e principaes cultoras em Portugal.

Assim as suas *interviews* literarias com Lopes de Mendonça, João Chagas, Borges Grainha, Guerra Junqueiro e com as actrizes Gabriella Réjane, Mercedes Blasco e Adelina Abranches, etc., fariam honra a qualquer das primeiras figuras do nosso jornalismo que as subscrevesse.

São innumeras as campanhas de caracter social que a sua penna tem sustentado e, decerto com ellas, faria livros de singular valor se a sua modestia lhe não fizésse até desconhecer os numeros dos jornaes onde existem esses artigos, a fim de os copiar. Em março ultimo foi convidada por uma importante empreza jornalistica ingleza, para organisar uma revista destinada ao Brazil, com séde em Londres, onde esteve durante algum tempo, licenceada pelo *Seculo.*

N'estas rapidas e pallidas linhas julgamos desempenhar *Os Serões* da divida de homenagem que tinha contrahido para com a primeira senhora portuguêsa, jornalista profissional da nossa imprensa diaria e que Silva Graça, no seu subtilissimo tacto de director do *Seculo* e como espirito avançado que faz dos ideaes modernos o mais ardente sacerdocio, soube chamar para o seu jornal com o applauso do publico, que classifica d'uma honra, merecer a reportagem da sr.ª D. Virginia Quaresma.

A travessia do Tejo a nado

O nosso lindo e vasto Tejo é um excellente ponto para grandes festas, que de ha muito devia sêr mais desenvolvidamente aproveitado, não só para torneios de *sport,* como ainda para festas decorativas, a que a sua imponencia daria um tão brilhante realce. O seu estuario immenso, a tranquillidade ordinaria das suas aguas, os lindos panoramas que o ladeiam, tudo

está a lembrar a necessidade de o tornar o ponto escolhido das festas de Lisboa. Infelizmente assim não acontece, pois que emquanto nas nossas avenidas e parques se exhibem batalhas de flôres, que parecem enterros; emquanto em recintos fechados a população asphixia em divertimentos que não a educam nem fazem prosperar, o Tejo continúa abandonado, á espera d'alguem que se lembre de lhe aproveitar os merecimentos, que são tantos, e o utilise para mais alguma cousa do que para as necessidades materiaes da vida de todos os dias.

*

Entre as muitas instituições de educação phisica que, felizmente, hoje existem em Portugal, destaca-se pelo fim a que visa e pela tenacidade dos seus propositos, a *Liga de Natação,* composta de briosos officiaes da nossa armada e exercito, e que todos os annos realisa as suas provas entre praças de terra e mar, levando-os a atravessar o Tejo a nado, na intenção de conquistarem uma Taça riquissima, que ficará durante um anno na posse do regimento ou navio a que o vencedór pertencer. Tal torneio representa, além d'uma prova de valor phisico, um grande incentivo moral, pois que estimula o amôr proprio e o interesse pela gloria dos regimentos ou unidades a que a Taça coubér.

A travessia revestiu este anno a mesma imponencia e brilhantismo dos annos anteriores. Realisou-se a 12 de setembro, presenciando a travessia do Tejo, por soldados e marinheiros, milhares de pessoas.

Na Trafaria, ponto de partida e em Pedrouços, ponto de chegada, a multidão era compacta. Discutia-se a maior ou menor probabilidades d'este ou d'aquelle, sendo recebidos, na chegada, com grandes applausos, os vencedores de tão notavel *performance.*

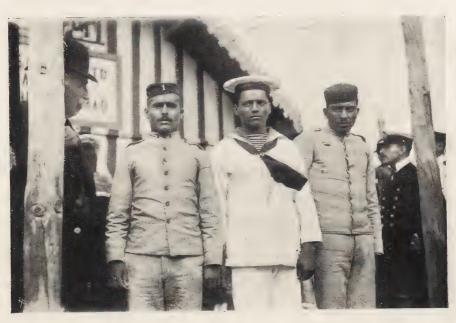
A commissão organizadôra da excellente próva deve ter ficado satisfeita com o exito obtido, pois que, como propaganda se não póde obter mais, nem melhór. A largada realisou-se com toda a regularidade; sendo, tanto o serviço de fiscalisação como o de auxilio, feitos d'uma maneira verdadeiramente modelar por varios barcos, que, no seu comjuncto davam ao Tejo, n'aquelle ponto, um aspecto encantadôr.

A largada realisou-se á hora marcada no programma, entrando os concorrentes na agua com extraordinaria violencia, denunciando perfeitamente a sua entranhada vontade de vencêr. Infelizmente o mar e o vento não os ajudavam sendo dois elementos difficeis de vencêr na travessia, tão asperos estavam n'aquella hora. No torneio tomava parte o vencedor do anno transacto, que pertencia ao crusadôr *D. Carlos,* em podêr de quem estava a Taça. Todos imaginavam que o valente marinheiro conseguiria manter o seu predominio, tal a coragem com que avançava, mantendo a deanteira, pelo menos até meio do rio. Tinha, porém, este anno um grande competidôr n'um soldado de infanteria 1, que, nadando de *agulha,* rompia d'uma maneira vertiginosa as aguas do Tejo. O valente soldado manteve essa primasia até ao ponto em que o grumete José Teixeira de Miran-

A CHEGADA DOS NADADORES

da, da fragata *D. Fernando*, collocando-se entre dois barcos, que o livravam da impetuosidade do vento e do mar, deu um avanço extraordinario sobre todos os contendores, conseguindo chegar a terra com um avanço de 9 minutos sobre os restantes competidôres.

si no momento critico em que a patria necessite dos seus serviços.

E', pois, incontestavelmente, uma obra benemerente a que põe em pratica a patriotica *Liga de Natação*.

OS TRES VENCEDORES DA TRAVESSIA

A travessia fizera-se em 1 hora, 15 minutos e 10 segundos. Os vencedôres foram por sua ordem: José Teixeira de Miranda, grumete da fragata *D. Fernando*, medalha de prata, e a Taça para posse do seu navio; soldado d'infanteria 1 João Ribeiro, medalha de cobre; soldado d'infanteria 1, Diogo Fernandes, medalha de cobre.

Em Pedrouços, onde os vencedôres foram recebidos festivamente, foram-lhes collocadas no peito pela menina Queriol Macieira as respectivas medalhas. O capitão de fragata, sr. Ernesto de Vasconcellos, fez n'essa occasião um brilhante e patriotico discurso, elogiando a valentia dos concorrentes. O jury compunha-se dos srs. Ernesto de Vasconcellos, capitão-tenente Ivens Ferraz, D. José de Noronha, tenentes da armada, Joaquim Athias, Carlos Villar, Joaquim Costa, Duarte d'Almeida, Annibal Pinheiro e capitão de engenharia Fernando de Magalhães.

As provas foram, como se vê d'este curto e succinto relato, brilhantissimas, e oxalá o continuem sendo para maior desenvolvimento da educação phisica dos nossos soldados, ponto primacial nas suas funções.

O estimulo, a coragem, a confiança em si proprios, vêm-lhes d'estas provas, repetidamente postas em pratica, e servem a tornal-os mais senhores de

Chronica da moda

A missão da boa dona de casa — O reinado das tapeçarias vencido pelo bom senso e pela hygiene — Os quartos das meninas — O falso chic de não se fazer nada — Maneira de engommar os cortinados — Vestidos curtos para o inverno.

Estão quasi terminadas as ferias. A successão de viligiaturas com que temos alegrado a vida, vae terminar.

Todos voltam á normalidade do seu viver mais ou menos cheio de cuidados e fadigas.

E para a dona de casa, mais do que para ninguem, se avolumam os affazeres. Não é facil nem leve a sua tarefa, como muita gente suppõe.

A casa abandonada tanto tempo, precisa cuidados especiaes, ha mil cousas a pôr em ordem, a substituir, umas estragadas pelo tempo outras inutilisadas pela moda, que as tornou antigas...

E' preciso tudo prevenir, tudo providenciar para que o *home* offereça á familia o bem estar, a commodidade e a elegancia desejadas.

E nem sempre é facil decedir e comprar logo tudo quanto é preciso.

Não se muda tão facilmemte de cortinas, repos

teiros, alcatifas, tapetes, como d'um vestido desbotado.

A boa dona de casa tem sempre em vista, em primeiro logar a hygiene, depois o seu orçamento; porém, raras vezes, como agora, é facil pôr d'accordo

VESTIDO DE SARJA BORDADO COM GALÃO PRETO

a hygiene, o orçamento e a moda na escolha dos cortinados, actualmente a moda admitte todas as côres leves e frescas em percale ou batiste, em *linon* ou *mousseline*.

O reinado das pesadas tapeçarias que tiram o ar e guardam os microbios vae acabar, vencido pelo bom senso e pela hygiene. Todos os cortinados devem poder lavar-se com tanta frequencia como as roupas brancas, pois como estas elles estão sugeitos a enxovalhar-se.

Rejubilemos pois com esta alliança da moda decorativa e da hygiene, visto que com ella se tem a ganhar a elegancia e a saude.

Não ha nada mais bonito e alegre para guarnecer um quarto virginal, como a leve *mousseline*, nem ha nada mais delicioso para um perfumado *boudoir* como as ramagens floridas dos tecidos de Jony.

Muitas donas de casa acham-lhe porém o inconveniente das côres se fanarem depressa e de reclamarem lavagens frequentes, tornando-se por isso dispendiosas.

Todavia, tudo se pode harmonisar, se a dona de

VESTIDO DE SETIM AZUL COM CORPETE DE RENDAS

casa fôr condescendente e as filhas quizerem ser razoaveis e úteis.

Ha algum inconveniente em que as meninas que desejam ter os seus quartos confortaveis e guarnecidos, corram a ferro pelas suas proprias mãos e armem

com os seus finos dedos os cortinados cuja limpeza se torna tão dispendiosa feita por mãos mercenarias?

Ha mesmo certos trabalhos de lavagem de bordados e rendas finas que não deve ser feito senão pela propria dona que as aprecia e lhe sabe dar o valor material ou estimativo.

As mãos mercenarias estragam por descuido, quando não é pelo prazer malevolo de rasgar...

Ha certas senhoras ricas ou nobres que teem ainda o preconceito de que é *chic* não fazer nada, sobre tudo não se occuparem d'estes trabalhos domesticos.

Se é por *snobismo*, por imitação a certas damas das altas espheras, dir-lhe-hemos que essas damas nem sempre merecem ser imitadas; mas, n'este ponto, po accaso, ha n'essas espheras damas dignas de imitação, como, por exemplo a filha do imperador d'Allemanha. E' ella que pelas suas proprias mãos se occupa de todos os delicados trabalhos de roupa branca, orgulhando-se em ser uma das melhores *ménagères* do mundo.

*

Para não ficarmos apenas no campo das theorias, vamos dar algumas indicações praticas:

Pode dar-se aos cortinados a côr que se quizer em tons creme mais ou menos escuros, juntando á gomma cosida, chá, açafrão, café, etc.

Assim, poder-se-ha engommar do mesmo modo as *cretonnes* de ramagens, os estofos de côr, etc.

O emprego do amido d'arroz é preferivel para engommar as saias de baixo cheias dos espumosos folhos que iremos usar este inverno; porque, segundo se diz, os vestidos vão usar-se curtos, e para que mantenham o bonito rodado que torna a marcha graciosa, é preciso que a saia de baixo seja ligeiramente gommada, deixando-se adivinhar branca e limpa sob os movimentos ondulantes do caprichoso vestido.

Iremos emfim poder caminhar descuidosamente com as mãos agasalhadas nos nossos regalos, dispensadas da pesada tarefa de trazer os vestidos suspensos?

Se assim fôr!...

Oh! supremo ideal da commodidade e do asseio! Se conseguirmos emancipar-nos das caudas dos vestidos... com razão poderemos affirmar então, muito ter avançado no campo das emancipações femininas...

Mr. William Taft

Mr. William Taft, successor de mr. Roosevelt na presidencia dos Estados-Unidos, acaba de *bater o record* da eloquencia na sua recente viagem. Orou todos os dias e muitas horas em cada dia.

Aspectos populares

OS CÃES AMESTRADOS NA PRAIA D'ALGÉS

Sport

O verão é sempre fertil em manifestações de *sport*. Entre essas mais recentes manifestações devemos registar o certamen de esgrima realizado no Monte Estoril. A concorrencia foi numerosa no parque Vianna onde elle se effectuou.

NA FESTA DO SPORTING CLUB DE CASCAES

O jury da *poule final* era formado pelo professor Carlos Gonçalves, conselheiro E. Villaça, Carlos Ferreira, tenente Veiga Ventura e engenheiro Arthur Bual. Houve-se com impeccavel correcção e muito a contento dos concorrentes, pela sua excepcional imparcialidade e gentileza.

Foi o seguinte o resultado da primeira *volta* da *poule* final: Frederico Paredes proclamado campeão e vencedor da *Taça* com 6 toques dados e 2 recebidos, Alexandre Paredes o infeliz moço, 4 dados e 3 recebidos, Mario Noronha 4 dados e 3 recebidos, Basto Correia 4 dados e 3 recebidos, dr. Camillo Castello Branco 4 dados e 3 recebidos, Penha e Costa, 4 dados e 4 recebidos, J. Sasseti 2 dados e 5 recebidos e dr. Manoel Espregueira 1 dado e 6 recebidos.

A egualdade do numero de toques d'alguns atiradores obrigou a uma lucta severa e apertada de *carrage* depois da qual se estabeleceu a classificação definitiva: 1.º Frederico Paredes, 2.º Alexandre Paredes, 3.º Basto Correia, 4.º Mario de Noronha, 5.º dr. Camillo Castello Branco, 6.º Antonio Penha e Costa, 7.º João Sassetti e 8.º dr. Manuel Espregueira.

A distribuição dos premios realisa-se no dia seguinte ás 9 da noite, no salão do Grande Casino Internacional do Estoril, seguida de *cotillon*.

Em Cascaes houve tambem diversas festas sportivas sendo as principaes os jogos athleticos, corridas de bycicletas, corridas de pucaras, etc.

Infelizmente houve um ponto negro n'essas diversões. Foi a morte desastrosa de Alexandre Paredes. Com o seu curso de infantaria terminado, cheio de esperanças no futuro, estremecido pela familia, um

CAMPEONATO DE ESPADA NO ESTORIL

De pe: *Alexandre Paredes, Basto Correia, Frederico Paredes, dr. Camillo Castello Branco, Antonio Penha e Costa e Mario Monteiro.* Sentados: *Dr. Espregueira e J. Sassetti.*

d'estes desastres que poucas vezes acontecem, lançou-o a elle na cova e a desolada familia na desespe-

FRANCISCO CASTRO
O vencedor da corrida de bicyclettes em Cascaes

O VENCEDOR NA CORRIDA DE ANDAS, E O SR. GUILHERME PINTO BASTO.

ração. Quando jogava com seu irmão Frederico, a espada d'este, armada com um *pointe d'arret* penetrou-lhe no peito. Uma infecção que sobreveio tornou-o cadaver em poucas horas. Ajuiza-se do pesar do causador involuntario do desastre e do luto de todos, parentes e amigos.

A CORRIDA DE PUCARAS

Mortos illustres

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

Finou-se este illustre escriptor em plena maturidade. Espirito esclarecido, immensamente culto, deixa funda perda nas letras portuguezas.

Narrativas navaes

O sr. João Braz de Oliveira, a par de um official de marinha brilhante, é um desenhador de merito e um escriptor de largo folego.

JOÃO BRAZ DE OLIVEIRA

As suas *Narrativas navaes* são quadros desenhados por mão de mestre, impregnados do cunho especial do homem do mar e com a subtileza e delicadeza de um poeta que tanto sabe ler nos mysterios da natureza como na alma humana.

Theatros

Trindade. — Ainda não perdeu os seus fóros de primeiro theatro d'opera-comica a elegante casa de espectaculos de Francisco Palha, onde Affonso Taveira continúa a tradição do bom gosto, do saber e da actividade artistica, que tem sido a melhor qualidade dos seus antecessores. Taveira acaba de conseguir um verdadeiro *tour-de-force*. Depois de ter feito uma época brilhantissima com a opera portugueza, durante o inverno, conseguiu ter aberto por todo o verão o seu theatro, levando á scena a conhecida e formosissima peça *A viuva alegre* e por ultimo, com um exito enorme, a primeira revista do anno, *O paiz do vinho*. O sucesso com este trabalho, foi de tal ordem que com elle acaba de abrir a época de inverno, continuando a ter repetidas enchentes que demonstram perfeitamente o merecimento da peça.

LEANDRO NAVARRO

Na ultima época as revistas do anno pulularam e tantas fôram e de tal ordem que por certo já não ha ninguem que lhes recorde os nomes por completo. E' um genero excessivamente explorado e, digamos a verdade, pessimamente explorado. Sendo, infelizmente, o que mais agrada e atrae o povo e por consebuencia o que melhor influencia educativa podia exercer sobre elle, exhibe de ordinario um amontuado de obscenidades sem rebuço, umas graçolas sem gosto, e tem servido apenas, (ha excepções, é claro) para mais augmentar este espirito de desordem, de incorrecção, de falta de brio, que tem sido de ha tempos a esta parte o caracteristico do nosso meio. Nada lhes merece respeito, nem os mais intimos recatos da familia, nem os mais simples deveres sociaes. E' uma verdadeira devastação moral que só serve para alimentar os maus sentimentos, que par ahi pululam por toda a parte e a cada momento. O theatro educa sempre ou bem ou mal.

ANDRÉ BRUN

E' com prazer que exceptuamos d'esta triste classificação a nova revista *O paiz do vinho*, letra dos srs. Leandro Navarro e André Brun, musica dos srs. Luiz Filgueiras e Filippe Duarte. Quando outro merecimento não tivesse, — que os tem e muitos! — bastar-lhe-ia o quadro do segundo acto, em que se faz a apologia da obra maravilhosa de Bordallo Pinheiro, para a consagrar como um trabalho de valôr, de patriotismo e de educação.

De resto toda a revista é primorosa, contendo espirito ás carradas, lindos versos e musica deliciosa. Destacaremos, entre os varios numeros, o duetto da *Vassoura* e do *Abanador*, dois trabalhos muito conhecidos de Bordallo; em que a musica e a letra são d'uma propriedade inexcedivel; o lindo soneto *A missa do Loreto*, que Etelvina Serra diz encantadoramente; os *couplets* dos funccionarios publicos, com muito espirito e observação; etc. Seria um nunca acabar se quizessemos notar aqui o que de bello e perfeito tem o trabalho dos srs. Navarro e Brun.

Da empreza não ha que regatear-lhe louvores. Taveira é um mestre na maneira como sabe

COLYSEU DOS RECREIOS — TROUPE DEONZO

pôr as suas peças e na perfeição com que as ensaia e dirige. Guarda-roupa de muito bom gosto e rico, scenario brilhantissimo, uma *mise-en-scene* muito cuidada, lindas mulheres, que de ordinario são uma condição imprescindivel n'este genero de espectaculos, a revista *O paiz do vinho* deve dar ainda a Taveira, e com justiça, muitas casas cheias, e aos seus distinctos auctores muitas noites de alegria.

Principe Real. — O velho theatro da rua da Palma, foi este anno, o primeiro a abrir as suas portas, com uma peça de Victorien Sardou, *L'affaire de poisons,* traduzida por Accacio Antunes e Marçal Vaz, com o titulo *A questão dos venenos.*

A peça decorre na época e na côrte do Rei-Sol e desenvolve-se sob o conhecido facto da tentativa de envenenamento de Luiz XIV pelas suas favoritas, dando motivo a uma pomposa exhibição de guarda-roupa, *mise-en-scene* e scenographia, que por assim dizer são o mais atrahente d'este novo trabalho de Sardou, o carpinteiro por excellencia das cousas theatraes.

Entre as differentes personagens ha apenas a destacar o abbade Guiffard, creado por Coquelin *Ainè,* e entre nós desempenhado com aquella correcção que lhe é peculiar pelo sr. Pato Moniz. De resto a peça é um conjuncto de superfluidade e só explica o seu successo no theatro das Portas Saint-Martin pelo escandalo que se fez em redor do seu thema.

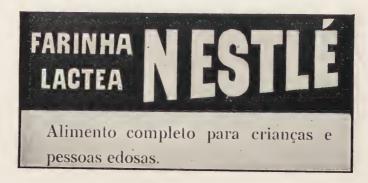
Entre nós o desempenho foi correcto, destacando-se, como acima apontamos, no papel do Guiffard, o sr. Pato Moniz, que dia a dia vae conquistando os seus fóros de artista.

A empreza Ruas que ha tantos annos traz ligado o seu nome a esta casa de espectaculos, esmerou-se em pôr em scena, com todo o rigor a peça de Sardou, que não é n'esse ponto nem das mais baratas nem das mais faceis. Com uma riqueza de guarda-roupa, a que não estamos habituados nos theatros da capital, com um scenario rigoroso e bello, a empreza Ruas, pode dizer-se que abriu a sua época com chave d'ouro, o que explica cabalmente a afluencia do publico que todos os dias enche o seu theatro.

Além de tudo isto, a antiga casa de espectaculos, por onde passaram tantas gerações illustres de artistas, apresentou-se este anno muito renovada, com melhoramentos materiaes, que certamente o publico de Lisboa compensará.

Coliseu dos Recreios. — Lisboa tem seus dias e logares consagrados. Como o Senhor dos Passos da Graça, á sexta feira; a procissão da Saude, n'um dia quente d'abril, ou a primeira tourada no Campo Pequeno, a abertura do Coliseu, no ultimo sabbado de setembro, reveste a atitude d'um grande acontecimento na capital. Póde a companhia ser melhor ou peor, póde mesmo não conhecer-se um só dos trabalhos que alli vão exhibir-se, que o mais importante é ir ao Coliseu na noite da inauguração da época, fiando-se da incontestavel reputação do emprezario, sem duvida uma auctoridade no assumpto, a qualidade da Companhia que é, de ordinario, das melhores que se apresentam nos palcos da Europa e da America.

Por isso n'essa noite só por si constitue um espectaculo emocionante o aspecto da vastissima sala das portas de Santo Antão, onde, com todo o rigor da expressão popular, não cairia uma mosca. E' uma massa enorme que se agita, que grita, que discute e que, terminado o espectaculo, enche a rua d'uma grande sombra que parece nunca ter fim.

A abertura da época do Coliseu d'este anno confirmou mais uma vez os creditos do seu illustre emprezario, sr. commendador Antonio dos Santos, que tão bem conhece os gostos do publico de Lisboa e tantas celebridades tem trazido ao seu theatro, accentuando-se dia a dia o valor da excellente companhia que alli trabalha.

Musica dos SERÕES

VISÃO D'AMOR

Musica de

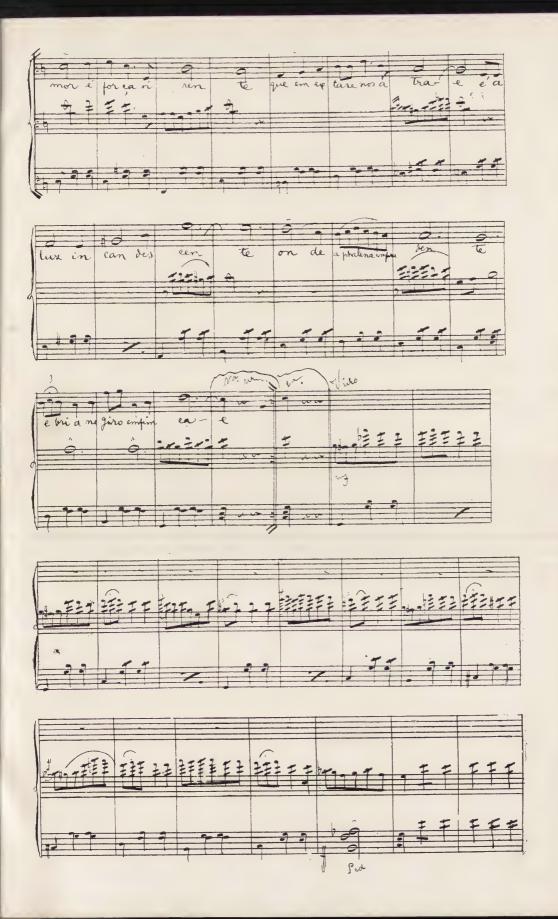
ISIDRO PERES

Versos de

M. COSTA ESTEVES

VISÃO D'AMOR

Musica de Isidro Peres **Versos de Costa Esteves**

mor é força ri ren te que em ex tase nos a tra e é a
luz in can des cen te on de a phalena impu den te
e bri a no giro emfim ca e
Ped

Visão d'amor

Amor! Enlevo das almas!
Sabes tu o que é amor?
Sopro de inspirações calmas,
a agitar as verdes palmas,
a brotar em rosea flor?

Saudade que doce affaga,
ás tardes a suspirar,
quando o sol além se apaga
e uma tristeza vaga
nos enche o peito a scismar?

Amor é força virente
que em extase nos attrae,
é a luz incandescente,
onde a phalena imprudente,
ebria no giro emfim cae.

Encantada fórma viva
do Bello — effluvio a surgir,
que o ser todo nos captiva,
como debil sensitiva,
em paixões a reflorir.

E' o vibrar insondavel
das cordas do coração,
numa harmonia adoravel,
mesto prazer ineffavel —
alma solta na amplidão.

Emanação quente e pura
de perfumes sensuaes,
que em segredo nos murmura
uma languida ternura,
arrulhando madrigaes.

A natureza aviventa,
pulula na creação,
a vida em tudo alimenta,
em todo o germen fermenta —
e dormita no embryão.

Córa de verde as paisagens,
ondas ethereas de azul,
são crystallinas miragens
suas hyalinas imagens,
no espelho do mar do sul.

Amor é a voz que em mim clama
orchestras que vêm do ceu,
é o calor, é a chamma,
que os estos de luz derrama,
que o meu ser unem ao teu!

M. Costa Esteves.

LOÇÃO DEQUÉANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na ***Academia de Medicina de Paris*** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo
L.DEQUÉANT, *Pharmaceutico*. **38, Rue Clignancourt, Paris**
Em **LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros**, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO **PORTUGAL**

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.°, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière – PARIS.**

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Muita attenção:

BRINDE

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe)

OU O SEU EQUIVALENTE EM RÉIS

Com o n.º 52, referente ao mez de outubro do nosso magazine **Serões,** enviámos aos estimaveis assignantes, **sómente assignantes,** a senha numerada para o sorteio do BRINDE que promettemos no primeiro numero do corrente anno, uma vez que os seus recibos se achem liquidados com a administração dos **Serões.**

Aos senhores assignantes por periodo de um semestre, foi enviada uma senha numerada, e duas áquelles que tinham assignado por todo o anno de 1909.

O sorteio realisar-se-ha com a grande loteria do Natal, que se effectua no dia 23 de dezembro na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

As senhas numeradas foram unicamente enviadas aos assignantes que teem adquirido este magazine por meio de assignatura semestral ou annual, dentro do corrente anno, assignaturas cobradas em troca do respectivo recibo passado pela administração dos **Serões.**

Esta explicação torna-se necessaria deixar aqui bem accentuada, visto alguns dos nossos correspondentes das provincias, que recebem os **Serões** n'outras condições, se julgarem com direito ao BRINDE, quando este só visa assignantes semestraes ou annuaes, e não compradores com commissão ou avulsos.

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132 R. DO OURO, 136 — LISBOA

N.º 54 - Dezembro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

Revista mensal illustrada

SERÕES

Propriedade da Livraria Ferreira

Com o proximo numero entram os **"SERÕES"** no seu decimo anno abrindo o XIV volume d'este magazine, a mais rica publicação em litteratura — **a mais barata** — e a unica no seu genero que se edita em Portugal, com collaboração escrupulosamente escolhida dos mais distinctos escriptores portuguezes e brazileiros, para que possa ser recebida com inteira confiança nas familias. Profusamente illustrado, impresso em fino papel e com uma linda capa a côres, tal é o nosso magazine **"SERÕES"**, onde acolhemos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offerece, contanto que, pelo interesse do assumpto e pela singeleza da linguagem se possa adequar aos moldes em que planeámos a Revista.

A empreza grata ao carinhoso acolhimento que o publico tem dispensado a esta publicação, quasi indispensavel a todos que queiram gosar uma hora de leitura instructiva, amena e honesta, inicia com o numero referente ao mez de janeiro proximo a offrenda, a todos os seus leitores, de um **BRINDE MENSAL, util, proveitoso** e **recreativo,** continuando além d'isso a dispensar aos seus assignantes e áquelles que como tal se inscrevam por periodo não inferior a seis mezes, e que desejem completar esta magnifica Revista com os volumes já publicados desde o 1.º ao 12.º ou um só volume, ou toda a obra completa á vontade do assignante, o **BONUS DE 50 %**.

Por este modo procuram os **"SERÕES"** corresponder á ambição de agradar e ao mesmo tempo manifestar-lhes o seu reconhecimento.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões** Praça dos Restauradores, 30

Telephone 805

LISBOA

SERÕES
N.º 54—DEZEMBRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 · LISBOA

A LEITURA

NO MONDEGO
(Cliche do Dr. João Bianchi)

Despedida de Coimbra

I

curso do quinto anno juridico já se não despede de Coimbra e das tricanas com o aparato tradicional da *recita* — recita de variedades, em que havia muita musica, muito suspiro, muita rhetorica e muito, principalmente muito vinho espumoso. Ha tres annos que a balada de despedida, d'um rythmo balouçante de barco sobre ondas mansas, não vibra a sensibilidade, a ternura sentimental das mães e das noivas que das suas terras vinham a esta terra chorar e sorrir ao canto languido dos filhos e dos noivos. E com a suppressão da recita, da balada e do *champagne* dos baptismos heroicos para a seriedade da vida *bacharelaticia* — esse *champagne* indiscreto cuja espuma, a meio da noite, se punha a espreitar ao fundo de pupilas candidamente desprevenidas — de todo seccou o derradeiro e hesitante veio da originalidade, da graça coimbrãs.

Foi a ultima *grève* academica que pôs termo a essa e a outras *praxes*, abafando as inclinações folgazãs dos rapazes, submettendo-as ao ambiente nublado e suspeitoso das rivalidades politicas, dos mysticismos exaltados. Ella acabou com tudo o que exprimia alegria, claridade — recita, guitarradas, affirmações de soberania, audacias

NAS «GERAES» — ANTES DOS «ACTOS»
(Cliché do acad. José Vasco de Mascarenhas)

de intransigencia, ingenuas solidariedades — substituindo-o por tudo o que significa penumbras vagas, pensamentos obliquos, subserviencias — partidarismo, desconfianças, jejuns e aspersões d'agua benta.

Faz pena o desaparecimento da recita. E faz pena, não tanto pelo genero dramatico perdido, como pela noite que ella nos proporcionava com a irradiação dos seus risos francos, com o calor da sua rhetorica espumejante, com a variedade dos seus vinhos meigos ou *shakspearianos,* com o decorativo ceremonioso dos seus trajos de gala em que os decotes resplandeciam de pedrarias, ou de puros e luarisados marmores — resplandecendo tambem, pelo capricho feminino de quebrar monotonias, de puro, espesso pó d'arroz...

Aquillo reconstituia gastas energias, despertava a indecisa uniformidade dos costumes portuguezes para a excitação vital d'uma atmosphera carregada de imprevisto. E quantas vezes o bacharel humilde, que garganteára a *balada* antevendo n'um proximo futuro temporaes e miserias desabridas, sahia do theatro apresentado á irmã matrimoniavel d'um condiscipulo rico, já com o seu barco meio ancorado em porto seguro, arejado por brisas generosas...

A recita, se não correspondia a uma lição sólida e sã de economia individual, era vantajosa mesmo como elemento de estudo d'essa complicada lição. Mais do que isso: ella abria o limite preciso e visivel entre os descuidos, as leviandades academicas e as responsabilidades intolerantes que veem com a abundancia de barba e os encargos sociaes. Era o penultimo golpe no cordão umbilical que prende os vinte annos á anciedade irrequieta do goso e do riso — o ultimo ficava para o dia da formatura. Além d'isso, a recita deixava na memoria e no coração longas resonancias, caricias suavissimas, traços vivos de episodios comicos ou amorosos que haviam de conservar uns restos de luz, revivescida e quente, atravez do frio crepusculo dos velhos annos.

Os meus velhos annos, os dos meus contemporaneos, os d'aquelles que hão-de chegar depois de nós, devem ser d'uma penumbra desoladora, gelada, sem o reflexo d'uma reminiscencia que consoladoramente os illumine. A melancholia dos vinte annos será na velhice a aridez angustiada em que não abre sorriso, nem gesto de bondade.

E sommando sempre as excellencias da receita, umas cantadas, outras por cantar, sômos

ULTIMO DIA DE AULAS — UM LAZARO: O «AMIGO MATHIAS»
(Cliché de Gabriel Tinôco)

NO BUSSACO — AO «BRIDGE»
(Cliché de Gabriel Tinôco)

forçados a cumprir o preceito da reverencia deante da mais alta — aquella que nos approximava, durante horas, das festas religiosas da Grecia. A velha Grecia resuscitava em plena gloria pagã, entre as quatro paredes do Theatro Academico ou do Theatro Circo. Ella continuava o brilho espontaneo, a alacridade perturbante, a fervorosa religiosidade das noites de culto ás mercês de Baccho, na época feliz em que o homem, isento dos terrores do christianismo, livremente victoriava a pujança das seivas, o regosijo do prazer e do amor, a fertilidade abençoada das searas, nos deuses munificentes que as symbolisavam.

De maneira que, banida das praxes academicas a recita do curso do quinto anno juridico, relegado para o esquecimento o seu culto capitoso á alegria e á mocidade, Coimbra perdeu o direito á antonomasia arcadica de *Luza-Athenas*. Coimbra, sem a sua festa de despedida, não satisfaz aos imperiosos requisitos d'um titulo tão pomposo e tão nobre.

Uma Minerva de calcareo, hirta, insensivel, corroída de musgo e venerada na Universidade, não basta para estabelecer a linha de equilibrio entre aquelle titulo e a realidade.

Tirando-lhe as homenagens tradicionaes ao filho de Semele e de Jupiter, e a veneração pela deusa musgosa cujo Olympo se rege pelos estatutos do Marquez de Pombal, em Coimbra não encontramos ruinas, sedimento de ideias, restos de costumes que legitimamente a mantenham na sua predilecta nobreza de *Luza Athenas*. Falta-lhe a graça das attitudes helenicas, a sua elevação de espirito, a imponencia, firme e rectilinea, da sua obra architectural, a majestade sobria, a delicadeza alada do seu genio litterario.

LAPA DOS ESTEIOS
A meia altura, uma lapide com versos de Thomaz Ribeiro
(Cliché do dr. João Bianchi)

Não se descobre vestigio de templo, d'um simples portico, que lembre a pedra divinisada por Phidias ou Pratixéles. Em vez de Psychés compassivas a que os namorados offertavam abelhas d'oiro, para que lhes enxugassem as lagrimas e lhes desanuviassem o coração; em vez d'altares de marmore com Venus emergindo, núas e olympicas, á flôr d'espumas d'alabastro, encontramos, em peanhas de cantaria, com baldaquinos de cuidada filigrana, santos tristonhos, mosteiros e egrejas cuja arte, perfeita, d'um requinte ideal de fórmas e de

motivos, reflete o enigma sombrio que paira no olhar mortificado dos santos, que marca os passos tormentosos dos martyres e do Christo. E nem com todo o poder transformador da phantasia de Tartarin seria possivel compararmos a molle da Universidade, enegrecida e inesthetica, irregular como a crista d'um monte, com a elegancia solemne do Parthenon, que, do cimo da Acropole, offerecia ao grego insatisfeito de impressões a perspectiva das aguas azues do Jonio, dos cabeços do Hymeto vestidos de pecegueiros e de tamarindos, das pontas rochosas de Salamina que todas as tardes lhe escondiam o disco deslumbrante e esbrazeado do sol.

A differença que vae d'esta cidade catholica para a cidade pagã da Attica, não é das que apenas abrangem monumentos, crenças e costumes. As sciencias professadas em Coimbra e as sciencias d'Athenas semelham-se como um principio de Aristoteles com uma lição de *Eclesiastico*. A educação moral da terra magnifica dos jogos olympicos e a do berço medieval da *troupe* e do *canelão* confundem-se menos, do que a casca d'um ovo com a concha d'um caracol. E a propria vegetação, que pelo seu aspecto peculiar, pelo brilho claro ou pelo tom discreto da sua folhagem, pela exuberancia arrogante ou pela serenidade contemplativa dos troncos e das ramagens, tão impressivo caracter impõe ás praças e ás colinas onde verdeja, não tem aqui a feição risonha dos bosques sagrados que tão dócemente acolhiam as controversias dos philosophos e os sensualismos das cartezãs.

Os sycomoros e os platanos de Athenas, a que Diogenes devia favores innumeraveis, subiam no ar carinhoso, balouçavam as folhas ebrias de côr e de luz na soberana altivez dos grandes e dos fortes. As suas raizes, insaciavelmente vorazes, nutriam-se dos humus que os deuses fecundavam para que desenvolvessem ramos e sombras dignos dos amores de deuses.

A vegetação d'entre Cellas e Mondego é d'uma tristeza indefinida e biblica. Tem a belleza pacifica, resignada de quem nasce e vive immerso em sonho, embebido de nostalgia. Presente-se nas suas seivas a timidez das tintas fortes. A sua verdura não abre na expansiva alacridade do riso. Sorri, enternecida, quasi a medo, no ar pensativo, supersticioso dos que receiam provocar uma dôr com um sorriso. Envolve-a um véo de religiosidade mystica, a absorção mysteriosa d'uma crença divina e christã. E' como se tivesse ouvido a voz evangelisadora de Paulo de Tarso e ainda hoje meditasse a estranha doutrinação d'essa voz. E assim, n'estas tardes calmas de verão, amodorrados á sua sombra, muitas vezes nos acaricia a illusão de que, da frescura casta dos ramos e das folhas, nos cahem na alma, amaciadas em murmurios mais leves do que o respirar, palavras amoraveis do Messias.

NO BUSSACO — GALERIA DO HOTEL
(Cliché de Gabriel Tinôco)

Ahi está porque julgo descabida n'esta data a antonomasia de *Luza-Athenas* conferida a Coimbra, desde que a não illustra a recita do quinto anno com a sua atheniense celebração a Baccho.

E ahi está ainda porque Coimbra não seria injusta nem violenta, se detestasse a memoria d'essa *grève* que a expoliou do direito ao melhor dos seus titulos. Demais a mais, ao extorquir-lhe o direito á uma

dignidade que legitimamente a orgulhava, tirou-lhe a satisfação forte e desinteressada de se revelar hospitaleira, agasalhando durante dias, com economica probidade, as mães e as noivas dos bachareis que se despediam.

A *grève*, que pôz termo á recita, acabou de nivelar a vida ordinaria d'este burgo, o mais propicio aos caprichos da lenda, com a vida banal e somnolenta de qualquer cabeça de comarca de Barroso ou do Alemtejo.

Hoje, trepa-se da Baixa para a Alta á hora convidativa dos antigos fados, percorre-se a cidade depois das aulas, e apossa-se de nós, irresistivel, uma impressão desalentadora de abandono e de velhice. Nos labios e nos olhos dos frequentadores do ensino superior não canta, não fulgura uma affirmação espontanea de mocidade. Vemo-los passar, de colarinhos lustrosos, de batina abandada de sêda, e afiguram-se-nos velhos casquilhos que por um singular capricho da Natureza conservassem a pelle fresca e negros os cabellos. Como sorvados pelo amargôr da experiencia, falam sisudamente de politica, discutem com uncção a *Alma aos pés de Jesus*, estabelecem o calculo da despeza mensal com a mulher e os filhos — um terço da academia actual tem mulher e filhos para rezar o *terço*, ou jogar familiarmente o *quino* todas as noites, antes do chá... A jovialidade estouvada e irreverente que se multiplicou em proezas e torneios de graça, converteu-se na sisudez burocratica indispensavel a quem escogita o meio de se recommendar ás graças da catholica, afim de *casar bem*, e de quem ensaia aprumos vertebraes — sómente os vertebraes, por emquanto... — adequados ás exigencias representativas de S. Bento.

QUINTANISTAS A PORTA LATERAL DA SÉ VELHA
(Cliché do dr. João Bianchi)

A recita não resistiria, se alguem tentasse resuscitá-la, a este ambiente de casa de *capitulo*. Uma recita de despedida n'esta Coimbra, offereceria a originalidade e o contraste d'uma dança de operetta no recanto d'uma sachristia. Se ella era a despedida das leviandades de rapaz, das intemperanças do gôsto, das brejeirices em que o bom humor refervia como *champagne* fresco ao saltar da garrafa, os cursos d'agora, só por excentricidade incoherente com a sua calva ponderação, se atreveriam a reconduzí-la ao theatro, com a musica, os suspiros, os decotes e o vinho espumoso que lhes pertenciam. Mas as leviandades, as intemperanças, as brejeirices representam para elles o desconhecido — e ninguem, de juizo ou gravidade, se despede do que não conhece.

Por isso a despedida de Coimbra se reduziu ao barbaro pittoresco de rasgar capas e batinas de quintanistas no ultimo dia d'aulas. E n'isto supponho descobrir uma intenção reservada e previdente que convem manter. Talvez haja ahi a intenção de significar aos que vão deixar a Universidade, que devem despir, antes da partida, tudo o que lá adquiriram — retalhos de noções, sombras de principios, conceitos optimistas e falsos da vida

E que não ha motivo para outra despedida, em tal meio, accentúa-o melhor do que a minha desgrenhada prosa, a festa que quatro ou cinco rebeldes ao ensino da experiencia e á acção da sisudez academica promoveram no Bussaco, em substituição da re-

cita. D'um curso de mais de cem aspirantes ao bacharelato, só *trinta e sete* se encontraram em divida com os dias passados sob as badaladas da *cabra*, os *fritos* do Magrinho e o desdenhoso charuto do Paixão. Os restantes ficaram em casa, abeberados de beatitude perante a orientação dos respectivos partidos, ou perante os *bentinhos* de S. Gaudencio recebidos no ultimo correio, com efficacia garantida por Sua Santidade.

Quer-nos parecer que d'estes, um ou outro menos desapercebido de boas inclinações, ficou a ruminar ainda em collocar, nos cofres productivos da Caixa Economica, os quatro mil réis que teria desembolsado se fosse *dos de festas*—no intuito commovedor de offerecer capital e juros, ao fim de dez annos, ao seu primeiro filho...

Estou mesmo a vê-los, d'olho fino e agoirento, considerando o que seria a loucura do Bussaco, com as suas gargalhadas, os seus brindes, as suas enternecidas lagrimas, os seus vinhos da Raposeira, para a purêza d'almas sem peccado, de bolsas sem larguesas, de caracteres sem descuido capaz de perturbar a appetecida respeitabilidade da *vida pratica* — expressão certa d'uma coisa incerta, soando a vasio como o bombo abominavel do Hymno da Restauração, em cada madrugada de 1.º de Dezembro.

(Continúa.)

SOUSA COSTA.

RESPOSTA...

«Não te amo (escreves) não conserves illusões
que será sempre sem esp'rança o teu amor...»
Pois bem! quero-te assim. Quero esse teu rancor:
na posse só ha tedio e eu quero commoções..

«Existe (dizes) entre os nossos corações
um vasto abysmo que jamais pod'rei transpor...»
Pois... alarga esse abysmo! A vida é esta dôr
rugindo com a furia infréne dos tufões...

Não ames, não, mulher! Despreza-me! O amor
sómente é grande quando accêso pela Dôr!
Que eu nunca libe o mel do teu seio formoso!

Sê forte como um deus, pura como um crystal,
para que eu morra no perfume d'este ideal
sem conhecer da posse o travo amargoroso...

(Do livro «Sonetos», em preparação)

J. REGALLA.

O outomno e os calendarios luni-solares dos gregos e dos judeus — O Kipur e o Ramadan — O mez Vendémiaire — As legendas do Outomno — As festas dos Incas, filhos do Sol

Dourado pelos ultimos raios ardentes do sol de verão surge o outomno, lentamente, por entre as primeiras folhas soltas. Ao avistá-lo, a Natureza, ainda em festa, tem momentos de indecisão e gestos de revolta. Um véo mysterioso paira por sobre a terra, e das suas dobras sombrias cahem tristezas e anciedades, que se diluem na atmosphera. No seio do arvoredo ha despedidas sentimentaes entre os emplumados emigrantes, e a aza que se agita precipita no espaço a folha saudosa do ramo que estremece.

As primeiras gottas de chuva beijam a folhagem sequiosa e esmorecida, polvilham de crystaes o velludo encarnado das dhalias, e congelam-se com o brilho do diamante no coração dos chrysanthemos.

Surprehendidas as verbenas, tomam um ar mais roxeado e aconchegam-se friorentas. O amaranto, a flor vermelha do ciume, espreita as zinnias e as secias petulantes, e estas fazem namoro aos garridos rainunculos, á vista dos sorrisos ironicos das formosas petunias.

Os hibiscus pendem nas hastes, entristecidos, saudosos das caricias do sol que lhes incendeia os lindos corpos purpureos, emquanto os pelargonios abrem, indifferentes, as suas brilhantes e assetinadas umbellas aos pingos de agua que lhes cahem em cima.

O peucedanum floresce nos pantanos, as angelicas silvestres nas margens dos ribeiros, a succisa nas serras, a genciana nas mattas, o leucojum outomnal nos tojaes, a serratula nos pinhaes, a urze no matto, os espiranthos nas visinhanças do mar, as merenderas nos outeiros e as candeias nas sebes.

As romanzeiras teem sorrisos escarlates, os sorbus põem tons quentes na paysagem e os dyospiros pendem rubicundos dos troncos despidos. O buxo, a murta e o myoporum, salvam a nudez das alamedas, que as tilias embalsamam com seus bellos thyrsos.

Com as suas navalhas recurvas os vindimadores decepam os cachos das videiras. Os bagos de uva teem reflexos de topasio e amethista, cravejando os campos a perder de vista, por entre as parras, que mostram livores de ambar, nodoas de ferrugem e esbatidos escarlates, ou pendem das parreiras, como um docel em relevo, de cachos dourados e violaceos. As arvores despojadas dos seus fructos, despem-se da ultima folhagem e ficam depois, espectraes e esgrouviadas, invectivando o sol que desmaia como um athleta ensanguentado. A' beira dos caminhos os rebanhos procuram a relva escassa, ao som da canção dormente do pastor, interrompida ás vezes pelo vôo desnorteado da ave que foge ao caçador que a persegue.

O outomno é a quadra nostalgica da alegria que passa, da saudade que chega, da vida que adormece. Nas veias das plantas a seiva arrefece, e só a violeta rasteirinha suavisa a terra endurecida.

A volta regular dos dias e das noites, fez comprehender aos antigos o que eram os intervallos eguaes do tempo.

Notaram que o calor e o frio se succediam com uma periodica regularidade; que era necessario semear em certas épocas e

fazer sempre as colheitas em um praso marcado, e assim conseguiram reconhecer e determinar a existencia das estações.

A 21 de setembro, no momento em que o sol descendo atravessa novamente o equador, dá-se o equinoxio do outomno e os dias tornam-se eguaes ás noites. A partir d'esta data, os dias vão gradualmente diminuindo no nosso hemispherio, e a 21 de dezembro, com o solsticio de inverno, as noites attingem a sua maxima duração.

Todos os gregos, excepto os da Arcadia e os da Acarnania, acceitaram o cyclo de Méton, variando comtudo os nomes dos mezes e as épocas do seu começo conforme as cidades.

Em Esparta, Argos, Corintho e Creta, na Sicyonia, Corcyria, Cyrena e Sicilia, collocava-se a época inicial do anno na lua nova mais proxima do equinoxio do outomno.

A partir d'esta mesma lua, começava com o primeiro dia do mez de *Tishri,* o anno civil judaico.

Os israelitas entre nós, celebraram no penultimo mez, a 16 de setembro, a entrada do anno 5670, seguindo-se dias depois o jejum do *Kipur,* que terminou com a festa do *Succoth,* quasi de caracter intimo e que consiste em uma refeição em commum, tomada n'um pavilhão armado para esse effeito na synagoga. Por entre canticos religiosos, termina com este agape, a commemoração do novo anno israelita.

Os musulmanos celebraram tambem agora, em setembro, o *Ramadan,* que é a sua Quaresma. Como o anno musulmano é lunar, e por consequencia mais curto onze dias que o nosso, acontece que no fim de 33 annos, o Ramadan tem percorrido todas as estações do anno. Durante esta quaresma que dura trinta dias, não se deve tomar alimento de especie alguma, nem fumar, nem sequer cheirar o perfume de uma flor, desde que o sol nasce até que se põe, o que é annunciado por um tiro de peça, nas grandes cidades, ou pelo canto dos *muezzins* que convidam o povo á oração, nas pequenas cidades e villas, pois que o uso dos sinos, é absolutamente interdicto no Oriente.

Segundo o calendario republicano, a Convenção, querendo fazer principiar o anno, no dia em que a republica tinha sido proclamada, resolveu abolir a era vulgar, datando a era republicana de 22 de setembro de 1792 no proprio dia do equinoxio do outomno.

Os mezes de setembro, outubro e novembro passaram a ser respectivamente designados da seguinte fórma: *vendémiaire, brumaire, frimaire,* ou seja, mez das vindimas, mez das brumas, e mez das geadas.

Os mezes foram todos egualmente divididos em tres dezenas ou décadas, substituindo as semanas, e os nomes dos dias foram tirados da ordem natural da numeração.

A eponymia dos santos e das festas do calendario gregoriano, foi substituida por uma serie de nomes de metaes, plantas, animaes e instrumentos aratorios.

Assim, por exemplo, *le vendémiaire primidi,* que n'aquelle calendario indica o dia de S. Mauricio, passou a marcar: «uvas»; o dia seguinte, 23 de setembro — *duodi,* que corresponde ao dia de S. Lino: «açafrão»; e d'este theor todos os mais. Os nomes dos mezes, compostos d'esta fórma, por Fabre d'Eglantine, não deixavam de ser poeticos, e interessantes, mas na verdade, applicaveis apenas ao clima de Paris. Este calendario durou menos de 14 annos e em virtude de um relatorio de Laplace, uma decisão do Senado de 22 *fructidor* anno XIII (9 de setembro de 1805) restabeleceu o calendario gregoriano, a contar de 1 de janeiro de 1806.

Presidindo á mudança das estações, havia entre os romanos o deus campestre Vertumno, casado com a linda Pomona, deusa etrusca tambem, que traz a fronte engrinaldada em pampanos e cachos de uvas, offerecendo sempre preciosos fructos em uma cornucopia de oiro. O outomno propriamente, era representado sob a figura de uma mulher de meia edade, agarrando uma cabra por um dos pés de deante e segurando um cesto com fructa.

Esta estação é tambem representada por um vindimador, apoiando uma escada a um ulmeiro em que se entrelaçam as hastes de uma videira. Outra allegoria mais moderna figura uma bella e opulenta creatura, magnificamente vestida, pois segundo os poetas, o outomno é a edade viril do anno.

Harpocrates, que symbolisa o sol do outomno e do inverno, tinha no Peru templos especiaes onde os Incas, filhos do sol, celebravam todos os annos a sua volta. Mas esta concepção mythologica é bem differente

d'aquella concepção allegorica. Harpocrates, cujo nome é a transcripção da fórma egipcia *Harpa-Krudu* ou Horus creança, é bocca, o que deu occasião a que o tomassem erradamente pelo deus do silencio, confusão que subsistiu até Champollion.

AS MARGENS DO LOING NO OUTOMNO
(Quadro de A. Allongé)

representado sob o aspecto soffredor de uma creança doente, envolvida em faixas, sempre immovel e com um dedo mettido na

Os Incas celebravam quatro festas por anno em honra do sol: nos dois equinoxios e nos dois solsticios, festas que significavam

quatro datas da vida do homem: o nascimento, o casamento, a paternidade e a morte. A festa do equinoxio do outomno correspondia á nascença. N'esta solemnidade eram apresentadas ao pontifice, em lindos cestinhos, as creanças recentemente nascidas. Em Valenciennes, capital do Hainaut, faziam-se depois de 1825 umas festas, ditas dos Incas, que se tornaram das mais notaveis de Flandres. Consistiam ellas em uma pomposa e brilhante mascarada de pessoas vestidas com trajes peruvianos, e em que figuravam ordinariamente Huescar, Christovam Colombo, Cortez e Pizarro.

O imperador Adriano chamava aos christãos adoradores do Sol ou de Serapis, deus egypcio, posterior a Isis, Osis e Horus, e que chegou a adquirir todos os attributos de Osiris, passando á mythologia grega como todos, ou quasi todos os deuses egypcios, e depois aos romanos, aos etruscos, aos phrygios, chegando até nós convertido em S. Serapião, santo que apparece no nosso almanach a 30 de outubro.

O anno com tres estações — As Horas na Theogonia de Hesiodo — A metempsychose e os cabiras de Samothracia — Os deuses germanicos Baldur e Freya

Na Theogonia de Hesiodo, as Horas, filhas de Jupiter e de Themis, que symbolisam as estações do anno grego, são apenas tres. Isto explica-se pelo facto do outomno ter sido introduzido na divisão do anno em uma época relativamente recente, não tendo os antigos, ao que parece, noção alguma d'esta quadra. As Horas são no decurso da vida humana o mesmo que são as estações no decurso do anno: pacientemente fazem germinar e amadurecer os fructos. A primeira, a Hora da primavera, é Dicêa, a deusa que entre os gregos personifica a equidade; a segunda, Eunomia, symbolisa a boa ordem, e é ella que converte as flores em generosos fructos; o proprio fructo, é Erinea, a deusa da Paz, sob a benção da qual, tudo prospera e floresce. Homero, não determina o numero d'estas deusas, e não lhes indica os nomes, considerando-as principalmente as deusas da temperatura, que abrem e fecham as portas do céo ás nuvens que deitam sobre a terra uma chuva benefica.

Mais tarde, Carpo vem juntar-se a esta trindade, prefazendo então todas, as quatro estações. Lindas, gentis e perfumadas, passavam a sua vida dançando e cantando em côro pelos bosques sagrados com as graças, Hebe, Venus, a Harmonia e as Musas.

A formosa narrativa de Hesiodo, parece basear-se, na parte que diz respeito ao reinado de Jupiter, nas tradições dos primitivos aryas, ligando-se nas suas minucias, particularmente ao periodo pelasgico da escola jonica.

Na doutrina da metempsychose, attribuida aos antigos orphicos, segundo se deprehende de uma passagem de Platão, as evoluções do anno solar não eram senão as imagens da evolução da alma. Assim, nos ritos dos cabiras de Samothracia encontra-se a historia de uma lucta entre tres irmãos, um dos quaes tendo sido condemnado á morte pelos outros dois, volta á vida passado algum tempo. N'estas ceremonias de caracter puramente moral, Dionysio, o deus vencedor, era apresentado no fim, como sendo o deus do Espirito.

Tacito confirma que os germanos apenas tinham tres estações, desconhecendo o outomno. Comtudo, em um gracioso canto da *Edda*, o poderoso deus Baldur, vive inquieto por negros presentimentos.

O povo dos Asas, cheio de terror, faz jurar a todos os seres que não farão mal a Baldur, esquecendo-se no emtanto do agarico *(gui)*. Então Loki, arma com uns d'estes ramos a mão incerta do cego Hodur, irmão do deus que se julgava salvo, e dirige o golpe, do velho, que fere mortalmente Baldur. Mas um irmão, Ali, que nasce depois, vinga o deus, condemnando o innocente Hodur á morte. Não é difficil levantar o véo d'esta allegoria.

Baldur (o forte) é o sol de verão, que attinge no solsticio, o ponto mais alto do seu percurso. O irmão cego que o mata é o sol de outomno, este sol que sente os dias diminuirem, mergulhando na escuridão das noites interminaveis. Entre o solsticio de inverno e o equinoxio da primavera, um novo filho do sol vem ao mundo: é Ali que annuncia o proximo triumpho do dia sobre a noite.

Na opinião de Bunsen, porém, este poetico quadro não deve ser originario do extremo Norte, parecendo antes ter nascido sob um clima mais doce.

Não nos parece, comtudo, menos poeticos

mytho de Freya, a deusa escandinava do amor e da belleza, que se transformava em ave para percorrer longinquas regiões. Arvores e flores tinham algumas o nome da linda e casta deusa, que abandonada por seu esposo Odr, chorou lagrimas de oiro, as mais preciosas lagrimas que os deuses teem chorado. Freya, é tambem o nome de uma formosa estrella, que durante o outomno scintilla no hemispherio boreal.

As festas pagãs e religiosas do outomno — A «Chacota» em Niza — A festa dos vinhateiros na Suissa — O culto de Baccho — A lenda do S. Martinho

O mez de setembro era antigamente collocado sob a protecção de Vulcano, o mais feio dos deuses.

Os athenienses, tinham instituido em sua honra umas corridas, chamadas *Lampadophorias*, em que os corredores passavam de mão em mão, n'uma dança vertiginosa, um facho que não deviam deixar apagar. D'este facho, fizeram os poetas o emblema da vida, que os homens se transmittem de geração em geração. O culto de Vulcano, parece originario do Egypto, onde era adorado, com o nome de Phta, como deus do fogo, do calor e da vida.

Uma das nossas festas mais interessantes, similar das theorias pagãs, é o celebre cortejo descripto por Motta e Moura nas *Memorias historicas da villa de Niza*.

Em setembro realisa-se em Niza a festa de S. Pedro, promovida pelos pastores e creadores, e que, além da parte religiosa, é celebrada com varios jogos, folias, cantares e lautos banquetes. Organisa-se por essa occasião a *Chacota*, prestito que «vem precedido por um tambor, que bate a marcha, e um pifano ou gaita de folles, que o acompanha; seguem-se seis formosas donzellas vestidas no melhor gosto e elegancia que podem, com pequenas bandeiras encarnadas, e no centro a festeira com o estandarte, e depois uma ala parallela de zagaes, com suas casacas e calções, e meias brancas e fivellas de grandeza patriarchal, que serviram já nos casamentos e baptisados de sete gerações, que as vão protegendo de qualquer avaria; e atraz d'elles seis pastores e duas respeitaveis matronas com suas saias de chamalote, e roupinhas de grandes abas á polka, e pandeiros de metal e soalhas, levantam cantigas em honra do Santo, que o côro todo, composto de muitas raparigas da terra, em harmonia e suavidade repete, acompanhado por violas que menestreis da villa vão tangendo; fecha o cortejo outra ala de jovens pastores que as vão guardando e defendendo de qualquer aperto na grande concorrencia que as acompanha e vae seguindo».

O mez de outubro, como de resto todo o outomno, é especialmente consagrado a Baccho, o joven deus das vindimas, festejado na Grecia e em Roma com o nome de Dionysio. Denominavam-se *Dionysiacas* as festas das vindimas, que se distinguiam entre todas pelas excessivas e escandalosas liberdades, que por entre a mais desenfreada alegria n'ellas reinavam.

Os camponezes com os rostos lambusados de borras de vinho, jogavam as *Ascolias*, saltando ao pé coxinho sobre um ôdre feito de pelle de bode, cheio de vinho, e besuntado com azeite, o que tornava este exercicio mais difficil, provocando trambulhões que eram festejados com as gargalhadas dos assistentes, cabendo afinal o ôdre por premio áquelles que conseguiam equilibrar-se em cima d'elle. D'estes folguedos e de outros n'este genero, teem resaibos os festejos populares, com obstaculos, corridas, cavalhadas e mastros de cocanha, que se seguem ás nossas festas religiosas, em tardes de procissão pelas terras d'este bello Portugal, ingenuo e pagão.

Em outras festas atticas, as *pequenas Dionysiacas ruraes*, eram passeados em procissão os *calathos* cheios de vinho e coroados de verdes pampanos. As Bacchanaes, celebradas na antiga Roma ao som de tambores e dos cymbalos phrygios, passaram a ser no decurso do tempo as mais licenciosas festas pagãs, realisadas sob a égide do sempre joven e alegre Baccho, que a ellas presidia eternamente aureolado de heras, de parras ou de folhas de figueira, com a sua pelle de panthera descahida sobre o hombro, empunhando em uma das mãos o thirso, symbolo do seu poder e realeza, e na outra segurando a taça, em que os preciosos e cinzelados cyathos esvasiavam o vinho generoso.

Não só em todos os tempos, mas em todos os paizes tambem, a época das vindimas tem sido, e é, festivamente celebrada.

Nas *Cérémonies e coutumes religieuses de tous les peuples*, de J. F. Bernard, vem a descripção da celebre festa dos vinhateiros na Suissa.

Este imponente cortejo era aberto por musicos e halabardeiros, revestidos dos antigos trajos suissos, seguiam-se os vinhateiros coroados de folhagem, as pastoras e os pastores com o seu commandante precedido de violões e flautas, frescas camponezas com grinaldas de flores, e os jardineiros e jardineiras. Palés, a deusa dos rebanhos, é conduzida sobre um throno com baldaquino, por quatro donzellas que caminham á frente de outras jovens que baloiçam thuribulos de incenso e trazem corbelhas de flores, seguindo depois as ceifeiras e os ceifeiros com as foices e os ancinhos e sobre um carro de feno as segadoras. Após os vinhateiros da primavera, vem o grupo de Céres. A deusa é levada por quatro nymphas, entre ceifeiras, respigadeiras, debulhadores e joeiradores, fechando a marcha um carro de trigo. Baccho é conduzido sobre um tonel, por negros faunos e bacchantes, seguido por Sileno em cima do seu burro e amparado por dois pretos. O grupo dos vinhateiros do outomno levam Chanaan entre vindimadores, um carro com toneis e a arca de Noé.

Durante o mez de outubro os romanos, entre varias outras festas curiosas, celebravam ainda a 11, as *Medetrinaes* em honra de Medetrina, a deusa da medicina, festas que eram acompanhadas de copiosas libações. A 13 eram as *Fontinaes*, consagradas ás nymphas das fontes: deitavam-se flores nas fontes e coroavam-se os poços com grinaldas florídas. E a 19, com as *Armilustres*, realisava-se a benção das armas sobre o monte Aventino.

O mez de novembro abre com o dia de Todos os Santos, uma das mais solemnes festividades da Egreja Catholica.

A 2 é o dia dos Fieis Defunctos ou dia de Finados, que corresponde ás *Februaes* que em Roma se faziam no mez de fevereiro.

A 11 começa o popular verão de S. Martinho, tão festejado e querido do nosso povo.

Conta-se que S. Martinho sendo soldado, encontrára em pleno inverno, cahido sobre a neve, um desgraçado a quem levantou e deu de beber; quando ia já a afastar-se, cheio ainda de piedade pelo pobresito que tremia de frio, voltou atraz e cortando em duas tiras a sua capa, deu-lhe uma das metades d'ella. N'este momento o sol rasgou as nuvens, e uma nova primavera foi dada á terra. Era n'este mez tambem que, em França, as raparigas penteavam a Santa Catharina, como em Hespanha e na Italia ornamentavam as estatuas dos santos e das santas nas egrejas.

Nos principios de dezembro, festejavam os gregos as *Eleutherias* nas planicies de Plateia, fazendo elogios e libações sobre os tumulos dos heroes mortos em defeza da patria.

Os romanos tinham as *Faunaes*, festa campestre dedicada á deusa dos rebanhos, e os quatorze dias *alcyonicos* que comprehendiam: as *Brumalias* e as *Ambrosianas*, as *Opalianas* e as *Saturnaes*.

N'estas ultimas, eram offertadas a Saturno pequenas estatuetas de oiro e prata, e durante o tempo que as festas duravam reinava a maior alegria e a mais absoluta felicidade. Os tribunaes fechavam, as escolas davam ferias, enviavam-se presentes aos amigos, davam-se grandes festins, e até alguns prisioneiros eram restituidos á liberdade.

Esta celebração da edade de oiro de Saturno e Rhea parece ter alguma similhança com as nossas festas do Natal.

Com o fim do outomno os montes vestem as suas tunicas de alvura, as nuvens adensam-se e escurecem os ares, o vento tem uivos enfurecidos e impetos desabridos fazendo vergar as arvores por entre os gemidos dos troncos que estalam, e a chuva gotteja incessante entristecendo a gente.

Confundindo com a chuva o suor que lhe cáe do rosto, só o cavador nem dá por ella, curvado sobre a enxada.

Cacilda de Castro.

CINTRA — VILLA ESTEPHANIA

Cintra

A sua paizagem e a sua flora

II

O grande sabio A. Humboldt, que, a meu ver, melhor soube interpretar a natureza, sob certos aspectos, escreveu que, para o pensamento abraçar a natureza inteira, não nos devemos cingir aos phenomenos sensiveis. Convem, pelo menos, esforçar-nos por entrever algumas d'essas analogias mysteriosas, d'essas harmonias moraes que ligam o homem ao mundo exterior, e mostrar como a natureza, reflectindo-se no homem, se envolve num véo symbolico, atravez do qual ella deixa entrever as suas graciosas imagens.

A grande exactidão d'estas observações do grande naturalista evidenceia-se a cada passo. Para as almas não vulgares, essa especie de symbolismo é uma necessidade. Os dramas secretos do coração, as alegrias e as tristezas da vida procuram por confidente a natureza nas suas varias manifestações, nas suas multimodas opposições. O espirito, quando alegre e desanuviado, para gozar da natureza, precisa de um céo sereno e illuminado sem mancha. E' por intermedio da grande luz, o menos material de todos os elementos tangiveis, que o mundo do espirito se funde de certo modo com

a realidade, servindo-se do orgão que em nós é séde predilecta da alma. Para que um panorama campestre enfeitice ou impressione deveras, é indispensavel que a creação inteira se banhe em ondas de luz. E é necessario tambem que, para os contrastes indispensaveis e completos, não falte o espectaculo do Oceano, que dos panoramas terrestres não ande ausente o do elemento liquido. Se este é, para bem dizer, o simulacro da inconstancia e das vicissitudes das cousas humanas, a serenidade radiosa da atmosphera é a imagem do infinito repouso a que a alma aspira, e, como tal, a menos enganosa de todas as consolações que procurâmos para a eterna tristeza do destino e melancolias pungentes da existencia.

CINTRA — PAÇO REAL

A adoração crente, a exaltação viva e sagrada pelas sublimes bellezas naturaes da serra cintrense — sem resvalar na forma pantheista — que Byron, o poeta inglez, experimentou ao encaral-as, só as podem partilhar as almas privilegiadas. Byron não disse tudo o que sentiu, porque, para os que sabem sentir por aquella forma, a sensação de surpreza e de admiração perante o espectaculo do universo, não encontra palavras que a traduzam. E n'esse caso, melhor é, sem analysar, gosar d'essas sensações, sem prescrutar o pensamento em suas fugitivas emoções, sem procurar desvendar os seus mysterios, ou assignalar o lampejo instantaneo fixando-o em palavras. A analyse desflora o encanto. Este sustenta-se do calor occulto que alimenta a vida da alma; nutre-se d'esse estado de deliciosa agitação das nossas ideias no momento de surgirem á superficie do espirito. E então, a essencia d'estas é tão subtil, que os sons das palavras não podem conter o que de si é imaterial, ainda quando, figuras vaporosas, fossem traçadas na luz com buril diamantino.

O que o poeta escreveu n'aquelles momentos de completa absorpção da intelligencia e do coração, n'aquella vibração de toda a sua natureza, verdadeiro instante de extasis dominador, foi decerto um pallido reflexo do encanto que o dominou, encarando o inesperado e maravilhoso panorama.

*

Nós, n'este permanente e apaixonado estudo do bello na natureza e na arte, durante tantos annos, esforçámo-nos sempre, por irrisistivel tendencia, em espiritualisar, em vez de materialisar a emotividade das impressões ou sensações recebidas. Isto explica o alvoroço com que, desde todo o principio, acceitámos o credo esthetico de Hegel, do qual nos não affastou um apci, nos seus principios fundamentaes, o detido exame, a que mais tarde procedemos, das theorias de Mandsley e dos que o precederam, James, Lange, Spenser, etc.

Escreveu o grande mestre, que «a bel-

leza na natureza encerra um caracter muito especial, pela propriedade que possue de excitar os sentimentos da alma, pela influencia sympathica que em nós exerce; que o valor e o senso esthetico de tudo isso não pertence aos objectos tomados em si mesmos; que se deve ir buscar o seu segredo nos sentimentos da alma humana que esses objectos despertam». (1)

Esta concepção de Hegel sobre as causas da emoção esthetica diverge essencialmente da que liga os estados emotivos a condições biologicas, considerando-os como uma expressão immediata da vida vegetativa.

N'esta maneira de raciocinar, tudo o que ha de ideal no bello desapparece; encurtam-se os horisontes. Tudo, segundo ella, se reduz, n'aquelles estados, a movimentos interiores e exteriores, que abalam o organismo, ora suave ora violentamente. São estados affectivos verdadeira e exclusivamente animaes. Desoladora doutrina a que não podemos adherir incondicionalmente, preferindo acolher-nos ao santuario intimo de nossas arreigadas convicções, sem preterir, aliás, o devido respeito á sinceridade dos que pensam diversamente.

CINTRA — SALA DAS ARMAS NO PAÇO REAL

Porque se não hade admittir, que o ideal do bello — forma pela qual se exprime Deus e a natureza — constitue, conjuntamente com o do Bem e o da Verdade, os tres ideaes supremos que representam a perfeição da natureza humana, e que o homem guarda no intimo do seu ser? O ideal do bello não deriva do exterior; mas, pelo contrario, como o bem e a verdade, tem a sua origem na raiz do nosso ser espiritual.

Quando falamos do bello na natureza, indicâmos por esse modo certas formas em suas relações com a impressão que ella nos produz, segundo certas analogias: transportamos portanto as ideias de ordem, de harmonia, de belleza, do reino do espirito para o reino da natureza; ou, n'outras palavras, comparâmos a esphera da necessidade com a esphera da liberdade, o mundo dos sentidos com o mundo da intelligencia.

O caracter fundamental do bello é por natureza infinito. Além da expressão subita que a primeira impressão accentúa, ha um que de mysterioso que excita a alma, um symbolo velado que desperta no fundo d'esta uma infinidade de ideias.

Não se harmonisam porventura estas idéas mais com a verdadeira concepção das regalias do espirito humano, do que essa exagerada importancia dada a factores physiologicos, e segundo a qual as emoções representariam apenas a consciencia dos phenomenos organicos que os acompanham e determinam?

*

Mas, é tempo de continuarmos a dar bre-

(1) A'sthetik, Erst Teil, Blatts, 101.

vissima noticia dos thesouros botanicos mais dignos de nota que a serra possue.

Os fetos, que imitam as palmeiras no porte, e que por vezes as excedem em belleza, senão na grandeza das formas, pelo menos no aspecto original e delicadeza de lavor da sua folhagem, encontram na serra de Cintra condições climatericas eminentemente favoraveis á sua vegetação, como já estava provado pela quantidade de fetos indigenas que ali são tão communs.

Nos proprios troncos das arvores, vêem-se empoleirados os nossos *Pteris*. O delicado *Gymnogrammus leptifolium*, tão notavel pela sua pequenez, encontra-se em todos os sitios mais humidos. O *Asplenium aculeatus*, em que a disposição das capsulas da semente segue em volta da face inferior dos foliolos, acompanha aquelle por toda a parte. A par d'estes, e com excellente vigor, os *Osmunda regalis* e o *Woordevardia* vegetam de parceria com exemplares de fetos arboreos, taes como os *Cyathea Smithü, C. dealbata, C. squarosa, C. medullaris.*

Este ultimo eguala em formosura as mais bellas palmeiras. Alguns desses fetos excedem a altura de 4 a 5 metros, do nivel do solo ao pegamento das frondes, e algumas d'estas teem mais de dois metros de comprimento.

CINTRA — CAPELLA E TORRE DO PALACIO DA PENA

O genero *Todea* conta ali, entre outras especies, soberbos exemplares do *T. arborea.* O *Blechnum corcovadensis* vegeta tambem excellentemente; o *Dicksonia australis* não encontra rival que o eguale. Dos generos *Balanium, Alsophila* e *Lomaria,* e dos fetos americanos, que em nada cedem em belleza aos da Oceanea, taes como os *Hemitelia*, os *Cibotium*, etc., nada deixa a desejar a sua vegetação.

A toda esta familia vegetal faz as honras nacionaes o lindissimo feto portuguez, o *Lastrea silix mas.*

*

A familia das arvores resinosas, enriquecida modernamente por novas e constantes descobertas, é uma das que mais contribuem para o aformoseamento dos parques modernos. O solo e clima de Cintra são excepcionalmente favoraveis á vegetação das coniferas. E' essa a razão porque ali se encontra profusão de arvores d'essa familia vegetal. Não especialisaremos as especies, para evitar enfado aos leitores. Apenas mencionaremos exemplares que, á sua raridade, alliam o seu incomparavel desenvolvimento.

Teem a primasia, pela sua inegualavel belleza, as *Araucariaceas,* o *Taxodio de folhas perenes,* varios *Abetos* (alguns bem raros, como o *Abies nobilis),* profusão de Cupressineas, Juniperos, Thuyas e Pinheiros; avultando entre estes ultimos, e superior a todos, o *Pinheiro insigne* da California, o *P. de Coulteri,* o *P. montzuma* do Mexico e o *P. excelsa* do Hymalaia.

De todos os generos, especialisaremos ainda particularmente a *Araucaria de Bidwil,* de folhas assoveladas, e verticilos

delgados e contorcidos, esquiva um tanto a acceitar as condições climatericas do paiz, e que, todavia, offerece, no parque da Pena, exemplares de 10 a 12 metros de altura, tendo 60 annos de edade. Não menos notaveis são os Taxodios, que, aliás, tambem avessos a aclimarem-se, são as arvores desta familia das coniferas que, com a *Araucaria excelsa*, mais se salientam, pelo elegante e elevado porte pyramidal, no arvoredo da serra, e pelo qual estão profusamente distribuidos.

Em arvores de parque, merecem ainda menção especial, bellos exemplares de *Mirica fagus* e de *Catalpa,* e profusão de Acacias das especies *menaloxylon, drumondi, lophanta, longifolia* e a *undulata,* muito elegante e menos conhecida, tendo as pontas das folhas recurvadas em forma de colchete.

Das tres grandes divisões ou grupos das *Proteaceas*, mui caprichosas aliás nas suas exigencias culturaes, vegeta soberbamente em Cintra a *Grewilia robusta.* Para fazer juizo seguro d'esta arvore singular da Nova Hollanda, é necessario vel-a vegetar nalguns sitios da serra: o seu grande desenvolvimento, a elegancia das suas longas folhas bipennadas, egualando em graça o que os fetos offerecem de mais aereo nas suas frondes, os compridos cachos de suas mimosas flôres de côres alaranjada e verde, adornando a arvore pela forma mais vistosa, recordam os louvores que tecem a esta planta os que a viram no paiz de que é oriunda.

Entre as plantas ornamentaes, que antigamente eram desconhecidas no paiz, e com caracter de raras ainda não ha muitos annos, abundam presentemente, com notavel relevo, os *Dasylirios,* bromeliacea de magnifica folhagem caniculada, pendente, de dois metros de comprimento, disposta em rozeta, e de flôres escarlates de grande brilho. As duas variedades, *longifolium* e *acrosticon,* encontram-se por toda a parte nos parques da serra, desde que a planta começou a dar semente em Portugal.

As *Dracenas* offerecem ali tambem vegetação vigorosa, representada em varias especies desta *Liliacea*, taes como: a *D. indivisa, a rubra, a australis* ou *Cordilynea austratis,* a mais bella de todas, pela sua aste arborescente, terminada por uma coma de folhas em forma de espada, agudas e pendentes.

As figueiras das zonas mais quentes do globo, de bella folha lustrosa, destacam-se entre a folhagem mais clara do restante arvoredo, nas suas especies, *elastica, macrophyla, rubiginosa* e *nimphyfolia.* D'esta Morea, porém, a especie que mais attenção me provocou foi o *Ficus stipulata;* vulgar

CINTRA — SETEAES

na Madeira, e que ali veste os muros em forma de trepadeira.

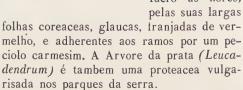
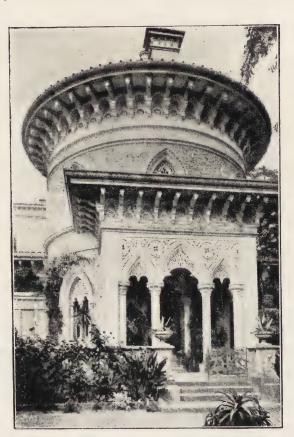
As Bambusaceas, nas suas especies, *Bambusa gracilis, Arundo conspicua* e *A. sinenses,* adornam quer a proximidade dos lagos, quer os tapetes de verdura, ora balouçan-

do-se ao sopro da mais leve aragem, ora adormecidas na atmosphera abrazada pela luz meridiana.

As yuccas, os aloés e as agaves, agrupadas artisticamente em relevos salientes, contribuem em grande parte para a vistosa ornamentação dos parques de Cintra. Apesar de muito vista, a soberba amarylidea, *Agave americana* (piteira commum), tratada com certa estimação n'alguns parques, apresenta exemplares de um desenvolvimento tão descommunal, que as hastes floraes attingem dez metros de comprimento, encimadas por candelabros floridos do mais empolgante effeito. A *Agave coccinea,* de folhas erectas franjadas de vermelhão rutilante e hastes floraes da mesma côr, fascina a vista. Na *Yucca plicatilis,* parece que os succos vegetaes se lhe converteram em sangue, que percorre e enche os vasos da admiravel liliacea. A *Yucca parmentieri* não é menos bella. O *Aloés rubescens* contrasta, pelas suas folhas bordadas de roxo, com a côr glauca das *Bonaparteas,* tão symetricas e elegantes.

CINTRA — PALACIO DE MONSERRATE

As musaceas teem representantes naquelles parques em vigorosos exemplares das duas *Strelizias.* Os caladios, rivaes das musaceas no seu merito ornamental, posto que na maioria das suas especies não supportem o rigor — aliás moderado — da nossa estação invernosa, plantadas as suas raizes tuberosas em descampado durante o verão, alcançam proporções grandiosas. Encontram-se nos parques de Cintra notaveis exemplares d'esta familia das aroïdeas, nas especies *Caladium esculentum, C. violaceum,* e *C. erubescens.*

Entre os arbustos exoticos, alguns se encontram pertencentes ás proteaceas, que não devo passar em claro, taes como a *Banksia serrata,* de folhas lineares, truncadas na parte superior, e nervuras terminadas por um espinho; a *B. grandis,* arbusto, quasi arvoreta, notavel pelas grandes folhas esbranquiçadas na face inferior; a *Protea glomerata,* vestida de folhas bipennes, soberbo arbusto quando floresce, apresentando flôres de grande effeito, especie de poupas penujosas russas e brancas pela parte interior, e avelludadas pela parte exterior, mas que não promette duração, sendo o seu destino a morte precoz. Não assim a *Protea cordata,* que não tem egual nas suas congeneres, pelas grandes escamas carmesins que servem de involucro ás flôres, pelas suas largas folhas coreaceas, glaucas, franjadas de vermelho, e adherentes aos ramos por um peciolo carmesim. A Arvore da prata *(Leucadendrum)* é tambem uma proteacea vulgarisada nos parques da serra.

Entre as acacias arbustivas, destacam-se, na grande variedade existente destas plantas elegantes, a *Acacia urophila,* que tão distinctamente caracterisa o grupo das *phylides,* cujos ramos são levemente pubescentes, com folhas reduzidas a simples linhas, cobrindo-se

no fim do inverno, de cachos de folhas angulosas, glaucas, coreaceas, e os ramos rematados por grandes paniculas de flôres, semelhantes ás das esponjeiras, e de delicioso aroma. A *A. verticillata*, parecida com o junipero commum, não é menos elegante do que a antecedente. A *A. rotundifolia*, de folhas arredondadas, obtusas e prateadas, com flôres pendentes alaranjadas, é egualmente mui digna de apreço e observação.

Restava-nos falar das plantas de collecção. Não proseguimos, porém, para não abusar da condescendencia do leitor.

Nós não desejariamos concluir esta nossa ultima digressão aos encantadores suburbios da afamada villa de Cintra, sob uma impressão desconsoladora; mas a verdade está acima de tudo. E esta manifestamente está dizendo, que a silvicultura, a floricultura e a arte de jardinagem, longe de ali progredirem, caminham para uma inquestionavel decadencia no embellezamento dos parques e habitações ajardinadas. Encontram-se sem duvida ainda alguns amadores apaixonados que se esforçam em pôr um dique á ameaçadora decadencia; mas tambem ha proprietarios, e dos principaes, que parecem apostados a desguarnecer a serra do seu arvoredo, e portanto dos seus encantos.

CINTRA — INTERIOR DO PALACIO DE MONSERRATE

Quaes são as razões d'esse facto? São varias; mas a principal é, ter-se apagado o fogo do enthusiasmo pelos melhoramentos da serra. A' morte do rei D. Fernando succedeu ainda por alguns annos o impulso por elle dado á melhor obra da sua vida. Depois, tudo foi esmorecendo, até que chegou ao estado presente. Faltou a inspiração; faltou a lição, e mais do que tudo a emolação, e ainda mais a auctoridade e respeito, o prestigio intellectual, moral e social do real fanatico das bellezas da serra cintrense.

Nada disso existe hoje; e d'ahi o que se está vendo: estacionamento nuns pontos, decadencia noutros, e vandalismo em alguns. Pena é, que as auctoridades administrativas do concelho não disponham de auctoridade e meios de obstar ao desnudamento da serra, com evidente prejuizo da sua belleza, e dos mananciaes de agua subterraneos que o arvoredo protege. Se as cousas não mudarem de rumo, não passarão muitos annos, que não succeda a alguem, que acaso passe pelos olhos a indicação de algumas plantas que aqui fizemos, e perguntar por ellas, lhe respondam com um simples gesto, apontando para o logar onde vegetaram, e onde deveria figurar agora um epitaphio com o nome da planta que já deixou de existir.

Assim passam as glorias do mundo, e tudo o que é obra humana...

Paulo de Moraes.

Do berço á campa

(O que diz o homem)

I

No berço

Nasci no bosque, proximo dos ninhos;
e um anjo loiro, que inda vejo agora,
deu-me umas azas, como as dos anjinhos,
e mandou-me voar pelo céo fóra...

Então puz-me a voar pelos caminhos,
de folha em folha, como a propria Flora;
— Acordavam cantando os passarinhos,
e apparecia, lá ao longe, a aurora...

Hoje cá vou, entre os pardaes aos molhos,
archanjo do Senhor, de azas nos olhos,
de sonho em sonho, doidejando á tôa.

Passa-me á porta o rastro das estrellas...
Que linda é a vida, e como as flôres são bellas!
Que grande é o céo, e como a aza o vôa!

II

Na infancia

A vida é linda... Mas se a olho, assim,
olhos abertos para o sol em chaga,
como que sinto qualquer cousa vaga,
que eu nunca vira, mas que existe, sim...

E' um não sei quê que me perturba, emfim,
qualquer cousa que fére, e que embriaga.
Mas quanto mais lhe busco a fórma vaga,
mais a adivinho para além de mim...

O que será o céo — o céo immenso,
e o sol em fogo a revolver o pó,
e os astros altos em que sempre penso?

E' estreito o globo, se o comparo ao ar...
A terra é isto que se avista, só?
Não ha mais mundo para além do mar?...

III

No meio da vida

Custou-me a lucta a mocidade inteira!
Mas ao voltar do espaço, onde o céo mora,
trouxe comigo a causa verdadeira
de quanto existe pelo mundo fóra!

Descobri mundos, prescrutei a aurora,
domei o vento e a viração ligeira.
E adorei um throno onde repoiso agora,
com a gloria sentada á minha beira!

Desfiz mysterios, revolvi o lodo,
trazendo á luz, para o clarão dos ares,
as leis occultas do universo todo!

Tudo toquei com o meu braço nu:
desfiz o céo e dominei os mares...
—Deus, desthronei-te! Sou maior que tu!

IV

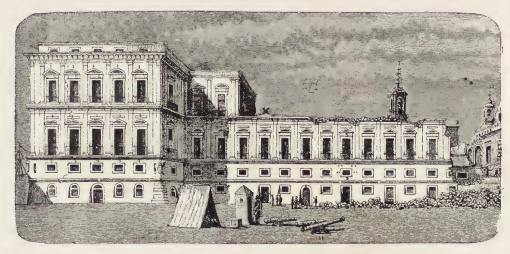
Da morte

Coroção que te esvaes, pára um momento,
combate ainda ao sol, que se adelgaça.
Pois assim morre todo o pensamento,
só de tocar-lhe um vento que perpassa?

Que sombra é esta, que envolve e enlaça,
quando eu attinjo a perfeição subida,
que de dar-me nos olhos me embaraça,
com a passagem d'uma nova vida?!

Mysterio? Não! Eu fui aos ares sidereos,
revolvi astros, vi o impalpavel,
já não existem para mim mysterios!

Toda a sciencia humana pára aqui?
— O' morte dura, ó morte impenetravel!
eu só agora me lembrei de ti!...

MARIA DE BARROS.

O HISTORICO PALACIO DA RIBEIRA DAS NAUS,
ONDE RESIDIAM A DUQUEZA DE MANTUA E O TRAIDOR MIGUEL DE VASCONCELLOS

(A janella com o signal × foi por onde lançaram á rua o traidor)

A Independencia de Portugal

(Commemoração historica)

Pro-patria — As aspirações de um povo — Os conjurados de 1640 — O trabalho de Deus, «com ambas as mãos» — O despertar do leão adormecido — A manhã de 1 de dezembro — Um instante decisivo — As luctas da Restauração — As batalhas principaes: Ameixial, Castello Rodrigo e Montes-Claros — Uma patria resurgida.

No momento em que o presente numero dos *Serões* está sendo distribuido, completam-se 269 annos, contados dia a dia, desde aquelle, para sempre memoravel, em que «um punhado de portuguezes», n'um arrojo de audacia e n'uma hora feliz, reconquistaram para este torrão abençoado da nossa patria, a perdida independencia, recuperando, por assim dizer, n'essa hora, as gloriosas tradições de heroismo e abnegação, tambem perdidas nos 60 annos que durára a nossa submissão ao jugo do estrangeiro, tradições quasi obliteradas já na memoria dos portuguezes d'essa época. Alguns raros protestos lavrados durante esses 60 annos, embora significassem que andava latente o proposito de rehaver a autonomia da patria, e demonstrassem que nem tudo era submissão e servilismo, haviam resultado estereis. E' que para concentrar as boas vontades dispersas e os esforços isolados dos que ainda continuavam portuguezes pelo sentimento e pelo coração, faltava, como escreveu José Silvestre Ribeiro, «o elemento providencial que nos fins do seculo XIV surgira em Portugal, e déra a victoria a uma iniciativa arrojada».

Com effeito, faltava o homem de animo

D. JOÃO, DUQUE DE BRAGANÇA — D. LUIZA DE GUSMÃO

JOÃO PINTO RIBEIRO — D. ANTÃO VAZ D'ALMADA

(Reproducção de quadros e desenhos antigos)

resoluto, que ardentemente houvesse de votar-se a pugnar pela independencia da patria, por essa tão almejada reconquista que andava nas aspirações de todo um povo, as quaes não se exteriorisavam apenas em razão d'aquella falta.

Os symptomas d'essa exteriorisação iam, porém, apparecendo, que outra coisa não fôra

o levantamento do Manuelinho de Evora, em 1637, onde «emergira principalmente o elemento popular». Apparecesse o desejado homem audaz e resoluto, levantasse elle o grito patriotico, e todo o povo o seguiria, dando largas ás suas até então refreadas aspirações.

Esse homem appareceu, emfim, como a historia refere e é por todos sabido. Foi João Pinto Ribeiro. Não iremos, agora fazer a narração detalhada do que foi esse grande acontecimento historico de que hoje passa o 269.º anniversario. Não ha um só portuguez que o desconheça — pelo menos nas suas linhas geraes — e repetir o que todos sabem seria fastidioso e impertinente. Todavia, como esta data é d'aquellas que exigem commemoração, e como pelos portuguezes de hoje é devida a mais grata homenagem aos portuguezes d'aquella época, não deixaremos de alludir a traços largos a algumas particularidades, que talvez nem todos os nossos leitores conheçam, referentes ao acto da Restauração de 1640, e aos factos que foram consequencia d'aquelle e no seu conjuncto produziram, á custa de muitas vidas e apoz dilatados annos de luctas, o Portugal independente e autonomo que é hoje a nossa patria querida.

*

Tres haviam sido já os monarchas da hespanhola dynastia filippina, que nas suas mãos haviam segurado os dois sceptros de Hespanha e Portugal, e cada um d'esses monarchas, capacitados da nossa submissão aos seus designios, retrahira mais os fóros e as liberdades do nosso povo. O ultimo, Filippe III, nomeára vice-rainha, ou governadora do reino, com residencia effectiva em Lisboa, a famosa duqueza viuva de Mantua, dama já idosa, mas de genio irresoluto, e absolutamente desconhecedora de

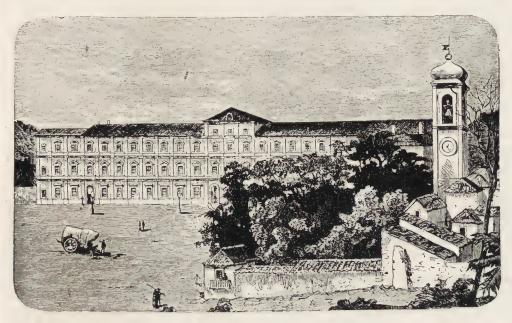
O HISTORICO PALACIO DOS CONDES DE ALMADA

(Hoje Quartel General da 1.ª Divisão, onde se reuniam os conjurados em 1640)

praticas governativas. Ao seu lado, porém, como auxiliar ou primeiro ministro, collocaram D. Filippe e o duque de Olivares, esse degenerado portuguez que foi Miguel de Vasconcellos, o qual se não pejava de servir os interesses estrangeiros em detrimento dos do seu paiz, nem hesitava em aconselhar e promover contra os que seus compatriotas eram, rigores desmedidos e vexames espantosos. Ferreteado de infame e de traidor, se n'um momento pagou com a vida a larga somma das suas perfidias, não conseguiu que o ignominioso apôdo chumbado ao seu nome vilissimo deixasse de perseguir-lhe a memoria atravez de todas as gerações, horrorisadas de tanta infamia como a que sobre esse nome elle soube e quiz accumular.

Dirigidos e encorajados pelo celebre João Pinto Ribeiro, secretario do duque de Bragança, ao tempo residindo no palacio de Villa Viçosa, varios fidalgos e pessoas nobres premeditavam, sob o mais rigoroso sigilo, sacudir o affrontoso jugo castelhano, fazendo acclamar rei de Portugal aquelle duque portuguez, mesmo contra a vontade d'elle, que não era homem para grandes arrojos.

D'elle se conta que disséra a alguem: *Para me fazer rei, teve Deus de trabalhar muito, e com ambas as mãos — com uma para me tapar os olhos, e com a outra para me arrastar pelos cabellos!* Esta phrase dá bem a medida da vontade com que elle acceitou a corôa que os conjurados se esforçaram por collocar sobre a sua cabeça.

Os heroes da Restauração audaciosamente arriscaram a vida, nada arriscando o duque por não tomar parte no movimento, embora a elle principalmente, e directamente, aproveitasse. Mesmo depois de tudo concluido, foi assaz difficil de convencer a deixar-se acclamar, tão pusilanime era o seu espirito, e tão refractario se mostrava a acceitar o que tanto trabalho e tanto risco custára aos que em seu prol haviam planeado e executado a revolta contra o jugo estrangeiro.

O PALACIO DOS DUQUES DE BRAGANÇA, EM VILLA VIÇOSA
(Onde D. João IV recebeu a noticia da conspiração victoriosa)

Quarenta sabemos que foram os conjurados principaes, e a estes vieram depois juntar-se outros, quando o plano estava já delineado e em via de execução. Entre os primeiros quarenta figurou o padre Nicolau da Maia, que foi dos mais activos, não tendo contribuido pouco para a feliz realisação de

tão arrojada empreza, como foi a da libertação de Portugal.

Relembremos, que nunca é demais fazel-o, os nomes dos outros heroes da nossa independencia. Foram elles: João Pinto Ribeiro, juiz de fóra de Pinhel, Ponte de Lima e outros logares; D. Miguel d'Almeida, conde de Abrantes; D. Antão d'Almada, governador da cidade; Jorge de Mello, general das galés; Pedro de Mendonça, alcaide-mór de Mourão; D. Antonio de Mascarenhas, commendador da ordem de Christo; D. Antonio Tello, capitão-mór das naus da India; D. Gastão Coutinho, governador da provincia do Minho; D. Luiz d'Almeida; D. Alvaro de Abranches, general do Minho; D. Affonso de Menezes; D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva e conde de Cantanhede; D. João de Sá e Menezes, conde de Penaguião; Dr. João Sanches de Baêna, lente de canones em Coimbra; D. Rodrigo de Menezes, regedor das justiças; D. João da Costa, conde de Soure; D. Antonio da Alcaçova, que serviu na India; João Rodrigues de Sá, alcaide-mór de Sines; Antonio de Saldanha, alcaide-mór de Villa Real; Alves de Saldanha, alcaide-mór de Soure; João de Saldanha e Sousa, mestre de campo; João de Saldanha e Gama, capitão de cavallaria; Antonio de Saldanha, conego (que renunciou á vida ecclesiastica para seguir a carreira das armas); Bartholomeu de Saldanha, que foi morrer á batalha de Montijo; Sancho Dias de Saldanha, que tambem veiu a morrer em combate; D. Jeronymo de Athayde, conde de Athouguia; D. Francisco Coutinho, que morreu no combate de Elvas; D. Vasco Coutinho; Martim Affonso de Mello, conde de S. Lourenço; Luiz de Mello; Manuel de Mello, prior do Crato; Francisco de Mello e Torres, conde da Ponte e marquez de Sande; Antonio de Mello e Castro, capitão de Sofala; D. João Pereira, prior de S. Nicolau; Fernão Telles da Silva, conde de Villa Maior; Antonio Telles da Silva, conde de Villa Pouca; D. Fernão Telles de Faro, general da Beira; D. Antonio da Cunha, senhor de Taboa; Tristão da Cunha e Athayde, senhor de Povolide; Luiz da Cunha e Athayde, filho do anterior; Nuno da Cunha, conde de Pontevel; Estevão da Cunha, prior de S. Jorge; Luiz da Cunha, que foi morrer a Montijo; Luiz Alvares da Cunha e Azevedo, morgado dos Olivaes; Duarte da Cunha e Azevedo, filho do anterior; Tristão de Mendonça; Henrique de Mendonça; Luiz de Mendonça, conde do Lavradio; D. Francisco de Sousa, conde do Prado; Thomé de Sousa; D. Paulo da Gama, descendente do grande Vasco; D. Thomaz de Noronha, conde dos Arcos;

PADRÕES DA RESTAURAÇÃO, NO PALACIO DOS CONDES D'ALMADA

D. Francisco de Noronha, irmão do anterior; D. Carlos de Noronha; e D. Miguel Maldonado, que foi escrivão da chancellaria-mór.

E com todos estes, cujos nomes a historia recolheu, muitos outros, todos os outros que ficaram anonymos, embora se não poupassem ao ardor dos combates que se seguiram, e em que durante 27 annos a nação se empenhou para sustentar e defender a grande e ousada obra do dia 1 de dezembro de 1640. Para a memoria de todos esses bravos portuguezes vá o preito sincero da nossa admiração.

*

A Catalunha, como nós indignada pelas continuas violações dos seus fóros e regalias, revoltára-se contra o governo de Madrid. Foi o ecco d'essa revolta que veiu acabar de accordar em nosso paiz os antigos brios adormecidos. Os portuguezes conjurados decidiram-se a não esperar mais pela resolução do duque de Bragança. Ficasse elle onde estava, que elles iriam para diante na audaciosa empreza de libertar a patria. Apoz diversas conferencias, a maior parte das quaes se realisaram em casa de D. Antão d'Almada, ao largo de S. Domingos, a mesma onde está hoje installado o quartel general da 1.ª divisão militar, concertaram todos que a empreza se iniciasse ás 9 horas da manhã de 1 de dezembro.

PADRÃO COMMEMORATIVO DA BATALHA DE MONTES CLAROS

Com effeito, n'esse dia e á hora indicada nem um só dos conjurados faltou no seu posto, encaminhando-se todos para o então chamado paço da Ribeira, edificado no proprio local onde se encontram hoje as secretarias dos ministerios da guerra, marinha e fazenda, e que está representado, segundo uma estampa antiga, na gravura que serve de *en-tête* a este artigo. Ao bater da ultima badalada das 9 horas, no relogio da Sé, todos os bravos entraram em acção, atacando uns a guarda tudesca, outros a guarda castelhana, que tomadas ambas de improviso se renderam sem delongas. Déra o signal do começo da empreza, com um tiro de pistola, como se havia combinado, o velho D. Miguel d'Almeida, e elle foi tambem o que primeiro, á approximação do povo, cujo juiz estava no segredo da conspiração, levantou o grito de *Real! Real! Por D. João, Rei de Portugal!*

PADRÃO COMMEMORATIVO DA BATALHA DO AMEIXIAL

Entrando no paço da Ribeira, os conjurados deram morte ao degenerado Miguel de Vasconcellos, arrojando-lhe o cadaver, para o terreiro em frente do paço (hoje Praça do Commercio), pela janella do andar nobre do edificio, que era a quarta a contar do que é hoje o torreão do ministerio da guerra, janella que vae marcada com o signal ✕ na gravura respectiva.

O conjurado D. Carlos de Noronha, foi quem deu voz de prisão á vice-rainha, duqueza de Mantua, exigindo-lhe uma ordem

escripta para que fosse entregue aos portuguezes o castello de S. Jorge, como effectivamente foi.

A revolução achava-se n'um momento victoriosa. A bandeira sagrada da patria, de novo se desfraldava nas ameias do velho castello; e quando a noite de 1 de dezembro desceu sobre Lisboa estavam expulsos todos os hespanhoes, pode dizer-se que sem effusão de sangue, «pois foi assaz limitado o numero das victimas da mais gloriosa revolução que se tem realisado, não só pelo seu fim — emancipar uma patria — como pela maneira por que foi levada a effeito».

A phrase posta na bocca de um dos conjurados: *E' um instante emquanto vamos ali ao paço da Ribeira, tiramos um rei e pomos outro,* não podia ter sido mais prophetica. N'um instante deixou de reinar Filippe III de Hespanha, para reinar D. João IV de Portugal.

Alguns dias depois, á medida que as diversas terras do reino iam dando voz pelo duque de Bragança, em todo o paiz tinha cahido o jugo de Castella, para não mais se restabelecer, apesar dos esforços empregados durante annos successivos de luctas. O velho Portugal, portuguez ficou desde esse memoravel dia, graças ao arrojo, á intrepidez e á energia dos seus filhos.

MONUMENTO COMMEMORATIVO DA BATALHA DE CASTELLO-RODRIGO

A nação não possuia exercito, e foi o levantamento em massa de todo o povo, que fez consolidar a obra grandiosa encetada a 1 de dezembro. A braços com uma lucta intestina, que lhe absorvia todos os cuidados, não logrou desde logo o famoso conde-duque de Olivares, reunir forças que mandasse a Portugal castigar-lhe a *ousadia* de querer ser livre e autonomo; de sorte que, nos primeiros tempos, nos deixou em relativa tranquillidade; e isto muito contribuiu para que pudessemos ir organisando o exercito, instruindo e disciplinando as massas nacionaes, e provendo á defeza das nossas praças.

A breve trecho, porém, a Hespanha lembrou-se de tentar a reconquista do perdido, e lançou-se desesperadamente em guerra contra o paiz que do seu jugo se libertára. Vinte e sete annos durou essa guerra, durante os quaes os castelhanos puderam verificar de continuo que não se extinguira nem affrouxára a raça dos vencedores de Aljubarrota. O principal theatro da guerra da Restauração foi o Alemtejo, o que não quer dizer que nas outras provincias se não batalhasse com denodo, como a historia regista e é demasiado conhecido.

Entre os generaes portuguezes de então, occupam a primeira plana Pedro Jacques

de Magalhães, Mathias de Albuquerque, Martim Affonso de Mello, os condes de Obidos, de Castello Melhor, de S. Lourenço, de Soure, de Alegrete, de Athouguia, de Villa Flor e de Shomberg, e, sobre todos, o famoso marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes.

Sem fallar na heroica defeza das linhas d'Elvas, merecem registo especial, n'essa lucta titanica entre portuguezes e hespanhoes, a batalha de Montijo, em 1644, ganha por Mathias de Albuquerque, e a heroica defeza de Monsão em 1658, em face das quaes os castelhanos tiveram occasião de avaliar quanto pode um povo que se bate pela sua independencia. Foi-nos a sorte das armas um pouco adversa em 1661-1662, em que o exercito hespanhol de D. João d'Austria conseguiu chegar quasi até Alcacer do Sal, mas logo os portuguezes tiveram ensejo de tirar a desforra na celebre batalha do Ameixial, a 8 de junho de 1663, commandados os nossos pelo conde de Villa Flor, D. Sancho Manuel. O inimigo, apesar de superior em numero e a despeito da magnifica situação que occupava, nas eminencias de Ruivinhos, da Granja e do Outeiro, foi completamente desbaratado, deixando no campo 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros, dos quaes cerca de metade com ferimentos mais ou menos graves, e entre estes o marquez de Liche, o mestre de campo Anielo de Gusmão e o conde de Escalante. Nas mãos dos portuguezes ficaram 12 bandeiras de infanteria e muitos estandartes da cavallaria castelhana, incluindo o do proprio D. João d'Austria, todo bordado a ouro com as armas reaes de Castella. O inimigo abandonou, para mais depressa fugir á investida dos nossos, 8 peças de artilharia, 1:400 cavallos e grande quantidade de carros com preciosidades, ouro, joias, etc.

O MONUMENTO AOS RESTAURADORES DE 1640

(Na Avenida da Liberdade)

A 6 de julho de 1664 deu-se a memoravel batalha de Castello-Rodrigo, entre as forças hespanholas do commando do duque de Ossuna, e as portuguezas commandadas por Pedro Jacques de Magalhães, e que constavam apenas de 2:500 infantes, 500 cavalleiros e 2 canhões, ou fosse quasi metade das forças contrarias e a quarta parte da sua artilharia. Pois a derrota dos hespanhoes foi completissima, ficando prisioneiros dos nossos um tenente-general, dois sargentos-móres, 19 capitães, 28 alferes e grande numero de soldados, bem como em nosso poder tambem 9 peças e 2 petardos, e 500 carros de munições. O proprio duque de Ossuna, para não ficar prisioneiro teve de disfarçar-se antes de emprehender a fuga. Assim o descrevem com grande abundancia de pormenores, que omittimos aqui, os relatorios d'aquella famosa batalha em que as armas portuguezas se cobriram de louros.

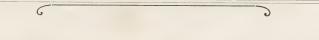
*

A operação militar decisiva pode dizer-se que foi a famosa batalha de Montes-Claros, a 17 de junho de 1665. Compunha-se o exercito castelhano, que entrou n'essa acção, de 15:000 homens de infanteria, 7:600 de cavallaria, e de 14 peças e 2 morteiros, constituindo-o tropas escolhidas das que mais se haviam distinguido nas guerras da França e da Italia, sob o commando em chefe do general marquez de Carracena, cognominado o *Marte hespanhol*. Da nossa parte havia 15:000 homens de infanteria, 5:500 de cavallaria e 20 peças, sob o commando do marquez de Marialva, o heroe das linhas d'Elvas, patriota dos primeiros entre os primeiros. Rompeu a batalha ás 8 horas da manhã, e cerca das 3 da tarde, sem ter havido um momento de descanço, o exercito portuguez derrotava por completo as forças castelhanas, obrigando Carracena, Ossuna e Farnaise (irmão do duque de Parma) a fugirem precipitadamente, por Jerumenha, para Badajoz, deixando 4:000 mortos, 6:000 prisioneiros, 3:500 cavallos, toda a artilheria, 86 bandeiras, 18 estandartes, e um famoso espolio de armas, petrechos e bagagens.

Foi este triumpho o precursor da paz entre os dois paizes, «*Paz perpetua, boa, firme & inviolavel*», segundo as proprias palavras do tratado entre Portugal e Hespanha, de 13 de fevereiro de 1668.

*

Vamos terminar perfilhando as nobres palavras de Campos Junior, accentuando que não relembramos hoje a data gloriosa da nossa independencia para menosprezar a Hespanha actual, nação amiga e irmã, mas tão só para realentar o orgulho legitimo por esta patria que temos, afervorando o nosso amor por ella, tomando o exemplo historico de como pôde resurgir, a poder de confraternidade e de abnegação, uma nacionalidade que o mundo chegára a suppôr já morta e sepultada. Outro intuito não presidiu a esta commemoração.

Alberto Bessa.

Noivado

A noiva encantadora passa airosa,
Levando a branca flôr de laranjeira,
A pratear-lhe a escura cabelleira
Que lhe embelleza a fronte graciosa.

Perante o altar doirado, venturosa,
Murmura o sim, palavra derradeira
D'uma adoravel vida de solteira,
De sonhos povoada, e descuidosa.

Casou-se! Um inquieto pensamento
Córa o rosto da noiva, que a sorrir,
Enamorava o noivo dedicado!

Cahiu a noite! e ao calmo firmamento
A indiscreta lua veiu ouvir,
O murmurio dos beijos do noivado!...

Santo Thyrso.

LUCILIO.

Os noctivagos de Lisboa

(Notas d'um reporter)

URANTE aquella meia hora que se segue á sahida dos theatros, o centro da cidade tem o aspecto de uma grande e populosa capital. Uma multidão hecterogenea cruza as ruas em todas as direcções, escoando-se fugitiva para os bairros afastados, em busca do lar. Ha vida, ha animação. Os electricos correm velozes, a abarrotar de gente, e as typoias, conduzindo os mais endinheirados ou menos previdentes, batem em todos os sentidos, vertiginosa e desconcertadamente, dando-nos a impressão de que se vão estatelar na esquina proxima. Os cafés regorgitam de freguezes, reclamando com anciedade o reconfortante chá e torradas que deve preceder a soneca reparadora, e, aqui e álem, ouve-se ainda o pregão abafado dos vendedores de jornaes, offerecendo as folhas da noite: — Cá estão as *Novidades!* Olha o *Dia,* o *Correio* e o *Noticias de Lisboa!*

Mas é apenas um fugaz relampago de vida. Quando alli o relogio do Carmo avisa a baixa de que uma hora é passada depois da meia noite, tudo mudou. O pacato burguez que se demorou um pouco mais cá por fóra, por ter ido ao theatro, já a esse tempo está a enfiar a camisa de dormir, narrando á consorte a impressão que lhe

NO ROCIO — A' FALTA DE MELHOR LEITO

fez o Brazão a declamar o *Ser ou não ser,* ou a Julia Mendes a cantar cançonetas bregeiras. Os cafés despejaram-se, e as ruas encontram-se já quasi desertas, vendo-se apenas um ou outro retardatario caminhar apressadamente para Penates. Os electricos tornam-se mais raros e a luz dos candieiros mais mortiça. Fecham o Martinho e a Monaco.

A partir de então a rua fica pertencendo aos noctivagos.

Podemos dividil-os em trez grandes grupos: os esturdios, os palradores e os mise-

NA AVENIDA — IRMÃOS NA MISERIA

raveis, comprehendendo n'esta ultima designação toda a escoria social, desde o malandrim de officio, que anda vagueando a planear um assalto ou que vae já executal-o, até aos sêres insexuaes de olhar turbado e gesto mole, que se arrastam como sombras pelas praças e viellas na busca febril da saciedade.

Mas a sua grande maioria é constituida pelas *épaves* humanas que o grande oceano da vida atira a cada passo para a praia desoladora e infinita da Desgraça. São os reprobos, aquelles que a adversidade tem perseguido systematicamente desde que vieram ao mundo, ou que os assaltou, de surpreza, no meio da sua ventura ou do sereno equilibrio da sua mediana felicidade. De baldão em baldão, foram cahir finalmente no lodo, e lá chafurdam, já sem consciencia muitos, alguns tentando ainda reagir. Mas, em vão; o seu caminho está traçado: a vasa ha de tragal-os, e d'ella só poderão sahir para o catre d'um hospital ou para uma cella da Penitenciaria.

Magros, quasi esqueleticos, de uma palidez cadaverica ou ruborisados pela febre, olhos amortecidos ou fusilantes, cobrem os seus pobres corpos com immundos andrajos. Alguns envergam ainda restos aproveitaveis de antigos *fracks* ou sobrecasacas, que elles proprios pagaram por bom preço nos primeiros alfaiates, ou que alguem lhes deu por esmola; mas já as calças estão em baixo reduzidas a franjas, o chapéu parece ter servido de alvo n'uma carreira de tiro, e das botas, encontradas n'um barril de lixo, sahem descaradamente os dedos nús e sujos.

Não comeram durante todo o dia, a não ser um caldo e uma côdea, dados caridosamente n'uma taberna, ou dez réis de castanhas regadas com agua do chafariz; e como não tenham os miseros vintens necessarios para pagar á hospedaria, vagueiam errantes pelas ruas, cosendo-se com as paredes, até irem cahir exaustos nos bancos do Rocio ou da Avenida. Alli passam a noite, cobertos pela copa das arvores, deitados uns, com a face apoiada n'um braço, sentados outros, com a cabeça pendida para traz, as mãos nos bolsos, a bocca hiante, roncando... Ha bancos, no inverno, que servem de leito a

cinco e seis, comprimidos uns contra os outros, para se protegerem do frio. Assim dormem — se um policia brusco não vem fazer levantar o acampamento. E os desgraçados, que talvez n'esse momento estivessem sonhando com leitos d'oiro e pedrarias, acordam sobresaltadamente, esfregam os olhos, espreguiçam-se e, vendo o agente da auctoridade, erguem-se a custo e afastam-se, para irem, mais longe, fóra das vistas do interruptor do seu somno, installar-se n'um outro banco onde, se a Ordem emfim deixar, aguardarão o romper da madrugada...

Ao contrario d'estes, os *palradores* passam a noite ao relento por prazer, — o prazer de trocar impressões a proposito de tudo e de todos, de fazer má lingua a proposito de todos e de tudo. Escolhem a rua, porque os unicos pontos de reunião a essa hora, debaixo de telha — os cafés — pertencem á Esturdia, e tambem pelo habito que o portuguez tem de adoptar a rua como ponto de conversa. O hespanhol e o francez vão conversar para os cafés, o inglez para os *bars* ou para os *clubs*, o portuguez — para a rua.

O «SALON BLEU»

Os *palradores* são todos pessoas d'aquellas que nós costumamos designar por *decentes*. Teem todos cama e meza, roupa lavada e engommada, alguns apresentam-se mesmo com elegancia, e se um ou outro lucta com quaesquer difficuldades materiaes, pelo menos não o denuncía. São escriptores, jornalistas, altos e pequenos funccionarios, empregados no commercio com curiosidades litterarias e artisticas, politicos, homens de negocios, etc.

Os seus logares fixos de *rendez-vous* são o Rocio e o Largo das Duas Egrejas — o *Salon Bleu*. Quando este, passada a uma hora, é abandonado pelos meninos da Alta que sahem de S. Carlos ou do D. Amelia e por alli se quedam um bocado a discutir, n'um portuguez de estrebaria, cheio de calão, a plastica de tal corista, as olheiras da condessa X ou a graça canalha da tiple Y, — começam a apparecer os palradores. Até ao inicio da dictadura franquista reunia-se alli um verdadeiro cenaculo de caturras de differentes profissões e seitas. Era o D. José Mesquitella, o D. João Villafranca, o Alvaro Simões, o Francisco Parreira, o Telles Pinto (que já então havia feito o seu quarto de palestra na Monaco), o Rodrigo Medeiros, o D. Fernando Anjeja, o Antonio Raposo, o Luciano Monteiro, o Pessanha, e mais uns trez ou quatro. Este verdadeiro congresso de politicos de todas as

côres installava-se no espaço comprehendido entre a esquina do Leitão e as escadas da egreja do Loreto. E — coisa curiosa — o assumpto capital das suas discussões era — a politica! Mas — coisa mais curiosa ainda! — por mais vivo que fosse o debate, nunca se zangavam! — apenas uma vez ou outra, qualquer d'elles, furioso por ter sido vencido, abalava amuado, mas sorrindo, todavia, amigavelmente, aos gritos de triumpho dos seus adversarios.

A' ESQUINA DO RAMIRO LEÃO

Alli se discutia, se apreciava, se atacava e se defendia o ultimo acto do governo, as deliberações do Bloco, o contrabando de sedas d'um diplomata, os decretos da Convenção espumante da Anadia, a resignação do sr. cardeal patriarcha, a transferencia de qualquer governador civil, a nomeação de determinado imbecil para um cargo de grande responsabilidade, o processo de sedição, etc. E cada congressista era um alviçareiro: as mais sensacionaes noticias politicas sabiam-se alli primeiro do que em qualquer outra parte, e ás vezes muitos dias antes de apparecerem nos jornaes.

A certa altura surgia uma mundana celebre com as suas mãos patricias e os seus bandós á Cléo, ou ainda outra, tambem de fama, com os seus espaventosos chapéus. O cenaculo nem por isso se desconcertava: todos as conheciam, ellas conheciam todos, e fraternisavam por momentos, trocando galanteios e larachas mais ou menos... diplomaticos.

Por volta das trez e pico começava a debandada. A conversa proseguia entre os que iam ficando, até que, quando o *Zenith* fronteiro marcava as 4, o cenaculo estava reduzido a dois abencerragens: o Telles Pinto e o Pessanha que, ainda com pouca vontade, abandonavam a sala das sessões e iam, pachorrentamente, rua de S. Roque acima, a caminho de casa...

Mas veiu a dictadura, e o congresso dissolveu-se. Por causa d'ella? Nunca o pude averiguar. O que sei é que os congressistas passaram a andar errantes por essas ruas, em grupos de dois ou trez, talvez ainda discutindo os mesmos assumptos, mas com um certo ar receoso e nostalgico... E o *Salon Bleu* passou a breve trecho a ser frequentado por alguns rapazes pacatos e um certo numero de creaturas *blasées* que, fartas da esturdia, mas habituadas á vida nocturna, alli gastam algumas horas em amena cavaqueira, óra de pé, em pequenos grupos, junto dos candieiros; óra sentados, em linha, no rebordo das montras do Ramiro Leão, como senhoras visinhas ao soalheiro...

Entretanto, o Rocio não está ás moscas. Fechado, por volta da uma e meia, o Martinho, os ultimos cavaqueadores não se resignam a recolher logo ao lar: veem para o Rocio. Mas não ficam parados a uma esquina ou a um canto, como os do *Salon Bleu*:

conversam passeando. O seu raio de acção é o passeio da direita, entre o Mattos Moreira e a Camisaria Alves, ou o centro da praça, em toda a sua extensão longitudinal. E durante duas horas travam-se alli as mais interessantes discussões. Não versam ellas apenas sobre politica, mas sobre arte, litteratura, sciencias. Fala-se nos *adeantamentos* como na obra de Rodin, no ultimo drama de Annunzio como na travessia da Mancha em aeroplano. E como a maioria seja em geral constituida por medicos — o dr. Brito Camacho, o dr. Manoel Penteado, o dr. Archer e Silva, etc. — é parte obrigada a descoberta de determinado sôro, a operação feita na vespera pelo dr. Z. ou a marcha de tal ou tal epidemia.

Os miseraveis, sentados pelos bancos, olham com espanto e uma certa raiva aquelles senhores que, tendo casa, andam por alli ao frio, a dar á lingua; e, depois de os considerarem por longo tempo, decidem-se finalmente a dormir — precisamente o que elles se resolvem tambem a ir fazer por altura das trez e tal.

A essa hora *bat son plein* o *Club dos Canivetes*, pittoresca designação da esquina sul da calçada do Carmo, onde, depois da ceia, se reunem o Ferreira da Costa, o Julio Dally, o Hogan Teves, o Arthur Cardoso e outros *habitués* dos theatros — para dizer mal. D'ahi a denominação do sitio. Querem saber o ultimo escandalo de bastidores? Vão ao *Club dos Canivetes.* Alli sabe-se tudo: quem corteja agora a actriz Fulana, onde foi cear, acompanhado, o actor Beltrano, de quem era o automovel que esperou á porta da caixa do theatro tal que acabasse o espectaculo, quem entrou para elle, o motivo porque este actor ou aquella actriz sahiram d'esta ou d'aquella companhia, etc. E' discutindo estes picantes casos que aquellas alminhas fazem o chilo da ceia...

(Continúa.)

José Soares.

O «CLUB DOS CANIVETES»

DEDUZINDO

(Depois de lêr os versos d'Ella)

Leio os teus versos, leio!... — Ai quem me déra
Saber de quem tu falas!...
Quem, *aquella dulcissima «chimera»*
Que, no teu coração saudoso, impéra,
Que, num berço de flores, cantando, embalas...

Ás vezes penso que sou eu... — Coitado!...
(E bem podéra sel-o,
Que por certo, não tens, no teu passado,
Outro amor mais sincero e acrysolado,
Outro amor mais leal e mais singello.)

Mas eu conheço o mundo — oh! se o conheço!...
— Muita dôr me custou!... —
Para saber quem seja, não careço
Que tu m'o digas, não! — e nem t'o peço —
É, com certeza, **alguem que não te amou.**

Bahia dos Tigres

ALBERTO CORRÊA.

O prisioneiro de guerra

(Episodio da guerra da Peninsula)

Os tempos que vivi em Portugal e Hespanha, fazendo parte do exercito inglez que combatia as tropas de Napoleão, foram cheios de trabalhos e perigos, mas deixaram-me, apesar d'isso, recordação agradavel Seria porque n'aquella porfiada lucta as armas britannicas lograram conquistar novas glorias, sob as ordens do Duque de Ferro?

Não foi só por isto, á fé do capitão Netherton, dos dragões ligeiros, solemnemente o declaro. E' que os officiaes do meu regimento faziam a tudo cara alegre, ainda que tivessem a certeza de que se estavam arriscando aos maiores perigos. N'uma profissão em que a vida se joga a todo o instante, não sei que haja melhor systema. E entre todos os meus camaradas eu era apontado com o dedo. Pudera não! Um homem de seis pés de altura, lindo cabello, farto bigode, olhar penetrante, e coração sem cuidados, firme na sella como se lhe estivesse atarrachado, excellente jogador de espada, bom atirador de pistola, grande amador do bello sexo e tão capaz de vencer nas pugnas de Cupido como nas de Marte, eis o que eu, Jack Netherton, tenente de dragões, era na bella manhã de maio de 1809 em que recebi ordem do brigadeiro-general Stewart para lhe ir falar immediatamente.

Na vespera tinhamos passado o rio Douro e surprehendido, da maneira estupenda que todos conhecem, o exercito do marechal Soult, que ainda occupava o Porto e que se viu obrigado a fugir a trouxe-mouxe. Durante a espantosa operação, o meu regimento portara-se com a maior galhardia, de sorte que estavamos todos ufanos e alegres.

Vamos, porém, á historia que lhes quero contar.

Logo que recebi aquella ordem, vesti-me a toda a pressa e sahi de casa como um virote, cofiando o bigode e fazendo tinir a espada e as esporas por cima da calçada de granito, com o arreganho que sempre distingue os dragões inglezes. Estaquei á porta da casa onde estava aboletado o brigadeiro, e bati-lhe fortemente com o punho da espada.

Um ajudante de ordens levou-me, em acto continuo, á sala onde estavam almoçando Stewart e alguns officiaes do seu estado maior. Fiz a continencia do estylo.

— Está fresca a manhã, disse-me affavelmente o brigadeiro. Não parece de maio.

— Assim mesmo é que me agrada e ao meu regimento, respondi eu. Depois do ardor do combate em que hontem andámos...

— E agora já se refrescou?

— Já, sim, meu general.

— Pois então, aqueça-se outra vez. Major, passe-me a garrafa d'esse vinho, que pela edade já deve ter netos.

E, voltando-se para mim, accrescentou:

— E' do melhor que dão as vinhas do Alto Douro.

Sentei-me e de boa vontade acceitei um copo cheio até á borda. A minha experiencia das campanhas ensinou-me a nunca recusar um copo de bom vinho, em vista de ser contingente a possibilidade de beber mais algum.

— E' bom cavalleiro, tenente? perguntou-me o general.

— Assim dizem no meu regimento! foi a minha resposta.

— E está habituado a affrontar os perigos?

— Como todos os que teem praça no meu regimento.

— Muito bem!

Meneou a cabeça, olhando para o seu estado maior, e o seu estado maior fez um meneio identico, olhando para elle.

— Destinei-lhe, tenente, proseguiu o brigadeiro, um serviço deveras arriscado.

— Mil vezes obrigado, meu general!

— E' urgentissimo que o marechal Beresford receba umas ordens de sir Arthur Wellesley, e o nosso commandante em chefe encarregou-me de escolher o official que ha de leval-as. Escolhi o tenente Netherton.

— Renovo os meus agradecimentos, general, e affirmo-lhe que o marechal Beresford receberá essas ordens.

— Conhece o itinerario que deve seguir?

— Assim e assim. Oh! Tenho a certeza de que não me perderei.

— Vejo que deposita muita confiança...

— Em mim e no meu cavallo!

FUI ARRASTANDO O ESTROPIADO CAVALLO ATRAZ DE MIM, PELO ATALHO INFERNAL

— O perigo resulta principalmente das forças que o inimigo por ahi tem dispersas, desde que retirou do Porto. Além d'isso a região que vae atravessar não está segura porque os naturaes desconfiam de tudo o que lhes cheira a francez, e fazem fogo quando teem a minima suspeita.

— Confio absolutamente na minha espada e no meu cavallo.

— Se infelizmente cahir nas mãos do inimigo, lembre-se de que elle não deve ler a correspondencia que vou entregar-lhe.

— Não a lê, affirmo!

— Mas o tenente arrisca-se a muito, se fôr apanhado e pretender aniquilá-la.

— Pouco se me dá. Farei tudo o que fôr humanamente possivel...

— Apenas cumprir o encargo, volte a relatar-me o que tiver succedido. Quanto tempo calcula que estará ausente?

— Se dentro de quatro dias eu não tiver voltado, pode ficar certo de que morri.

— Ou de que está prisioneiro.

— Desculpe, general, mas não quero admittir essa hypo-

these. Consta-me que as prisões dos francezes deixam bastante a desejar.

— Muito bem, disse o general Stewart. Aqui tem um mappa grosseiro do caminho que deve seguir, e a correspondencia para o marechal Beresford. Lembre-se de que tenho absoluta confiança no tenente.

Fiz continencia e voltei para o meu aquartelamento, assobiando uma modinha alegre.

— Uma coisa já tive a meu favor, ia eu dizendo comigo mesmo: o ser escolhido para uma empresa que exige intelligencia e valentia. Se a levar a bom termo, é um grande passo que dou na minha carreira, pois demonstrarei que tenho esperteza, imaginação e energia. Oh! Hei-de sahir-me bem! Olá se hei-de!..

* * *

Era ainda muito cedo quando sahi do Porto. O meu cavallo, que parecia devorar o espaço, rinchava alegremente respirando o ar fresco da madrugada.

Fui ficar n'aquella noite a uma aldeia, cujos visinhos se mostravam animados do melhor espirito e me deram preciosas informações ácerca das tropas do marechal Beresford. Depois da ceia, o dono da casa, onde me aboletaram, demorou-se a falar comigo e convidou-me a beber em honra da victoria do exercito alliado um vinho que não ficava a dever nada ao que o general Stewart tinha á sua meza. Bebemos duas garrafas.

Na manhã seguinte montei outra vez a cavallo, e n'aquelle mesmo dia encontrei-me com o marechal Beresford, sem me haver acontecido qualquer coisa digna de menção. Beresford ia perseguindo Loison.

Leu os officios de sir Arhur Wellesley e escreveu immediatamente a resposta, que me

AJOELHOU E PROMETTEU FAZER QUANTO EU LHE MANDASSE

entregou com intimativa, dizendo:

— Volte ao quartel general do nosso commandante em chefe o mais depressa que puder, e tenha a maior cautela com as partidas do inimigo que pairam entre as forças do meu commando e as collocadas sob as ordens immediatas de sir Arthur.

Tendo assistido á passagem da columna de Beresford, voltei para traz, todo envai-

decido com o bello aspecto d'aquelles soldados tão anciosos por atacarem o exercito de Soult em retirada (1).

Vinha cahindo a noite quando cravei as esporas no meu cavallo. A região que atravessei, de montanhas escarpadas, seria encantadora para quem a percorresse como viajante, mas altamente desconcertante para quem a atravessasse, conforme me acontecia, levando correspondencia de valor, e temendo que viessem roubar-lh'a.

Em virtude do aviso que me déra o marechal Beresford, resolvi fazer um largo rodeio, para evitar quanto possivel o encontrar-me com os francezes.

Andei sem novidade umas quatro ou cinco milhas, atravez de um terreno aspero, levando sempre, á cautela, o cavallo na mão.

Por duas vezes, tirei as pistolas dos coldres, prestes a desfechal-as contra certos logares do caminho onde julguei que alguma coisa se mexia no meio da escuridão. As suspeitas logo se desvaneceram, porém, e prosegui na marcha, de animo quasi sereno, sonhando com o vinho do Alto Douro que me esperava no quartel do general Stewart. O certo é que o scismar no incomparavel nectar me fez descer ao coração um calor tão agradavel, como o que se espalhara em mim quando bebera no Porto o copo offerecido pelo brigadeiro Stewart.

Monologuei:

— Netherton, fica sabendo que déste no vinte. A'manhã estará cumprida a tua missão, que na verdade não era para qualquer official. Vae tornar-te famoso, o que fizeste. Quantos outros dos teus camaradas, se tivessem recebido o mesmo encargo, dariam com os burrinhos n'agua!

Foi justamente quando eu dizia comigo mesmo estas palavras, que o meu cavallo deu um temivel tropeção, fazendo-me logo saltar para o cepilho do sellim. Colhi promptamente as redeas, ao mesmo tempo que o pobre do animal tentava continuar a marcha. Ainda avançou dois passos, mas tropeçou novamente, e foi quasi de peito ao chão. Apeei-me, e, ao conseguir fazel-o andar para deante, vi que o pobre rocim coxeava muito.

Estava mettido em boa! Despertei dos meus sonhos para a temivel realidade: perdido em logar desconhecido, e dispondo apenas de um cavallo que não podia dar um passo. A noite ia-se nublando a mais e mais, de modo que a lua quasi já não apparecia. Com as redeas enfiadas no braço, fui arrastando o estropiado cavallo atraz de mim, pelo atalho infernal a que os naturaes dão o nome pomposo de estrada. Cada vez mergulhava em mais cerrada escuridão, amaldiçoando o azar de que era victima, eis senão quando avistei a certa distancia uma luzinha. Approximei-me e vi que sahia de uma casa de apparencia miseravel; cheguei mais perto ainda e por uma taboleta, que se balouçava nos gonzos enferrujados, conheci que chegara deante de uma pousada. A porta estava fechada e de dentro da casa não vinha o minimo ruido, o que não me admirou por ser já perto da meia noite. Como não tinha por onde escolher, bati á porta com força.

Durante alguns instantes não obtive resposta e por isso tornei a bater, e chamei a gente da casa, em voz muito alta. Afinal abriu-se uma janella por cima da minha cabeça e despontou uma cara, olhando para fóra, muito a medo.

— Abra a porta quanto antes! disse eu. Quero um quarto, onde passe a noite.

Um homem respondeu-me da janella não percebi o quê, porque me falou em portuguez, lingua de que não sei uma palavra.

Fiquei atrapalhado, confesso, mas d'ali a um instante, como nunca me faltam expedientes, vendo o homem abrir a porta, não estive com cerimonias e, apontando-lhe uma das pistolas, bradei-lhe com voz de Stentor:

— Não entendo a tua lingua, mas, graças a esta minha amiga, estou certo de que me has de entender!

Ao dizer isto, abri com a outra mão a porta de par em par.

O homem recuou promptamente e poz-se a fazer-me grandes zumbaias, mais branco do que a cal da parede, o que pude ver á luz de uma lanterna que elle trazia na mão. Assim permanecemos um ou dois segundos, eu, embrulhado no meu capote de cavallaria,

(1) Walter Grogan não faz a minima allusão á nacionalidade d'estas tropas que eram, na grande maioria, portuguezas, do que poderia convencer-se lendo a pagina 410 do 1.º volume da *History of the Peninsular War*, do seu compatriota W. F. P. Napier.

elle, de barrete de dormir enfiado na cabeça, jaqueta já no fio e toda esburacada e calções que um bom par de vezes já tinham mudado de côr. Pelas tremuras da lanterna calculava-se bem o medo com que estaria o dono. Continuava elle, no entretanto, n'uma interminavel cantilena, sempre na sua lingua materna. Seriam amaveis cumprimentos ou ameaças? O seu aspecto não me agradava muito, mas o estado em que via o meu pobre cavallo forçava-me a lançar mão d'aquelle agazalho.

De repente acudiu-me uma ideia: «Quem me diz que este diabo não fala francez?» E como me faço entender menos mal na lingua dos nossos inimigos empreguei-a como supremo recurso.

Foi magico o effeito! A's primeiras palavras que proferi, o estalajadeiro pousou no chão a lanterna, ajoelhou e prometteu fazer quanto eu mandasse, comtanto que lhe désse a minha palavra de que lhe pouparia a vida.

Percebi immediatamente que me julgava official francez. O engano era natural, não só porque, tendo nós desembarcado havia pouco, os portuguezes não estavam ainda familiarisados com os nossos uniformes, mas tambem porque o meu comprido capote não fazia grande differença dos capotes do exercito de qualquer outra nação.

O pavor em que o via fez-me tomar uma decisão repentina: apresentar-me como official francez. Os inglezes, sendo alliados dos portuguezes, não tinham sobre estes o ascendente necessario para obrigal-os a grandes sacrificios. Com os francezes, porém, o caso mudava de figura. Contava-se a seu respeito tão horriveis historias, que tudo poderiam conseguir, pelo medo que inspiravam.

Disse portanto em francez e com voz sacudida:

— Acompanha-me! Levanta essa lanterna e ensina-me o caminho da cavallariça.

Esta ordem foi executada immediatamente.

A cavallariça era pequena e miseravel. Apenas lá cheguei, fiz um rapido exame ao meu cavallo servindo-me, para allumiar-me, da luz da lanterna, em que o meu companheiro continuava a pegar com a mão um pouco menos tremula. O pobre animal não apresentava nenhum ferimento. O que o fazia manquejar era qualquer geito que tinha dado. Com o auxilio do hospedeiro, puz-lhe uma ligadura e dei-lhe agua e ração.

Quando voltei para a sala, disse com intimativa ao locandeiro:

— Já, já uma garrafa do melhor vinho que tiveres!

— No mesmo instante, meu senhor, respondeu-me elle em pessimo francez. E verá que o meu vinho é bom, é muito bom, é excellente!

— Não é pela tua bocca, pateta, que desejo aprecial-o; é pela minha. Roda!...

— Se quer, levo a garrafa para o seu quarto. Ha aqui por cima um, que não será digno da sua pessoa, mas que é tudo o que ha de mais asseiado.

— Nada! Nada! Passo a noite aqui mesmo. Sou militar e quero ter sempre a retirada segura. No tal poleiro não ficava tão bem como aqui. Prompto!

Pronunciei estas ultimas palavras, repotreando-me n'uma das cadeiras da pousada e embrulhando-me ainda mais no capote, para que o estalajadeiro não me pudesse ver a farda. Decorridos uns minutos, fiquei só, com uma garrafa de vinho deante de mim e olhando atravez das palpebras semi-cerradas para a chamma vacillante do candeeiro de azeite, que, a pouco e pouco ia enchendo o quarto de fumo e de um cheiro nauseabundo.

O estalajadeiro tinha-se ido embora. Ainda lhe senti os passos no corredor, e ouvi-lhe resmungar comsigo mesmo palavras que não percebi. Depois, tudo cahiu em silencio. Debrucei-me para a meza tosca e fitei os olhos na luz. O vinho, além de generoso, era trepador. Foi-me traspassando gradualmente um calor suavissimo, e dominou-me um ineffavel conforto. Belisquei-me n'um braço, para não adormecer. Puz a vista nas duas pistolas, que estavam sobre a meza, para ficar certo de que as tinha ao alcance da mão. Agarrei em ambas e experimentei-lhe a fecharia. Tornei a pousal-as na meza, onde o braço pousou tambem, como se pesasse cincoenta arrobas. Fechei os olhos, a cabeça descahiu para o peito...

*
* *

Só dei por mim quando um ruido forte, produzido muito perto, poz termo a um sonho extravagante que me embalava. Er-

gui-me de repellão, ainda mal acordado. A chamma do candeeiro não parava de vacillar; tinham aberto a porta do quarto e deante de mim estava um rapazelho, vestido de sargento de lanceiros francezes. Por traz d'elle desenhava-se a figura do estalajadeiro.

— Queira Vossa Senhoria perdoar, disse-me este. Apresento-lhe um seu camarada que se perdeu no caminho.

Mal acabou de falar, retirou-se, fechando a porta com força.

Sobre a meza, entre mim e o recemchegado, estavam as minhas pistolas.

— *Bonjour!* disse eu, com os olhos pregados nas duas armas, que jaziam entre nós como um osso entre dois cães.

— O dia ainda vem longe, respondeu o lanceiro, com voz effeminada.

Se não o visse com aquelle uniforme, diria que tinha muito má pronuncia franceza. Apezar de todo o arreganho que ostentava, os beiços tremiam-lhe ao de leve.

Vendo-lhe a mão direita sobre a coronha de uma pistola, que trazia no cinturão, disse com os meus botões.

— Muito sentido, Netherton! O rapaz está aqui, está a descobrir que és inglez e... Trata quanto antes de empunhar as tuas pistolas, mas vê bem o que fazes, porque o fedelho pode primeiramente valer-se da sua.

— Bebamos um copo de vinho em honra da nossa camaradagem! bradei eu, estendendo a mão para a garrafa, que estava ao pé das minhas pistolas.

— Não se incommode, disse o lanceiro, estendendo tambem a mão para a garrafa.

Percebi-lhe o jogo: queria apanhar-me as pistolas. Já tinha notado certamente a differença que ha entre os capotes da cavallaria franceza e os inglezes, isto é, estava descoberto o meu estratagema.

Era pois urgentissimo proceder com a maxima energia. Agarrei-lhe, pelo pulso, o braço estendido. Ora eu tinha força herculea, e o pulso do rapazito era delgado, flacido, feminil. Os meus dedos apertaram-no como uma torquez. Estorceu-se com a dôr e soltou um grito.

— *Ah! Vous m'offensez, monsieur!* disse elle, arrepanhando o rostosinho oval com os esforços que fazia para occultar a afflicção.

— O primeiro offendido fui eu! respondi immediatamente. E, continuando a segurar-lhe o pulso, apontei-lhe á cabeça, com a mão livre, uma pistola, dizendo ao mesmo tempo em tom chocarreiro: «Com a mão que lhe não prendo, tire essa pistola do cinturão e ponha-a sobre esta meza, com a coronha ao meu alcance, mas livre-se de a levantar muito, porque sou nervoso e sem querer posso metter-lhe uma bala na cabeça, á minima tentativa que faça para mudar a sorte contra mim. Isso mesmo! E agora tire o cinturão da espada.»

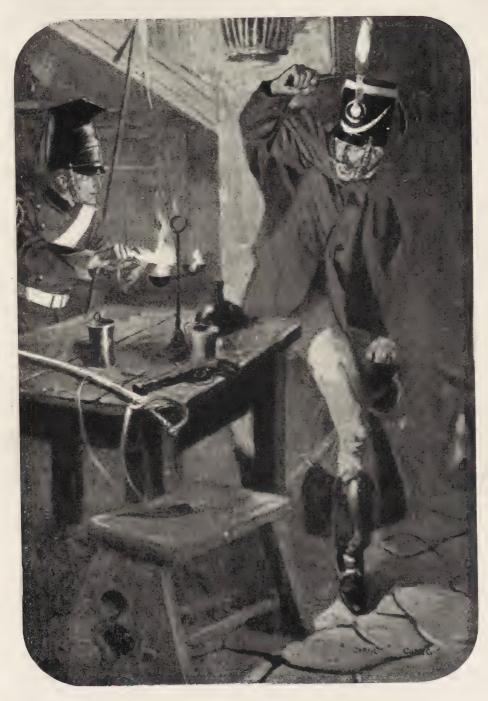
Examinei com curiosidade o lanceiro francez. Tremia um quasi nada e não se atrevia a olhar de fito para a minha pistola. Como soltou muito desageitadamente a fivella do cinturão, julguei que tivesse ainda pouco tempo de praça. Coitado! Mais parecia um pequeno de escola que um militar.

— Muito bem! Fique sabendo que é meu prisioneiro.

Quando lhe disse isto, já lhe tinha largado o braço, e, havendo rodeado a meza, fui pôr longe d'elle as armas que lhe pertenciam. N'este comenos, começavam a divisar-se através da janella, os primeiros clarões matutinos.

— Não ha duvida que sou seu prisioneiro, replicou o lanceiro francez, e tambem não ha duvida que ainda não provei o vinho que me offereceu.

Desatei a rir com o gracejo e, tendo mettido uma pistola no meu cinturão, fui encher de vinho outro copo. O francezito aproveitou este ensejo para tirar da abotoadura da farda uma coisa, que levou surrateiramente á chamma do candieiro. Era um papel escripto á mão.

Em tempos como aquelle é impagavel um homem de promptas resoluções. Por ellas se conhece quem nasceu para mandar nos seus semelhantes. Desde que me entendo, fui sempre expedito em raciocinar, e mais ainda em executar o que resolvo. Sem perder um segundo, atirei de cangalhas o candieiro, que foi cahir, com grande estrondo, no meio do chão. Se tivesse pegado fogo á locanda, as consequencias podiam ser sérias. No meio da escuridão, atirei-me ao rapaz, e com tanta felicidade que lhe agarrei a mão onde estava o papel. Baixou-se de repente e, emquanto eu forcejava por abrir-lhe aquella mão, levou a outra á algibeira. Senti logo uma picada no quadril esquerdo. Tinha-me

SEM PERDER UM SEGUNDO, ATIREI DE CANGALHAS O CANDIEIRO

ferido, mas felizmente a ponta da faca escorregara pelo cinturão e só causára um ferimento pouco profundo. Logo que apanhei o papel, tirei-lhe a faca e lancei-a para longe.

— Já d'aqui para fóra! gritei-lhe enfurecido. Basta de brincadeiras de creanças! Vieste a cavallo, não é assim? Pois vaes emprestar-me a tua montada!

*

* *

Já era dia claro.

Arrastei comigo o pequeno até á cavallariça, onde encontrei ainda em muito mau estado o meu pobre rocinante. Mas além do que pertencia ao rapaz, vi, com espanto, outro cavallo, em que não fizera reparo da primeira vez. Era um sendeiro ordinarissimo, talvez propriedade do estalajadeiro, e tomei-o de emprestimo, para o meu prisioneiro de guerra. O locandeiro não fez muito má cara a isto, suppondo que, se eu não viesse buscar o meu cavallo, ganharia immenso na troca.

Puzemo-nos a caminho, e só depois de percorrer obra de quatro milhas quebrei o silencio, por ver o meu companheiro muito triste e abatido.

— Tem paciencia, meu rico, disse-lhe eu. São os vae-vens da guerra. Se não fosses tão novo, saberias encarar a tua desgraça mais philosophicamente.

— Não lhe dava esse papel por dinheiro nenhum! foi a sua resposta.

— Não te queixes de mim, queixa-te da tua pouca sorte, respondi-lhe a rir. E olha que se a tua faca não encontrasse o meu cinturão, a estas horas estava eu em muito peores lençoes do que tu.

— Ficou ferido?

— E' uma simples arranhadella, que ainda me dóe bastante, mas que não tem a menor importancia.

Continuámos a marcha. Pareceu-me que o lanceiro, de quando em quando, me deitava olhares compassivos.

— Ainda lhe dóe muito? perguntou-me uma occasião, vendo-me ter um estremecimento e levar a mão á ferida.

— Não é nada! No meu regimento ninguem faz caso d'estas bagatellas.

Começava a inspirar-me sympathia o lanceirosinho. Os seus ares de menina brigavam com o uniforme. Como parecia deveras contrafeito dentro da farda, perguntei-lhe:

— Já sentou praça ha muito tempo?

Olhou para mim e respondeu:

— Gosta de caçuar, pelo que vejo.

Achei a resposta completamente inintelligivel, mas não pedi explicações.

Ao pôr do sol chegámos ás margens do Douro, cujas aguas brilhavam escoando-se atravez de cerros alcantilados.

— Vae ver o maior general dos nossos dias, lembrei ao prisioneiro. Os papeis que lhe apprehendi, havemos de entregal-os em mão propria a...

— A Soult? perguntou o fedelho. E proseguiu: Acho-o um bom general, mas ainda assim...

— Quem fala aqui de Soult! gritei eu. Os demonios o carreguem! Refiro-me a sir Arthur Wesllesley!

— Sir Arthur Wellesley! Então o senhor não é dos dragões francezes?

E ao dizer isto, desatou a rir ás gargalhadas.

— Por minha fé que não! Pois não percebeu, na estalagem, que não sou seu camarada?

— Meu camarada!... exclamou o rapaz, continuando a rir, e accrescentou: Eu não sou francez. E tambem não sou homem... sou uma rapariga hespanhola, que se valia d'este disfarce para levar os papeis que o senhor me tirou, ao seu general, sir Arthur Wellesley. São mandados pela junta de Zamora e teem grande importancia.

— Então é mulher?...

— E hespanhola! Chamo-me Dolores Navarro.

E tinha eu tido tantas preoccupações e cuidados com o meu prisioneiro de guerra!

(Traduzido livremente do inglez por Maximiliano de Azevedo.)

Walter Grogan.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

ALGARVE

QUANTAS surprezas lhe não proporcionarão essas ruinas veneraveis das egrejas christans de caracter gothico; esses portos defendidos pelas imponentes muralhas indentadas de ameias das alterosas fortalezas, monumentos de gerações desde tanto tempo esquecidas dos senhores christãos dessas terras!

E não deixam de ser importantes muitas dessas construcções. Ao auctor deste livro não coube a dita, de ver com seus proprios olhos esses tão interessantes vestigios da arte portugueza desde a Africa até á India; e todavia, esses poucos exemplos, que lhe foi dado contemplar, falam por todos. A' nova e impetuosa corrente do trafego ao longo daquellas costas, cabe a obrigação de conservar, a beneficio da Historia da Arte, esses monumentos para ella de tanto valor. Outra missão, aliás, importante quanto formosa, se acha ainda por cumprir, o descobrir novamente essas consideraveis edificações dos hespanhoes nas suas conquistas americanas, no Mexico e no Peru, e sequer ao menos, conservar, para a Europa, essas vergonteas da Arte européa, por meio já da imagem, já da escripta.

PORTA MERIDIONAL
DA EGREJA DE S. SEBASTIÃO, EM LAGOS

Uma das mais antigas colonias de Portugal, a tão proxima ilha da Madeira, possue, na cidade do Funchal, capital respectiva, uma legitima e velha cidade portugueza, a qual, acima de tudo mais, reivindica um monumento architectonico, devendo considerar-se o mais grandioso re-

presentante desse typo religioso, que aprendemos a conhecer na egreja de Caminha, e a que eu até agora tenho designado com o cognomento de typo de Thomar-Golgan. E' construcção de el-rei D. Manoel e data de 1514. O seu primeiro bispo eleito, na mesma data, foi D. Diogo Pinheiro; não chegou comtudo a tomar posse, e já tivemos occasião de contemplar o seu tão importante mausoléu, em Thomar, na egreja de Santa Maria do Olival.

E' de tres naves o edificio, tal qual o exemplo já citado; apenas a nave transversal, fallecendo ali, ou apenas perceptivel, aqui se prolonga em consideravel extensão, pelo exterior da egreja. O sumptuoso tecto de madeira filia-se no caracter mourisco como o de Caminha.

Da antiga decoração é sobremodo valioso, a nosso ver, o altar-mor, cujo grandioso camarim apresenta quasi completamente o estylo gothico. Encerra doze avultados paineis da antiga escola portugueza, enquadrados por um fino motivo architectonico de frisos e corucheus, dourado; o coroamento ostenta um sumptuoso baldaquino com

MURALHAS DA CIDADE DE SILVES

alizares transfurados, evocando á memoria o desapparecido cadeirado do côro em Thomar, de cujo lavor muito se approximam as minudencias ornamentaes. Não deixa tambem de recordar-nos as antigas estatuas do camarim do altar-mór em Belem, sem predecessor. Andaria, acaso, por aqui, tambem, a mão de Olivel de Gand?

As duas filas de esplendidas cadeiras que circundam as paredes da ábside do côro apresentam muita afinidade.

Picturesco quanto pode ser o lanço oriental, accusando externamente o côro triplice e de rica abobada. A estampa dá sufficiente ideia desta disposição, assim como da elevada torre, orientada aqui a nordeste. O campanario, com o seu pinaculo conico, forrado de azulejos.

A fachada occidental tem um portico em arco, possante, admitindo a um adro escuro; é encimado por duas janellas de ogiva e a rosacea do côro alto. Estas, apenas, serão da primitiva.

O convento de Santa Clara abriga na sua egreja mais reliquias dos tempos de outr'ora, como, por exemplo, a sepultura de Gonçalves Zarco, bom trabalho gothico da ultima maneira, o sarcophago usual, dentro de uma arcada afestoada, assente sobre liões.

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES, EM SILVES

A egreja de S. Pedro apresenta o typo das egrejas collegiaes de Coimbra (S. Bento, e outras), com um amplo portico de columnas e pilastras supportando um arco de volta inteira de formas austeras.

Na veneranda cidade, capta nos desde logo a attenção a frontaria da «Casa de Colombo» da qual subsistem ainda duas portas e outras tantas janellas, lavradas em calcario, num curioso estylo gothico terceario, denunciando

manifesta influencia hespanhola. Patenteia-o claramente a porta principal com os seus esbeltos perfís, inscritos no arco de ponto subido, assim como o tão caracteristico peitoril da janella. A notavel janella geminada, com a sua columna média de tão robusto perfíl, os arcos afestoados, as carrancas e o capitel decorado de faixas, propende algo mais para o manuelino. O obliquo peitoril, de tanta originalidade, é caso novo para mim.

O predio incidirá talvez como os fins do seculo xv, é de suppôr que ainda com a éra de D. João II, éra em que, como é aliás sabido, Colombo veiu sollicitar protecção a Portugal, e residiu nesta ilha.

Percorrendo a cidade, ainda se encontram bastos exemplos de palacios no gosto português dos fins do seculo xvii.

DA EGREJA DE S. BARTHOLOMEU

Nas ilhas Canarias, e em Orotava, principalmente, deparam-se ainda algumas construcções de um certo interesse; entre outras citarei a egreja de La Concepcion, do ultimo periodo da Renascença (com uma frontaria do seculo xviii); adorna a parede do Convento das freiras, externamente, um opulento portico da Renascença.

Os Açores, e designadamente a ilha Terceira, a julgar pelas informações que tenho, é de suppôr que pouco ou nada encerrem de importante e que seja digno de menção especial no dominio da architectura religiosa.

Em conclusão, referir-me-hei ainda aos monumentos architectonicos das Indias.

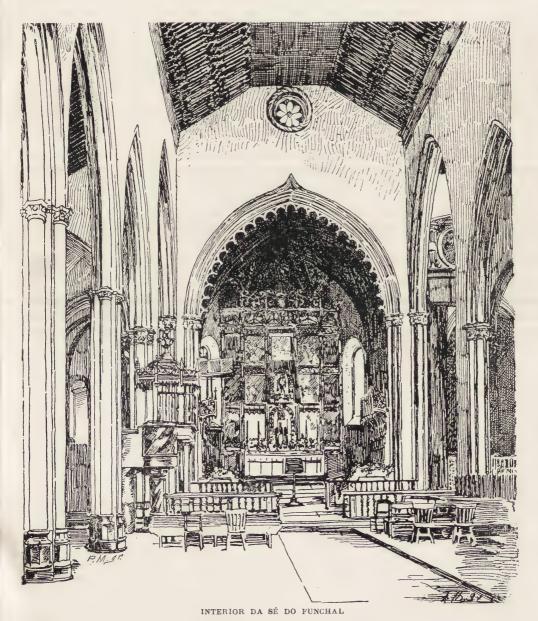
Devem ter existido ali quantidade importante de egrejas dignas de consideração, desde a éra de 1500, data em que S. Francisco Xaxier ali encetou a sua obra de propaganda, e desde que os Jesuitas ali inauguraram a fundação systematica dos estabelecimentos da sua Ordem. Destes edificios apenas poderei dizer alguma coisa referente á Sé de Goa; é um grande edificio no estylo do de S. Roque, em Lisboa, com uma nave transversal e quatro capellas de sumptuosa decoração de talha dourada, estas e o coro, as unicas secções do sumptuoso edificio que apresentam abobadas. Seriam construidas pouco depois do passamento de S. Francisco Xavier, (1552) que ali jaz sepultado. Acaso se encontrarão aqui as alfaias do culto de Santa Cruz, de Coimbra?

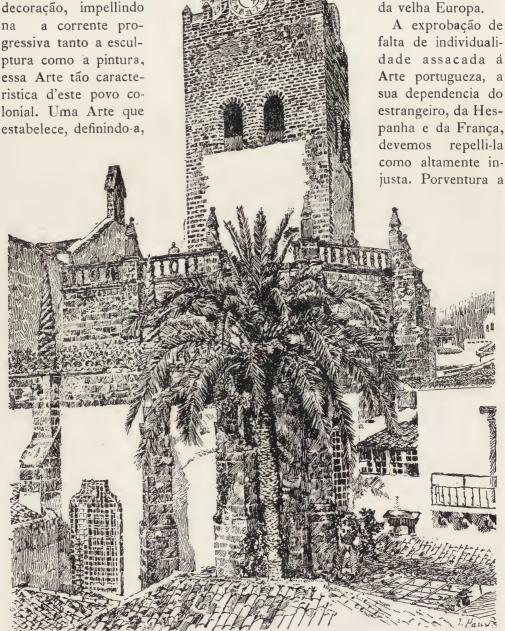
O collegio de S. Paulo, dos Jesuitas, em Goa, edificado na mesma época, na opinião de seus contemporaneos, já pelas dimensões já pela sumptuosa estructura era um edificio absolutamente sem rival em toda a Europa.

*

* *

E assim vemos a architectura de um pequeno paiz abranger totalmente o hemispherio, os mensageiros do primeiro povo colonizador da Edade-média dilatando a Arte da sua terra natal pela India e pela China até ás margens do La Plata. Em seu enlevo trouxeram comsigo, numa época em que a propria patria se achava ainda em um periodo de pujança artistica, as reminiscencias dos encantos das terras longinquas e com ellas fructificaram o velho mundo; e incidiam estes factos com aquelle tão breve espaço de tempo, em que ao povo português foi dado

INTERIOR DA SÉ DO FUNCHAL

realizar as suas manifestações mais transcendentes, n'aquelles vinte e cinco annos correspondendo ao reinado de D. Manuel e que presencearam a um dos mais notaveis commetimentos no dominio da architectura e da decoração, impellindo na a corrente progressiva tanto a esculptura como a pintura, essa Arte tão caracteristica d'este povo colonial. Uma Arte que estabelece, definindo-a, a situação do dito povo nos limites entre o velho mundo e o mundo novamente descoberto, e que não deve ser afferida pela bitola d'essa tão geral mediania, posta em nossas mãos pelas tendencias classicas da velha Europa.

A exprobação de falta de individualidade assacada á Arte portugueza, a sua dependencia do estrangeiro, da Hespanha e da França, devemos repelli-la como altamente injusta. Porventura a

TORRE DA SÉ DO FUNCHAL

CASA DE CHRISTOVAM COLOMBO, NO FUNCHAL

França, e a Hespanha ou a Allemanha descobriram a propria Renascença? Ou não terá, acaso, o novo estylo vindo ali ter da Italia por caminhos conhecidos, quando o não hajam recebido de torna-viagem? E quem ou-

sará pois impugnar a estes paizes a independencia da sua Arte nessas éras? Todo aquelle que folhear este livreco deixará de encontrar, aliás, a mais de um exemplo de uma Arte nova a par de absolutamente original? E é tal a sua originalidade que, em mais de um caso, se afasta totalmente dos canones tradicionaes da Belleza, para trilhar o seu proprio caminho; e nem sempre em seu detrimento.

E quando nos lembramos de que durou apenas o breve espaço de tempo de uma geração essa rapida e pujante florescencia artistica em Portugal, e que a geração immediata, conforme ali observei, apenas cultivou uma architectura de emprestimo, n'esse mesmo torrão em que lançara sementes a primeira; e de como os proprios *Lusiadas,* essa epopeia da nação, é a flôr unica que veiu a desabrochar sobre a sepultura da época de D. Manuel, unico lampejo, tão depressa extincto, e consagrado á sua memoria, assiste-nos o dever de acatar o tão curto apogeu d'esse povo, o qual, desde então, parece haver caído em tão pesado marasmo, e acatá-lo como nimiamente valioso e perduravel. Nem só os gregos das éras classicas e os italianos, insignes, hão de viver por toda a eternidade, mas tambem D. Manuel e os seus artistas peregrinos.

FIM

O MINUETE

Os violinos choram no salão
De seda alaranjada e com dourados.
Reluzem os galans enamorados
Emquanto devagar fala um barão.

Reina o minuete. E a pállida marqueza
No seu vestido branco decotado,
Passa na sala — arôma evaporado —
Dançando o minuete com firmêsa.

Elle, um môço de fulva cabelleira
Falava-lhe baixinho aos seus ouvidos,
Dizia-lhe a ventura verdadeira.

No côro um minuete de Mozart
Cujas notas são trémulos gemidos
Emquanto ella dizia: Amar... Amar...

Carlos Cilia de Lemos.

Esmaltes artisticos

ENERICAMENTE, e sob o ponto de vista da classificação artistica, denominam-se: *esmaltes*, as obras d'arte em que, por meio da fusão, um metal, vulgar ou precioso, é revestido com um silicato, conjugando-se artes diversas para o embellezarem e enriquecerem.

A ourivesaria, a gravura, a cinzelagem, a modelação, a pintura e a decoração, concorrem para a melhor factura d'um esmalte artistico; e, a par d'estas artes, pode dizer-se que existe uma outra, de pratica muito restricta, mas de capital importancia na esmaltagem, a que chamaremos: *a arte do forneiro*.

SALVA DE ESMALTE «CLOISONNÉ»
Pertencente ao thesouro de Conques

Encarado como materia prima para o esmaltador, o esmalte é um vidro que a qualidade e a quantidade dos oxidos metallicos, combinados na sua composição, dividem em tres classes, ás quaes correspondem aspectos differentes, a saber: *opácos*, *meio-opácos* e *translucidos*.

A pratica da esmaltagem é antiquissima. Obras numerosas de investigadores e eruditos agitam o problema da edade approximada d'esta famosa arte.

Uns, como Rossignol, querem vêr o esmalte representado no *electrum*, citado por Homero na Odysséa, associado a metaes e ao marfim, rebrilhando nos adornos auriferos e assimilhando-os ao sol.

Outros, sustentam que a origem da esmaltagem não vem de além da era christã. Para estes, o berço de tal arte não estaria no Oriente mas no Occidente.

Algumas peças antigas, entre ellas os celebrados *braceletes do Museu de Munich*, encontrados no interior d'uma das pyramides de Méroe, antiga capital da Ethiopia, pareciam dar razão aos que pretendiam ter sido esta arte praticada pelos egypcios. Mas no decurso das pesquizas archeologicas, foram achados bronzes de origem evidentemente romana, e posteriores á era de Christo, forçando os investigadores á conclusão de que essas obras seriam, quando muito, contemporaneas dos esmaltes gaulezes, e dos textos que se lhes referem.

Nem o espaço, nem as modestas pretensões d'este artigo consentem mais demorada referencia a phases notaveis d'esse interessante e não concluido debate. Importa, porém, registar como theorias que se julga assentes na historia da esmaltagem, que ella teve inicialmente por objecto imitar a incrustação de pedras preciosas.

Aos tres estadios da Arte: o hieratismo grego, o acordar do Occidente no XII seculo, e a Renascença italiana no XV, concorda-se em fazer corresponder os tres seguintes generos: *esmaltes cloisonnés, esmaltes champlevés* e *esmaltes translucidos sobre relevo.*

O XVI seculo emancipa-se d'estes processos separados, e, combinando-os. cria um producto seu, os esmaltes impropriamente chamados *de pintura* (como adiante mostraremos) e aos quaes melhor cabe a designação de: *esmaltes sobre preparo ou apparelho.* Tal foi o genero em que se distinguiram as dynastias de esmaltadores limosinos, os Penicaud, os Limousin, os Noaillier, os Laudin, e tantos outros. Os esmaltes de pintura são posteriores. Mais proximo já dos nossos dias, despontou um novo genero: *os esmaltes Luiz XV,* em cujas reduzidas proporções, riqueza decorativa, delicadeza dos assumptos e acabamento minucioso da pintura, ha o *raffinement* do bom gosto e da galanteria do tempo famoso de Watteau e de Boucher.

Finalmente, podemos dizel-o com ufania, já nos nossos dias, o ultimo quartel do seculo passado deu o ser a um novo genero de esmaltes artisticos, ao mesmo tempo que imprimia uma vida e um progresso caracterisadamente modernos aos esmaltes industriaes.

Não comporta a alçada que se deduz da nossa epigraphe maior referencia a estes ultimos. A'quelles, porém, a essa interessante creação dos nossos dias: *os esmaltes à jour,* de que a ourivesaria está tirando tão grande partido, havemos de fazer a devida menção.

A VIRGEM E O MENINO JESUS — ESMALTE «CHAMPLEVÉ»

* * *

O esmaltador antigo, tendo á sua disposição a materia prima por elle mesmo preparada, alargou o seu trabalho, passando da imitação das pedrarias a produzir figuras e ornamentações, em que as diversas côres do esmalte formavam como que um mosaico.

Para que os esmaltes se não confundissem, ao derreterem-se pela fusão, separou-os com uma fita, ou tira metallica, a *cloison.* Esta era soldada, de cutello, na chapa de fundo, em que o assumpto fôra desenhado a buril, e seguia os traços do desenho. D'esta forma se formavam os diversos escaninhos em que os esmaltes, reduzidos a pó, eram lançados e levados ao forno a vitrificar.

Ainda hoje se chama: *esmalte de caixa,* ao processo empregado nas condecorações. Mas deve notar-se que, sendo este genero um representante do primitivo *cloisonné,* tem comtudo uma differença no acabamento; e vem a ser que, n'este, o esmalte ficava com a superficie levemente abaulada ou depre-

ESMALTE DE LIMOGES
ATTRIBUIDO A NARDON PENICAUD

empregado simplesmente em joias e objectos de pequenas dimensões. Mas, ainda assim, ficavam carissimos, porque tanto a chapa de fundo como a fita metallica, que tinha de ser ductil, para seguir o desenho, eram de ouro. E tanto este metal, como a prata, eram então raros e caros.

Pensou-se, portanto, em empregar um metal mais barato, o cobre, visto que a arte de esmaltar se desenvolvia commercialmente. A fé christã por toda a parte erguia templos, e os thesouros das egrejas pediam trabalhos esmaltados de grandes proporções.

Sendo, porém, o cobre menos ductil do que o ouro, para o emprego da *fita* de separação, surgiu a idéa de empregar uma chapa de fundo bastante grossa, e de cavar n'ella as *caixas* para o esmalte, deixando-as

GRANDE SALVA DE ESMALTE DE LIMOGES
XVI SECULO

mida, conforme sahia do forno, ao passo que no actual trabalho *de caixa* é submettido a uma limagem, ou roçagem no rebollo, sendo novamente levado ao forno a vitrificar, ficando o esmalte perfeitamente á face com os filetes metallicos.

Assim, nos seculos XVIII e no começo do seculo XIX, quando se accentuava a decadencia relativa da esmaltagem artistica, comparada com os tempos aureos de Limoges, e a despeito dos primores Luiz XV, aos esmaltes *de caixa,* limados ou roçados, chamaram: *esmaltes usados,* havendo quem erradamente pretendesse serem velhos *cloisonnés* gastos pelo tempo.

Os esmaltes chamados: *byzantinos,* são, como processo, *cloisonnés.*

De começo, este genero era

separadas por uma especie de crista ou filete.

Foi assim que nasceu o processo chamado: *champlevé*, tambem conhecido pela designação de: esmalte *en taille d'épargné*. Aquella, refere-se ao *campo* levantado a buriladas, para ser occupado pela materia vitrificavel; esta, ao filete, *épargné*, conservado, para separar os diversos esmaltes.

Os esmaltes *champlevé*, são averiguadamente francezes. A seu respeito não existem as complicadas questões de primasia inventora, que os eruditos debatem a proposito dos *claisoneés*, seus tons e escolas, relativamente a procederem de artistas do Rheno ou de artistas do Limosino.

Muito emmaranhado, e bastante occioso, tal problema não é para aqui. Mas o que importa fixar é que o processo do *champlevé* abriu novo caminho á esmaltagem, dando origem aos *esmaltes translucidos*, ou de *basse taille*.

PRATO EM ESMALTE DE LIMOGES
REPRESENTANDO OS SIGNOS DO ZODIACO
Muzeu do Louvre

PLACA DE ESMALTE DE LIMOGES
XVI SECULO, ATTRIBUIDA A JOHAN DECOURT
Muzeu do Louvre — Galeria d'Apollo

Do buril que escavava a grossa placa de cobre, passou-se ao cinzel que a rebatia; e nas profundidades, mais facilmente obtidas com este instrumento em chapa delgada, lançaram-se esmaltes transparentes que, segundo a maior ou menor profundidade do concavo, davam luzes e tonalidades variadissimas.

A seu turno, este processo fez acudir a lembrança de esmaltar a face opposta da chapa, isto é: o convexo em logar do concavo; e assim foram creados os *esmaltes translucidos em relevo*.

Segundo Alfred Darcel (1) um outro facto concorreria tambem para tal resultado: Diz este auctor:

«Ao mesmo tempo que Giotto, na Italia, quebrava o molde grego em que a pintura enlanguescia presa, e que Nicolau de Pisa voltava ao estudo

(1) *Notice des emaux du Louvre.*

directo do antigo; que um e outro buscavam dar movimento aos corpos, expressão ás physionomias, a vida, emfim, ás suas composições, os antigos processos allemães e francezes da esmaltagem de côres planas, não bastavam para satisfazer o novo sentimento plastico que se desenvolvia.»

«Como os artistas, esculptores ou pintores, que seguiam estes mestres na senda que lhes tinham indicado, passavam quasi todos pelos *ateliers* dos ourives, estabeleceu-se bem depressa na ourivesaria uma alliança entre o relevo e a côr.»

Talvez um accidente conduzisse a este resultado, accrescenta Darcel: «a queda occasional d'uma simples gotta d'agua sobre o relevo de um d'esses sellos ou moedas, de prata ou de ouro, fabricados em taes officinas, seria o bastante para dar idéa do effeito maravilhoso dos esmaltes translucidos quando appostos sobre os relevos.»

Assim, a grande maioria d'estes esmaltes é de metaes preciosos.

GRANDE RETABULO GUARNECIDO DE ESMALTES DE LIMOGES
Assignados por Leonardo Limosin — 1543

Esmaltadas as superficies em relevo, e apreciados os effeitos dos translucidos sobre o ouro e a prata, cotejadas as affinidades dos processos da ceramica com os da esmaltagem, entrelaçados os louros de Palissy com os dos mestres limosinos que então surgiam, era natural que se tentasse *modelar, crear o relevo,* com o proprio esmalte, para trabalhar em maiores dimensões. De novo a esmaltagem se via impellida para o *seu metal* por excellencia, o cobre. Além d'isso, o reportorio dos esmaltes translucidos, era brilhante de fulgurações mas limitado em côres.

Ainda n'aquelle tempo se não fabricavam, como hoje, esmaltes transparentes de todos os tons e *nuances*, desde os fundentes até ás carnações. O branco, o amarello, o azul turqueza e outras côres, eram de base estanifera, e por tal principio opácos. E os esmaltadores, empregando os translucidos sobre relevo, eram obrigados, na figura, a deixar os rostos e as mãos convencionalmente cobertos com um fundente incolor, e depois a esmaltal-os com branco opáco, ou violeta.

Voltou-se de preferencia a trabalhar em cobre, tentou-se o relevo em esmalte, e assim brotou a grande arte dos limosinos, os esmaltes *sobre preparo* ou *apparelho (sur apprêt)* a que indevidamente, como muito bem nota Darcel, chamaram: *esmaltes de pintura*.

Em virtude da impropriedade d'esta designação, veiu a dar-se mais tarde uma barafunda na nomenclatura d'essas obras d'arte.

Quando o progresso na fabricação das côres vitrificaveis permittiu a composição de tintas muito mais degradaveis do que os esmaltes remoïdos, a pintura poude executar-se

á vontade nas superficies esmaltadas unicamente de branco. E a estes trabalhos tiveram que chamar: *esmaltes dos pintores*, por isso que existia já a designação: *esmaltes de pintura*, mal applicada ás obras em que os limosinos se assignalaram.

Ora, como muito bem diz Ris Pacquot: «o esmalte limosino é uma especie de baixo relevo, modelado quasi a secco, com um pó mineral, o branco fixo, cujas camadas mais espessas constituem os claros, e as menos espessas as meias tintas» (1).

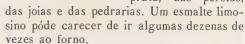
E' positivamente o inverso dos esmaltes pintados, em os quaes, na chapa de fundo, esmaltada de branco, são reservados os claros, como se reservam na aguarella os claros do papel.

A designação que, portanto, se deve dar aos esmaltes limosinos, em relevo, mais ou menos decorados e enriquecidos, e ainda quando tenham toques de côr a pincel, é a de: *esmaltes sobre apparelho*

COFRE GUARNECIDO DE ESMALTES DE «PLIQUE» DENOMINADO: COFRE DE S. LUIZ

Com effeito, esmaltada a chapa de fundo, geralmente em tons escuros: preto, azul *foncé* (proximamente o azul de Sèvres) castanho carregado, ou d'um esmalte ondulado feito com estes tons, applica-se o *apparelho*, isto é, uma tenue camada de branco fixo, que, depois de secca, deixando transparecer o escuro subjacente, parece *gris*. E' sobre esta camada que se desenha o assumpto, empregando um bico d'aço. Depois, recorrendo ao pincel e á espatula, modela-se, reforçando a camada para obter as luzes, os claros, diminuindo-a para obter as meias-tintas, e empregando as *hachures*, como na gravura, para ir até á maior intensidade dos escuros, que chegam ás vezes a pedir se profunde na camada do apparelho até deixar o negro da chapa de fundo a descoberto.

E' por isso que n'estes esmaltes, muito mais do que em todos os outros, se exige correcto desenho, conhecimento da modelação, e, muito mais tambem do que nos outros generos, a pratica das coseduras, o conhecimento do forno.

Estará perdido o esmaltador que, de golpe, quizer attingir os altos relevos e as grandes luzes. Só o emprego de camadas successivas e delgadas, levadas cada uma por sua vez ao forno a vitrificar, dará o resultado. N'estas coseduras repetidas, mil perigos, mil escolhos a evitar, surgem constantemente. E todas essas difficuldades augmentam á medida que o trabalho avança, e se trata de o decorar, de lhe applicar a folha d'ouro, ou de prata, sobre as quaes os *translucidos* darão o effeito das roupagens, das telas ricas, das lhamas de ouro ou prata, das perolas, das joias e das pedrarias. Um esmalte limosino póde carecer de ir algumas dezenas de vezes ao forno,

A respeito do simples camapheu ou *grisaille*, genero Limoges, diz o já citado professor da manufactura de Sèvres:

«Este genero que, na apparencia, parece d'uma extrema simplicidade, exige comtudo tanta habilidade pratica como talento artistico. E' incompativel com a mediocridade, tanto no traçado do desenho, como na collocação das sombras, como no modelado das meias-tintas, ou na apposição da propria côr.»

(1) *Guide pratique du peintre émailleur amateur* pag. 159.

(Continúa.)

ARTHUR LOBO D'AVILA.

O punhal do Destino

(Conclusão)

CAPITULO V

O Punhal do Destino

John Jessop, preoccupado com a morte de um seu semelhante pela tortura, dormiu mal aquella noite. Muito antes de romper a madrugada, já elle havia tomado uma resolução.

Era claro que Nikolai Kriloff não tinha dado parte do caso ás autoridades competentes, conforme allegava; e como Jessop tivesse ouvido o proprio encarcerado implorar justiça, como bom inglês determinou que a havia de ter.

Por mais severa que fosse a justiça que podia esperar de um tribunal russo, Stepan Trofimitch tinha direito a ella; e n'aquelle mesmo dia Jessop escreveu circunstanciadamente ao chefe do commissariado de policia de Bolkhoff, communicando-lhe os pormenores do attentado do nihilista contra o proprio amo, e as consequencias.

Receava, porém, que a carta já não chegasse a tempo. O conde Kriloff, cujo apetite mais se estimulava com as atrocidades em que se ia cevando, exhibia agora o espectaculo de um homem sob a influencia de qualquer droga mysteriosa. Bebia, como nunca, e era raro apparecer. As suas maneiras brutaes e insolentes cada vez mais se exacerbavam, até que attingiram o acume, e insultou o proprio Jessop. O conde exigia que o professor do filho o acompanhasse na seleia a dar um passeio na floresta, e como Jessop se escusasse, intimou-o a obedecer, rogando pragas. O mancebo saíu fóra de si, e com o sangue a referver-lhe, replicou:

— Com que direito me dá ordens? Esquece-se de quem é, e de que está falando a um subdito inglês?! Fosse o senhor o proprio Tzar e o mesmo lhe diria! — Fique sabendo que lhe não tenho medo — tanto como ás suas masmorras secretas.

Arrependeu-se de ter soltado esta ultima frase; o resultado porém não foi o que esperava o joven professor. Kriloff pôs-se livido por baixo das manchas rôxas que lhe toldavam a face, sorriu e pediu desculpa ao moço, ausentando-se da sala acto continuo.

Deu-se isto dois dias depois da carta ser expedida para Bolkhoff; e o facto instigou o professor a escrever segunda, mais insistente que a primeira. Depois das lições e do lanche, elle proprio recebeu uma carta do conde, despedindo-o. O russo tratava-o com exaggeros de cortezia, e suggeria-lhe que partisse quanto antes. «Divergimos a tal ponto, quanto ao modo de proceder no tocante a questões vitaes, que me não considero auctorizado a entregar por mais tempo nas suas mãos o espirito ainda tão verde de meu filho», escrevia o titular. «Reconheço a sua competencia, e desejo-lhe mil prospe-

ridades. Apartêmo-nos, pois, afim de evitar quebra de amizade.» Acompanhava a carta um cheque munificente, que o professor devolveu, agradecendo. Concordou em se ausentar, aceitando apenas aquillo que lhe era devido.

Um e outro encontraram-se ao partir e o conde foi prodigo em amabilidades. Apenas se discutiram assuntos apraziveis; insistindo o conde em manifestar-se penalizado pelo facto da divergencia de opiniões tornar impossivel a permanencia de Jessop em Ashinka, e offereceu-lhe o drowsky de seu uso para a jornada. No outro dia pela manhã, jogaram ao bilhar, e o conde, segundo o costume, usou á larga das bebidas fortes. O resultado das frequentes libações foi o usual; a franqueza e a amizade simuladas, esvairam-se, tornou-se retrahido e preoccupado. Uma ou duas vezes, estremeceu como se tivesse ouvido um som qualquer; mostrou-se irrequieto, como sempre, áquella hora, e Jessop percebeu que o pensamento do titular se fixára na victima que jazia engaiolada, lá em baixo.

Uma vez, desde a primeira aventura, tinha o conde sido seguido pelo inglês, e uma vez, emquanto o conde estava ausente, Jessop tentára alcançar accesso á masmorra de Trofimitch, mas tolheu-lhe o passo o servo Arkady, o qual, entre zumbaias servis, lhe foi participando achar-se temporariamente vedado aquelle lanço do Castello em que elle Jessop tinha andado a vaguear — e isto á ordem de seu amo.

N'aquella ultima noite passada na sombria mó de pedra, a imaginação de Jessop andou a bater matto, e assim que o patrono o deixou sósinho, atirou comsigo para cima de uma poltrona, acendeu um charuto e pôsse a pensar na scena lá de baixo. Não desejava apartar-se d'aquella tragedia, deixando-a sem conclusão; ao contrario, resolveu não o fazer, e fez tenção de se dirigir primeiramente a Bolkhoff, logo no outro dia, a informar-se do motivo por que haviam ficado sem resposta as suas communicações. Caso lhe falhassem esclarecimentos em Bolkhoff, projectava ir a S. Petersburgo contar a historia ao embaixador inglês antes de se ausentar da Russia.

EM NOME DE DEUS, ISTO QUE É, STEPAN TROFIMITCH?!

Iam correndo as horas e Kriloff sem apparecer. Elle não costumava demorar-se mais de uma hora, e era o maximo; tornava a beber e, em conclusão, subia para o quarto, tendo, em mais de um caso, de se auxiliar do braço de Jessop para se equilibrar. Decorrera, porém, uma hora e o charuto do ancioso inglês estava fumado. Acendeu segundo e esperou outra hora. Eram duas da madrugada.

Cançado de esperar, receando que se fizesse tarde para salvar a vida ao infeliz torturado acorrentado na masmorra, deu de mão á prudencia e aventurou-se nos lobregos corredores com o pensamento fito na tragedia que antecipava. Acautelou-se mais

ao approximar-se do carcere; depois, quando alcançou o alçapão, achou-o aberto, e o parche quadrado de luz mortiça a quebrar o negrume do soalho. Reinava um silencio sepulcral, e espreitando para baixo, ás furtadellas, John Jessop adivinhou-lhe a causa.

Junto á base da escada de ferro, feito n'um mólho, com a pellissa meio despida, o peitilho da camisa alagado de sangue, jazia bôcarriba Nikolai Kriloff. Fóra do alcance da vista, tilintava uma cadeia, e a luz mortiça da véla indicava os contornos do agigantado prisioneiro, ainda agrilhoado á parede. Desceu Jessop, e antolhou-se-lhe um quadro pouco menos de espectral.

Galgando cauto o cadaver estirado ao pé da escada, approximou-se do vivo e assestou a luz sobre a creatura escanzelada, famulenta, de grenha e olhos assanhados, tão proximo agora da sua victima quanto lh'o consentia o grilhão.

— Em nome do Deus, isto que é, Stepan Trofimitch?

— Fala em nome de Deus e responder-lhe-ei. Elle vingou o seu povo, e com o punhal de Deus e não com arma humana — baqueou finalmente este demonio.

Jessop, comtudo, procurou encontrar qualquer explicação material ao mysterio estirado a seus pés. Voltou-se para o defunto, passou a investigar, e verificou que Kriloff tinha succumbido a um golpe fundo no pescoço. Arma, porém, era coisa que ali não havia, e como o cadaver se achasse fóra do alcance do grilhão do Stepan, parecia, á primeira vista, a sua morte ser devida a um acto qualquer alheio á iniciativa do prisioneiro.

Vendo-se em tão grave situação, o nosso inglês operou com decisão e rapidez. Acordou o pessoal, assumiu o mando por méra força de caracter, insistiu para que ministrassem alimento e roupa ao faminto delinquente, depois mandou vir a pelliça e estabeleceu-se na masmorra, determinado a esperar ali até que viesse rendê-lo a auctoridade competente. A aterrada criadagem obedeceu-lhe sem discussão, e meia hora depois de se haver dado pelo assassinio de Nikolai Kriloff, comparecia um facultativo.

O medico não tinha motivos para querer bem ao conde, e uma vez confirmado o obito, mais se preoccupou com o interessante problema da causa respectiva. As mais minuciosas pesquizas apenas deram em resultado a certeza de que o calaboiço não continha objecto algum capaz de infligir uma ferida. Tinham-se servido de uma arma qualquer, redonda, um tanto semelhante na fórma a uma faca de cortador, de tamanho exagerado. Era evidente, mas semelhante arma não apparecia, nem podia ter sido sonegada em seguida ao assassinio, excepto por meio da escada de ferro. A natureza da arma, por consequencia, ficou sendo tão mysteriosa como até ali.

A PAREDE ESTAVA LUZIDIA COM A CAMADA DE GELO...

Ao outro dia pela manhã, chegou ao castello uma resposta pratica ás cartas de Jessop, representada por uma força militar.

O supposto atentado foi declarado politico, e o mysterio involvendo o assassinio não modificou a opinião do commandante da força.

Stepan Trofimitch foi transferido para Bolkhoff, debaixo de escolta, e ali, volvidos quinze dias, principiou o julgamento. Não incidiu sobre o mysterio o mais tenue raio de luz, e as investigações e experiencias repetidas na masmorra apenas tenderam a confirmar a certeza, cada vez mais crescente, de que o nihilista nunca podia ter assassinado Nicolai Kriloff.

Então, as vistas dos detectivos viraram-se para outro lado, e abrolharam-lhes no cerebro novas theorias. John Jessop, detido como testemunha, foi suspeitado e, a breve lance, encarcerado como suspeito. Esta circunstancia, de modo nenhum fôra prevista, e o nosso inglês, ao rememorar os acontecimentos d'aquella noite fatidica, principiou a estar inquieto.

Durante o julgamento, comtudo, Stepan Trofimitch, percebendo que o seu obstinado silencio podia muito bem comprometer a vida de outrem, revelou a verdade, como aliás tencionava fazê-lo, em todo o caso. Pouco se lhe dava da propria vida, mas o que não queria era perder os seus creditos para com a causa secreta. Contou em breves palavras a maneira como tinha morto o seu inimigo, cruelmente ufano, em sua ingenuidade, e persistiu em considerar a sua tão estranha arma como havendo sido enviada por Deus.

Foram estas as suas palavras:

«Em busca de meio para dar cabo de mim, e de escapar aos horriveis tormentos da fome e do frio e dos tratos que aquelle demonio me infligia, entrei a considerar na enesgada fresta por onde entrava a escassa luz e o gelido sopro do ar exterior. A parede estava toda luzidia com a camada do gelo, pendendo, aqui e acolá, em estalactites. Nas minhas horas de solidão dei tratos ao miolo a ver se encontrava meio de arrancar alguma, inteira. Entretanto, foi-se agravando a minha agonia, e Nikolai, recrudescendo de atrevimento á proporção que me via ir enfraquecendo, aventurava-se, uma vez por outra, a adiantar-se ao alcance da minha cadeia para me acordar, quando jazia assoberbado por um qualquer pesadello, vibrando-me uma azorragada. A poder de dores e de trabalho, e com sacrificio de uma porção dos meus farrapos, já de si tão escassos, entreteci uma corda com sufficiente comprimento para alcançar um sincêlo mais comprido. Este, porém, quando caíu, partiu-se-lhe na queda a aguda ponta com que eu contava trespassar o coração, e pus-me a chorar, de desespero. Caí em mim, comtudo, e entrei a sugar e a lamber o pedaço de gelo, até que consegui aguçá-lo de novo. Depois, peguei a considerar o seguinte: «Se este Punhal do Destino é capaz de me trespassar o coração, por que é que não háde trespassar o do meu inimigo? Pu-lo de banda, ao alcance da mão, sem receio de que se derretesse, visto que a agua da bilha que eu não gastava, corrida uma hora estava gelada.

Naquella mesma noite compareceu Kriloff a escaldar-me a pelle com a pita de arame do azorrague, escaldando-me ainda mais o cerebro com o veneno daquella sua lingua damnada, e assim que ouvi erguer o alçapão, fingi que dormia, espreitando porém sorrateiro por entre as palpebras semi-cerradas, até que lhe vi o maldito carão avinhado a olhar para baixo. A lasca de gelo tinha-a eu escondido na farrapada. Lançara mão della assim que o senti aproximar, suppondo que eu estivesse morto; estendi o braço, filei-o com gana de tigre, e vibrei lhe uma pontoada ao pescoço onde me pareceu que a ponta fragil da arma poderia encontrar menos resistencia. Elle, sentindo-se terrivelmente ferido, cambaleou para fugir, e até chegou a pôr o pé no primeiro degrau da escada; mas quando estendeu o braço para se agarrar a ella, faltaram-lhe as forças e baqueou no lagedo, feito num mólho. Estava fóra do meu alcance, mas consegui vê-lo ir-se finando.

Então, decorridas umas horas sem fim, appareceu o inglês, mas não encontrou coisa nenhuma, porque o Punhal do Destino com que eu matei aquelle demonio se tinha derretido no sangue que fizera derramar.»

Stepan Trofimitch não foi justiçado, visto como, apezar da sua declaração, o assassinio foi considerado um caso pessoal e não politico, e homem algum perde a vida, na Russia, sob a acção do codigo penal. Coube-lhe a tremenda sentença de quinze annos de servidão com trabalhos forçados, — castigo russiano o qual, praticamente, equivale á pena de morte. E assim se sumiu no limbo aquelle desventurado, a labutar annos sem fim sob as vistas dos barbaros taganhões,

aguardando a morte como quem almeja pelo advento de um amigo unico.

Nunca vim a saber o fim que teve; estas coisas, porém, aconteceram ha bons trinta annos, e Stepan Trofimitch achar-se-á decerto feito em pó, ha muito tempo, e um letreiro ferrugento com um algarismo, será o unico indicio do monticulo de terra que cobre os restos do malfadado mujik, victima da barbara tyrannia do boyardo moscovita.

Versão do inglês de Manuel de Macedo.

Genezareth

No paiz de Galil. O sol cahindo,
Inunda em oiro os povoados syrios,
Campos de rosas bravas e martyrios
E os bosques onde cresce o tamarindo.

Donzellas de perfil trigueiro e lindo
Vão para a fonte. Os mercadores tyrios
Passam nos dromedarios. Chovem lirios
E purpura e topazios, refulgindo...

Lago de Tiberiade ao sol posto!...
Amethistas vogando sobre mosto...
Poisam pelos terraços pombas mansas,

Estrellam-se as romeiras de vermelho,
E no caminho, ao pé d'um cedro velho,
Jesus fala ás mulheres e ás crianças...

CANDIDO GUERREIRO.

Senhoras em evidencia

Uma poetisa distincta

O livro *Trindades* da illustre poetisa D. Maria da Cunha foi uma revelação, embora não uma surpreza. Versos dessiminados por aqui e por ali já tinham denunciado de quanto era capaz aquella alma luminosa e aquelle espirito tão delicadamente impregnado de sentimento.

D. MARIA DA CUNHA

Não é só o estro pujante e espontaneo que ha a admirar em D. Maria da Cunha, vibra em toda a sua obra uma inspiração que é simultaneamente infantil e filosofica, fragil e intensa, meiga e dominadora, attrahente e grandiosa.

E' uma poetisa na acepção mais levantada e digna da palavra.

O seu real talento impõe-se e brilha como uma joia do mais fino quilate.

Chronica da moda

Inquerito ás modas antigas: — a crinoline, a tournure, as saias de folhos, as mangas tufadas, os vidrilhos e as contas, os chapéos desgraciosos. — As modas de hoje correctas e elegantes. — Os penteados actuaes. — Os nossos figurinos: — Vestido de cachemire, casaco de pelles, chapéo de inverno.

Vagueando pelos dominios da moda, e recordando as evoluções que esta tem feito durante os ultimos vinte annos, não nos parece que hoje sejam mais ridiculos ou mais feios os trajes femininos do que os de então.

A crinoline tão desgraciosa e incommoda desappareceu de todo, em sua substituição veiu a *tournure*, um pouco menos embaraçosa, mas ainda um tanto grotesca Hoje contentamo-nos com o arredondado das fórmas, produzido pelo espartilho, quer este seja estreita couraça quer simples amparo do corpo.

Não é já isto um progresso?

As antigas saias de folhos tinham alguma cousa de *coquet* e delicado, mas nada de gracioso; felizmente, foram-se abandonando pouco a pouco até chegar á saia simples ou de pregas cheia de correcção que teem hoje o ar distincto que por ahi se vê.

E as mangas? Que diremos das mangas?

Essas teem soffrido toda a especie de transformações. De muito tufadas nos hombros passaram a ser apenas tufadas em baixo; a sua largura desceu até ao punho; depois fizeram-se curtas e um pouco largas, por fim compridas e justas, bem pouco favoraveis para certos braços de magresa saliente.

Nas mangas a moda é d'uma irriquietação constante.

Quanto ás guarnições d'outro tempo cheias de azeviches, vidrilhos e contas, até faz horror hoje, lembrar o seu peso!

E' evidente que bastante temos ganho em as substituir pelos bordados finos e leves a ouro, prata ou seda actualmente usados.

TRAJO DE SARAU NINON

Côr de malva pallido, bordado a aluminio e ouro, assente em setim côr de pecego

E os chapéos? Que medonhos os de certas épocas! Pequenos, baixos, achatados como bolachas; as *tóques* com ar avelhentado, as *capotes* medonhas, com as suas *aigrettes* hirtas e os seus laços d'uma fealdade sem precedentes!

Insensivelmente as abas teem crescido e arredondado, até chegarem ao chapéo *cloche* tão original e pratico, seguindo-se-lhe os modelos actuaes que, parecendo-nos feios, são comtudo graciosos e lindos, comparados com os que já lá vão...

Ensaie a leitora este pequeno inquerito ás *elegancias* passadas e tornar se-ha indulgente para as exaggerações de hoje, tendo ao mesmo tempo uma arma para defender as modas actuaes dos ataques inimigos.

Não se diga que a mulher de hoje não tem gosto ou tem um gosto detestavel. Compare-se e veja-se que alguma cousa se tem caminhado.

Sobre tudo muito se tem ganho no campo da elegancia alliada á commodidade. E' d'isso um exemplo o vestido genero *tailleur*.

*

Muitas das nossas leitoras estão alarmadas com as modificações dos penteados.

O maior numero pareceu-lhe que o penteado baixo e em bandós lhe não convem, mas julga-se entretanto obrigado a adoptal-o porque é moda e porque a maior parte dos cabelleireiros lh'o aconselham.

Sim, a moda favorece o penteado baixo mas não o impõe.

Nunca a moda foi tão *boa pessoa*... e tão disposta a deixar-nos toda a latitude do nosso gosto, no que diz respeito aos penteados.

Arranja-se o cabello como se quer ou segundo convem ao nosso typo.

Penteados altos, baixos, simples ou complicados, todos se veem e estão á moda.

E para se vêr que assim é, basta reparar nas photographias e *silhouettes* das actrizes francezas mais em voga. Que variedade! Que phantasia na disposição do cabello!

Nenhuma se penteia do mesmo modo; cada uma quer ter um penteado caracteristico, especial, que lhe faça um typo novo e bonito.

Conservemos sempre um pouco de caracter no nosso penteado; nada é tão fatigante e banal, como um penteado vulgar e uniforme, visto em todas as cabeças.

O penteado será sempre gracioso se é cuidadosamente feito e em harmonia com a idade e o rosto da pessoa que o usa.

Theatros

S. Carlos. — A época lyrica abriu este anno, no nosso primeiro theatro, com uma companhia franceza, constituida de elementos que lá fóra teem, nos primeiros palcos do mundo, grangeado extraordinario renome. O theatro lyrico francez, que tantos apaixonados conta e que o anno passado chamou ao elegante theatro uma concorrencia d'*élite*, voltou de novo a satisfazer os adeptos d'essa escola, dando-lhe, graças ao *savoir faire* do emprezario e director technico de S. Carlos, a par das producções mais bellas no genero, uma interpretação primorosa com elementos excepcionalmente perfeitos, entre os quaes sobresairam as mais lindas mulheres.

Segundo a velha praxe, o distincto emprezario de

THEATRO DO PRINCIPE REAL — A QUESTÃO DOS VENENOS *(4.º acto)*

S. Carlos foi apresentar a Suas Magestades o programma da época. O director da orchestra é Xavier Leroux, o glorioso auctor do *Chemineux*, que já no anno passado dirigiu a execução da sua opera.

No elenco figuram, como sopranos e meios sopranos, entre outros, Lilleu Grenville, do theatro Monnaie, de Bruxellas; Heglou da Grande Opera de Paris; Alliue Vallaudi, da Opera Comica; como tenores, André Gilly, do Grande Theatro, de Marselha; Victor Granier, da Grande Opera, de Paris; como barytonos, J. Bourbon, do theatro de Monnaie, de Bruxellas; Lucien Rigaux, da Grande Opera de Paris; e Maximie Viaud, do Grande Theatro de Marselha.

Entre outras operas, cantar-se-hão, além do *Chemineux, La Reine Fiammette*, de Leroux; *Therese*, de Massenet, *Fortunio*, de Messaga, etc.

A seguir á companhia franceza, apresentar-se-ha a companhia italiana, com Eduardo Mascheroni, na direcção, e com os artistas: Giuseppina Baldassare, Mathilde de Lerma, Maria Gay, Maria Judice, Dina Borghi, Ada Favi, Carlos Baliu, Fernando Carpi, Geunaro de Tura, Giuseppe de Luca, Anafesto Rossi, Wito Daumaco, etc. Entre as operas italianas cantam-se *Wally*, de Catalani, *Damnazione di Fausto, Carmen, Palhaços* e todo o velho e sempre querido repertorio italiano.

Esta rapida resenha demonstra á evidencia o cuidado intelligente que presidiu á organisação da época, demonstrando a especial competencia de Mimon Anahory, o illustre emprezario, e de Augusto Machado, o artista distincto, que é uma gloria do nosso paiz.

D. Maria. — O *Diario do Governo* publicou finalmente, o decreto regularisador do nosso theatro Normal. Por esse novo regulamento passa a administração a fazer-se commumente pelo Estado, por intermedio d'um funcionario especialmente nomeado, e pelos artistas. Cessam as categorias e garantem-se aos artistas direitos, que lhes melhoram sensivelmente a situação. O theatro deve abrir brevemente, tendo começado já os ensaios com os artistas dos quadros.

D. Amelia. — Desde o dia 30 do mez proximo findo em que este theatro da rua do Thesouro Velho, iniciou a presente época, que as enchentes se contam pelas recitas.

Passando em revista o seu magnifico repertorio da época passada, na qual, mais uma vez, se provou as excepcionaes qualidades de habil emprezario que distinguem o sr. visconde de S. Luiz de Braga, novas noites de bôa arte nos tem proporcionado esta elegante casa de espectaculo, cuja fama se acha firmada entre nós e no estrangeiro.

Foi escolhida para a recita de abertura, a linda comedia de Gavault e Chavrai, *Mademoiselle Josette, ma femme*, traducção do sr. Mello Barreto, seguindo-se-lhe a soberba e empolgante peça de Bernstein *O Ladrão*, traduzida por Eduardo de Noronha e depois, as comedias: *Os postiços* de Schwalbach; *O Raffles*, e ainda outras como: *O Leque*, de Flers e Caillavet, traducção de Accacio de Paiva; *Zázá, O tio milhões, D. Cesar de Bazan* e *Lagartixa*, de anteriores temporadas artisticas, e que agora, como sempre, foram recebidas pelo publico com accentuado agrado.

Das novas peças que vão constituir o actual repertorio, annunciam-se já as peças *L'amour veille*, do mesmo auctor do *Leque*, e *Sanson* do brilhantissimo escriptor Bernstein, cujas traducções foram respectivamente confiadas a Manoel Penteado e Eduardo de Noronha.

Para o exito que estas novas peças vão alcançar em Lisboa, basta, sem duvida, o nome dos seus auctores e a competencia dos traductores.

Qualquer d'ellas obtiveram em Paris um successo extraordinario, o que, crêmos, se justificará entre nós.

*

Mimi Aguglia. — Mais uma rara celebridade artistica iremos, em breve, admirar no D. Amelia.

A distincta siciliana, Mimi Aguglia, estreiar-se-ha no proximo mez de dezembro, segundo consta, com a notavel peça, de extraordinario valor litterario *Sconciuru*. Como se sabe, unicamente oito recitas dará em Lisboa, esta artista que tem recebido em todo o estrangeiro, os mais calorosos elogios.

Contando apenas 23 annos de edade, poucas como ella — assim rezam as criticas dos principaes escriptores estrangeiros — conseguem identificar-se, d'uma fórma tão intima e real, com as personagens que lhe são confiadas, imprimindo em todas, um fulgurante brilho de verdade.

A sua arte impõe-se, subjuga, sem falta da mais simples subtileza no delineamento da personagem.

O seu repertorio consta do seguinte:

Malia, Garofalo, Edera, Rufere, Pecatricce, Sconciuru, Odio vinci i Mala Serto. Carbonari, Cavallaria Rusticana, Figlia di Jorio, In vano buona gente, etc.

Trindade. — Ao successo alcançado com a revista *O paiz do vinho*, de Leandro Navarro e André Brun, seguiu-se o *Sonho de valsa*, traducção de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques, com musica do distincto maestro Oscar Strauss.

A peça d'um entrecho muito simples, encanta, muito especialmente, pela sua soberba e inspirada musica. E' realmente de encantar a linda partitura de Strauss, d'uma suavidade e harmonia lindissima.

O poema é simplesmente um pretexto para a apresentação de trechos musicaes inspiradissimos, sendo no genero, a sua partitura uma das mais bellas composições.

Um outro requisito que a peça encerra é prestar-se a uma exhibição luxuosa, o que foi attingido pelo distincto emprezario Affonso Taveira e que lhe valeu

uma estridente ovação. O cortejo do 1.º acto é deveras majestoso.

Todos os artistas se houveram d'uma fórma brilhante no desempenho dos seus papeis, sendo de justiça citar, Gomes, Thereza Taveira, Isabel Fragoso e Etelvina Serra. Os córos muito afinados.

Os artistas, traductores, emprezario Affonso Taveira e o maestro Luiz Filgueiras tiveram successivas chamadas ao palco.

Gymnasio. — Este theatro, que explora com extraordinario exito a baixa comedia, deu, em primeira representação, a comedia em 3 actos, *As mulheres dos amigos,* traducção do sr. Camara Lima, e original d'um auctor que o cartaz não indica. A comedia faz rir. Não é um modelo de moralidade, nem um evangelho de bons costumes, mas realisa o seu fim principal. As gargalhadas estrugem sonoras pelo ambito da sala e o publico sae de lá satisfeito, com o figado desopilado, sem cuidados.

O distincto artista que dirige o Gymnasio continúa a procurar que a Alegria não deserte d'aquella casa.

Avenida. — Com a operetta *Vivalegre,* do sr. Alvaro Cabral, parodia á peça *Viuva alegre,* abriu a época o Avenida em 22 de outubro ultimo.

Escripta em umas horas de bom *humor,* consegue fazer rir o mais sisudo. E' viva, alegre e egualmente agradavel pela musica na qual Del-Negro demonstrou, de novo, as suas qualidades de compositor distincto. Alvaro Cabral e Del-Negro foram muito festejados, bem como os artistas, Santos Mello, Amarante, Baptista, Julia Mendes e Izaura Ferreira.

Em seguida á *Vivalegre,* subiu á scena a opera comica o *Sonho de valsa,* traducção do sr. Accacio Antunes cabendo aqui, quanto dissemos na anterior noticia ácerca da *Trindade.*

Em ambos os theatros se regista o bom gosto e vontade com que a peça foi posta em scena, devendo, por egual, dividirem-se os elogios.

COLYSEU DOS RECREIOS — OS GEORGETTYS

Principe Real. — Depois da *Questão dos Venenos,* de Sardou, o theatro popular da rua da Palma deu-nos um dramalhão *O pé leve,* de Jules Mary, que em folhetins foi publicado no *Seculo.* O genero está um tanto fóra do tempo, acrescendo que o velho Theatro do Principe Real tinha, na evolução da sua arte, conseguido um outro publico, attrahido por peças de valor, que por vezes tiveram uma interpretração de muito merecimento.

No emtanto é possivel que a empreza procurasse attrahir aquella casa de espectaculos o velho publico, avido de *faca e alguidar,* de que esta é um exemplar perfeito. Se esta hypothese fôr verdadeira, conseguirá certamente o seu fim, levando ao Principe Real o antigo publico que n'elle tinha o seu theatro de eleição.

O desempenho é digno dos artistas que figuram no elenco. Gil, Lucinda do Carmo, Adelia Pereira, Carlos Leal e muitos outros continuam evidenciando os seus meritos reaes.

Colyseu dos Recreios. — Continúa a sua marcha triumphal esta attrahente casa de espectaculos. Todas as noites uma concorrencia verdadeiramente collossal! Nem um logar de geral vago, tudo *á cunha.*

Este facto demonstra claramente não só a predilecção do publico por aquelle genero de theatro, como tambem a enorme curiosidade que tem despertado a lucta greco-romana, pelos campeões, irmãos Deriaz e os *matchs* effectuados com o campeão de jiu-jitsu Kirano. Em todas as sessões são estes extraordinarios luctadores alvo de estrondosas ovações, de que partilham os restantes artistas da bella companhia.

O actor Chaves

Teve a sua época de gloria, de nomeada, de prosperidade. Espirito intelligente, inventivo, tenaz, luctou com o infortunio com a porfia de um homem forte. Hoje a adversidade feriu-o com a implacavel teimosia. Valeu-lhe a boa indole da nossa raça. E' necessario proseguir n'essa cruzada do bem, não deixar a benemerita tarefa a meio. E' um dever auxiliar esse vencido das pugnas do theatro.

Costumes pinturescos

UMA EGREJA FLUCTUANTE PARA MARINHEIROS EM BERLIM

UM PAR RECEMCASADO SAHINDO DA EGREJA FLUCTUANTE

Em Cascaes

A SR.ª D. GUADALUPE DE CASTRO, VESTIDA DE JAPONEZA, VENDENDO FLORES

Interessantissimos os festejos que se realizaram ultimamente em Cascaes. Animados pelas senhoras da nossa primeira sociedade, decorreram no meio da mais effusiva alegria e cheios de imprevisto pinturesco. As damas, formosissimas nos seus differentes trajes, imprimiram a nota artistica a esses festejos, que deixaram intensas saudades e que não serão facilmente esquecidos. Não foi menos interessante e pinturesca a nota dada pelas creanças no seu communicativo jubilo e seriedade com que tomaram a peito a sua missão.

Casal Catalá

Eis como um nosso collega da manhã apreciou este importante estabelecimento:

«E' a Catalunha uma das regiões da Peninsula mais progressiva e laboriosa. A feição trabalhadora de seus filhos, representantes de uma raça de glorioso passado historico e de poderoso presente economico, conseguiu levantar o prestigio industrial da Hespanha até um logar primacial entre as nações mais avançadas.

Vista pelo prisma da Catalunha, a Hespanha não desdenha de figurar no concerto dos povos civilisados, occupando um logar de destaque. Mercê do genio artistico dos catalães, da sua formidavel perseverança e iniciativa, as industrias, o commercio, as artes progrediram excelsamente na Catalunha.

Recolhendo dos gregos o genio esthetico, dos romanos o alto conceito do civismo, dos fenicios as varias aptidões mercantes, os catalães, no grande certamen universal das manifestações do trabalho, apresentam-se com um cunho evidentissimo de especialisação que os torna inconfundiveis.

Não admira, pois, que a Catalunha possa ser hoje

UM ASPECTO DA KERMESSE — AS CREANÇAS

apontada com verdade como um paiz modelar na sua feição nacional, e exemplarissimo nas suas manifestações d'arte.

Houve sempre entre os portuguezes uma marcada predilecção para as cousas da Catalunha e a Catalunha evidenciou-se sempre pelo seu amor a Portugal.

Essa secular approximação teve presentemente uma realidade radiosa. Espiritos dedicados ás duas patrias extremas peninsulares fundaram uma das obras mais sympathicas e que se nos apresenta de mais esperançoso futuro para a economia e os interesses das nações ibericas, ligando mercantilmente o povo catalão e o portuguez, estabelecendo o *Casal Catalá*, vasta empreza commercial destinada ao fomento da importação catalã em Portugal, reunindo ordenadamente as variadas e ricas manufacturas da Catalunha n'uma casa sumptuosa e cheia de luz, no Largo do Intendente e Avenida D. Amelia. A manifestação das industrias catalãs que se admiraram no *Casal Catalá*, demonstram o progresso da Catalunha, que, n'um esforço de humana grandeza, desfez o pessimismo doentio do seu canto popular e patriotico, e levada pelo mais victorioso enthusiasmo — que é a suprema virtude das raças — apresentou-se novamente «rica e plena» como nos aureos tempos da sua independencia.

E' proprietario do *Casal Catalá* o sr. dr. Americo Lopes d'Oliveira, que cooperou com todo o enthusiasmo na iniciativa do grande amigo de Portugal, denodado lusitanista catalão, dr. Ribera e Rovira. A nova empreza propõe-se estabelecer intensas relações commerciaes e industriaes entre os dois paizes peninsulares, com o que muito lucrará o nosso commercio e o publico, attendendo aos preços e qualidade de todos os artigos em exposição, a maior parte dos quaes terão já passado no nosso mercado como sendo de origem franceza ou ingleza.»

Recreios Music-Hall

De ha muito que em Lisboa se sentia a falta de uma casa de divertimentos populares, onde o publico, sem grande dispendio, podesse passar algumas horas, distrahindo-se e recreando-se.

Esta lacuna deixou de existir com a reabertura dos *Recreios Music-Hall*, em uma ampla installação, occupando a sua sala principal de espectaculos, o vasto terraço onde esteve installada a Garage Peugeot, mais conhecida por Beauvalet, no centro da capital e na arteria mais principal da cidade, installação montada com certo luxo para o genero de divertimentos que ali se exploram, e que o publico recebeu de bom grado.

EXPOSIÇÃO CASAL CATALA'

Recreios Music-Hall

GRANDE CARROUSEL

TIRO AO ALVO

Melhoramentos da nossa Instrucção Nacional

NOVO LYCEU CAMÕES

Foi inaugurado no mez de novembro o novo lyceu Camões, situado no largo do Matadouro. E' hoje um dos nossos melhores edificios de instrucção publica. A sua planta devida ao habil architecto Ventura Terra é não só de esmerada elegancia, mas obedece a todos os melhoramentos ultimamente realizados nas construcções similares estrangeiras.

Muito amplo, muito ventilado, com luz a entrar a jorros por innumeras janellas, é um edificio magnifico e que em tudo preenche o fim para que foi destinado.

Desenvolvimento da beneficencia publica

HOSPITAL DO REPOUSO PARA TUBERCULOSOS, NO LUMIAR

Perto do Lumiar, n'um largo campo, ergue-se este novo hospital destinado a tuberculosos.

O local foi excellentemente escolhido. Obedece a todos os requisitos exigidos a este genero de construcções. Isolado e ao mesmo tempo perto da cidade, com largas enfermarias, com uma estructura leve, de aspecto attrahente, não lembra nada das antigas e pesadas moles de alvenaria.

A riqueza de varias nacionalidades em libras sterlinas

1 — Grã-Bretanha	Lb. 12.000.000.000		5 — Austria Augria	Lb. 4.800.000.000
2 — Estados Unidos	» 12.000 000.000		6 — Russia	» 3.200.000.000
3 — Allemanha	» 9.000.000.000		7 — Italia	» 2.400.000.000
4 — França	» 9.000.000.000		8 — Hespanha	Figuras sem valor

9 — Turquia . . . . Figuras sem valor

O «lawn-tennis» em Mossamedes

NO CHALET DA COMPANHIA INGLEZA DO CABO SUBMARINO
1.º plano (inferior), J. Montgomery. — 2.º Luiz Leite. — 3.º Egas d'Alpoim. — 4.º Arnaldo Navarro. — 5.º Serra Guedes. — 6.º C. Braga. — 7.º Silva Nogueira. — 8.º A. Willian Wright e Meredith.

Alguem se admirará que se jogue o *lawn tennis* em Africa, com o calor que ali faz. Pois joga-se. Não só em Mossamedes, mas ainda em latitudes mais altas, onde o calor é suffocante, abrasador, extenuante. Joga-se em toda a parte. Na India, em Aden, em Zanzibar, na ilha de Moçambique, nos pontos onde o thermometro accusa mais insuportaveis temperaturas.

Talvez alguns dos nossos leitores não saibam que, querem os francezes, que o *lawn-tennis* proceda do velho jogo francez da pella, e que foi introduzido em Inglaterra e regulamentado em 1874, por um official inglez, Wingfield que lhe deu o nome de *sphairistike*, abandonado depois pelo de *lawn-tennis*.

N'este ponto de jogos, de exercicios physicos, no *sport*, como é modo dizer-se agora, ninguem levar a palma aos gregos, emeritos n'este genero como em muitos outros. A lucta, o pancracio, o pugilato, o salto, as differentes formas de espheristica, a corrida, etc., eram os seus exercicios habituaes.

Roma não cultivou menos o exercicio muscular de seus filhos. Preparava-se para a guerra por meio da equitação, da natação, da esgrima, da corrida, dos pesos, os exercicios com bola, as diversas especies de jogo da pela, etc., que a antiguidade romana legou á Edade Media.

Para as nações latinas, foi principalmente no se-

O «LAWN-TENNIS» EM MOSSAMEDES

Fachada principal do chalet da Companhia ingleza do Cabo submarino

culo XIX, que se principiaram a desenvolver os *sports*, ou melhor *desportes*. Não é só á Inglaterra que se deve a melhor parte d'esse desenvolvimento, é tambem á Allemanha que, depois de 1870, imprimiu um grande movimento ás sociedades de Gymnastica.

Pedras preciosas

Ás pedras preciosas sempre se ligaram as mais singulares superstições.

O coral afasta o mau olhado, no dizer dos napolitanos. A agatha mata a sêde e arreda os coriscos. O beryl augmenta o amor conjugal e cura a lepra. A amethista é a unica pedra que se póde usar durante o luto. A turqueza salva a gente das quedas e apasigúa as disputas conjugaes (principalmente quando o marido a offerece á mulher). A coralina sára as mordeduras venenosas. O topazio dissipa os quebrantos. O diamante representa simultaneamente a justiça, a constancia, a pureza. A saphira é o emblema da pureza e assegura o bom effeito das orações A opala torna uma pessoa amavel e invisivel.

A mais preciosa de todas, é a mais feia, a mais humilde: a hulha. E' uma pedra; não se póde duvidar; uma pedra preciosa, visto como é tambem carbone como o diamante. Ha quem lhe chame «sol armazenado e portatil». E' sol, realmente, porque dá o calor, a luz (pelo gaz que d'ella se extrahe) e força pelas machinas que faz mover. Pela sua origem, é tambem sol.

A hulha é formada de plantas, e o calor que lhe permittiu crescer foi-lhe transmittido pelo sol.

Restitue, pois, o que recebeu.

O «LAWN-TENNIS» EM MOSSAMEDES

Da direita para a esquerda (sentados): Braga, Luiz Leite, A. Navarro e Antonio Navarro. — *(De pé):* H. Moura, Meredith, Cohen, Wriggt e Montgomery.

Musica dos SERÕES

MODINHA

Letra de LUIZ DE CAMÕES

Musica de TH. BORBA

Quem ora soubesse
Onde o Amor nasce,
Que o semeasse!

VOLTA

D'Amor e seus damnos
Me fiz lavrador;
Semeava amor,
E colhi enganos;
Não vi, em meus annos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.
Vi terra florida
De lindo abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida.
Mas a rez perdida,
Que tal herva pasce,
Em forte hora nasce.
Com quanto perdi,
Trabalhava em vão:
Se semeei grão,
Grande dôr colhi.
Amor nunca vi
Que muito durasse,
Que não magoasse,

MODINHA

Letra de Luiz de Camões — Musica de Th. Borba

Moderato

Canto

Piano

mf

D'A-mor e seus dam-nos

Me fiz la-vra-dôr, Se-me-a-va a-môr

E co-lhi-a en-ga-nos, Não vi, em meus an-nos

Homem que a-pa-nhas-se O que se-me-asse

mf

ao signal 𝄋

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Ultimas novidades de livraria

La Passion d'Abaillarde d'Heloisa, por *Jean Bartheroy*. Interessantissima monografia de 350 paginas, preço 3 fr. 50 cent. Edição da casa Ollendorff de Paris.

Mané! Thecel! Pharés! Suggestivo romance de *Jean Samson*, de 330 paginas, preço 3 fr. 50 cent. Edição da casa Ernest Flammarion.

De la Méthode dans les Sciences, erudita obra devida á penna de um grupo de sabios professores, de 410 paginas, preço 3 fr. 50 cent. Edição da casa Félix Alcan.

Problemes de Psychologie affective, trabalho dos mais curiosos de *Th. Ribot*, de 200 paginas, preço 2 fr. 50 cent. Edição de Félix Alcan.

Cours complet d'education physique, á l'usage de la jeunesse des écoles — Hygiene et physiologie, Gymnastique suédoise, Jeux et Sports. Excellente obra de *R. Fabens* e *H. S. Kubien*, com 210 paginas, 213 figuras e 3 mappas, preço 2 fr. 75 cent. Edição de Armand Colin.

Peary contra Cook, á qui le pôle nord? obra de occasião, de 150 paginas, preço 1 fr. 25 cent. Editada por Nilssons.

Coups de combat du Jiu-Jitsu, magnifico trabalho de *H. Erwig Hancock*, traduzido por Ferrus & Pesseaud, de 170 paginas, preço 3 fr. 50 cent., com 32 fotografias tiradas do natural. Edição de Berger Levrault.

Le livre du plein áir, um livro indispensavel de *J. P. Muller*, auctor do *Mon systeme*, de 200 paginas com 37 illustrações, preço 4 fr. Edição de A. Eichler, de Paris.

Elements de locomotion aérienne, explicações ao alcance de toda a gente apoiadas em numerosas gravuras, ácerca do funccionamento dos apparelhos de locomoção aerea, balões esphericos, balões dirigiveis e aeroplanos, soberba obra de *L. Baudry de Sauvier*, de 200 paginas, encadernado com luxo. Edição da Bibliotheca Omnia.

Almanach Vermot para 1910, o mais engraçado dos almanachs francezes, com 450 paginas e uma infinidade de gravuras. Preço brochado 1 fr. 50 cent.

Almanach Hachette para 1910, esta utilissima encyclopedia popular e da vida pratica, cada vez mais volumosa e interessante, de perto de quinhentas paginas, custa um preço insignificante. E' a publicação mais completa no seu genero.

Todos estes livros se encontram á venda na LIVRARIA FERREIRA, rua do Ouro, 132 a 138, Lisboa.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME IX

(2.ª SÉRIE)

INDICE

INDICE

MUSICAS DOS "SERÕES"

A apparecer brevemente:

Lisboa-Douro-Ribatejo

NUMERO UNICO

Collaboração de individualidades em evidencia na litteratura, politica, arte, diplomacia dos varios paizes, etc.

Numerosas gravuras, impressas a varias côres, sobre papel couchet superior

Pedidos á

REDACÇÃO DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 30

OU Á

LIVRARIA FERREIRA

Rua do Ouro, 132 a 138

LISBOA